

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 14 • 2006



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2006

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 14 • 2006 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
ILUSTRAÇÕES – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Câmara Municipal de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Palma Artes Gráficas, Lda. - Tel. 244 447 120 - Mira de Aire
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica¹

João Luís Cardoso²

1 - História das investigações

O povoado pré-histórico de Leceia é conhecido no mundo científico desde 1878, altura em que o General Carlos Ribeiro, pioneiro da Pré-História e da Geologia portuguesas, sobre ele publicou uma extensa e bem documentada memória, apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa, que pode considerar-se a primeira monografia dedicada a um povoado pré-histórico português (RIBEIRO, 1878).

Apesar de a estação ser, desde então, frequentemente referida em trabalhos da especialidade, tanto em Portugal como no estrangeiro – Leite de Vasconcelos dedicou-lhe, em 1917, artigo publicado nas páginas de “O Arqueólogo Português” com o título expressivo de “Arqueologia lizeense” – jamais, até ao início da intervenção iniciada por iniciativa do signatário, ali se tinham realizado escavações. Apenas Joaquim Fontes publicou, de forma muito resumida (FONTES, 1955), os resultados sumários de algumas valas de prospecção que executou, em colaboração com o Escultor Álvaro de Brée; este último foi durante décadas, colecionador de materiais arqueológicos obtidos pelo próprio ou por naturais da região, a quem os adquiria, tal como havia acontecido anteriormente com Abílio Rozeira, na década de 1920. Tais materiais foram, entretanto, estudados e publicados pelo signatário (CARDOSO, 1980, 1981), sucedendo-se a curto artigo de síntese sobre os resultados obtidos (CARDOSO, 1979).

Em inícios de 1983, a área de interesse arqueológico encontrava-se em fase de degradação acelerada. Pouco tempo antes, um dos proprietários tinha aberto, com retroescavadora, numerosas valas para o plantio de árvores; outro, tinha construído um redondel de madeira para touradas, perfurando em numerosos locais o terreno, para a fixação da estacaria; mais grave ainda, a estação corria o risco de desaparecer totalmente, caso fosse aprovado, pela Câmara Municipal de Oeiras, um projecto geral de urbanização que viria a afectar a área arqueológica, loteando-a na sua totalidade. Tal facto resultava, em parte, de indefinição oficial da verdadeira área de real interesse arqueológico. Com efeito, dado que jamais ali se haviam feito escavações, o único elemento de trabalho disponível era de aplicação inviável: tratava-se da planta publicada por Carlos Ribeiro, em 1878, na qual se considerava como área arqueológica não apenas a plataforma do moinho da Moura (ou do Pires), mas também toda a extensa cumiada onde se implanta a actual povoação de Leceia; na verdade, apesar de o povoado pré-histórico de Leceia se encontrar classificado como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 45 327, de 23 de Outubro de 1963, a classificação não tinha sido acompanhada da delimitação da área classificada, contribuindo para a indefinição que só prejudicava a efectiva protecção da estação.

¹ Os desenhos que ilustram este trabalho são da autoria de Bernardo Ferreira, Filipe Santos Martins, Marta Fonseca Araújo e João Luís Cardoso.

² Professor Catedrático de Pré-História e Arqueologia da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

2 – Vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)

Importa observar que poucos acreditavam, nos inícios da década de 1980, na existência em Leceia de estratigrafias e, muito menos, de estruturas ainda eventualmente conservadas no subsolo. Para tal concorria decisivamente a existência de numerosos afloramentos geológicos, constituídos por extensas bancadas de calcários duros recifais do Cenomaniano superior, que formam a ossatura da plataforma onde assentou o povoado pré-histórico, dominando, do alto da encosta direita, o fértil vale da ribeira de Barcarena: não obstante o seu fácil acesso e a boa documentação conservada, tanto no Museu Nacional de Arqueologia, como no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, a referida realidade explica que jamais ali se tenham efectuado trabalhos arqueológicos. No entanto, a simples análise geológica sumária indicava a existência de acentuado desnivelamento entre os afloramentos em causa, possibilitando a conservação, na parte correspondente à zona abatida, de estruturas arqueológicas, como de facto se veio a verificar ulteriormente. Deste modo, impunha-se proceder a escavações, conducentes, primeiro, à determinação da real importância arqueológica da estação e, depois, caso aquela se confirmasse, à sua efectiva delimitação no terreno.

Para o efeito, foi subscrito pelo signatário, em Janeiro de 1983, um Projecto de Investigação apresentado ao então IPPC interessando apenas esta estação pré-histórica o qual, uma vez aprovado, permitiu, em Agosto daquele ano, o início dos trabalhos de campo. Nessa primeira campanha, escavou-se uma área de 32 m², que actualmente se situa no núcleo do antigo povoado pré-histórico, entre a segunda e a terceira linha de muralhas. Destes primeiros trabalhos, resultou a demonstração, não apenas da existência de estratigrafia, nítida e bem conservada, mas também a sua relação com duas fases de ocupação distintas, caracterizadas pelos respectivos materiais, bem como a presença de estruturas arqueológicas, relacionadas com cada uma delas. Estava, deste modo, demonstrada a efectiva importância científica de Leceia, justificando o alargamento da área escavada, através de uma exploração em extensão, cuja estratégia foi definida logo no ano seguinte. Assim, privilegiou-se a escavação em área, tomando como referência as unidades arquitectónicas que fossem sendo sucessivamente definidas, acompanhada da realização de cortes estratigráficos em zonas da estação onde a sequência de camadas se apresentasse particularmente representativa e completa. Vinte anos volvidos de escavações arqueológicas, demonstrou-se a existência de um complexo dispositivo defensivo, constituído por três linhas muralhadas, reforçadas do lado externo por bastiões ocos ou maciços, articuladas com diversas unidades habitacionais construídas tanto no espaço intramuros como no espaço extramuros (Fig. 1), bem como a respectiva evolução arquitectónica do conjunto construído ao longo do tempo.

3 – Aspectos metodológicos

Desde muito cedo se verificou que, apesar da área ocupada pelas estruturas arqueológicas ser muito vasta, se verificavam padrões coerentes nas sequências estratigráficas gerais observadas, bem como na sucessão, em cada uma delas, da distribuição vertical dos respectivos materiais arqueológicos, aspectos que permitiram conceber um modelo geral da evolução da ocupação da plataforma de Leceia, desde os momentos iniciais, até ao seu definitivo abandono. O rigor e a validade deste modelo, que foi sendo sucessivamente confirmado no decurso das escavações, dependiam da qualidade e representatividade de três realidades independentes em que directamente se apoiava, a saber:

1 – da realização de cortes estratigráficos em locais criteriosamente seleccionados. Com efeito, a sequência estratigráfica vertical geral observada e desde cedo publicada, logo nos primeiros estudos dedicados às escavações iniciadas em 1983, afigura-se, pelas características gerais homogéneas de cada uma das camadas identificadas e pelas possibilidades de estabelecimento de correlações laterais entre os diversos locais seleccionados, um dos principais resultados científicos obtidos em Leceia. As camadas identificadas foram descritas segundo três critérios principais: a sua textura e compacidade (mais ou menos grosseira, decorrente da presença de maior ou menor quantidade de argila

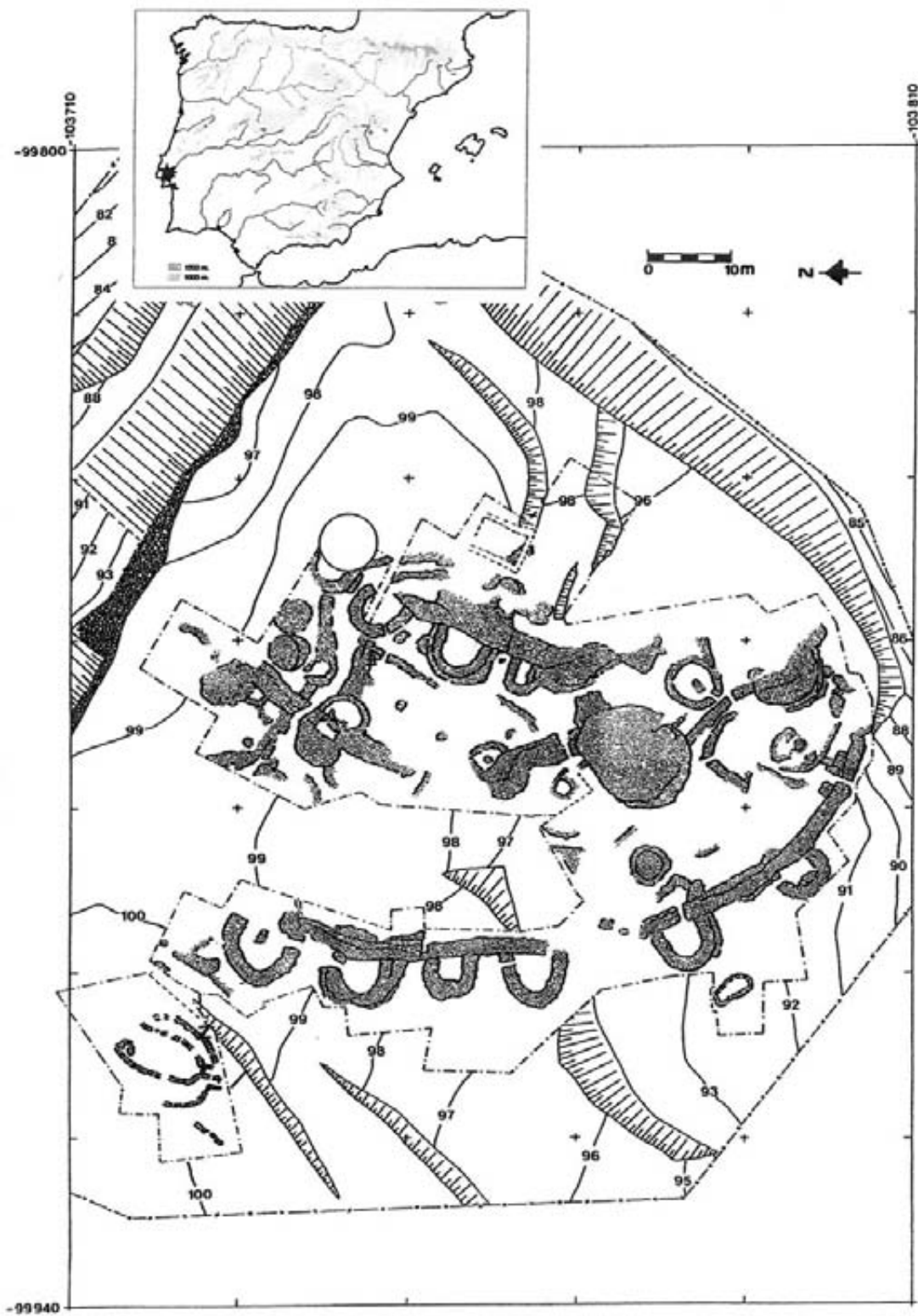


Fig. 1 - Leceia. Planta geral simplificada do povoado fortificado pré-histórico e respectiva localização na Península Ibérica.

na sua constituição); a sua estrutura, relativa ao modo de organização macroscópica dos seus componentes; e a sua coloração, em resultado, entre outras características do foro geoquímico e pedológico, de fenómenos sin- ou pós-deposicionais;

2 – da sequência construtiva que se veio a identificar, cujo faseamento interno se apoiou na sobreposição vertical ou lateral ("estratigrafia horizontal") sendo evidenciado pelos elementos edificados que iam sendo sucessivamente postos a descoberto; neste contexto, considerou-se possível e mesmo necessário articular estas duas realidades: a sucessão estratigráfica e a sequência construtiva, uma vez que ambas são o reflexo, cada uma à sua maneira, de uma única realidade: as vicissitudes que caracterizaram a presença humana na plataforma de Leceia, no decurso de cerca de mil anos;

3 – do conteúdo artefactual de cada uma das camadas, valorizando-se, especialmente, os artefactos que, pela sua abundância e rápida evolução tipológica, permitem a atribuição da camada onde ocorrem a uma determinada etapa cultural no âmbito do Calcolítico da Estremadura. Este exercício, que está na origem de qualquer escavação arqueológica com controlo estratigráfico, por mais simples que se afigure, parece não ter ainda sido cabalmente compreendido por alguns (felizmente, poucos como é o caso do autor de um recente escrito, originalmente publicado em blogue, tão infeliz quanto irresponsável, directamente proporcional à imodéstia do seu autor, que ressuma em outros dos seus textos).

Importa sublinhar que qualquer das sequências estratigráficas observadas, em boa parte formadas pela acumulação de materiais de origem antrópica, revelavam características coerentes, explicáveis pelos fenómenos naturais que ocorreram nos períodos de abandono da estação e que conduziram à formação de novos depósitos arqueológicos, por vezes à custa dos anteriormente existentes. Trata-se de processo em que a erosão, o transporte e a sedimentação desempenharam papel primordial (CARDOSO, 1994, 2000, 2003). Tal significa que, apesar da extensão ocupada pelo povoado pré-histórico, os fenómenos pós-deposicionais que tiveram lugar em qualquer das grandes áreas que integram o povoado são coerentes, o que é facilmente explicável, tratando-se de espaços abertos, amplamente expostos à acção dos agentes meteóricos: domínio da erosão nas partes mais altas e expostas da estação; do transporte, nas zonas médias da suave encosta pela qual se estende o povoado; e da deposição, nas áreas mais baixas e deprimidas daquele.

Assim sendo, as sequências estratigráficas definidas no interior do antigo povoado seriam tanto mais representativas quanto traduzissem situações mais gerais e completas, só observáveis nas zonas da estação onde dominou a sedimentação, por isso se seleccionaram os locais que, no âmbito da ocupação primitiva da plataforma, se encontrariam a céu aberto, sujeitos a idênticos processos naturais de acumulação – que, como se viu dependeram sobretudo de agentes naturais e não antrópicos – e, dentre estes, aos que apresentavam sequências mais extensas e completas, realidade que dependeu, como se referiu, de local para local, dentro da área ocupada pela estação.

Naturalmente que a observação de sequências estratigráficas respeitantes a espaços confinados, como o interior de uma habitação, ou de um bastião, onde a componente antrópica se afigurava determinante, não foi ignorada; contudo, tais sucessões, além de limitadas, embora pudessem fornecer elementos sobre a evolução da ocupação e ulterior colapso de cada uma daquelas estruturas, não permitiam correlação entre si, dada a natureza específica das condições que presidiram à formação de cada uma delas. Trata-se de situação em que a multiplicação de observações e de registos, por si só, não conduziria a qualquer melhoria da informação disponível, nem à apresentação de um modelo geral susceptível de explicar a evolução da ocupação da globalidade do espaço construído, bem pelo contrário.

Importa ainda ter presentes algumas considerações quanto às exigências e limitações da realização de escavações arqueológicas em área. Trata-se de conferir às sequências estratigráficas a dimensão cultural que elas sempre comportam, preocupação expressa desde o início das escavações, já atrás referida. Para tal, teve-se presente que, em Leceia, como naturalmente em muitos outros exemplos comparáveis, era determinante o conteúdo artefactual presente em cada uma das camadas identificadas. Com efeito, foi de há muito reconhecido o interesse de certos artefactos, cuja abundância, rápida evolução tipológica, e facilidade de identificação através dos atributos nelas observáveis, reúnem as

condições para, quando presentes num qualquer contexto fechado – seja ele uma "camada arqueológica" ou uma "unidade estratigráfica" – poderem inscrever tal contexto numa determinada fase cronológico-cultural, claramente definida. Não se trata, contudo, de um conceito "fechado", constituído por um determinado número de artefactos significativos mutuamente exclusivos. A evolução da cultura material raramente se fez por substituições bruscas, absolutas e definitivas, a menos que tenham ocorrido substituições violentas de populações por outras, portadoras de uma cultura material distinta: em geral, é o conceito de predominância estatística que deve presidir à interpretação e consequente atribuição cultural de um determinado conjunto artefactual. Neste contexto, o Calcolítico da Estremadura foi de há muito reconhecido como um campo ideal de aplicação de tais estudos, de cunho arqueográfico, assim se tenham sequências extensas, fiáveis e representativas: e a sequência calcolítica definida em Leceia, como foi escrito recentemente, representa "a mais usável da Península" (GONÇALVES, 2000/2001), afirmação que é expressiva da sua importância, coerência interna e clareza, que conduziu à sua aceitação por parte de outros especialistas.

Com efeito, em Leceia, foi possível associar a cada uma das três camadas arqueológicas principais da sequência estratigráfica identificada pelos critérios atrás expostos, determinadas produções cerâmicas, de formas e decorações bem definidas, que as caracterizam do ponto de vista da cultura material.

O exercício nada tem de teórico, conceptual ou pré-concebido, decorrendo directamente da realidade observada. Naturalmente, no decurso das escavações efectuadas, existem sempre alguns materiais estatisticamente característicos de uma dada camada que foram registados em contextos mais antigos, ou mais modernos, que aqueles onde tal produção é dominante e por isso considerada deles característica; tal facto nada tem de anormal e se, nalguns casos, tal situação é sempre possível pela descida por gravidade de materiais no interior do terreno, a situação mais geral que explica esta situação decorre do modo como foram formadas as próprias camadas, por erosão de zonas mais altas do sítio arqueológico e ulterior sedimentação dos materiais erodidos em zonas mais baixas e abrigadas: em ambas as situações houve evidentemente lugar à ocorrência de misturas de materiais de épocas diferentes, no primeiro caso resultantes de materiais de épocas diferentes que se mantiveram residualmente nos locais de origem, constituindo uma espécie de palimpsesto arqueológico, no segundo caso em consequência de fenómenos transporte e de acumulação, de que resultou a mistura, numa mesma camada, de materiais de épocas diferentes. Tais explicações não invalidam, naturalmente, os fenómenos de coexistência real existentes entre produções artefactuais de tradições distintas, configurando o *continuum* que caracterizou, na maioria dos casos, a sucessão das culturas materiais observada num dado espaço geográfico.

Esta realidade foi particularmente evidenciada no Zambujal, por M. Kunst, independentemente de formas características de fases culturais diferentes terem conhecido, como advoga o autor citado, um período de coexistência mais ou menos longo (KUNST, 1987, 1996). A este diferente conjunto de explicações, haverá ainda a juntar uma outra, decorrente da dificuldade de, numa escavação em área, se poder controlar rigorosamente, um a um, todos artefactos oriundos da zona de contacto de duas camadas distintas, especialmente quando essa zona corresponde a uma superfície irregular, tantas vezes impossível de corporizar em toda a sua extensão. Esta dificuldade, naturalmente, só poderá ser plenamente compreendida pelos que detenham experiência de vastas escavações em área, como é o caso de Leceia.

Aliás, a efectiva articulação crono-cultural da sequência geral estabelecida foi cabalmente demonstrada pela série de datas de radiocarbono obtidas (SOARES & CARDOSO, 1995; CARDOSO & SOARES, 1996) para cada uma das camadas que a constituem e a sua conotação com ocupações homólogas entretanto identificadas em outros povoados calcolíticos da Estremadura.

Foram estes princípios metodológicos e as limitações a eles associadas, que se tiveram presentes no decurso da escavação da vasta área ocupada pela estação arqueológica, a qual, volvidas vinte campanhas de escavações anualmente efectuadas – em Agosto de 2002 efectuou-se a vigésima e última do ciclo iniciado em 1983 – ascendia a mais de onze mil metros quadrados.

Em suma, a relevância científica dos resultados que têm vindo a ser publicados, tanto em estudos de síntese, como

em estudos de carácter monográfico, decorreu, sobretudo, do facto de, desde o início da escavação se ter considerado, como princípio metodológico primacial, o estabelecimento da sequência estratigráfica geral da estação (caso tal fosse possível, como de facto veio a verificar-se), articulada com o respectivo conteúdo artefactual, com incidência cultural e cronológica. Por outro lado, a sequência das sucessivas fases construtivas identificadas constituíam realidades independentes mas que deviam e podiam ser relacionadas com a respectiva sequência estratigráfica. Com efeito, qualquer uma das situações apontadas resultaram, em última análise, de um processo de erosão/acumulação (no caso de depósitos arqueológicos) ou de destruição/sobreposição (no caso de estruturas).

A cabal compreensão desta realidade una e indivisível, bem como os contornos que a caracterizaram, ao longo dos cerca de mil anos de ocupação, designadamente a identificação de episódios de abandono, e a variação da demografia no espaço habitado, expressa pela expansão ou contracção da área ocupada, aliás já apresentados e discutidos em diversos estudos anteriormente publicados, passava pela escavação integral do povoado pré-histórico. Tal opção, levada à prática na extensa área escavada, permitiu identificar a existência de diversas áreas de actividades especializadas, para além de áreas domésticas comunitárias, com diversas finalidades.

Acima de tudo, importava proceder à caracterização do desenvolvimento do dispositivo defensivo no tempo e sua interligação com o espaço doméstico habitado, denunciado por estruturas habitacionais, evidenciando-se, sucessivamente as diversas estratégias que presidiram à sua construção e ulterior alteração, com o reforço, adição, remodelação e, finalmente, o abandono daquele espaço complexo.

Com efeito, a realização de tão prolongado programa de trabalhos – um dos mais ambiciosos realizados numa única estação pré-histórica em Portugal – permitiu, pela primeira vez, a exploração integral de um vasto povoado calcolítico, demonstrando-se deste modo a importância excepcional da estação, tanto do ponto de vista científico como patrimonial, situando-a entre uma das estações mais relevantes para o conhecimento da génese das sociedades complexas calcolíticas peninsulares.

4 – Estratigrafia, fases culturais e cronologia absoluta

Em Leceia, identificaram-se quatro fases culturais e cinco fases construtivas, com início no Neolítico Final e *terminus* no Calcolítico Pleno, coincidente, na sua parte final, com a eclosão do “fenómeno” campaniforme. Tal realidade encontra-se articulada directamente com a sequência estratigráfica observada, de acordo com os critérios metodológicos atrás enunciados.

Tomem-se, como cortes-tipo, os realizados em diversos locais situados entre a primeira e a segunda linha de muralhas, onde a sequência estratigráfica se apresentava mais potente e completa, atingindo cerca de 2,0 m de potência (Fig. 2). Tais cortes apresentam-se na Fig. 3. Trata-se do Corte A-B, já publicado (CARDOSO, 1997, 2000) e dos Cortes C-D, C-E e E-F, realizados em 2001, agora publicados pela primeira vez. Verifica-se que a sucessão das camadas é idêntica em qualquer deles, sendo, como se disse, representativa para qualquer outro local da estação: foi o que se verificou com os cortes de menor extensão, tanto vertical como horizontal, publicados em 1983, quando as escavações estavam no seu início e ainda não tinha sido identificada a camada basal, correspondente à primeira ocupação arqueológica (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1983/1984). Situação análoga reflecte o corte publicado em 1987 (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1987), embora uma reinterpretação, publicada em 1989, já faça corresponder a camada basal à referida ocupação arqueológica (CARDOSO, 1989, Fig. 29). Nestes cortes evidencia-se, contudo, uma das principais preocupações que, desde o início norteou a interpretação estratigráfica: a correlação das sucessivas camadas identificadas com as diversas fases de ocupação do sítio, com significado cultural expresso pelo correspondente conteúdo artefactual.

A cada um dos termos da sequência descrita foi atribuída uma designação cultural, tendo presente o respectivo conteúdo artefactual; neste, detém particular significado a cerâmica decorada objecto do presente estudo. Com efeito, a

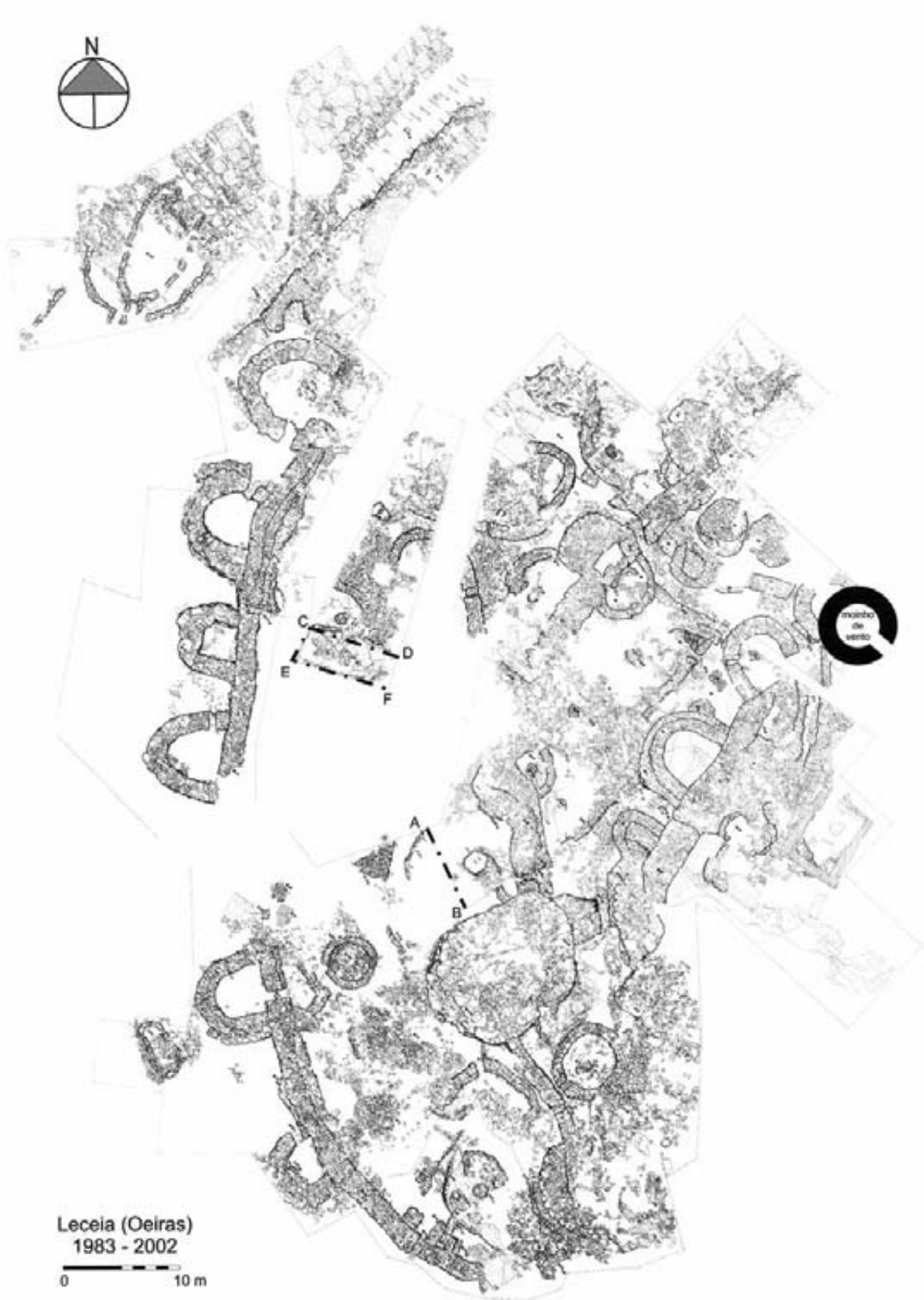


Fig. 2 - Leceia. Localização dos cortes estratigráficos na área escavada.

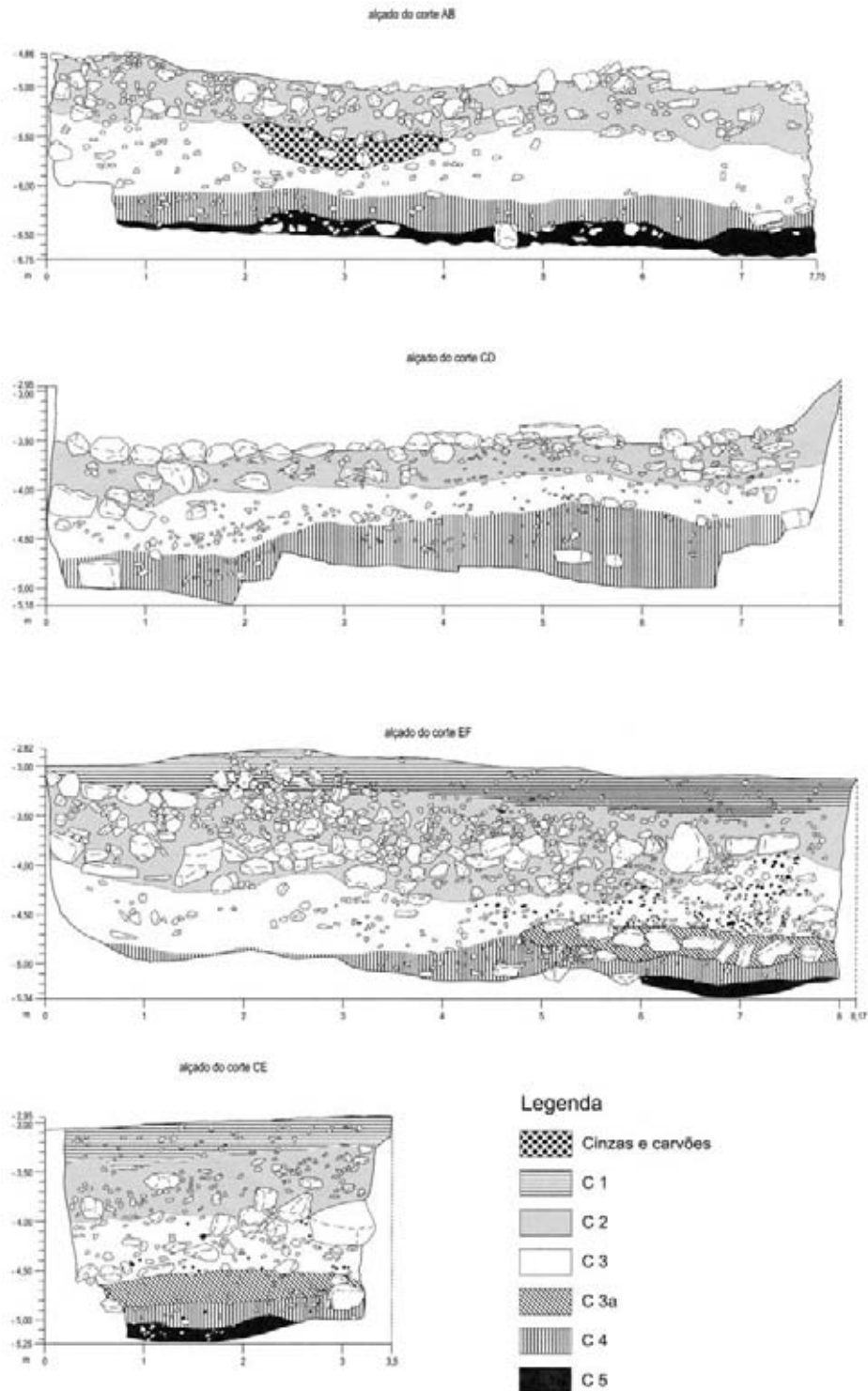


Fig. 3 - Leceia. Cortes estratigráficos realizados. C1 – Terra arável superficial; C2 – Camada castanho-anegrada, terrosa, embalando numerosos blocos calcários de diversas dimensões (Calcolítico Pleno); C3 – Camada amarelo-esbranquiçada, predominantemente argilo-margosa (Calcolítico Inicial); C3a – Camada localmente identificável com estrutura arqueológica do Calcolítico Inicial; C4 – Camada argilosa castanho-avermelhada (Neolítico Final); C5 – Substrato geológico ("terra rossa"), resultante da alteração dos calcários cretácicos subjacentes.

grande abundância das produções e a rápida evolução de algumas delas no tempo, fazem deste indicador um elemento de assinalável fiabilidade, no tocante ao estabelecimento da evolução da cultura material e à sua correlação com as fases culturais que foram convencionalmente adoptadas no Calcolítico da Estremadura.

Este trabalho, ao publicar exaustivamente os materiais cerâmicos que suportam a referida sequência cultural, de carácter diacrónico, para o Calcolítico da Estremadura, evidenciou, de forma rigorosa, o processo que presidiu à referida evolução, a qual é de há muito conhecida, nos seus traços gerais (Fig. 4).

Por outro lado, foi possível estabelecer balizas cronológicas fiáveis para cada uma destas fases culturais, a partir de um programa sistemático de datações absolutas, cujos resultados, entretanto publicados (SOARES & CARDOSO, 1995; CARDOSO & SOARES, 1996), se encontram expressos na Fig. 5.

Deste modo, Leceia configura, como nenhum outro povoado fortificado da Estremadura, a possibilidade de se articularem de forma coerente informações de diversa origem e natureza – estratigráfica, tipológica, cronológica e construtiva – por forma a fornecer um quadro coerente da evolução da ocupação humana verificada naquela plataforma rochosa, ao longo de cerca de mil anos, entre o último quartel do IV milénio BC e o último quartel do milénio seguinte.

4.1 – Materiais cerâmicos da Primeira Fase Cultural (Neolítico Final)

A primeira fase cultural corresponde ao estabelecimento de um vasto povoado aberto, sobre a plataforma rochosa de Leceia; qualquer que seja o local investigado onde a escavação tenha descido até ao substrato geológico, ocorre uma camada castanho-avermelhada – Camada 4 – directamente assente sobre aquele, com abundantes materiais do Neolítico Final, caracterizados particularmente pelas cerâmicas, onde avultam os característicos recipientes de bordos denteados, as cerâmicas carenadas e, excepcionalmente, cerâmicas decoradas, com motivos plásticos (cordões em relevo, mamilos simbólicos), incisos ou impressos, que podem considerar-se reminiscências do chamado Neolítico Antigo Evolucionado da Estremadura (CARREIRA & CARDOSO, 1994); contudo, em dois casos, a seu tempo assinalados, é possível que se trate de restos daquela época, dadas as características tipológicas dos fragmentos.

Associada a esta primeira fase cultural, foi apenas identificada uma fase construtiva, representada por pequenos segmentos de muros rectilíneos, em parte sobrepostos pela primeira linha defensiva, construída logo no começo do Calcolítico Inicial; a maioria dos materiais encontra-se em posição derivada, preenchendo as zonas mais deprimidas do substrato geológico, formadas por descontinuidades das bancadas de calcários duros recifais do Cenomaniano superior, onde naturalmente se acumularam.

A distribuição dos fragmentos cerâmicos pertencentes a esta primeira ocupação encontra-se representada na Fig. 8.

A aparente concentração de materiais cerâmicos do Neolítico Final em determinadas zonas da área escavada reflecte simplesmente a extensão que, em tais zonas, atingiu a escavação na camada correspondente: com efeito, caso tivesse sido possível o aprofundamento da escavação em outras zonas da estação, até à referida camada, é certo que a densidade dos materiais recolhidos seria idêntica, configurando a situação de um vasto povoado aberto, cujos materiais, no decurso de subseqüente fase de abandono, teriam sofrido redistribuição generalizada. Com efeito, as zonas onde se observou a maior densidade de materiais apresentam concentrações idênticas comprovando que a referida remobilização através das águas superficiais e favorecida pela gravidade, partiu das zonas mais elevadas da estação, nas quais, por vezes, o substrato geológico foi atingido sem se identificar a camada do Neolítico Final.

As Fig. 9 a 46 representam todos os exemplares cerâmicos do Neolítico Final decorados (incluindo os com motivos plásticos e os elementos de prensão), bem como a respectiva localização no terreno.

Do ponto de vista tipológico, dominam claramente os recipientes abertos, correspondentes a taças em calote, com bordo em aba extrovertido, ostentando o lábio a característica decoração denteada, produzida por impressão ou por incisão. Mais raramente, identificaram-se taças baixas e, de forma ainda mais esporádica, recipientes cilíndricos

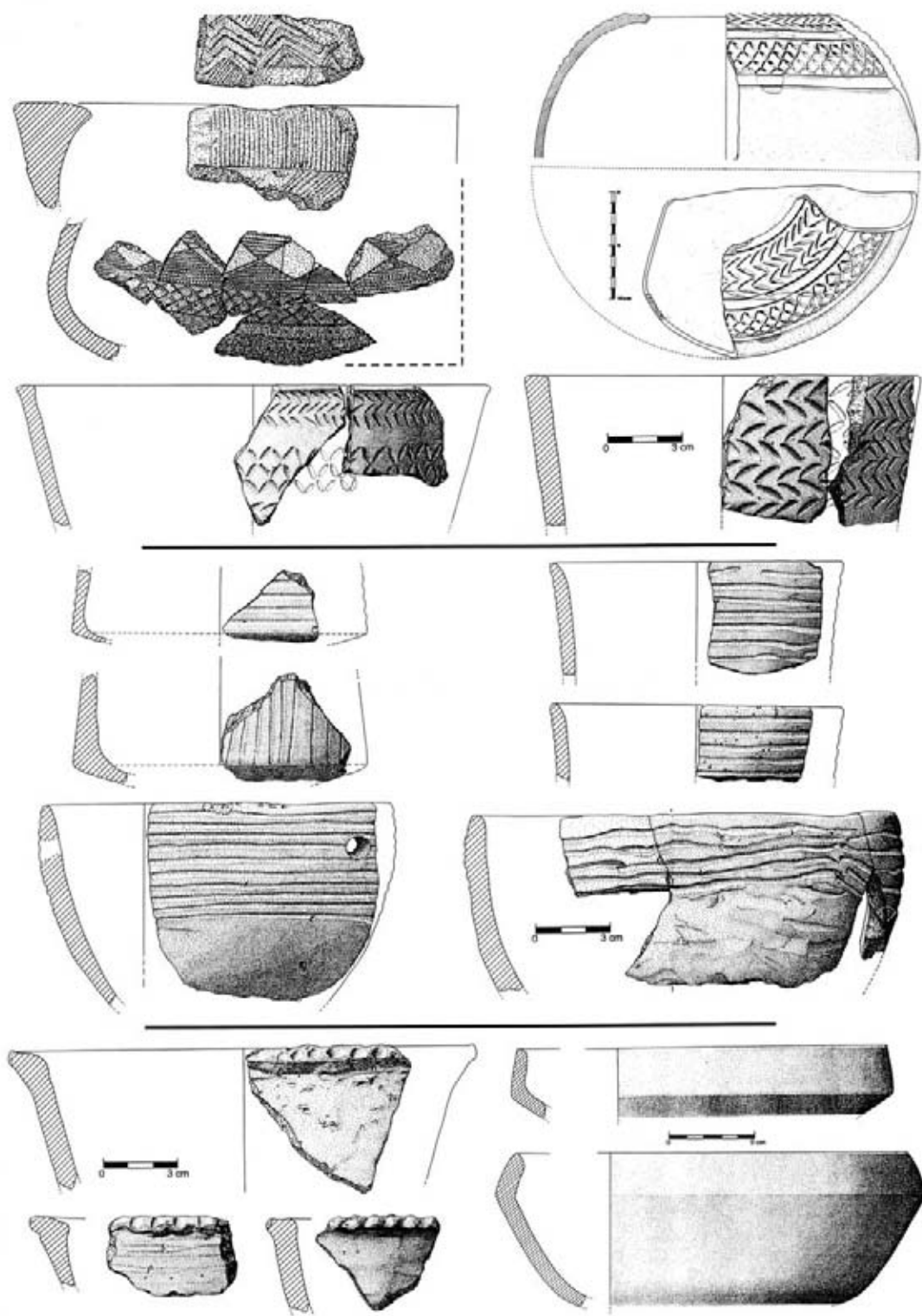


Fig. 4 - Sequência tipológica e decorativa das cerâmicas pré-históricas da área estremenha meridional, entre o final do Neolítico e o final do Calcolítico documentada estrategicamente no povoado de Leceia, Oeiras. Em baixo - taças carenadas e vasos de lado dentado, do Neolítico Final; ao centro - taças e copos com decorações caneladas, do Calcolítico Inicial; em cima - cerâmicas com decorações em "folha de acácia" e em "crucifera", do Calcolítico Pleno, a que se juntam, no final deste período, cerâmicas campaniformes, no centro superior esquerdo (in Cardoso, 1997).

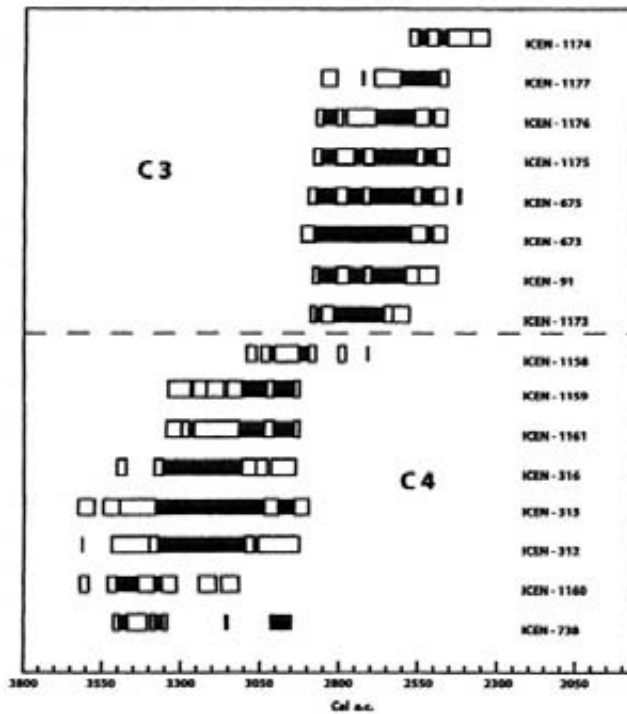
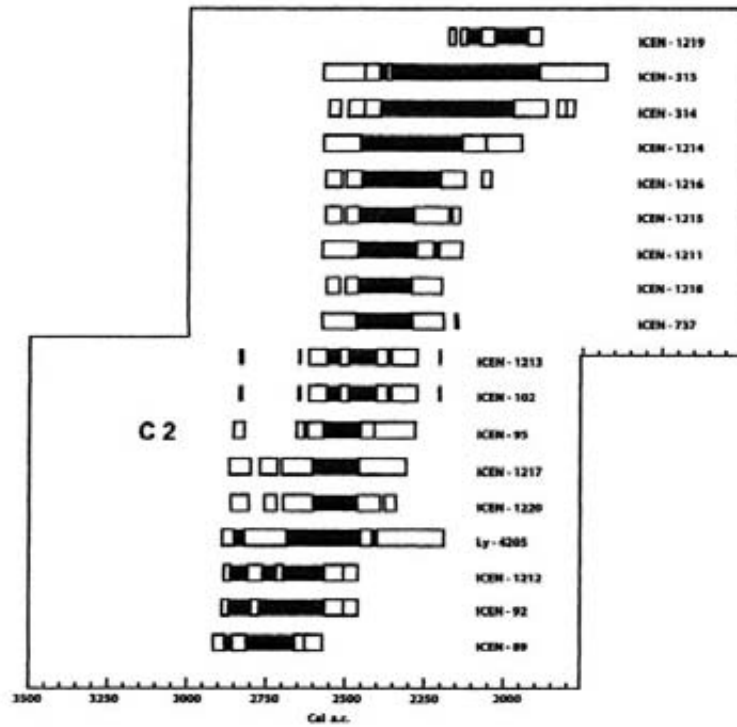


Fig. 5 - Leceia. Cronologia absoluta da seqüência estratigráfica definida. A negro, intervalos a 1 sigma. A branco, intervalos a 2 sigma, calibrados segundo o programa CALIB 3.0.3. Seg. J. L. Cardoso & A. M. Monge Soares.



Fig. 6 - Leceia. Solo de ocupação do Calcolítico Pleno, observando-se um vaso esférico fracturado "*in situ*", dito "vaso de provisões", com a característica decoração em "folha de acácia" e em "crucífera" em torno da abertura. Seg. J. L. Cardoso.

(Fig. 20, nº. 11). Formas fechadas são muito mais raras (Fig. 12, nº. 10).

A decoração foi efectuada sobre o bordo ou sobre um cordão em relevo, horizontal, que se executou previamente sobre o lado externo do bordo (Fig. 12, nº. 10; Fig. 14, nº. 11; Fig. 24, nº. 4 e 12), apresentando-se em geral profundamente seccionado, constituindo uma variante do denteado produzido por impressão sobre a parte externa do lábio de bordos em aba. Contudo, existem casos em que tais cordões se encontram claramente individualizados do bordo, desenvolvendo-se imediatamente abaixo daquele, possuindo paralelos formais no Neolítico Antigo evolucionado da mesma região (Fig. 16, nº. 4, 8, 9 e 12; Fig. 24, nº. 15; Fig. 26, nº. 15; Fig. 28, nº. 10; Fig. 34, nº. 9; Fig. 42, nº. 7; e Fig. 44, nº. 3); nalguns casos, o cordão exhibe assinalável largura, sendo contudo pouco proeminente, apresentando-se interrompido obliquamente por incisões finas, diferentes das existentes nos recipientes do Neolítico Antigo (Fig. 32, nº. 18).

Os bordos denteados do Neolítico Final diferem dos do Neolítico Antigo, porque estes ostentam o lábio simples, sobre o qual se executou o denteado, aproximando-se neste particular dos exemplares conhecidos no Bronze Final da mesma região, enquanto no Neolítico Final os bordos são geralmente extrovertidos, por vezes com perfil em aba, com ou sem espessamento, sendo a decoração em geral executada na parte mais proeminente e externa dos mesmos.

A posição da decoração denteada no bordo leva a admitir a existência de duas variantes principais: aquela em que a decoração foi executada na parte externa e mais proeminente do bordo; e a que se encontra na parte superior do bordo (lábio), mais ou menos aplanada.

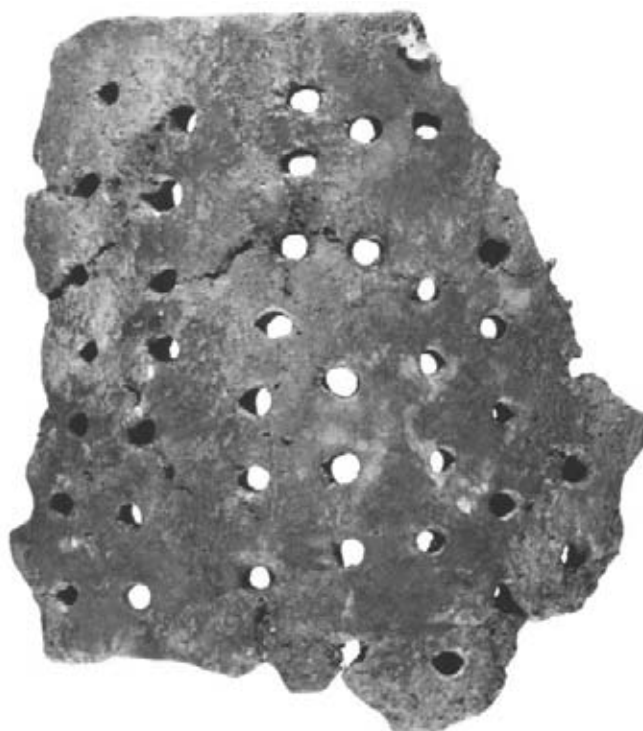


Fig. 7 - Leceia. Fragmento de elemento cerâmico com as paredes perfuradas, atribuível ao fabrico de queijo, recolhido nos níveis do Calcolítico Pleno. Ilustra a diversificação das produções artesanais, no decurso do Calcolítico, fenómeno integrável na chamada "Revolução dos Produtos Secundários", ou "Segunda Revolução Neolítica". Comp. máx. – 8,4 cm. Seg. J. L. Cardoso (ver Fig. 162, n.º 12).

Do ponto de vista técnico, a decoração denteada foi obtida de diversas formas. Identificou-se a técnica incisa, através da execução de curtas e finas incisões (Fig. 24, n.º 14), quase sempre difíceis de diferenciar das verdadeiras impressões (Fig. 34, n.º 15; Fig. 40, n.º 8). Estas afiguram-se dominantes, independentemente do local do bordo onde se encontram. As impressões podem apresentar secção angulosa, mais ou menos profunda e desenvolvida (nestas, a dificuldade é patente de as separar das incisões) ou, em alternativa, exibirem secção larga, em “U”, sendo provável nestes casos a utilização de uma haste de madeira ou de osso, actuada lateralmente; em alternativa, os denteados foram feitos por repuxado na pasta mole, utilizando para tal efeito o indicador e o polegar; de igual modo, as depressões de contorno circular existentes na parte superior de alguns exemplares podem ter sido produzidas pela ponta do indicador, actuada perpendicularmente à superfície a decorar, ou, em alternativa, pela extremidade romba de uma vareta, especialmente no caso das impressões de menor diâmetro, que se observam no lado externo de alguns exemplares. Enfim, a mesma vareta, caso possuísse uma extremidade mais larga e espatulada, actuada obliquamente sobre a parte superior do bordo, pode ter originado impressões largas e assimétricas observadas em diversos exemplares, nalguns casos também extensivas à face externa e proeminente do bordo (ver, entre outros, os exemplares da Fig. 30, n.º 8, 9, 14 e 17).

Diversos casos afastam-se, porém, deste padrão geral: trata-se dos exemplares da Fig. 16, n.º 14 e da Fig. 22, n.º 5, onde o denteado é executado na parte superior do lábio, sem espessamento, também observado nos exemplares da Fig. 14, n.º 14 e 24, n.º 9. Outras particularidades destes dois fragmentos, como a decoração obtida por digitações na pasta mole, no primeiro, ou, no segundo, o facto de se tratar de um recipiente em forma de saco, com um pega perfurada na parte superior do bojo, também ela associada a um cordão em relevo interrompido, sugerem o Neolítico Antigo evolucionado, com diversos paralelos na vizinha estação do Carrascal (escavações inéditas do signatário). A ser assim,

tratar-se-ia da primeira evidência deste período registada em Leceia, correspondendo a duas peças remobilizadas e ulteriormente misturadas com materiais mais modernos. Não se afasta, contudo, como em trabalho anterior se defendeu, a hipótese de corresponderem a exemplares do Neolítico Final, onde as tradições decorativas herdadas do Neolítico Antigo evoluíram ainda perduravam.

Existem casos particulares, como os em que a decoração foi efectuada por finas incisões paralelas na parte superior do bordo, aplanada (Fig. 24, n.º 13; Fig. 42, n.º 6); nestes dois casos, a constância da espessura dos sulcos e a sua regularidade e equidistância, sugere o uso de um pente, artefacto cuja utilização é bem conhecida em certas decorações calcolíticas, como adiante se verá; o recurso a tal instrumento é ainda sugerido nos casos em que o denteado foi obtido por impressões de uma ponta romba de contorno arredondado na parte mais proeminente do lábio, tanto na sua zona frontal como na dorsal (Fig. 10, n.º 10; Fig. 26, n.º 12; Fig. 30, n.º 14; Fig. 32, n.º 10 e 13). Noutros casos, o denteado corresponde a uma finíssima sucessão de curtas incisões, não produzindo sequer a interrupção do bordo (Fig. 34, n.º 15; Fig. 40, n.º 8).

No conjunto, pode afirmar-se ser difícil encontrar dois exemplares de bordos denteados idênticos, tal a diversidade e a riqueza formal que exibem os exemplares recolhidos em Leceia.

Além do bordo ou de cordões em relevo existentes logo abaixo deste, a técnica decorativa do denteado, por incisão ou impressão, foi aplicada às carenas das taças carenadas, outro “item” característico do Neolítico Final da Estremadura, em geral liso. É o caso dos exemplares das Fig. 16, n.º 2; Fig. 28, n.º 6 e n.º 11; e Fig. 42, n.º 5 e 8 e, sobretudo, do exemplar da Fig. 12, n.º 2, onde a exagerada carena foi profundamente interrompida por impressões, dando-lhe aspecto de denteado grosseiro.

As decorações impressas ou incisadas, correspondendo geralmente ao preenchimento de campos delimitados por linhas incisadas, através de traços oblíquos curtos, pode igualmente ser considerada uma reminiscência do Neolítico Antigo, a menos que se trate realmente de exemplares deste período, juntando-se aos anteriormente descritos; é o caso dos fragmentos das Fig. 12, n.º 15; Fig. 36, n.º 10 e n.º 19.

Um exemplar com carena esbatida possui também decoração reticulada em faixa imediatamente acima daquela (Fig. 42, n.º 1); contudo, não fosse tratar-se de exemplar carenado, seria considerado mais moderno. Com efeito, provém da Camada 4 diversos exemplares decorados por linhas incisadas, claramente calcolíticos: é o caso dos representados nas Fig. 18, n.º 2, 3, 4, 16; Fig. 42, n.º 3, 4 e 10; e Fig. 44, n.º 5, 10 e 12). A escassez destes exemplares, de tipologia claramente calcolítica, na camada correspondente ao Neolítico Final, indica que se trata de remobilizações verticais ou, em alternativa, da já referida dificuldade em separar, de forma rigorosa, o contacto entre as correspondentes camadas estratigráficas. Aliás, a existência de um hiato na ocupação de Leceia, identificado entre o Neolítico Final e o Calcolítico Inicial, impede de se considerar a hipótese de os escassos materiais calcolíticos em apreço serem coevos das produções neolíticas e estarem em continuidade com estas.

Contudo, há dois exemplares decorados que parecem corporizar a transição para as produções calcolíticas, adiante estudadas. Trata-se do vaso esférico da Fig. 28, n.º 13 e do recipiente carenado da Fig. 42, n.º 9.

O primeiro, de coloração avermelhada e superfície externa bem alisada, ligeiramente acetinada, ostenta uma decoração em torno da abertura feita com uma ponta romba, de caneluras separadas por segmentos radiais verticais; esta decoração é próxima das caneluras características dos “copos” do Calcolítico Inicial adiante caracterizados, embora seja mais grosseira. Poderá, assim, corporizar a referida transição, tendo presente a quase ausência de cerâmicas decoradas no Neolítico Final, exceptuando as que foram anteriormente consideradas.

O segundo dos fragmentos é também muito interessante e esclarecedor: trata-se de uma taça de carena muito alta, correspondendo, na prática, a um bordo em aba, mas revirado para o interior, o qual, superiormente, se encontra decorado por um reticulado obtido por caneluras muito finas; a decoração estende-se à superfície interna do recipiente, característica que denuncia o Calcolítico Inicial, período no qual se conhecem diversos exemplares decorados interiormente, exibindo padrão também típico daquele período cronológico e cultural.

Importa agora considerar os exemplares decorados com mamilos simbólicos de formato cónico, em calote ou alongado: A primeira categoria engloba os exemplares que ocorrem aos pares, seja no bojo de recipientes abertos ou fechados, seja sobre a carena, mais ou menos acentuada, de outros exemplares, numa clara alusão ao princípio feminino da fertilidade: é o caso dos representados na Fig. 12, nº. 8 e 12; Fig. 16, nº. 6; Fig. 22, nº. 10 e 11; e Fig. 34, nº. 4. Os pequenos mamilos isolados possuem, certamente, também um carácter simbólico, sem deixar de assumirem papel decorativo; com efeito, tanto as dimensões, como a sua posição no recipiente, junto ao bordo ou no bojo, não configuram finalidades funcionais. É o caso, entre muitos outros exemplares figurados, dos grandes recipientes da Fig. 38, nº. 1 e 2, munidos de pequenos mamilos cónicos junto ao bordo.

Contudo, alguns elementos plásticos assumiram finalidades práticas, especialmente quando se apresentam perfurados: nesses casos é natural que se destinassem à fixação de fibras que permitissem a suspensão dos recipientes (Fig. 28, nº. 9; Fig. 32, nº. 20; Fig. 34, nº. 5; Fig. 36, nº. 18. Noutros casos, essa função era assegurada por perfurações realizadas directamente nas paredes dos recipientes (Fig. 16, nº. 4 e 12).

Caso paradigmático é o de fragmento de um grande recipiente fechado que, ao lado de um pequeno mamilo, possui uma perfuração da parede do vaso, indício de que aquele não detinha qualquer funcionalidade prática (Fig. 28, nº. 2), a que se soma o exemplar de menores dimensões da Fig. 34, nº. 3.

As asas curvilíneas (Fig. 28, nº. 8; Fig. 34, nº. 1 e 6; Fig. 42, nº. 6), ou as peças alongadas (Fig. 28, nº. 12), são outros tantos elementos de carácter claramente funcional, cuja origem remonta ao Neolítico Antigo.

Alguns fragmentos cerâmicos, embora não se incluam entre os recipientes, possuem de carácter doméstico: é o caso dos suportes de lareira, impropriamente designados por alguns autores como “ídolos de cornos”, cuja origem no Neolítico Final é conhecida, prolongando-se depois pelo Calcolítico (CARDOSO, 2003 b), representados por diversos exemplares (Fig. 42, nº. 2). De igual modo, recolheu-se um fragmento de “crescente”, possuindo uma das extremidades perfuradas; embora presente o corpo achatado, e não cilíndrico, como os seus congéneres calcolíticos do sudoeste, parece dever inscrever-se, tal como estes, na mesma categoria de objectos, usualmente relacionados com a fiação (Fig. 36, nº. 14).

Enfim, uma placa, com indícios de arranque de um elemento desconhecido (Fig. 34, nº.7), poderia corresponder à base de uma das estatuetas de suídeos já publicadas (CARDOSO 1996; CARDOSO, 1997, p. 101), da mesma forma que um fragmento tronco-cónico maciço (Fig. 36, nº. 11), é compatível com o corpo de um ídolo-cilíndrico, de barro, idênticos aos já publicados, também pertencentes ao Neolítico Final (CARDOSO, 1997, p. 100).

4.2 – A fase de abandono Neolítico Final/Calcolítico Inicial

O facto de ter existido transporte e redeposição de materiais arqueológicos em locais propícios, especialmente os mais depressos e abrigados da área escavada, significa que existiu um período de abandono do povoado, entre os finais do IV milénio BC (a ocupação do Neolítico Final corresponde ao último quartel do IV milénio BC) e os inícios do III milénio BC, já que a construção do dispositivo defensivo calcolítico situar-se-á cerca de 2900/2800 BC). Com efeito, a análise estatística das datas de radiocarbono obtidas demonstrou que tal período teria correspondido, muito provavelmente, a algumas dezenas de anos (CARDOSO & SOARES, 1996).

A questão dos abandonos, parciais ou totais, dos sítios ocupados pré-históricos e especialmente dos grandes recintos defensivos, a que parece ter-se dado tão grande quanto inflacionada importância, no quadro da investigação recentemente desenvolvida em Portugal, encontra, no registo obtido em Leceia um elemento de evidente interesse, de há muito conhecido e publicado. Tais abandonos nada têm, aliás de especial, sendo até normais em sítios de carácter habitacional que perduraram durante centenas de anos ou mesmo milhares de anos.

4.3 – Materiais cerâmicos da Segunda Fase Cultural (Calcolítico Inicial)

Existiu, pois, uma descontinuidade, aparentemente total, na ocupação da plataforma de Leceia, situável na viragem do IV para o III milénio BC. Esta descontinuidade, evidenciada pela estratigrafia e pela cronologia absoluta, tem expressão tanto ao nível das construções como dos espólios cerâmicos correspondentes, que contrastam com a tipologia dos seus homólogos do Neolítico Final. Por outras palavras, evidenciam-se nítidas diferenças entre a estratégia de ocupação do espaço habitado no Neolítico Final, correspondendo a vasto povoado aparentemente aberto, embora ocupando toda a plataforma, através de unidades habitacionais constituídas por muros rectilíneos, e a adoptada logo no começo do Calcolítico Inicial, conotável com a Camada 3.

Do ponto de vista litoestratigráfico, esta camada diferencia-se facilmente da anterior pela coloração amarelada, resultante provavelmente dos derrubes da parte superior das estruturas defensivas (muralhas e bastiões), bem como da argamassa que os revestia, à semelhança do verificado com as habitações da época. Com efeito, a grande quantidade de argila que se observa na sua constituição, que não se poderá explicar por causas naturais, visto o substrato geológico ser constituído por bancadas de calcários apinhoados, alternantes com assentadas de calcários duros e recifais, cuja alteração dá origem a depósitos argilosos avermelhados, do tipo “terra rossa”, e não amarelados, como os existentes, leva a admitir que a parte mais alta das muralhas e bastiões fosse constituída por blocos de barro amassado. Estes, por falta de manutenção, sofreram a erosão pela chuva, e ulterior dispersão dos seus materiais, formando camada contínua, mais ou menos espessa, como a que hoje se observa, qualquer que seja o local da estação arqueológica em apreço.

Em alternativa, aceitando-se que a totalidade das muralhas fosse construída, de cima a baixo, por blocos – tal como parece indicar a realidade observada nos povoados fortificados do Zambujal (Torres Vedras) e de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) – poder-se-á admitir, dada a grande quantidade de argila presente, que tais materiais resultassem da degradação do revestimento argiloso das muralhas e bastiões, à semelhança do que se verificava nas cabanas. Com efeito, é provável que os extensos paramentos do sistema defensivo fossem revestidos de argila, sendo eventualmente pintados, o que certamente conferia um efeito cénico acrescido à imponente fortificação.

Do que não há dúvidas, é que a grande quantidade de material argiloso que integra a Camada 3, qualquer que seja o local onde esta se tenha conservado, indica que o começo do processo de degradação das estruturas defensivas se verificou ainda no Calcolítico Inicial. Com efeito, nesta camada, de matriz argilosa, abundam materiais cerâmicos característicos desta fase cultural, com destaque para os bem conhecidos “copos” com decoração canelada e brunida e para as taças, igualmente de excelente acabamento, decoradas por bandas de caneluras paralelas abaixo do bordo. Estes materiais contrastam fortemente com as produções cerâmicas características da fase cultural antecedente, apesar de a forma cilíndrica, presente nos “copos”, já nela se encontrar representada, tal como a taça em calote, mas ambas desprovidas de decoração (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996). Assim, as descontinuidades ao nível da produção artefactual revelam-se ao nível das produções cerâmicas: o excelente acabamento e as características decorações caneladas, não se reconheceram nos contextos do Neolítico Final.

Importa, pois, proceder a uma análise detalhada desta realidade. As Fig. 47 a 123 representam todos os fragmentos decorados recolhidos na Camada 3 (incluindo elementos de prensão e as produções integradas nas chamadas cerâmicas industriais).

A Fig. 47 apresenta a dispersão geral, pela área escavada, dos materiais cerâmicos pertencentes à Camada 3, coeva da construção da primeira fase do dispositivo defensivo. Observa-se uma concentração acentuada de materiais na zona entre a segunda e a terceira linha de muralhas, na parte mais elevada e aplanada da estação; porém, idêntica concentração também se verifica em sector entre a primeira e a segunda linha defensivas, em que a escavação se aprofundou até à referida camada; em contrapartida, nas partes mais baixas da área muralhada, a concentração de materiais é nitidamente menor. Tal realidade parece configurar não só preferência pela ocupação da primeira das referidas áreas, mas também uma maior permanência na mesma, o que configuraria, ainda no decurso do Calcolítico

Inicial, a retração da área ocupada do povoado, em torno do seu núcleo mais interno, situação que se viria a acentuar no decurso da fase seguinte, o Calcolítico Pleno.

Do ponto de vista tipológico, a variedade de formas decoradas, técnicas e padrões decorativos, é claramente superior à observada na fase cultural anterior. Importa discutir, antes de mais, a presença, em contextos do Calcolítico Inicial, de produções características da fase cultural antecedente, com destaque para os bordos denteados. A questão que se coloca é a de saber se se trata de produções coevas das características do Calcolítico Inicial – constituindo, deste modo, as derradeiras produções de tais recipientes – ou, em alternativa, de misturas devidas a movimentos post-deposicionais ou, simplesmente, à dificuldade de, no decurso das escavações, se identificar rigorosamente a separação entre a Camada 3 e a Camada 4, produzindo inevitáveis misturas de materiais.

Posta a questão nos termos referidos, a hipótese mais aceitável é a de admitir misturas de materiais de diferentes idades, e não a continuidade de produções de recipientes de bordos denteados no Calcolítico Inicial, por diversas razões: em primeiro lugar, a aludida e demonstrada existência de um hiato de algumas dezenas de anos na ocupação do local, entre a deposição da Camada 4 e a da Camada 3, correspondente à ocupação do Calcolítico Inicial, prova a descontinuidade da presença humana no local: com a chegada de novas populações, chegariam também produções diferentes, que pouco teriam a ver com as anteriores. Por outro lado, a irregularidade do contacto da Camada 4 com a Camada 3, explica que, no decurso das escavações, fosse difícil ou mesmo impossível identificar claramente a transição entre ambas; tal dificuldade estará na origem de misturas de materiais de épocas diferentes, por processos mecânicos decorrentes da própria escavação. Importa sublinhar que, enquanto no espólio cerâmico da Camada 4 são raras as produções cerâmicas usualmente atribuídas ao Calcolítico Inicial, já entre o espólio da Camada 3 são mais numerosos os exemplares característicos do Neolítico Final. Esta realidade tem explicação pelo modo como se desenrolaram os trabalhos de campo: no decurso do rebaixamento da superfície da área escavada da Camada 3, ao se atingir o tecto da Camada 4, os primeiros materiais a esta pertencentes podem ter sido ainda incorporados entre os recolhidos na Camada 3; depois, com o prosseguimento da escavação em profundidade da Camada 4, já então plenamente identificada, só excepcionalmente aí se recolheram materiais da Camada 3, por fenómenos de migração vertical, de cima para baixo, por efeito da gravidade, ou devido a misturas provocadas no decurso da própria escavação.

Quaisquer das razões acima apresentadas conduzem a considerar que os exemplares de bordos denteados, entre outros materiais característicos do Neolítico Final, dados como da Camada 3, não faziam, originalmente, dela parte integrante.

No que respeita aos materiais característicos do Calcolítico Inicial, avultam os numerosos exemplares de “copos” canelados, grupo tipológico homogéneo definido pela primeira vez em Vila Nova de São Pedro por A. do Paço (PAÇO, 1958, 1959). Trata-se de exemplares de tamanho em geral médio, embora existam exemplares minúsculos (Fig. 83, n.º 8), cuja qualidade das pastas e do acabamento foi já devidamente assinalada, possuindo duas faixas de caneluras idênticas largas e pouco profundas, uma abaixo do bordo e outra, que pode não existir, sobre o fundo, produzidas por uma ponta romba, deslizando tenuamente sobre a pasta mole. As paredes destes recipientes apresentam-se geralmente ligeiramente côncavas, e o fundo convexo; porém, há excepções: a mais frequente corresponde a fundos planos e a pareces rectilíneas e ligeiramente divergentes.

O espaço intermédio, limitado superior e inferiormente pelas duas aludidas bandas de caneluras, apresenta-se maioritariamente liso; nos casos em que é decorado, as decorações são executadas igualmente por uma ponta romba, sob a forma de caneluras, mas muito mais ténues e finas que as anteriores. Note-se que os exemplares que se apresentam totalmente decorados apresentam sempre a banda de caneluras sob o bordo, mas usualmente não exibem a banda inferior, sobre o fundo.

Os motivos são muito diversos, tendo-se identificado os seguintes grupos principais: as métopas de caneluras horizontais, que prolongam as situadas sobre o bordo e o fundo (Fig. 105, n.º 5); os espinhados horizontais, organizados em campos ou de forma contínua (Fig. 49, n.º 1; Fig. 97, n.º 10; Fig. 117, n.º 7); os espinhados verticais, por vezes

associados aos horizontais (Fig. 55, n.º 9); as linhas simples verticais, organizadas em métopas ou isoladas (Fig. 51, n.º 15; Fig. 53, n.º 14 e 18; Fig. 65, n.º 21; Fig. 107, n.º 4); os espaços totalmente preenchidos por segmentos rectilíneos oblíquos, com orientação variável, separados ou não por linhas verticais (Fig. 49, n.º 4; Fig. 53, n.º 9; Fig. 57, n.º 20; Fig. 61, n.º 12; Fig. 65, n.º 9 e 20; Fig. 71, n.º 17; Fig. 73, n.º 15 e 16; Fig. 81, n.º 11; Fig. 89, n.º 8; Fig. 91, n.º 10; Fig. 103, n.º 20; Fig. 107, n.º 10; Fig. 109, n.º 12; Fig. 117, n.º 9 e 14; Fig. 123, n.º 1, 3, 5, 12); as linhas curvas de diversos tipos e orientações, incluindo semi-círculos concêntricos (Fig. 53, n.º 13; Fig. 63, n.º 1; Fig. 73, n.º 18; Fig. 75, n.º 2; Fig. 81, n.º 8; Fig. 89, n.º 10; Fig. 91, n.º 11; Fig. 99, n.º 10 e 11; Fig. 101, n.º 7; Fig. 107, n.º 9; Fig. 123, n.º 8); os serpentiformes ou linhas onduladas verticais, simples ou alternantes com segmentos em arco de círculo ou linhas rectilíneas oblíquas (Fig. 57, n.º 19; Fig. 67, n.º 2; Fig. 81, n.º 16); e os reticulados oblíquos, associados ou não a outros motivos (Fig. 79, n.º 14; Fig. 81, n.º 14; Fig. 117, n.º 16).

Também característica do Calcolítico Inicial é a produção de taças caneladas, ostentando, tal como os “copos”, uma faixa de caneluras paralelas abaixo do bordo. Contudo, como já foi assinalado em estudos anteriores, parece que a produção de taças caneladas terá sido mais duradoura do que as dos copos: com efeito, na camada basal do povoado da Rotura (Setúbal), são aquelas que ocorrem, faltando os “copos” em absoluto (SILVA, 1971). Tendo presente que tal camada possui vestígios significativos de metalurgia, ao contrário do usualmente verificado nos depósitos arqueológicos do Calcolítico Pleno da Estremadura, foi admitida a atribuição da referida camada ao início do Calcolítico Pleno (CARDOSO, 1997). Tenha-se ainda presente, na discussão das relações de anterioridade/contemporaneidade entre as duas formas onde ocorre tradicionalmente a decoração canelada, a existência de formas híbridas, como a representada na Fig. 83, n.º 12.

Por outro lado, ao contrário do verificado entre as produções do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial, as continuidades entre as produções do Calcolítico Inicial e as do Calcolítico Pleno afiguram-se melhor documentadas. Além das taças caneladas simples, cujo fabrico e qualidade decorativas se afiguram mais heterogéneas que as que caracterizam os “copos” canelados – o que constitui outro argumento a favor da sua maior longevidade, comparada com a dos “copos” – ocorrem taças de grande qualidade, de paredes finas, pastas depuradas e duras e superfícies bem regularizadas e acetinadas, de coloração em geral oxidante, decoradas por ténues caneluras, idênticas às observadas nos “copos”, em motivos geométricos (espinhados, linhas paralelas, reticulados, bandas de linhas organizadas obliquamente para um e outro lado separadas por linhas radiais, entre outros motivos). É o caso dos exemplares das Fig. 53, n.º 12; Fig. 55, n.º 10 e 13; Fig. 59, n.º 12; Fig. 61, n.º 16; Fig. 71, n.º 12; Fig. 75, n.º 3 e 5; Fig. 77, n.º 8 e 11; Fig. 83, n.º 9; Fig. 85, n.º 6; Fig. 89, n.º 9; Fig. 91, n.º 2, 5 e 7; Fig. 95, n.º 4; Fig. 97, n.º 9; Fig. 103, n.º 18, 19; Fig. 111, n.º 7; Fig. 117, n.º 13). Note-se que a qualidade das pastas e das decorações nem sempre se verifica: é o caso do exemplar da Fig. 63, n.º 15, onde as caneluras se obtiveram pela aplicação de uma haste vegetal, sendo muito irregulares, situação que é acompanhada do grosseiro acabamento e espessura do recipiente.

Excepcionalmente, em algumas taças, observou-se a associação de caneluras a pontuados obtidos por impressão, provavelmente executados com o mesmo instrumento (Fig. 59, n.º 12). Este exemplar, de paredes finas e bem alisadas é idêntico a outro, proveniente de Vila Nova de São Pedro (PAÇO, 1958, Fig. 16).

Estas produções, claramente da mesma família dos “copos”, são características, como estes, da Camada 3, sem prejuízo de se terem esporadicamente encontrado alguns exemplares na Camada 2, adiante referidos, à semelhança também do verificado com aqueles.

Algumas das taças e dos “copos” possuem orifícios de suspensão, indício que, em alguma fase da sua utilização, se destinariam a estar suspensos; tais perfurações, executadas após a cozedura, parecem afastar a hipótese de os respectivos recipientes se destinarem ao consumo de líquidos, ao menos aqueles que as ostentam. Contudo, nos casos em que tais orifícios se apresentam muito próximos (Fig. 97, n.º 7), será possível admitir que se destinassem à fixação de uma asa de fibras vegetais (Fig. 95, n.º 5); com efeito, deve notar-se que a maioria destas perfurações pós-cozedura se efectuaram próximo ao bordo, tanto de “copos”, como de taças (Fig. 113, n.º 5, 13; Fig. 115, n.º 20; Fig. 117, n.º 5, sem

esquecer a possibilidade de, noutros casos, corresponderem a tentativas de restauro de exemplares partidos, vulgo “gatos” (Fig. 97, nº. 7), documentados em outros casos (CARDOSO, 1981, Est. XIV, n.º 179), por se terem recolhido os correspondentes fragmentos.

Observou-se a técnica incisa, tanto em “copos”, associada no mesmo exemplar à técnica canelada (Fig. 49, nº. 1; Fig. 81, nº. 8; Fig. 89, nº. 8), como em taças (Fig. 83, nº. 10).

Outra produção que é característica da Camada 3, as taças de bordo espessado interiormente e lábio convexo alongado, vulgo bordos “almendrados”, ostentando decoração na face interna, quase desaparece na Camada 2. Trata-se, também, de um elemento que evidencia a existência de descontinuidades artefactuais entre os dois períodos culturais.

A técnica predominantemente utilizada na decoração destes recipientes consistiu na aplicação de uma ponta romba, deslizando sobre a superfície dos recipientes, idêntica à utilizada nas decorações observadas nos “copos” e nas taças anteriormente referidas, produzindo, tal como naqueles casos, caneluras tênues, largas e em geral pouco profundas; a aplicação da referida ponta deu-se quando a pasta ainda se encontrava mole, sendo tal conclusão evidenciada pelas rebarbas observadas de ambos os lados dos sulcos, especialmente dos mais profundos. Contudo, nalguns casos, pela sua fina execução, as decorações devem ter sido efectuadas na superfície, já seca, dos recipientes, antes de estes serem submetidos a cosedura (caso, entre outros da taça da Fig. 61, nº. 16). Tais situações, no limite, correspondem apenas à execução de tênues traços, que não produziram qualquer sulco na superfície do recipiente, por vezes com ligeiro brilho, podendo levar à confusão com as cerâmicas com “ornatos brunidos” do Bronze Final, não fosse as diferenças da tipologia dos recipientes e dos respectivos contextos arqueológicos. É o caso das decorações das taças das Fig. 73, nº. 6, 9 e 11; e da Fig. 85, nº. 2.

Estas decorações brunidas ocorrem também em outro tipo de recipientes, e em diversos locais destes, como o lábio ou a parede externa de vasos fechados de bordo espessado (Fig. 71, nº. 1; Fig. 77, nº. 6; Fig. 105, nº. 12), sendo neste exemplar também extensiva à parte superior do lábio (Fig. 119, nº. 5, 7, 9 e 10).

Digno de especial registo é a taça de bordo reentrante e lábio aplanado e inclinado para o interior – que poderia considerar-se como protótipo das taças tipo Palmela – decorada no lábio por reticulado apertado, produzido por linhas brunidas sobre a superfície seca ao sol do exemplar (Fig. 91, nº. 1).

Esta técnica brunida surge, pois, como algo de completamente novo, sem antecedentes nem sucedâneos imediatos, vindo apenas a ressurgir no final do Bronze Final. Talvez por isso, Vera Leisner, no trabalho que dedicou a este peculiar grupo cerâmico, tenha indistintamente inventariado ocorrências do Calcolítico e do Bronze Final, como se todas pertencessem apenas ao primeiro (LEISNER, 1961), por nessa época ainda se encontrarem muito insuficientemente conhecidas as produções do Bronze Final.

Registe-se, ainda, que a técnica de decoração brunida ocorre também, mas com muito menor incidência, nos “copos” canelados (Fig. 91, nº. 11).

Os motivos destas decorações interiores afiguram-se idênticos aos patenteados na parte média dos copos, no espaço entre as caneluras normalmente existentes abaixo do bordo e o fundo: Assim, são dominantes, tal como naqueles, os preenchimentos por segmentos simples paralelos (Fig. 73, nº. 8, 11 e 12; Fig. 105, nº. 8, 10, 12 e 13; Fig. 119, nº. 3, 5, 9, 12 e 15), a partir do lado interno do bordo, ou orientados alternadamente, por vezes subordinadas a linhas separadoras, ou secantes (Fig. 57, nº. 14; Fig. 65, nº. 16; Fig. 73, nº. 6; Fig. 85, nº. 3; Fig. 105, nº. 14; Fig. 119, nº. 4); as faixas em reticulado oblíquo (Fig. 55, nº. 17; Fig. 59, nº. 8 e 9; Fig. 85, nº. 1, 2 e 4) ou em espinhado (Fig. 73, nº. 10; Fig. 119, nº. 13); as métopas, organizadas em semi-circunferências concêntricas (Fig. 73, nº. 9; Fig. 105, nº. 11; Fig. 119, nº. 6 e 10), também presentes nos “copos”, como anteriormente se assinalou; e as linhas paralelas e secantes (Fig. 107, nº. 1 e 2; Fig. 119, nº. 7).

A ocorrência de taças de bordo espessado com decoração interior é também característica do Calcolítico do Sudoeste, onde por vezes foram recolhidas com assinalável abundância, como no povoado de Porto Torrão, Ferreira do Alentejo

(ARNAUD, 1993) e Monte da Tumba, Alcácer do Sal ((SILVA & SOARES, 1987), constituindo uma prova evidente das relações entre a área estremenha e o sudoeste peninsular, no decurso do Calcolítico. No Porto Torrão, as escavações realizadas mais recentemente, conduziram a situar estas produções na Fase 2 da ocupação do sítio, representada pelos depósitos que preenchem o Fosso 2 e um depósito da Fossa 2, propondo-se a respectiva integração cultural no Calcolítico Pleno. Com efeito, os restos destas taças ocorrem em associação a escassos fragmentos campaniformes (VALERA & FILIPE, 2004), o que conduziu os autores, no mesmo trabalho, a proporem para a fase 2 cronologia do Calcolítico Pleno/Final. Os autores sublinham o facto de serem evidentes os contrastes deste grupo cerâmico com o correspondente à Fase 1, atribuída ao Neolítico Final: nestas circunstâncias, não estaria representado na estação o Calcolítico Inicial; contudo, não se pode deixar de ter presente que se o referido faseamento foi baseado no enchimento de estruturas negativas, onde a mistura de materiais de diversas épocas é natural; por outro lado, parece que a ocorrência de escassos fragmentos campaniformes não deve ser excessivamente valorizada para a inclusão dos materiais da Fase 2 no Calcolítico Pleno (e Final). Com efeito, a média ponderada das duas datações obtidas por J. M. Arnaud para a presença campaniforme na estação, indica o intervalo, calibrado a dois sigma, de 2823-2658 cal BC (CARDOSO & SOARES, 1990/1992), cronologia que, se bem que aparentemente um pouco alta, nada indica ser muito diferente da real, atendendo às produções campaniformes em causa (estilo internacional e geométrico, a pontilhado). Por outras palavras, trata-se de resultado compatível com o Calcolítico Inicial da Estremadura (CARDOSO & SOARES, 1996). Acresce que, no vizinho povoado do Monte da Tumba, as taças com decoração interior ocorrem nas Fases I e II de ocupação, conotáveis com o Calcolítico Inicial e o Calcolítico Pleno, o que não se afasta muito do panorama encontrado em Leceia (SILVA & SOARES, 1987). Deste modo, sem se questionar a integração de parte dos materiais da Fase 2 do Porto Torrão no Calcolítico Pleno, parece não existirem fundadas razões para se excluir a pertença de uma parte deles no Calcolítico Inicial, tão grandes são as semelhanças que as taças com decoração interna detêm com as de Leceia, pertencentes a essa fase cultural.

É admissível que, pelo menos na Estremadura, tais recipientes tenham substituído, em termos de funcionalidade, as taças carenadas, características do período cultural anterior.

Pode, pois, dizer-se que as três produções mais características da Camada 3 – “copos”, taças caneladas e taças decoradas interiormente – apresentam padrões decorativos semelhantes, bem como técnicas análogas, exceptuando a ocorrência da técnica brunida que, como se disse, se afigura como inovação sem continuidade imediata.

A Camada 3 forneceu outras produções cerâmicas, que importa valorizar. Observou-se a ocorrência da técnica canelada, associada ou não à técnica incisa, em recipientes globulares fechados, precursores, ainda que em geral de menor tamanho, dos chamados “vasos de provisões” que, com decorações produzidas por sulcos largos e profundos e motivos em “folha de acácia” e associados”, caracterizam o Calcolítico Pleno. Trata-se de motivos em espinhado ou em zigue-zague, mais raramente em reticulados produzidos por linhas oblíquas, que também ocorrem nos “copos” e nas taças. É o caso dos exemplares das Fig. 51, n.º 20, Fig. 55, n.º 3, Fig. 59, n.º 5, 6 e 7, Fig. 69, n.º 6; Fig. 77, n.º 8; Fig. 91, n.º 5 e 7; Fig. 97, n.º 9; Fig. 101, n.º 9; Fig. 103, n.º 2; Fig. 111, n.º 3, 4, 5 e 6; Fig. 121, n.º 5. Estas ocorrências podem estar assim na origem dos referidos recipientes, verificando-se deste modo continuidade nas produções cerâmicas entre as duas fases culturais: o Calcolítico Inicial e o Calcolítico Pleno. Em abono desta afirmação, sublinha-se que a existência de padrões constituídos por espinhados horizontais ou verticais, obtidos por finas incisões, observados em “copos” e em taças (Fig. 49, n.º 11; Fig. 55, n.º 13; Fig. 117, n.º 8), ou, mais frequentemente, produzidos por caneluras, como em muitos exemplares de “copos” e de taças anteriormente mencionados, ou ainda por incisões arrastadas, apresentam grandes semelhanças com as decorações impressas do tipo “folha de acácia” do Calcolítico Pleno, na origem das quais também poderão encontrar-se. Reconheceu-se pelo menos um fragmento em que os padrões decorativos em “folha de acácia”, que mais não são do que sucessivas linhas em zigue-zague sobrepostas, associados a quadrifólios, ou padrão também conhecido por “crucífera”, foram obtidos, não por impressão, como é usual, mas por sulcos curtos, como se deduz do facto de ser diferente o comprimento de cada um deles (Fig. 97, n.º 13). A ser assim, ter-se-ia mais um

elemento a favor da transição paulatina entre as produções de ambas as referidas fases culturais. Ainda a este propósito, merece ser valorizado um fragmento de “copo” canelado em que a última linha interrompe um friso de pequeníssimos folíolos, do tipo “folha de acácia”, produzidos pela técnica canelada (Fig. 97, n.º 12). Todos estes elementos, identificados estratigraficamente em Leceia, poderiam levar a admitir a existência de uma fase de transição entre as duas fases culturais em causa – o Calcolítico Inicial e o Calcolítico Pleno – realidade que foi valorizada no povoado calcolítico fortificado de Columbeira (Bombarral), por J. Ludgero Gonçalves, tendo presente a existência dos elementos acima descritos, e ainda a ausência das cerâmicas decoradas pelo motivo em “folha de acácia” e associados (GONÇALVES, 1994 a).

Enfim, é de salientar a existência de numerosos fragmentos decorados por finas linhas incisivas, em apertados reticulados, os quais podem ser já do Calcolítico Pleno, dada a abundância com que ocorrem nessa camada (Fig. 57, n.º 2; Fig. 67, n.º 11; Fig. 105, n.º 3; Fig. 117, n.º 11), para além de exemplares com os padrões mais característicos do Calcolítico Pleno, em “folha de acácia” e em “crucífera”, (Fig. 51, n.º 1; Fig. 53, n.º 6; Fig. 57, n.º 17; Fig. 69, n.º 3; Fig. 79, n.º 4; Fig. 97, n.º 13; Fig. 119, n.º 17).

A ocorrência de materiais cerâmicos típicos do Calcolítico Pleno, na Camada 3, do Calcolítico Inicial, poderá ter várias explicações (tenham-se em conta as anteriormente apresentadas para a discussão de situação análoga, verificada entre a Camada 4 e a Camada 3) :

- por uma progressiva substituição das produções, existindo largos períodos de coexistência entre produções distintas, e sucessivas; esta hipótese foi demonstrada estatisticamente no estudo dos grupos de cerâmicas decoradas do povoado fortificado calcolítico do Zambujal, Torres Vedras (KUNST, 1987, 1996): trata-se de uma explicação para a realidade objectivamente observada que perfilhamos, sem contudo lhe conferir o estatuto único, como aparentemente foi o caso do referido arqueólogo, já que existem outras explicações tão ou mais operativas que a referida, a seguir enunciadas;

- por fenómenos sin-deposicionais: o conjunto cerâmico do Calcolítico Inicial foi recolhido em acumulações ulteriores à correspondente presença humana, em sedimentos formados a partir do desmonte de estruturas defensivas e habitacionais; nada mais natural que, no decurso destas acções destrutivas, bem como na sequência do transporte de sedimentos e de materiais arqueológicos até ao local em que foram finalmente depositados, tenham sido misturados com as novas produções, utilizadas pelos ocupantes do povoado do Calcolítico Pleno, então restringidos à sua zona nuclear do mesmo;

- por fenómenos post-deposicionais, dando origem à mistura de materiais mais recentes com materiais mais antigos, devido à gravidade e à penetração vertical, através de fissuras, ou outras descontinuidades, existentes no solo;

- por misturas produzidas no momento da escavação, sempre inevitáveis, nas superfícies de interface entre camadas distintas, para mais quando estas se apresentam irregulares e não permitem imediata diferenciação;

- ou, em alternativa, por alguns ou todos os quatro mecanismos descritos, sendo cada um deles independente dos outros.

É maior a quantidade de produções cerâmicas características do Calcolítico Pleno que foram encontradas na Camada 3, comparativamente às cerâmicas características desta última camada que foram encontradas na Camada 4; a explicação para tal realidade reside em parte no facto de ser maior a superfície de contacto escavada entre a Camada 2 e a Camada 3, comparativamente à superfície de contacto entre a Camada 3 e a Camada 4.

Por outro lado, a anterior justificação para a quantidade de materiais característicos da Camada 4 que ocorrem na Camada 3 ser superior à quantidade de materiais característicos desta camada que ocorrem na Camada 4; pode aplicar-se ao facto de ser também superior a quantidade de materiais típicos da Camada 3 que ocorrem na Camada 2 comparativamente à quantidade dos que, sendo típicos da Camada 2 ocorrem na Camada 3: como já se referiu, esta realidade resultará, por certo, da própria metodologia da escavação.

Assim se compreende a assinalável a quantidade de bordos denteados recolhidos na Camada 3, a par de algumas outras produções também oriundas da Camada 4.

É o caso da maioria das cerâmicas com decorações impressas: embora algumas sejam claramente calcolíticas, como a taça onde a técnica canelada se associa à impressa, a qual já anteriormente foi mencionada (Fig. 59, nº. 12), com paralelo em Vila Nova de São Pedro (Azambuja), as restantes exibem características neolíticas, semelhantes às anteriormente estudadas (Fig. 79, nº. 16; Fig. 91, nº. 6; Fig. 97, nº. 8; Fig. 121, nº. 3). Existe mesmo um fragmento (Fig. 91, nº. 6), cujas evidentes analogias com exemplar recolhido naquela camada (Fig. 36, nº. 19), mais do que uma recorrência decorativa, faz crer tratar-se de uma peça dali proveniente.

Nos fragmentos com decorações plásticas, igualmente de origem neolítica, avultam os já referidos mamilos simbólicos, aos pares (Fig. 65, nº. 8; Fig. 101, nº. 14; Fig. 119, nº. 8), ou isolado, de contorno normalmente circular, mas podendo-se apresentar alongado (Fig. 53, nº. 8; Fig. 65, nº. 6, 13 e 14; Fig. 69, nº. 1 e 2; Fig. 81, nº. 1 a 3; Fig. 89, nº. 12; Fig. 101, nº. 13; Fig. 119, nº. 11, 16 e 18).

Exemplos evidente de simbolismo – sem deixar de ser decorativo, pois os conceitos não são, evidentemente antagónicos – são os dois fragmentos cuja superfície se encontra totalmente ocupada por tais protuberâncias (Fig. 59, nº. 3; Fig. 67, nº. 19), de cronologia claramente calcolítica, com paralelos em Vila Nova de São Pedro (Azambuja).

Quando se apresentam perfurados, o que se verifica sobretudo em pegas alongadas (Fig. 65, nº. 15; Fig. 71, nº. 19; Fig. 121, nº. 15), o carácter utilitário dos mamilos é mais evidente, destinando-se à suspensão ou à fixação de pegas de fibras vegetais.

Aliás, a presença, em materiais cerâmicos do Calcólítico Inicial, de representações simbólicas, é recorrente, embora de características distintas das produções do Neolítico Final. É o caso da representação sexual feminina, identificada em dois bordos por incisão pós-cozedura (Fig. 63, nº. 14; Fig. 71, nº. 2).

Conhecem-se alguns fragmentos de asas, enquanto elementos soltos, completas ou não, que não se apresentam distintas das neolíticas, já anteriormente vistas (Fig. 85, nº. 5; Fig. 99, nº. 1 e 9), enquanto os sistemas de suspensão, assegurados através de perfurações, como as anteriormente referidas, realizadas muitas vezes na própria parede dos recipientes, recorriam, em outros casos, à perfuração vertical de pegas, mamilos ou simples botões em relevo: é o caso do exemplar da Fig. 71, nº. 19, muito semelhante a exemplar da Camada 4 (Fig. 12, nº. 1). Outros exemplares perfurados verticalmente (Fig. 57, nº. 10; Fig. 65, nº. 15; Fig. 121, nº. 15) têm também paralelos próximos no Neolítico Antigo; caso particular é o de bordo de recipiente fechado, cujo espessamento exterior permitiu a execução de perfuração destinada à mesma finalidade (Fig. 95, nº. 6). Exemplares mamilonares com furacões horizontais são muito mais raros, pois apenas se identificou um exemplar (Fig. 119, nº. 16).

Caso particular de produções lisas, é o prato da Fig. 75, nº. 1, cuja finalidade específica determinou a sua própria raridade e o pequeno vaso fechado, possuindo perfurações junto ao bordo, mais decorativas do que funcionais. (Fig. 51, nº. 21). Trata-se de exemplo de convergência com produções análogas do Bronze Final da região, como atestam os exemplares recolhidos no povoado da Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2004).

No capítulo da chamada cerâmica industrial, há a referir os suportes de lareira, os pesos de tear e os cinchos, ou recipientes de paredes perfuradas.

No que respeita aos primeiros, ocorrem agora em muito maior abundância que na Camada 4, onde foi apenas reconhecido um exemplar (Fig. 42, nº. 2), sendo em geral muito incompletos. Identificaram-se seguramente dois tipos destes objectos: o tipo em que ambos os topos se apresentam aplanados ou mesmo levemente côncavos, como o exemplar da Fig. 75, nº. 10, já anteriormente estudado (CARDOSO, 1992); e o tipo corniforme simples (Fig. 93, nº. 1; Fig. 109, nº. 1), perfurado ou não. Note-se que tais perfurações, que tantos considerandos já sugeriram, teriam finalidade prática, destinada a permitir a cozedura do interior destas volumosas peças, mediante a circulação do calor pela referida perfuração. Esta, usualmente executada com um dedo, encontra-se via de regra na parte média ou basal das peças. Com efeito, de estudo comparativo anteriormente efectuado (CARDOSO, 2003), resultou a conclusão de ser infundado o significado mágico-religioso de tais peças, atribuídas de forma não fundamentada a “ídolos”: daí o termo, que importa evitar de “ídolos de cornos”. Com efeito, não existem dúvidas do carácter prático de tais produções, e da

sua utilização em lareiras, funcionando como suporte de recipientes (tremes) postos ao lume. Os exemplares terminando em superfície larga e achatada, como a peça recolhida em Leceia e representada na Fig. 75, nº. 10, com paralelos em Vila Nova de São Pedro (GONÇALVES, 1994 b) poderiam ser utilizados individualmente para esse fim; os corniformes simples requeriam, pelo menos três exemplares para que o apoio por eles oferecido tivesse estabilidade, enquanto que bastariam dois exemplares de corniformes duplos (não representados em Leceia) para garantirem tal objectivo.

Outro conjunto de produções cerâmicas, igualmente ditas industriais, são os pesos de tear. Trata-se de placas de barro sub-retangulares, possuindo em geral quatro furos cilíndricos junto dos vértices, feitos na pasta mole. A atribuição da referida funcionalidade tem sido muito discutida. Contudo, a existência, tanto de paralelos arqueológicos, como actuais, justifica a atribuição indicada, a par de evidências observadas nas próprias peças. Assim, dos quatro furos nelas existentes, apenas dois possuem – quando possuem – traços de utilização, indicando a suspensão a partir de um dos lados menores: é o caso dos exemplares da Fig. 99, nº. 2 e da Fig. 121, nº. 14, a que se somam outras ocorrências, já pertencentes à Camada 2 e, como tal, adiante estudadas.

Por outro lado, registou-se um exemplar cuja extremidade conservada apenas regista duas perfurações incompletas, indiciando que era apenas a extremidade oposta que se afigurava funcional (Fig. 93, nº. 3). Esta situação não é rara, dado que em outros povoados calcolíticos estremenhos ocorrerem exemplares com apenas duas perfurações num dos lados menores, o que remete para a funcionalidade proposta (CARDOSO & CARREIRA, 2003). Com efeito, a alternativa, postas de parte outras, actualmente com simples interesse histórico, seriam a de tais peças serem utilizadas como placas de fiação, ou “pranchetas de tecelagem”, hipótese colocada pela primeira vez em Portugal, a propósito de exemplares recolhidos no povoado calcolítico do Penedo (Torres Vedras), por K. Spindler (SPINDLER & TRINDADE, 1970). Contudo, neste caso, as placas são em geral muito mais finas, de osso, madeira, ou mesmo de couro ou cartão. As semelhanças destas placas de barro com as “pranchetas de tecelagem” são meramente formais, e, neste caso, seria natural que todos os quatro furos, por serem usados em simultâneo, possuíssem idênticas marcas de desgaste, o que, como se referiu, não se verifica. Por outro lado, importa sublinhar que estas peças, dada a sua espessura e peso significativos, não se podem comparar, em termos de manuseabilidade, às finas placas de tecelagem acima referidas. Deste modo, embora a prudência aconselhe a adopção da designação genérica de “elementos de tear”, parece não existirem dúvidas quanto à sua utilização específica como pesos de teares verticais.

Apresentam-se em geral lisos; apenas um exemplar, proveniente da camada em apreço, se apresenta sumariamente decorado por linhas serpentiformes (Fig. 93, nº. 2), exceptuando o fragmento profusamente decorado publicado anteriormente, pertencente à colecção do Escultor Álvaro de Brée (CARDOSO, 1981, Est. XXIII, nº. 298).

Ausentes na Camada 4, estão representados por apenas oito exemplares, quase sempre fragmentados, na Camada 3 (Fig. 75, nº. 8 e 9; Fig. 93, nº. 2 e 3; Fig. 99, nº. 2, 3 e 4 e 121, nº. 14). Esta escassez, que se mantém na Camada 2, como adiante se verá, contrasta com a imponência do povoado e, também com a abundância de outras produções cerâmicas, evidenciadas pela presente publicação. Tal realidade leva a concluir que a tecelagem não terá sido actividade doméstica importante em Leceia, ao contrário da situação vigente em outros povoados da Estremadura, os quais, apesar da sua menor importância, forneceram um número muito superior de tais peças, onde são frequentes os exemplares decorados, como é o caso do povoado do Outeiro de São Mamede, Bombarral e do Outeiro Redondo, Sesimbra (escavações inéditas dirigidas pelo signatário). Em povoados de idêntica ou ainda mais evidente expressão, como Vila Nova de São Pedro, tais placas são muito numerosas e frequentemente decoradas (PAÇO, 1940).

Ainda dentro das cerâmicas ditas industriais, se inclui o único fragmento de cadinho de fundição encontrado em Leceia. Apesar de a ocorrência de peças metálicas ser quase exclusiva da Camada 2, reportam-se à Camada 3 escassos cinco exemplares de artefactos de cobre, o que poderá dar consistência à atribuição àquela camada deste fragmento de cadinho, o qual desde já se publica, sem prejuízo de um estudo mais desenvolvido sobre a distribuição espacial e estratigráfica dos testemunhos metalúrgicos, tendo em vista a identificação de áreas funcionais. A ser assim, trata-se de

vestígio inequívoco da existência, em Leceia, de práticas metalúrgicas no decurso do Calcolítico Inicial, realidade que até ao presente não tinha sido identificada, o que não contraria a conclusão, já anteriormente apresentada, de a metalurgia só se ter verdadeiramente desenvolvido neste, como em outros povoados calcolíticos estremenhos, no Calcolítico Pleno (CARDOSO, 1998). O fragmento em causa (Fig. 85, n.º 10) apresenta, como é frequente noutros casos, como em exemplares de Vila Nova de São Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945, Lám. XXVIII, n.º 4) e Pedra de Ouro (PAÇO, 1966, Fig. 13, B), um pé cilíndrico achatado, destinado a manter a estabilidade do cadinho no decurso das operações metalúrgicas. A superfície interna é côncava, com o fundo plano, e apresenta-se de coloração cinzento-esverdeada, contrastando com a coloração rosada da face externa. Tal diferença deve relacionar-se com a utilização do objecto, apesar de não se verificar quaisquer vestígios macroscópicos aderentes de cobre.

Enfim, deve sublinhar-se a completa ausência nesta camada de vasos de paredes perfuradas, vulgo “cinchos”, os quais são exclusivos da Camada 2.

Ao Calcolítico Inicial, fase cultural correspondente à Camada 3, definida tanto estratigráfica como arqueograficamente, especialmente através das cerâmicas acima caracterizadas nos seus traços mais gerais, correspondem três fases construtivas, respectivamente a segunda, a terceira e a quarta fases. Na segunda, reportável logo aos primórdios do Calcolítico Inicial, assiste-se à construção de um grandioso dispositivo defensivo, articulado em três linhas muralhadas, de planta arqueada e sub-paralelas, defendidas e reforçadas exteriormente por bastiões semicirculares, em geral ocos, cuja planta simplificada corresponde à apresentada nas figuras onde se assinalaram, sucessivamente, os locais de recolha dos exemplares figurados. Tal programa, que terá sido efectuado em curto intervalo de tempo, reflecte uma concepção prévia da forma como se pretendia ocupar o espaço disponível, de acordo com um plano rigorosamente levado à prática. O resultado obtido, é formalmente comparável a outros sítios fortificados do território português, a começar pelos dois mais notáveis e próximos paralelos, igualmente pertencentes ao distrito de Lisboa, o povoado pré-histórico de Zambujal (Torres Vedras) e o de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), cujo evidente "ar de família" denota realidades comparáveis, extensíveis a todo o rico território da Estremadura portuguesa (JORGE, 1994, CARDOSO, 2004 a, 2006).

Observam-se claramente as preocupações defensivas presentes no espírito dos construtores, ao fecharem, através das três linhas muralhadas, a plataforma, do lado em que ela se apresentava mais vulnerável, tirando partido da existência, dos dois outros lados (sul e nascente), de uma escarpa natural, que atinge em geral cerca de 10 m de altura, e que delimitava a plataforma habitada, constituindo esporão debruçado sobre o vale da ribeira de Barcarena.

A mesma realidade transparece na fase construtiva seguinte, correspondente no plano das construções defensivas, a reforços e melhorias introduzidas na eficácia dos panos de muralha, dos torreões maciços e dos bastiões pré-existentes.

Tais reforços correspondem em geral ao alargamento da base daquelas estruturas através da colocação de grandes blocos justapostos aos respectivos paramentos externos, como se verifica no grande torreão maciço que assegura a união da segunda à primeira linha muralhada; em dois bastiões da primeira linha defensiva; e em outro bastião da terceira e mais interna das linhas defensivas, entre outros. Os acrescentos observados no embasamento destas estruturas, destinavam-se ao respectivo alteamento. Assim se garantia uma maior eficácia das suas funções defensivas, necessidade sentida no decurso da sua vida útil. Situação idêntica se observa na entrada principal da segunda linha defensiva; com efeito, o seu comprimento do lado poente foi prolongado, tendo por objectivo, com o aumento assim obtido, a melhoria da sua eficácia defensiva; tal situação encontra-se particularmente evidenciada pelo contraste oferecido pelos diferentes tipos de aparelhos construtivos utilizados na construção e ulterior acrescento.

O dispositivo defensivo estava então no seu apogeu e máxima operacionalidade, não podendo ser entendido sem considerar as estruturas de índole estritamente habitacional que eram por ele protegidas. Entre todas as identificadas nesta terceira fase construtiva, avulta grande cabana de planta circular, munida de entrada voltada a poente, possuindo ao centro uma lareira estruturada, situada na zona melhor defendida do povoado. Assim sendo, a evidente qualidade construtiva e arquitectónica desta unidade habitacional pode ser relacionada com o local privilegiado, em termos

defensivos, onde se implanta, por detrás da terceira linha muralhada. Deste modo, estar-se-á em condições de entrever, no seio da numerosa população instalada em Leceia no Calcolítico Inicial, um esboço de diferenciação social intracomunitária, o qual, como é sabido, se acentuou ulteriormente, no decurso da Idade do Bronze.

Outra evidência da complexificação social que transparece desta e de outras fortificações calcolíticas estremenhas é o facto de elas revelarem a existência de planos arquitectónicos gerais que foram objectivamente levados à prática, tendo presentes os próprios condicionalismos impostos pela topografia pré-existente. Isso lhes confere o mesmo "ar de família", já assinalado em trabalhos anteriores (Cardoso, 1999/2000), pressupondo a existência de um determinado segmento da comunidade que sabia exactamente o que construir e como construir. Esta realidade encontra-se igualmente denunciada pelos sucessivos reforços, os quais respeitaram também programas gerais, que interessaram todo o dispositivo defensivo, objecto assim de renovações periódicas, internamente coerentes e articuladas entre si.

É, igualmente, aquela realidade que transparece da última fase construtiva do Calcolítico Inicial (Fase 4). Continuou-se a melhorar a eficácia defensiva de todo o dispositivo defensivo, agora com uma inovação que parece corresponder a uma revolução nos seus próprios conceitos: trata-se da construção de muros radiais, desenvolvendo-se perpendicularmente aos traçados das linhas muralhadas, segmentando deste modo o espaço intramuros, por estas últimas definido. É o caso dos dois muros paralelos, definindo ambos os lados de um caminho que atravessava transversalmente o espaço intramuros entre a segunda e a terceira linhas muralhadas.

Estas remodelações conotadas com a quarta fase construtiva, do final do Calcolítico Inicial, foram mais intensas e profundas que as correspondentes à fase anterior.

Do ponto de vista estritamente habitacional, certas cabanas aproveitaram paramentos interiores de panos de muralha pré-existent, aos quais se encontram adossadas.

É possível que, tal como o verificado na transição do Neolítico Final para o Calcolítico Inicial, também tenham ocorrido diversos períodos de abandono, ao menos parciais, no decurso do Calcolítico Inicial e na transição deste para o Calcolítico Pleno. Com efeito, os resultados das análises polínicas efectuadas por João Pais, evidenciaram a presença, nos depósitos argilosos que caracterizam a Camada 3, de pólenes de plantas compatíveis com o abandono de campos agricultados, a par de escassez de arbóreas, o que poderá corporizar a existência de curtos períodos de abandono, aliás corroborados pela formação da correspondente camada. Note-se que esta camada se encontra particularmente bem representada nas zonas mais baixas e deprimidas do povoado pré-histórico, favoráveis à acumulação de sedimentos e de materiais arqueológicos, entre os quais os fragmentos de produções cerâmicas agora estudados. Prova de que existiram momentos de abandono anteriores ao do final do Calcolítico Inicial – que, repita-se, podem não ter sido totais – é o facto de algumas estruturas habitacionais da quarta fase construtiva se encontrarem fundadas em tal camada, acumulada em locais propícios. Infelizmente, não foi possível explorar em extensão este depósito, por limitações impostas pelas estruturas que nele se encontravam fundadas.

É ainda à derradeira fase construtiva do Calcolítico Inicial que se reportam diversas unidades arquitectónicas de carácter comunitário, como os embasamentos de eiras, de que se reconheceram três exemplares. É interessante referir que todos eles se encontram no interior do espaço defendido, facto elucidativo do clima de instabilidade social então vigente.

Outra estrutura comunitária corresponde a caminho lajeado, em parte sobreposto à grande cabana circular já referida. Este caminho estruturado, além de constituir caso único na pré-história portuguesa, tem a particularidade de ser munido de vários degraus, para vencer o declive existente do lado meridional do povoado, conectando duas entradas existentes, respectivamente, na primeira e na segunda linhas defensivas, permitindo o acesso directo à ribeira de Barcarena.

Finalmente, existem estruturas que, pela sua extensão, integram também uma utilização comunitária. Reportável à fase construtiva em apreço, destaca-se a existência de uma vasta superfície lajeada, do lado poente do recinto muralhado, logo por detrás da primeira linha defensiva. Tal superfície poderia desenvolver-se a céu aberto, mas é também possível

que o espaço fosse coberto. A sua utilização poderia ser múltipla, como a reunião de pessoas e de gado em situações de maior conflitualidade.

As rápidas referências às estruturas arquitectónicas pertencentes ao Calcolítico Inicial permitem uma melhor integração das produções cerâmicas coevas, as quais, pela sua qualidade, a par da evidente padronização de formas e de motivos decorativos, são conformes ao momento de apogeu que o local então conheceu, tão bem expresso pela imponente e complexa fortificação construída e habitada, ao longo de cerca de 300 a 400 anos, entre cerca de 2900/2800 e 2600/2500 cal BC.

4.4 – Materiais cerâmicos da Terceira Fase Cultural (Calcolítico Pleno)

O Calcolítico Pleno, do ponto de vista da cultura material, encontra-se claramente definido pelas produções cerâmicas a seguir caracterizadas, associadas à Camada 2 da sequência estratigráfica geral. Como atrás se referiu, é provável que entre as últimas construções do Calcolítico Inicial e a ocupação do Calcolítico Pleno, a que corresponde a 5ª e última fase construtiva, tenha havido uma fase de abandono do sítio, a que corresponderia período de erosão, de remobilização e de redeposição de materiais, corporizados pela Camada 3. Com efeito, sobre esta camada de matriz argilosa, desenvolve-se depósito caracterizado pela presença dominante de blocos calcários de acentuada heterometria, cujos espaços intermédios se encontram preenchidos por material terroso solto, com raízes, e de coloração castanho-anegrada. As suas características contrastam, pois, de forma evidente, com as da Camada 3, o mesmo se verificando quanto ao respectivo espólio arqueológico, com destaque para a cerâmica. Com efeito, é nesta camada que ocorrem, de forma dominante, as decorações ditas "em folha de acácia" e "em crucífera" características do Calcolítico Pleno da Estremadura. A sua distribuição no contexto da área construída limita-se à zona nuclear do povoado, correspondente à parte mais alta da plataforma, entre a segunda e a terceira linhas muralhadas, embora a sua presença tenha sido identificada também, mas de forma mais ténue, em outras áreas escavadas, entre a primeira e a segunda linhas defensivas. Nalguns casos, foi possível definir níveis de ocupação, com materiais fragmentados "in situ", entre os quais um grande esférico, decorado com os característicos padrões em "folha de acácia" e em "crucífera", em torno da abertura (Fig. 6).

Pode, pois, concluir-se, face à distribuição da referida camada, também expressa pela das cerâmicas decoradas nela contidas, a seguir caracterizadas (Fig. 124) que, no decurso do Calcolítico Pleno, se verificou contracção do espaço ocupado, com a conseqüente diminuição do número de habitantes do povoado, ao mesmo tempo que as estruturas defensivas atingiam um nível de degradação quase total: é isso que sugere a presença dominante de blocos calcários na constituição da referida camada, resultantes da sua destruição (natural ou, nalguns casos, também intencional) até o respectivo embasamento.

As características gerais dos materiais cerâmicos recolhidos na Camada 2 são claramente diferentes das observadas nos materiais da Camada 3. A ocorrência de fragmentos pertencentes a produções típicas desta última, como "copos" e taças caneladas pode explicar-se pelos mesmos mecanismos, já antes invocados, para interpretar a ocorrência de materiais das Camadas 2 e 4 na Camada 3. Deste modo, não se voltará a discutir este assunto, sem prejuízo de se reafirmar que, fora os casos de mistura de materiais por causas naturais ou decorrentes da própria escavação, a coexistência entre produções distintas é sempre hipótese a reter. Tal hipótese pressupõe que a substituição de certas produções por outras se tenha feito de forma gradual, e não numa linha estritamente evolutiva, segundo a qual se daria a substituição, de forma linear e absoluta, dos antigos pelos novos fabricos. Claro que a hipótese da substituição progressiva, de modo difuso de antigas por novas produções, implica a existência de formas híbridas, ou de transição, que de facto se podem observar em alguns casos. É pela caracterização destes casos que se iniciará o estudo dos materiais cerâmicos da Camada 2.

Na Fig. 128, nº. 2, 3, 5 a 7, 10, 11 e 15, representam-se bordos de recipientes formalmente idênticos aos “copos” do Calcolítico Inicial, mas ostentando, relativamente a estes, ligeiras diferenças. Com efeito, os lábios apresentam-se, nos casos dos exemplares mais finos, ligeiramente espessados – o que jamais se verifica nos “copos” canelados – e as paredes possuem ligeira curvatura, o que também contraria o observado naqueles. Por outro lado, ocorrem exemplares de fabrico mais grosseiro (Fig. 128, nº. 10 e 11), com pastas que em nada se distinguem das restantes produções cerâmicas, e com paredes mais espessas, aspectos que também não ocorrem nos “copos”, caracterizados por barros muito bem depurados, conduzindo ao fabrico de recipientes com paredes de grande dureza e fina espessura. Tais diferenças formais são acompanhadas por decorações muito distintas das patenteadas nos “copos” do Calcolítico Inicial. Com efeito, as clássicas decorações caneladas, encontram-se substituídas por espinhados verticais ou horizontais, cuja conjugação origina padrões em zigue-zague, obtidos por curtas incisões arrastadas ou impressões. Estas últimas têm nos motivos em “folha de acácia” e em “crucífera” a sua expressão mais acabada, corporizada no fragmento da Fig. 128, nº. 10, tendo em conta que tais motivos jamais ocorrem nos “copos” canelados. Deste modo, pode admitir-se que o abandono do fabrico dos “copos”, foi acompanhado pela produção recipientes que, embora conservando algum “ar de família”, não se confundem com eles, desconhecendo-se se em continuidade ou não. Para obter resposta a esta questão, seria necessário ter a certeza que a presença de alguns exemplares destas produções tardias afins dos “copos” encontradas na Camada 3 não resultou de misturas com materiais da Camada 2. Com efeito, os escassos exemplares deste tipo dados como provenientes da Camada 3 (Fig. 55, nº. 13; Fig. 117, nº.8; Fig. 121, nº.11), os quais foram já anteriormente valorizados nesta óptica, podem não ser suficientes para garantir uma efectiva contemporaneidade com os “copos” canelados dela característicos. Aos fragmentos aludidos da Fig. 128, outros se poderiam juntar, oriundos da Camada 2; é o caso dos exemplares de recipientes formalmente identificados como “copos”, de produções mais ou menos grosseiras – em via de regra, mais grosseiras que as do Calcolítico Inicial, ostentando padrões característicos do Calcolítico Pleno: Fig. 130, nº. 10 e 15; Fig. 136, nº. 15; Fig. 140, nº. 24; Fig. 136, nº. 16; Fig. 140, nº. 21 e 23; Fig. 142, nº. 2; Fig. 150, nº. 9, 12 a 21 e 24; Fig. 158, nº. 21; Fig. 160, nº. 1 a 4; Fig. 166, nº. 13 e 14; Fig. 168, nº. 14; Fig. 170, nº. 1; Fig. 174, nº. 11; Fig. 180, nº. 8 e 10; Fig. 190, nº. 16; Fig. 216, nº. 3 e 4; Fig. 220, nº.19; Fig. 228, nº. 6 e 8; e Fig. 230, nº. 13.

Certos padrões, ao ocuparem a parte central dos recipientes, formando bandas horizontais, lembram as decorações que, nos “copos” do Calcolítico Inicial, apresentam idêntico desenvolvimento (Fig. 160, nº. 1), enquanto outros apresentam uma distribuição vertical, em métopas, conjugadas com faixas horizontais (Fig. 150, nº. 17 e 24).

É interessante observar, em diversos fragmentos de copos grosseiros, a presença de faixa reticulada (Fig. 200, n. 3; Fig. 210, nº. 7; Fig. 220, nº. 20) abaixo do bordo, bem como a presença de losangos preenchidos interiormente com idêntico motivo (Fig. 150, nº. 10), o qual é muito comum em outras produções do Calcolítico Pleno.

Caso particular é o do copo grosseiro que apresenta, em associação, diversos motivos decorativos incisos: espinhados, faixas reticuladas abaixo do bordo e losangos dispostos horizontalmente, que corporiza a síntese de diversos padrões característicos do Calcolítico Pleno, numa forma herdada de época anterior (Fig. 224, nº. 11), situação que também transparece em outros tipos de recipientes, como o esférico alto da Fig. 228, nº. 13.

Um outro fragmento de “copo” grosseiro, exhibe triângulos preenchidos interiormente por unhadas (Fig. 204, nº. 15), padrão impresso sem paralelo e que representa recorrência de antecedentes do Neolítico Antigo.

A estes recipientes, juntam-se as taças decoradas recolhidas na Camada 2, que, ao associarem decorações caneladas e em “folha de acácia” e “crucífera”, parecem encontrar-se também na sequência evolutiva das taças caneladas do Calcolítico Inicial (Fig. 140, nº. 24; Fig. 142, nº. 9; Fig. 184, nº. 16; Fig. 190, nº. 15), reforçando a hipótese de continuidade existente entre as taças caneladas por bandas abaixo do bordo e as agora decoradas com tais padrões, por vezes em associação, a que se juntam as faixas horizontais de reticulados (Fig. 226, nº. 3). Esta continuidade, indiciada pelos elementos aludidos, foi já anteriormente considerada, valorizando-se as taças com padrões geométricos canelados como podendo corporizar tal transição, paulatina e sem soluções de continuidade, entre a ocupação do início e do pleno

Calcolítico.

Alguns esféricos (Fig. 190, n.º 12; Fig. 210, n.º 5), de fina espessura, são claramente afins das taças em calote e encontram-se também representados com decorações em “folha de acácia”.

Em conclusão: parece bem ilustrada a existência de continuidade entre as produções de cerâmicas decoradas entre o Calcolítico Inicial e o Calcolítico Pleno, tornando-se, nestes termos, pouco relevante a questão de procurar explicação para a presença de produções típicas do Calcolítico Inicial nos contextos do Calcolítico Pleno – ou vice versa – designadamente recorrendo à hipótese de continuidade das produções ou a fenómenos naturais, de natureza sin ou pós deposicional, para já não falar das misturas mecânicas decorrentes da própria escavação, ou da interpretação estratigráfica; todos estes aspectos foram já devidamente discutidos e valorizados nas páginas anteriores.

A ocorrência de escassos bordos denteados na Camada 2 a par de outros elementos decorativos característicos do Neolítico Final deve-se, naturalmente, a qualquer das causas naturais aludidas, ilustrando a intensidade que os fenómenos de erosão, transporte e deposição atingiram na plataforma rochosa de Leceia, aliás facilmente explicáveis devido à sua exposição e topografia.

A presença de “copos” canelados e de taças caneladas simples, ou associadas a decorações caneladas geométricas, bem como as taças de bordo espessado (“almendrado”) decoradas na parede interna, em tudo idênticas às da Camada 3, se bem que insistente, é, contudo, pouco relevante face à notória dominância das produções típicas do Calcolítico Pleno, minoritárias na referida camada. Agora, na Camada 2, são estas últimas que predominam. Entre as mais comuns, avultam os recipientes esféricos, de abertura por vezes reentrante face à largura máxima dos recipientes, atingida na parte superior do bojo, profusamente decorado. Os padrões decorativos são notavelmente constantes: profundos sulcos concêntricos, em torno do bordo, que podem resumir-se a um ou multiplicar-se, os quais podem ocorrer isoladamente, ou delimitar áreas decoradas por triângulos em posição normal (jamais invertidos), preenchidos interiormente por linhas oblíquas da direita para a esquerda (indício de dextrismo); impressões em “folha da acácia” ou em “crucífera”, incisões em espinhados longitudinais, reticulados ou faixas de losangos dispostos horizontalmente, preenchidos interiormente por finos reticulados, contam-se entre os motivos recorrentes. Tais padrões desenvolvem-se em faixas alternando com áreas não decoradas, sempre delimitadas por profundos sulcos, até à parte média do bojo (e tantos são os exemplos ilustrados, que se dispensa a indicação de cada um deles em particular).

Importa, no entanto, sublinhar a assinalável variedade das impressões que estão na origem dos dois padrões mais característicos do Calcolítico Pleno da Estremadura, desde curtos e pequenos folíolos presentes nos recipientes de menores dimensões (taças) até aos profundos folíolos produzidos com matriz (haste de madeira polida, pequeno seixo alongado ou bordo regularizado de concha), por vezes de dimensões notáveis, como o fragmento da Fig. 204, n.º 16.

A ocorrência de recipientes de outras tipologias e de menores dimensões, como as taças e os “copos” grosseiros com decorações análogas às anteriores, explica-se pelas distintas funções que desempenhavam na vida quotidiana: enquanto os vasos esféricos, especialmente os de maiores dimensões deteriam, sobretudo, funções de armazenamento (daí serem frequentemente designados por “vasos de provisões”), já as taças e os “copos” grosseiros atrás caracterizados teriam funções ligadas à preparação e consumo das refeições, incluindo líquidos.

Além dos grandes vasos esféricos, com pesadas decorações, identificaram-se outros, de menor tamanho, já presentes na Camada 3, onde os padrões decorativos, de carácter geométrico (espinhados, reticulados), não incluem a “folha da acácia” nem a “crucífera”. É lícito, pois, considerá-los com origem anterior à daqueles, encontrando-se representados, entre outros, pelos fragmentos das Fig. 130, n.º 3; 140, n.º 15 e 18; Fig. 204, n.º 2. Contudo, existem pequenos recipientes esféricos que possuem aqueles motivos (Fig. 214, n.º 13), ou motivos deles seguramente coevos, como os losangos ou quadrados preenchidos interiormente por reticulados (Fig. 128, n.º 1; Fig. 204, n.º 14). Desta forma, pode concluir-se que os grandes esféricos comuns no Calcolítico Pleno responderam, simplesmente, a uma necessidade de armazenagem, a qual se pode conectar com a intensificação económica que caracterizou todo o 3.º Milénio BC na Estremadura. A introdução, na panóplia doméstica, destes grandes recipientes não invalidou a

continuação do fabrico de recipientes de menor capacidade, embora de idêntica forma, produzidos desde o Calcolítico Inicial, cujas funcionalidades eram distintas.

Caso particular é a associação de cordões em relevo a decorações incisivas ou impressas. Trata-se de fenómeno de recorrência, já que na estação do Neolítico Antigo evolucionado de Carrascal, situada a cerca de 700 m de distância, se identificaram motivos idênticos (escavações inéditas de J. L. Cardoso).

Estas novas produções são exclusivas do Calcolítico Pleno. Tratam-se de fragmentos que, quando a forma é determinável, pertencem a esféricos, de tamanho médio, muito menores que os grandes “vasos de provisões” deles coevos, e de fino acabamento. O cordão em relevo que alguns ostentam apresenta-se via de regra decorado com finas incisões oblíquas, de ambos os lados, convergentes na parte mais proeminente do cordão, enquanto a decoração nas zonas adjacentes associa a técnica canelada, através de sulcos concêntricos, com a incisiva, representada por espinhados em zigue-zagues, em torno da abertura dos recipientes, ou por quadrados ou losangos preenchidos interiormente por reticulados; noutros casos, é o próprio cordão que acompanha o bordo dos vasos, delimitando inferiormente um campo, preenchido por reticulado inciso, por vezes também estendido ao espaço entre o bordo e o cordão relevado (Fig. 140, n.º 20; Fig. 168, n.º 16; Fig. 174, n.º 10; Fig. 206, n.º 7; Fig. 230, n.º 9). É curioso verificar-se a ausência em qualquer destes fragmentos dos padrões “folha de acácia” ou “crucífera”. Outra característica observada em alguns exemplares corresponde à existência de um rebaixamento da superfície externa, produzido por adelgaçamento da espessura da parede, limitado por um chanfro, circunscrevendo-se a decoração à zona mais proeminente (Fig. 130, n.º 16; Fig. 142, n.º 5; Fig. 182, n.º 6 e Fig. 216, n.º 13). Os fragmentos mencionados pertencem a vasos de pequenas dimensões e excelente acabamento sendo naturalmente de uso reservado no contexto das actividades quotidianamente desenvolvidas no espaço habitado. Contudo, o mesmo princípio decorativo foi observado num fragmento de grande vaso esférico, dispondo-se o padrão em “folha de acácia” verticalmente (Fig. 160, n.º 10).

A associação de decorações plásticas e incisivas encontra-se também expressa em fragmento de características únicas, cuja decoração é constituída por protuberâncias estreitas e alongadas, dispostas verticalmente, limitadas inferiormente por banda de traços oblíquos (Fig. 230, n.º 6).

Outra realidade que importa valorizar respeita à ocorrência de decorações incisivas, obtidas pela aplicação de um pente; três dos escassos fragmentos identificados em Leceia, foram já objecto de estudo específico (CARDOSO, 1995). Os exemplares identificados provêm exclusivamente da Camada 2 e encontram-se reproduzidos nas Fig. 130, n.º 4 e 19; 132, n.º 3 e 4; Fig. 150, n.º 22, 25 e 26; Fig. 154, n.º 5; e Fig. 182, n.º 2. Quando a forma dos vasos é determinada, é o “copo” que se encontra representado. Em exemplar já publicado (Fig. 182, n.º 2), encontra-se associada a técnica incisiva à impressa, ambas com recurso ao pente, ora deslizando sobre a superfície fresca do exemplar, ora aplicado perpendicularmente a ela. Os padrões obtidos apresentam-se representados por faixas onduladas ou rectilíneas, horizontais e verticais, possuindo paralelos em produções da área setentrional da Estremadura, como o Outeiro de São Mamede, Bombarral (CARDOSO & CARREIRA, 2003) e Pragança, Cadaval (GONÇALVES, 1991). Abundantes naquelas duas estações, a sua presença rarefaz-se mais para sul, sendo vestigiais na Baixa Estremadura onde, além de Leceia, foram detectados no povoado calcolítico fortificado da Penha Verde (CARDOSO 1995). Tal situação evidencia as nítidas afinidades setentrionais destas produções cerâmicas, características do Calcolítico do Norte de Portugal.

Estes exemplares, por apresentarem decoração mista incisiva e impressa, mostram estreitas afinidades com os fragmentos que apresentam decorações exclusivamente impressas produzidas com as extremidades dos dentes do referidos pentes para cerâmica. É o caso dos fragmentos das Fig. 224, n.º 9 e 12; ambos possuem, em exemplares do Outeiro de São Mamede, paralelos muito próximos (CARDOSO & CARREIRA, 2003, Fig. 51, n.º 1 e 2). Esta realidade, que se estende a outras produções cerâmicas decoradas, como os copos grosseiros do Calcolítico Pleno (compare-se, por exemplo, a decoração barroca do exemplar da Fig. 224, n.º 11, já anteriormente referido, com os exemplares análogos do Outeiro de São Mamede reproduzidos no trabalho acima citado, na Fig. 54, n.º 1 e 2), evidencia as ligações económico-culturais estabelecidas entre os correspondentes povoados, sendo-lhes comum a decoração em “folha de

acácia” e “crucífera”.

Além das decorações impressas produzidas por pente, ou por unhas impressas, presente no fragmento atrás mencionado, reconheceu-se, na Camada 2, o uso da técnica impressa para a obtenção de outros motivos decorativos. A situação mais comum consiste na aplicação oblíqua de uma ponta romba, produzindo depressões curtas e assimétricas, espaçadas regularmente, preenchendo campos delimitados por linhas incisivas (Fig. 130, n.º 11; Fig. 176, n.º 3 e 4; Fig. 216, n.º 17; Fig. 228, n.º 9). Contudo, não se deve valorizar exageradamente o aparente arcaísmo deste padrão decorativo, para estabelecer a sua efectiva cronologia: outros padrões igualmente primitivos, como o repuxado produzido pela oposição do polegar e do indicador – técnica que remonta ao Neolítico Antigo – ocorrem seguramente em época avançada do Calcolítico, como em Leceia (Fig. 230, n.º 16) e no povoado da Penha Verde, Sintra, onde acompanham as produções campaniformes (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1993).

Noutros casos, as referidas impressões apresentam contorno circular, em resultado da extremidade do objecto ter actuado perpendicularmente à superfície a decorar (Fig. 132, n.º 10; Fig. 140, n.º 19).

Observaram-se ainda ténues depressões em calote, obtidas pela aplicação de uma ponta circular (Fig. 140, n.º 22), as quais também se encontram presentes ao longo da carena do fundo de um “copo” de grandes dimensões, representado na Fig. 194, n.º 6. A sua cronologia calcolítica não deixa, pois, quaisquer dúvidas.

Alguns vasos possuem a superfície fortemente estriada, devida a desgaste da sua espessura produzido por uma espátula. Contudo, é admissível aceitar que este efeito tinha intencionalidade, porque seria fácil, a partir dali, efectuar uma regularização e alisamento finais da superfície externa de tais recipientes; por isso, nos casos em que tal estriado é particularmente evidente, foi considerado como elemento decorativo (Fig. 176, n.º 15).

No capítulo das decorações exclusivamente plásticas, continuam a ocorrer, embora em escasso número, pequenos mamilos ou botões em relevo, desprovidos de carácter funcional: é o caso dos fragmentos das Fig. 194, n.º 2; Fig. 212, n.º 12; e Fig. 216, n.º 8.

Pegas simples ou perfuradas (Fig. 142, n.º 10) e outras protuberâncias alongadas, mais ou menos volumosas ou complexas, situadas sob o bordo, aproveitando a existência de carenas, perfuradas obliquamente ou no bojo dos recipientes, por vezes aos pares, certamente para a fixação de asas de fibras vegetais, foram igualmente transformadas em elementos de prensão mediante furacões horizontais ou verticais (Fig. 148, n.º 17; Fig. 168, n.º 10; Fig. 182, n.º 5; Fig. 190, n.º 6; Fig. 194, n.º 1; Fig. 208, n.º 8; Fig. 210, n.º 8 e 9; e Fig. 216, n.º 16).

Note-se que inúmeros recipientes, incluindo os grandes e médios esféricos de armazenamento, ostentam perfurações feitas pós-cozedura, em geral junto do bordo (Fig. 176, n.º 14; Fig. 184, n.º 6; Fig. 186, n.º 14; Fig. 208, n.º 4; Fig. 210, n.º 11; Fig. 214, n.º 5 e 7; Fig. 224, n.º 6 e Fig. 228, n.º 16, destinadas à suspensão dos mesmos, ou em alternativa à fixação de fibras que, servindo como asas, facilitassem o manuseio.

Deve assinalar-se pequena asa anular de cerâmica (Fig. 142, n.º 12), que, pelo facto de ser única, revela a escassez desta solução funcional no Calcolítico Pleno; a hipótese de se tratar de exemplar mais antigo não é provável, dada a raridade com que, tanto na Camada 4 como na Camada 3, elementos homólogos se encontram representados.

Certos elementos de formato tronco-cónico podem corresponder a ídolos cerâmicos (Fig. 190, n.º 7), à semelhança dos seus congéneres de calcário, também representados em Leceia por diversos exemplares. Relembre-se que a Camada 4 forneceu algumas destas peças, já publicadas (CARDOSO, 1997, p. 100), as quais não se devem confundir com fragmentos dos chamados “ídolos de cornos”.

No capítulo das cerâmicas ditas industriais, estão representados os elementos já observados na Camada 3, com a novidade de agora se juntarem fragmentos com paredes perfuradas (Fig. 7).

Trata-se de 25 peças, pertencentes a artefactos desprovidos de fundo. Apresentam a parede externa alisada, enquanto a parede interna é rugosa e irregular, característica acentuada ainda mais pela execução das inúmeras perfurações na pasta mole, feitas do exterior para o interior, provocando internamente saliências em torno de cada uma delas. É comum a atribuição funcional destes artefactos desprovidos de fundo a “cinchos”, relacionados com a produção de

derivados do leite, como o queijo. Afonso do Paço, reportando-se a exemplares do povoado fortificado da Pedra do Ouro, Alenquer, designa-os por “queijeiras” (PAÇO, 1966), termo que, embora expressivo, não se afigura correcto, porque se trata de elemento onde o queijo se conserva, mas nele não é produzido. Sobre os mesmos exemplares, as considerações apresentadas, no mesmo ano, por outros autores, citando Déchelette, afiguram-se muito mais correctas: “Supõe-se geralmente que a perfuração das paredes tinha algum objectivo relacionado com a produção de queijo (LEISNER & SCHUBART, 1966, p. 33). Com efeito, a hipótese de serem utilizados como crivos, não se afigura plausível, porque neste caso não existia razão para que não possuíssem fundo. Por outro lado, é igualmente de descartar a possibilidade da sua utilização na copelação da prata, como exemplares recolhidos na estação do Bronze Final da Quinta do Marcelo ou no povoado metalúrgico tartéssico de San Bartolomé de la Torre, Huelva, porque em ambos os casos tais recipientes possuíam fundo (CARDOSO, 2004 a), além de tal prática metalúrgica ser desconhecida no Calcolítico.

É muito importante sublinhar o facto de todos os 25 exemplares de “cinchos” recolhidos em Leceia provirem da Camada 2, por duas razões principais: primeiro, por assim se sugerir que as remobilizações ou misturas de materiais poderem não ter sido tão intensas como se poderia de início admitir: em caso contrário, mesmo aceitando que se tratariam de produções exclusivas da Camada 2, seria lícito encontrar alguns fragmentos pelo menos na Camada subjacente, o que não se verifica; depois, por assim se encontrar ilustrada a crescente diversificação e especialização das produções, no decurso do Calcolítico, corporizando um dos elementos da chamada “Revolução dos Produtos Secundários”, a qual se processou na Estremadura, como no resto do País, ao longo de todo o 3º. Milénio BC.

De notar que existem exemplares de paredes verticais e assinalável diâmetro (Fig. 162, nº. 12), enquanto a maioria exhibe paredes reentrantes e menor diâmetro, talvez correspondentes às partes inferiores dos correspondentes artefactos (Fig. 132, nº. 15; Fig. 162, nº. 7); tal conclusão é sugerida por um fragmento que, possuindo a parte superior quase vertical, encurva para a base, que, contudo, não se conservou (Fig. 232, nº. 2). O desconhecimento do formato completo de qualquer destas peças (existe apenas um exemplar completo por reconstrução do povoado fortificado da Pedra do Ouro, reproduzido pelos autores acima citados), levou a que não fosse possível diferenciar os fragmentos pertencentes à abertura superior e inferior de cada peça.

Exemplar único, por possuir perfurações no fundo, aplanado, e não nas paredes laterais (Fig. 194, nº. 10), sugere utilização distinta, talvez como filtro ou assador. Não se encontrou qualquer outro exemplar comparável, no contexto das produções calcolíticas do território português.

O segundo grupo das produções cerâmicas ditas “industriais” respeita aos pesos de tear; é curioso verificar que, encontrando-se já pobremente representados na Camada 3 por apenas oito exemplares, na Camada 2 esse montante decresce para seis exemplares, entre inteiros e fragmentados. Esta penúria confirma claramente que a tecelagem não era uma actividade significativa no espaço intramuros; a sua evidente dispersão é indicador seguro da existência de fenómenos de transporte e redeposição de materiais, pois que, em caso contrário, sendo os teares constituídos por número assinalável destas peças, seria legítimo encontrá-las agrupadas. Os exemplares da Camada 3 não se diferenciam tipologicamente dos recolhidos na Camada 2, não ocorrendo nenhum decorado. Alguns apresentam também traços de utilização em dois dos orifícios do mesmo lado, devido a suspensão, o que reforça a sua interpretação como verdadeiros pesos de tear, utilizando, contudo, de cada vez, apenas dois dos quatro orifícios (Fig. 132, nº. 17; Fig. 142, nº. 15; Fig. 162, nº. 1).

O terceiro grupo é constituído pelos suportes de lareira, apenas representados na Camada 2 por um exemplar incompleto (Fig. 232, nº. 2), o qual se insere no tipo com ambas as extremidades planas ou côncavas, representado na Camada 3 por uma peça completa, a que já anteriormente se fez referência.

Enfim, devem referir-se alguns exemplares únicos: é o caso de disco de barro (Fig. 218, nº. 6), de bordos bombeados, o qual pode ser interpretado no quadro destas cerâmicas industriais, não se afastando a hipótese de se conotar com a utilização dos “cinchos” para o fabrico do queijo, como tampa ou base. Um pequeno recipiente, muito irregular, de fundo plano (Fig. 162, nº. 2), parece descartar utilização doméstica; estaria também relacionado com práticas metalúrgicas,

constituindo um cadinho de ínfimas dimensões? Por último, um pequeno fragmento de cerâmica, de bordos desgastados pelo uso (Fig. 162, nº. 3), poderá ter sido aproveitado na olaria, como alisador da superfície do vasos fabricados, tendo em consideração que esta era uma actividade doméstica e a disponibilidade local da matéria-prima, constituída pelas margas argilosas do Cenomaniano inferior e médio.

A forte contracção da área ocupada em Leceia no decurso do Calcolítico Pleno, foi acompanhada pelo desinvestimento na edificação ou manutenção das muralhas e bastiões, os quais, então, se encontravam já parcial ou totalmente arruinados. Esta realidade não foi, ao contrário do que se poderia crer, acompanhada por declínio na qualidade ou quantidade das produções domésticas, bem pelo contrário: com efeito, parece ser nesta fase que a população sedeadada em Leceia atingiu o seu maior florescimento económico (CARDOSO, 2000), como é evidenciado pela presença de artefactos de cobre, cujo fabrico, atestado no povoado, só então se generaliza; outros indícios, já anteriormente valorizados, como a presença de “cinchos”, até então desconhecidos, mostram que a diversificação das produções, com a correspondente intensificação económica, estava então em fase de franca afirmação. Por outro lado, a presença de grandes espaços domésticos sugere que o investimento construtivo se transferiu para estes edifícios, de carácter comunitário, dadas as suas dimensões. São vários os identificados entre a segunda e a terceira linhas muralhadas. Apresentam plantas elipsoidais, com mais de 10 m de eixo maior, munidos de entradas, marcadas por soleiras tanto do lado externo como do interno (Fig. 28). Outras vezes, apresentam plantas de tendência sub-circular, sendo definidos por paredes constituídas por dois paramentos de blocos e enchimento intermédio de pedra miúda, como é mais frequente, ou simplesmente definidos por uma única fiada de blocos, que pressupõem paredes de entrançados vegetais recobertos de argila. Note-se que estas construções se implantam na própria camada de derrubes pedregosa, indício que os derradeiros habitantes viveriam literalmente sobre escombros e ruínas das antigas estruturas defensivas. Estas, quando ainda parcialmente de pé, poderiam constituir elementos construtivos aproveitáveis: é o que se verifica em diversas unidades habitacionais adossadas a estruturas defensivas pré-existentes. Noutros casos, estas unidades habitacionais assumiam carácter muito mais provisório, sendo denunciadas simplesmente por lajeados que forravam o seu interior, onde se implantava uma ou mais lareiras estruturadas de contorno sub-circular.

À última fase construtiva pertence uma estrutura de carácter comunitário de planta sub-circular e fechada, definida por pequenas lajes colocadas verticalmente. A sua integração nesta fase não deixa dúvidas pelo facto de se encontrar fundada na Camada 2. Inicialmente, poderia corresponder a um silo, entretanto abandonado e reaproveitado como lixeira: é o que indica o respectivo enchimento, com abundantes restos faunísticos e arqueológicos, incluindo produções cerâmicas características do Calcolítico Pleno, de mistura com alguns restos humanos, cujo estudo proporcionou interessantes conclusões (CARDOSO, CUNHA & AGUIAR, 1991). Tais restos correspondem a um número mínimo de três a quatro indivíduos, todos subadultos ou adultos e do sexo masculino, sugerindo a sua correspondência com elementos de um grupo atacante cujos sobreviventes não teriam merecido sepultura. Com efeito, a ocorrência de restos humanos em recintos domésticos como este, afasta-se claramente do padrão usual da época. Deste modo, embora a fortificação, tal como existiu até ao final do Calcolítico Inicial, cerca de 2600/2500 BC, tenha entrado em declínio, a existência de um clima de instabilidade social, com a ocorrência de confrontos armados não pode pôr-se de lado, no decurso do Calcolítico Pleno. Parece, pois, ser mais aparente que real a contradição entre a concentração de riqueza, tão bem corporizada pelas notáveis produções cerâmicas recolhidas na Camada 2 – muito superiores em quantidade e diversidade às da Camada 3 – e a ausência de preocupações defensivas. As produções cerâmicas da Camada 2, entre as quais se contam inúmeros recipientes de grandes dimensões, são, de facto, elucidativas quanto à acumulação de excedentes de produção então verificados. Parece, pois, verificar-se uma aparente dicotomia entre o evidente sucesso económico que caracterizou as populações do Calcolítico Pleno sedeadas em Leceia e o declínio da área ocupada, como decorre da sua retracção, então circunscrita ao núcleo central do povoado. Tal fenómeno foi acompanhado pela decadência do dispositivo defensivo, o qual se encontraria já em fase avançada, acompanhado pela degradação da qualidade das técnicas construtivas. Com efeito, tal degradação é já patente nas construções defensivas da última fase

construtiva do Calcolítico Inicial e, embora a qualidade das estruturas habitacionais seja em geral assinalável no Calcolítico Inicial, a sua qualidade decai, de forma evidente no Calcolítico Pleno, altura em que, na maioria dos casos, se limitam a lajeados, pressupondo paredes de materiais perecíveis, ou aproveitando, em alternativa, alguns troços das estruturas defensivas ainda de pé.

Qual a explicação para esta realidade, tão claramente observada? Significará que o clima de tensão social generalizado, com situações de conflito reais ou potenciais, conduziu a uma situação bloqueadora da plena afirmação das forças produtivas e, deste modo, a um colapso da própria sociedade calcolítica, tal como até então se encontrava estruturada (CARDOSO, 1998)?

O que importa reter é que a evolução do modelo demográfico aponta, cerca de meados do 3º. Milénio BC, para o declínio generalizado dos complexos dispositivos defensivos calcolíticos estremes, ao mesmo tempo que se verifica a multiplicação de locais abertos, desprovidos de defesas naturais, onde pontificam as cerâmicas campaniformes, cujas produções se concentram, invariavelmente, na parte superior das sequências estratigráficas definidas nos referidos sítios fortificados. Porém, tal evolução não foi acompanhada, como à primeira vista poderia parecer, por qualquer regressão na estrutura social herdada do Calcolítico Inicial. Ao contrário: é justamente na fase correspondente à plena afirmação das cerâmicas campaniformes, as quais conheceram a sua emergência ainda na primeira metade do 3º. milénio BC, que mais evidências se conhecem para a hierarquização social, denunciada pela presença de objectos de prestígio que incorporam, pela primeira vez, artefactos de ouro, a par da conhecida panóplia guerreira campaniforme, com pontas Palmela, braçais de arqueiro e punhais, que rapidamente evoluem para adagas e, no final, para as primeiras espadas curtas.

Também em Leceia se reconheceram importantes testemunhos da presença campaniforme, expressos por um notável conjunto de materiais, a que se juntam duas estruturas habitacionais, identificadas no exterior do recinto muralhado. Contudo, esses testemunhos já foram integral e exaustivamente publicados, pelo que não se voltará agora à discussão detalhada do seu respectivo significado (CARDOSO, 1997/1998; 2001; 2004 a; 2004 b).

A ocorrência das referidas produções, a que usualmente se faz corresponder o Calcolítico Final, encontra-se circunscrita à parte superior da Camada 2, do espaço intramuros, onde convivem com as últimas cerâmicas com decorações em “folha de acácia” e em “crucífera”. Esta realidade obriga a repensar a integração cultural das produções campaniformes, cuja génese deverá ser recuada até o Calcolítico Pleno, como aliás comprovam as datas de radiocarbono obtidas.

Na área intramuros, a dispersão das produções campaniformes é assinalável, dominando os recipientes decorados a pontilhado, vasos e çaçoilas com decoração em bandas ("herringbone", ou estilo "marítimo") e geométricas. No entanto, a importância de Leceia para a discussão do “fenómeno” campaniforme decorre, sobretudo, da existência de duas cabanas de planta elipsoidal cujo embasamento é definido por alinhamentos de blocos irregulares, ambas situadas na área extramuros à primeira linha muralhada (CARDOSO, 1997/1998). São as únicas cabanas campaniformes publicadas até o presente em Portugal.

A presença destas duas estruturas, que configuram a última etapa da Fase 5 construtiva suscitaram, nas publicações supra mencionadas, interessantes considerações de carácter económico e social. Os resultados das datas radiocarbónicas obtidas para as duas cabanas em apreço, onde as cerâmicas campaniformes constituíam a totalidade dos exemplares decorados, vem colocar de novo a questão do estatuto dos seus produtores e utilizadores primários, partindo do princípio de que a coexistência, numa determinada região, de culturas materiais diferentes, pode exprimir realidades culturais igualmente distintas. Por outras palavras, poderá ser admissível entrever grupos cultural e socialmente distintos no decurso do 3º. Milénio BC, com base na realidade material reconhecida em Leceia, agora sumariamente descrita? Esta realidade tem tanto mais interesse em ver discutida tendo presente que são as únicas unidades habitacionais implantadas extramuros. Tal realidade terá correspondência em uma efectiva diferenciação cultural dos seus ocupantes, face aos derradeiros habitantes do antigo recinto fortificado, ainda que deles coevos? Estes últimos, por

via das trocas entretanto estabelecidas com os portadores de cerâmicas campaniformes, teriam adquirido algumas das primeiras produções chegadas à região, por processos de difusão supra-regional cujos mecanismos ainda não estão claramente definidos, as quais, de facto, poderiam corresponder às produções encontradas na parte superior da Camada 2, na área intramuros.

No entanto, as análises mineralógicas em lâmina delgada até agora efectuadas, não permitiram evidenciar em quaisquer dos grupos tipológicos individualizados, quaisquer indícios de importações bretãs, apesar das evidentes semelhanças dos vasos "marítimos" existentes em ambas as regiões (CARDOSO, QUERRÉ & SALANOVA, 2005). Trata-se claramente de questão que importa ver mais detalhadamente discutida, mas em moldes diferentes dos utilizados em décadas passadas.

5 - Conclusão

Em Leceia, verificou-se uma rara reunião de circunstâncias favoráveis à plena valorização das evidências arqueológicas ainda conservadas no solo. Com efeito, foi possível efectuar, como em mais nenhum outro povoado estremenho, por circunstâncias que têm a ver com a época em que as escavações foram feitas e com os objectivos da investigação, à partida definidos, o estabelecimento de uma proposta coerente sobre a evolução do espaço edificado, articulando a estratigrafia e respectivo conteúdo artefactual – indispensável para o estabelecimento de uma sequência cultural específica – com a sucessão construtiva observada e, finalmente, com a cronologia absoluta relativa a cada uma das fases culturais assim definidas.

Verificou-se estreita concordância entre os diversos indicadores arqueográficos utilizados para o estabelecimento da sequência cultural, e, destes, com a cronologia absoluta obtida para as correspondentes camadas estratigráficas claramente identificadas no conjunto da estação arqueológica. Estes elementos são condizentes e confirmam em absoluto as informações que já se dispunham sobre o faseamento do Calcolítico estremenho, tanto de carácter estratigráfico, como ao nível da sequência artefactual. Assim, no povoado pré-histórico da Rotura, a sequência identificada (FERREIRA & SILVA, 1970) indica que a ocupação se terá iniciado nos finais do Calcolítico Inicial ou, mais provavelmente, nos primórdios do Calcolítico Pleno, enquanto no Alto do Dafundo se encontra apenas presente o Calcolítico Inicial (GONÇALVES & SERRÃO, 1978) e no Penedo o Calcolítico Pleno e Final, com produções campaniformes (SPINDLER & TRINDADE, 1970). Tais produções foram encontradas em associação estratigráfica com os derradeiros fabricos pré-campaniformes em Leceia, e também na Rotura, a que se poderá juntar o povoado da Penha Verde, Sintra, entre outros. Neste último, as unidades habitacionais forneceram outra prova directa da validade do faseamento cultural proposto, com base na cerâmica, ao evidenciar a completa ausência de cerâmicas caneladas (copos e taças), sendo exclusivas as decorações do grupo “folha de acácia” e “crucíferas”, associadas a produções campaniformes, dominadas pelas produções geométricas a pontilhado, incluindo o estilo “marítimo” (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958), configurando um momento terminal do Calcolítico Pleno.

A publicação exaustiva das cerâmicas decoradas recolhidas em Leceia, incluindo as cerâmicas ditas industriais vem, deste modo, completar o estudo já anteriormente realizado para as cerâmicas lisas, tanto do Calcolítico Inicial como do Calcolítico Pleno deste povoado pré-histórico, com base em análise estatística de amostragem significativa (CARDOSO, SILVA & SOARES, 1983/1984), também já realizada para o conjunto do Neolítico Final (CARDOSO, SILVA & SOARES, 1996).

As principais conclusões agora obtidas, devem ser encaradas como genéricas. Com efeito, a riqueza e diversidade de informação corporizada pela abundante iconografia ora publicada – que corresponde à reprodução da totalidade dos exemplares decorados recolhidos no decurso das vinte campanhas arqueológicas anualmente realizadas, entre 1983 e 2002, exceptuando aqueles que se afiguraram irrelevantes – permitirá futuros estudos específicos, que desenvolverão

aspectos particulares das produções, que agora não foi possível abordar. Por exemplo, os “copos”, entre outras produções específicas, carecem de estudo próprio, os quais podem ser feitos, no concernente a tamanhos, formas e decorações, a partir da presente informação, doravante à disposição de todos os interessados.

Concluindo: com a publicação deste estudo, considera-se ter cumprido mais um dos aspectos essenciais previstos no ambicioso Projecto de Investigação sobre Leceia, iniciado em 1983: a publicação integral dos resultados dos trabalhos realizados, através de monografias específicas, dedicadas a cada um dos conjuntos artefactuais recolhidos, sem prejuízo das publicações de síntese que, entretanto, vieram a lume sobre os resultados obtidos da exploração integral deste notável sítio arqueológico peninsular (CARDOSO, SILVA & SOARES, 1987; CARDOSO, 1989, 1994, 1997, 2000, 2003).

Agradecimento

O Autor agradece ao Dr. Isaltino Afonso Morais, Ilustre Presidente da Câmara Municipal de Oeiras os apoios, incentivos e confiança pessoal depositadas desde o início do seu primeiro mandato, no final do já longínquo ano de 1985, que tornaram possível a realização de vasto quanto ambicioso programa de investigação arqueológica, levado a cabo em Leceia, entre 1983 e 2002. Tal programa, concebido a longo prazo e que vem sendo metodicamente concretizado, está na origem de sucessivos estudos de carácter monográfico e de síntese já publicados, entre os quais o contributo ora publicado se insere.

Agradece-se, igualmente, os apoios concedidos pelo Instituto Português de Arqueologia, bem como pelos organismos seus antecedentes.

Bibliografia

- ARNAUD, J. M. (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 41-60.
- CARDOSO, J. L. (1979) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Nota prévia sobre a colecção de Álvaro de Brée. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 21 (2/3), p. 265-273.
- CARDOSO, J. L. (1980) – O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée (1ª. Parte). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 90, p. 211-304.
- CARDOSO, J. L. (1981) – O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée (2ª. Parte). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 91, p. 190-233.
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia – resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J. L. (1992) – Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Al-Madan*. Almada. Série II, 1, p. 23-26.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 164 p. (Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial).
- CARDOSO, J. L. (1995) – Cerâmicas decoradas a pente, do Calcolítico Pleno de Leceia (Oeiras) e da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 243-249.
- CARDOSO, J. L. (1996) – Estatuetas zoomórficas de terracota do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 91-106.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.

- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras, 128 p.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (1998) – Copper metallurgy and the importance of other raw materials in the contexto of chalcolithic economic intensification in Portuguese Estremadura. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 93-105.
- CARDOSO, J. L. (1998) – O povoado fortificado pré-histórico de Leceia (Oeiras), exemplo de desenvolvimento não sustentado na Estremadura no III milénio a.C. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 16, p. 97-110.
- CARDOSO, J. L. (2000) – *Sítios, pedras e homens. Trinta anos de Arqueologia em Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 191 p.
- CARDOSO, J. L. (2001) – Le phénomène campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado (Portugal). *Bell Beakers Today*. Colóquio Internacional (Riva dl Garda, 1998). Actas. Trento: Ufficio Beni Archaeologici, p. 139-154.
- CARDOSO, J. L. (2003 a) – *O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 70 p.
- CARDOSO, J. L. (2003 b) – Ainda sobre os impropriamente chamados “ídolos de cornos” do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste. *Al-Madan*. Almada. Série IV, 12, p. 77-79.
- CARDOSO, J. L. (2004 a) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).
- CARDOSO, J. L. (2004 b) – An interpretation of the Bell Beaker cultural sequence in the Tagus estuary region: data from Leceia (Oeiras). *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 6, p. 147-156.
- CARDOSO, J. L. (2006) – *Lisboa e Estremadura. A Pré-História recente e a Proto-História*. Tomar: CEIPHAR, 203 p. (Arkeos, 20).
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (2003) – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 97-228.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, I. Mendes da (2004) – O povoado do Bronze Final da tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1), p. 227-271.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1990/1992) – Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, p. 203-228.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1996) – Chronologie absolue pour le Néolithique et Chalcolithique de l'Estremadura portugaise - la contribution de Leceia. *Révue d'Archéométrie*. Rennes. Supplément 1996, p. 45-50.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1993) – Cerâmicas ungladas do povoado calcolítico da Penha Verde. *Al-Madan*. Almada. Série II, 2, p. 35-38.
- CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. Santinho & AGUIAR, D. (1991) – *O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 85 p. (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 2).
- CARDOSO, J. L.; QUERRÉ, G. & SALANOVA, L. (2005) – Bell beaker relationships along the atlantic coast. PRUDÊNCIO, M. I.; DIAS, M. I. & WAERENBORGH, J. C., eds. *Understanding people through their pottery. Proceedings of the 7th European Meeting on Ancient ceramics (EMAC' 03)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 27-31 (Trabalhos de Arqueologia, 42).
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1983/1984) – O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1ª. e 2ª. campanhas de escavação. *Clio/Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 41-68.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1987) – *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 24 p.

- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1996) – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 27-45.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1994) – Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico Final estremenho. *V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1993)*. Actas. Lisboa, 2, p. 69-78.
- FERREIRA, O. da Veiga & SILVA, C. Tavares da (1970) – A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969)*. Actas. 2, p. 203-225.
- FONTES, J. (1955) – Estação eneolítica de Liceia (Barcarena). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 65 (3/4), p. 341-352.
- GONÇALVES, J. L. M. & SERRÃO, E. da Cunha (1978) – O povoado do Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo – Linda-a-Velha. *III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1977)*. Actas. 1, p. 75-96.
- GONÇALVES, J. L. M. (1991) – Cerâmica calcolítica da Estremadura. *IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1990)*. Actas. Lisboa, p. 215-226.
- GONÇALVES, J. L. M. (1994) – Castro da Columbeira. Uma primeira fase do Calcolítico médio estremenho? *Al-Madan*. Almada. Série II, 3, p. 5-7.
- GONÇALVES, V. S. (2000/2001) – O trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3º. milénio no centro e sul de Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 53/54, p. 273-292.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- JORGE, S. Oliveira (1994) – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto. Série II, 11, p. 447-546.
- KUNST, M. (1987) – *Zambujal. Glockenbecher und kerblattverzierte keramik aus den grabungen 1964 bis 1973*. Madrid: Deutsches Archäologisches Institut, 367 p. (Madriider Beiträge, Band 5).
- KUNST, M. (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 257-287.
- LEISNER, V. & SCHUBART, H. (1966) – Die Kupferzeitliche befestigung von Pedra do Ouro/Portugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 7, p. 9-47.
- LEISNER, V. (1961) – Vasos eneolíticos decorados no interior. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (3/4), p. 407-428.
- PAÇO, A. do (1940) – Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro. Congresso do Mundo Português. *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História (Lisboa, 1940)*. Actas. Lisboa, 1, p. 235-251.
- PAÇO, A. do (1958) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. X – Campanha de escavações de 1956 (20ª.) (aditamento: campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954 – 16ª., 17ª. e 18ª.). *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 8, p. 43-91.
- PAÇO, A. do (1959) – Castro de Vila Nova de San Pedro. XII – Nota sobre un tipo de cerâmica del estrato Vila Nova I. *Zephyrus*. Salamanca. 21, p. 252-260.
- PAÇO, A. do (1966) – Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 16, p. 117-152.
- RIBEIRO, C. (1878) – *Estudos prehistoricos em Portugal. 1 - Noticia da estação humana de Licêa*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa. Reedição fac-similada e comentada em CARDOSO, J. L. (1991), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 1, 184 p.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. 1 – Escavações arqueológicas de 1982-1986 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p.29-79.
- SILVA, C. Tavares da (1971) – O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional da Educação, 1, p. 175-192.

- SOARES, A. M. Monge & CARDOSO, J. L. (1995) – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial da povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 263-276.
- SPINDLER, K. & TRINDADE, L. (1970) – A Póvoa eneolítica do Penedo – Torres Vedras. *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969)*. Actas. Lisboa. 2, p. 59-191.
- VALERA, A. C. & FILIPE, I. (2004) – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). *Era-Arqueologia*. Lisboa. 6, p. 28-61.
- ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 37-57.



Fig. 8 - Leceia. Distribuição dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 pela área escavada.

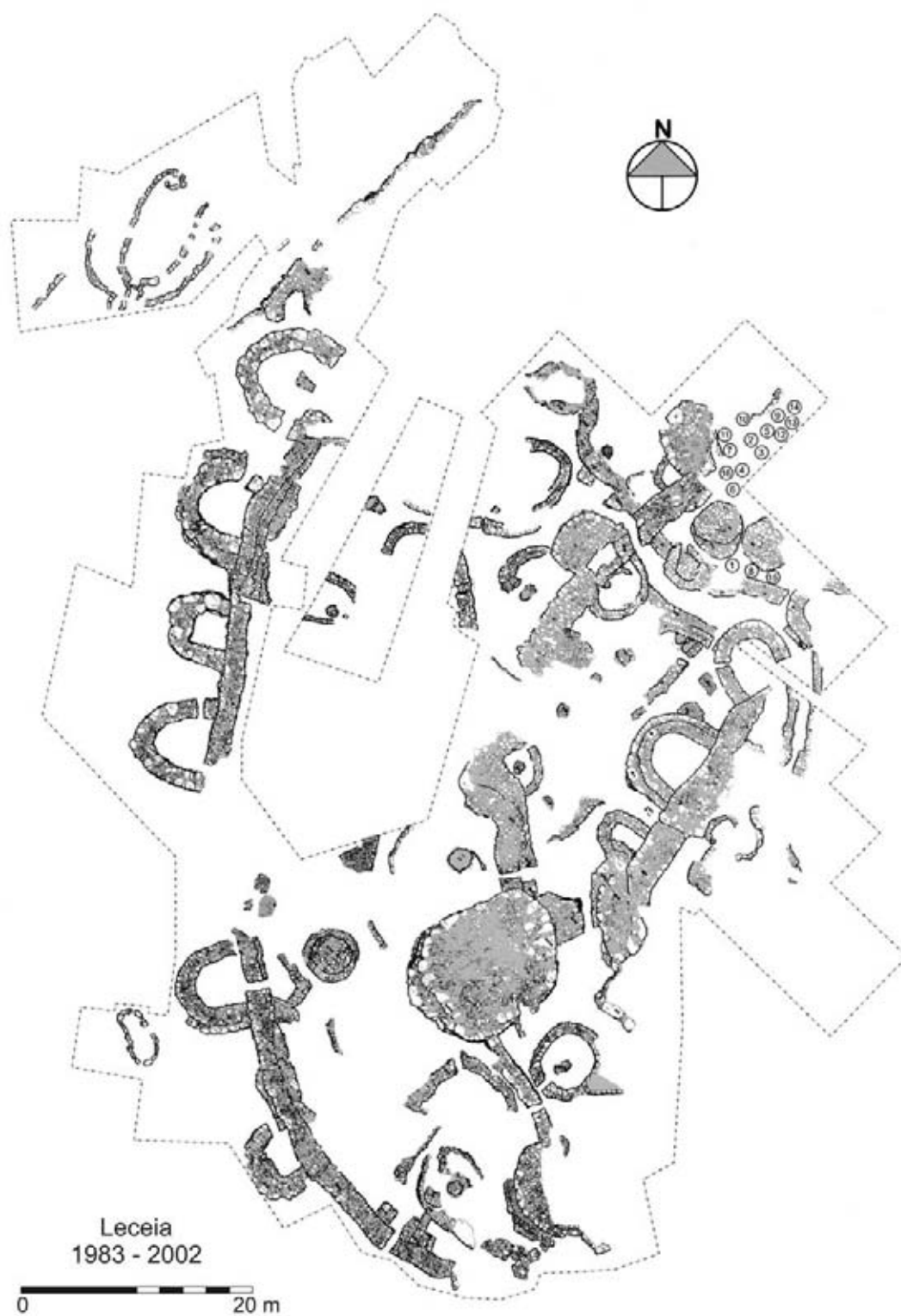


Fig. 9 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 10.

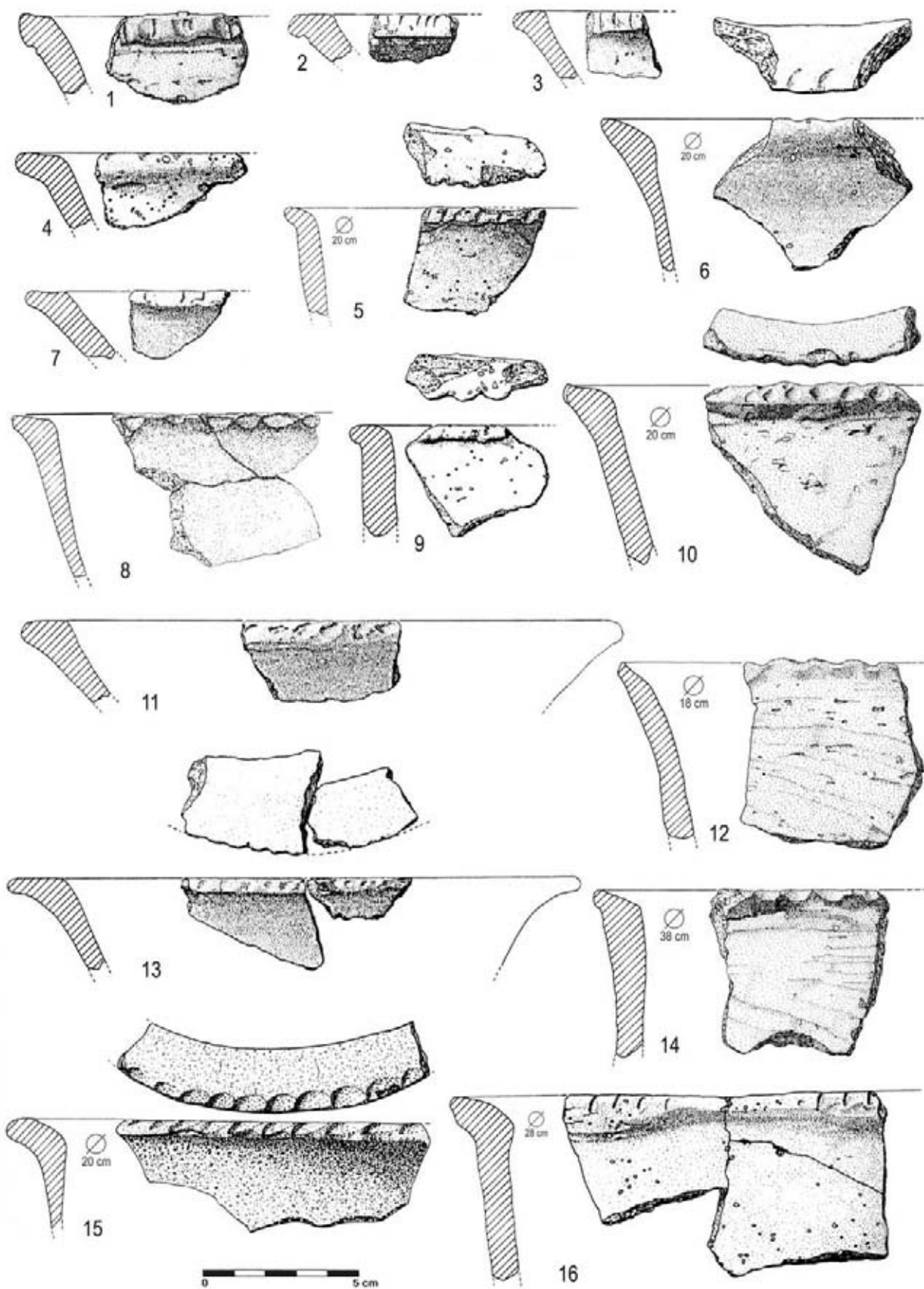


Fig. 10 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

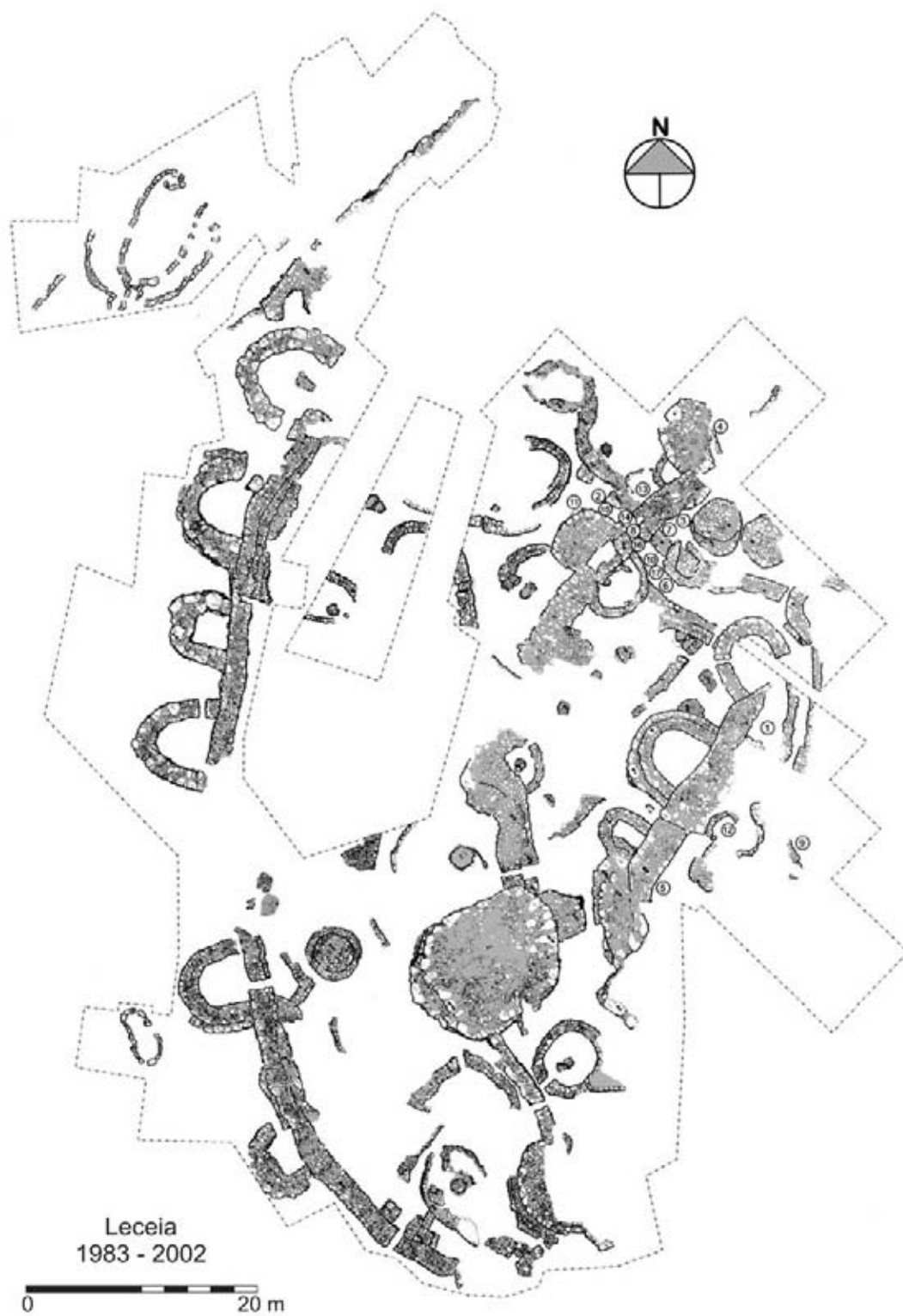


Fig. 11 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 12.

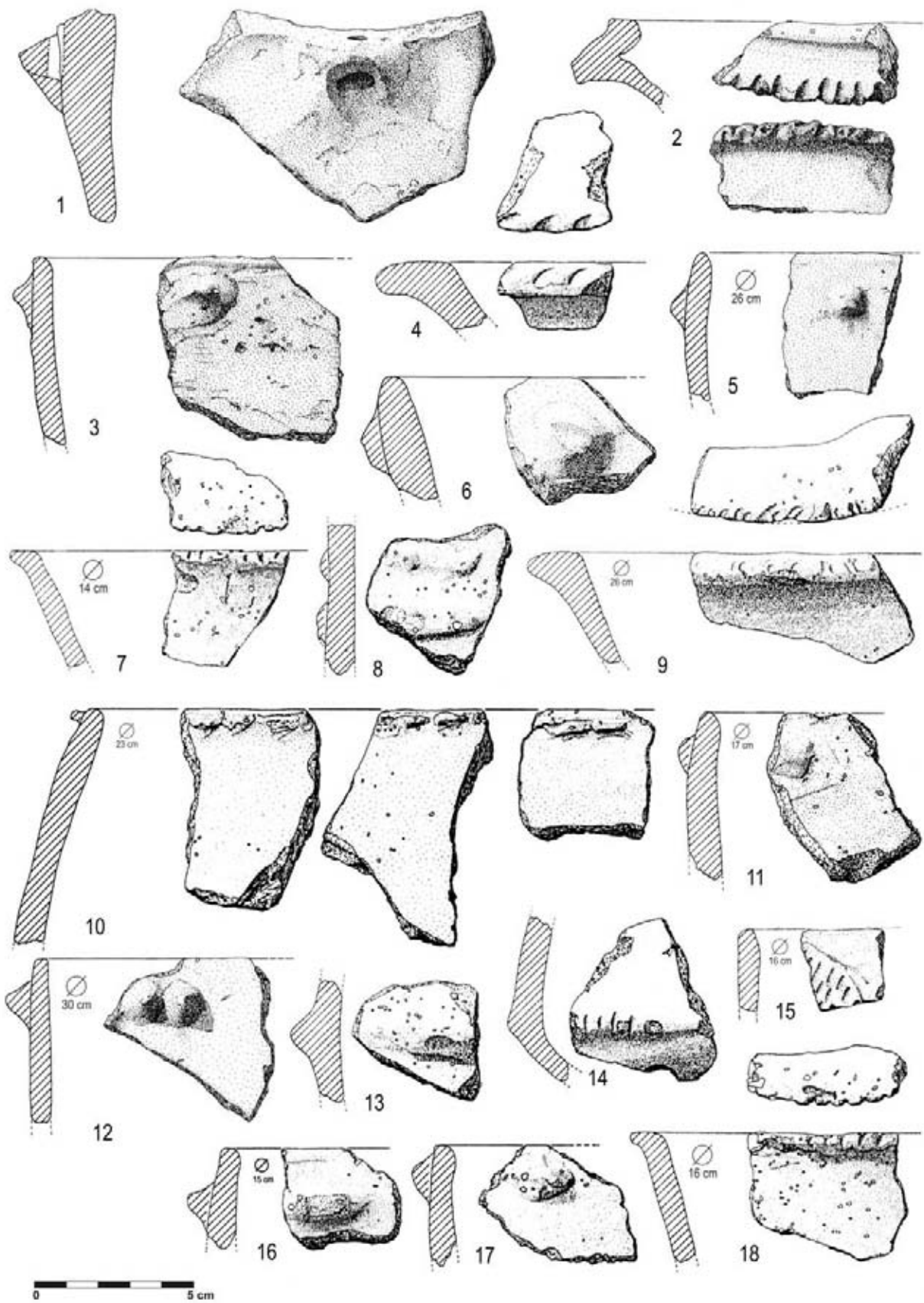


Fig. 12 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

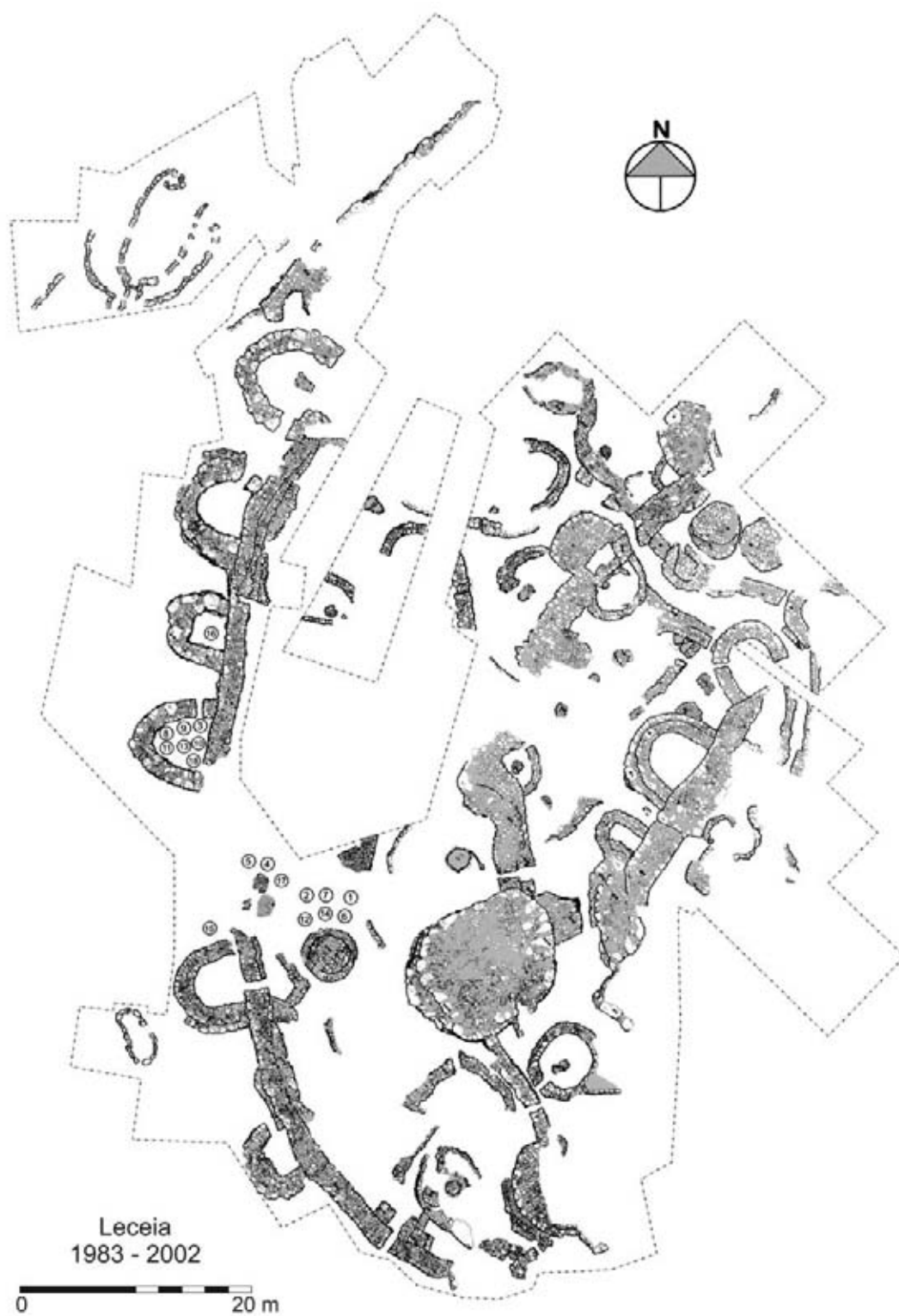


Fig. 13 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 14.

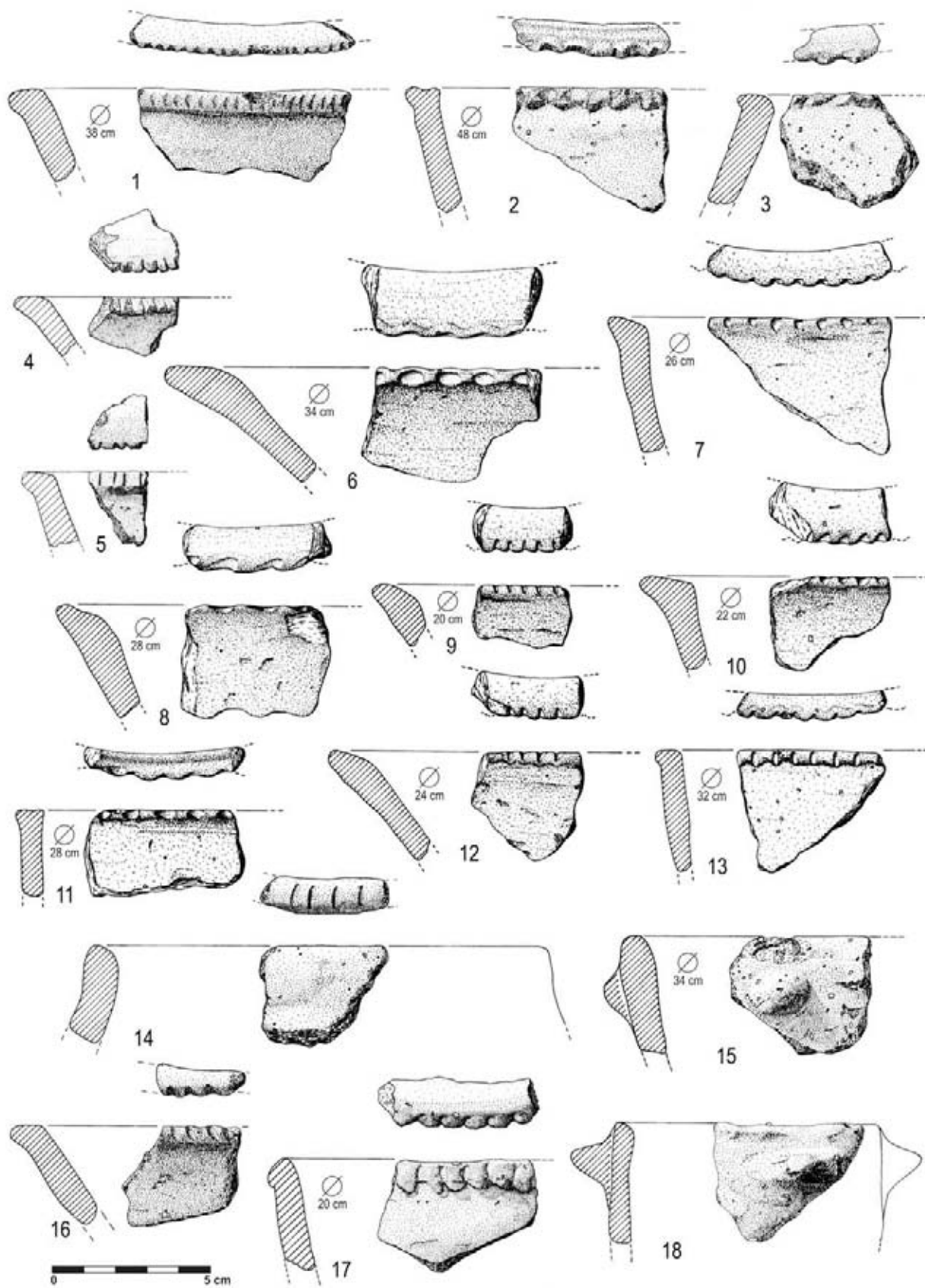


Fig. 14 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

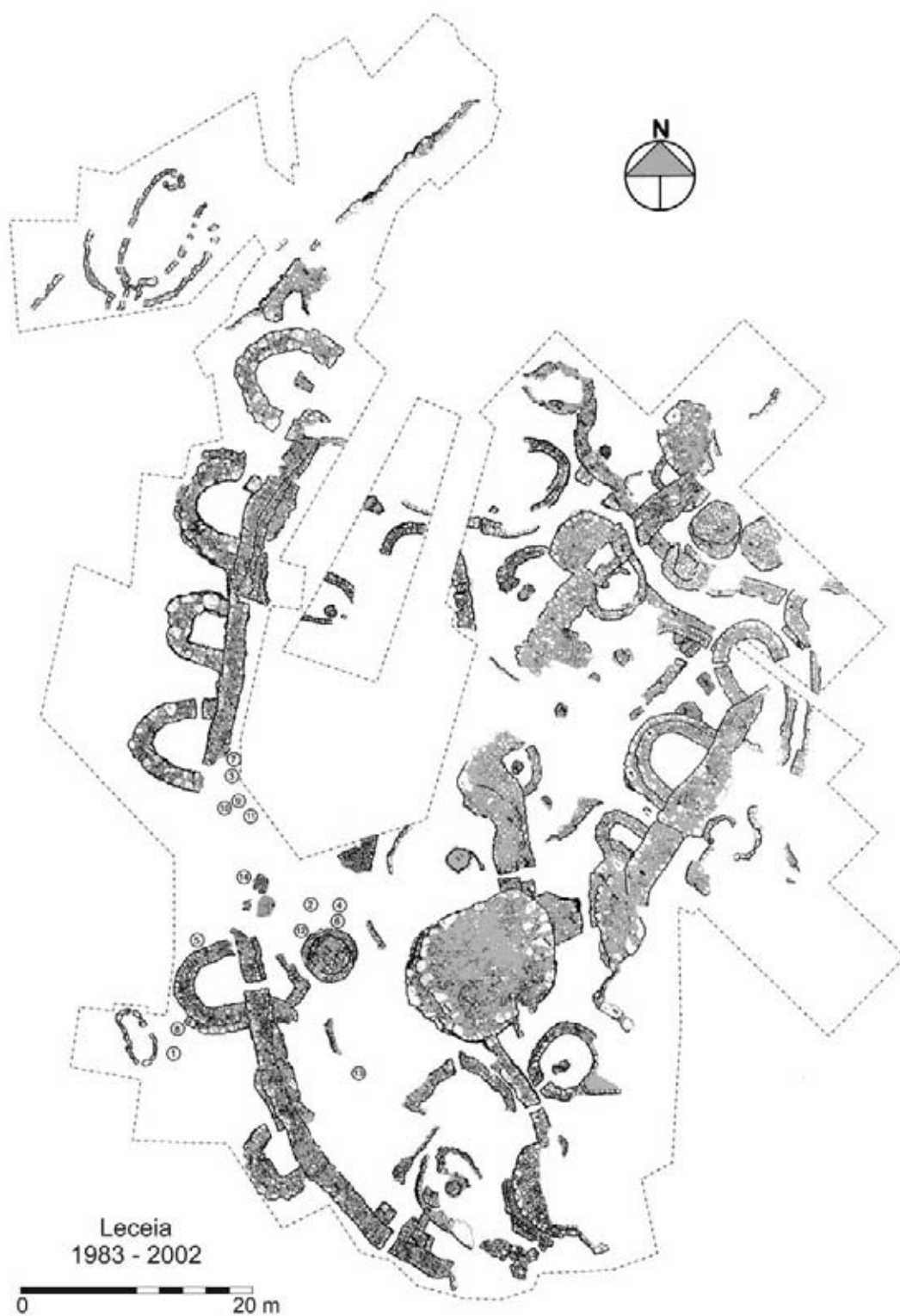


Fig. 15 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 16.

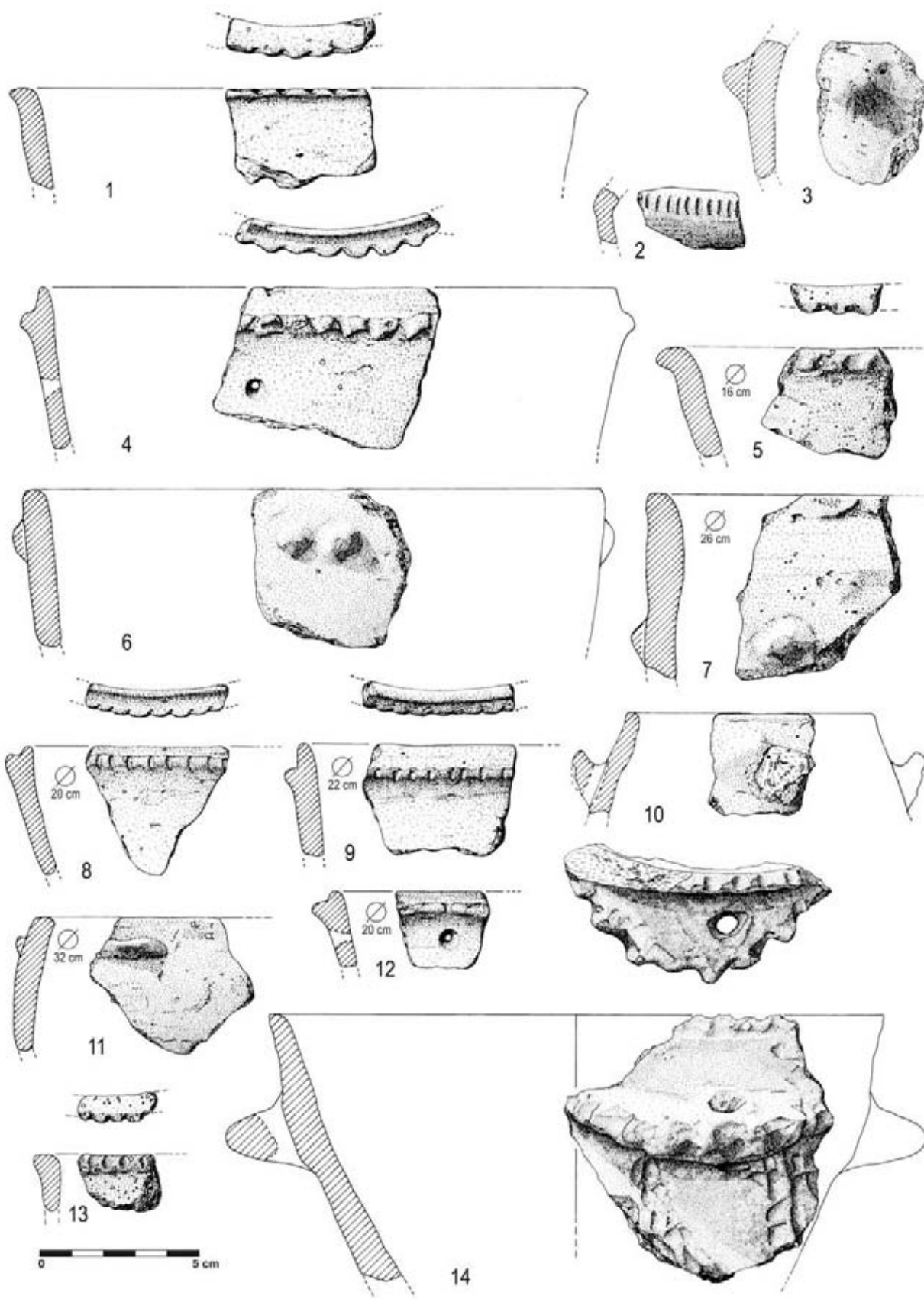


Fig. 16 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

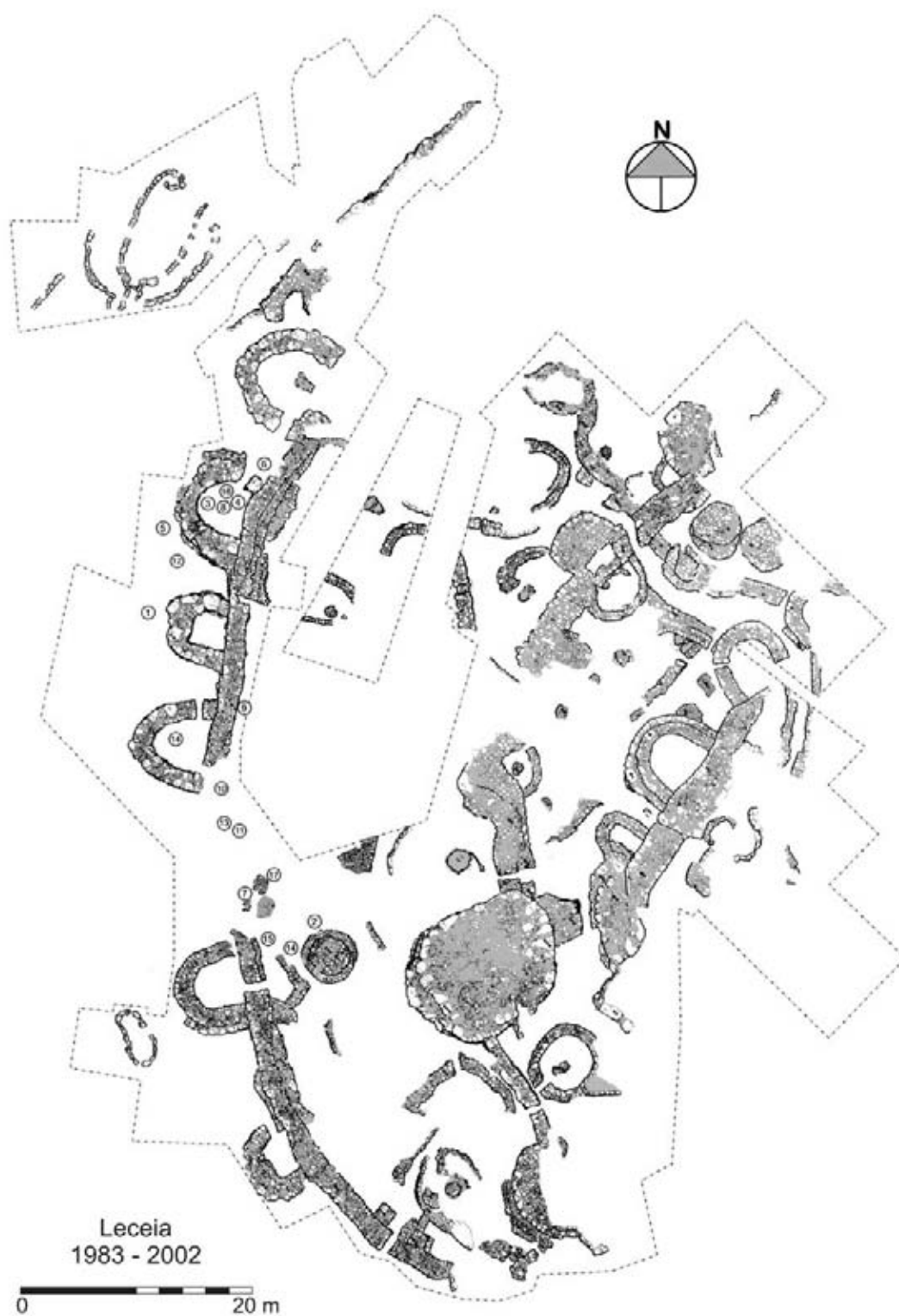


Fig. 17 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 18.

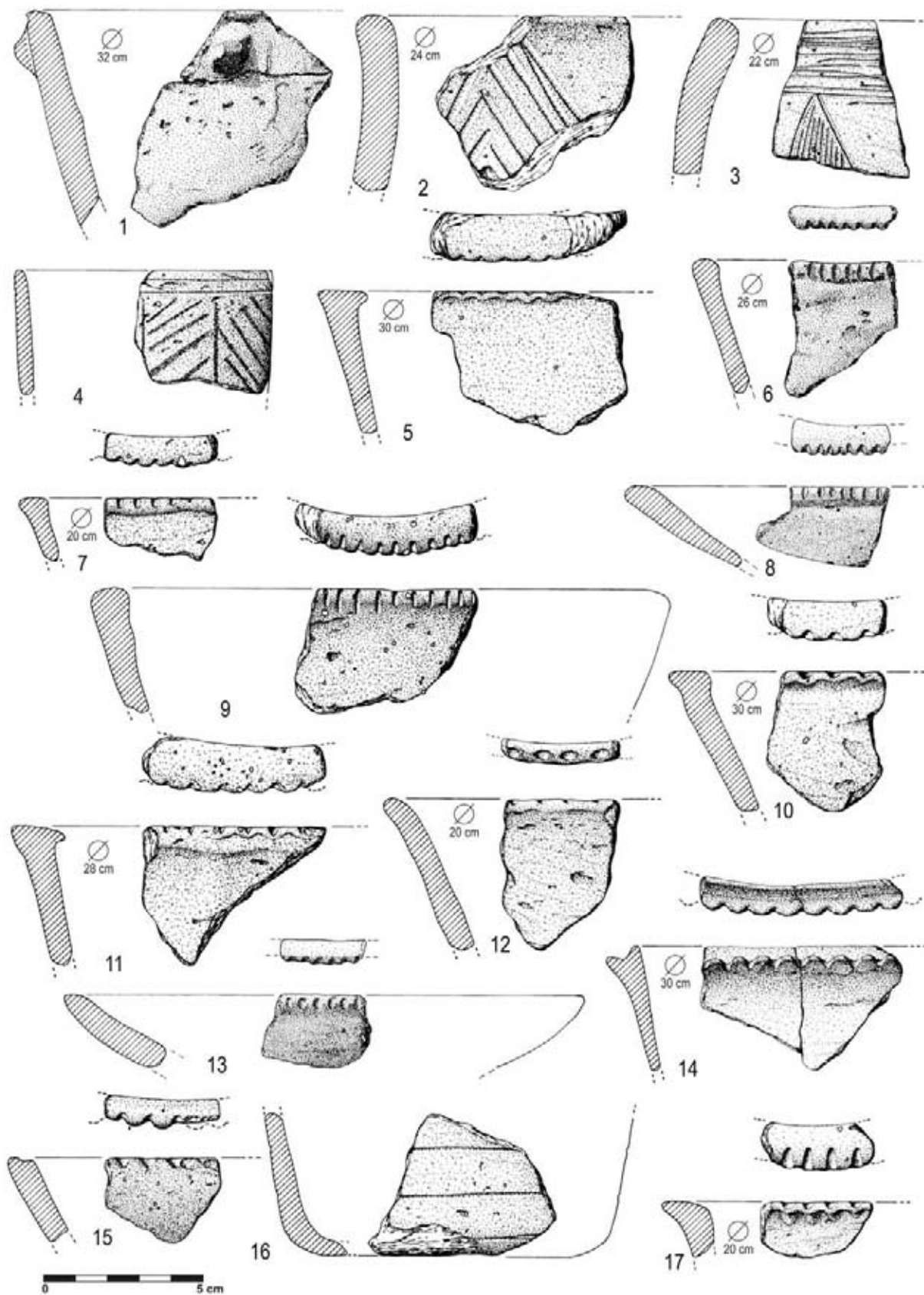


Fig. 18 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

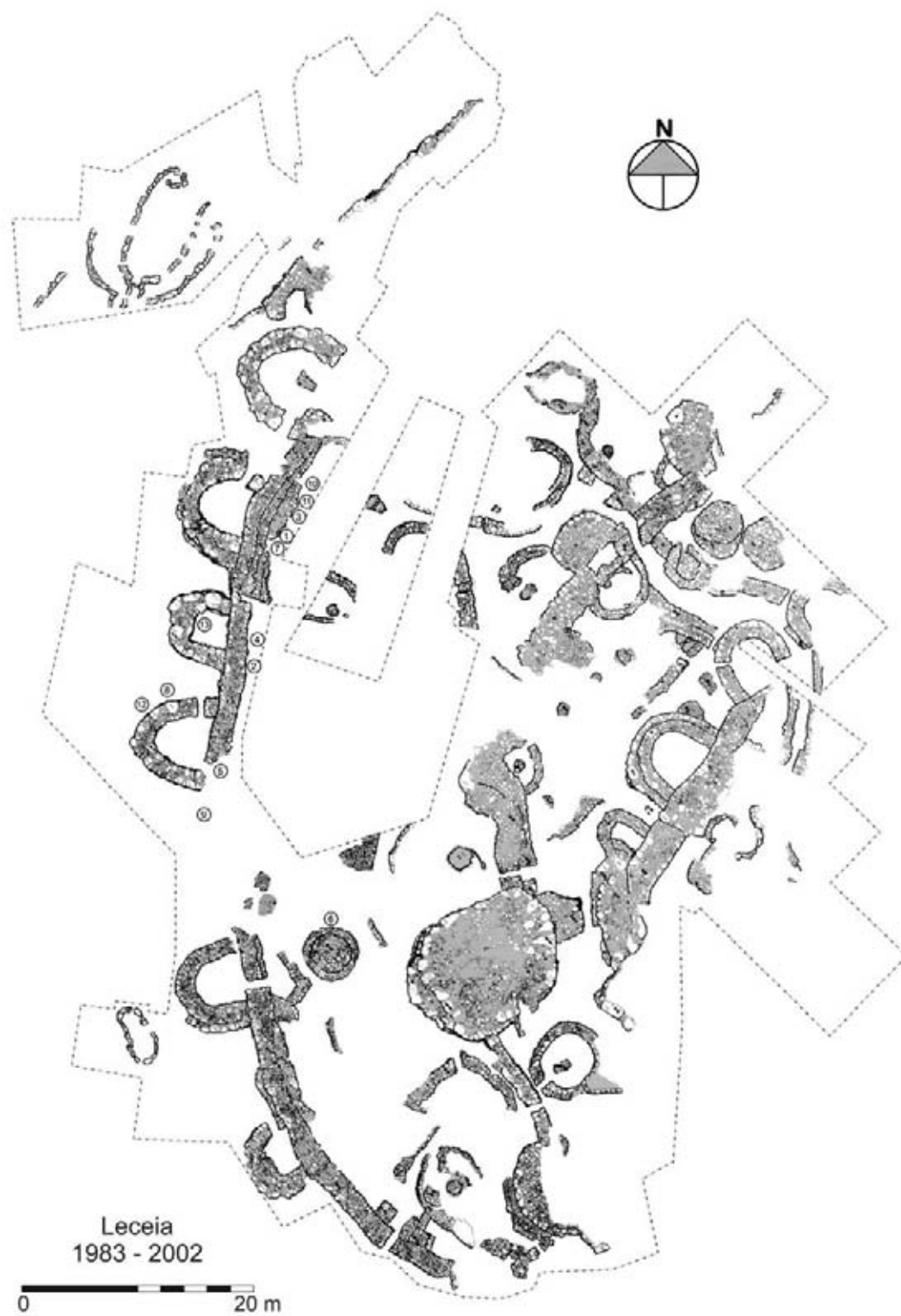


Fig. 19 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 20.

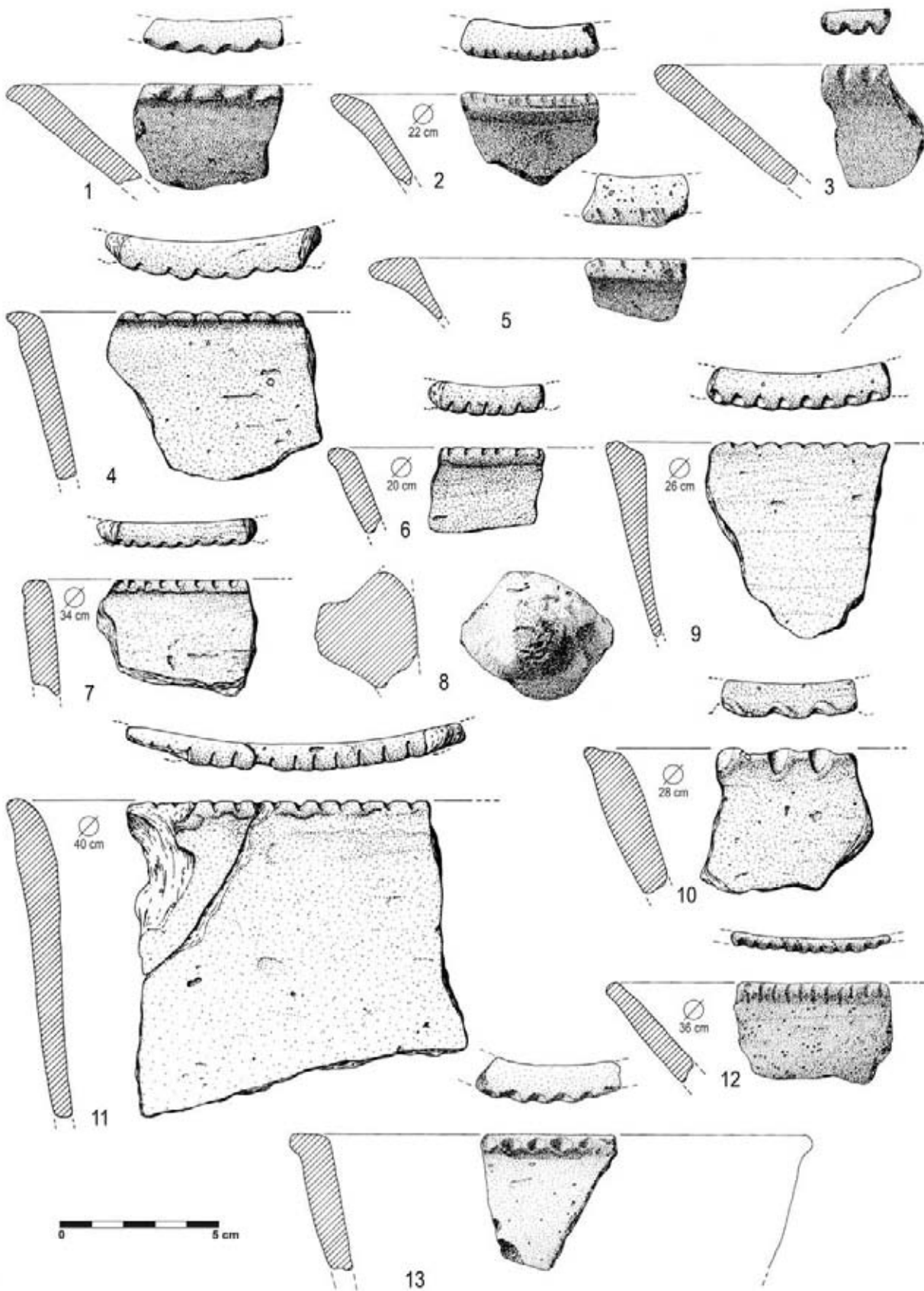


Fig. 20 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

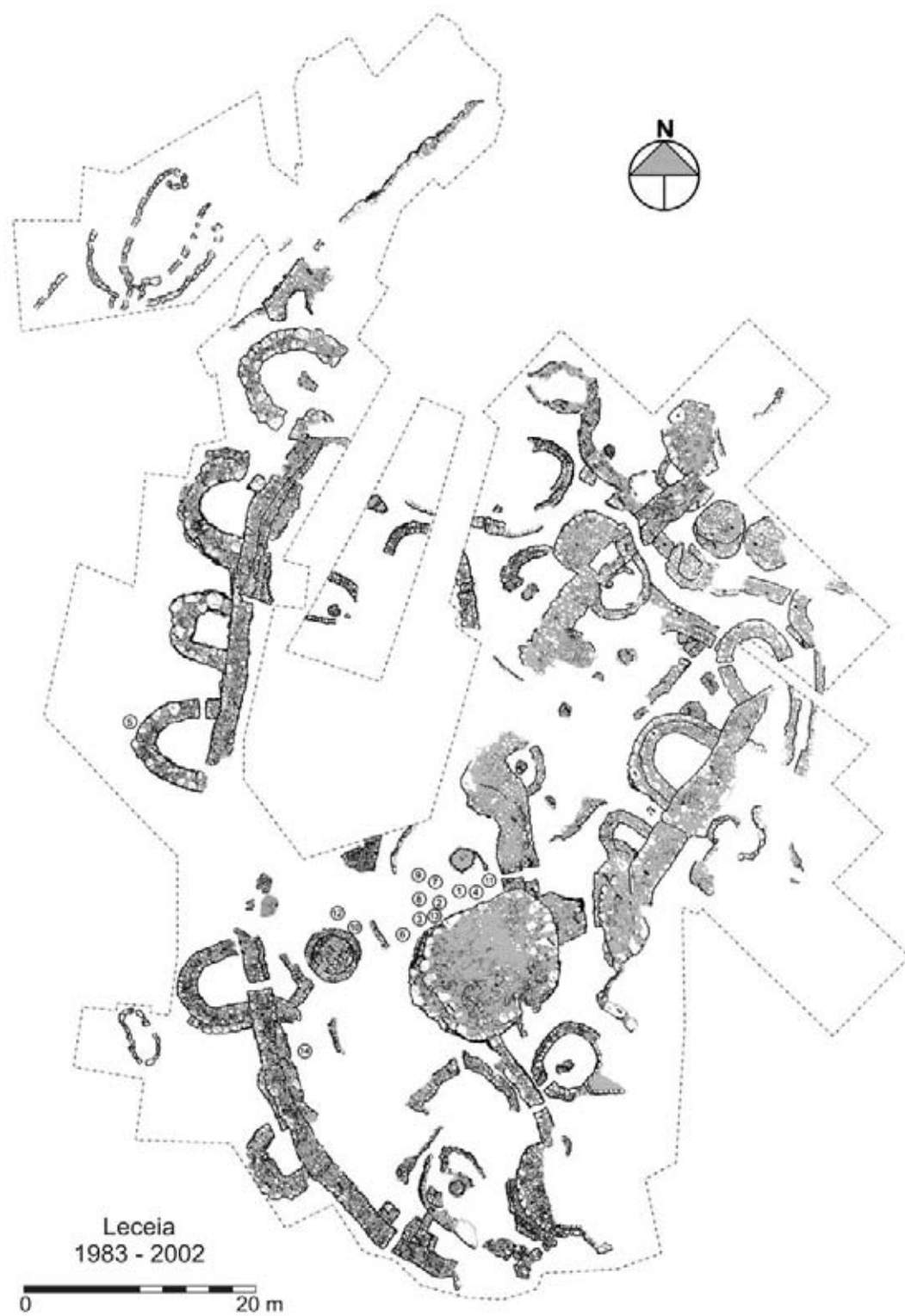


Fig. 21 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 22.

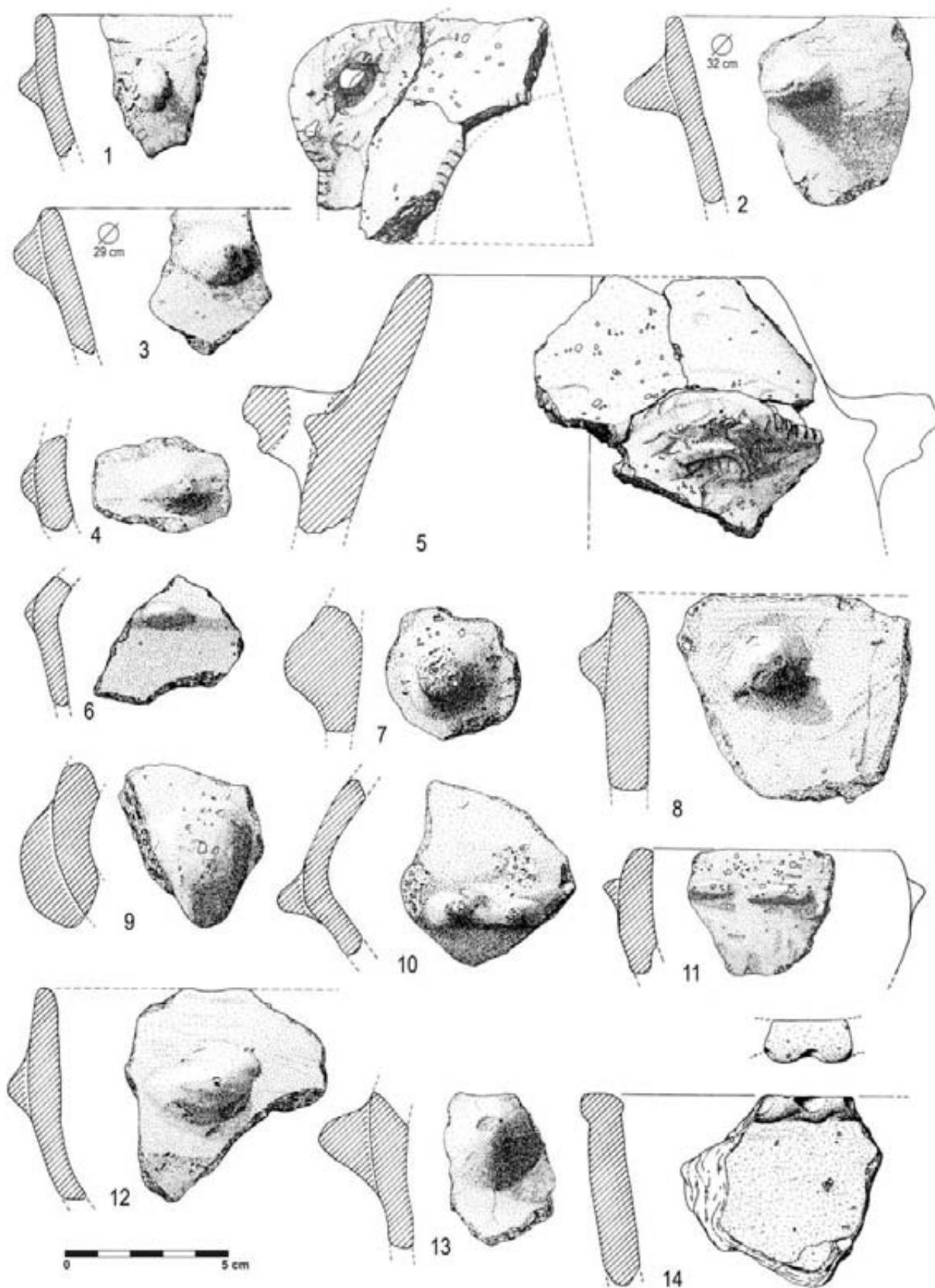


Fig. 22 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

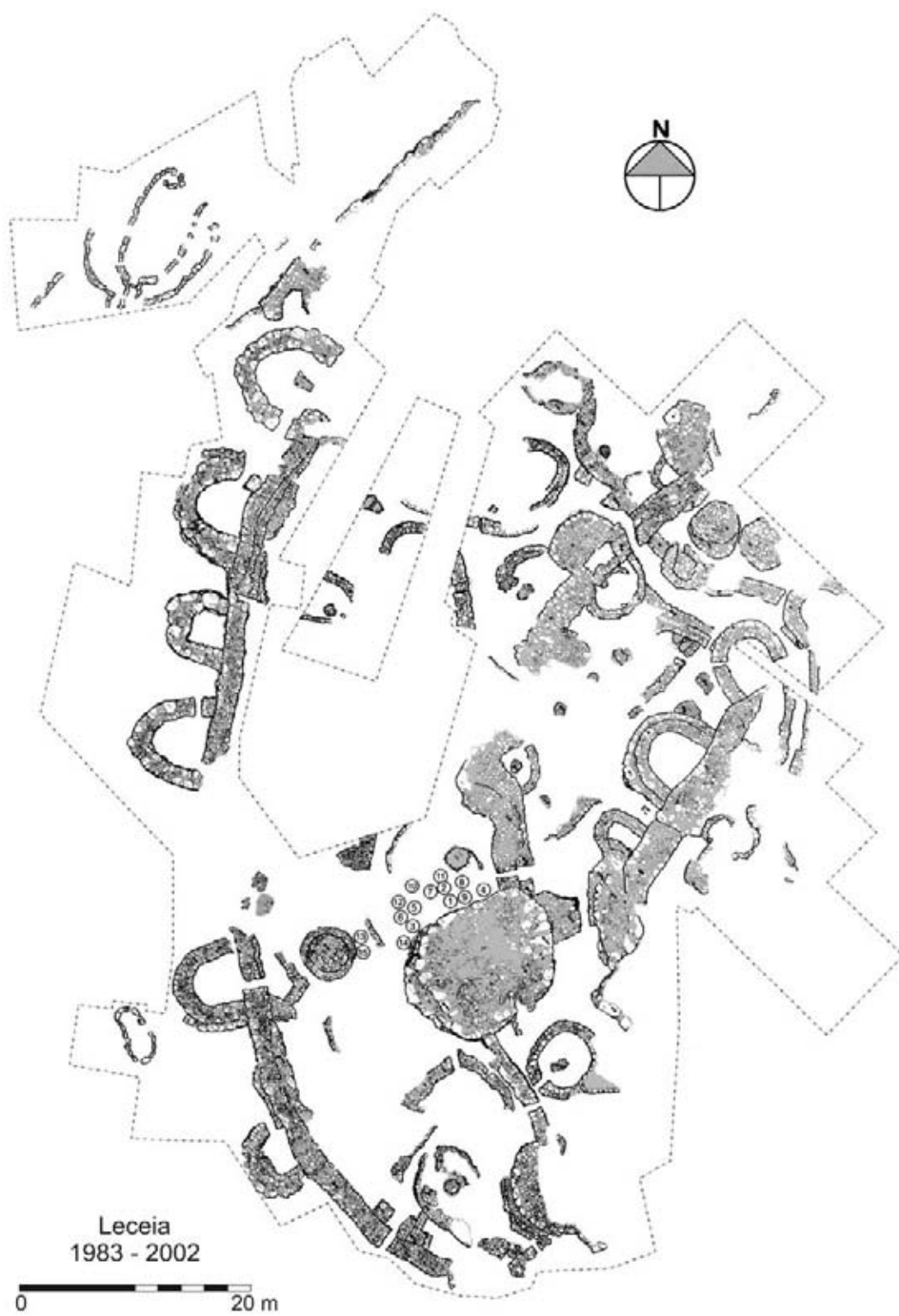


Fig. 23 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 24.

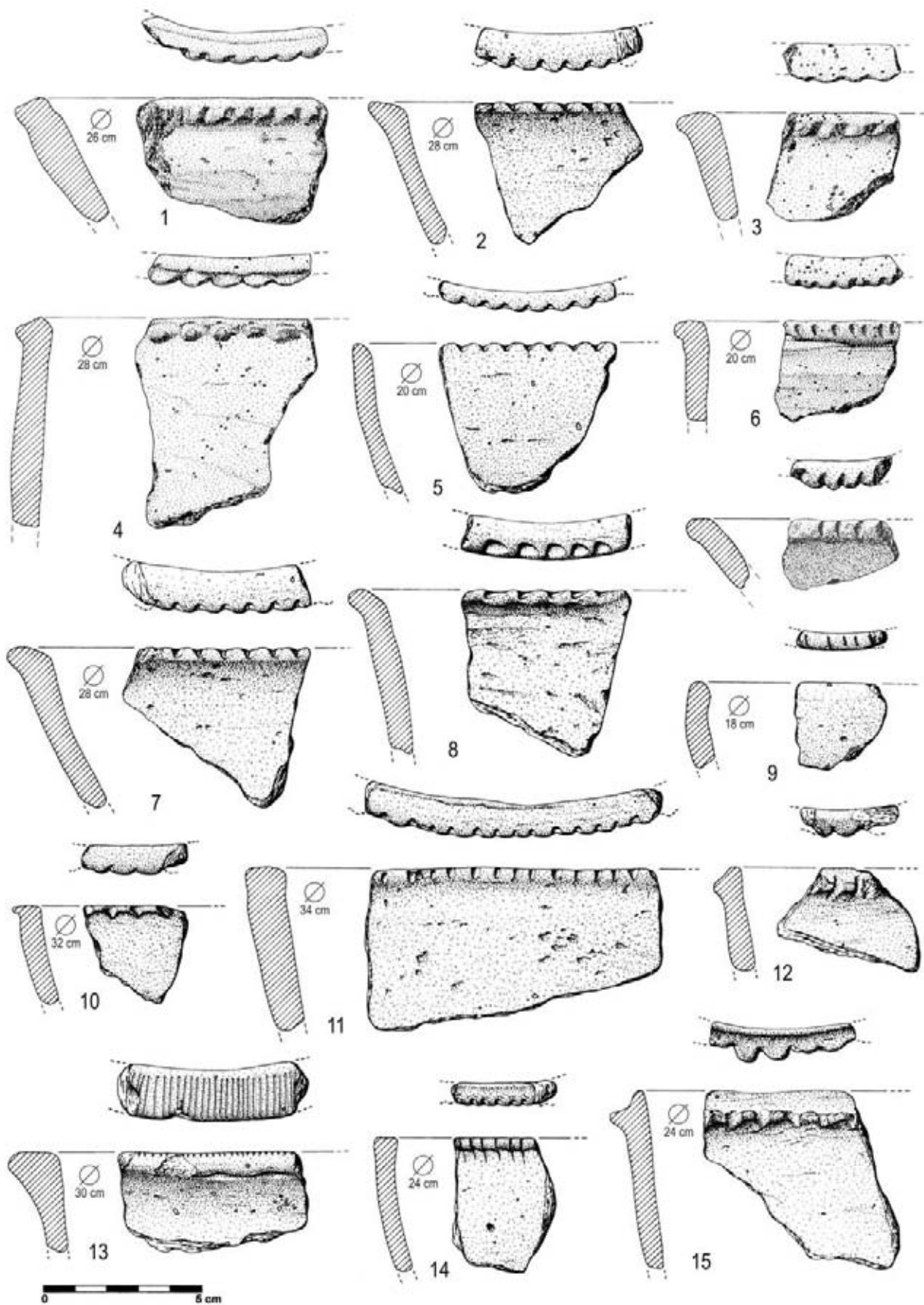


Fig. 24 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

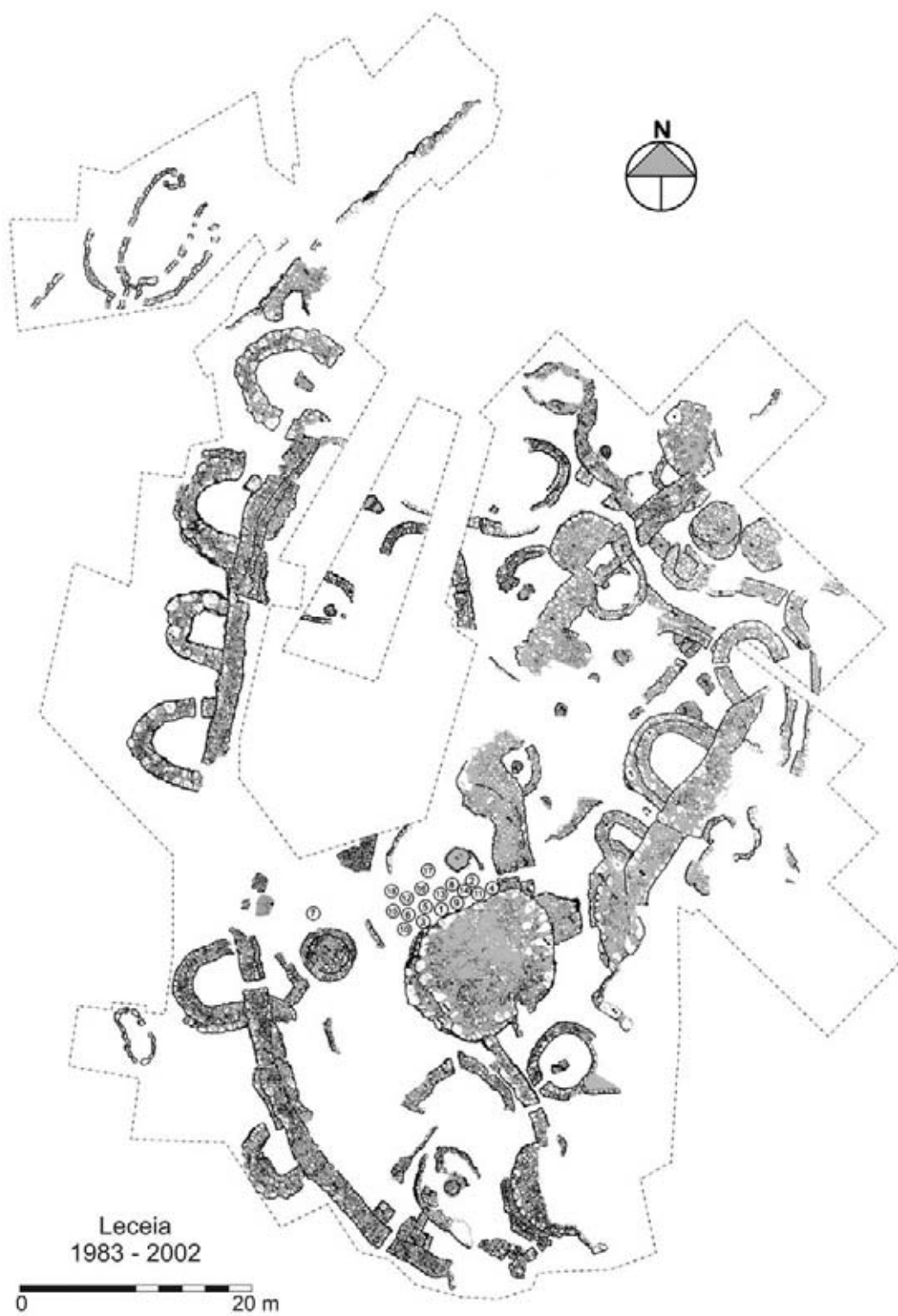


Fig. 25 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 26.

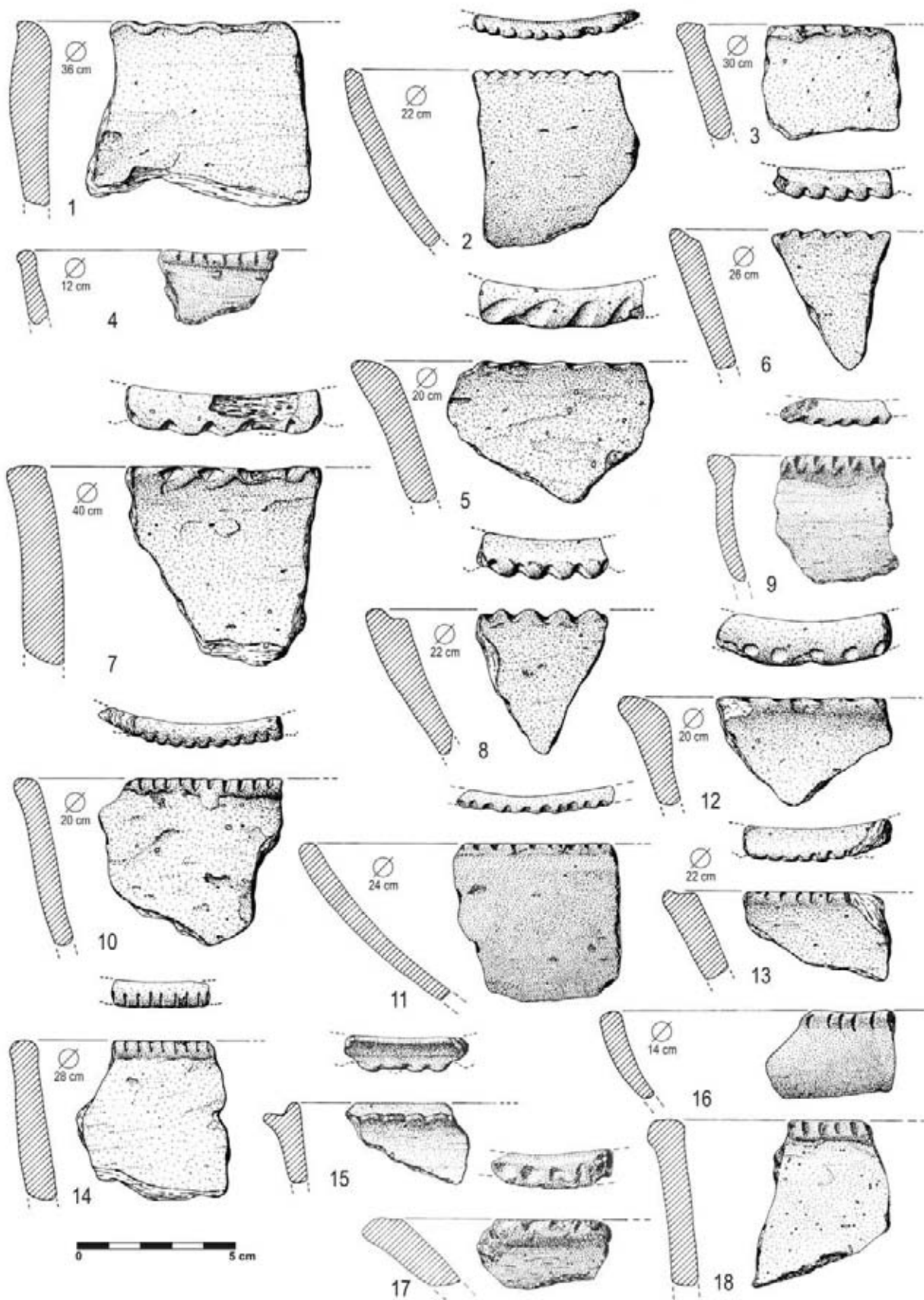


Fig. 26 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

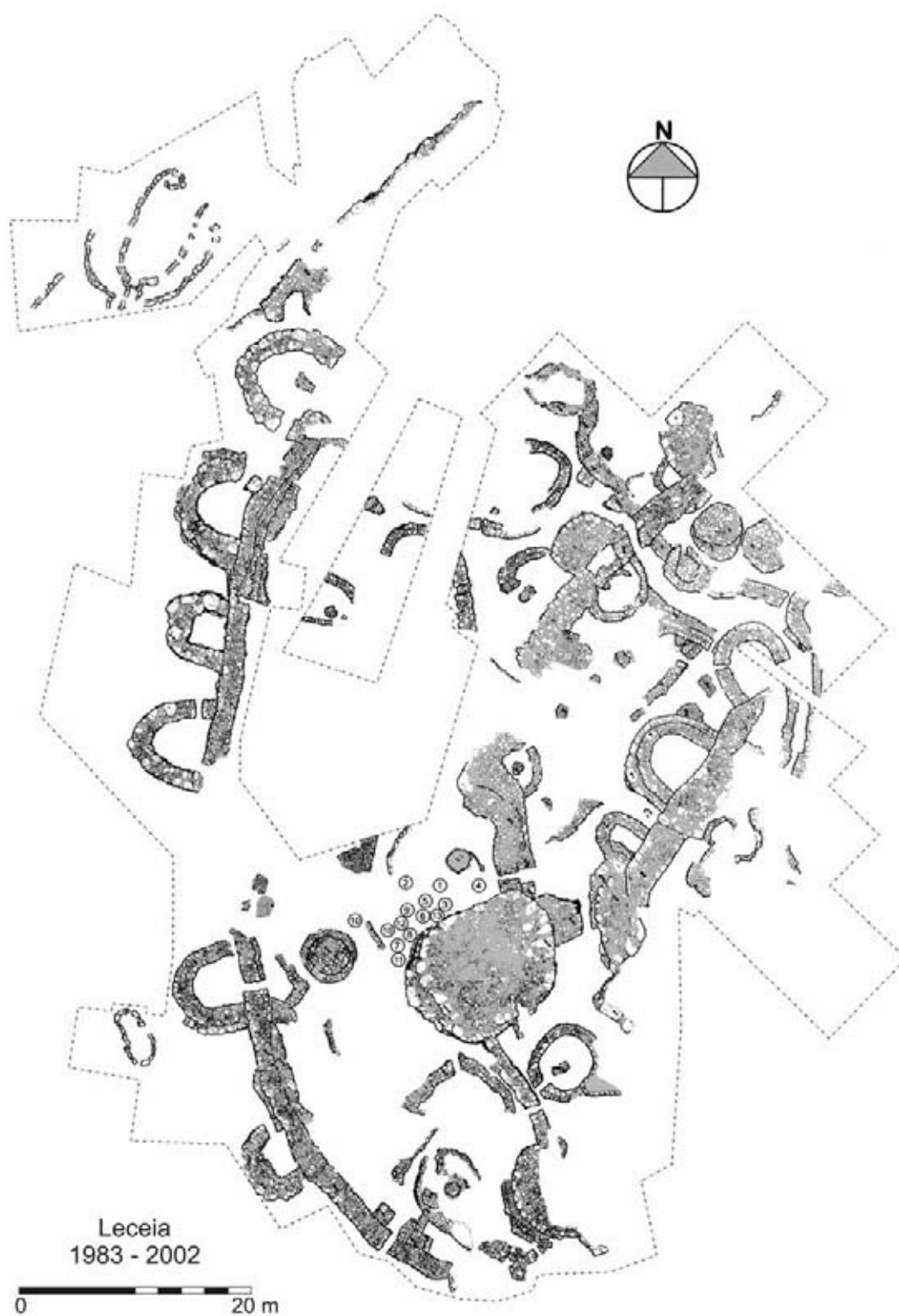


Fig. 27 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 28.

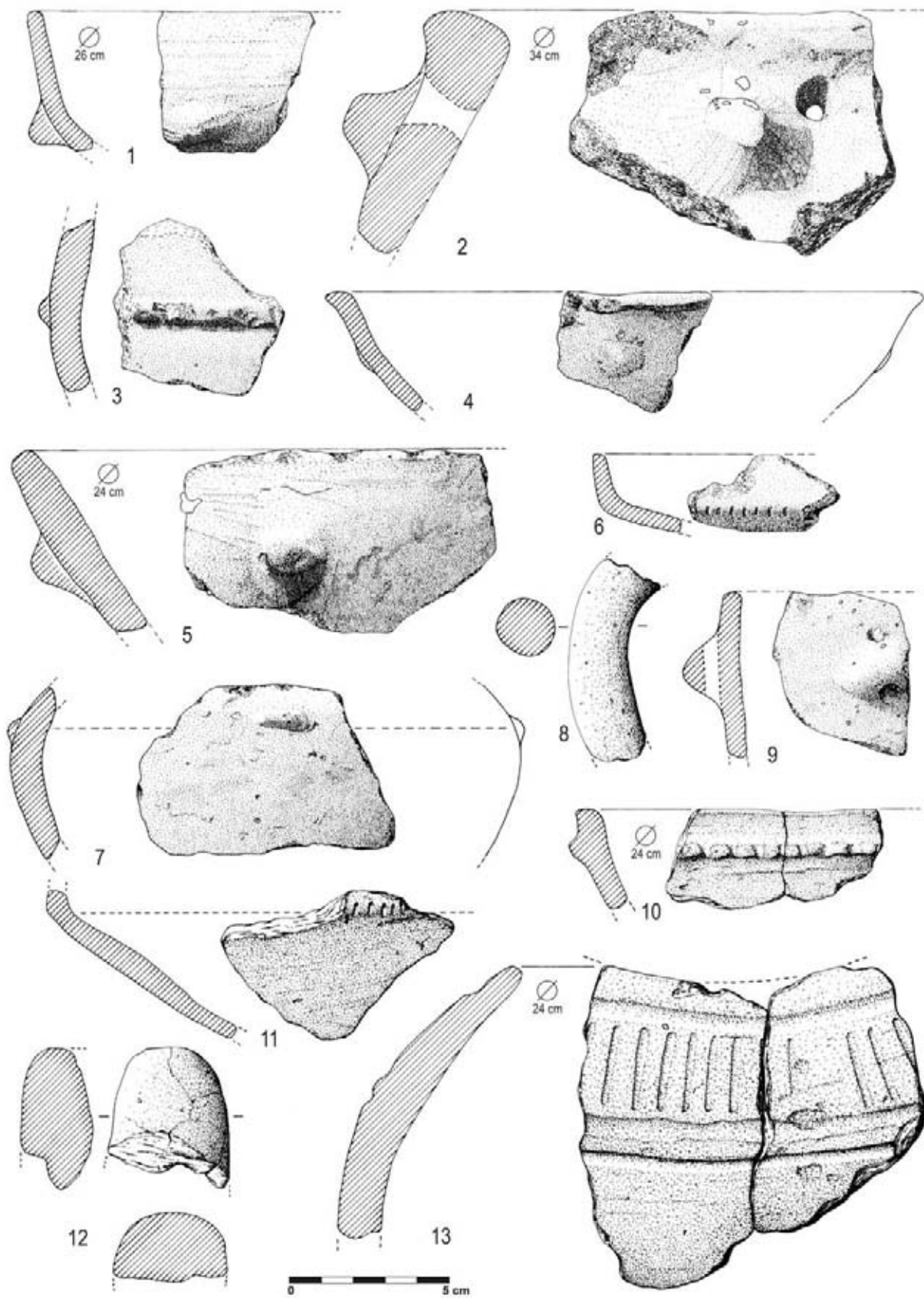


Fig. 28 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

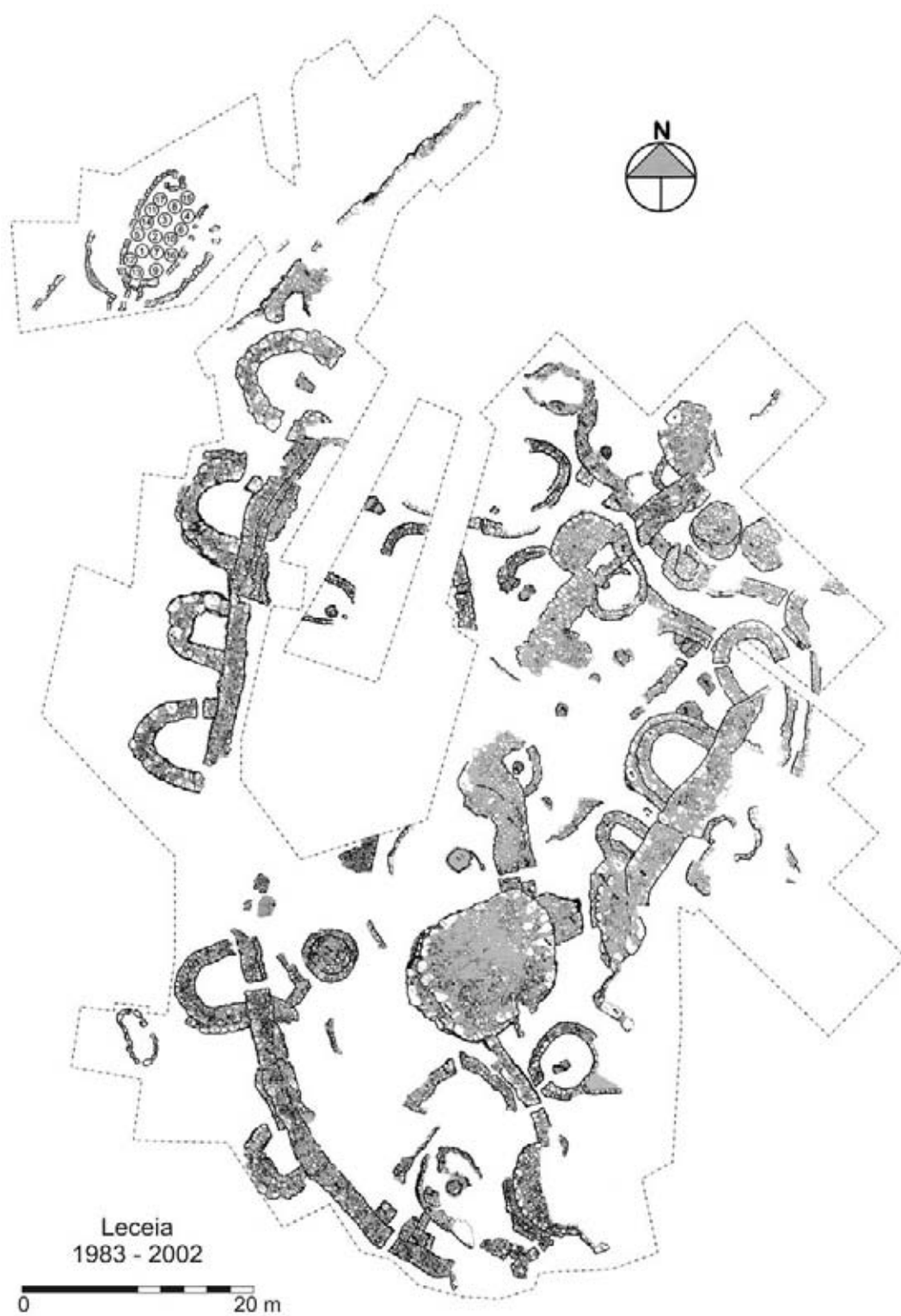


Fig. 29 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 30.

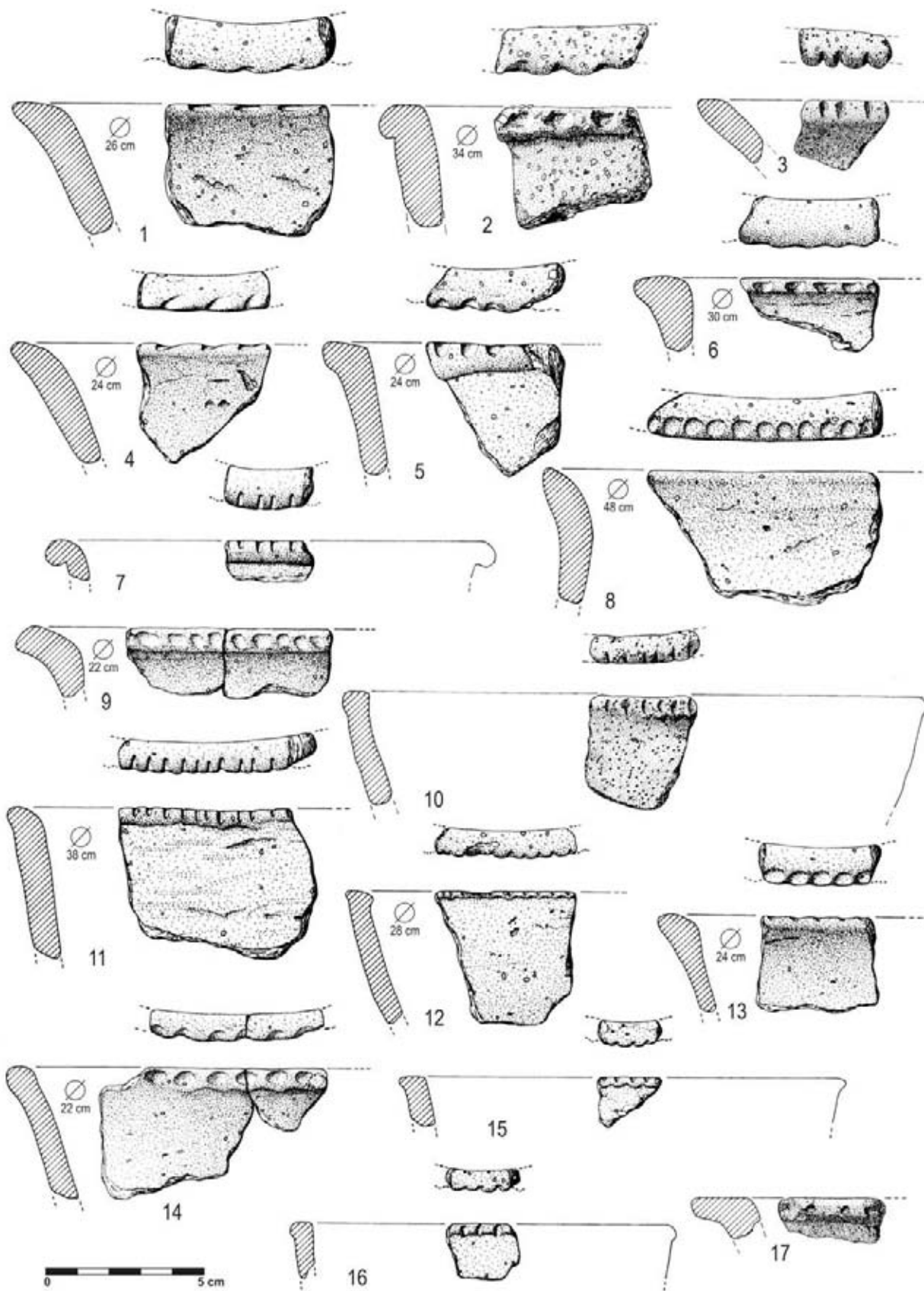


Fig. 30 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

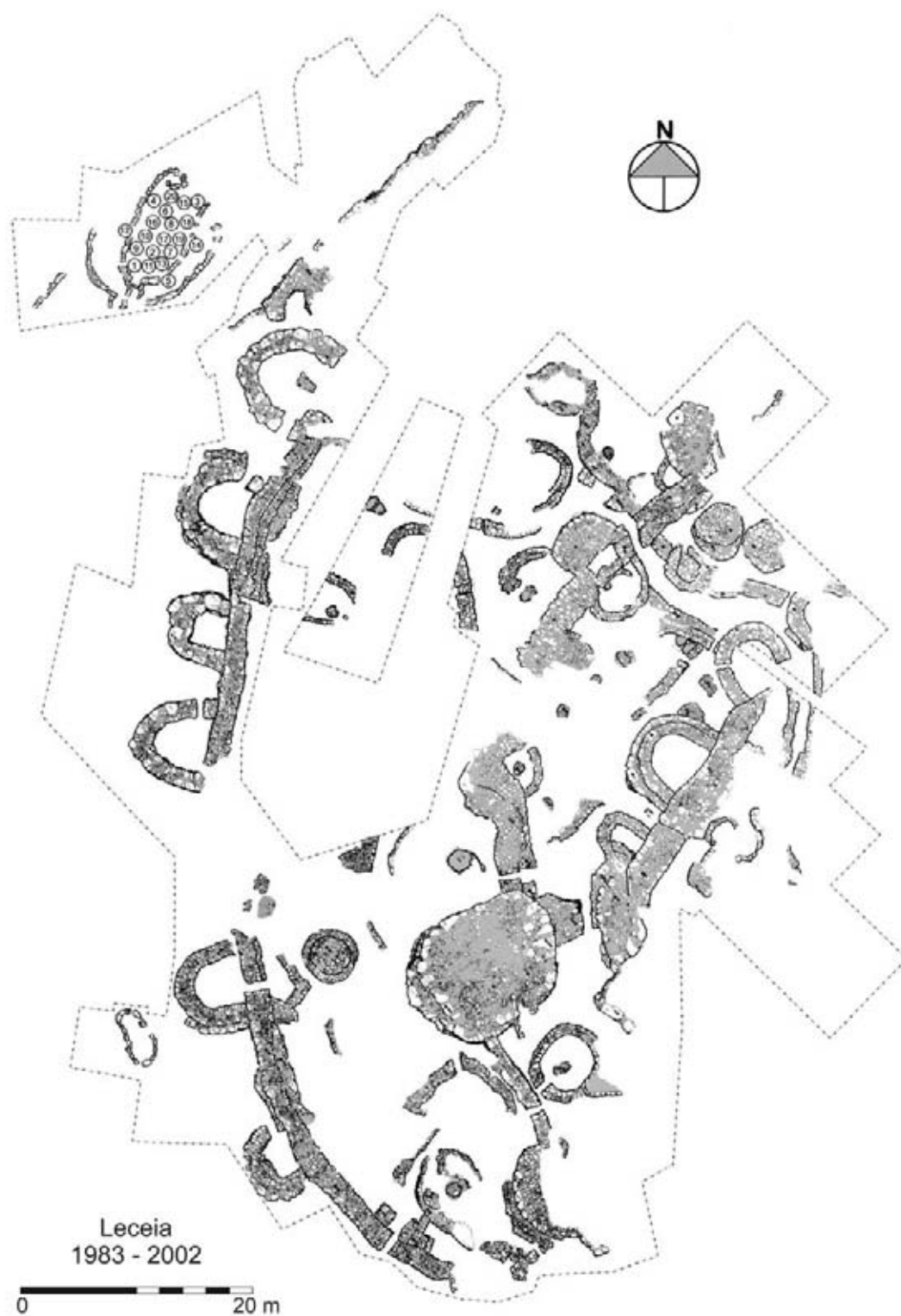


Fig. 31 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 32.

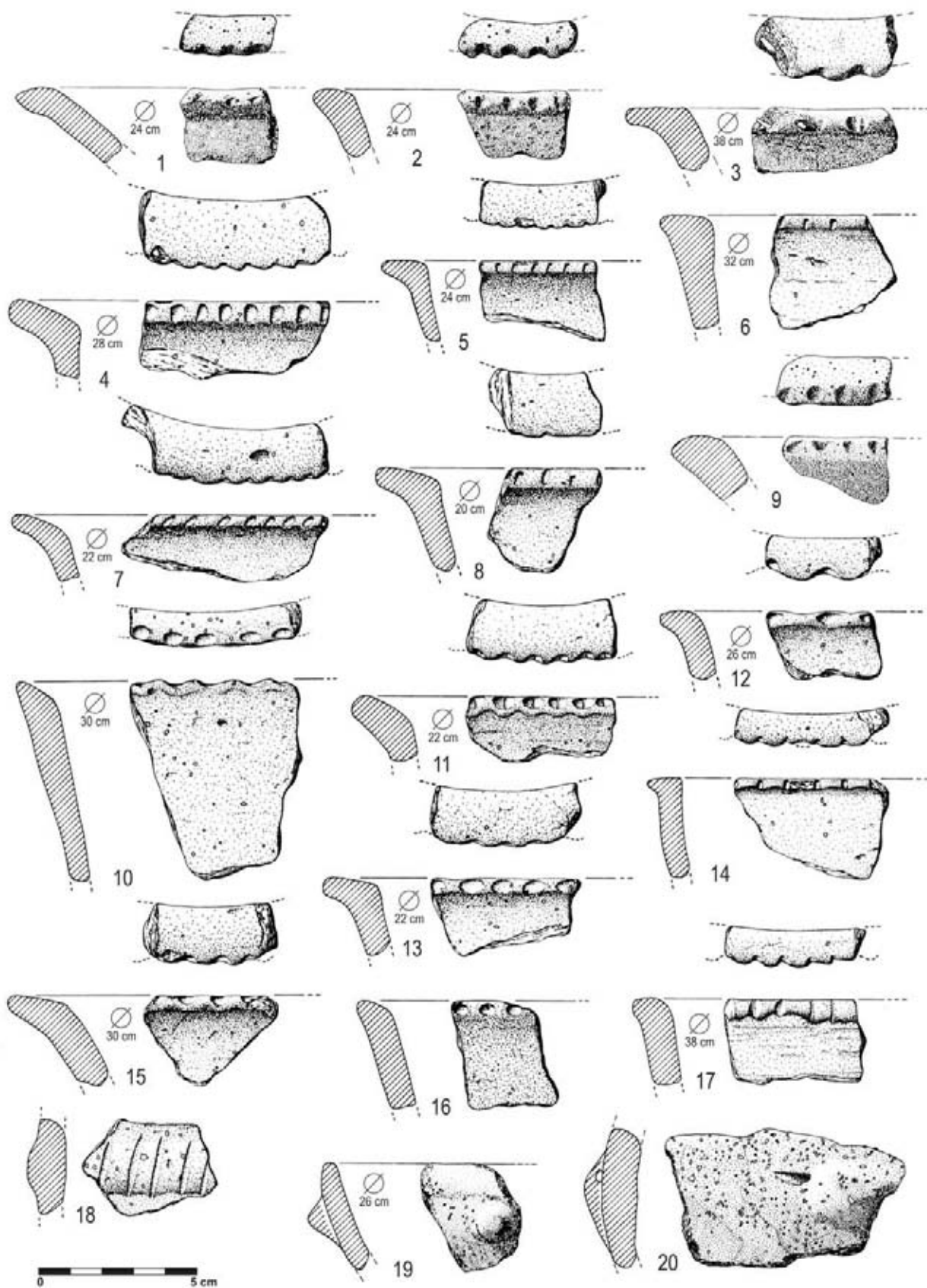


Fig. 32 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

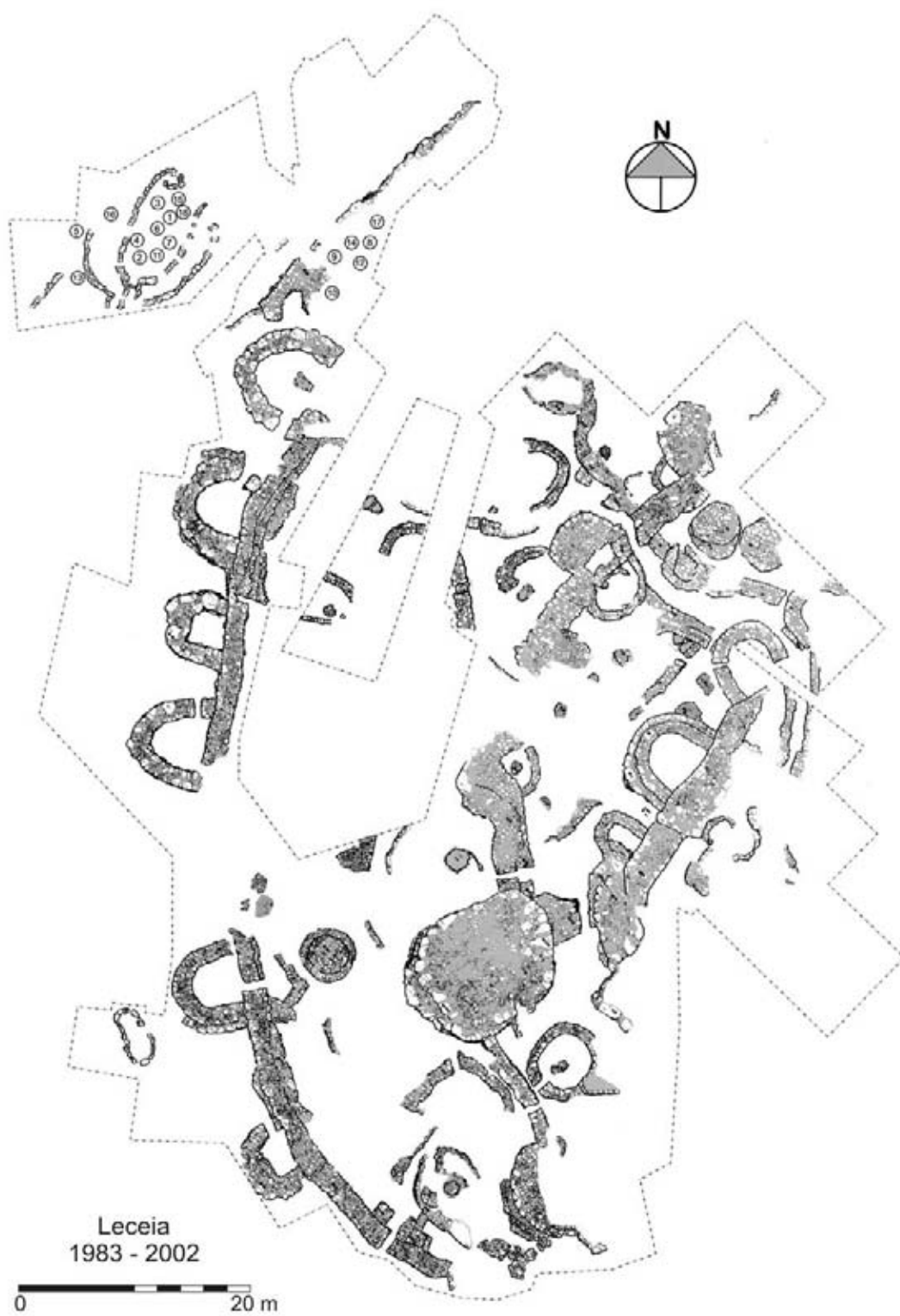


Fig. 33 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 34.

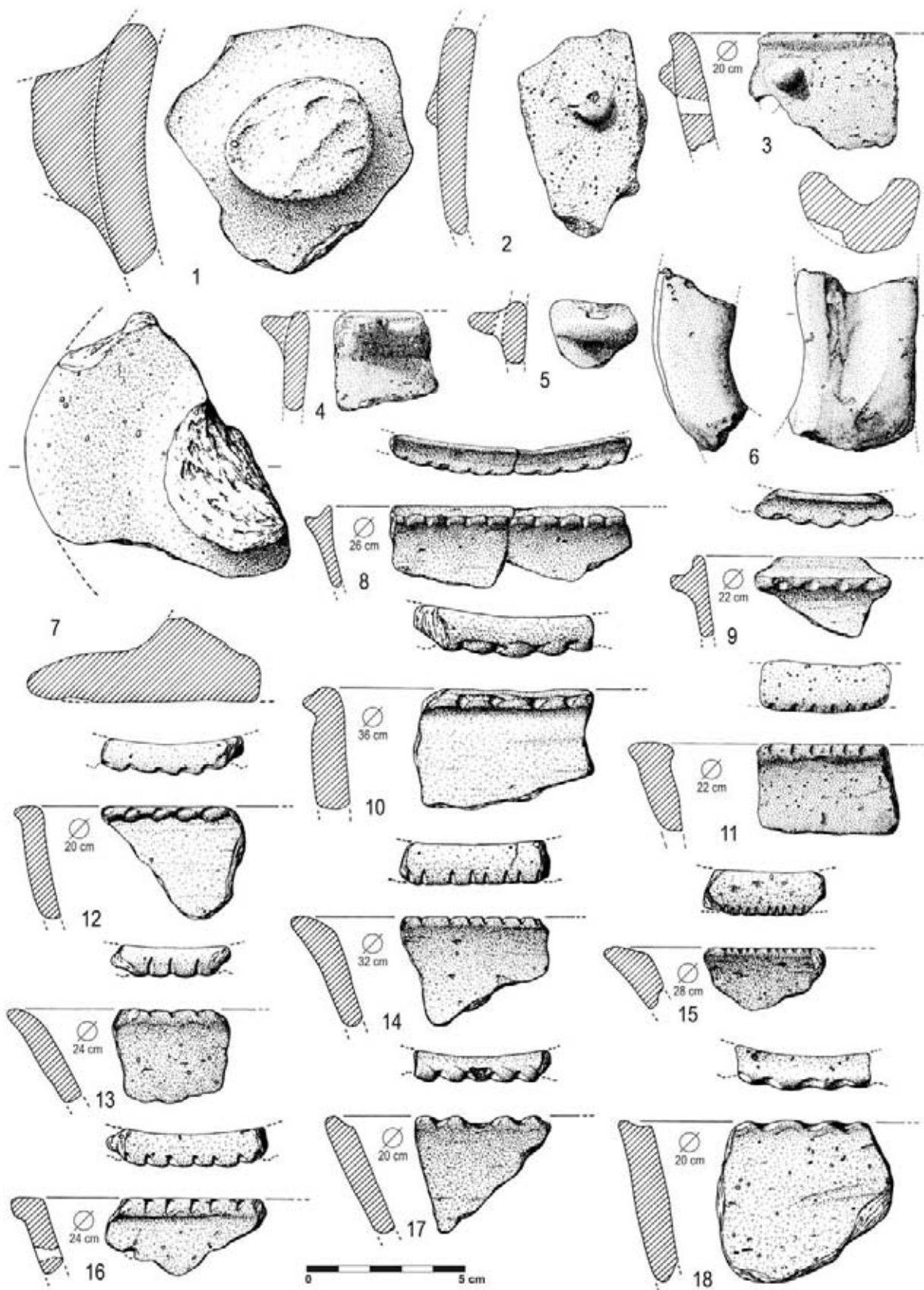


Fig. 34 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

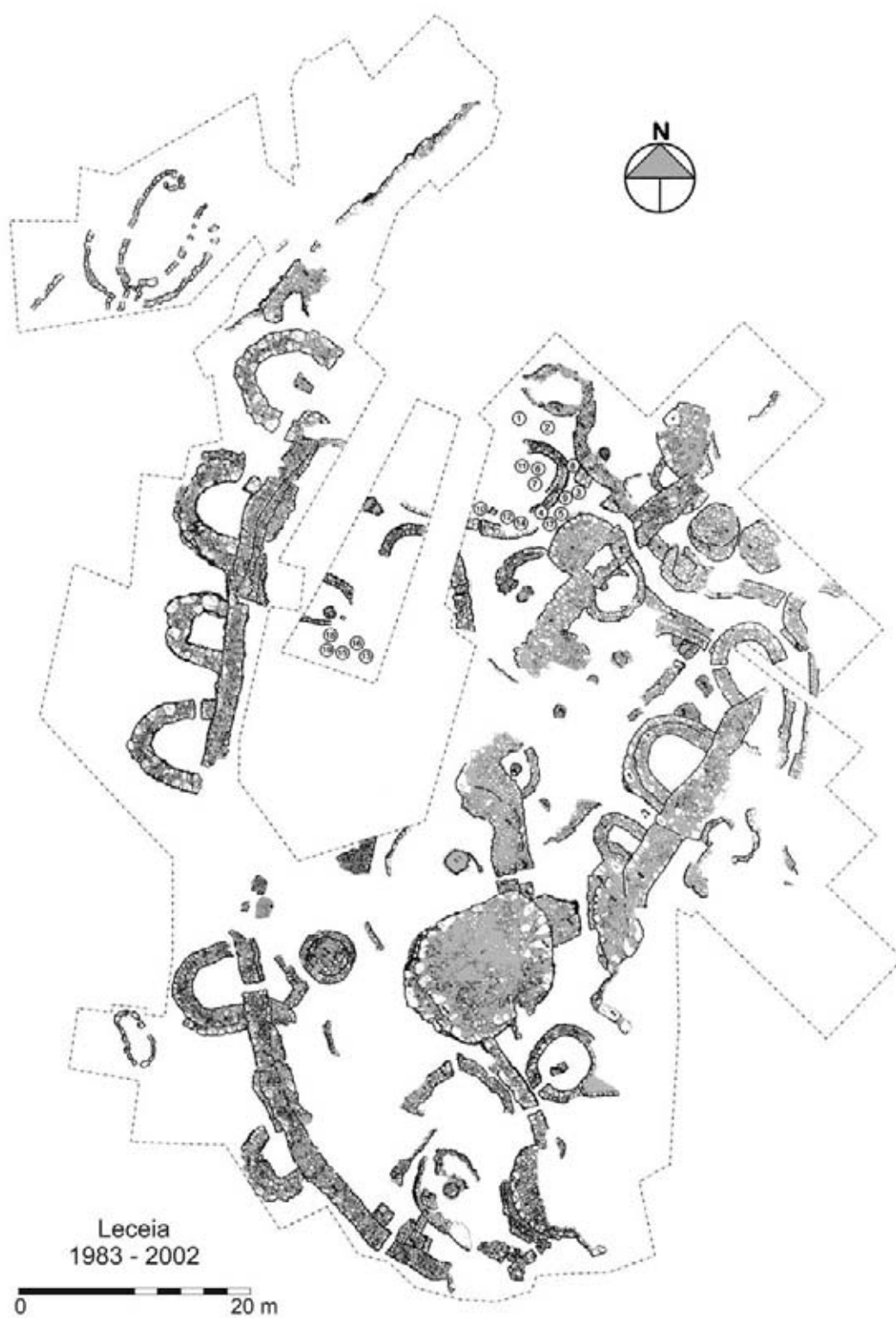


Fig. 35 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 36.

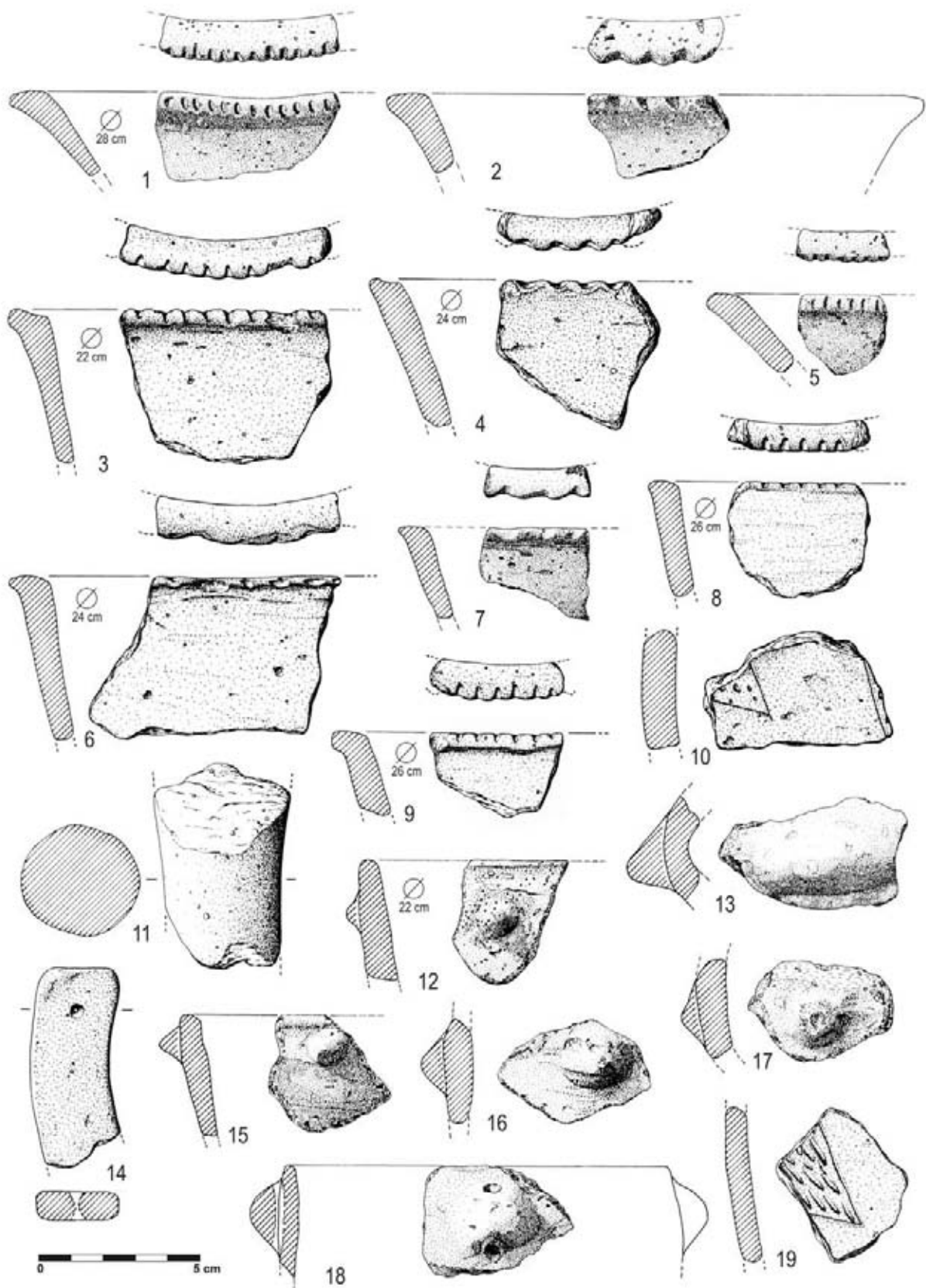


Fig. 36 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

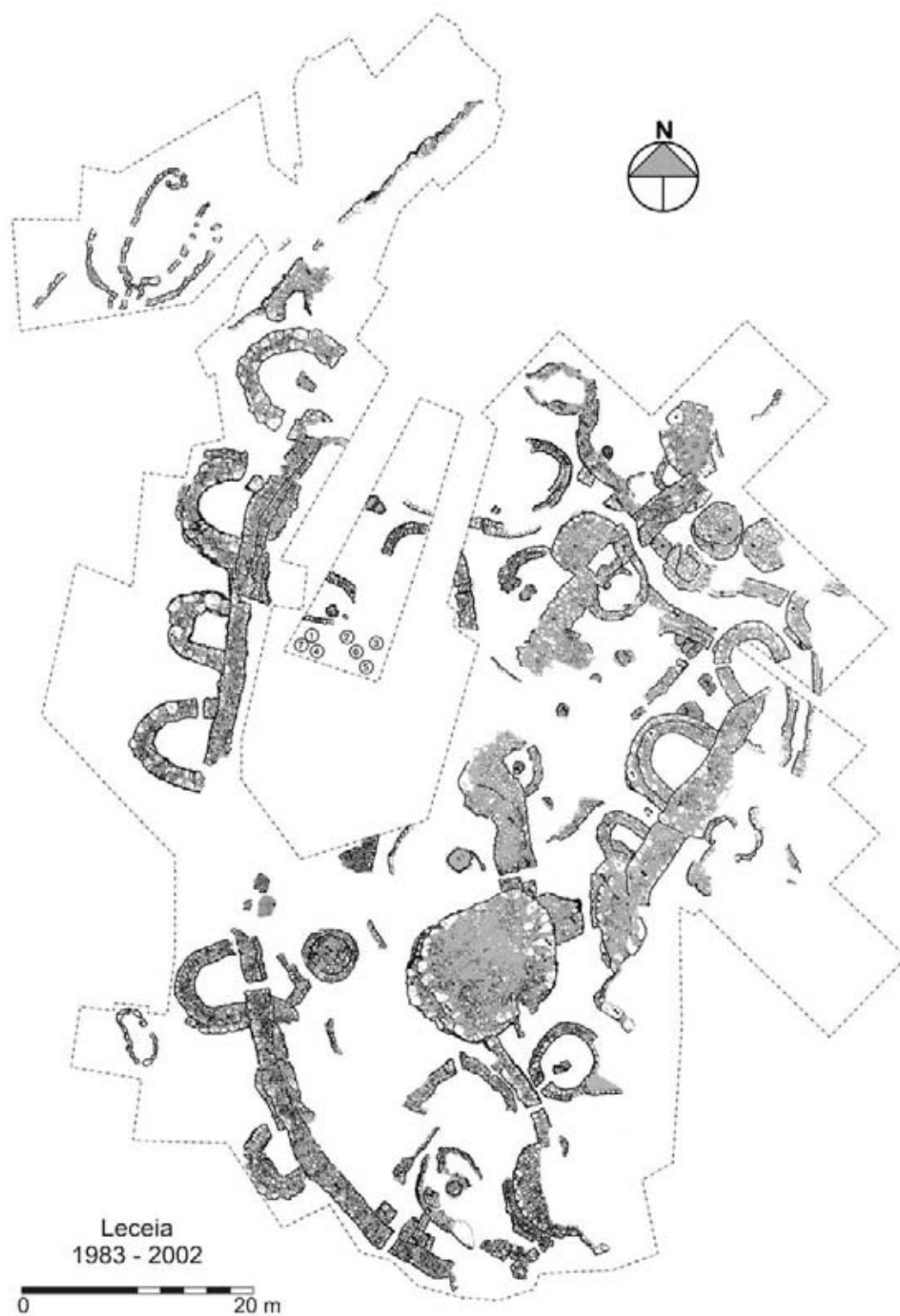


Fig. 37 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 38.

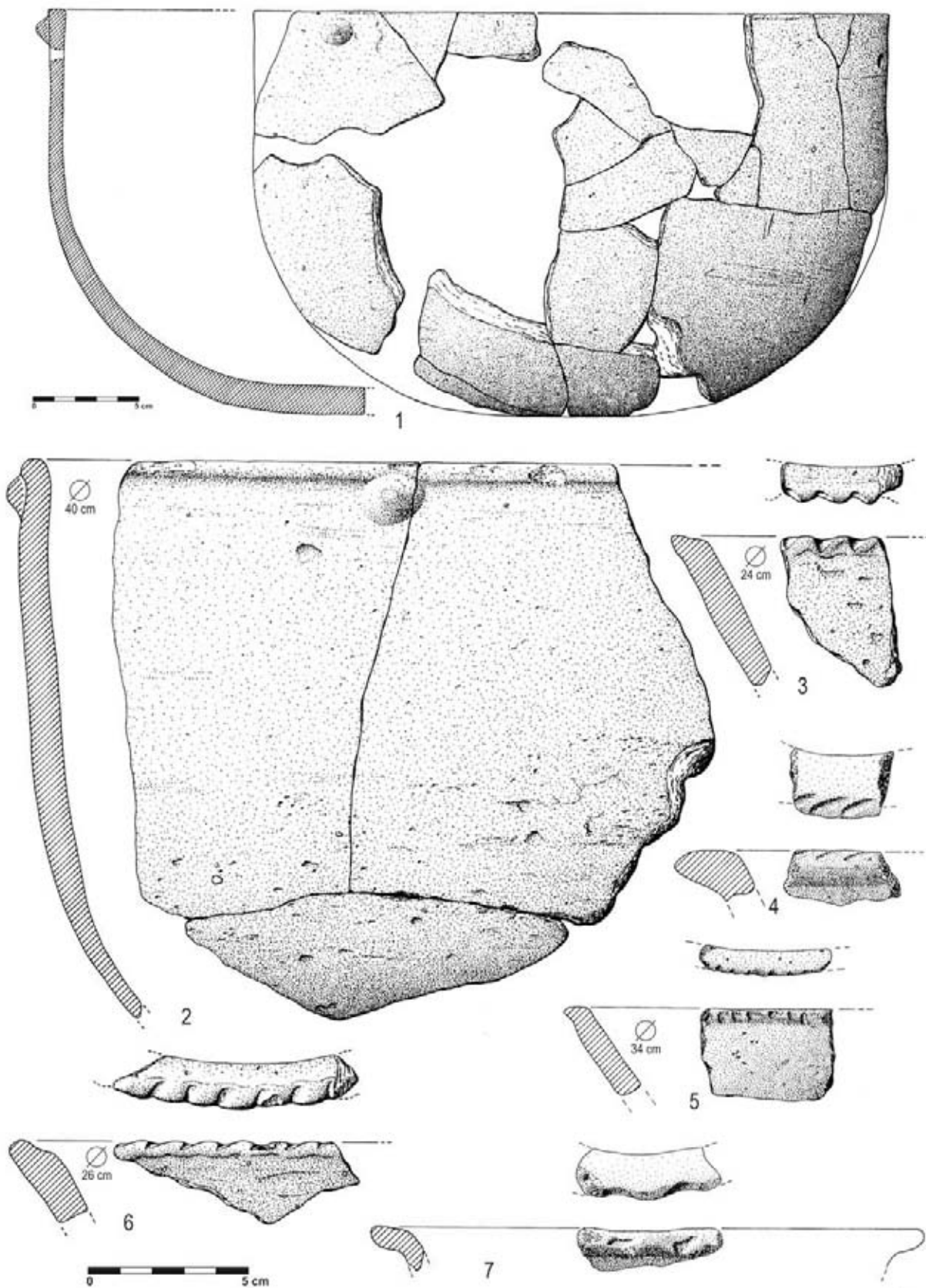


Fig. 38 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

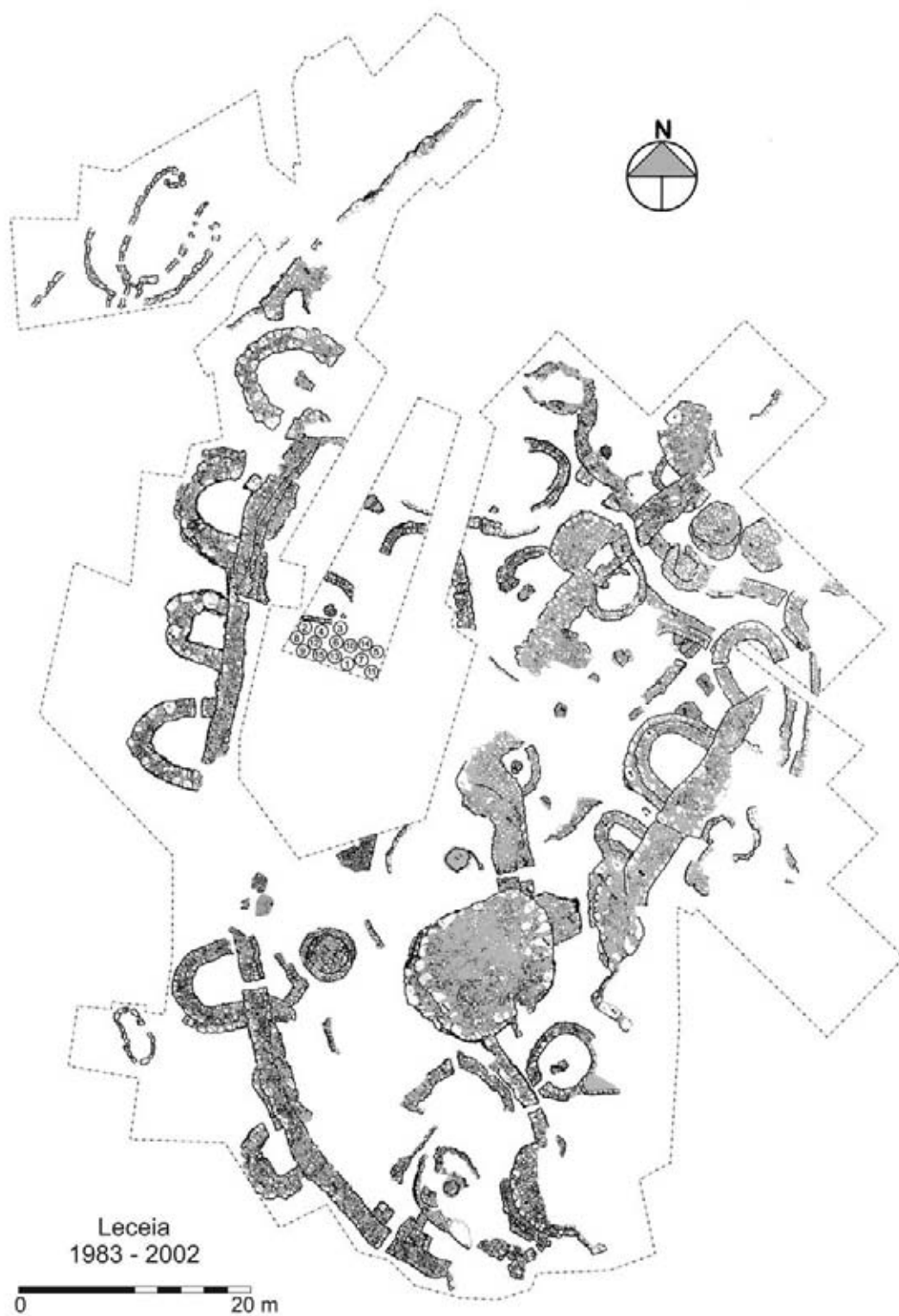


Fig. 39 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 40.

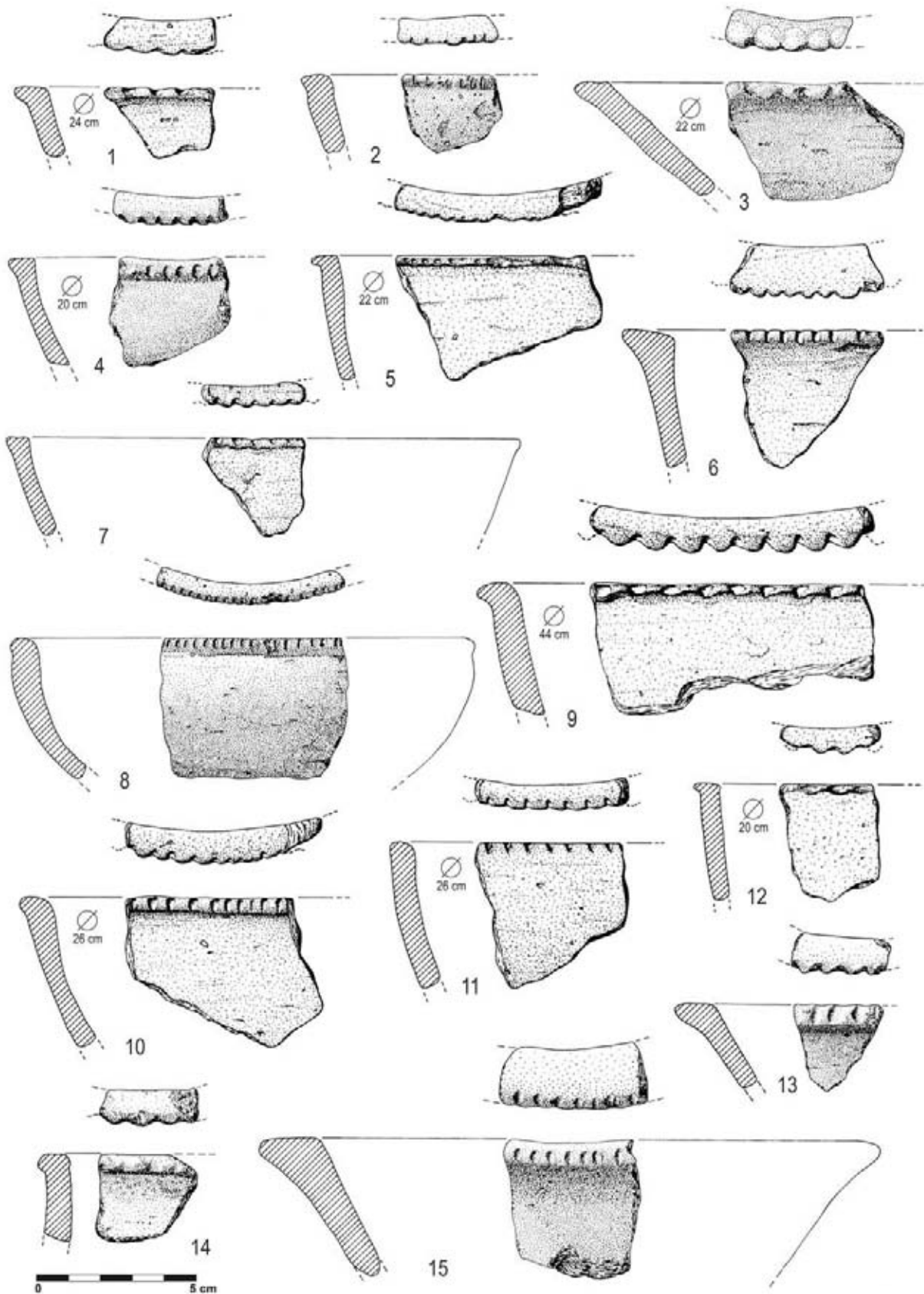


Fig. 40 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

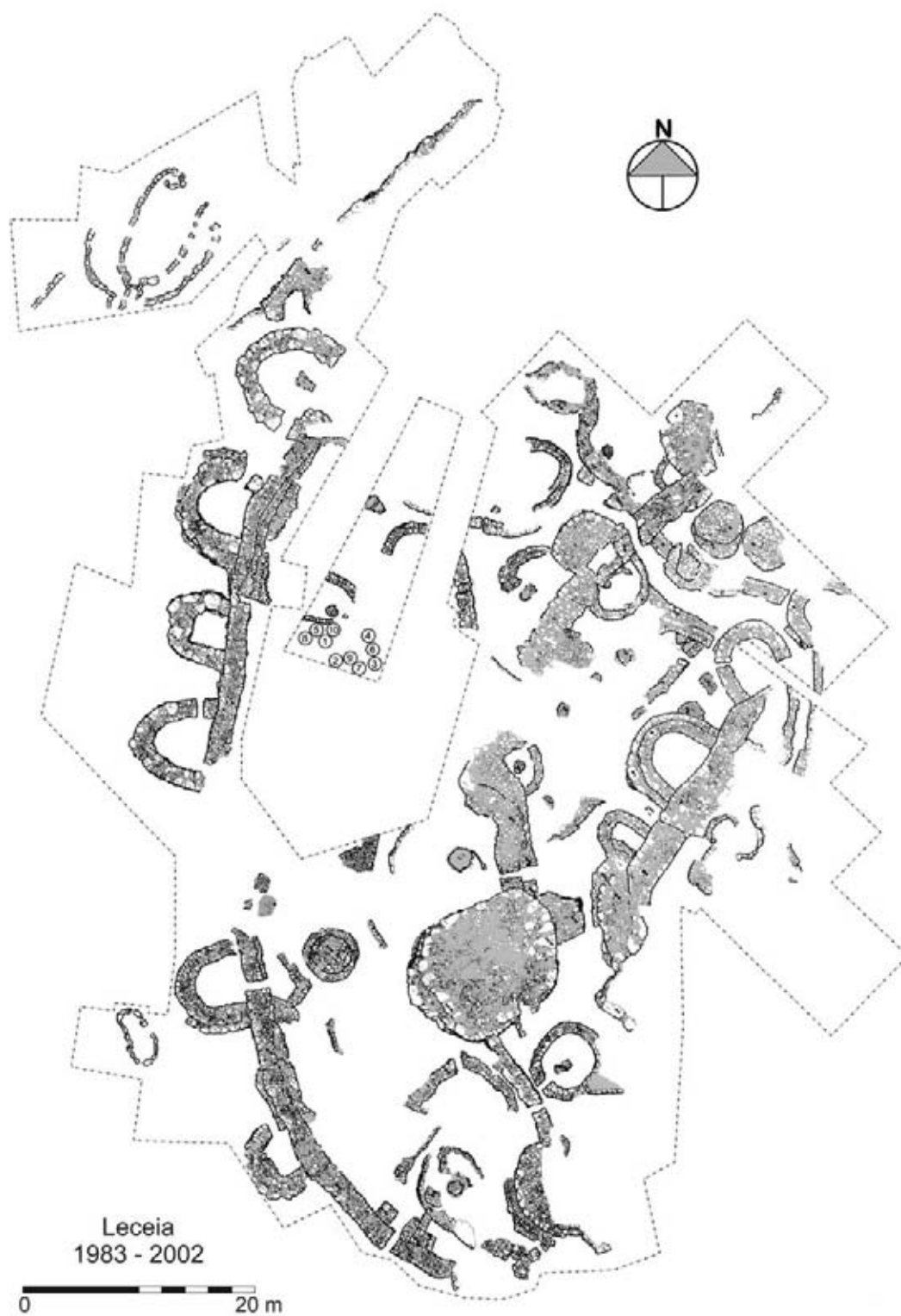


Fig. 41 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 42.

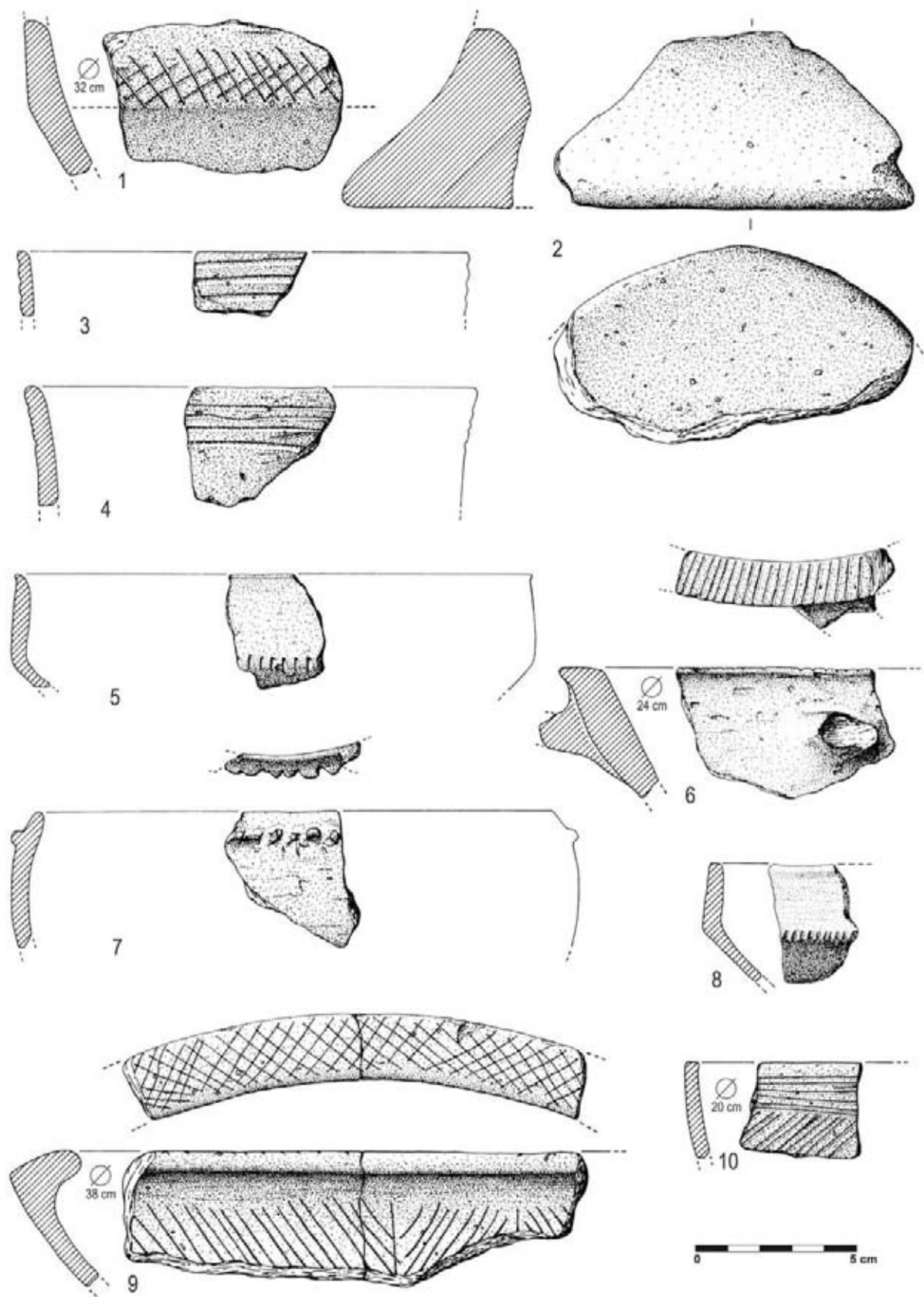


Fig. 42 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

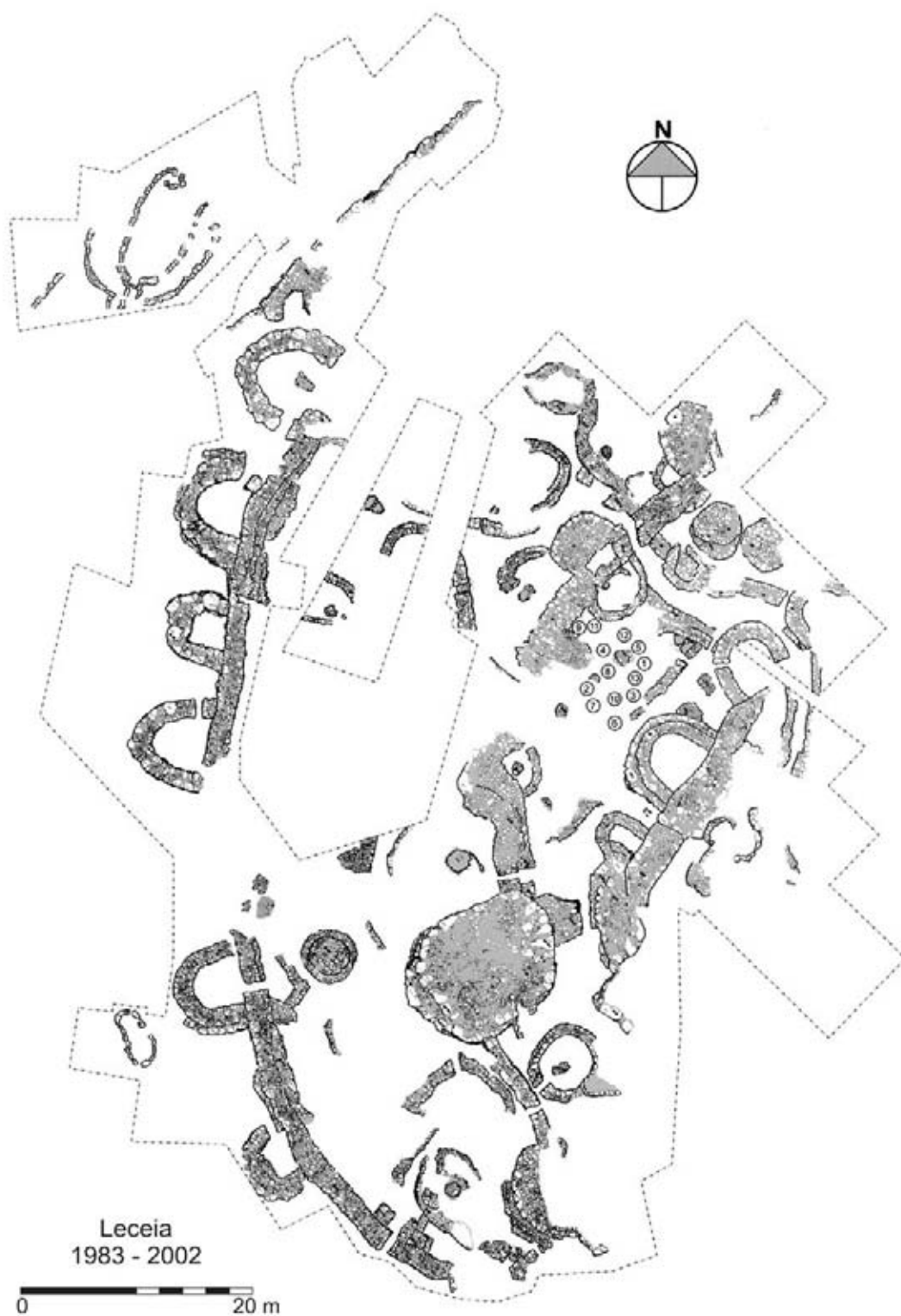


Fig. 43 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 44.

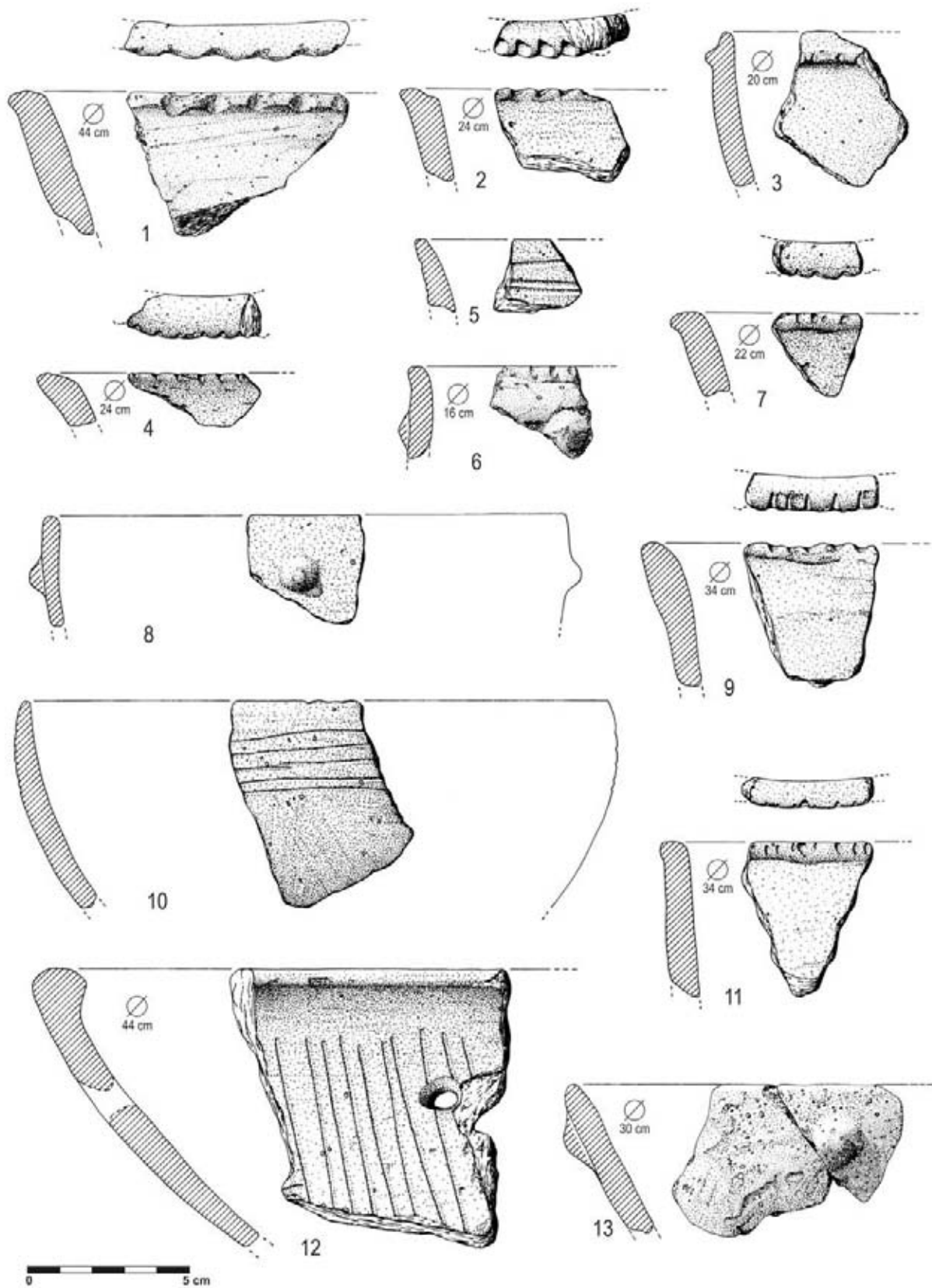


Fig. 44 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.

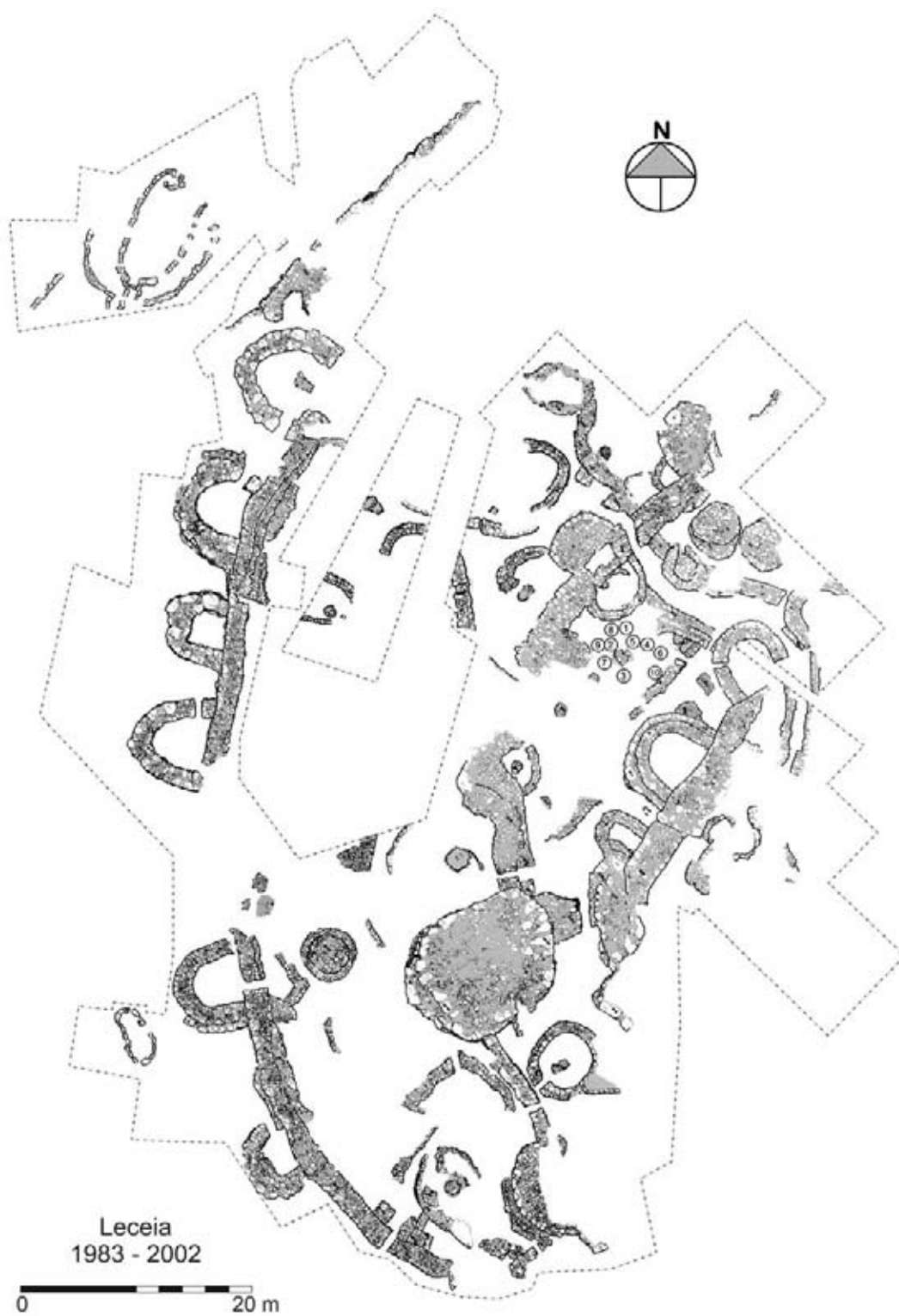


Fig. 45 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 4 representados na Fig. 46.

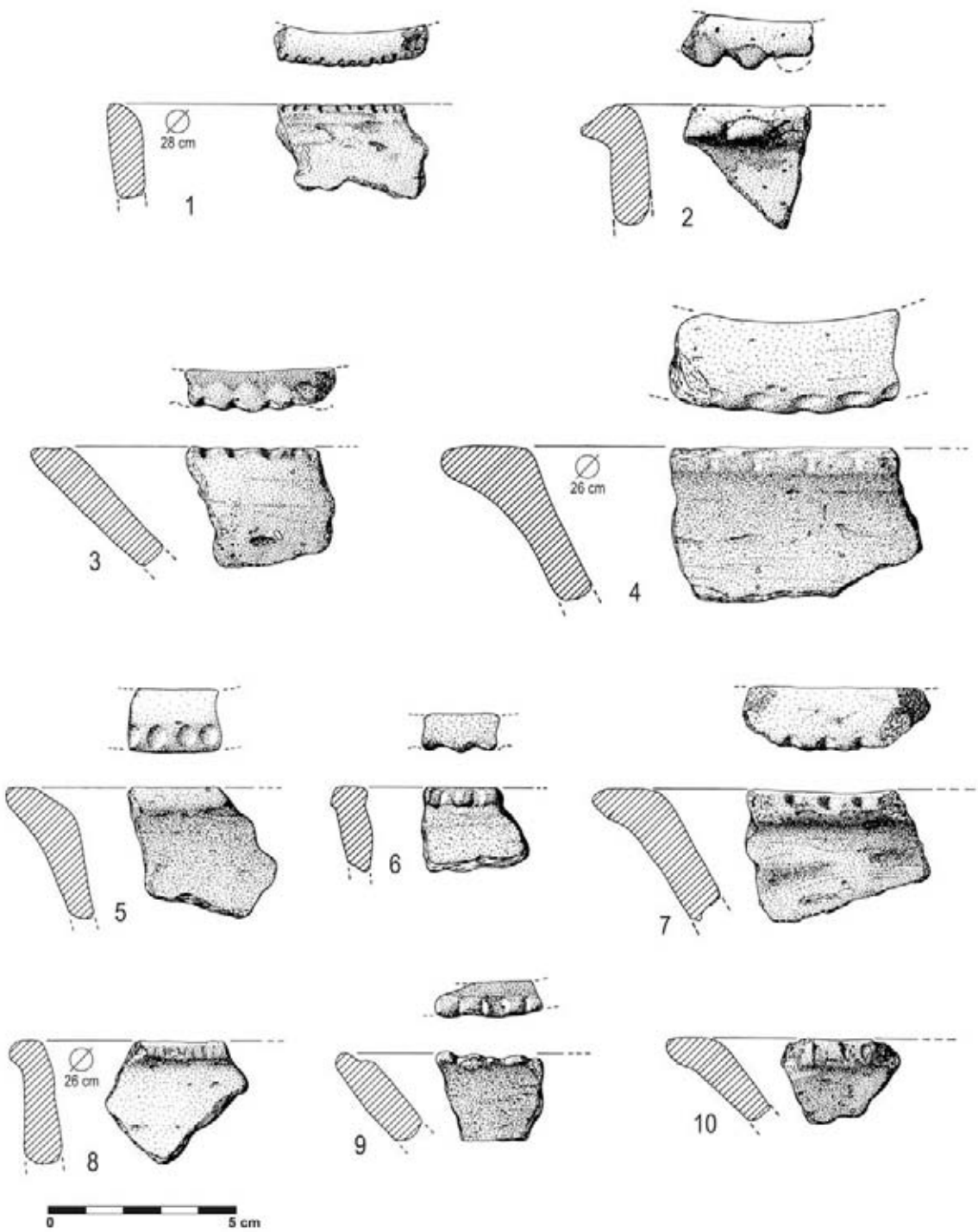


Fig. 46 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 4.



Fig. 47 - Leceia. Distribuição dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 pela área escavada.

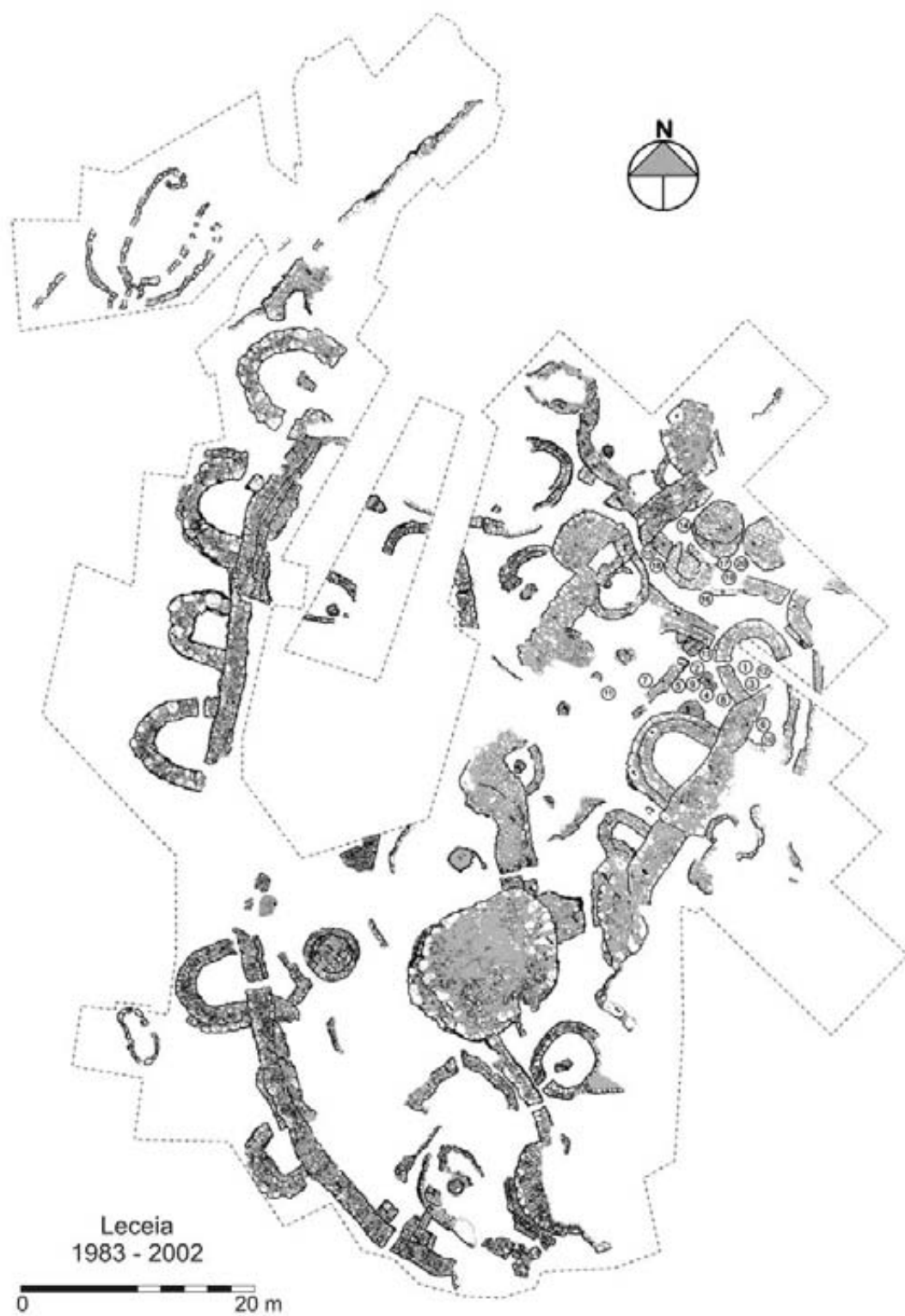


Fig. 48 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 49.

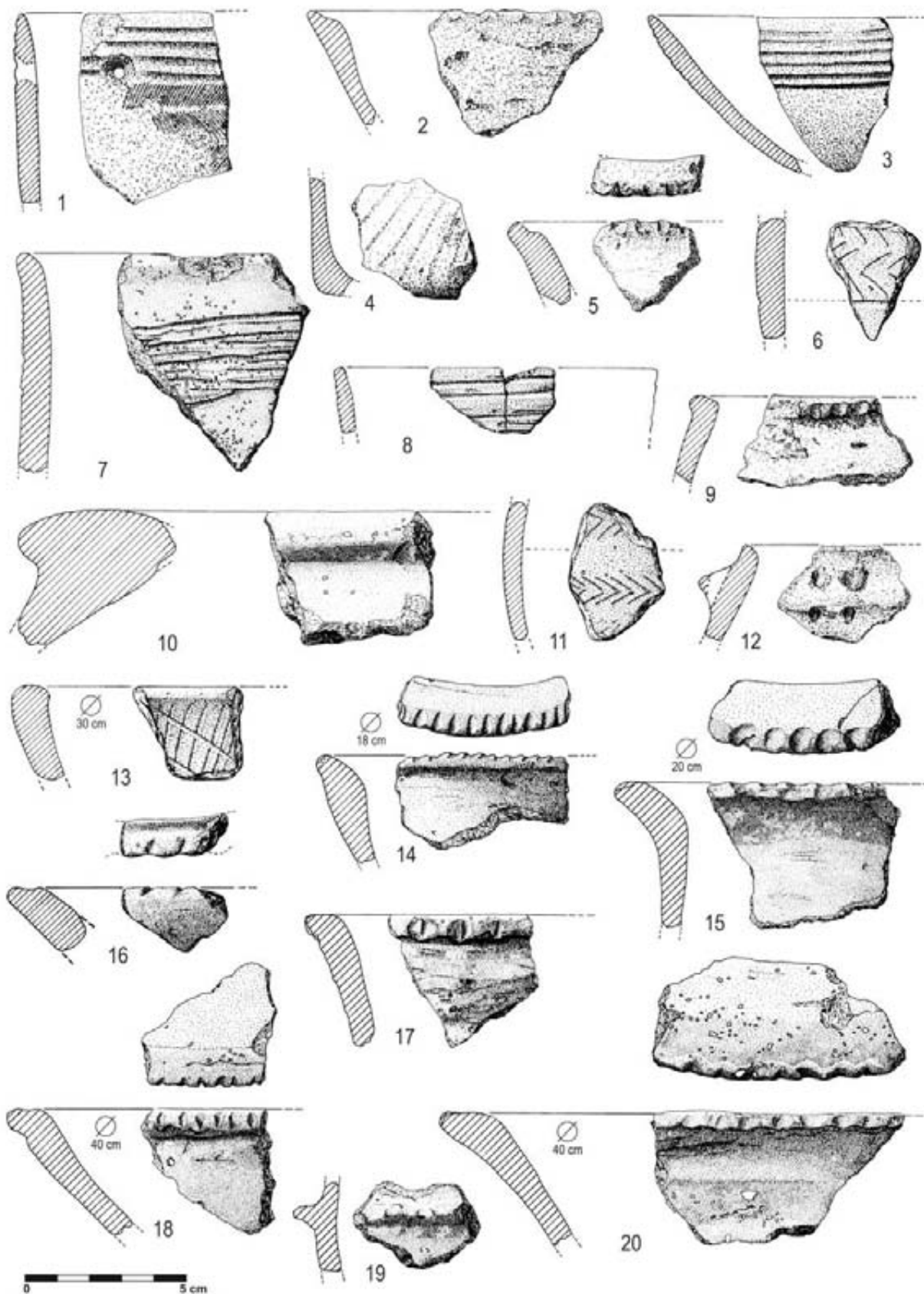


Fig. 49 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

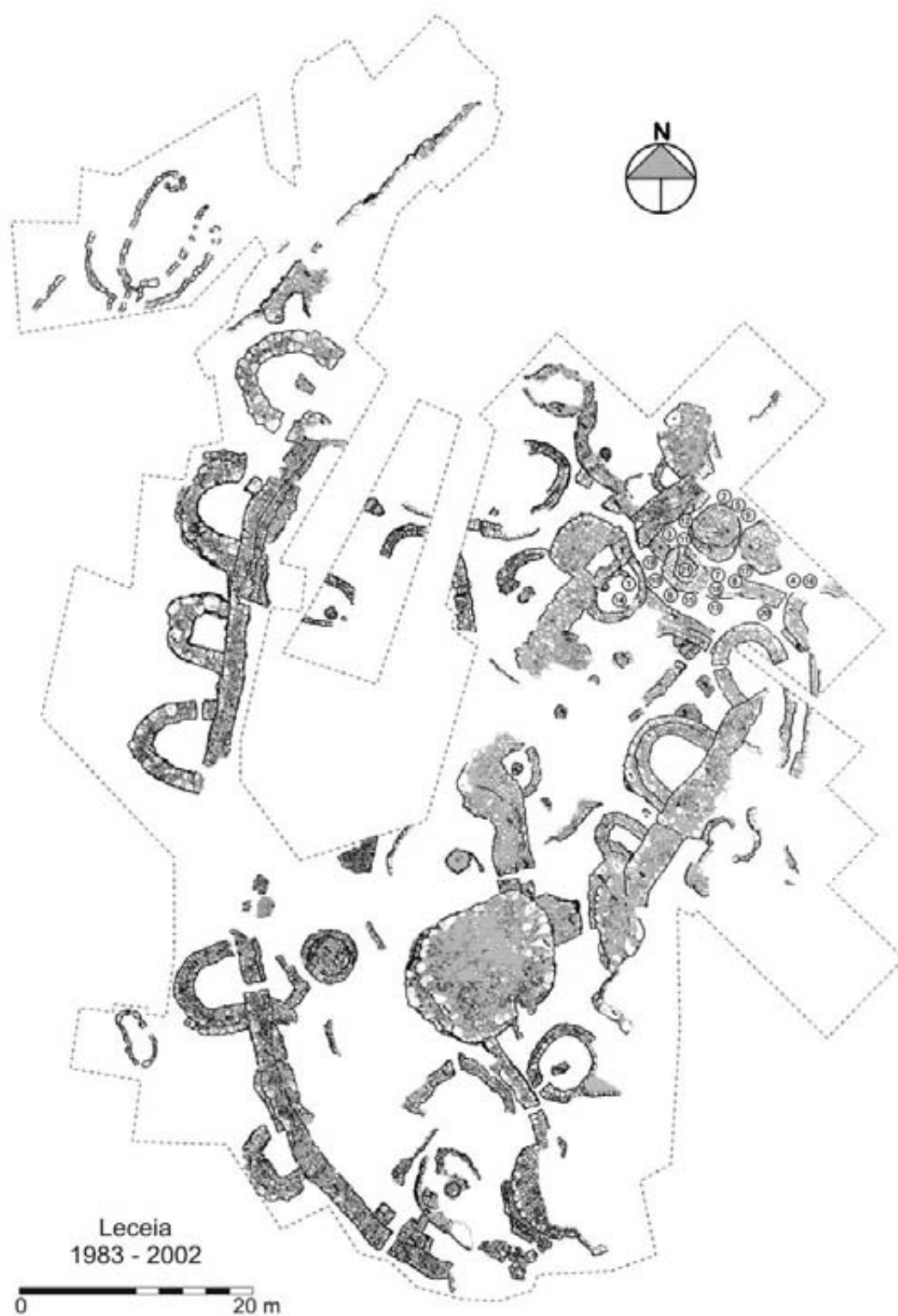


Fig. 50 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 51.

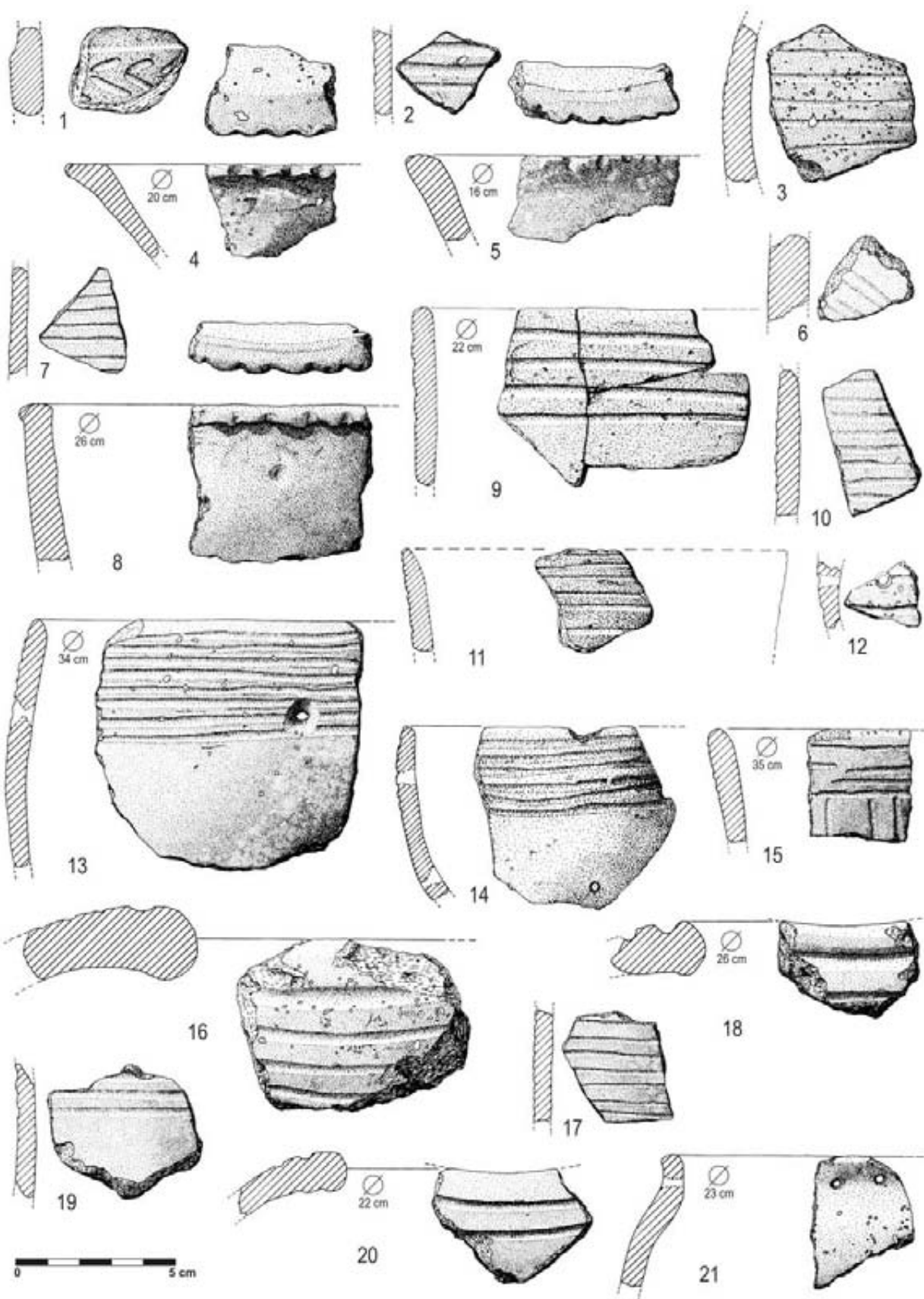


Fig. 51 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

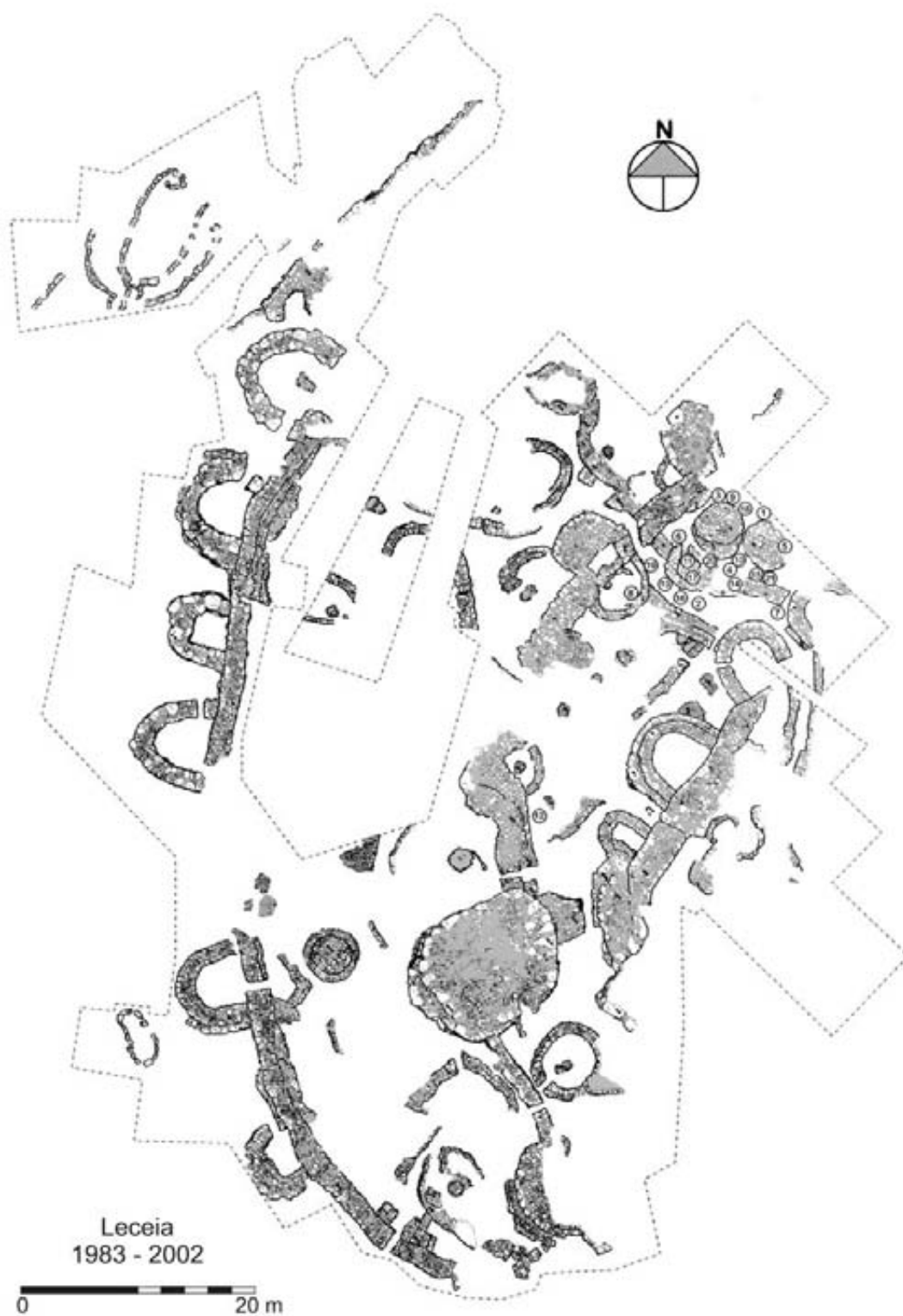


Fig. 52 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 53.

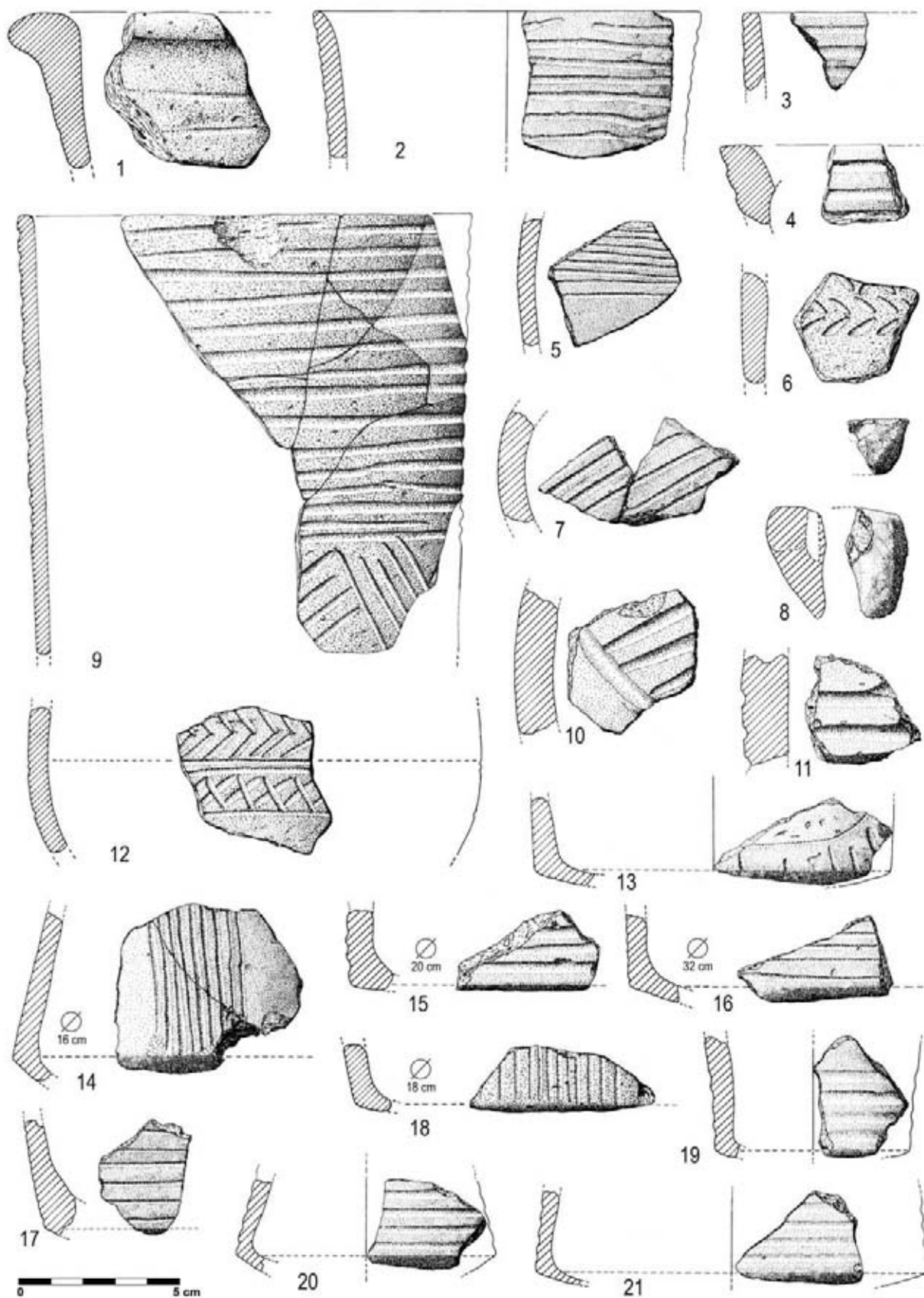


Fig. 53 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

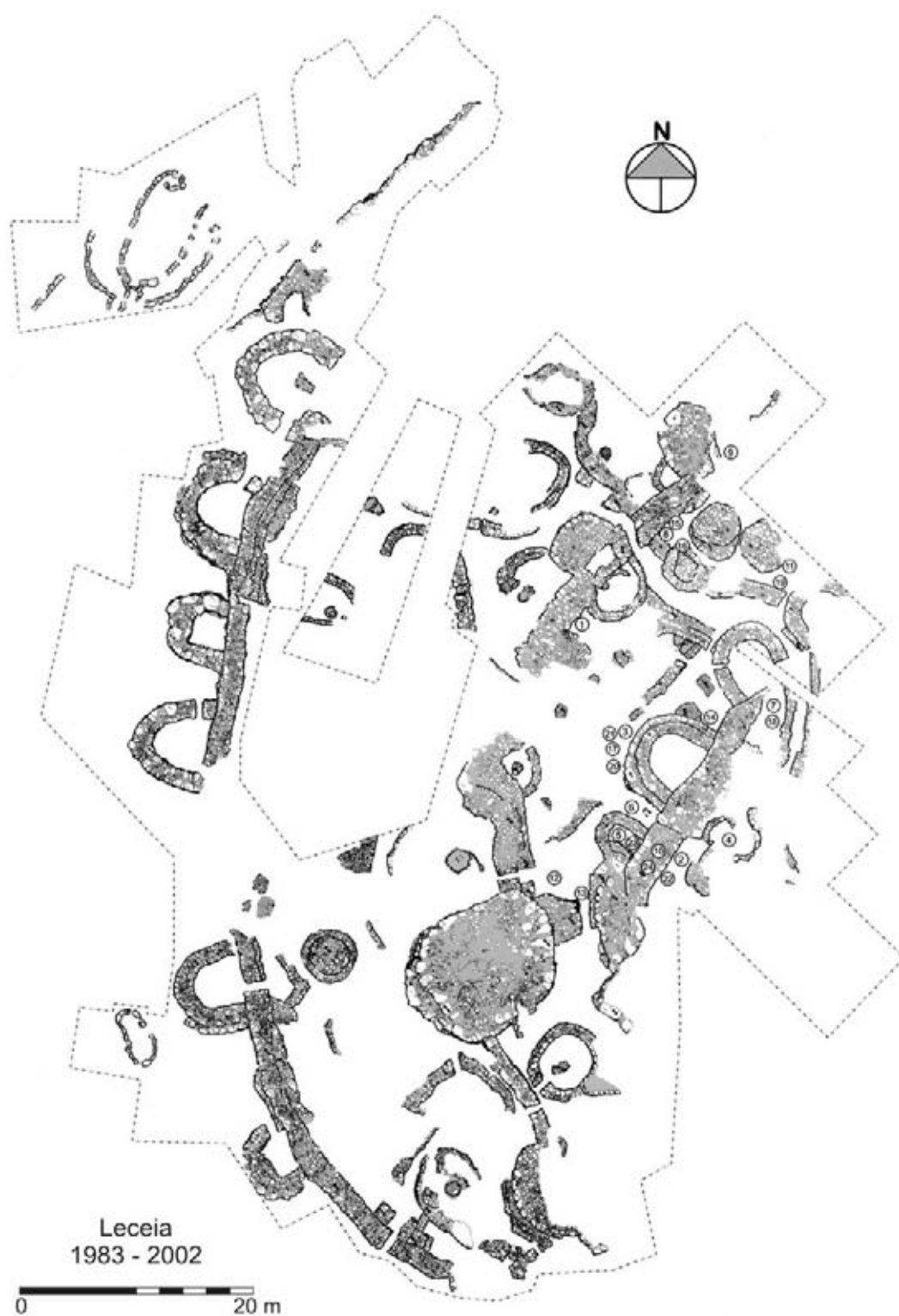


Fig. 54 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 55.

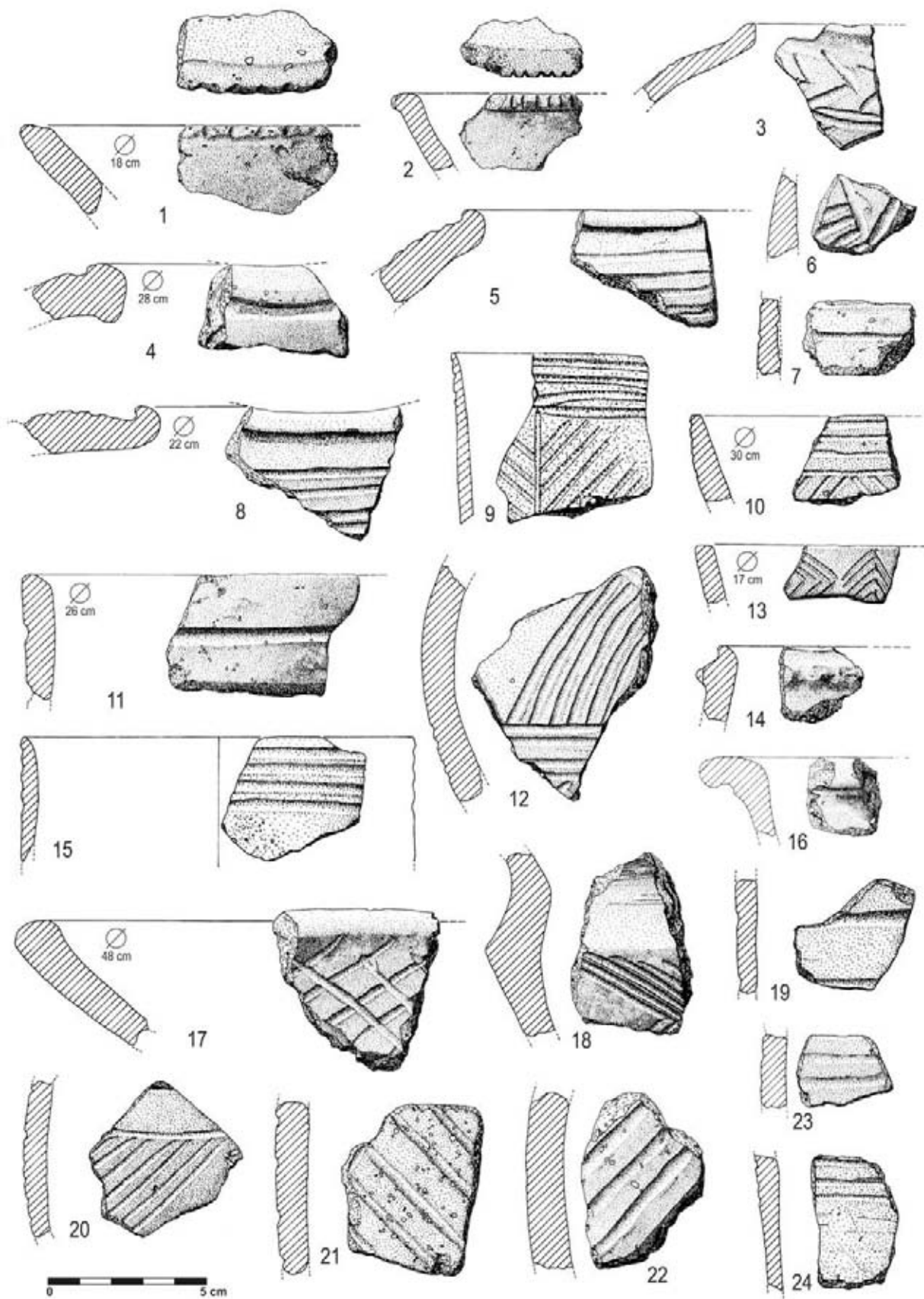


Fig. 55 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

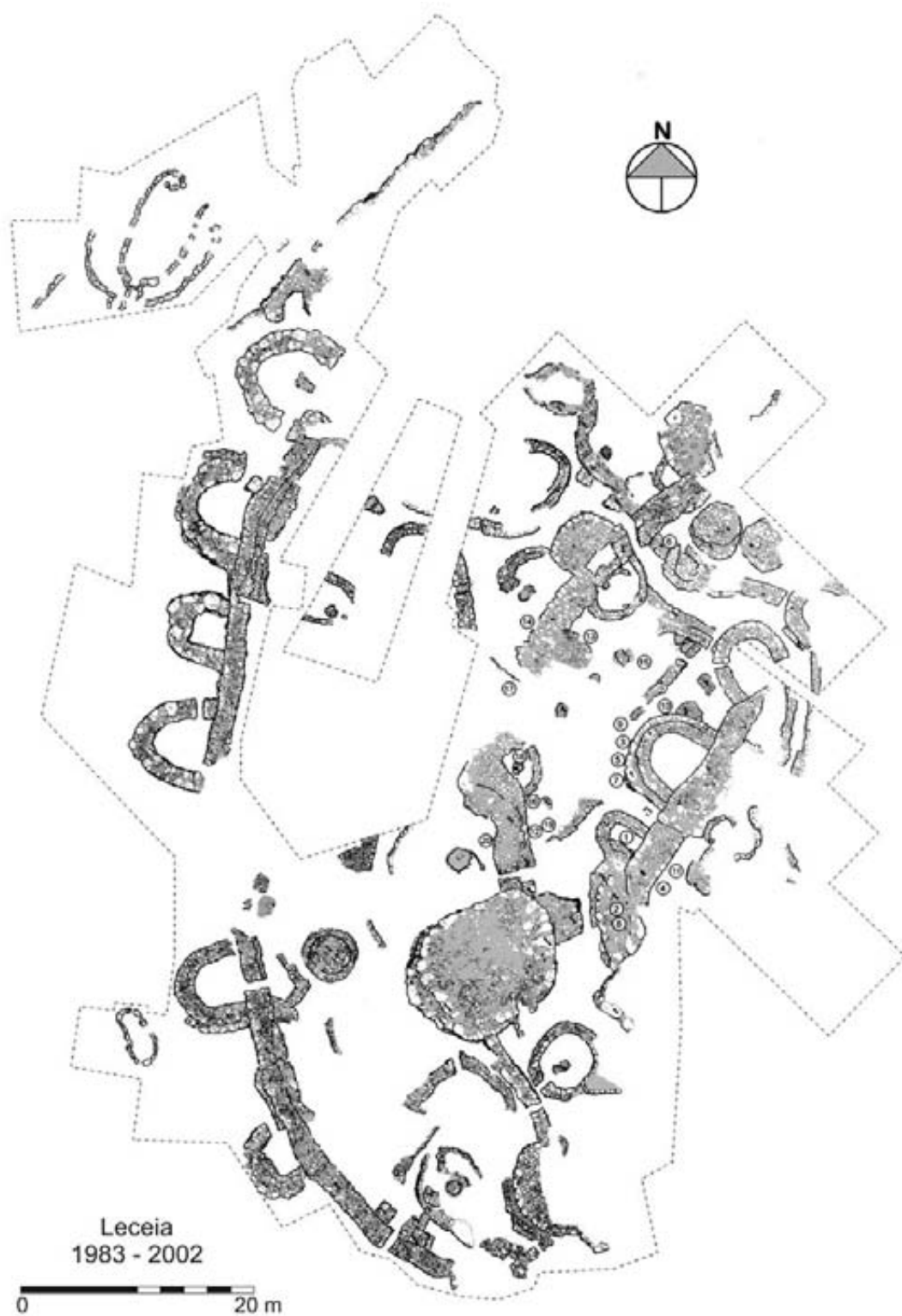


Fig. 56 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 57.

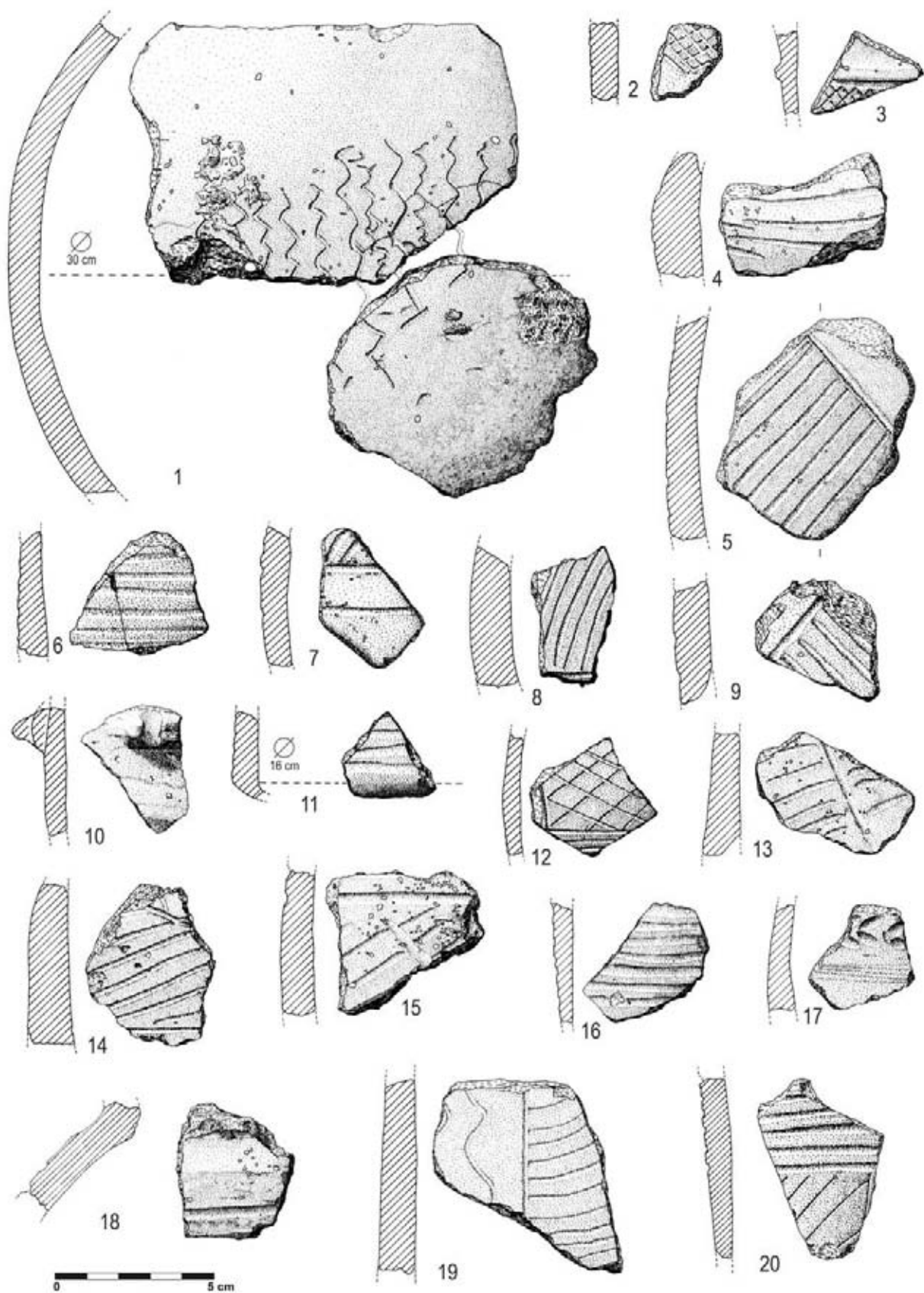


Fig. 57 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

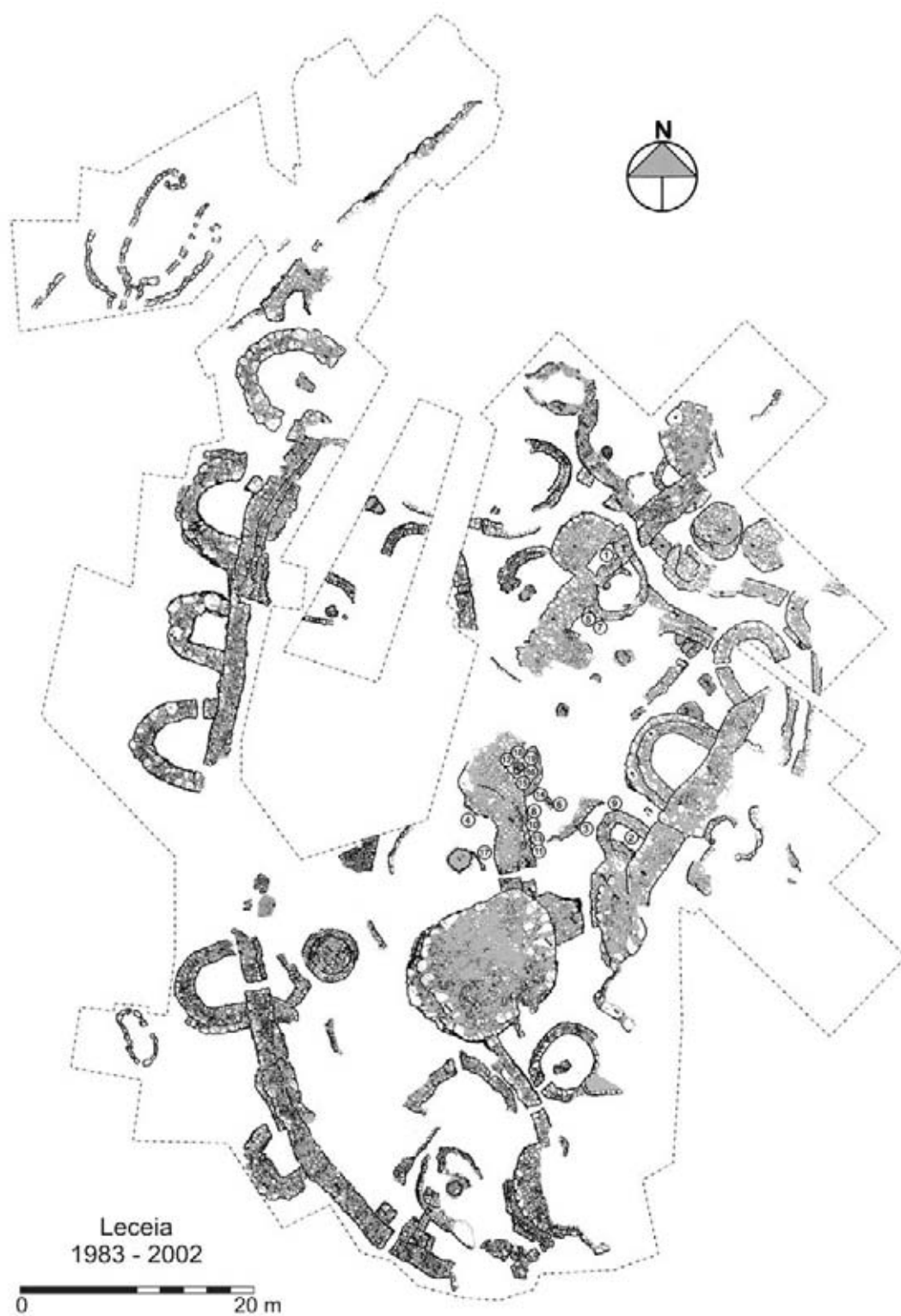


Fig. 58 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 59.

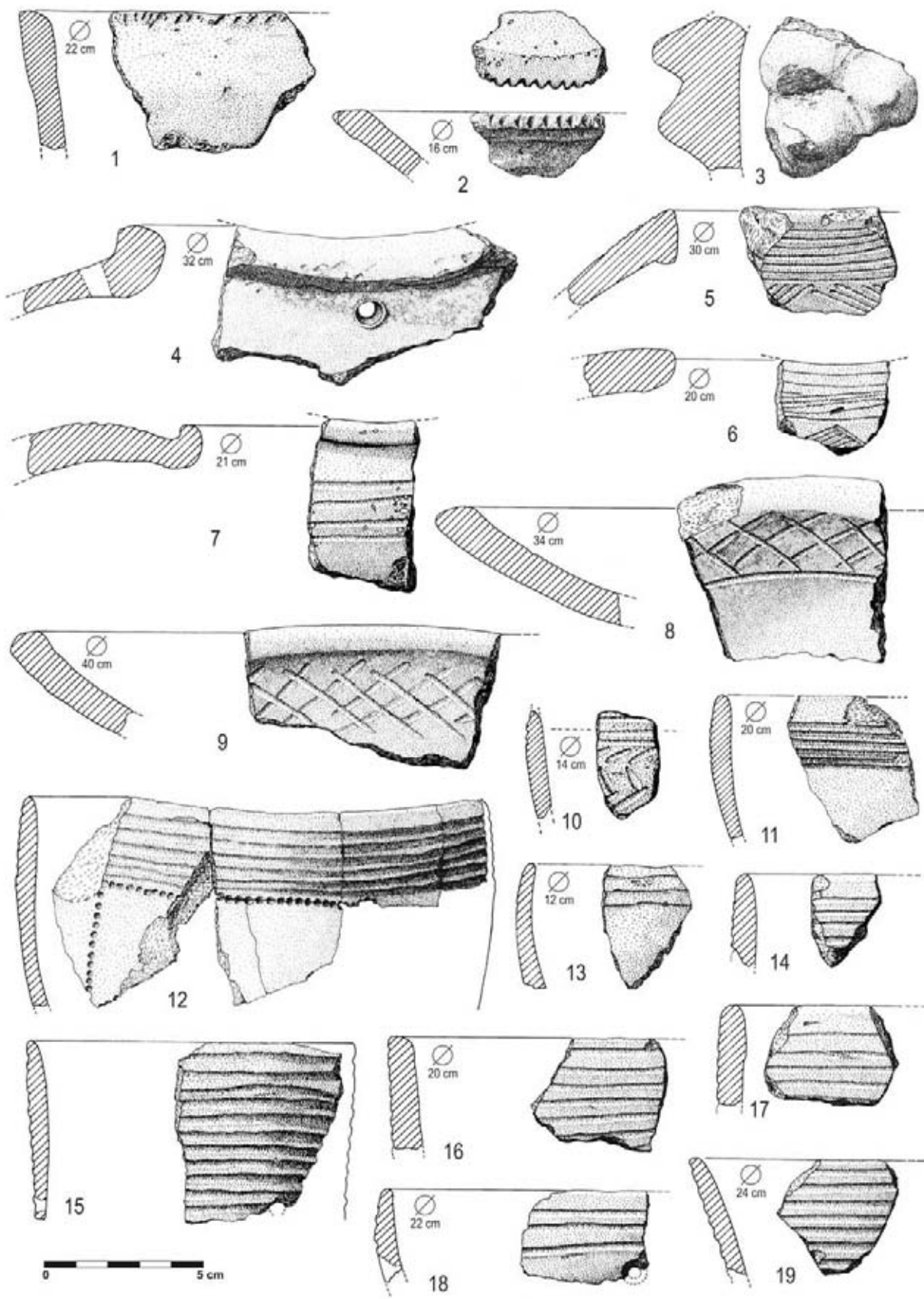


Fig. 59 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

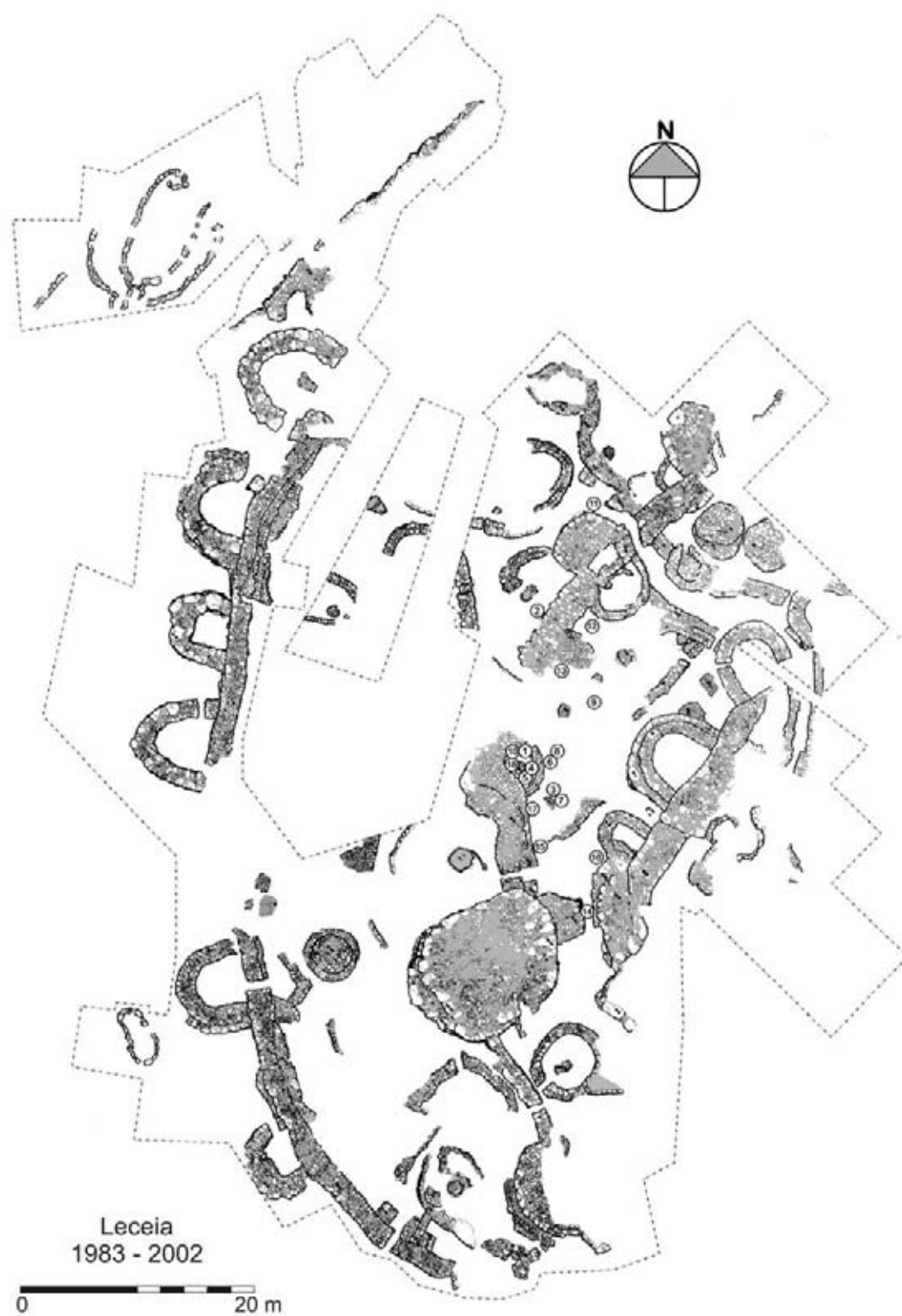


Fig. 60 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 61.

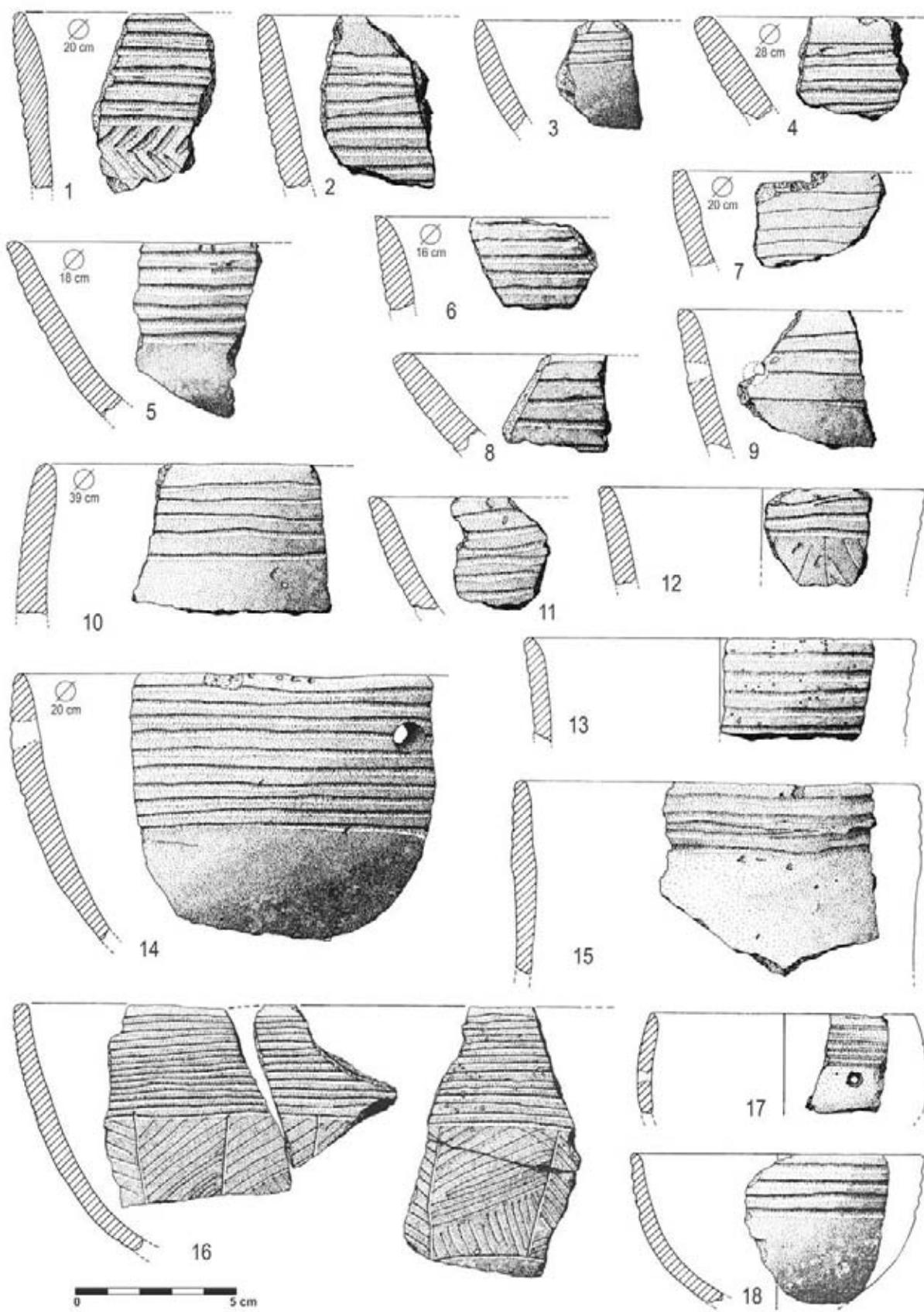


Fig. 61 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

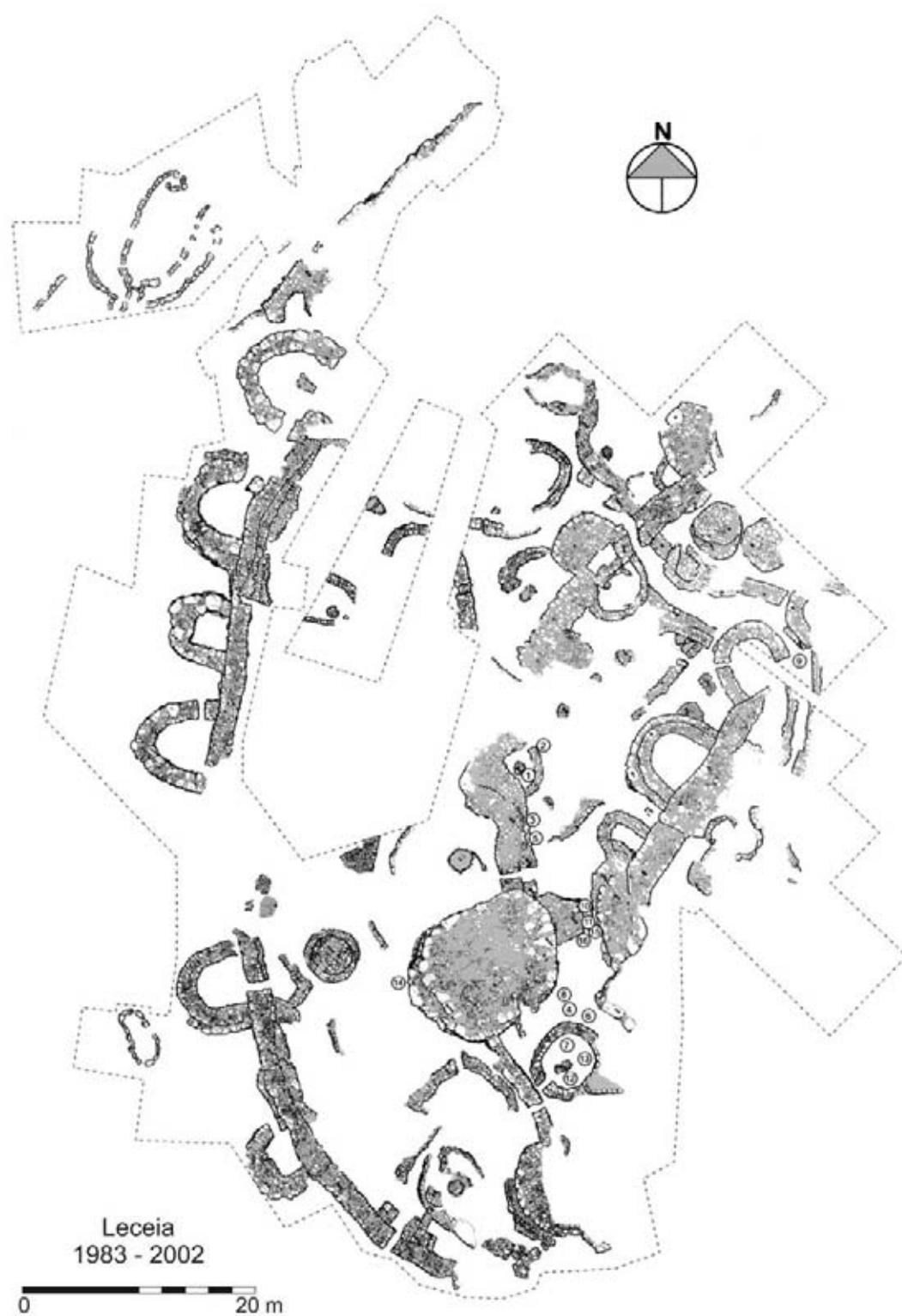


Fig. 62 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 63.

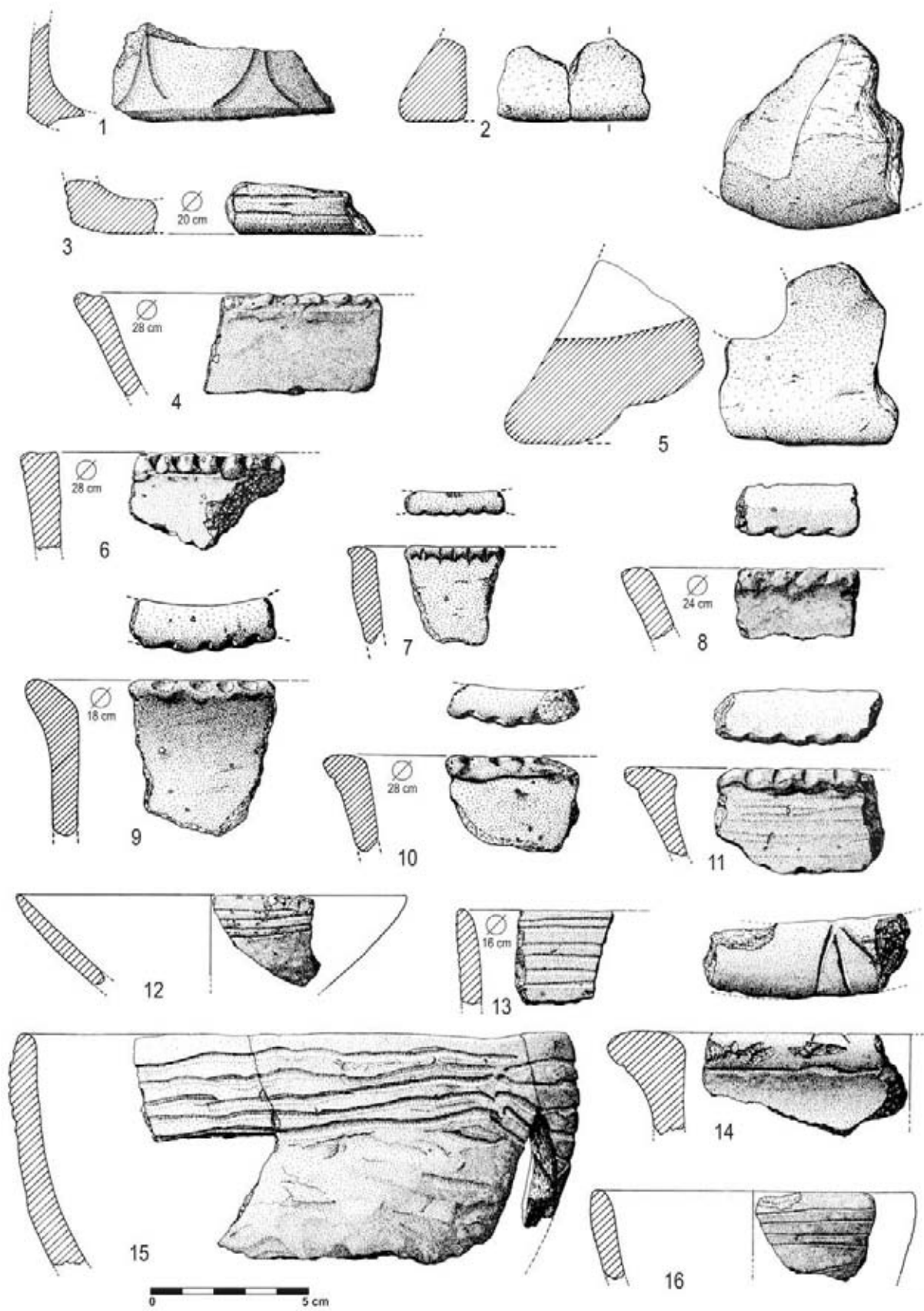


Fig. 63 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

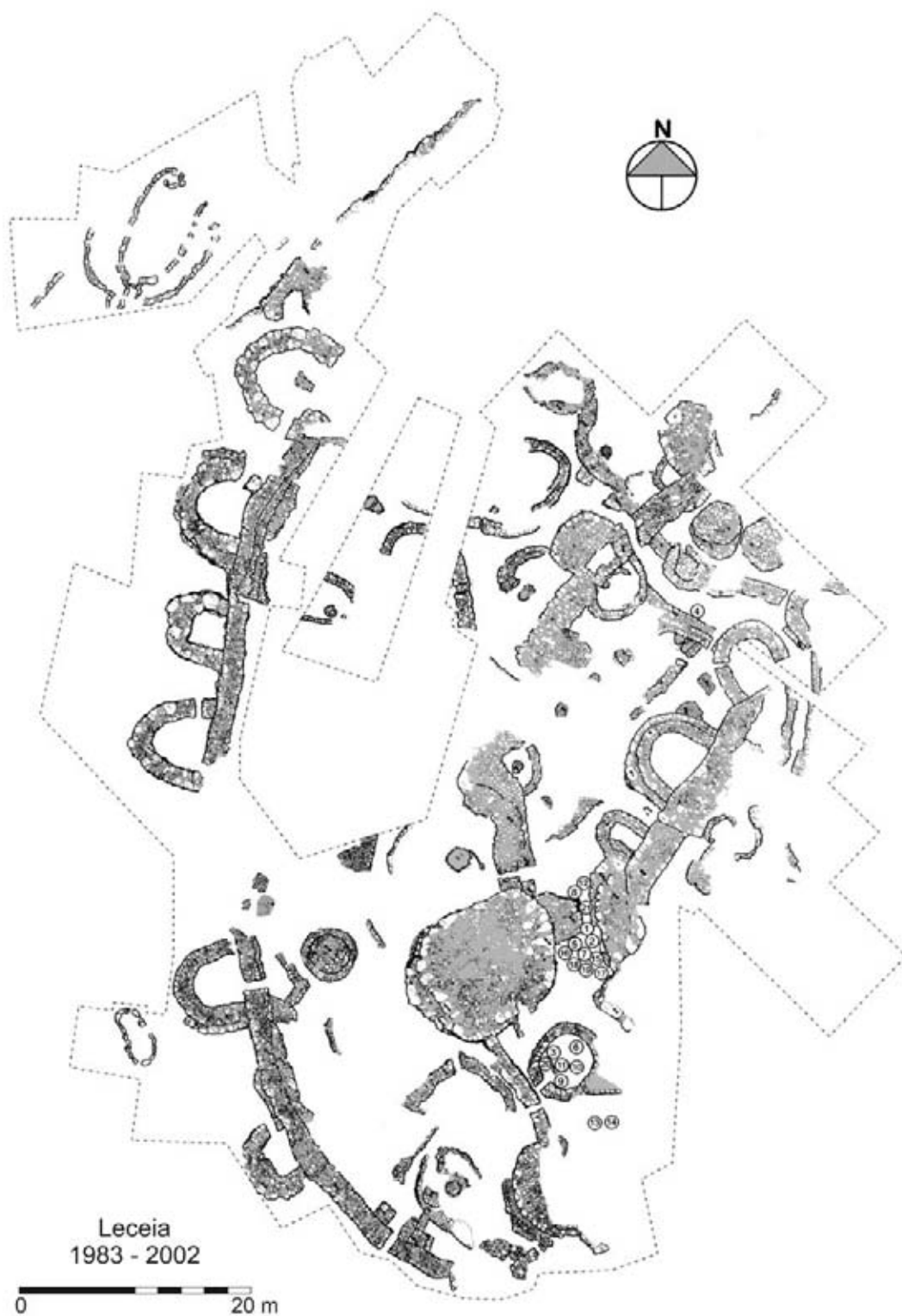


Fig. 64 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 65.

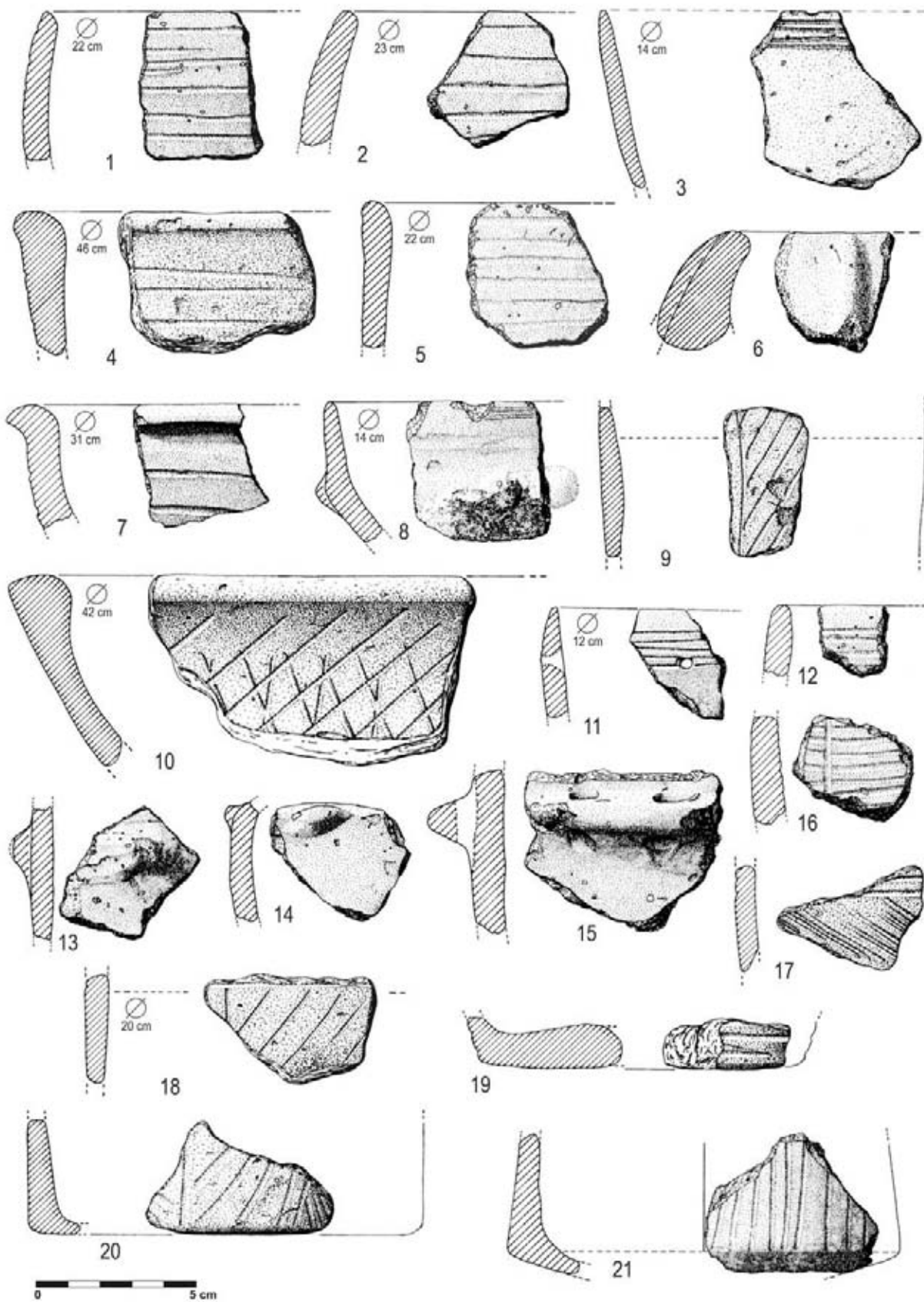


Fig. 65 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

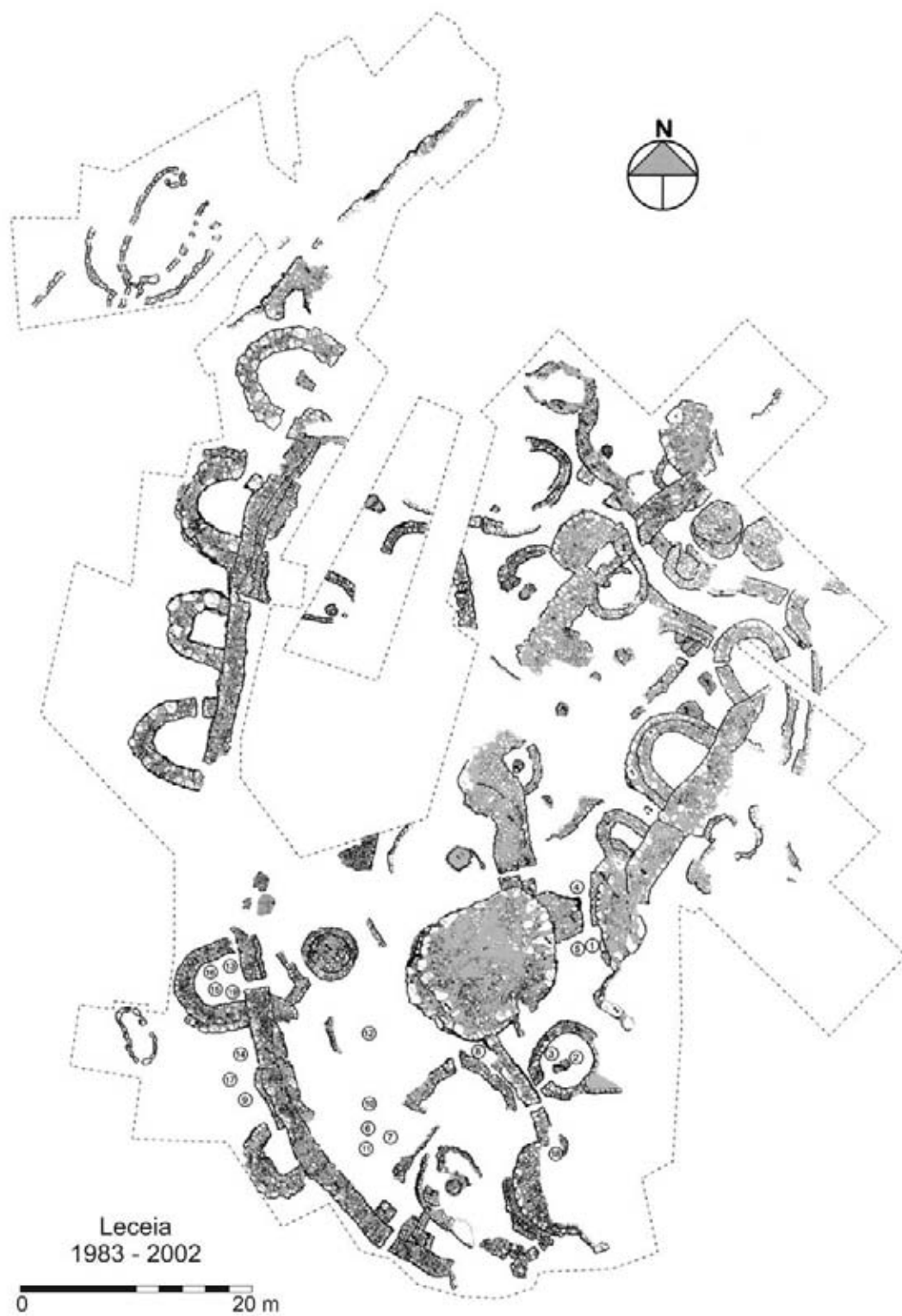


Fig. 66 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 67.

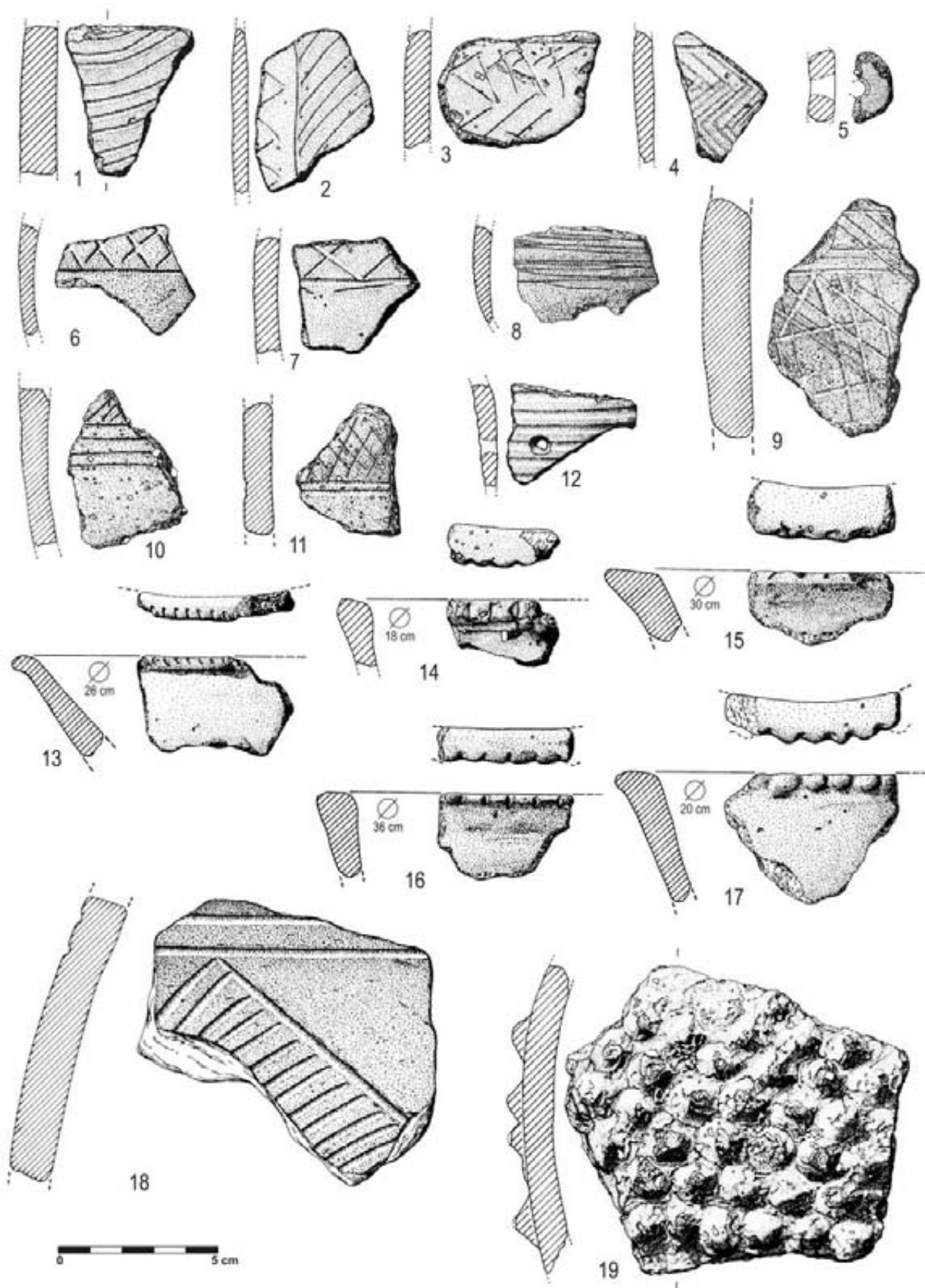


Fig. 67 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

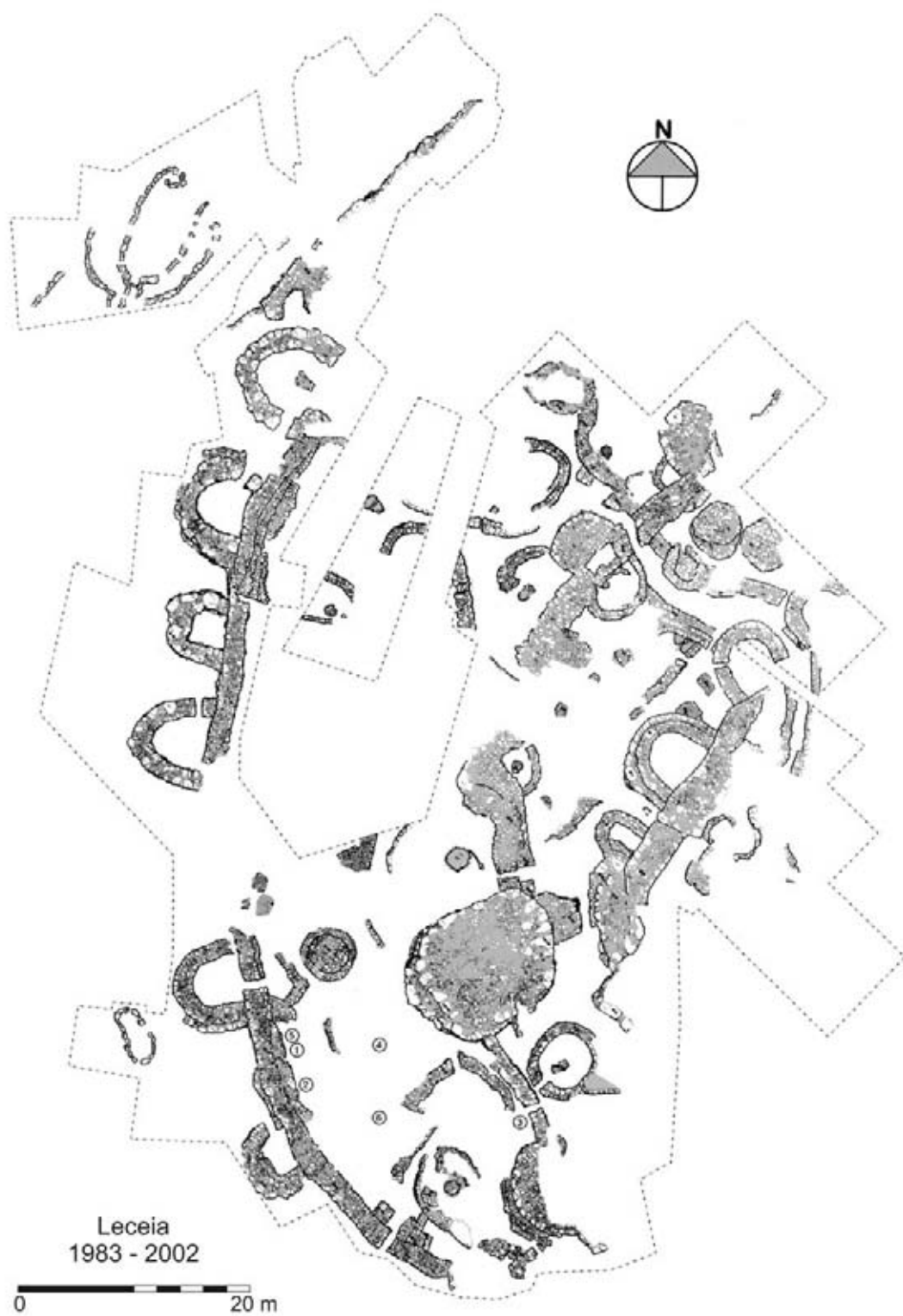


Fig. 68 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 69.

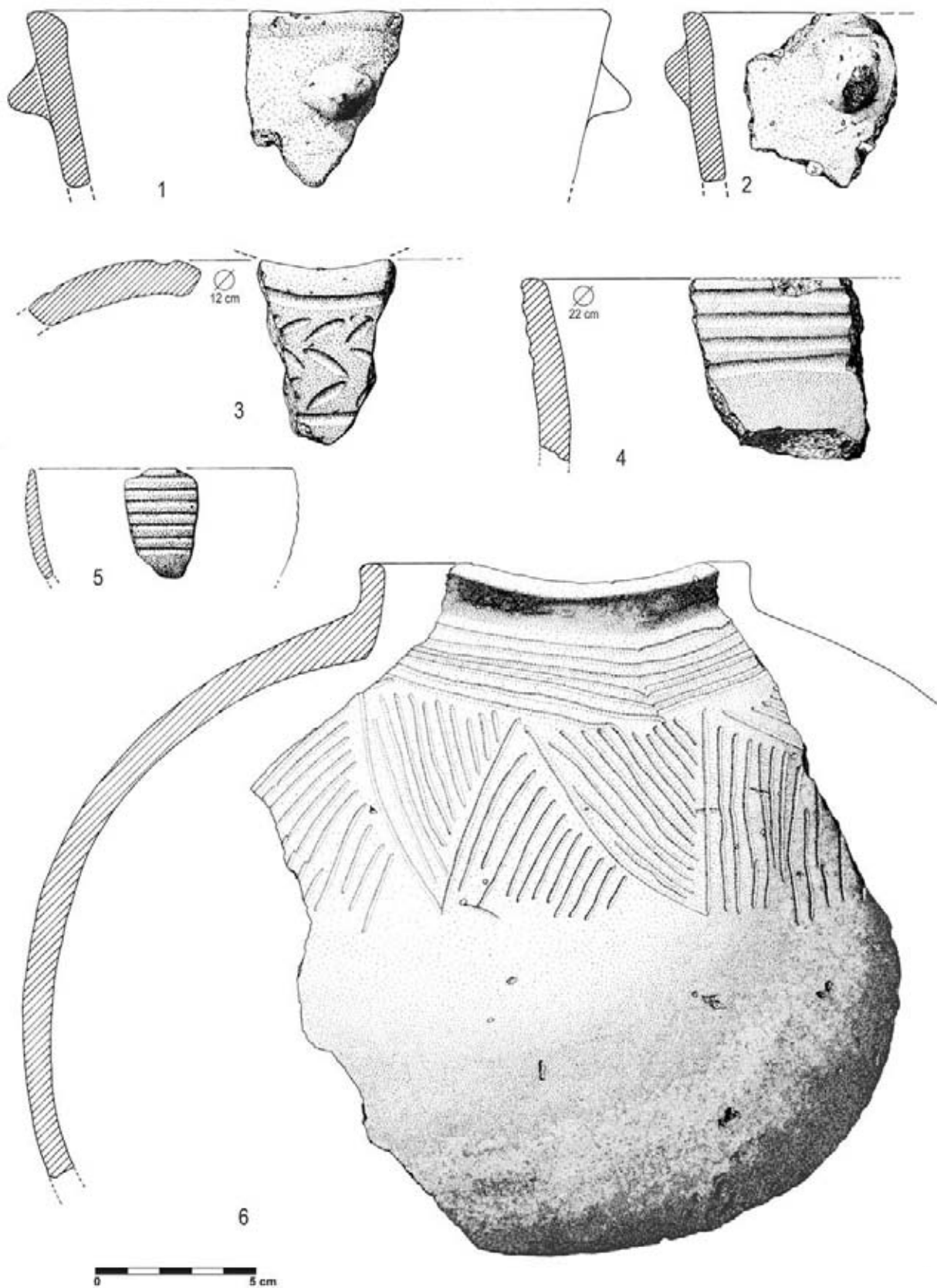


Fig. 69 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

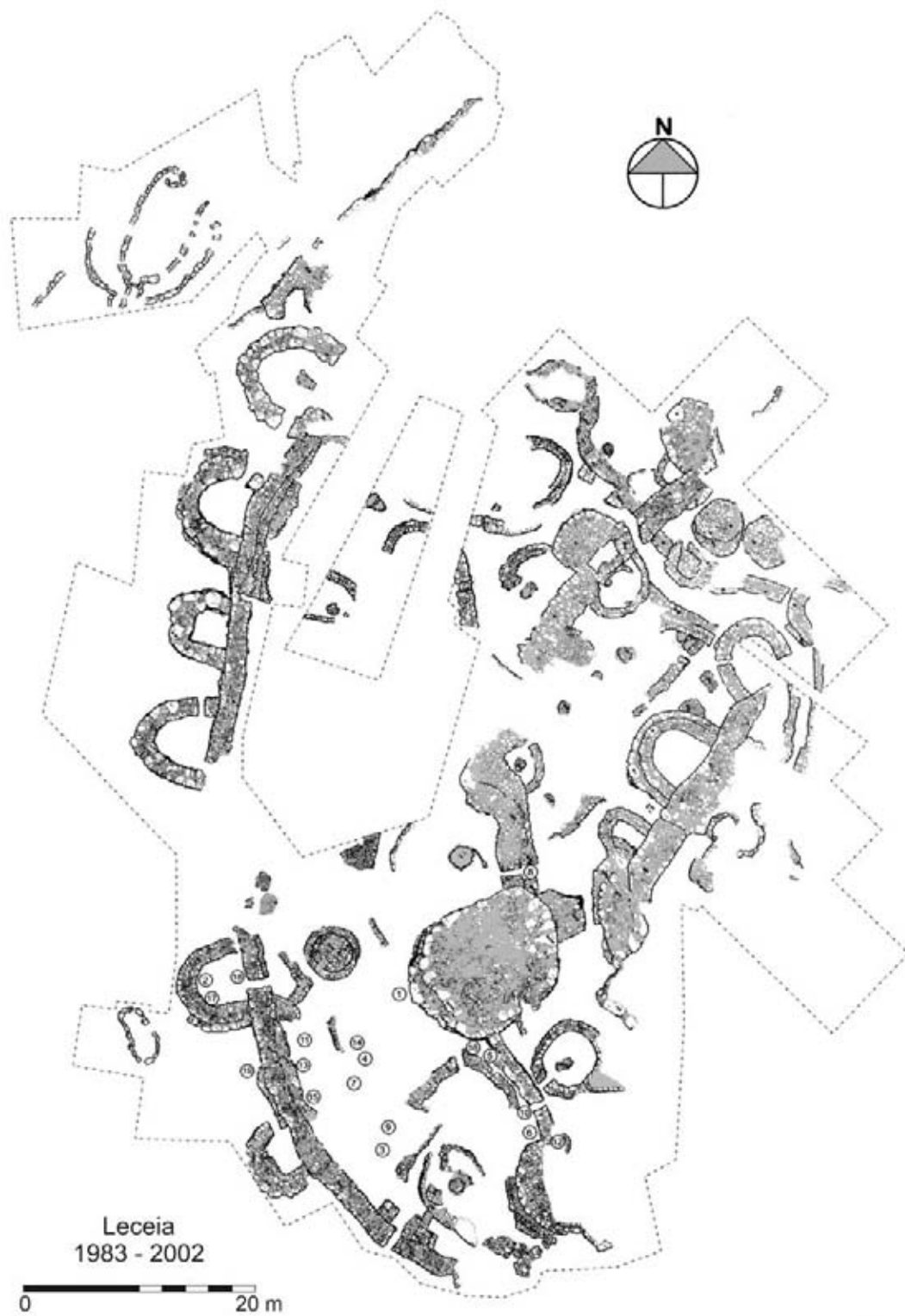


Fig. 70 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 71.

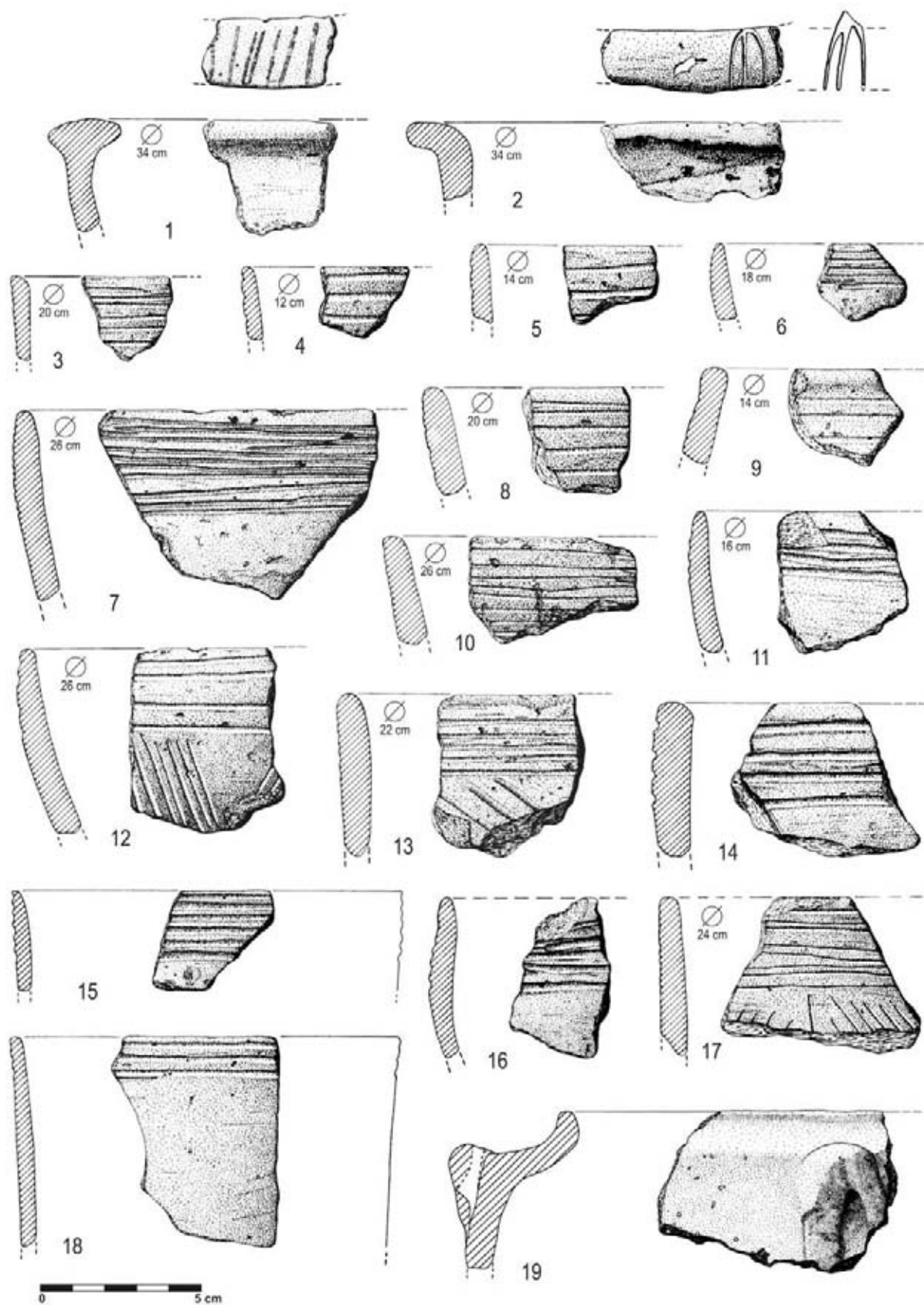


Fig. 71 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

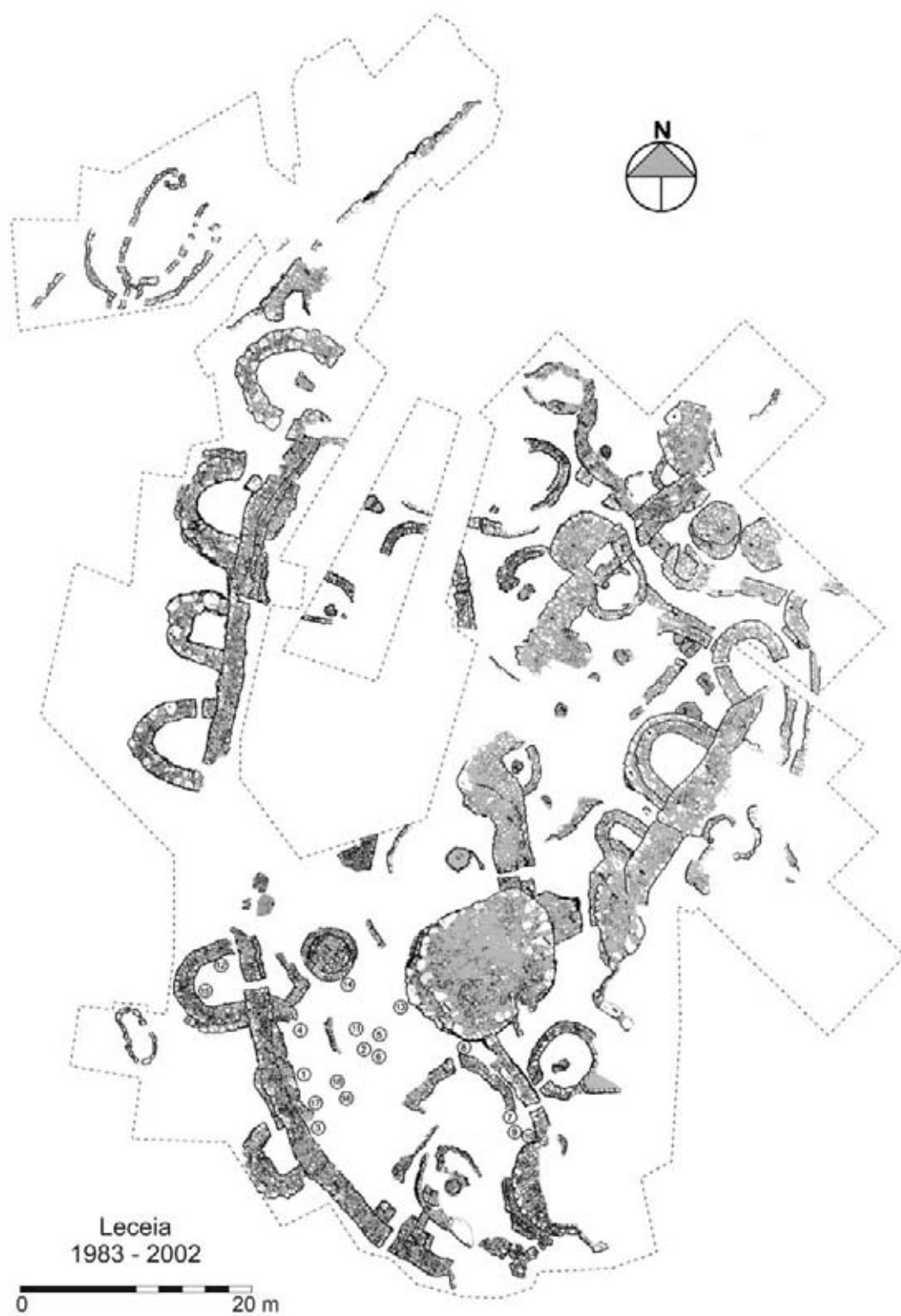


Fig. 72 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 73.

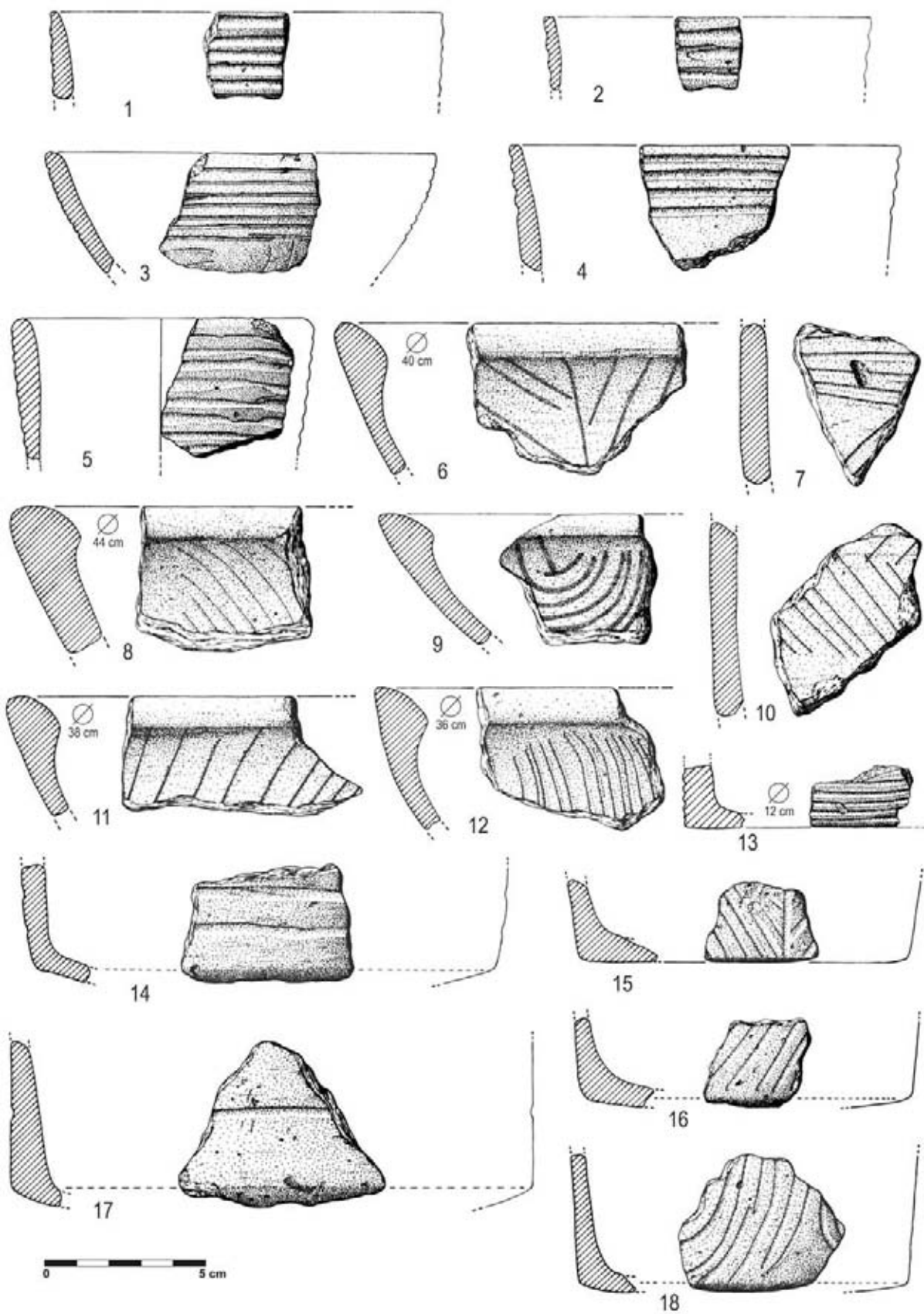


Fig. 73 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

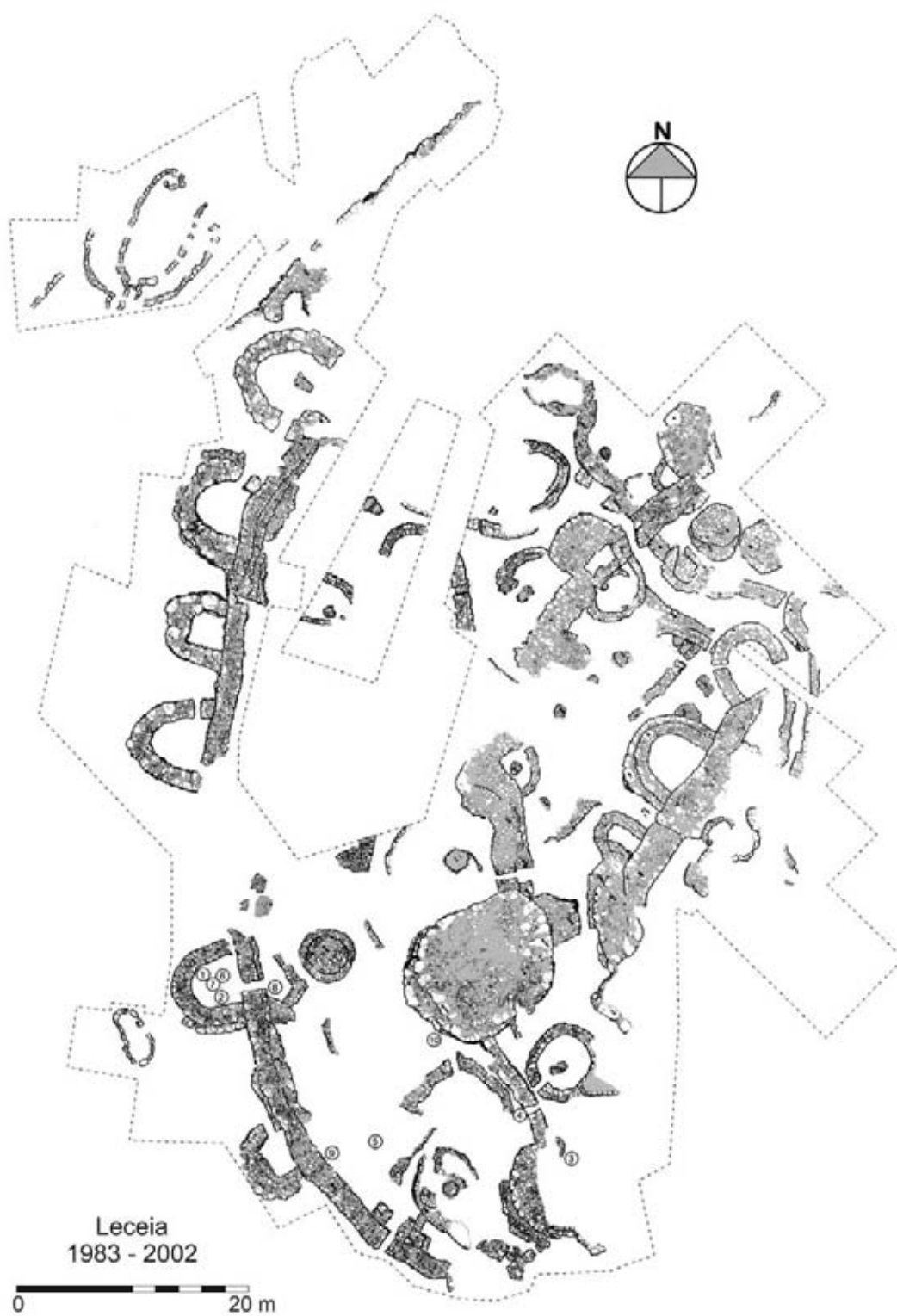


Fig. 74 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 75.

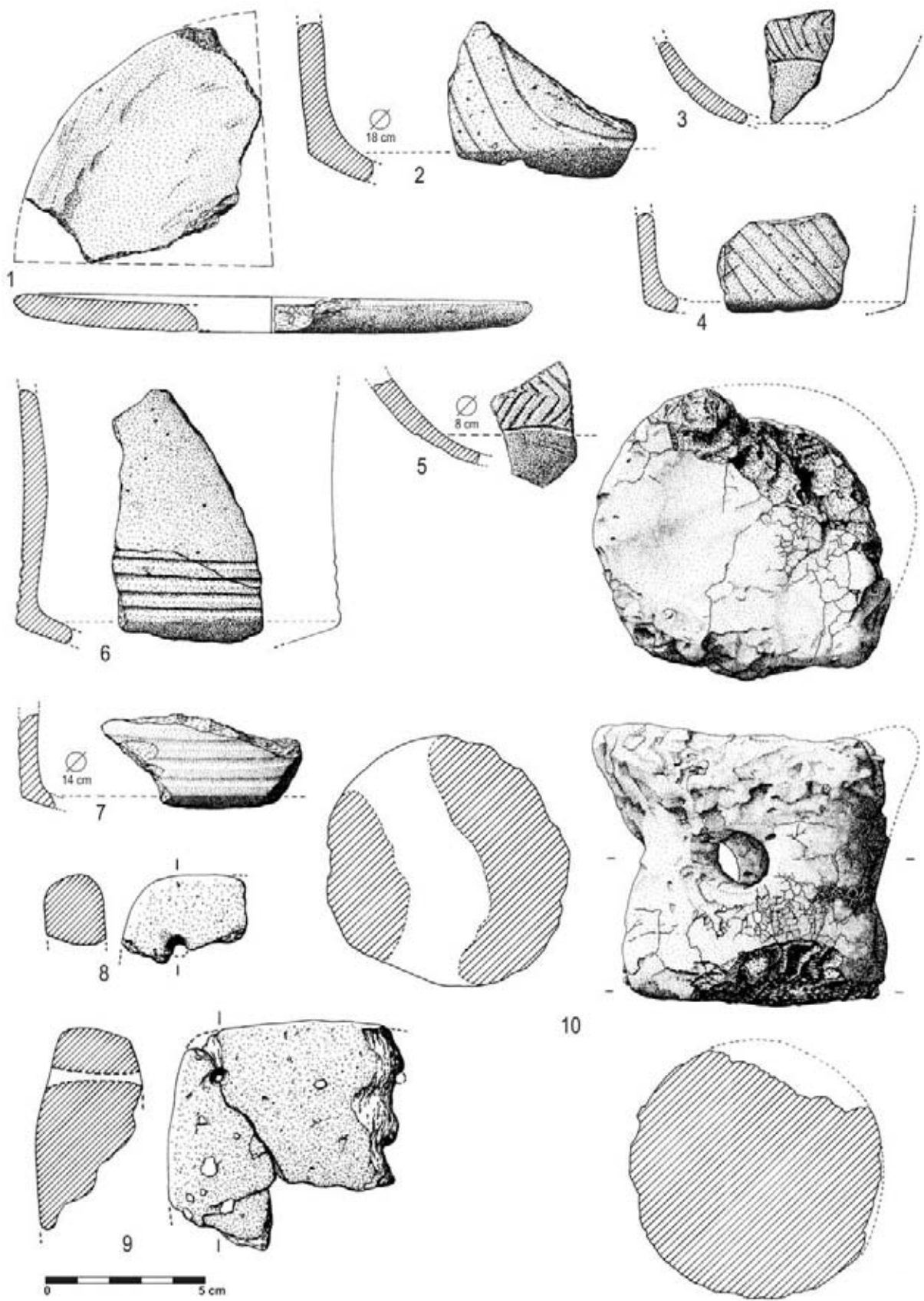


Fig. 75 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

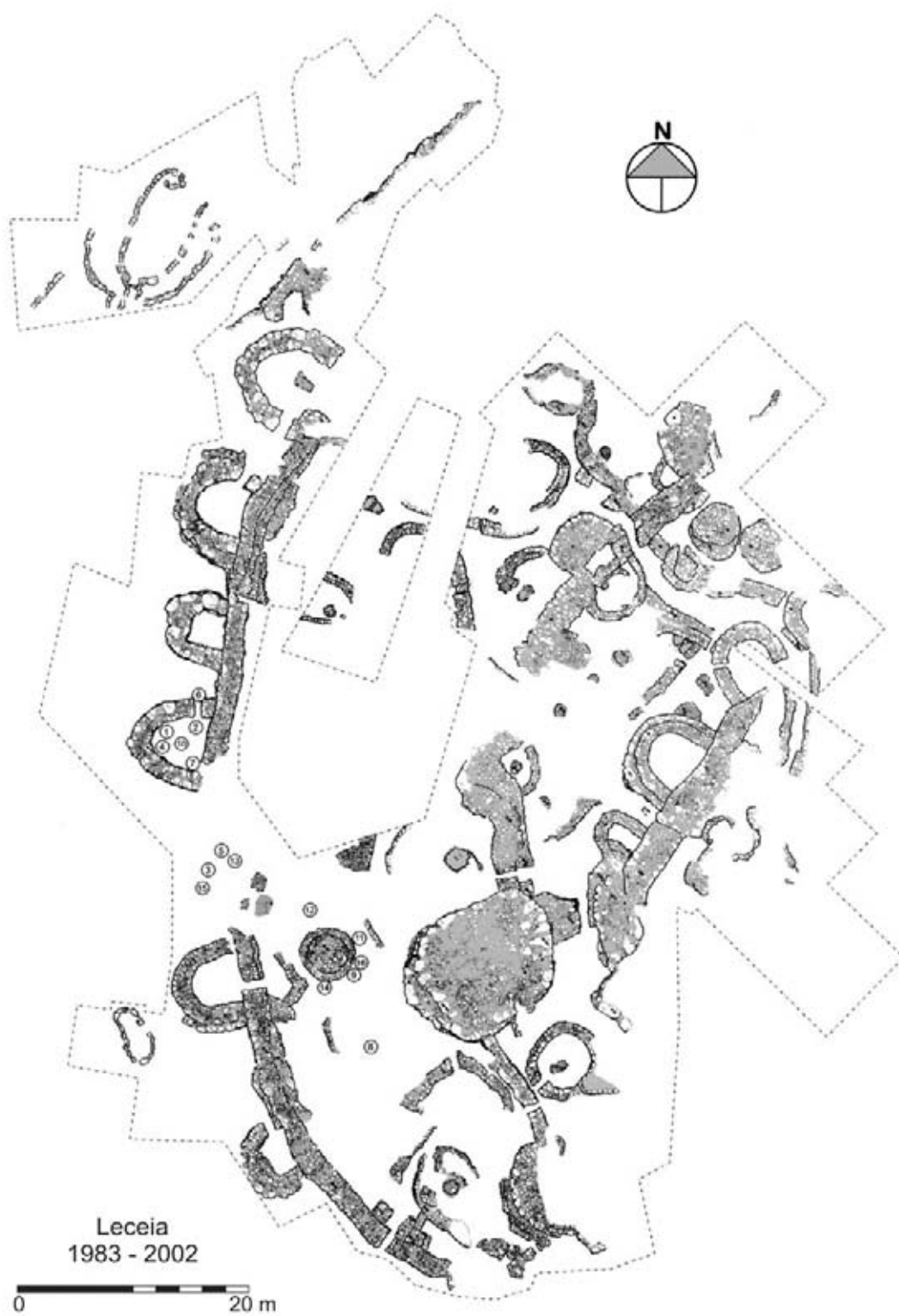


Fig. 76 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 77.

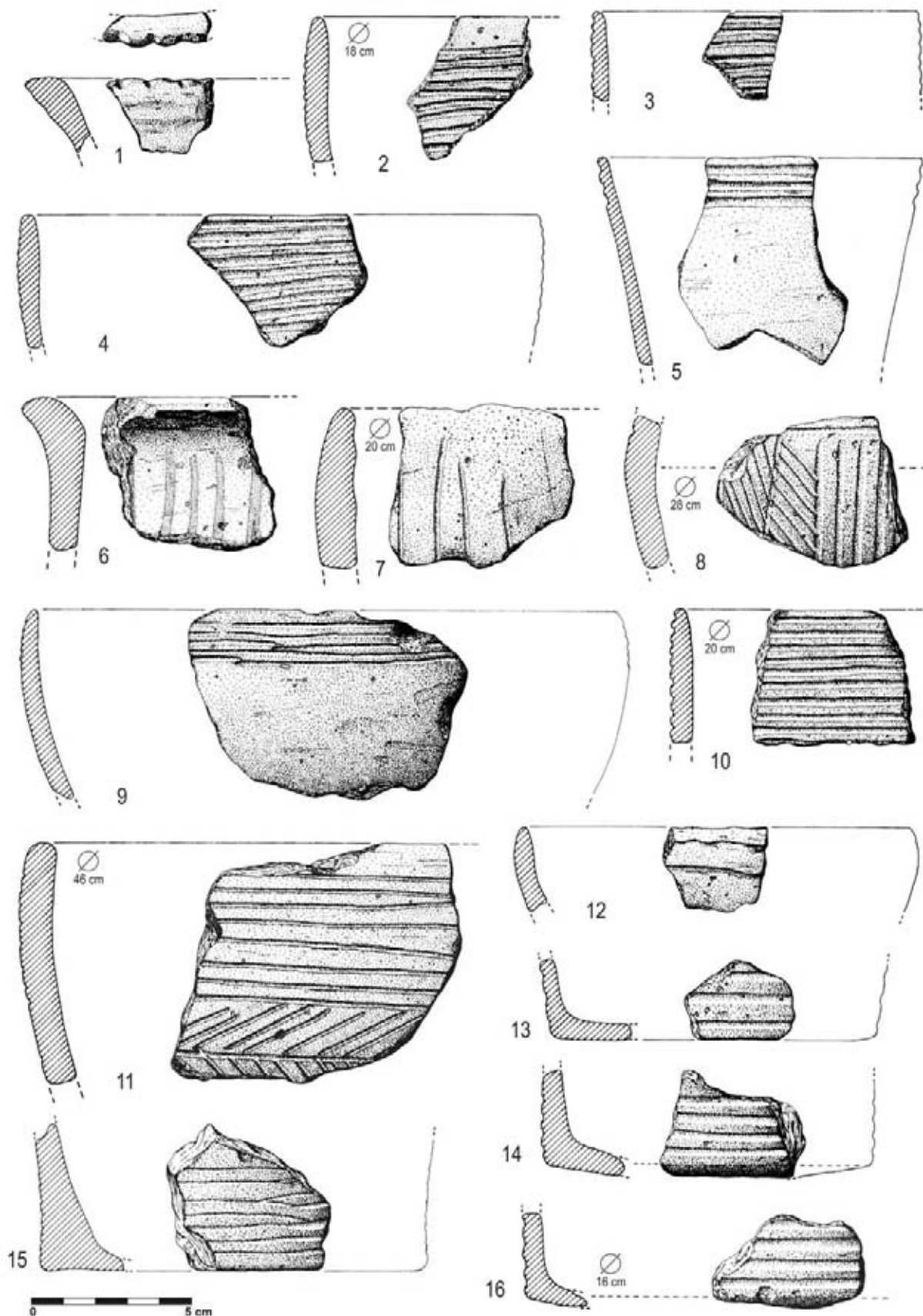


Fig. 77 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

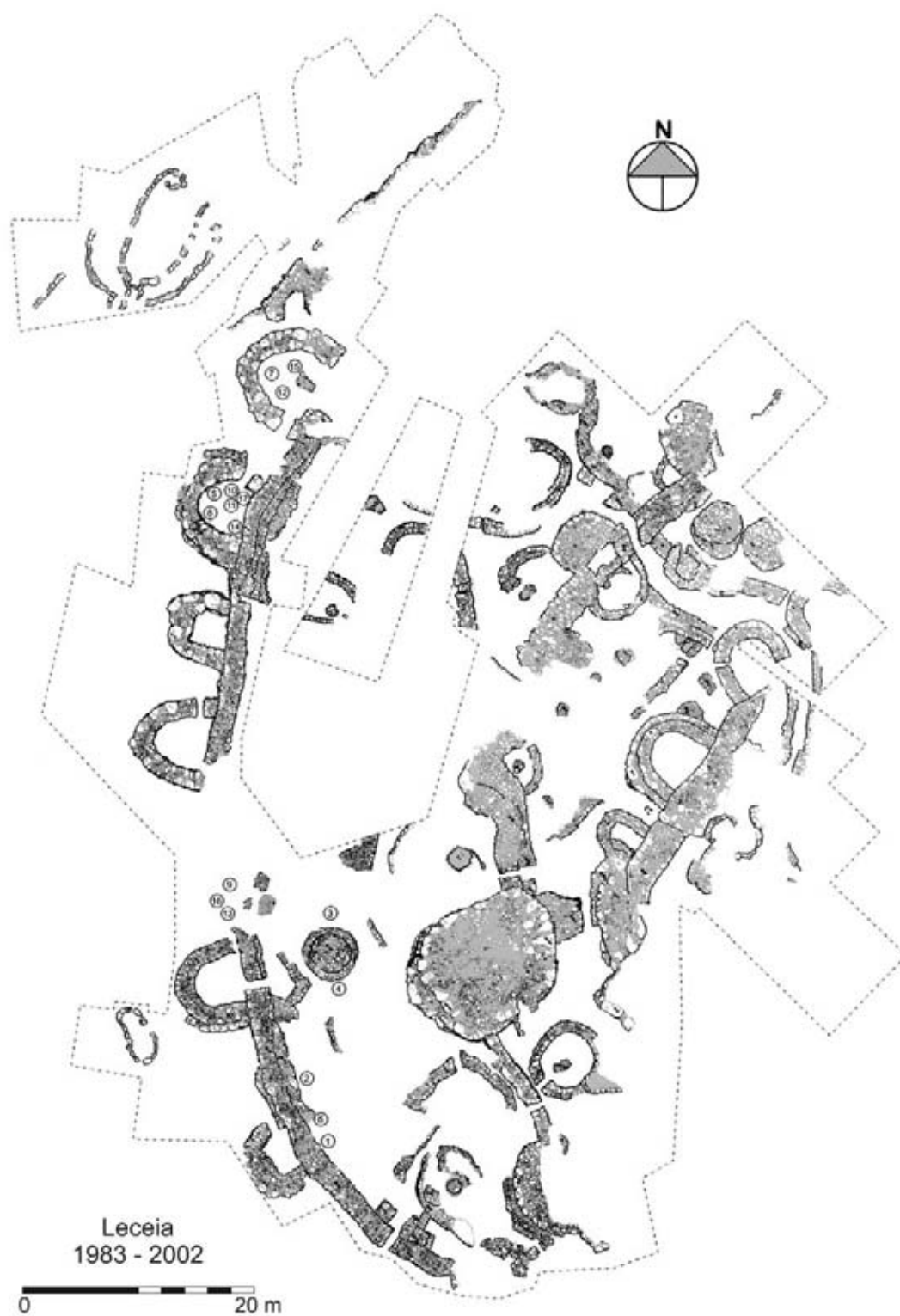


Fig. 78 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 79.

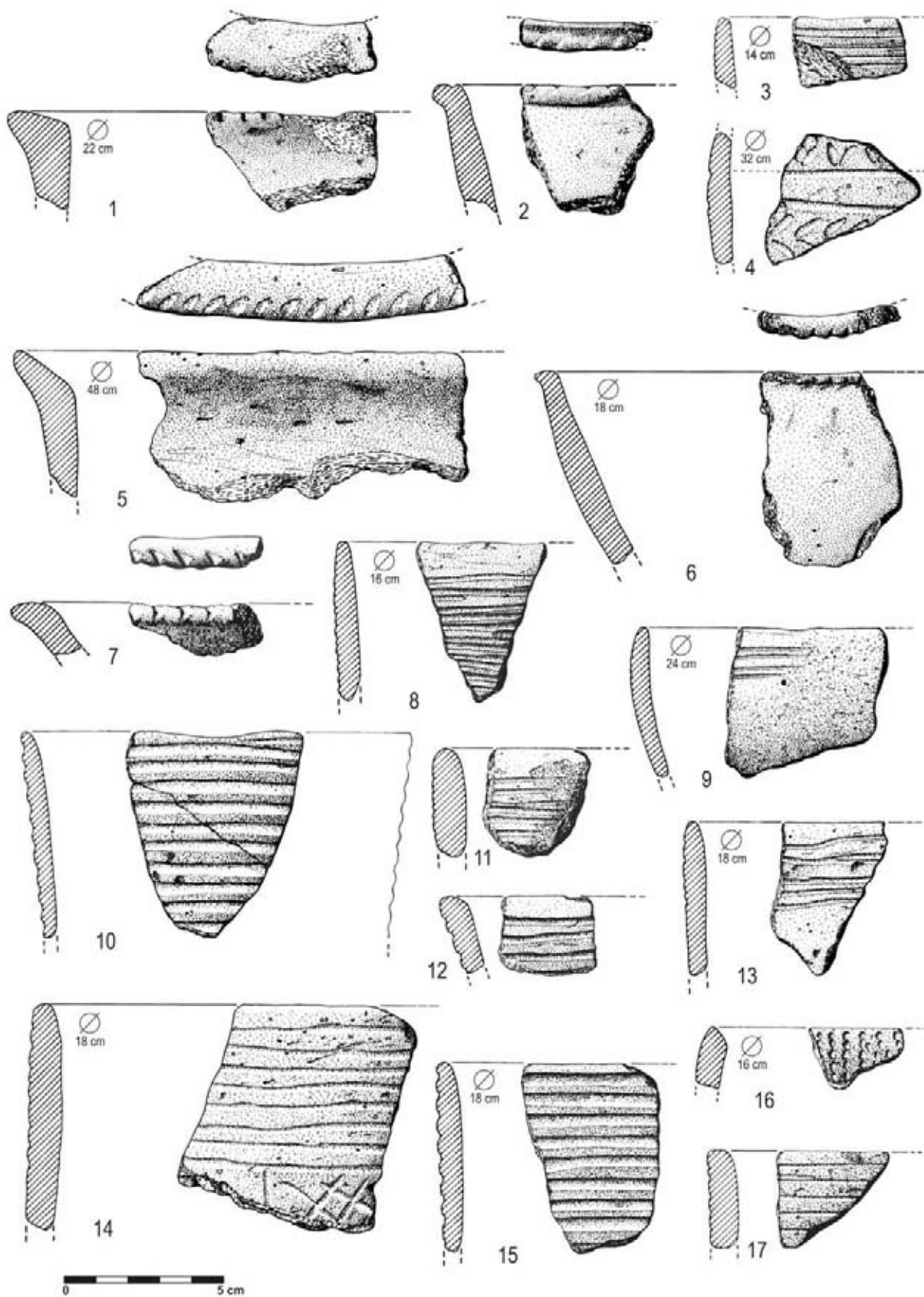


Fig. 79 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

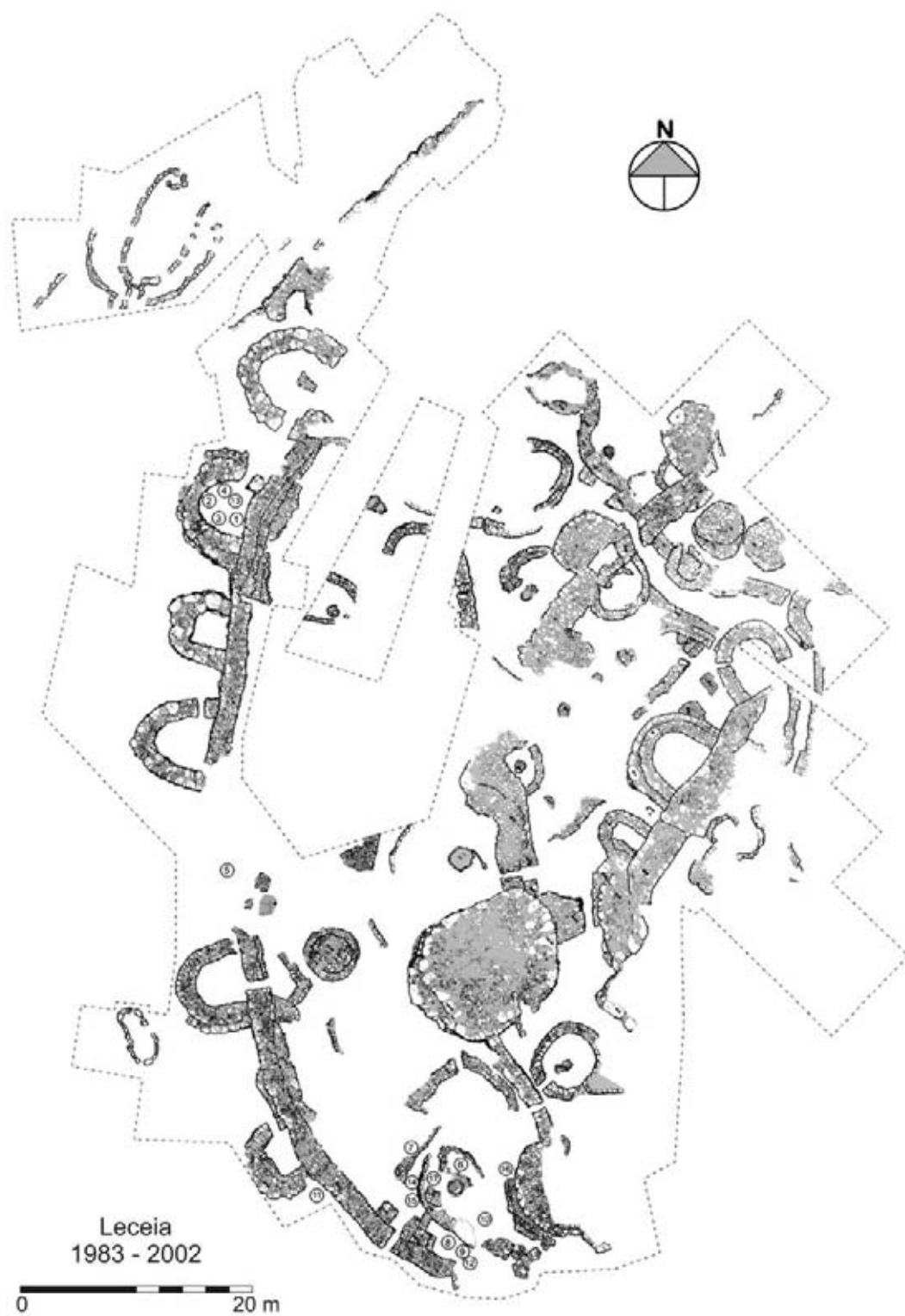


Fig. 80 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 81.

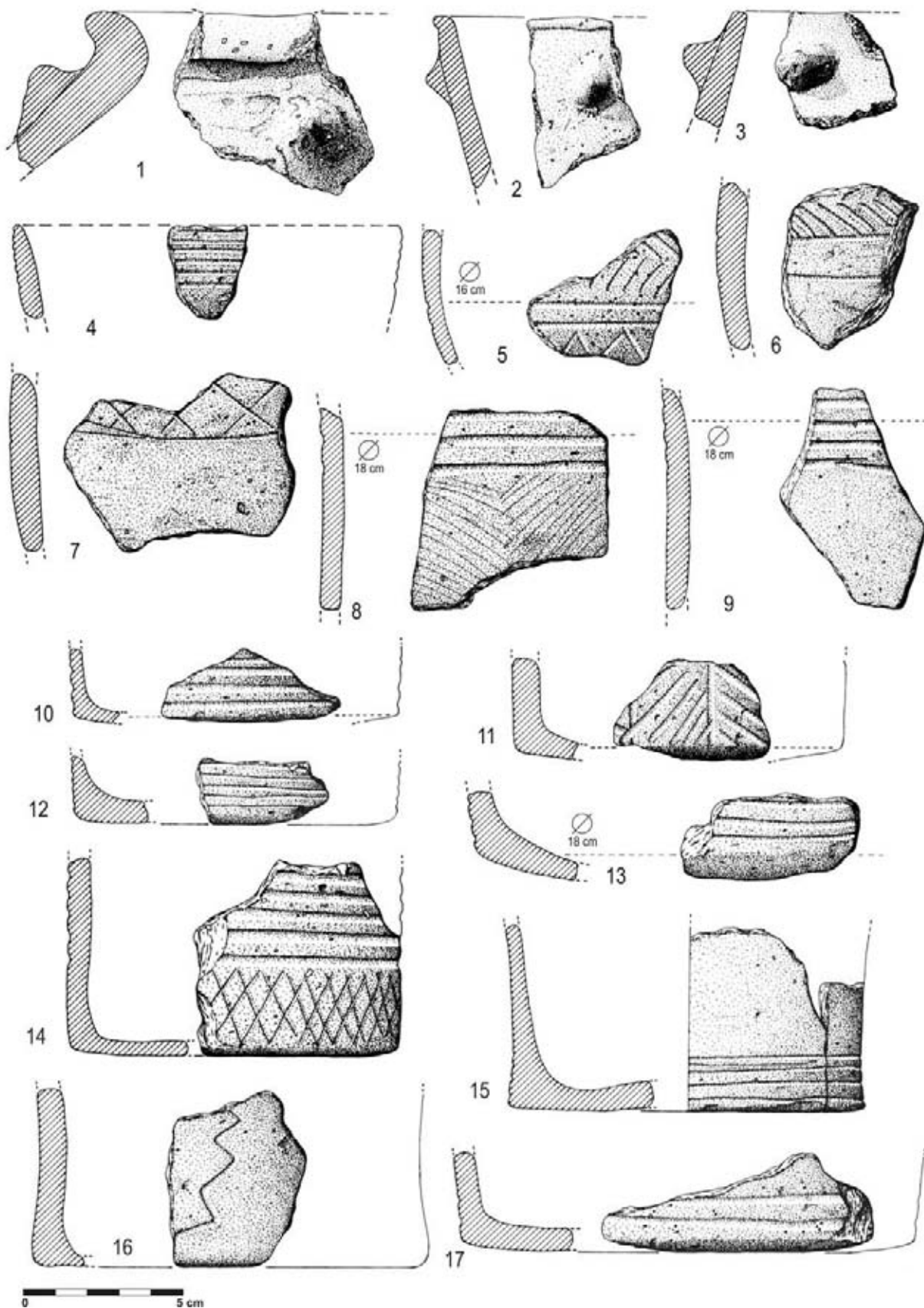


Fig. 81 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

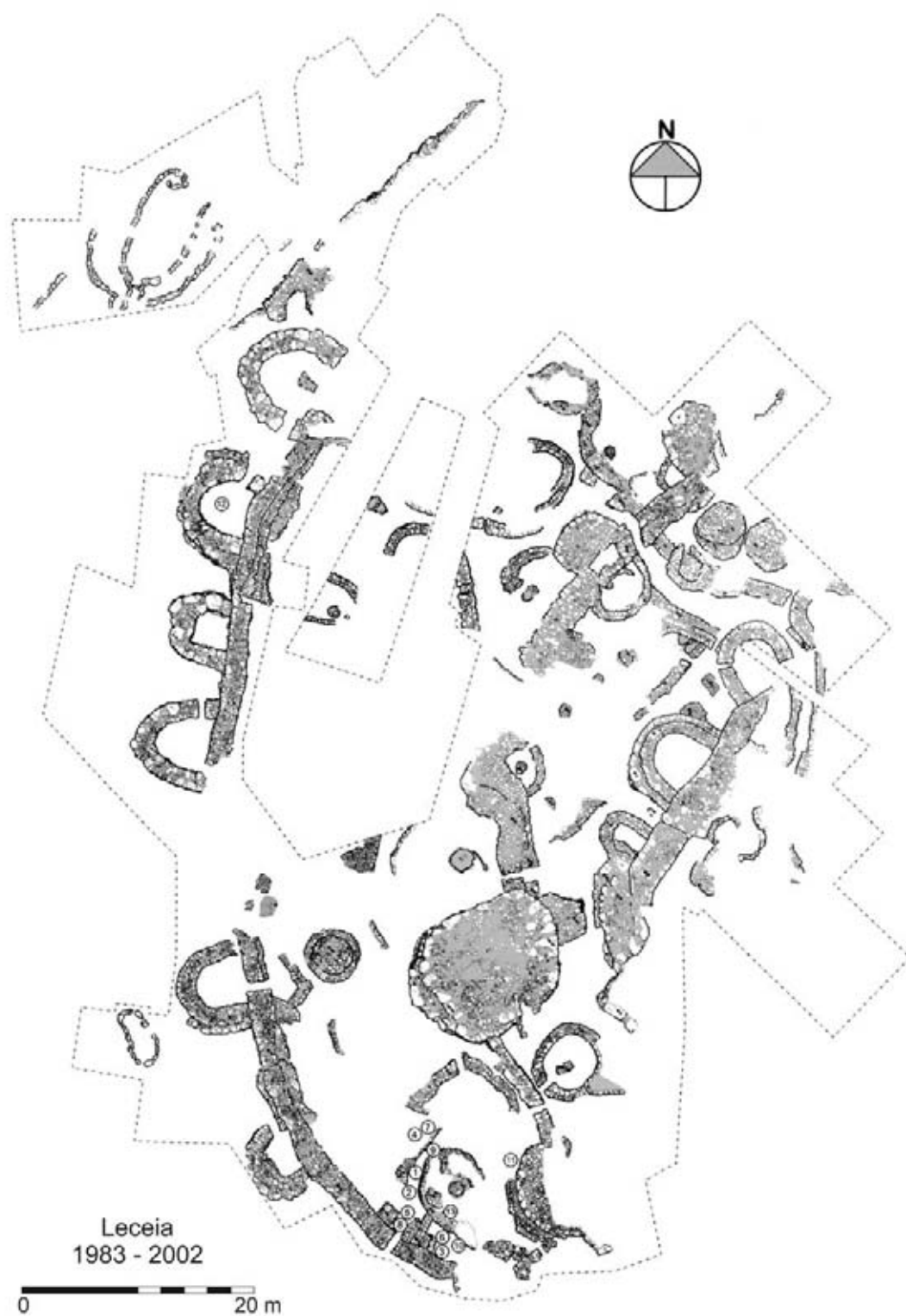


Fig. 82 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 83.

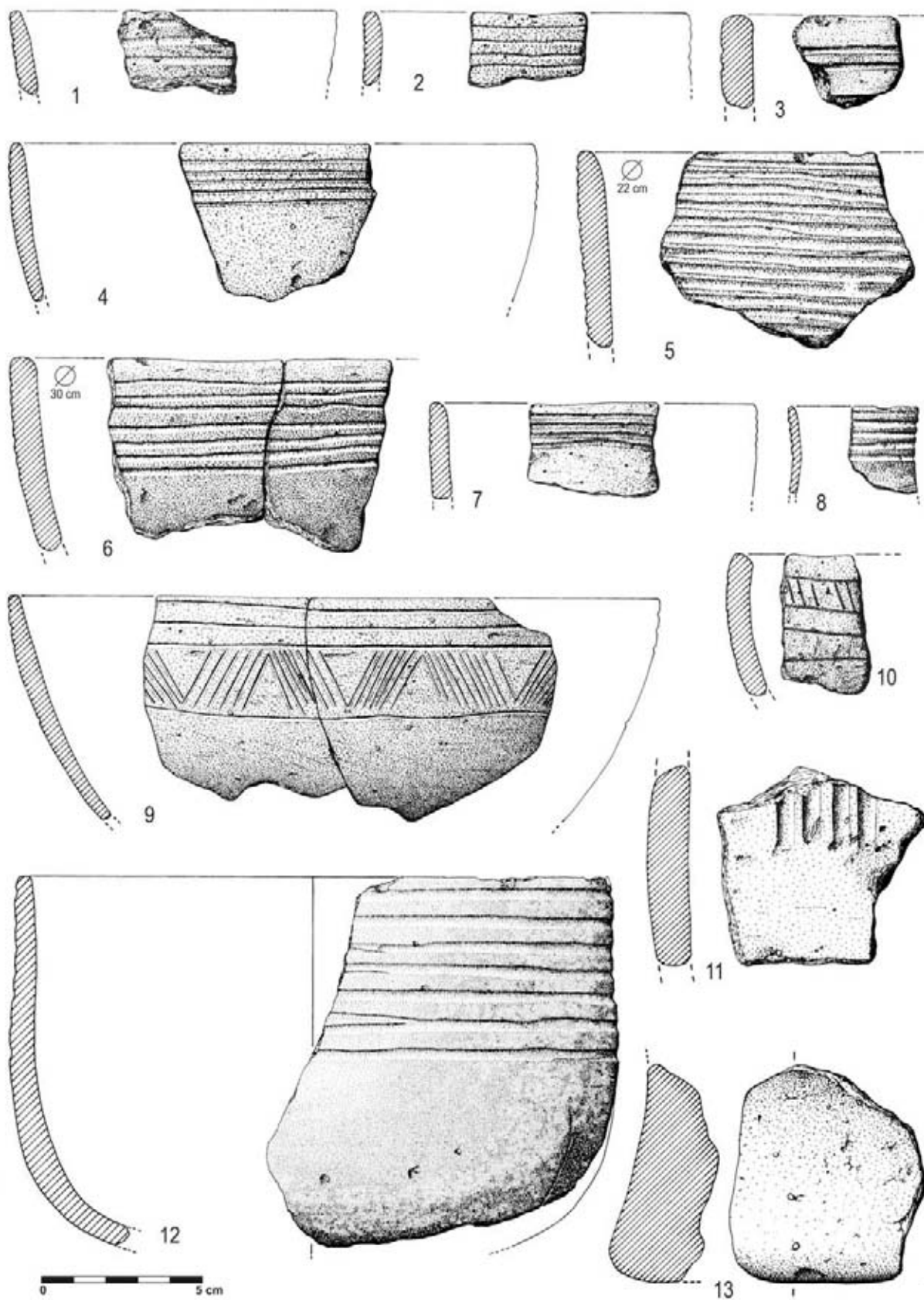


Fig. 83 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

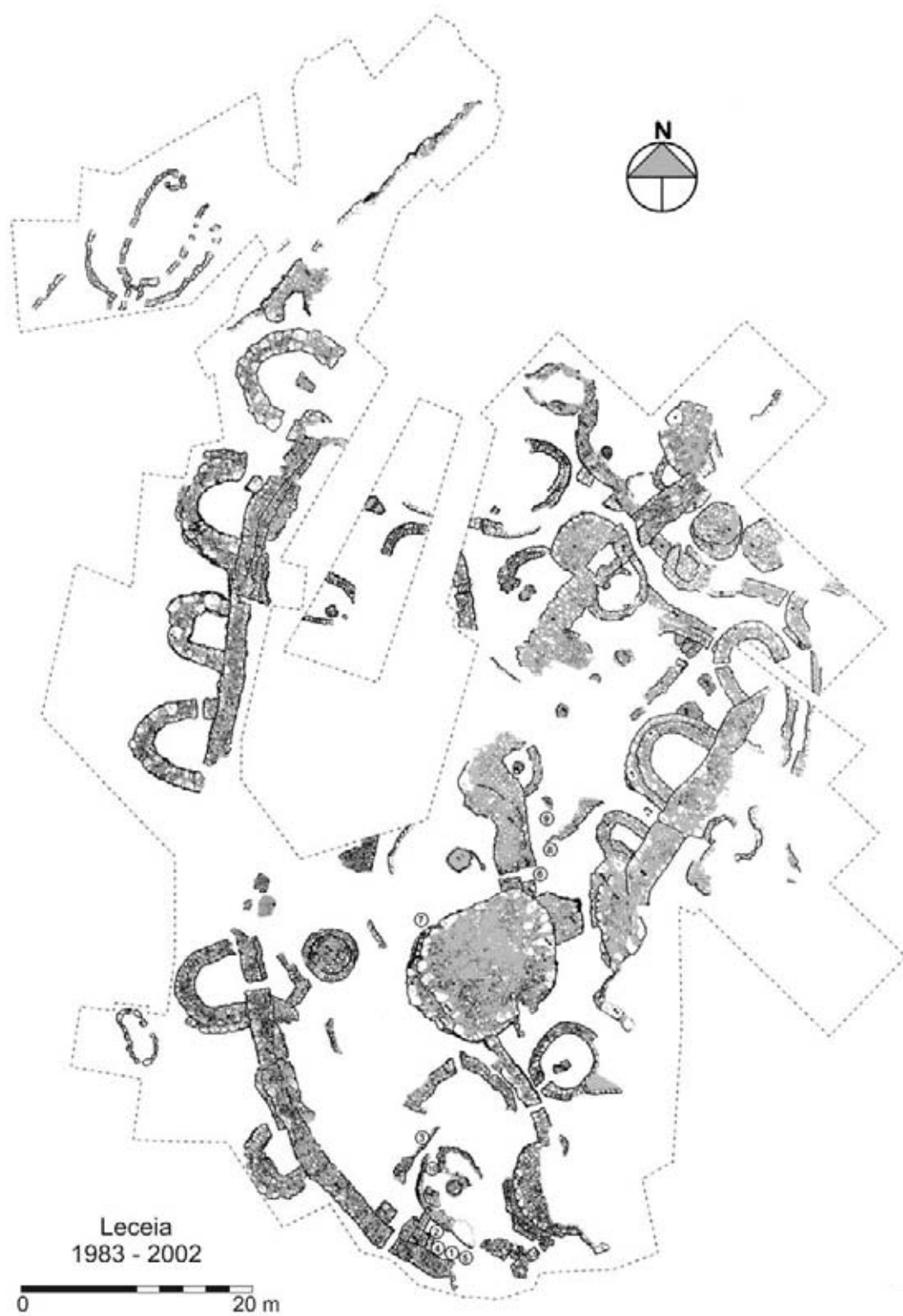


Fig. 84 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 85.

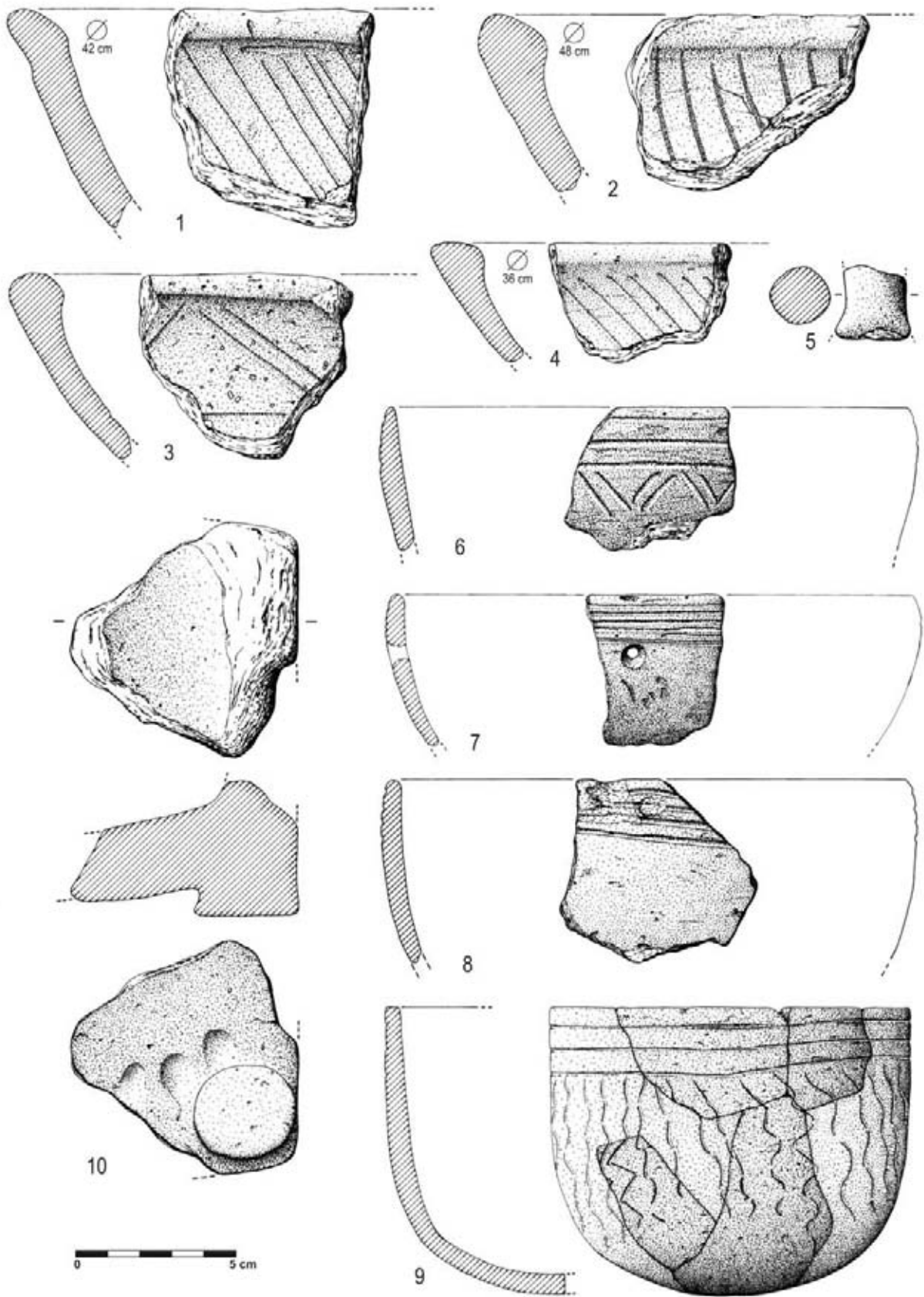


Fig. 85 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

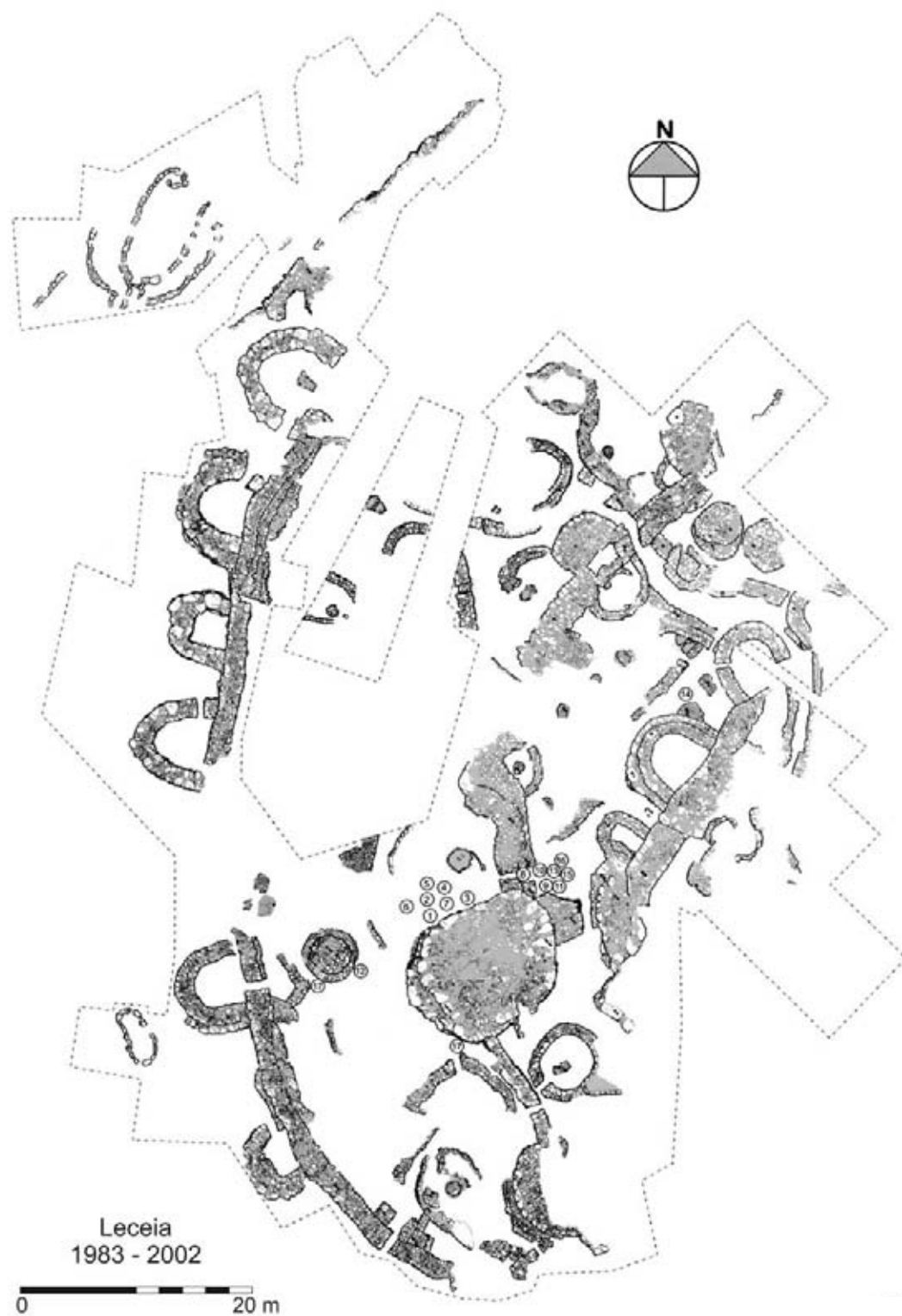


Fig. 86 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 87.

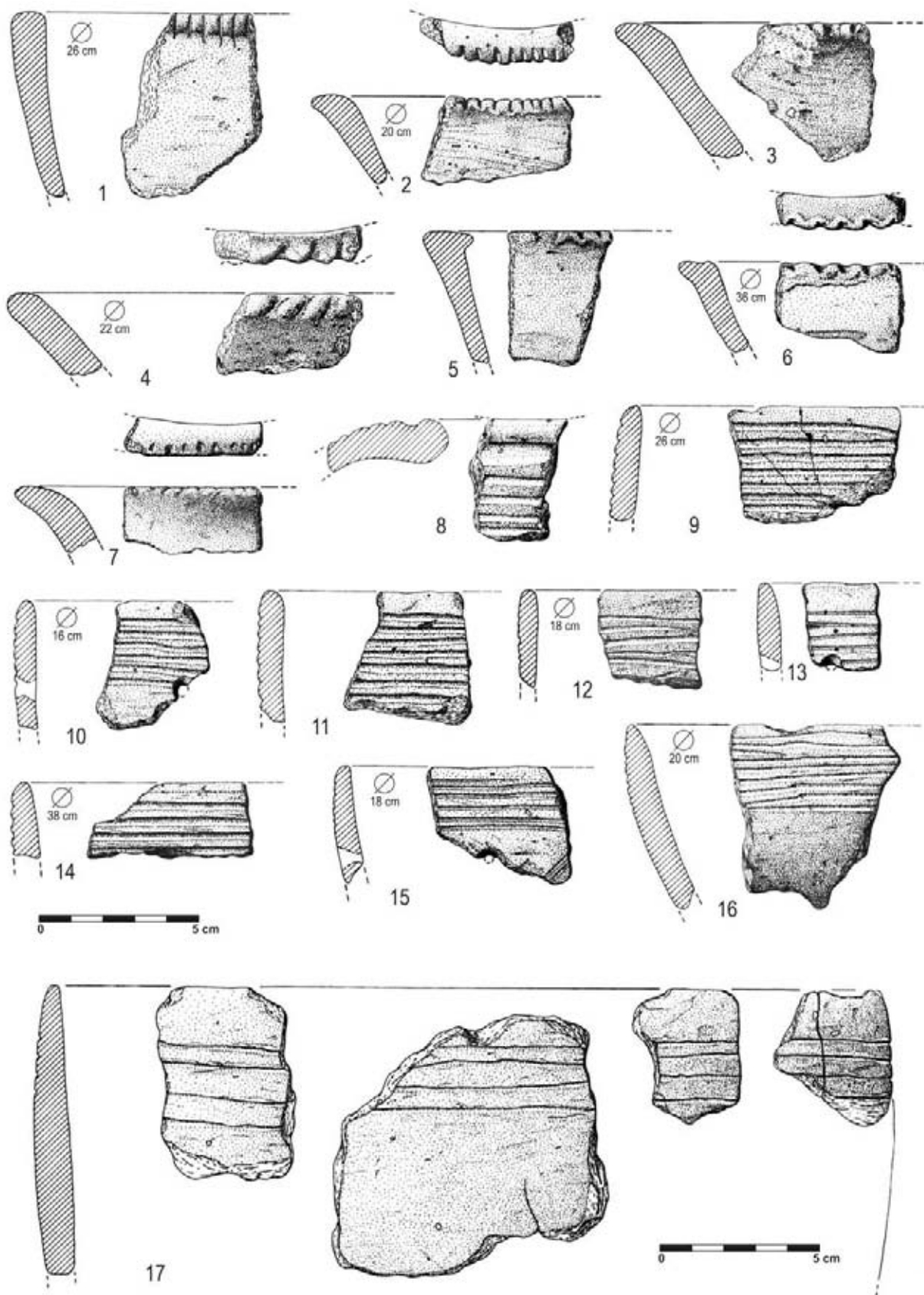


Fig. 87 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

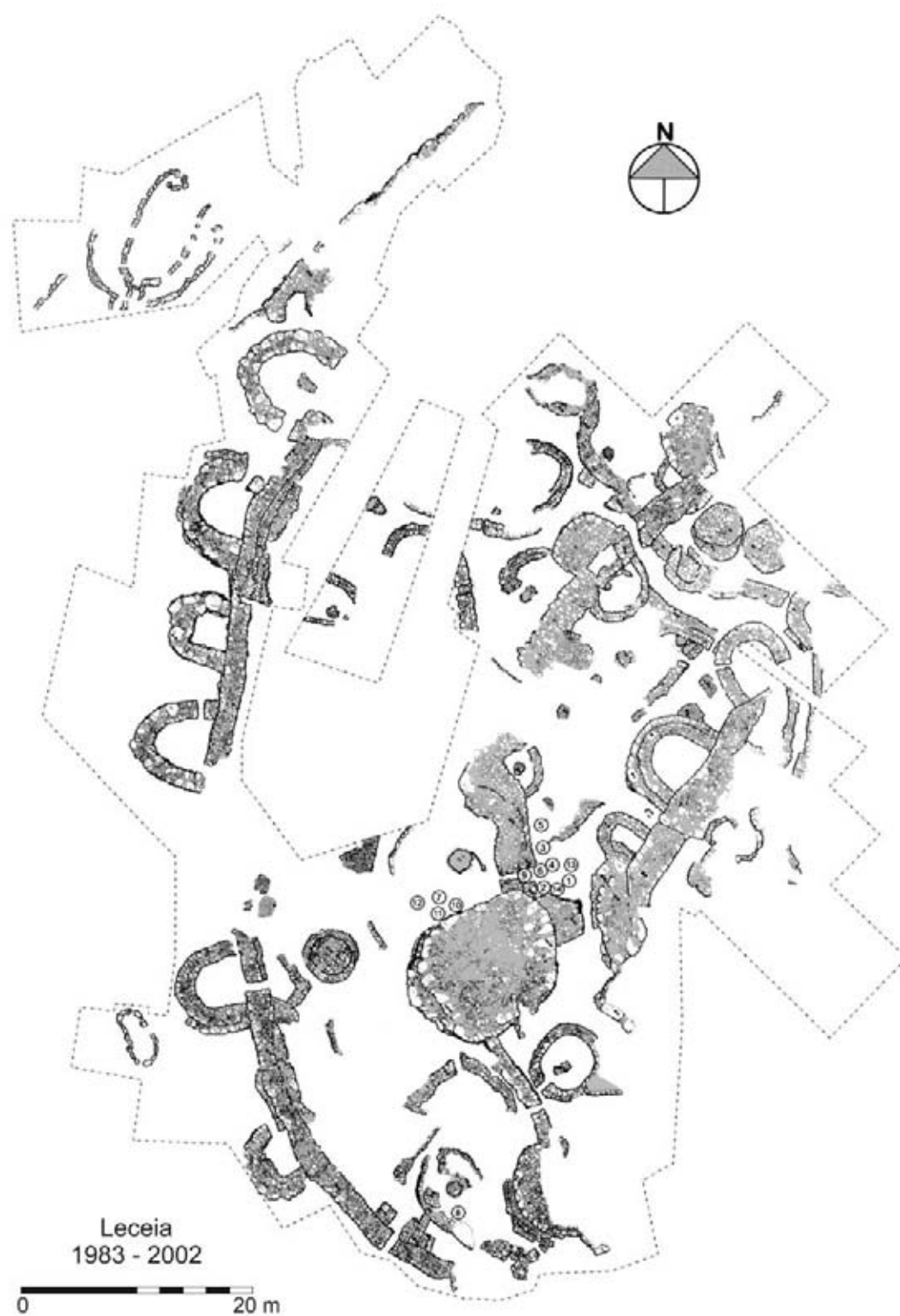


Fig. 88 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 89.

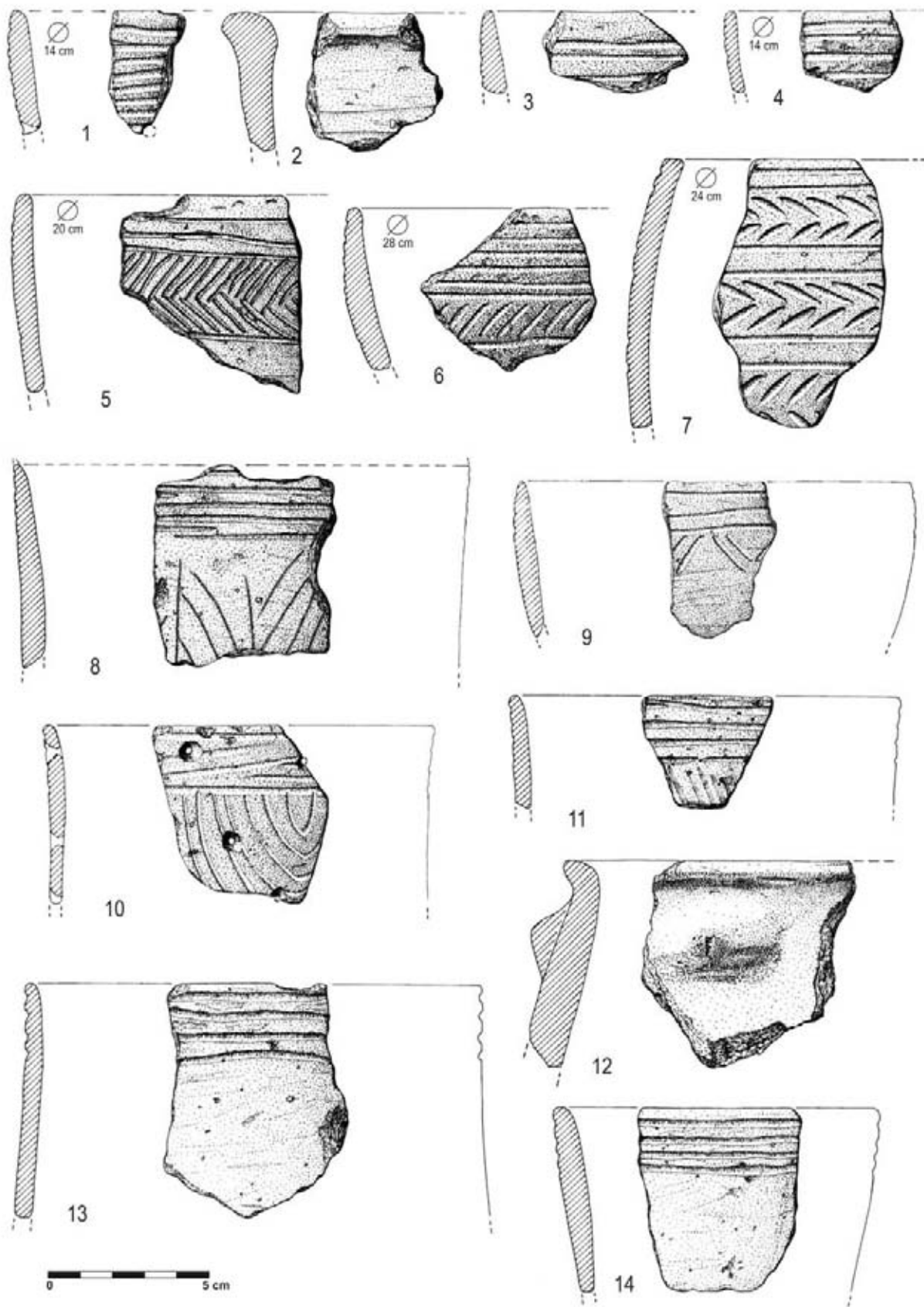


Fig. 89 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

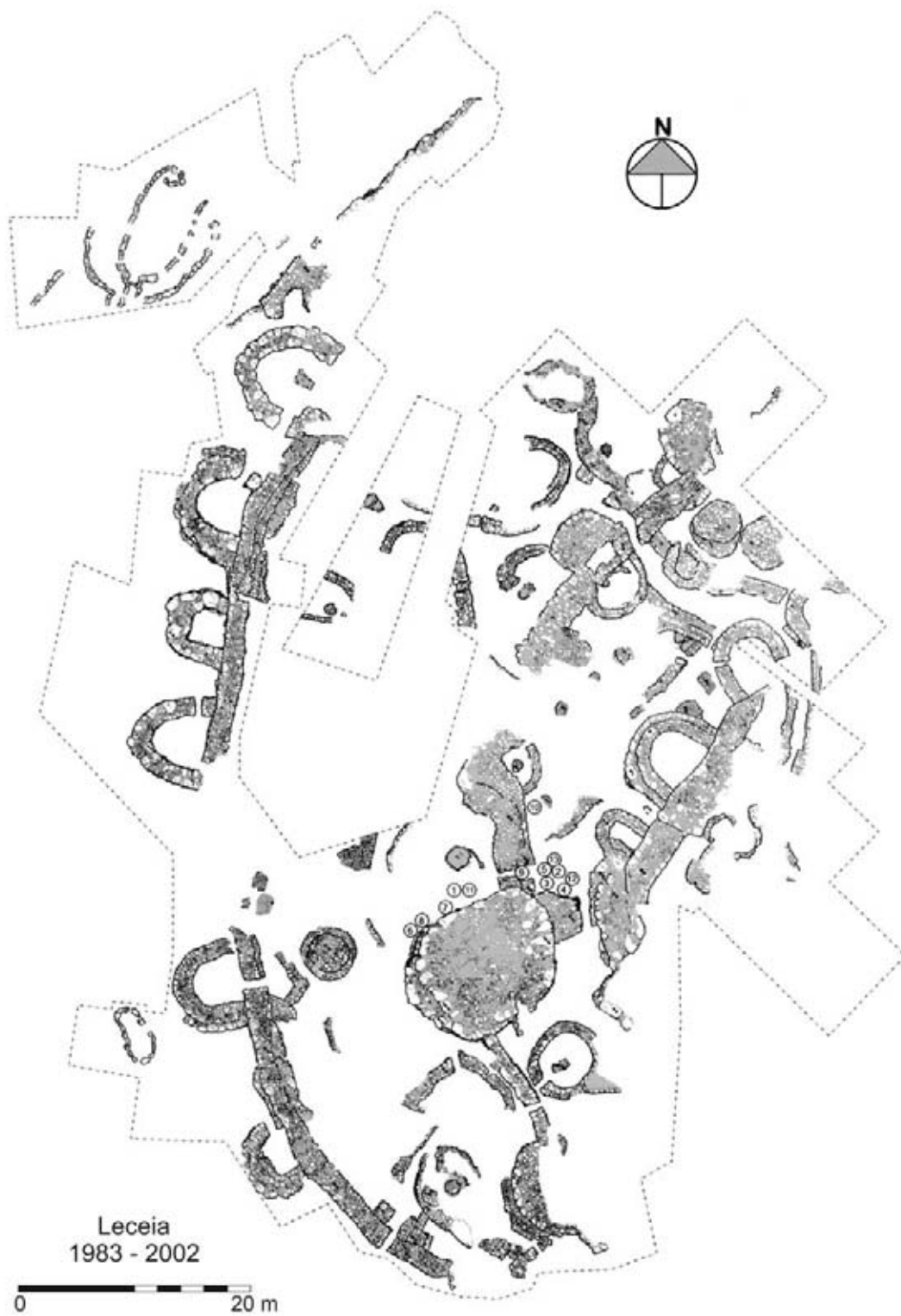


Fig. 90 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 91.

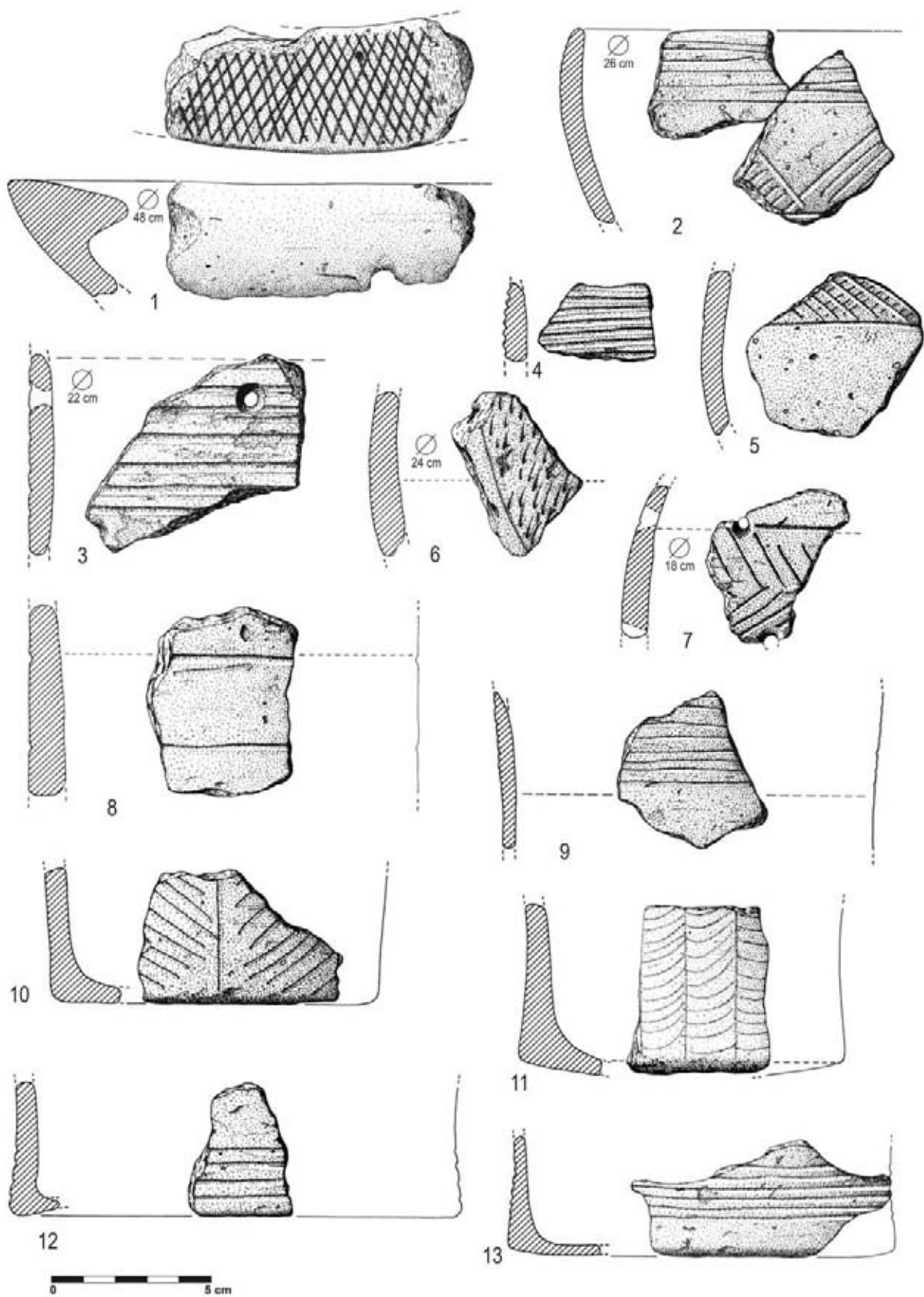


Fig. 91 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

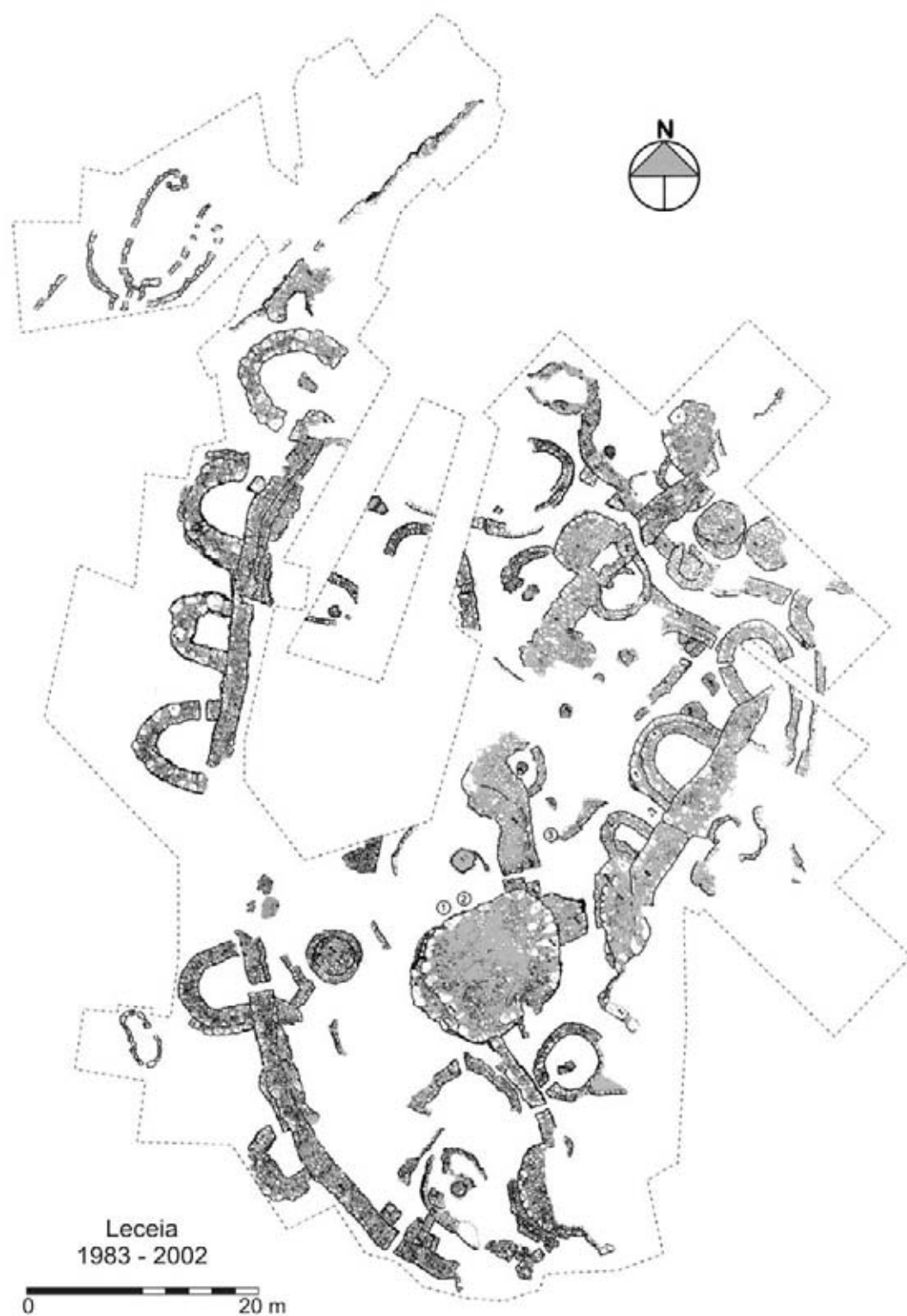


Fig. 92 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 93.

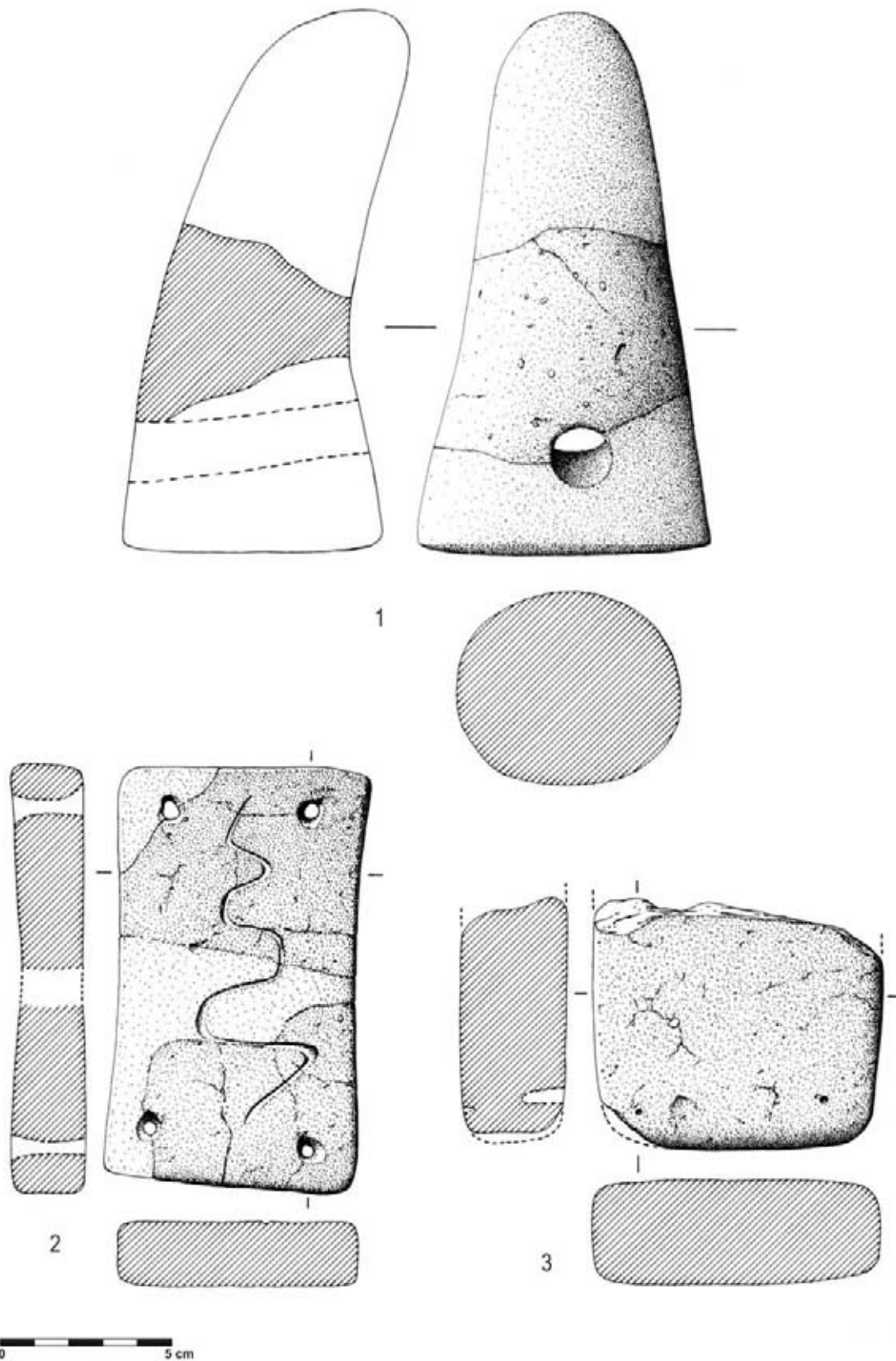


Fig. 93 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

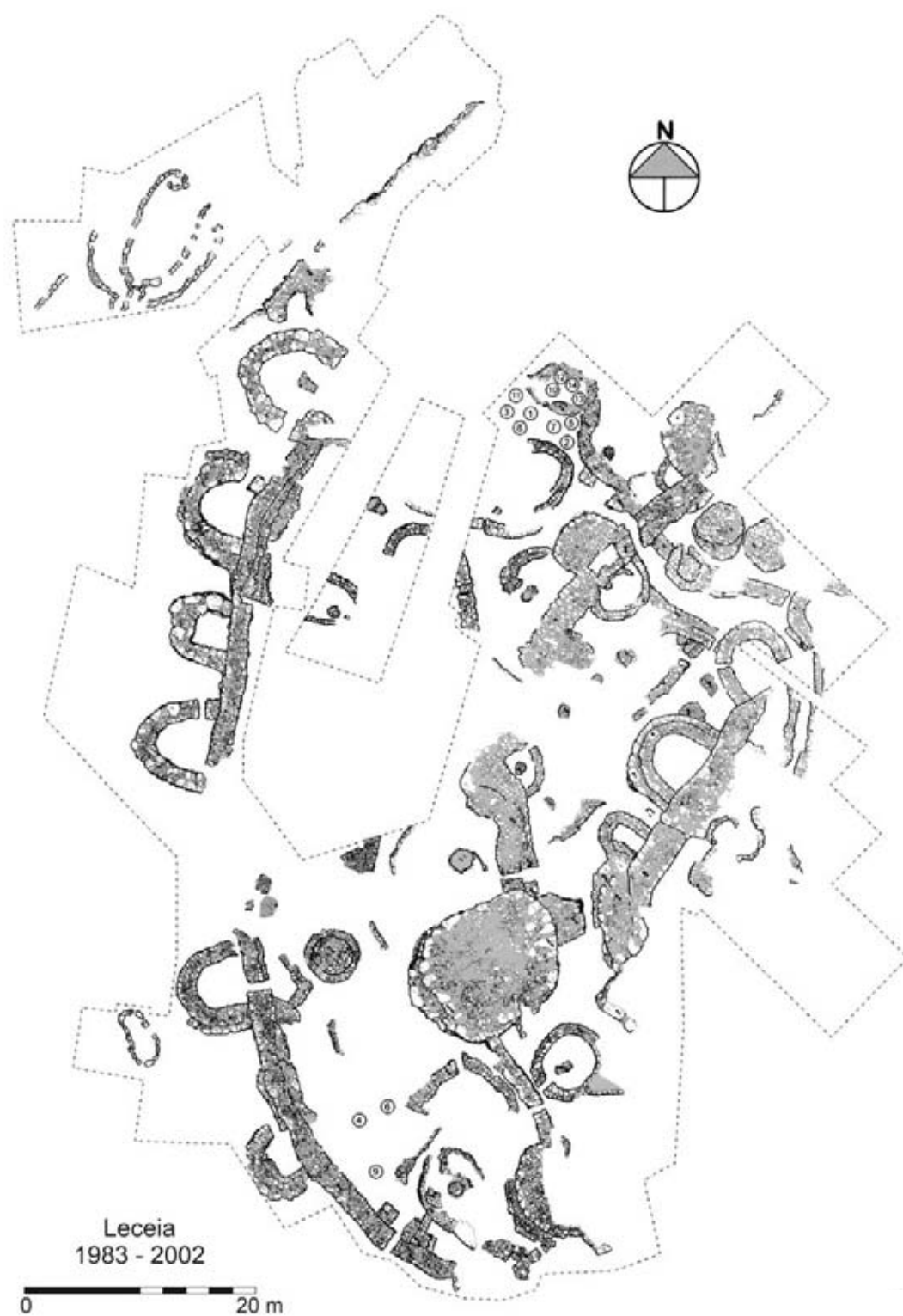


Fig. 94 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 95.

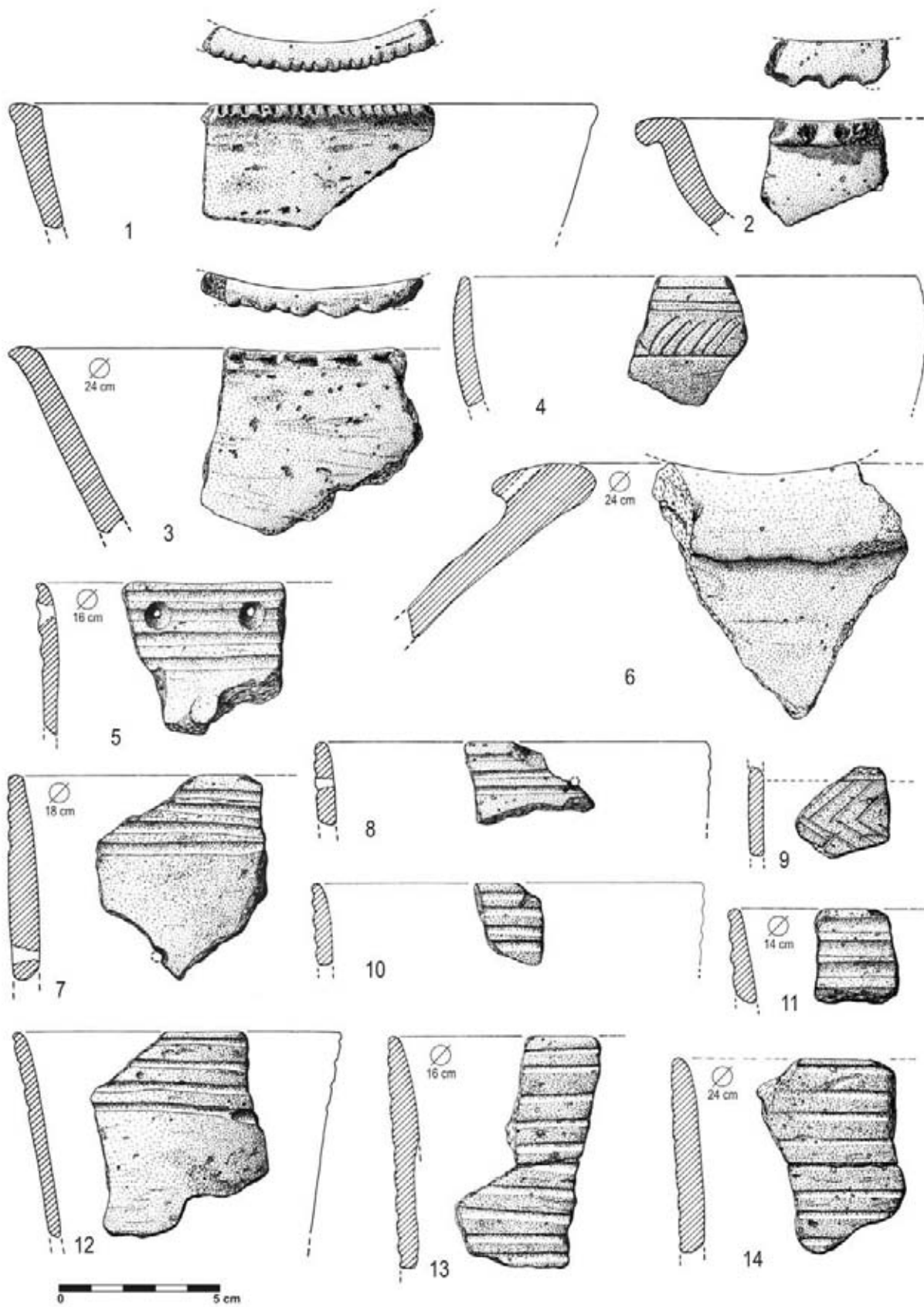


Fig. 95 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

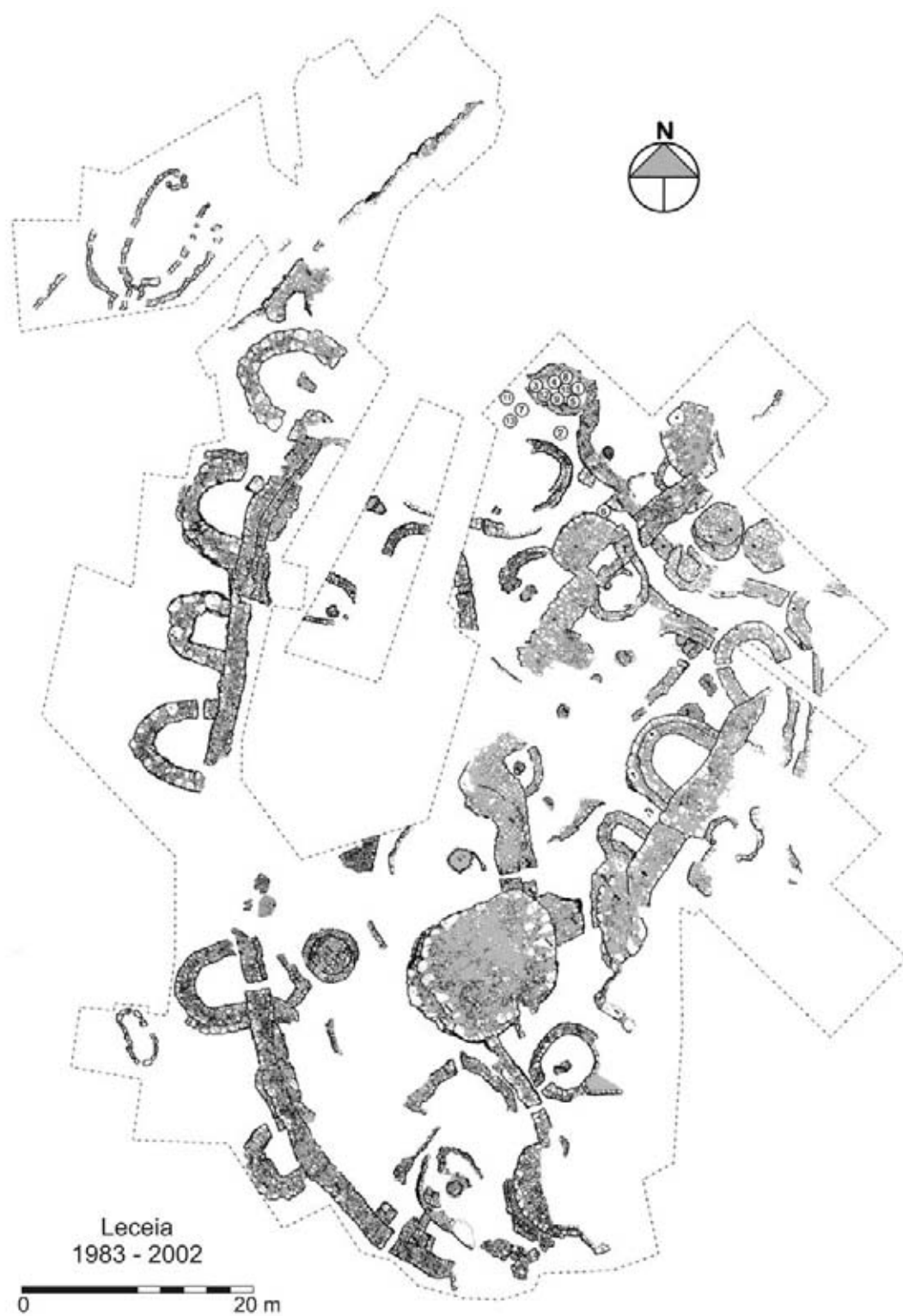


Fig. 96 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 97.

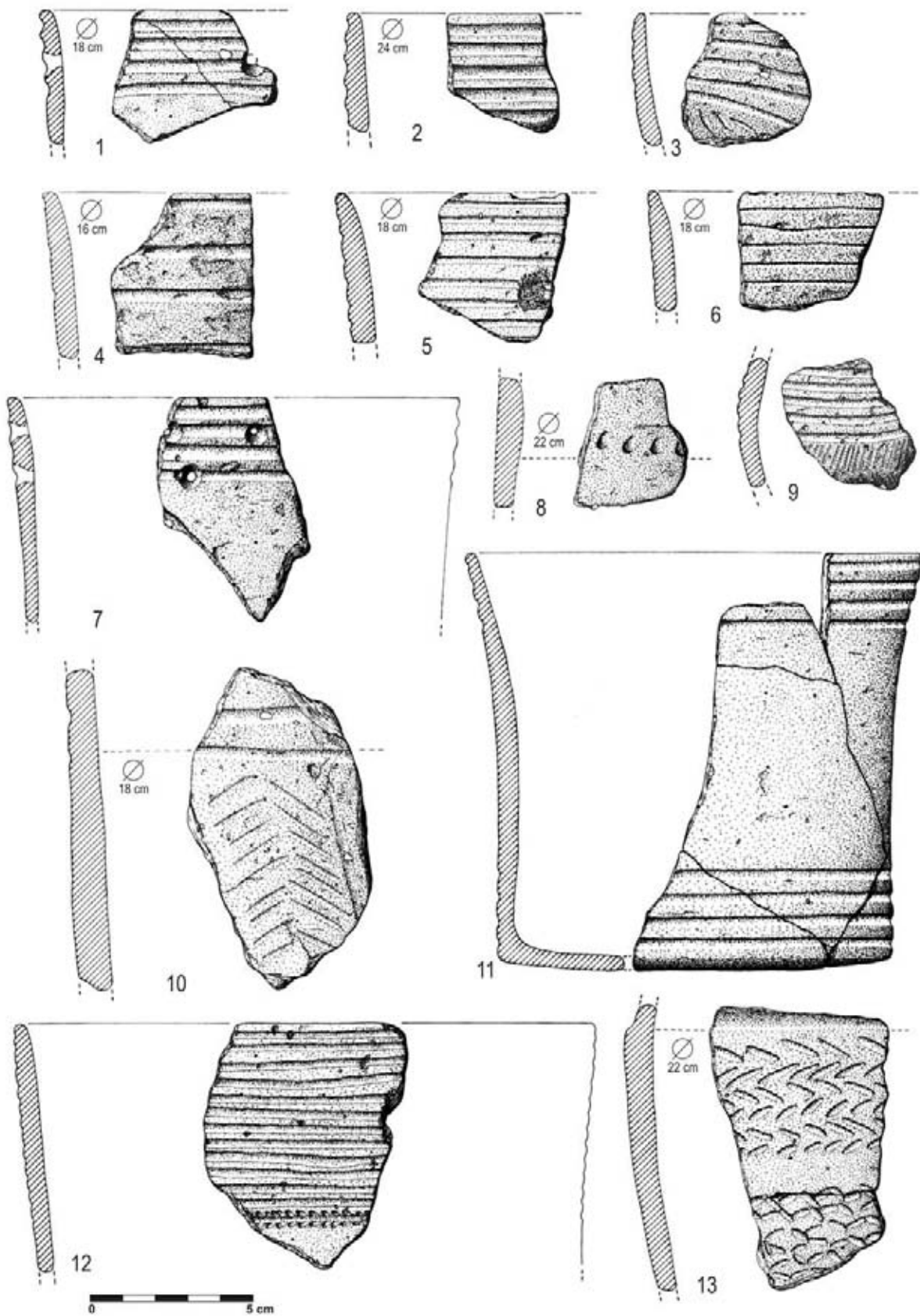


Fig. 97 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

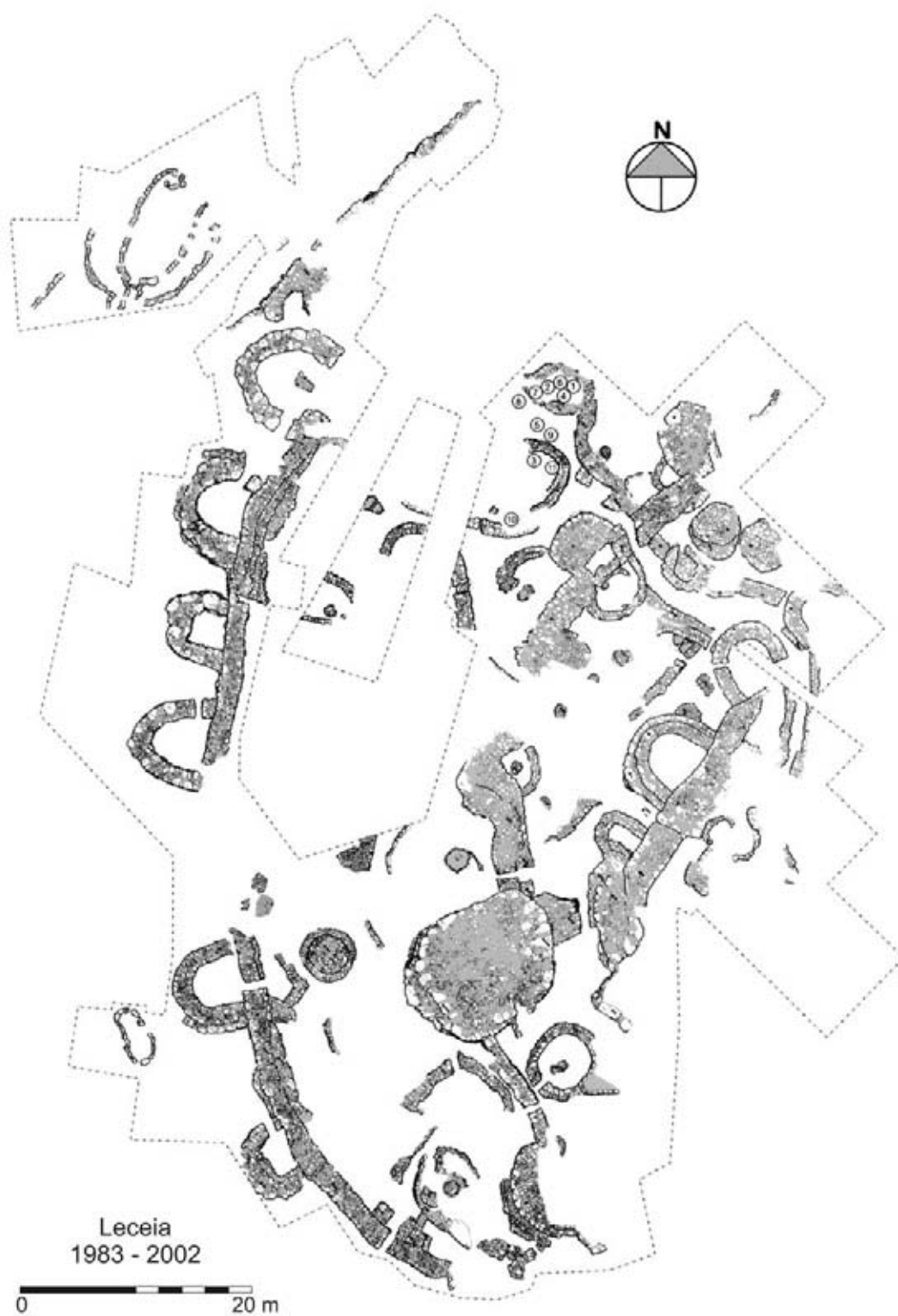


Fig. 98 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 99.

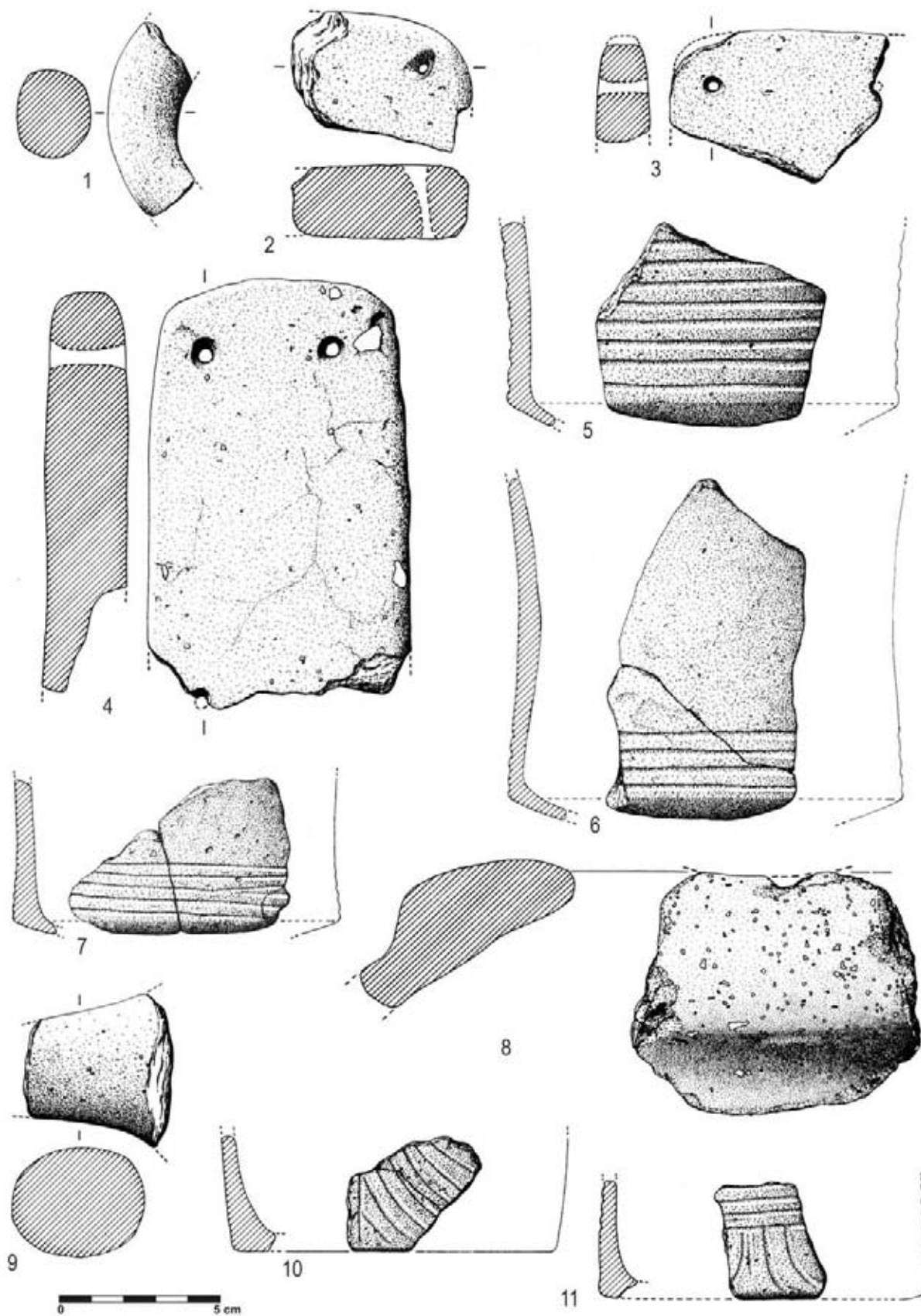


Fig. 99 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

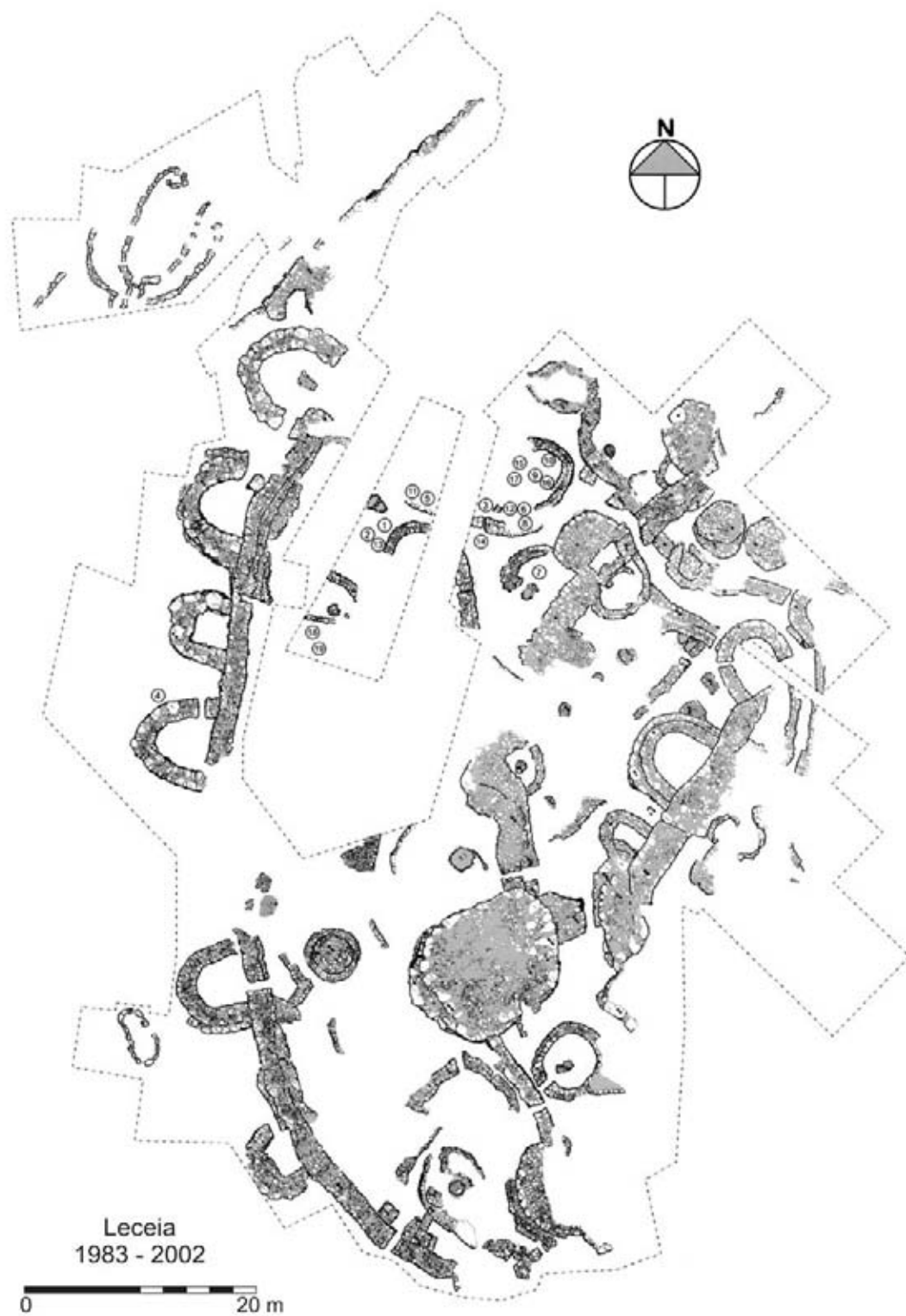


Fig. 100 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 101.

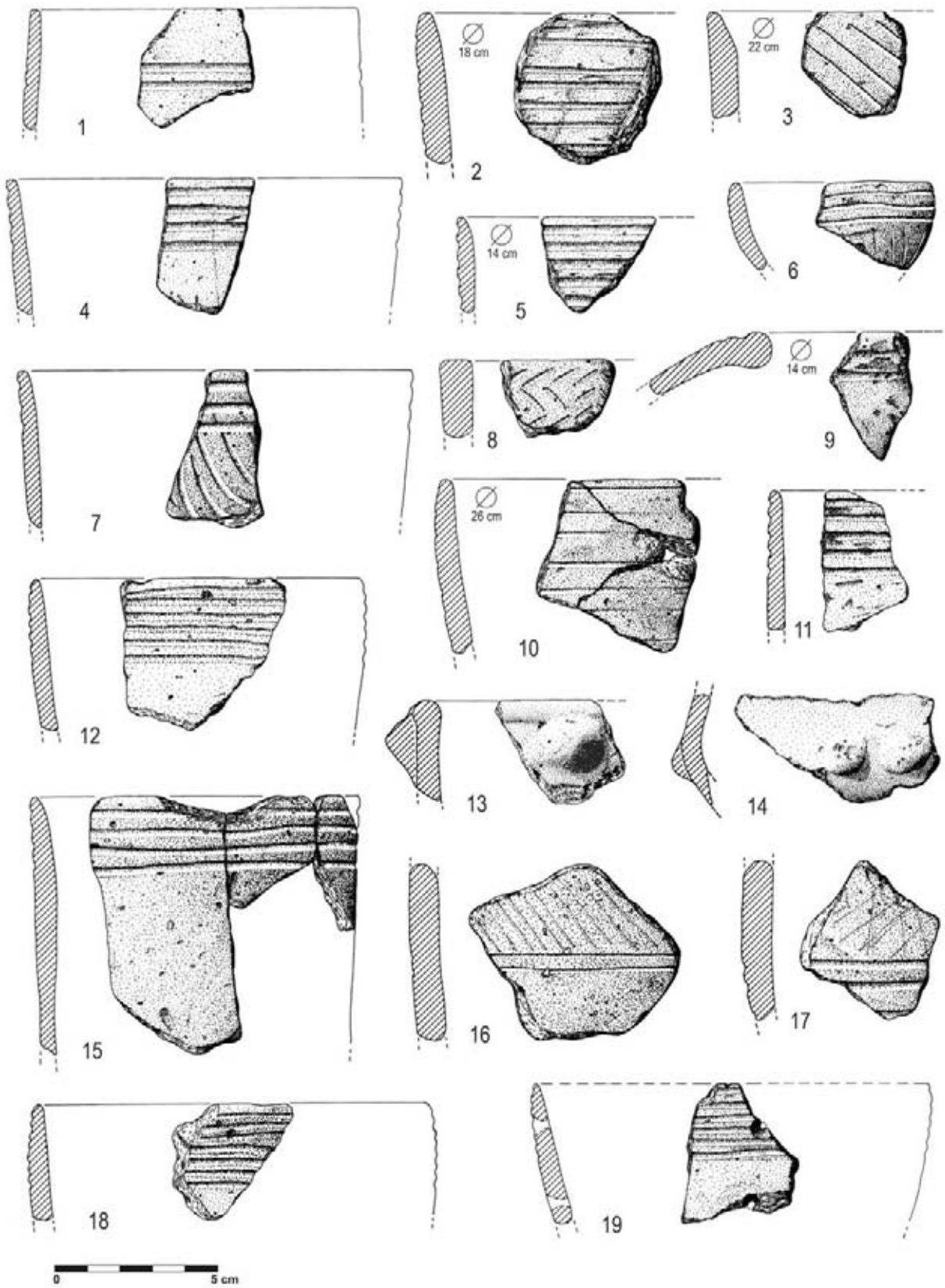


Fig. 101 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

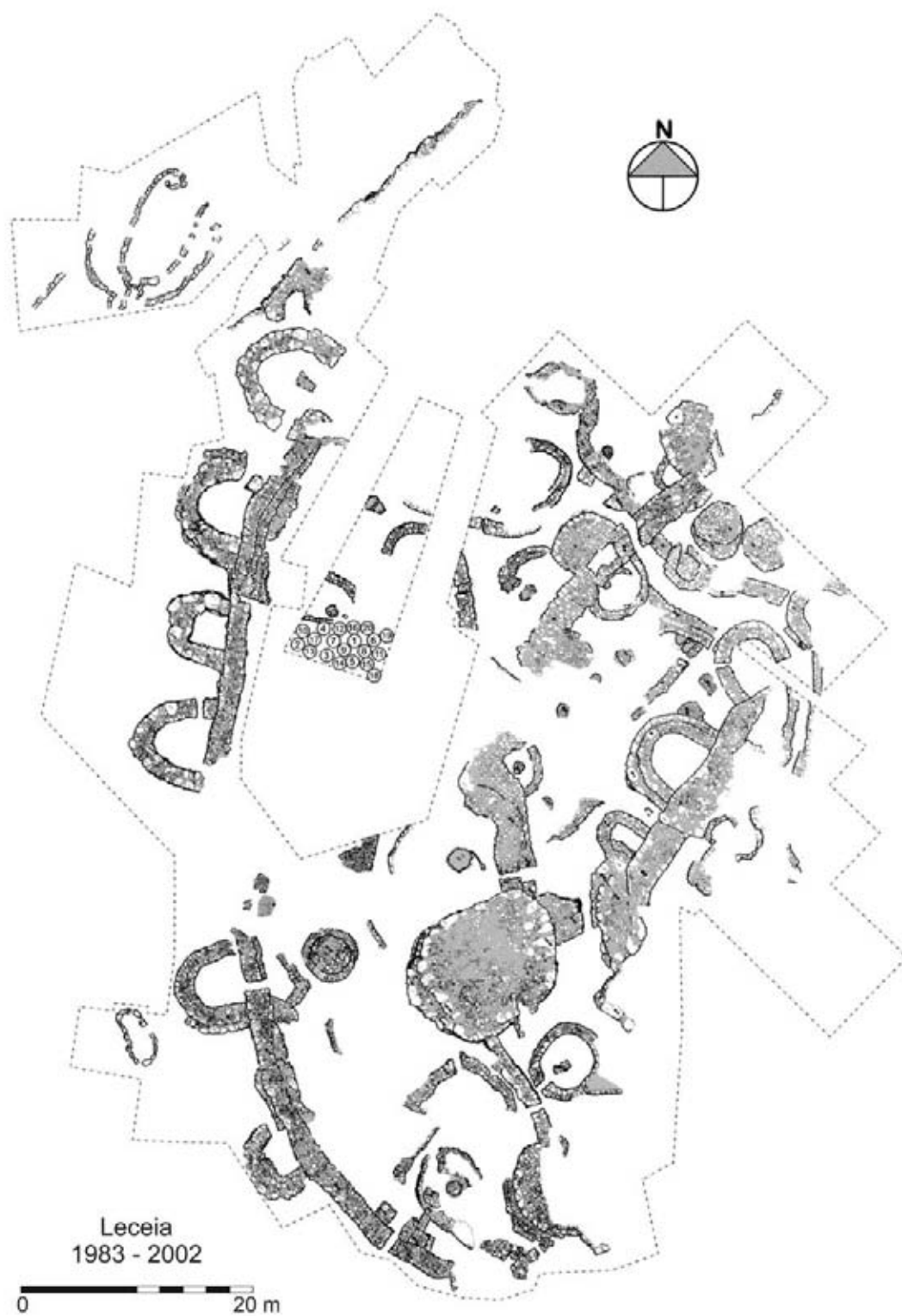


Fig. 102 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 103.

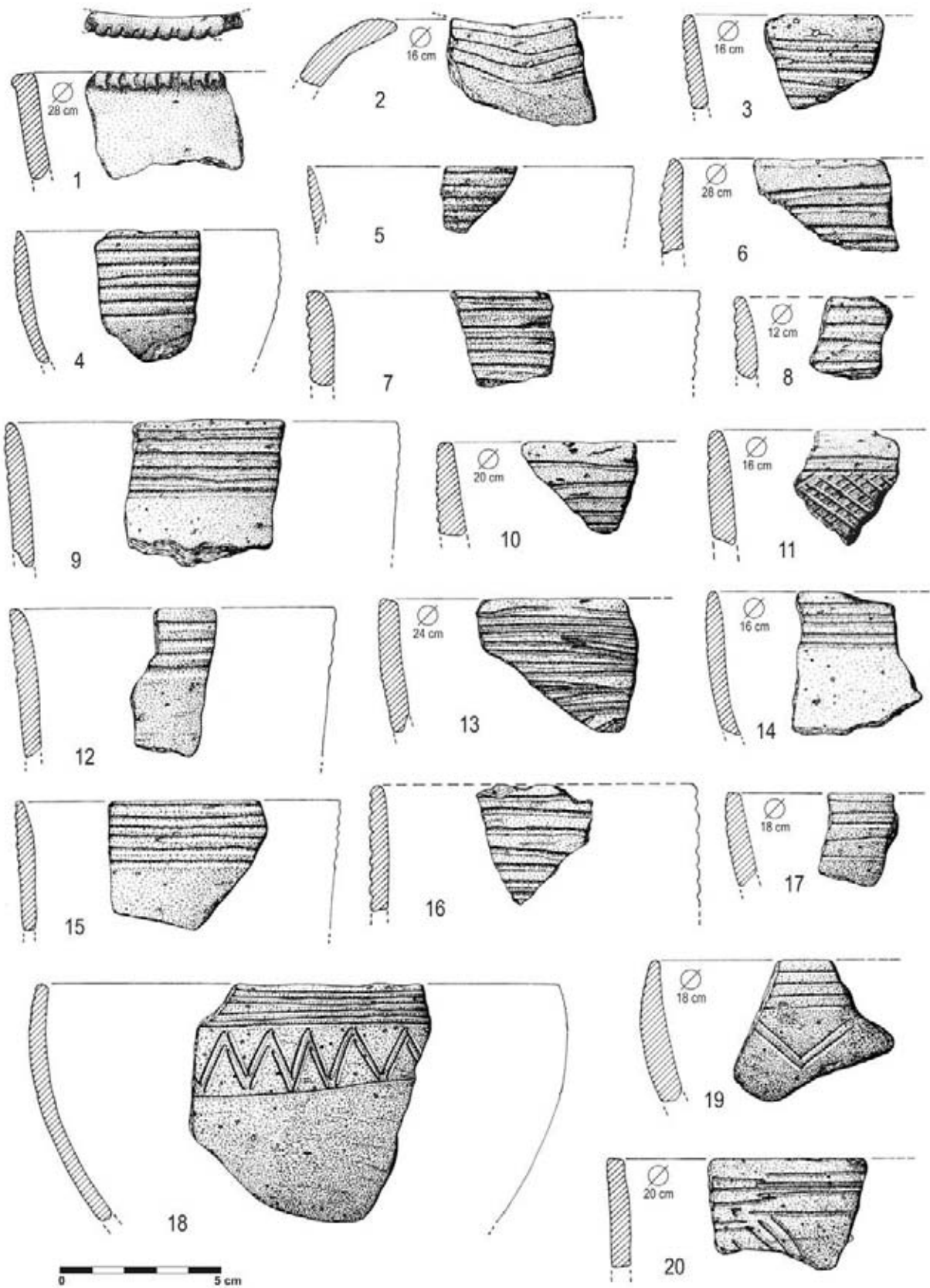


Fig. 103 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

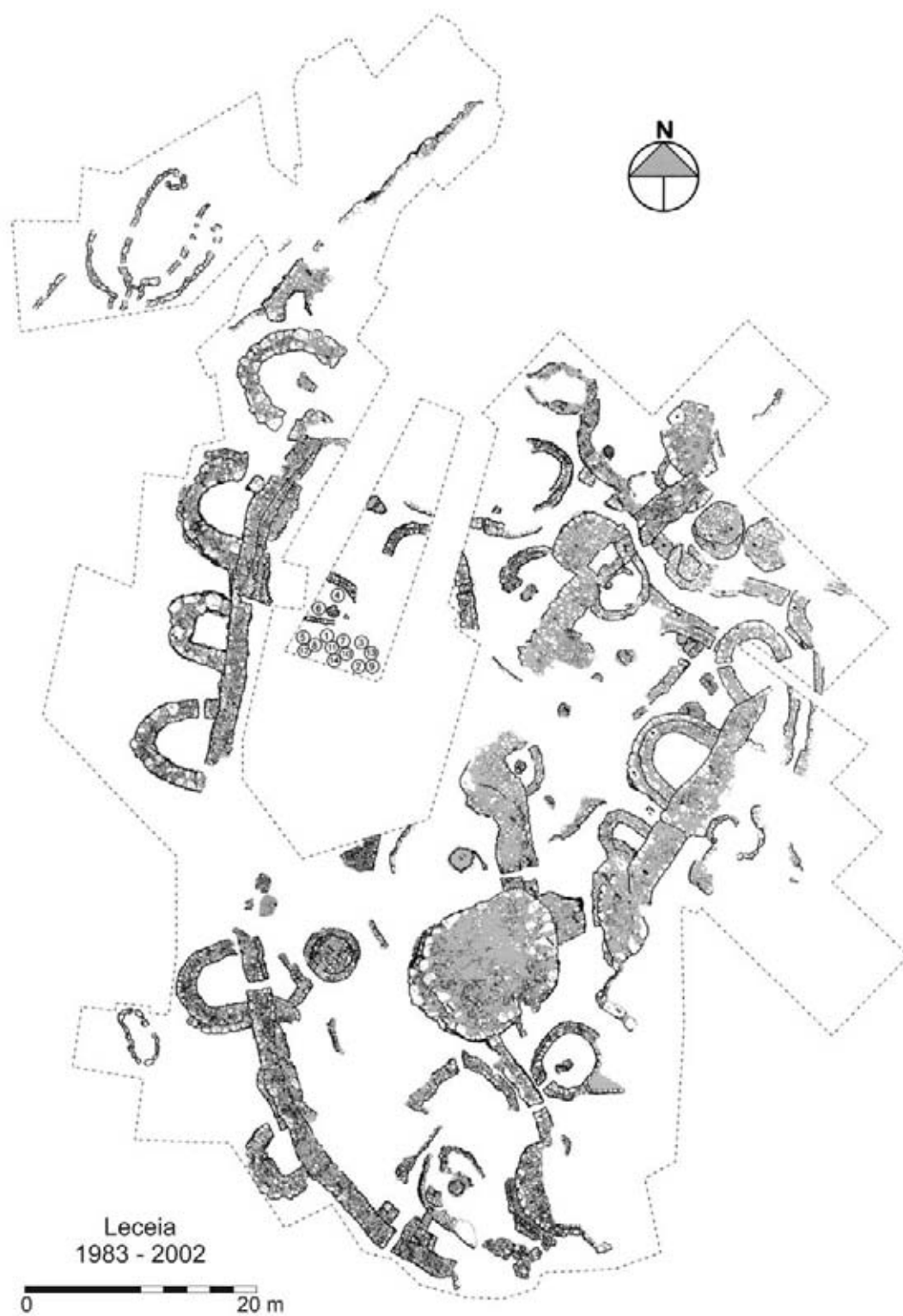


Fig. 104 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 105.

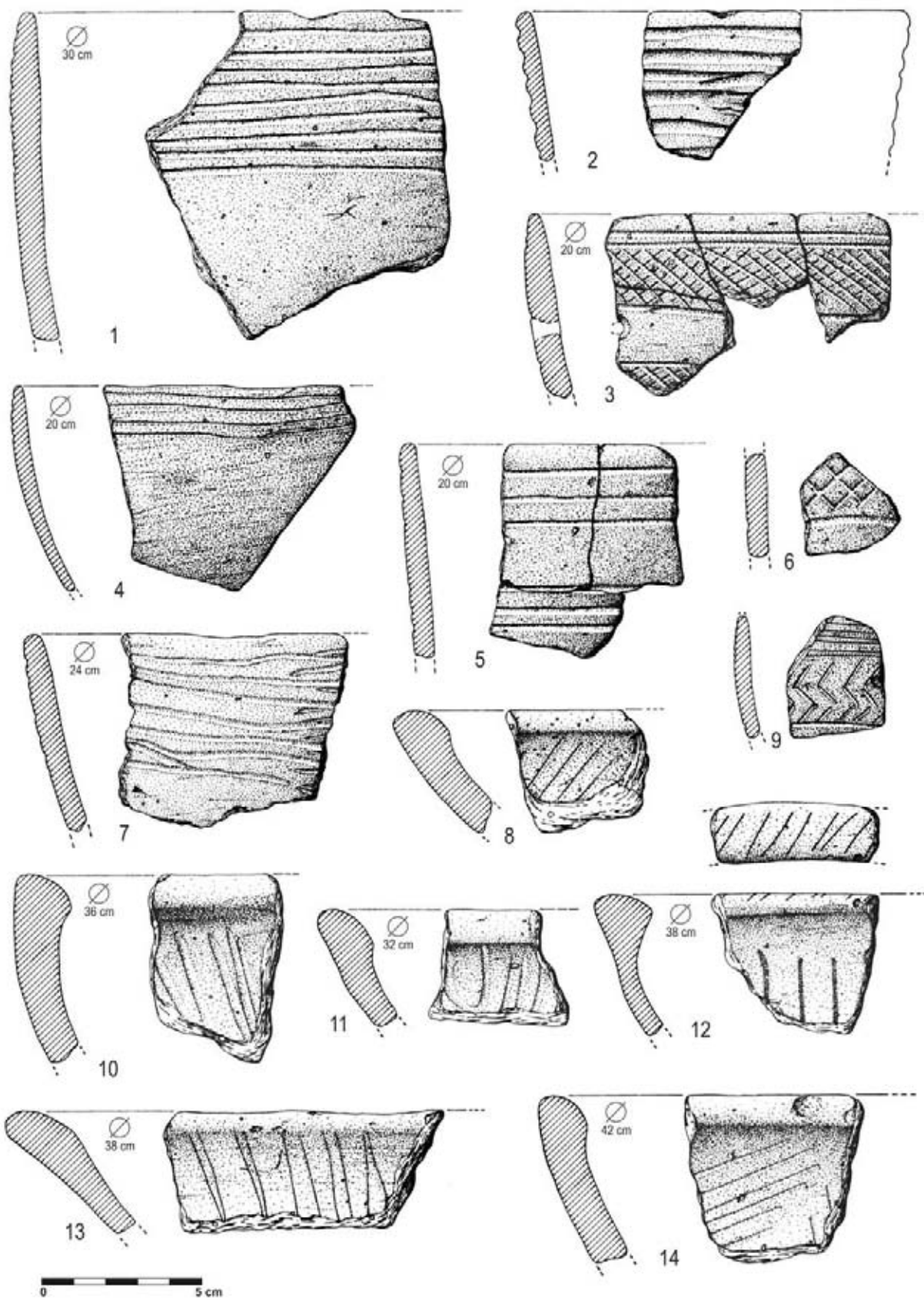


Fig. 105 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

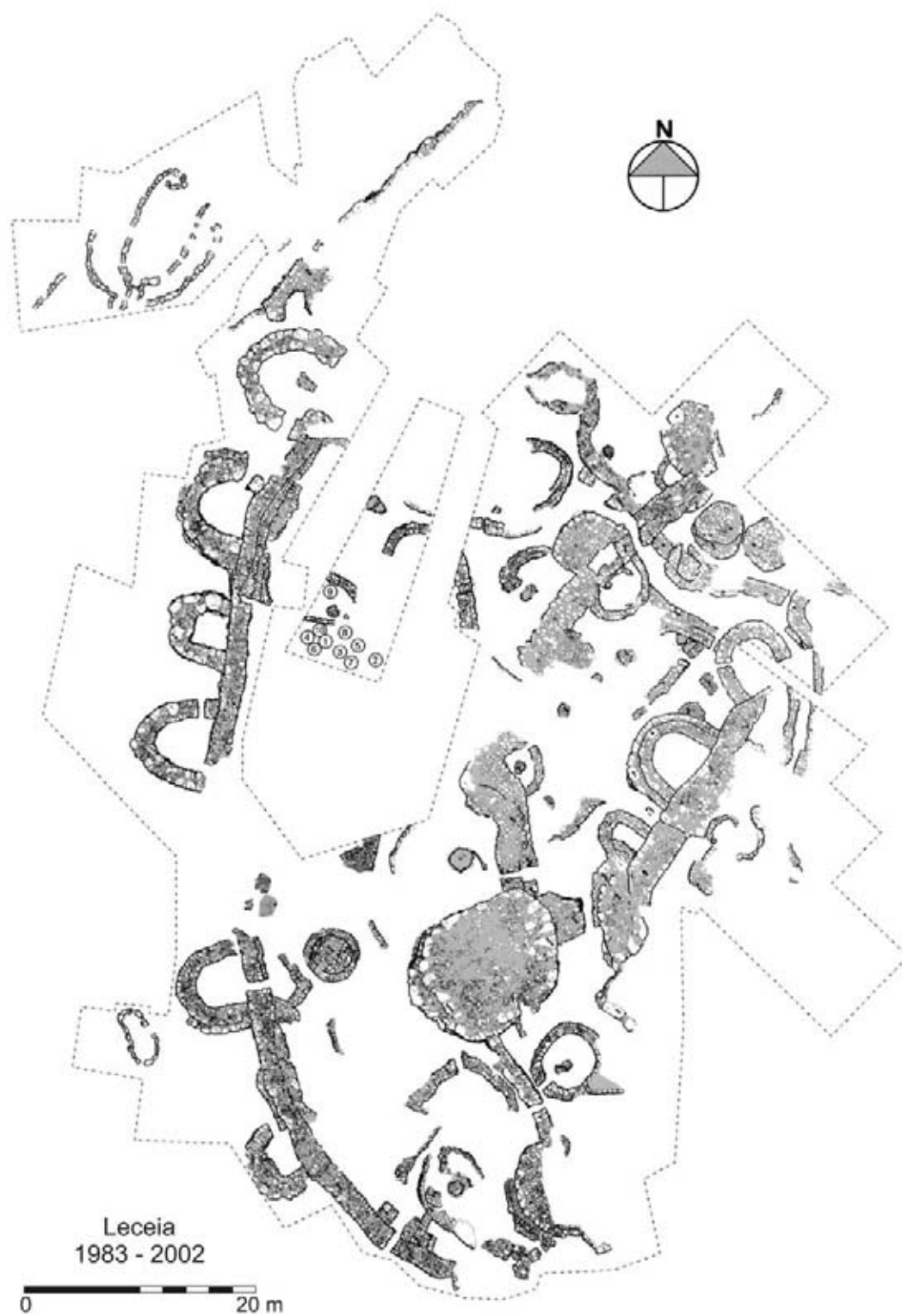


Fig. 106 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 107.

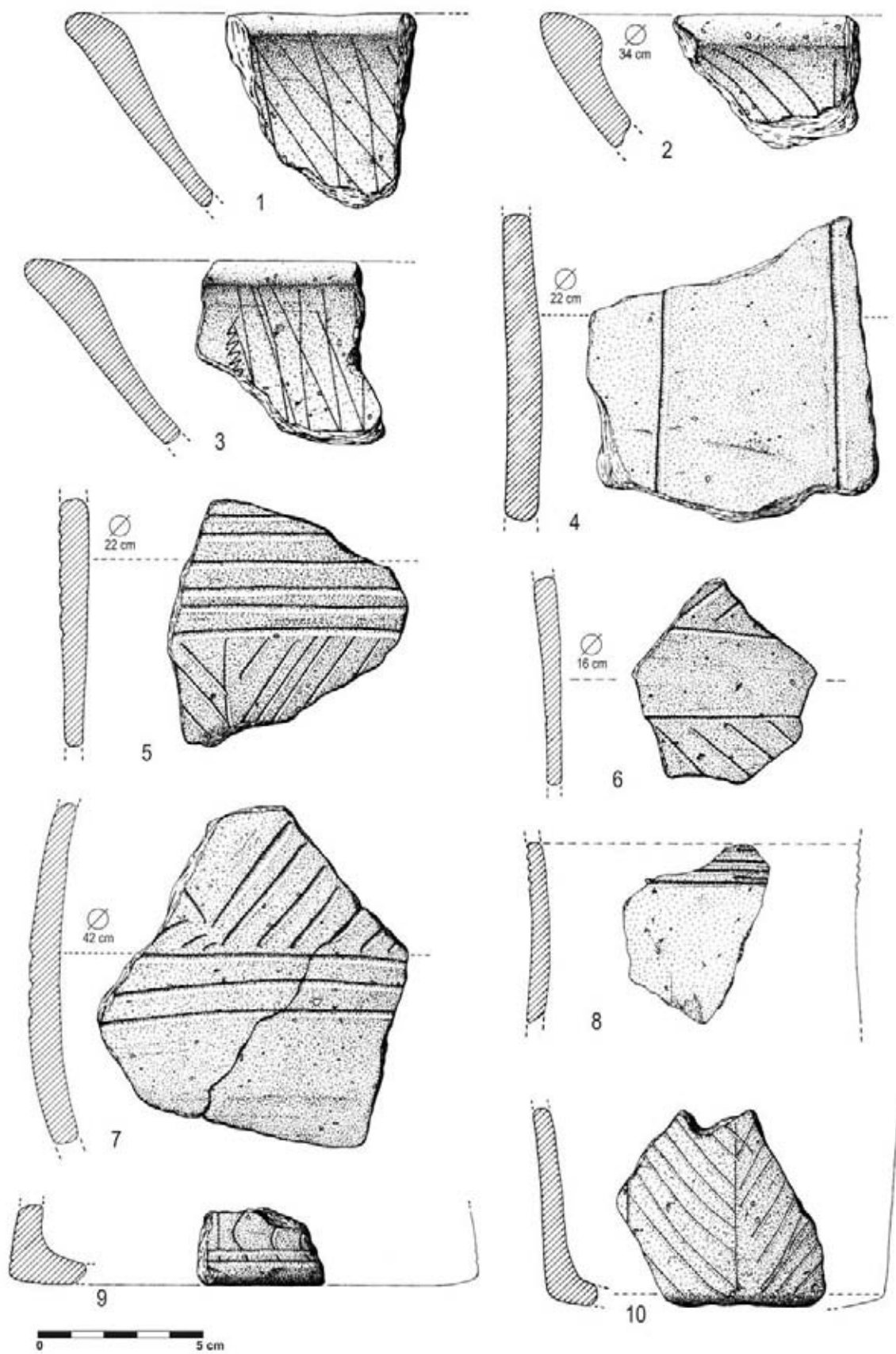


Fig. 107 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

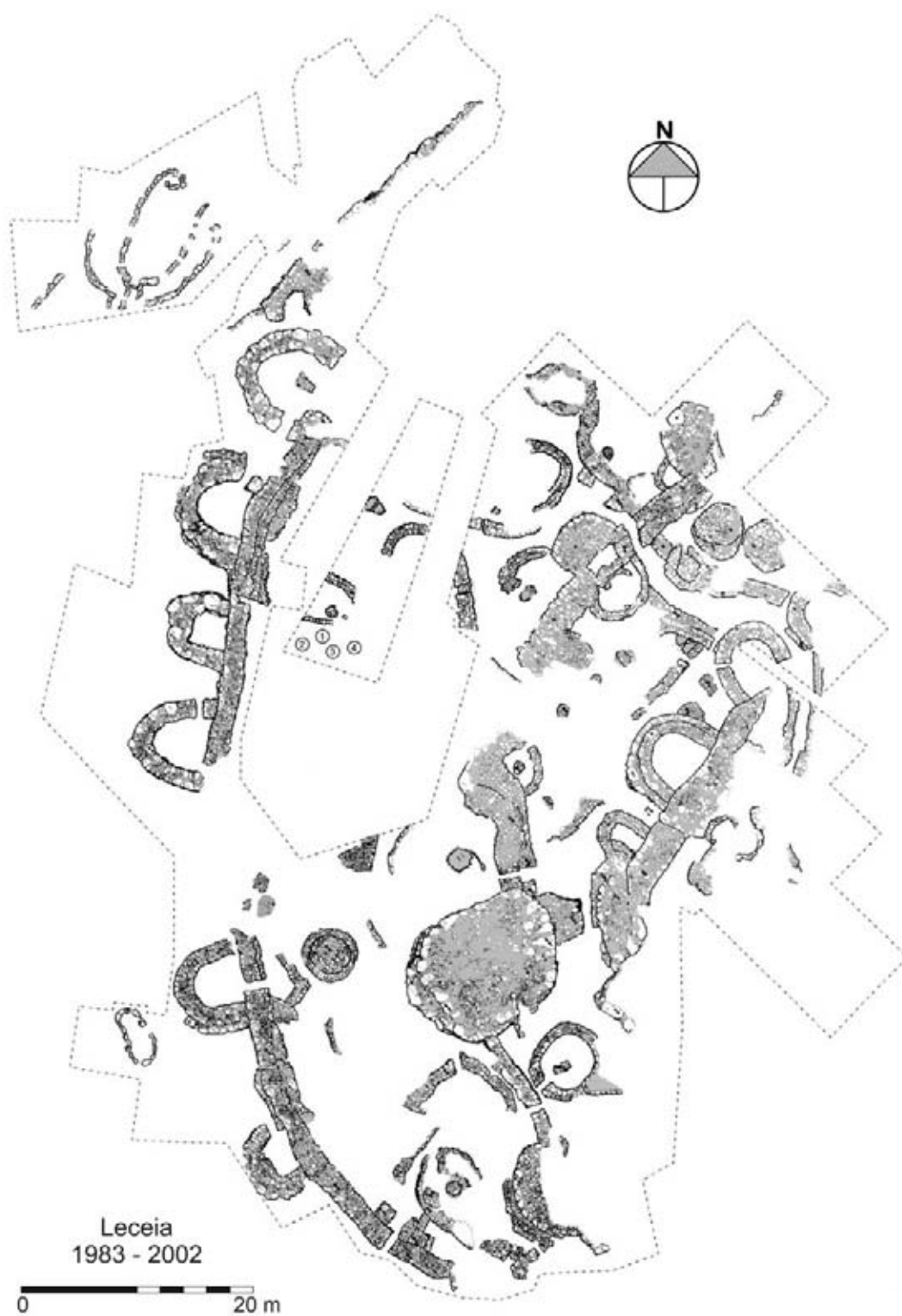


Fig. 108 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 109.

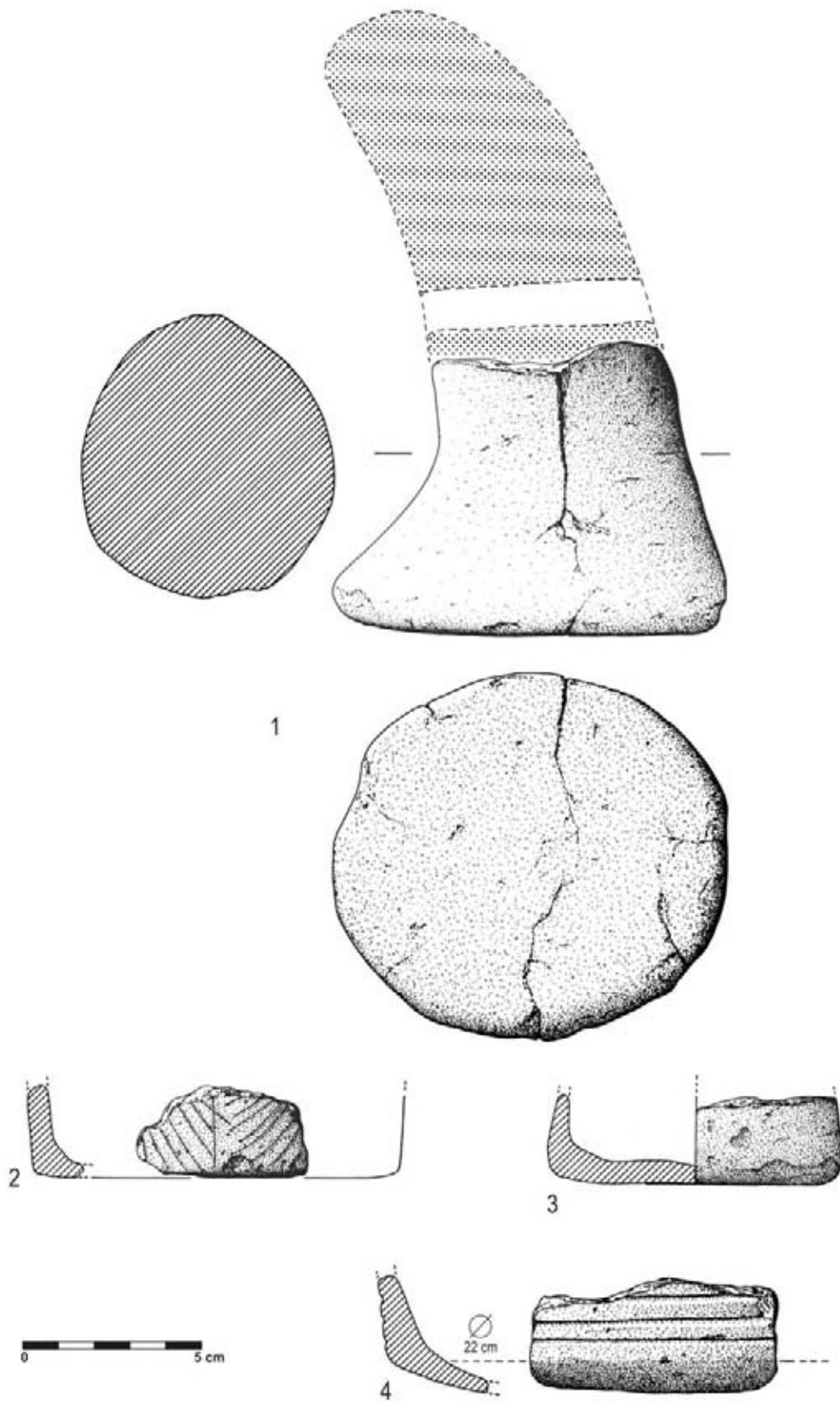


Fig. 109 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

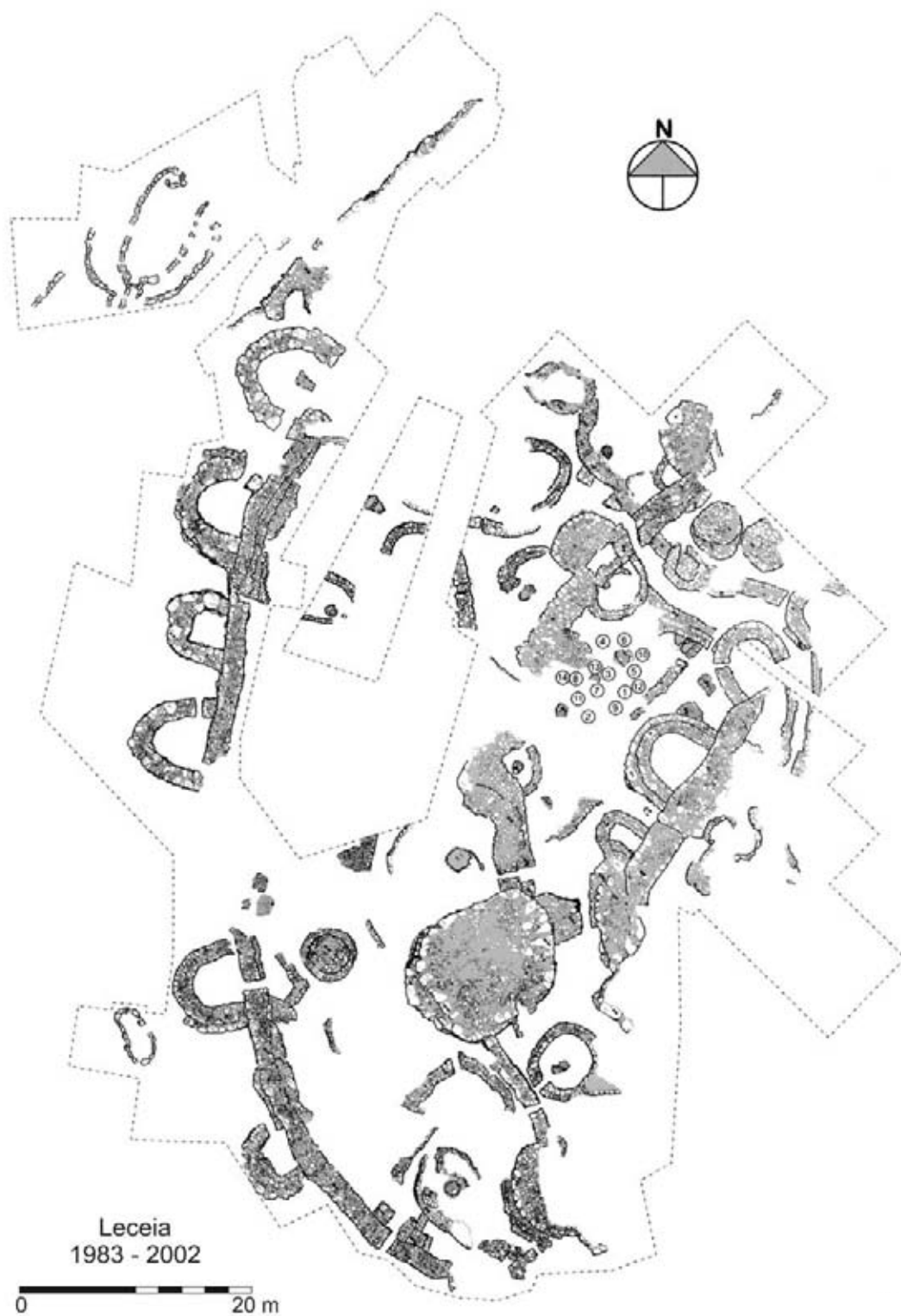


Fig. 110 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 111.

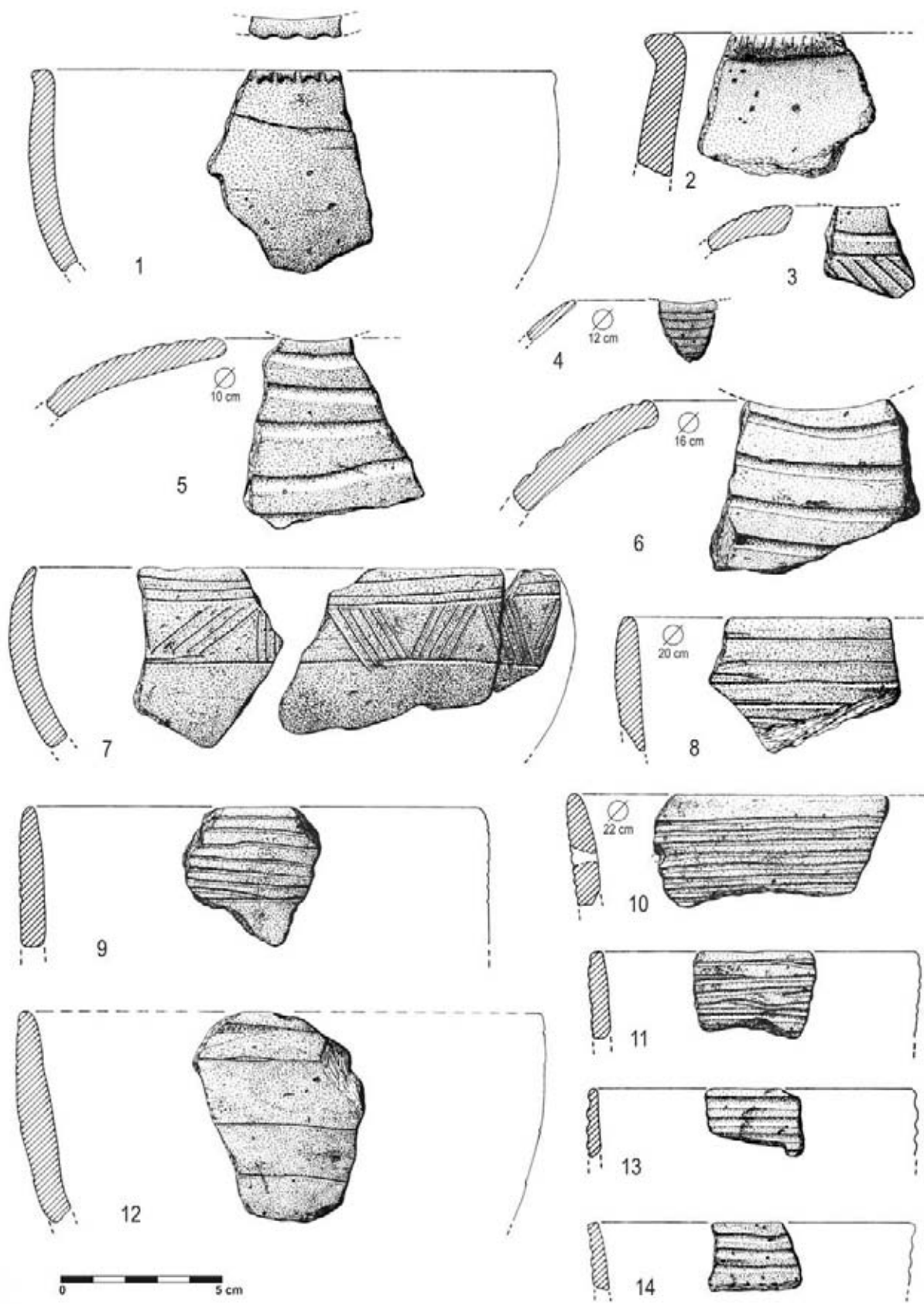


Fig. 111 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

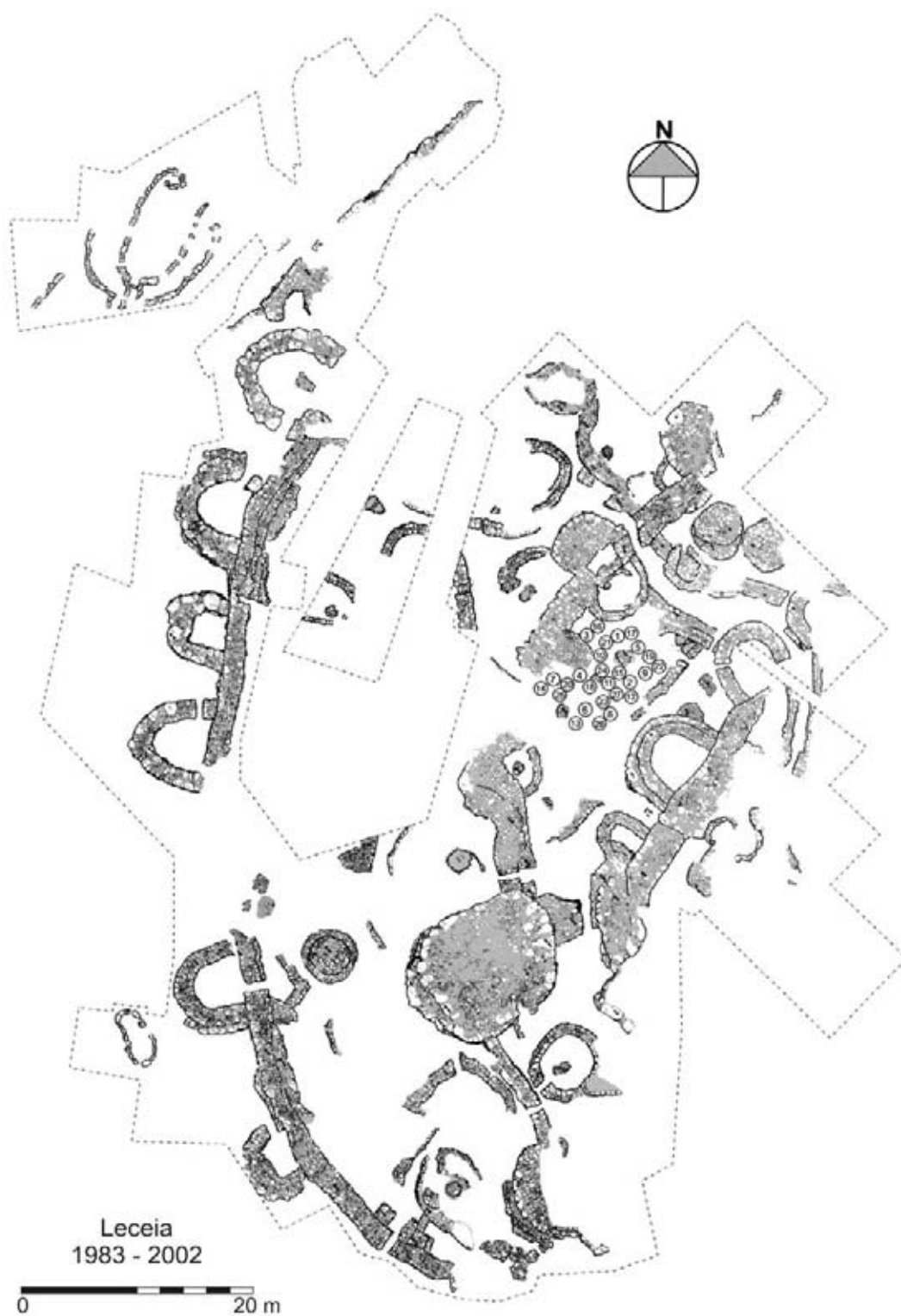


Fig. 112 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 113.

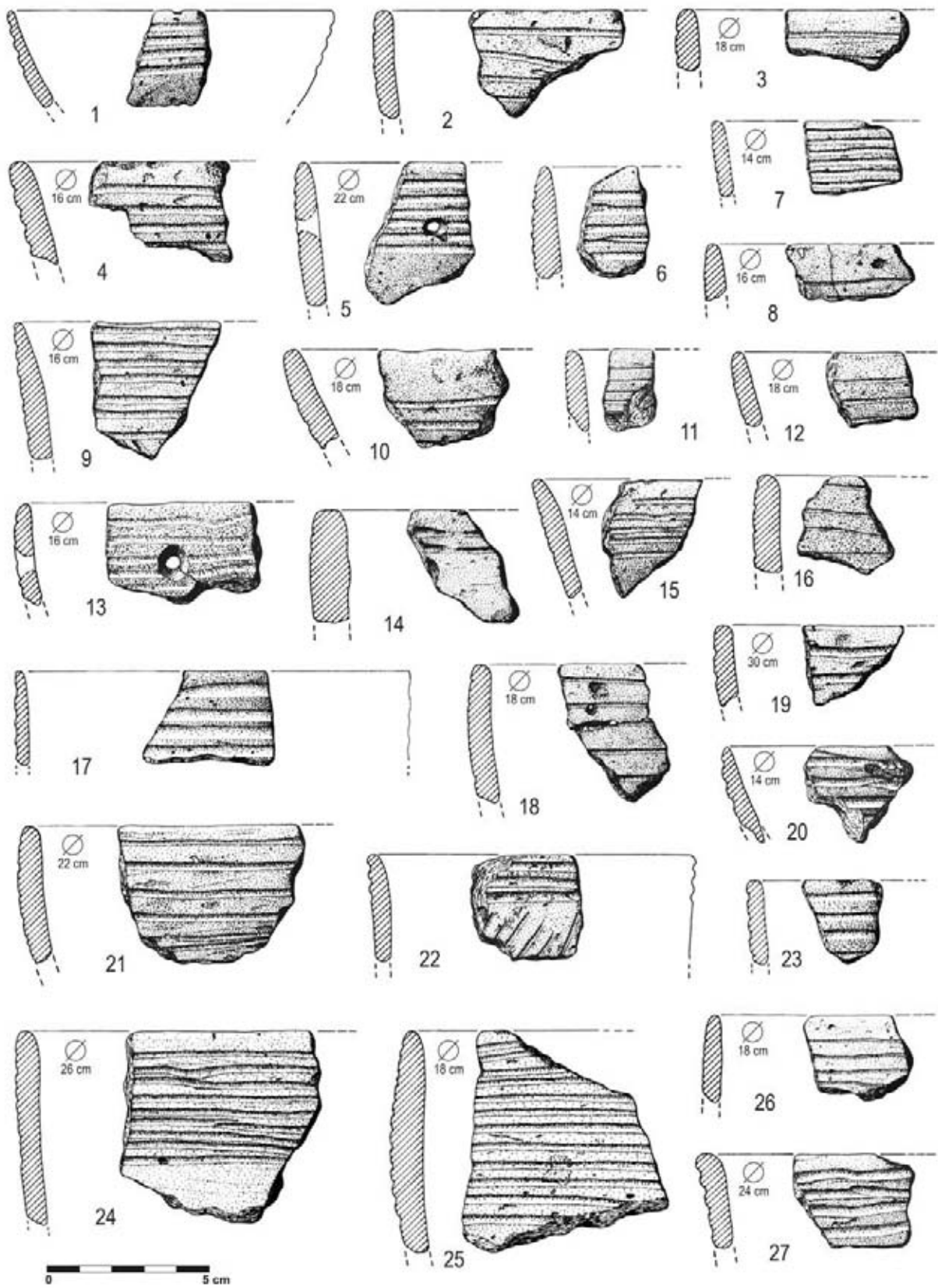


Fig. 113 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

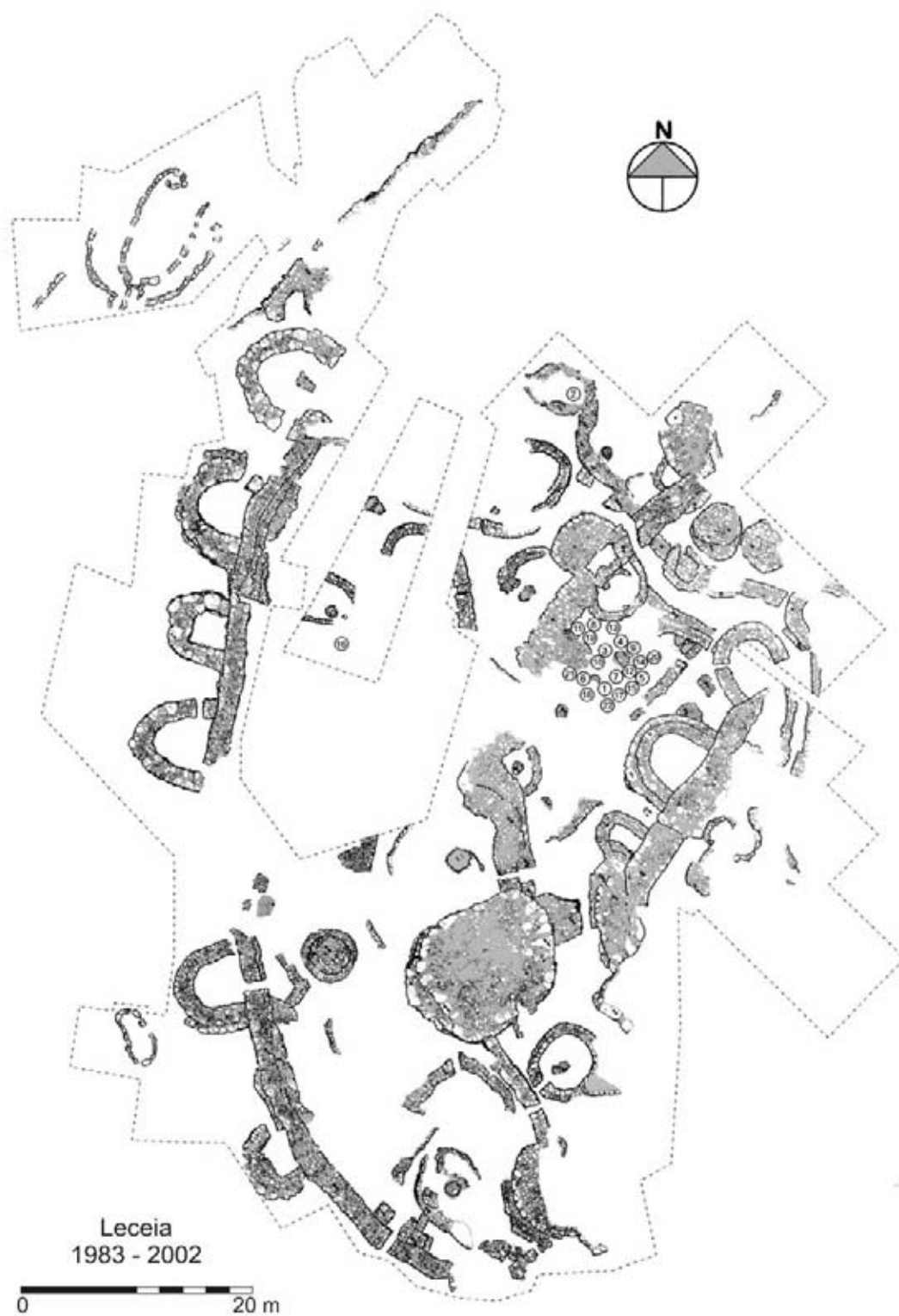


Fig. 114 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 115.

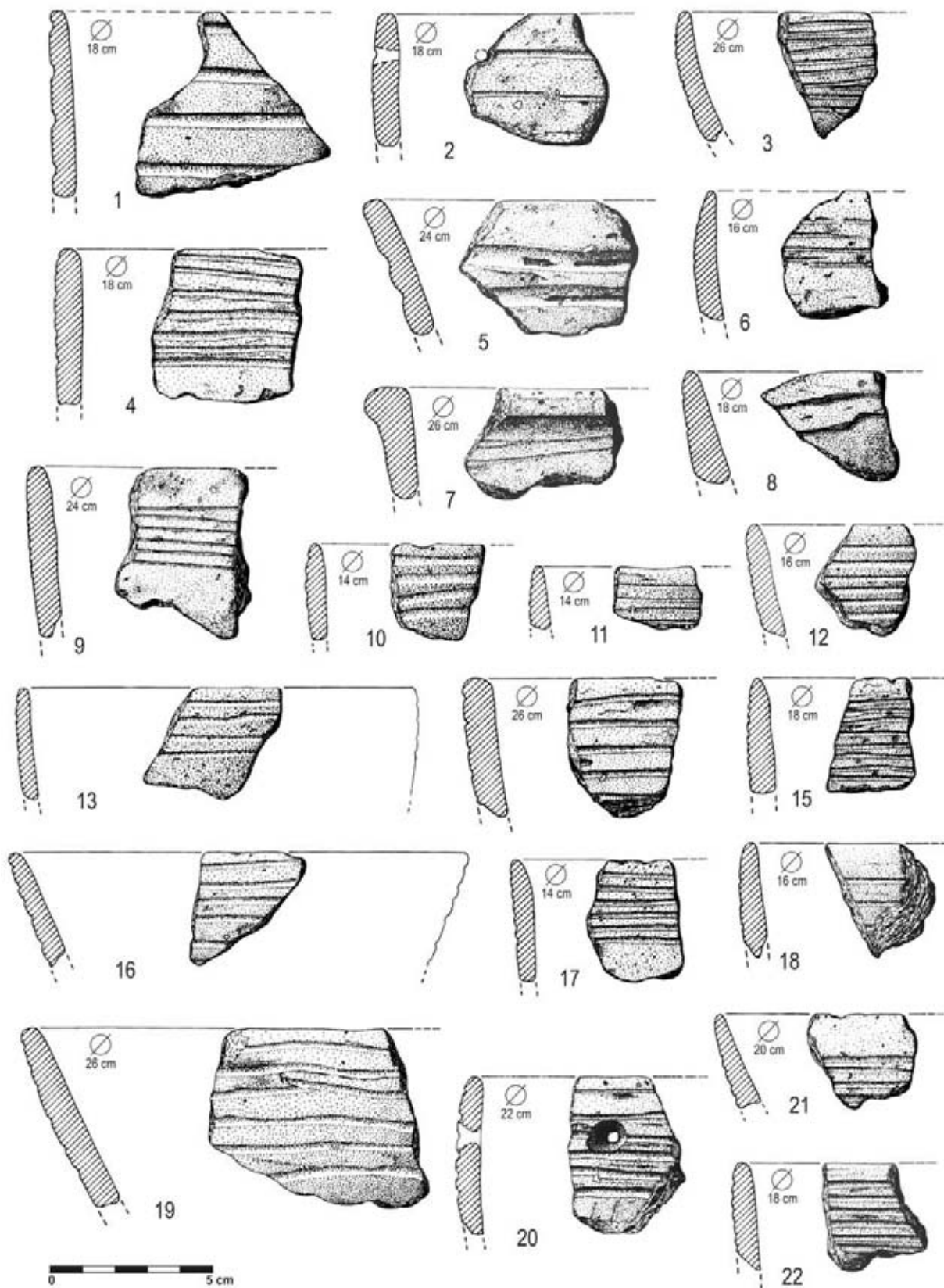


Fig. 115 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

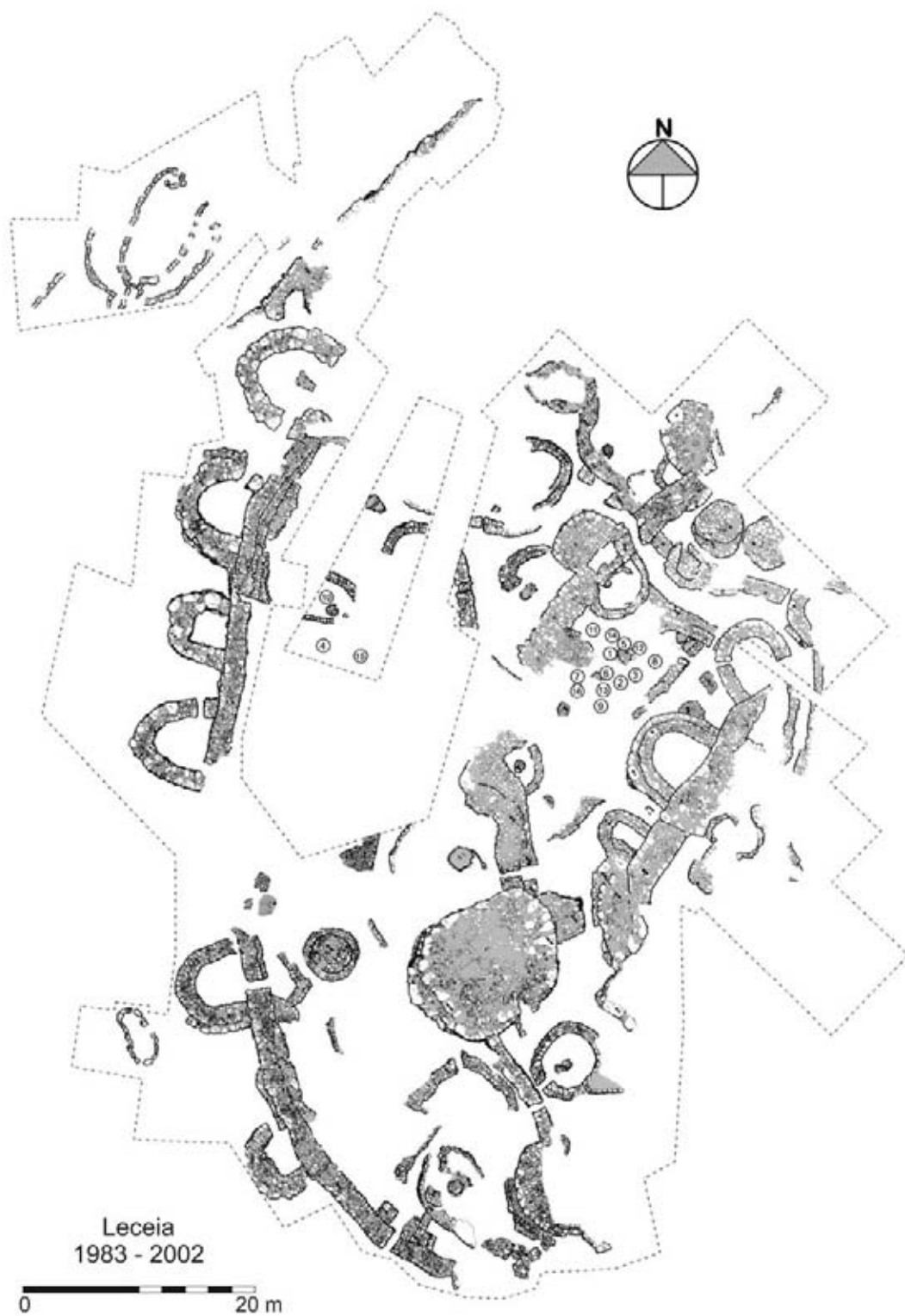


Fig. 116 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 117.

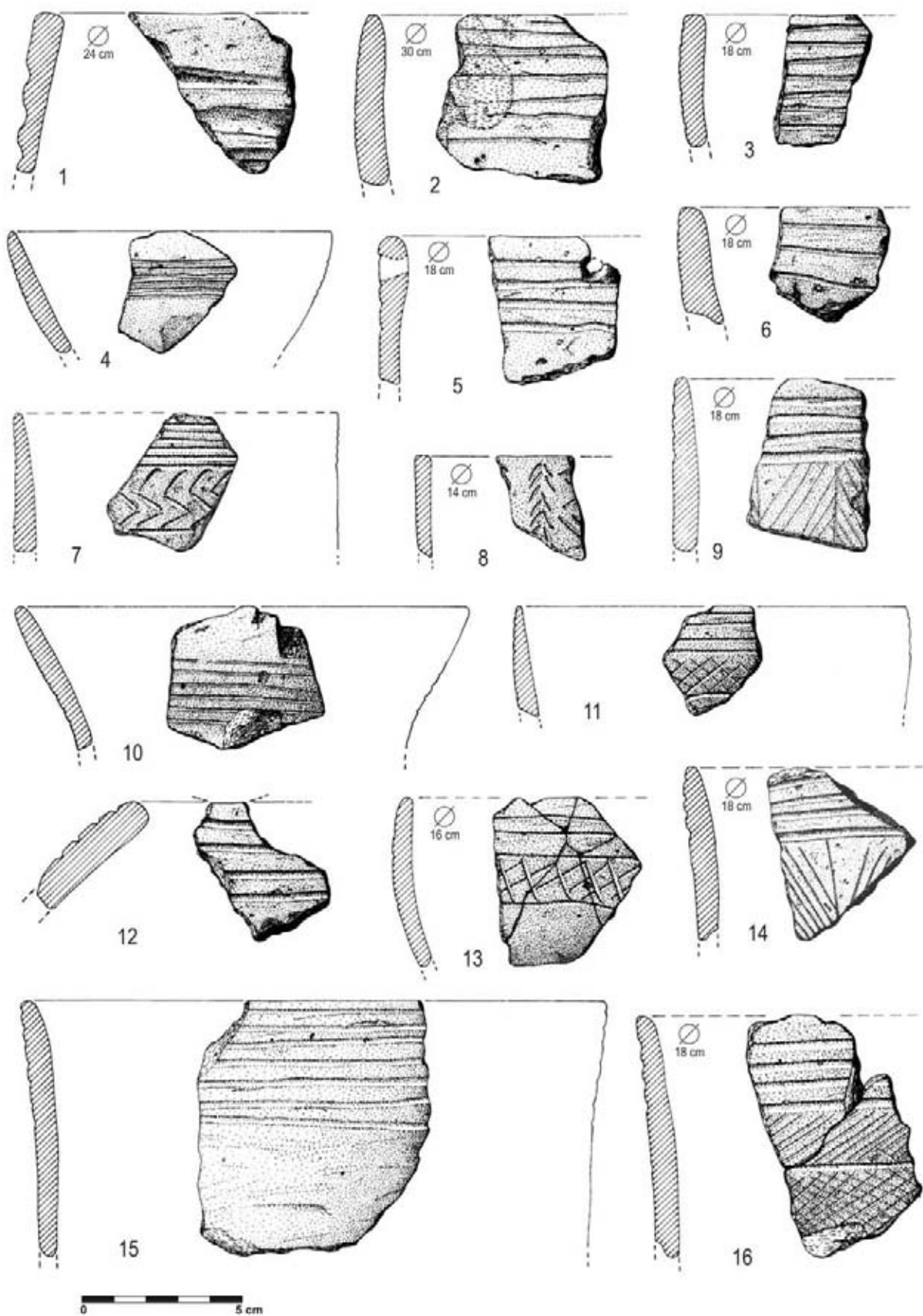


Fig. 117 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

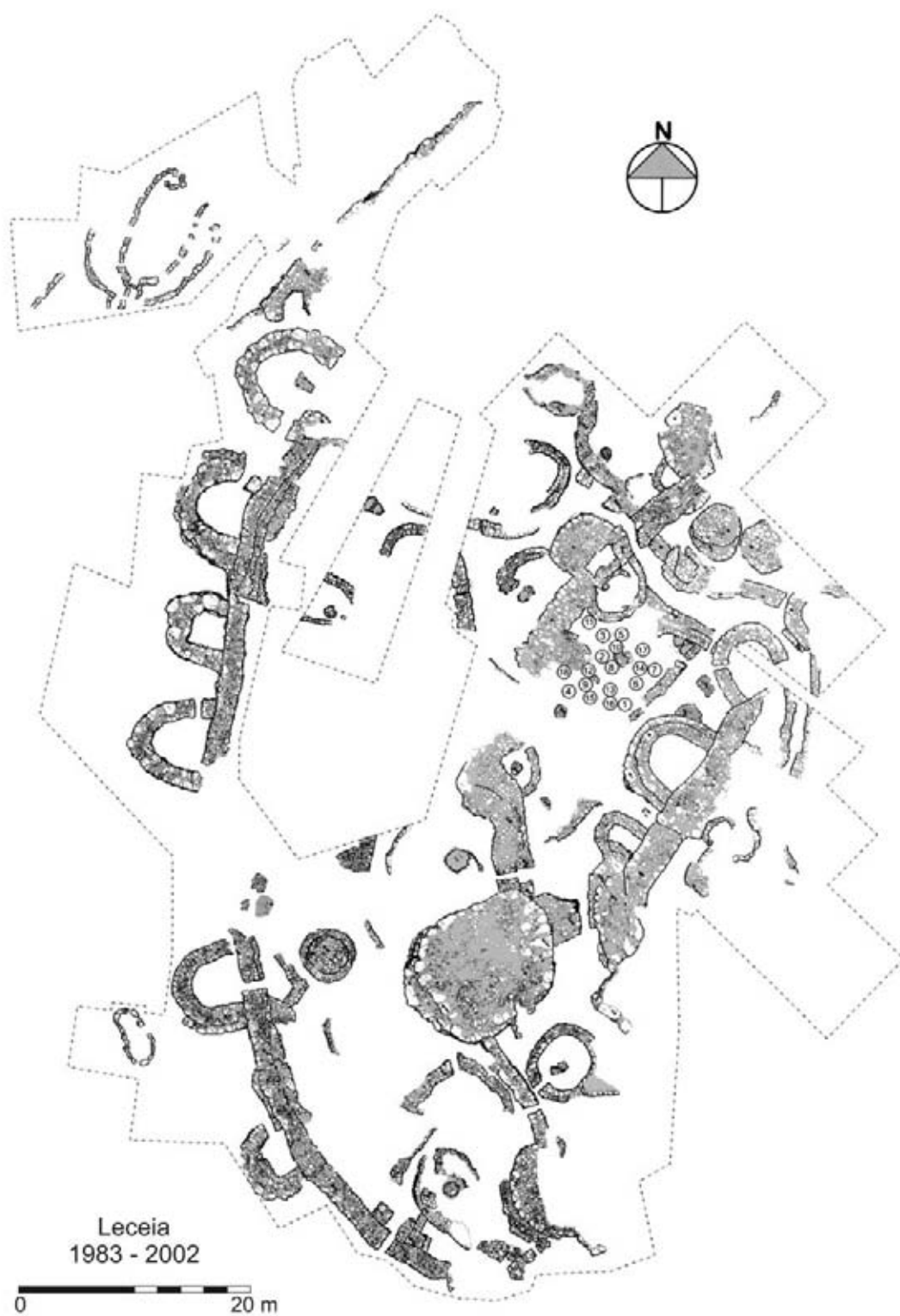


Fig. 118 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 119.

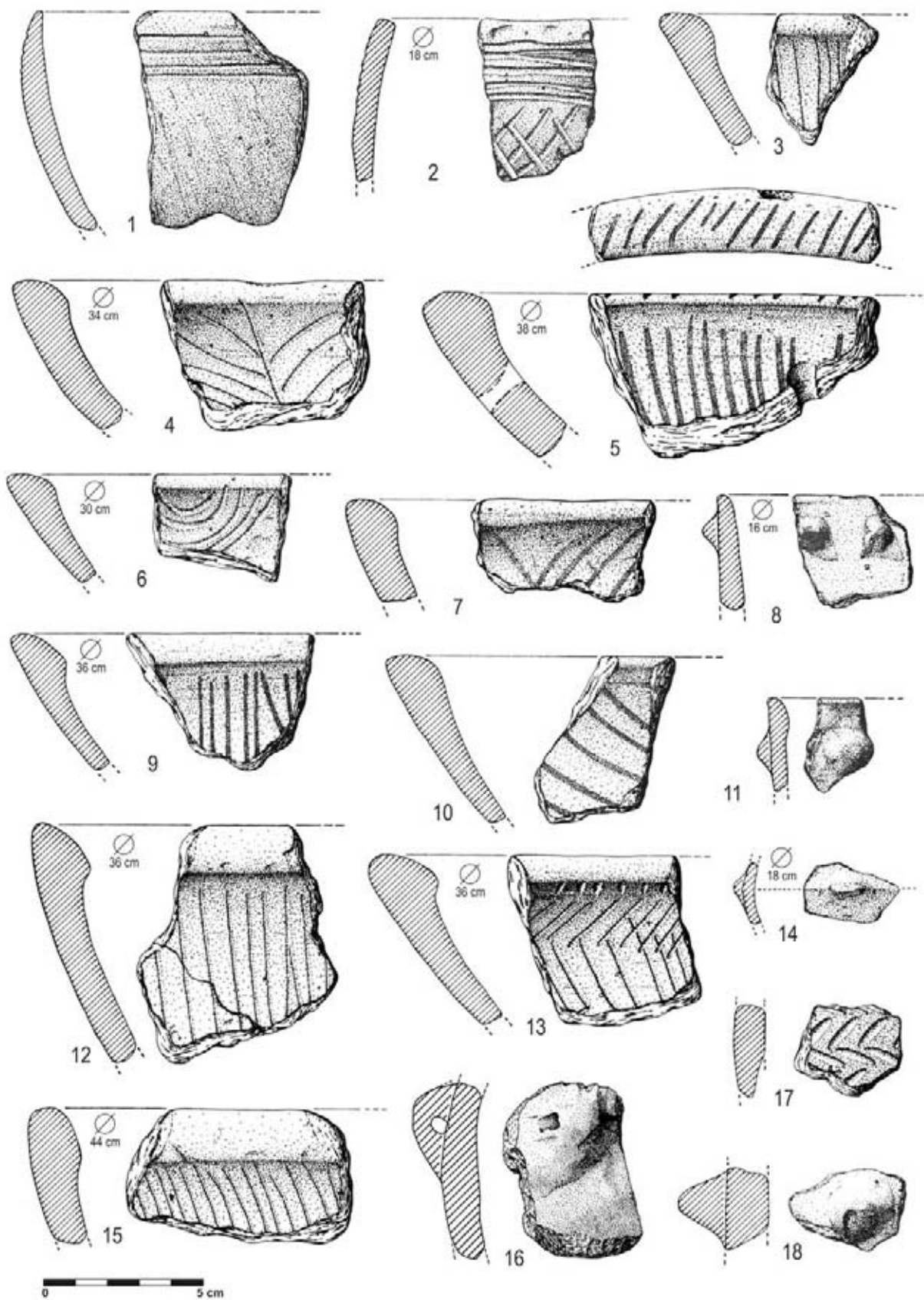


Fig. 119 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

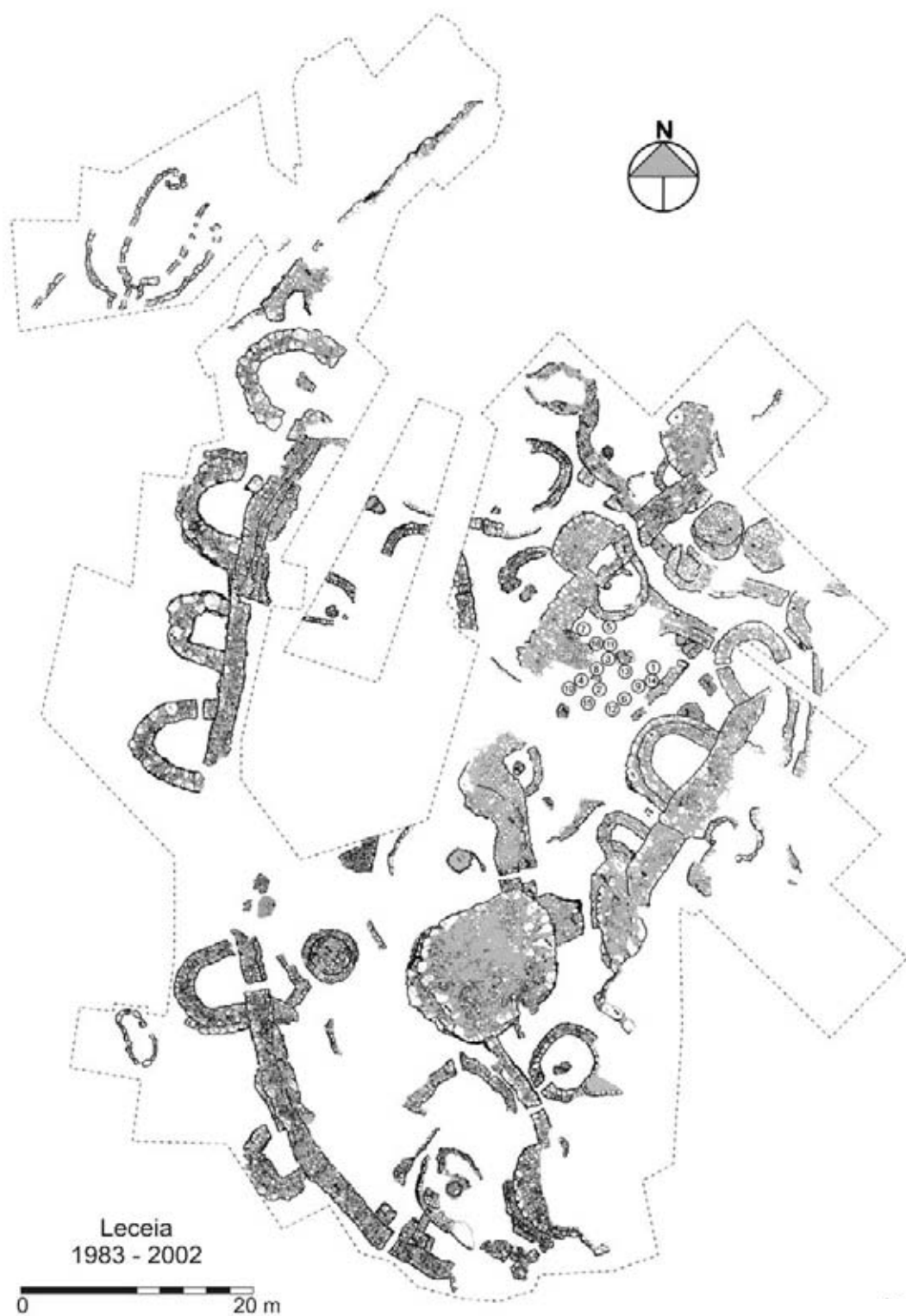


Fig. 120 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 121.

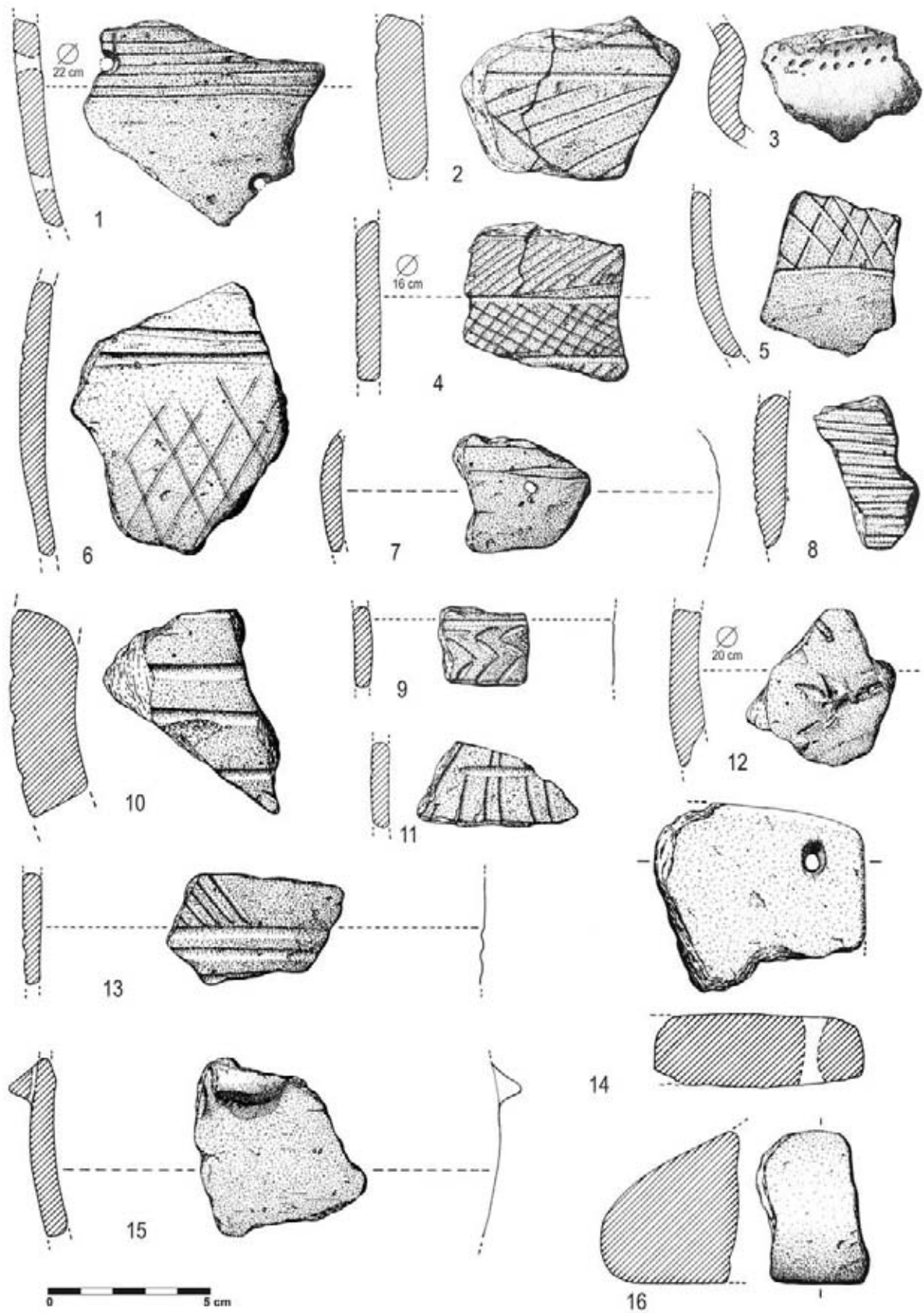


Fig. 121 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.

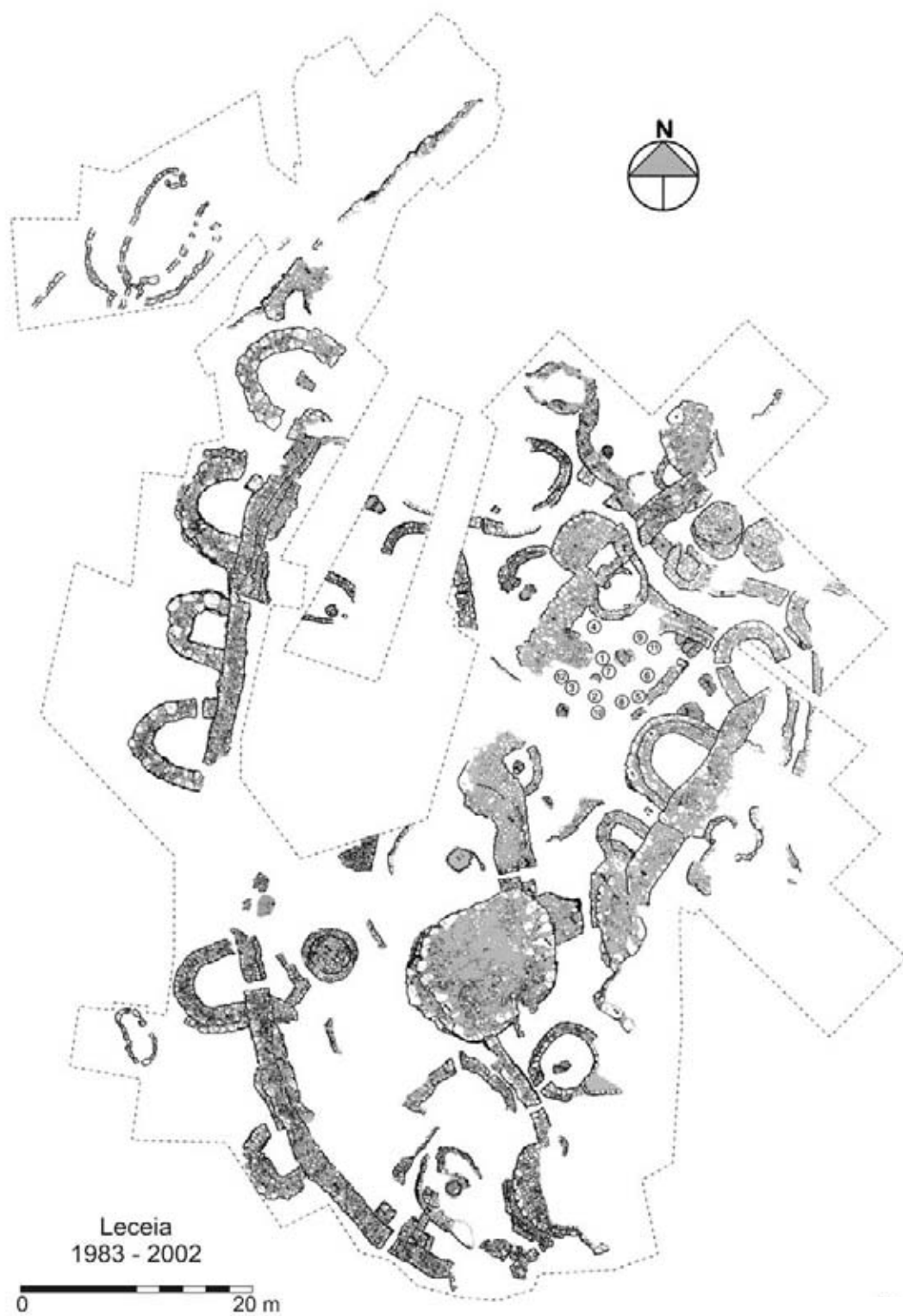


Fig. 122 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 3 representados na Fig. 123.

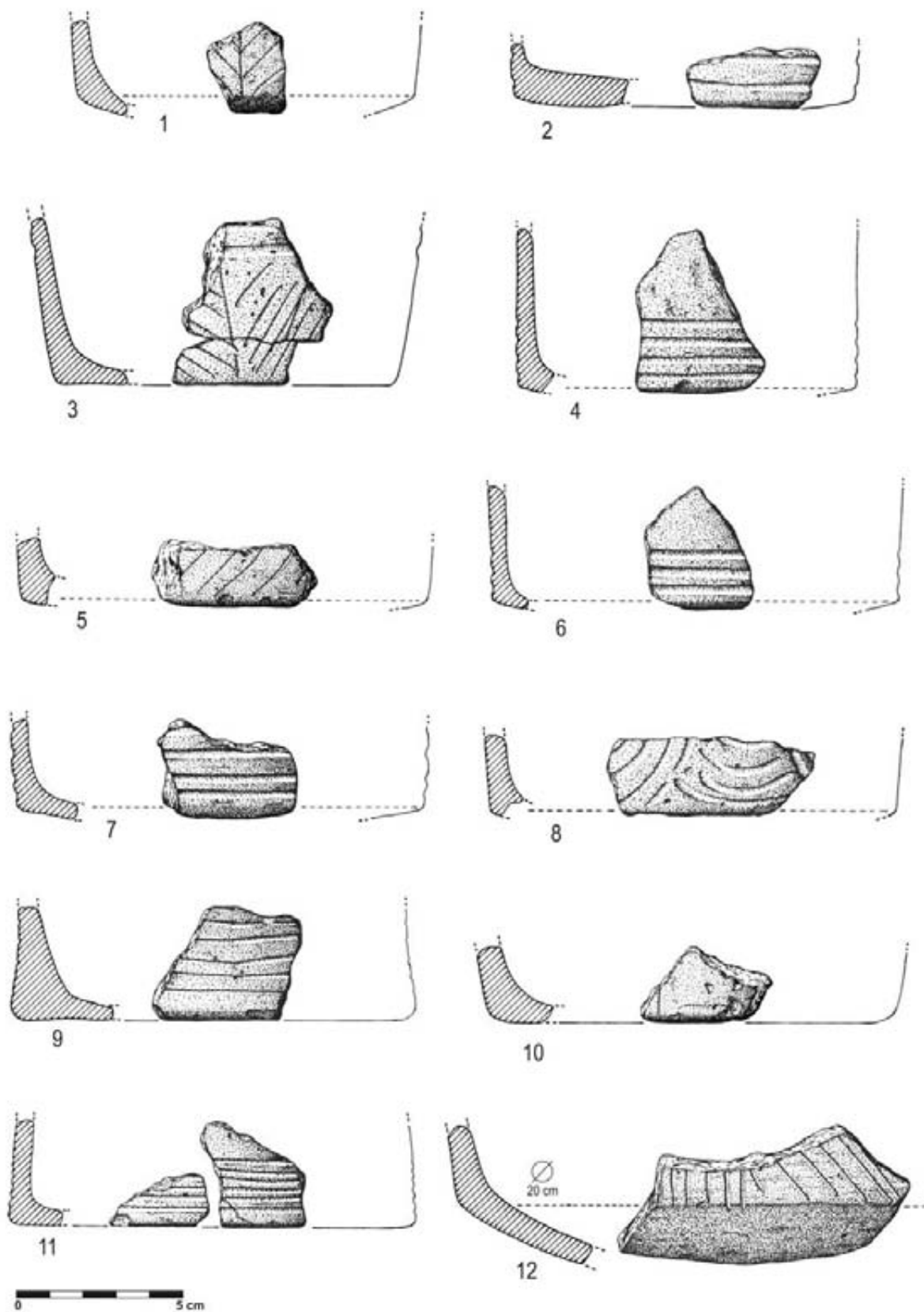


Fig. 123 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 3.



Fig. 124 - Leceia. Distribuição dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 pela área escavada.



Fig. 125 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 126.

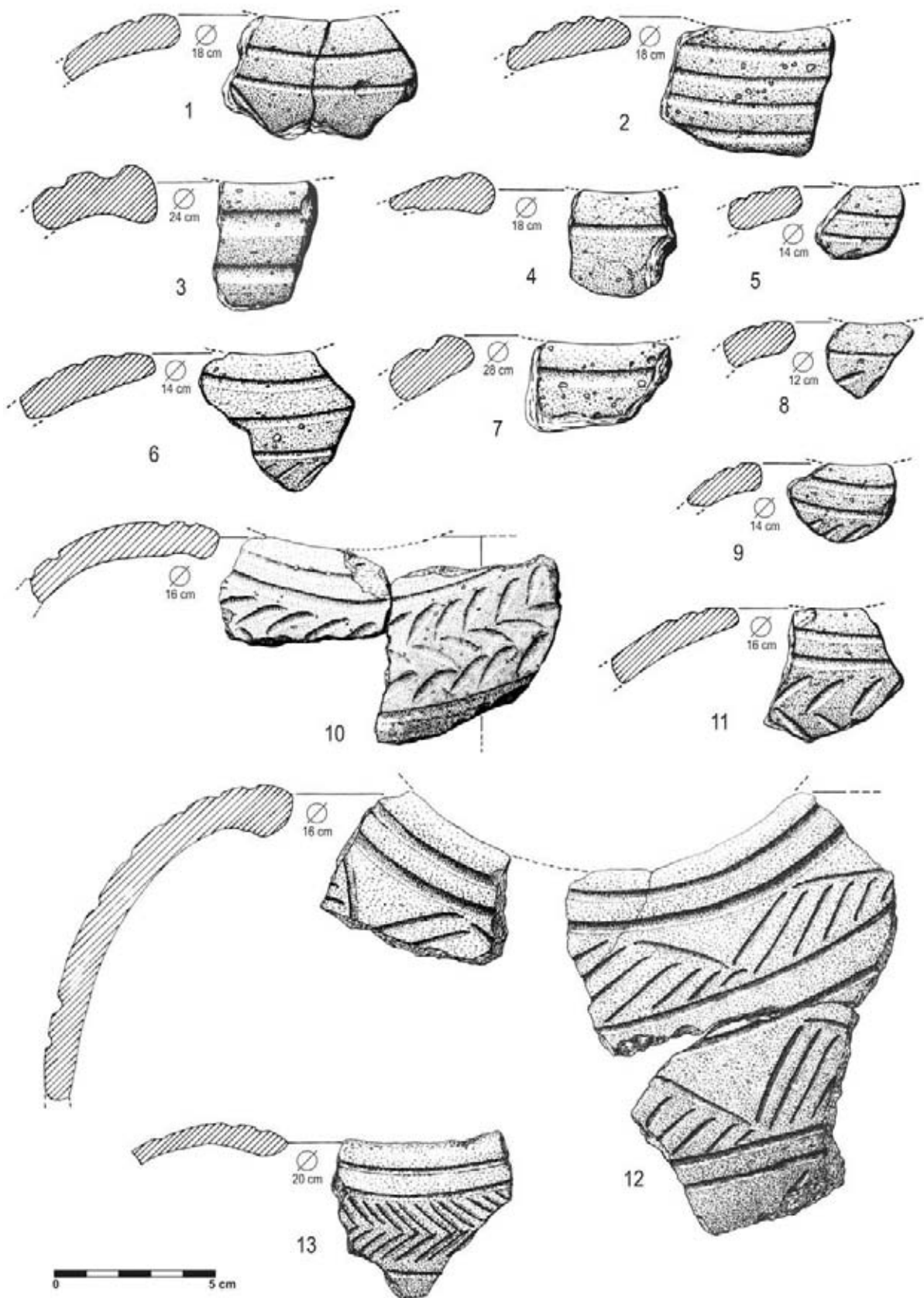


Fig. 126 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

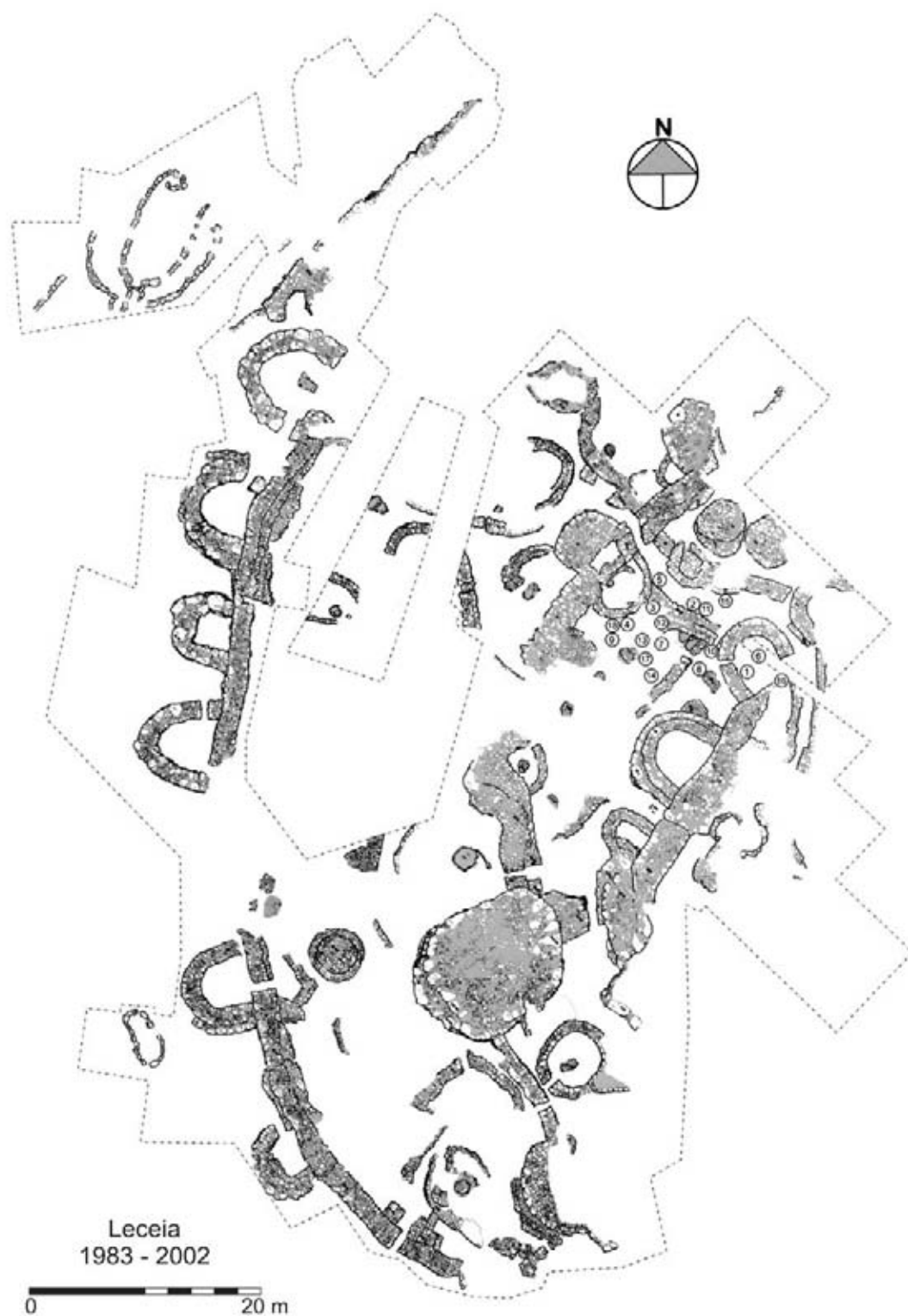


Fig. 127 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 128.

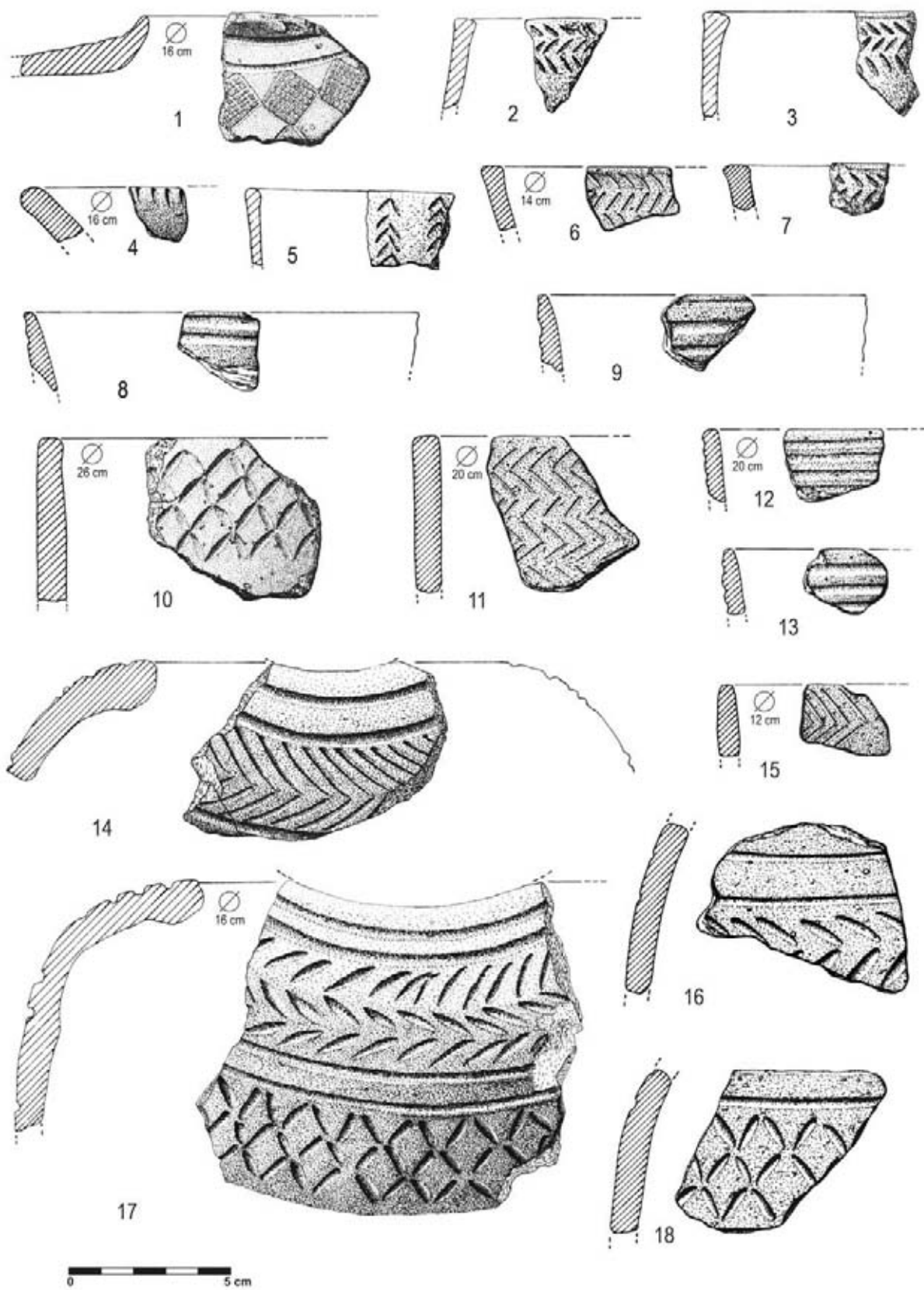


Fig. 128 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

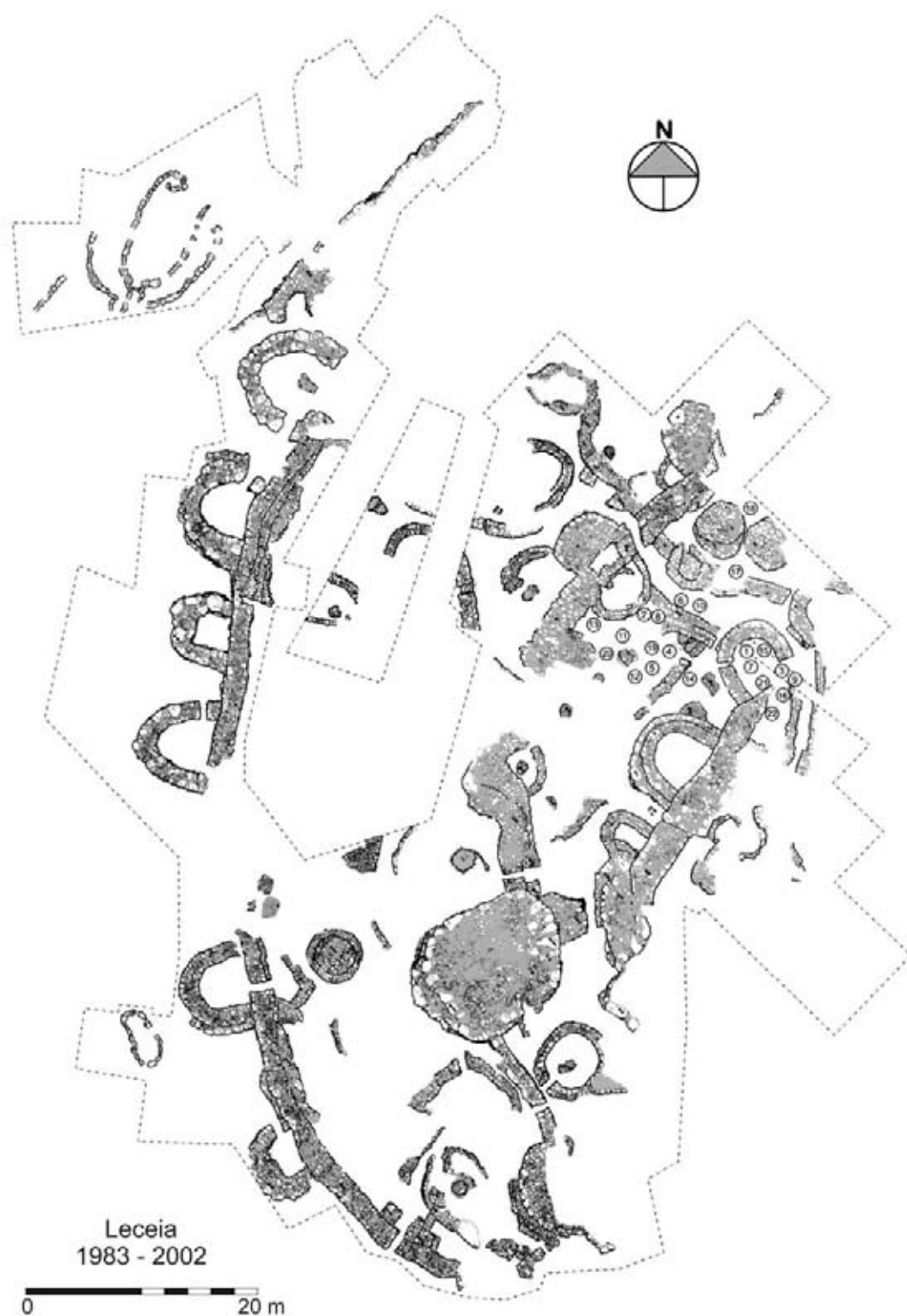


Fig. 129 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 130.

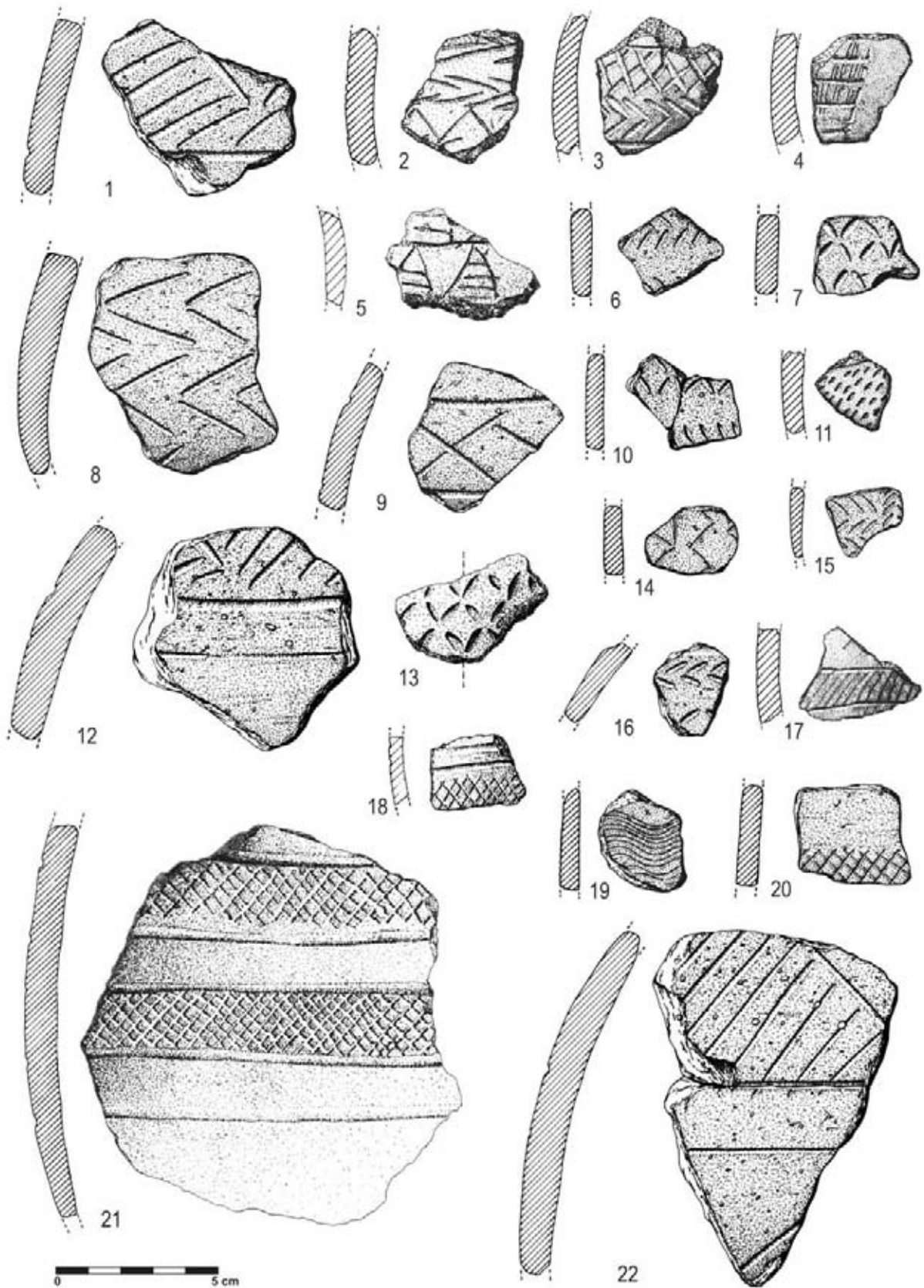


Fig. 130 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

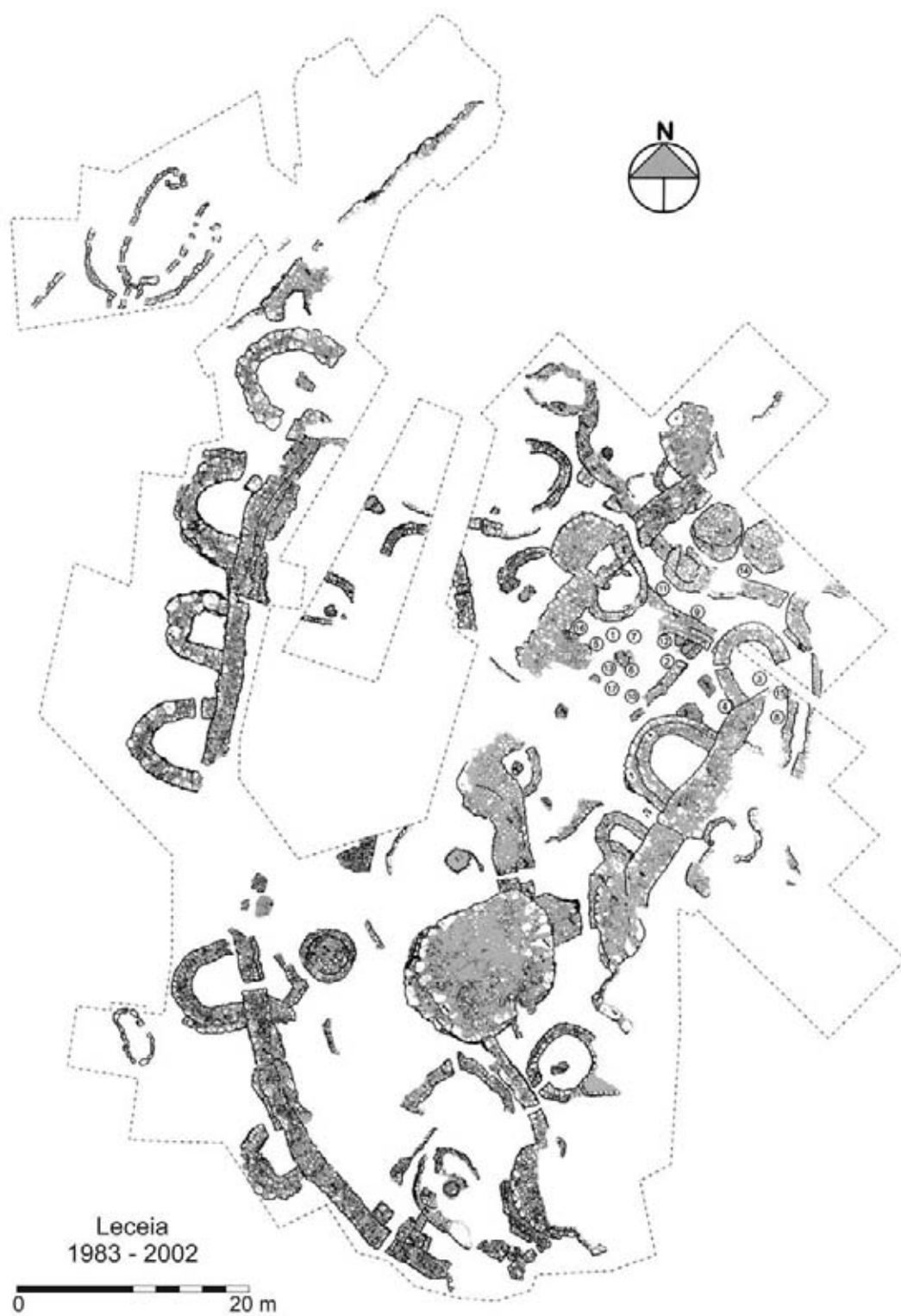


Fig. 131 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 132.

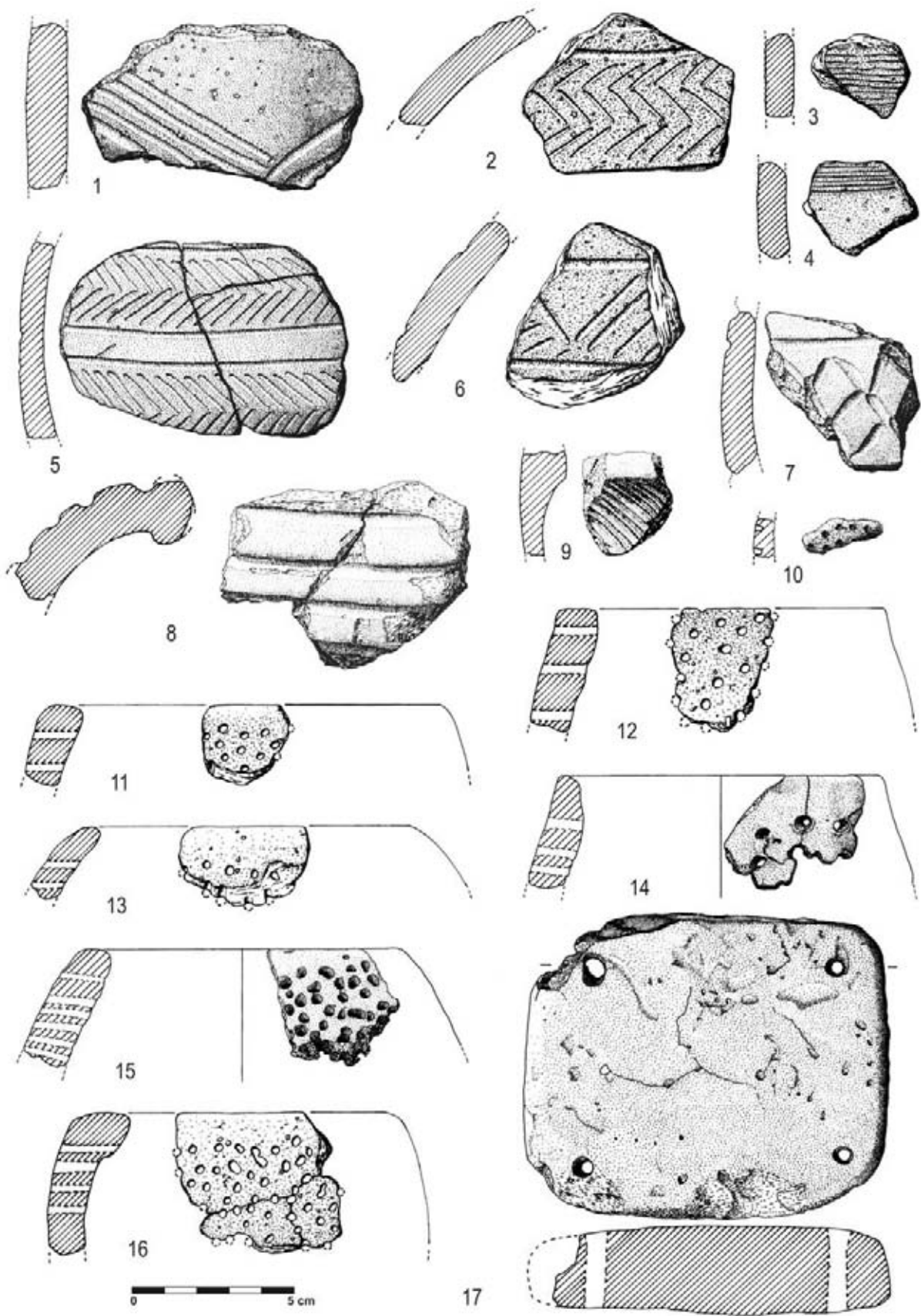


Fig. 132 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

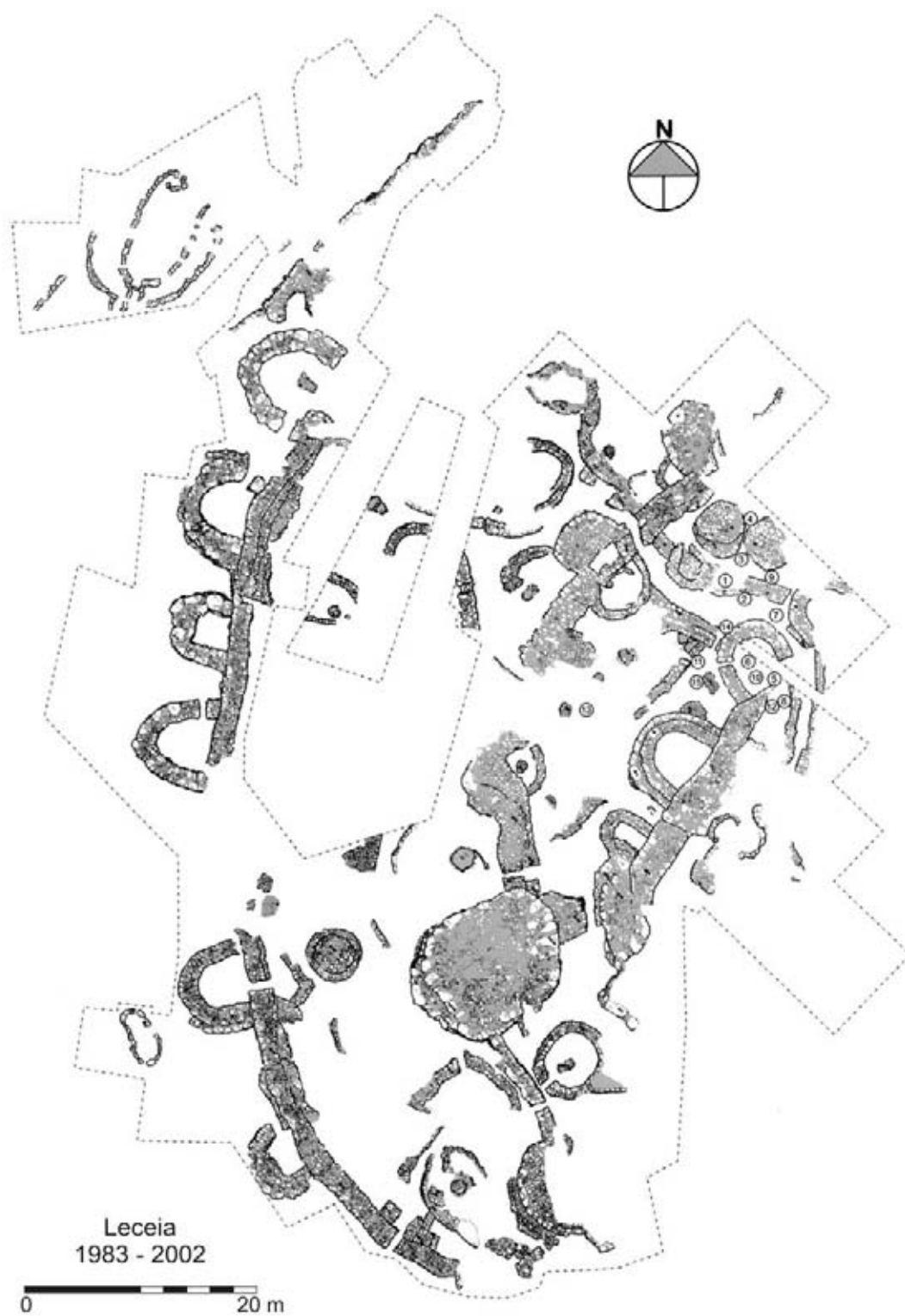


Fig. 133 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 134.

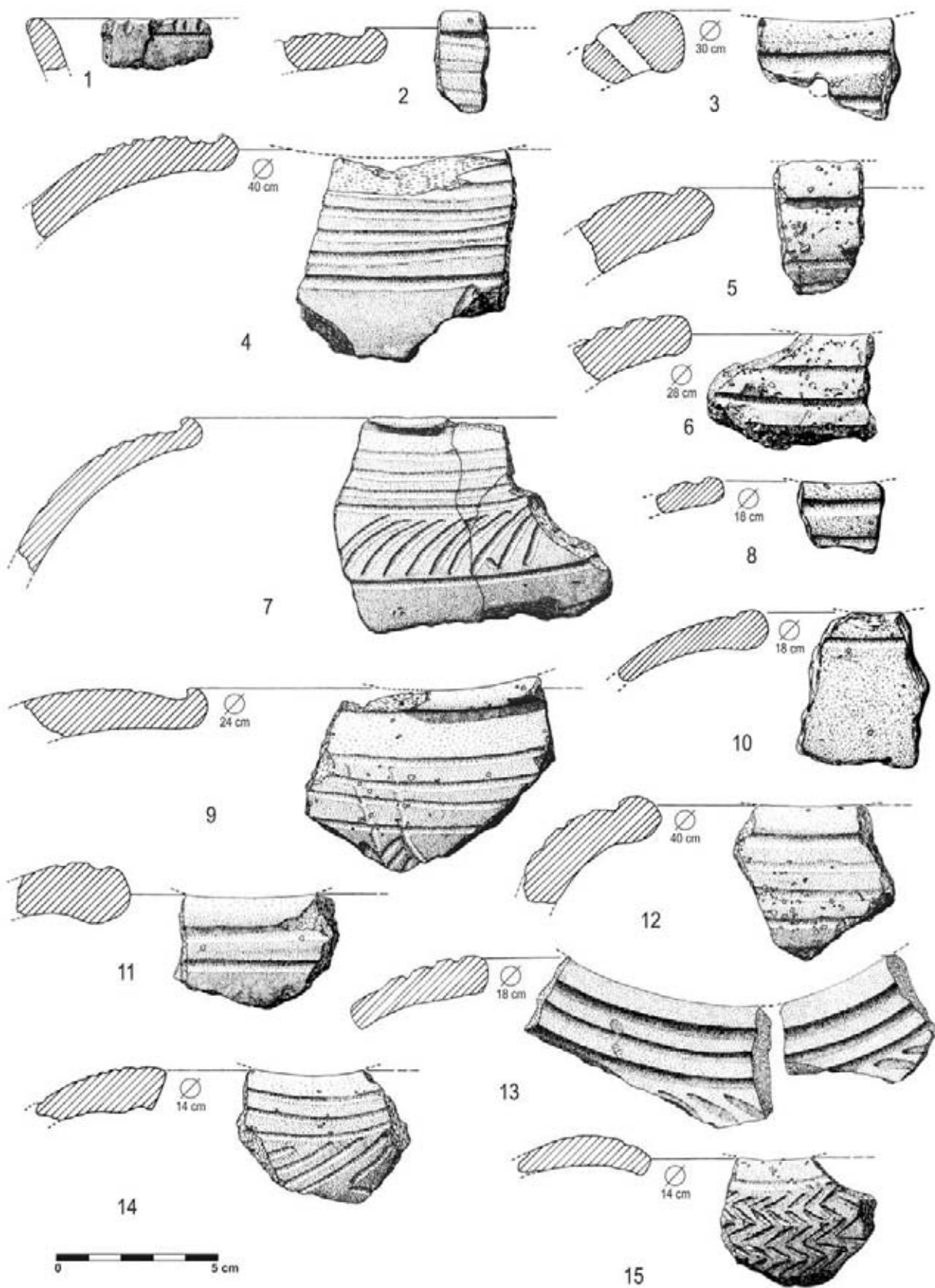


Fig. 134 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

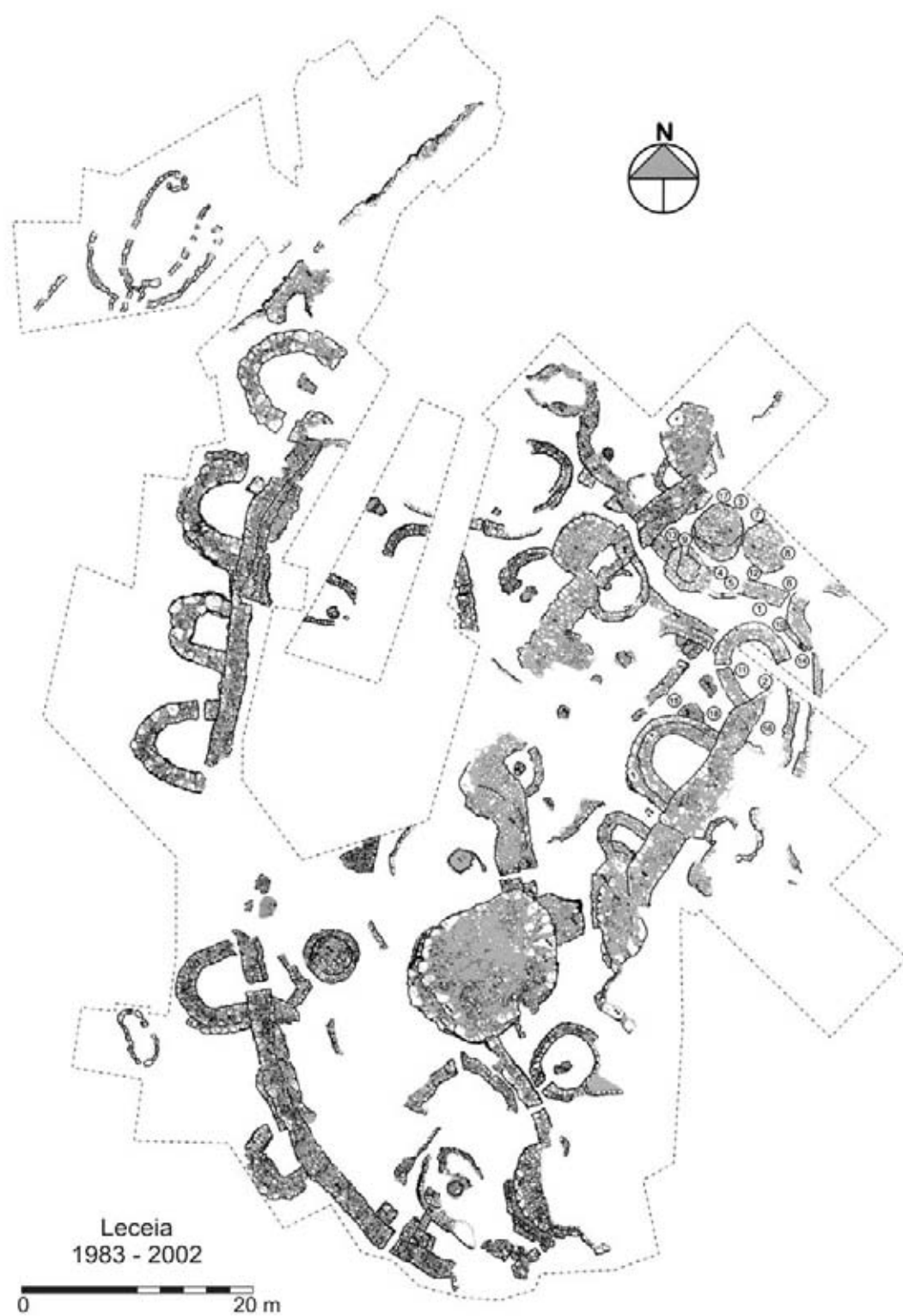


Fig. 135 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 136.

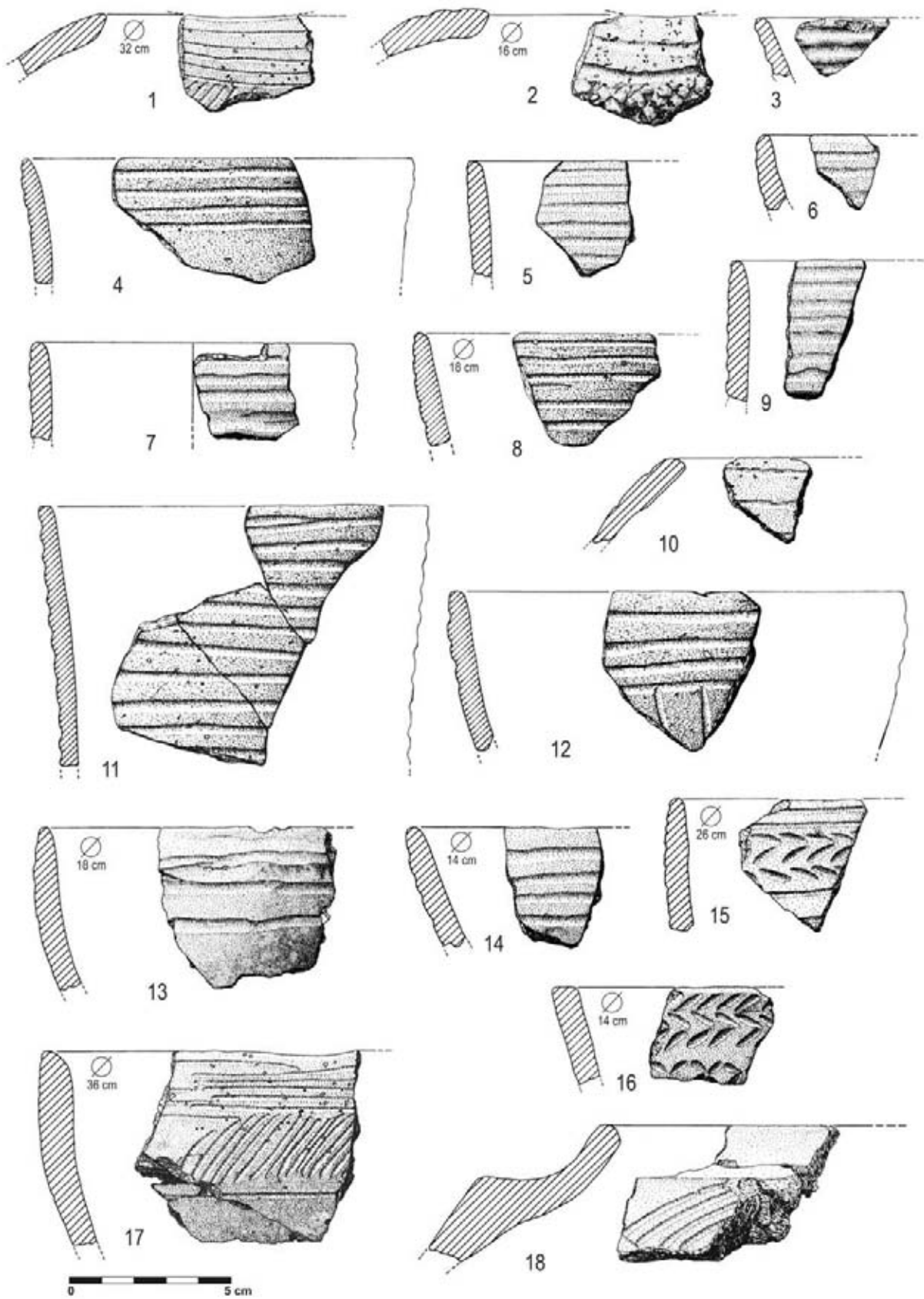


Fig. 136 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

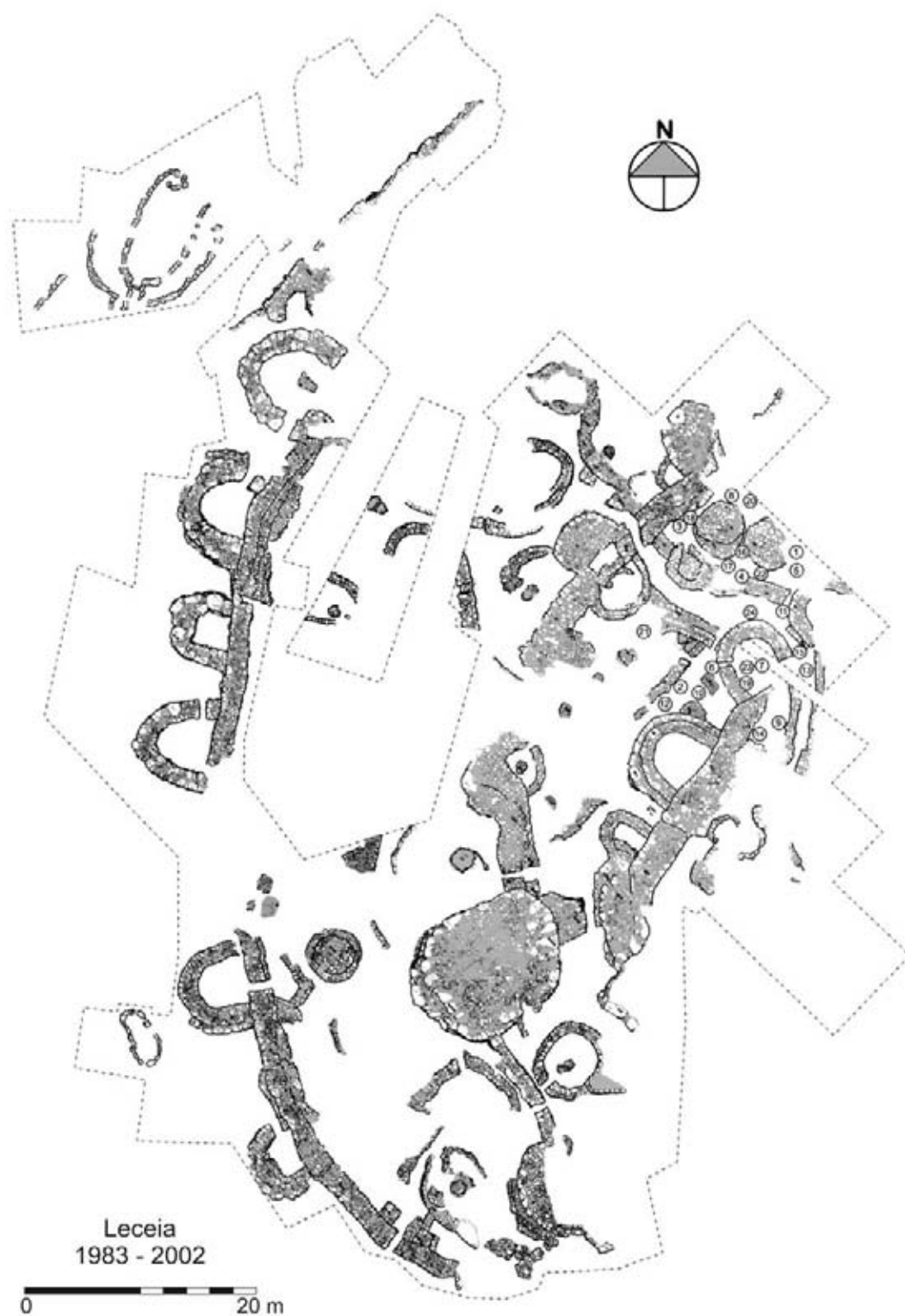


Fig. 137 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 138.

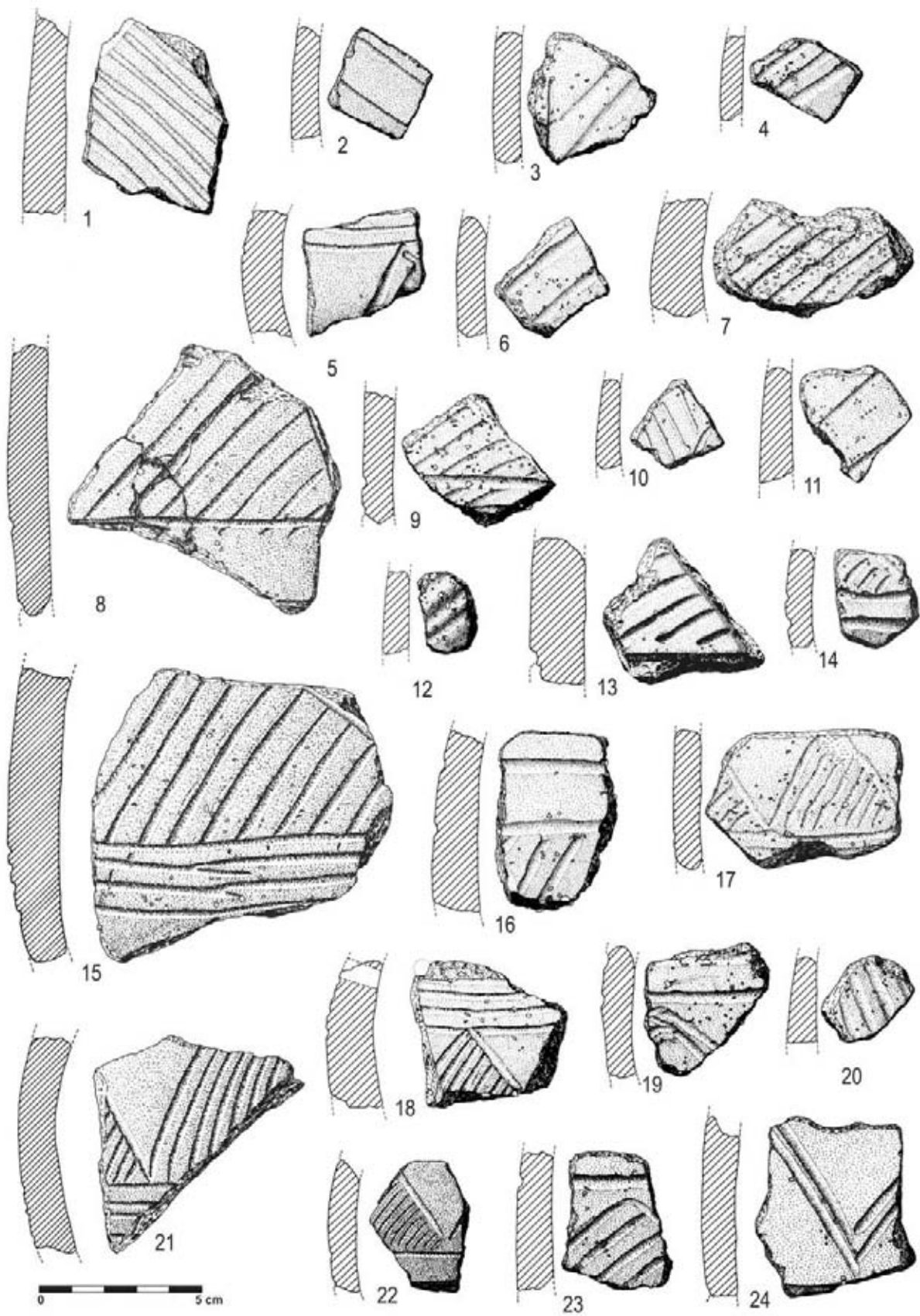


Fig. 138 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

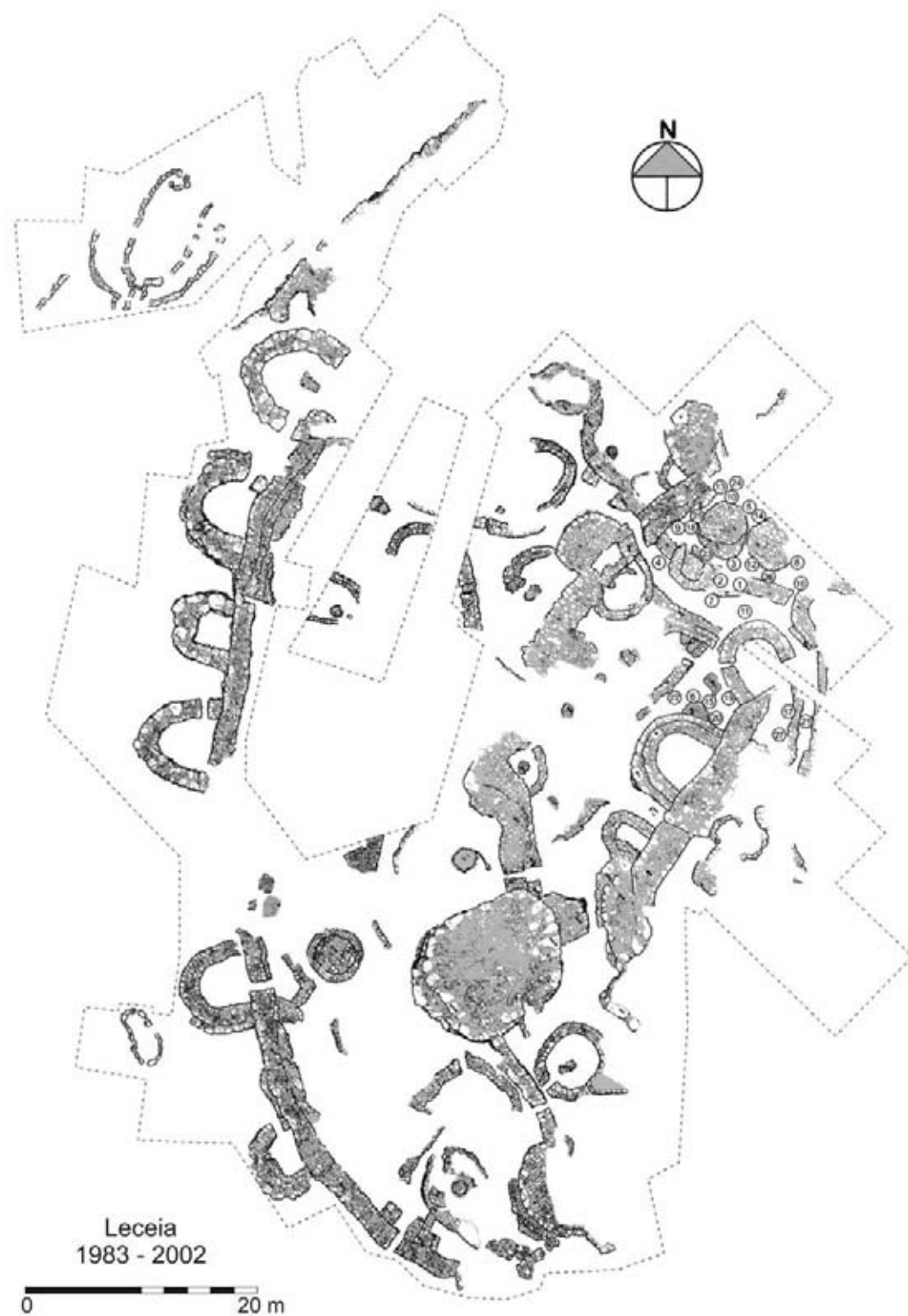


Fig. 139 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 140.

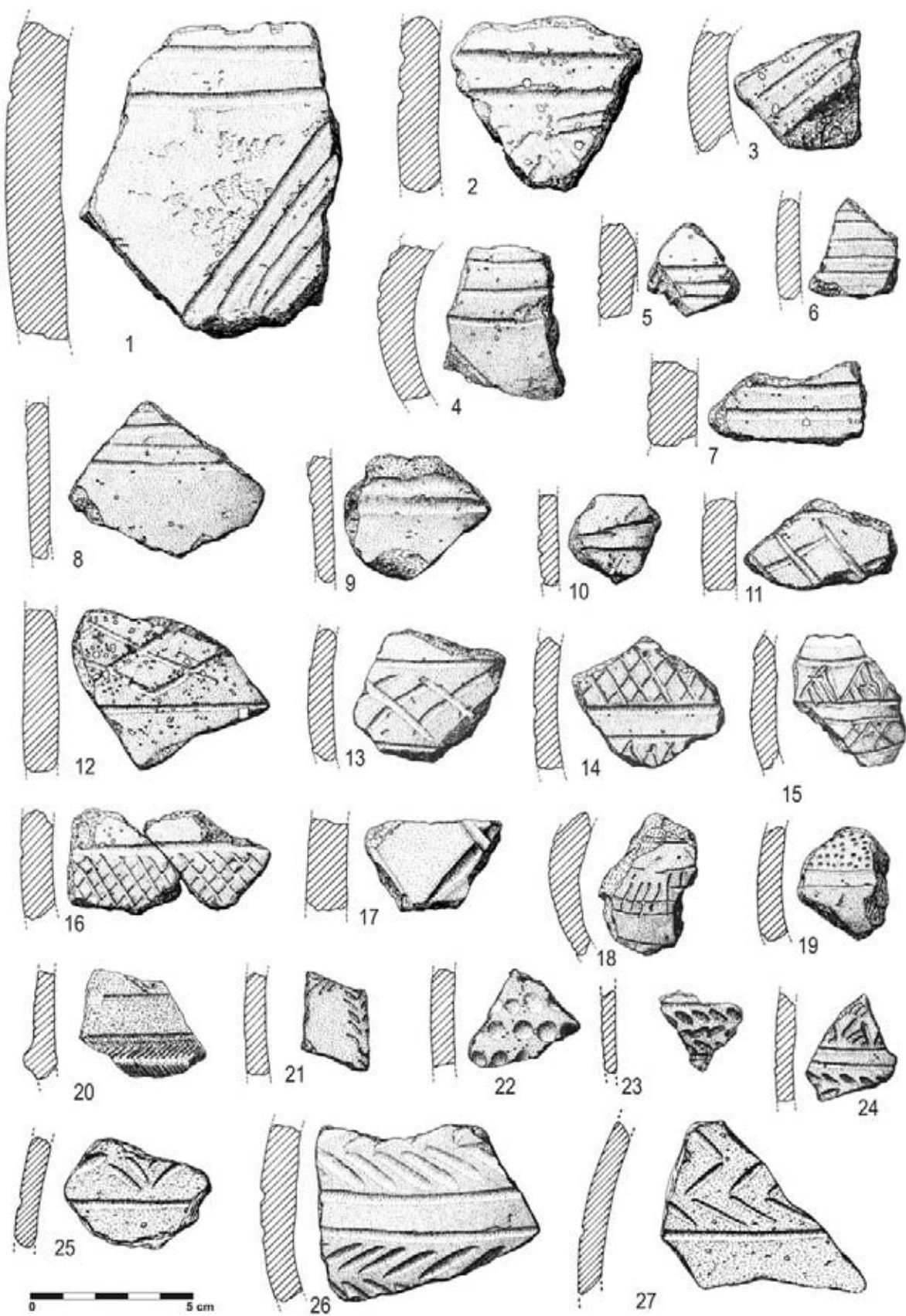


Fig. 140 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

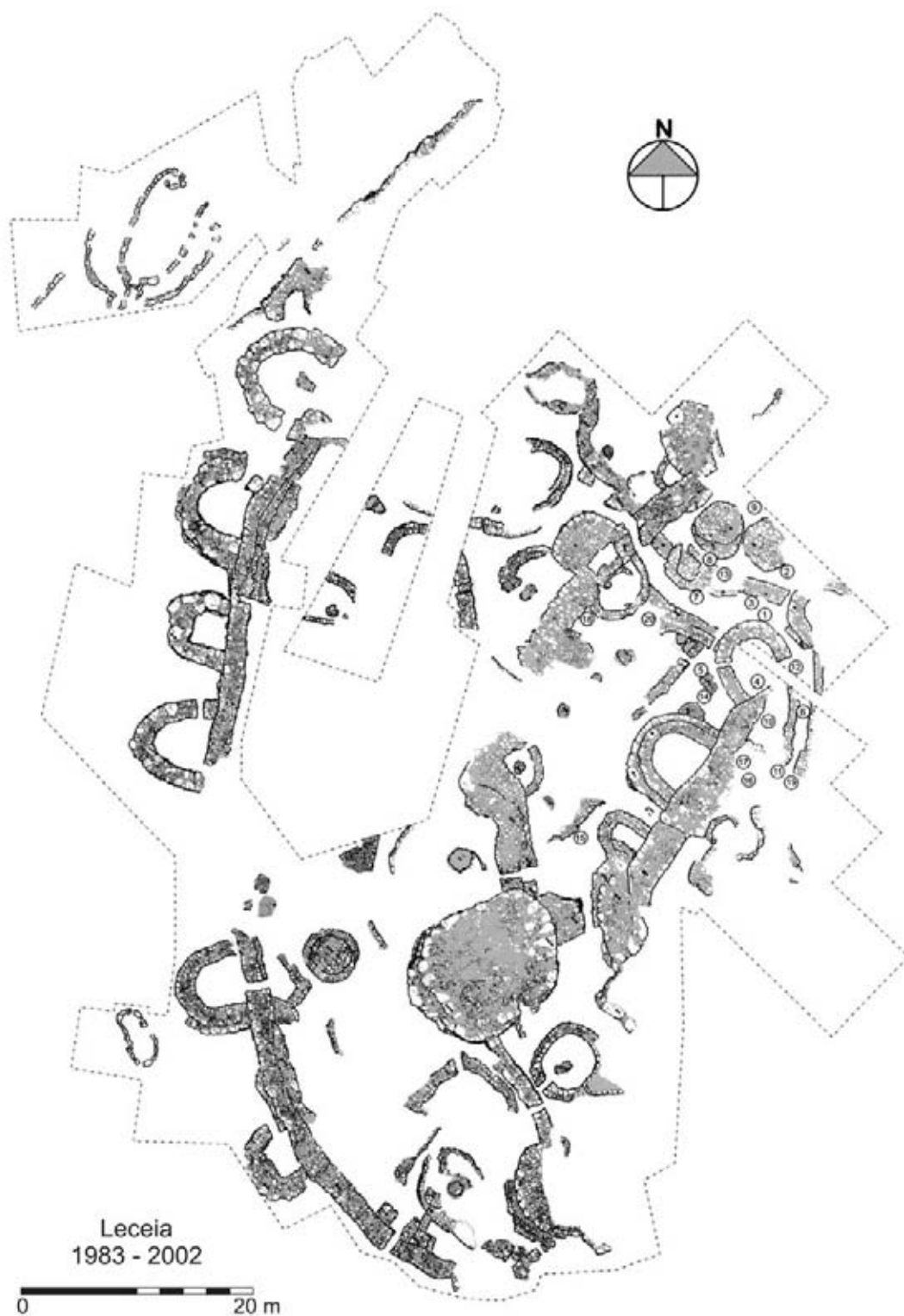


Fig. 141 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 142.

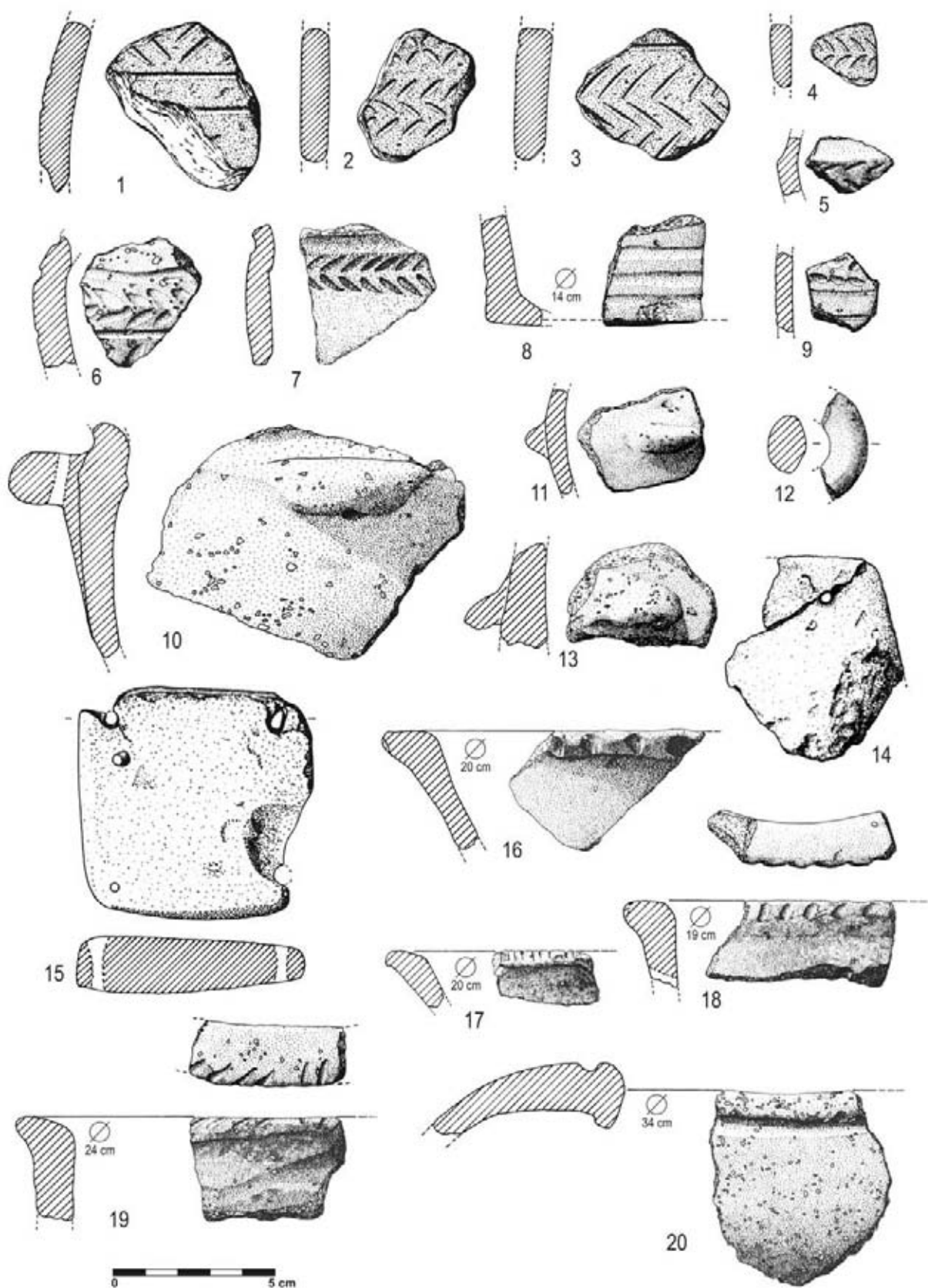


Fig. 142 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

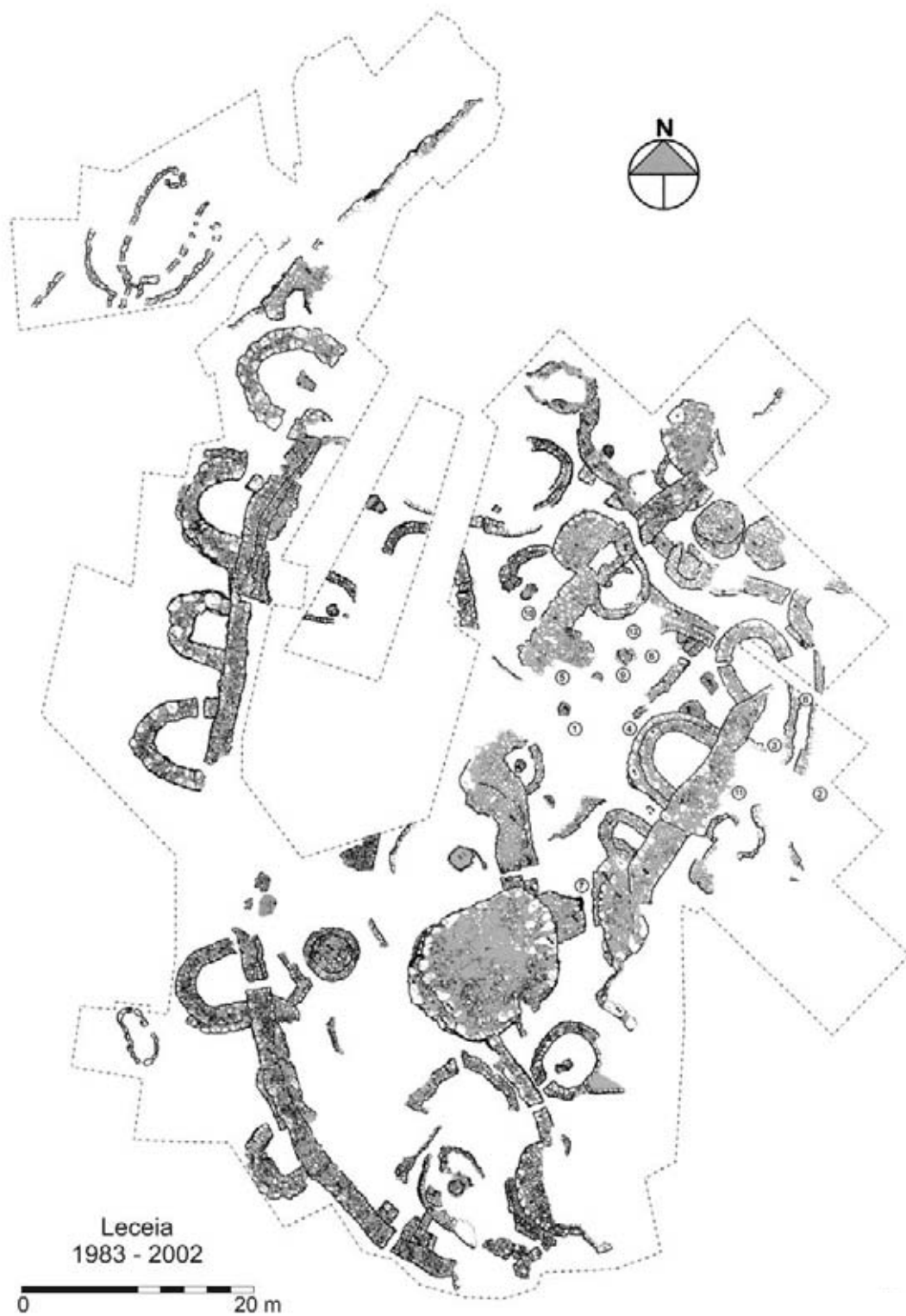


Fig. 143 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 144.

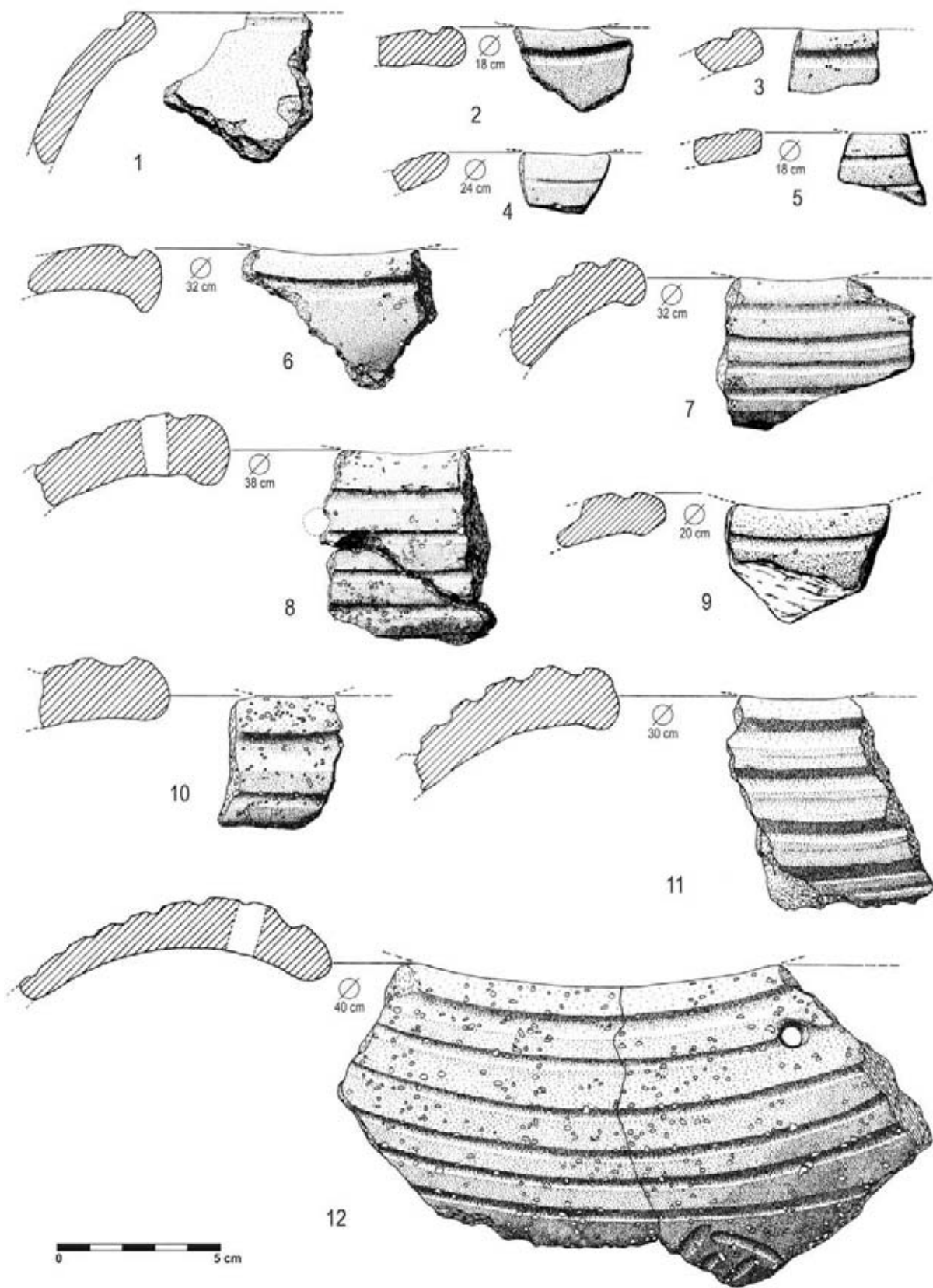


Fig. 144 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

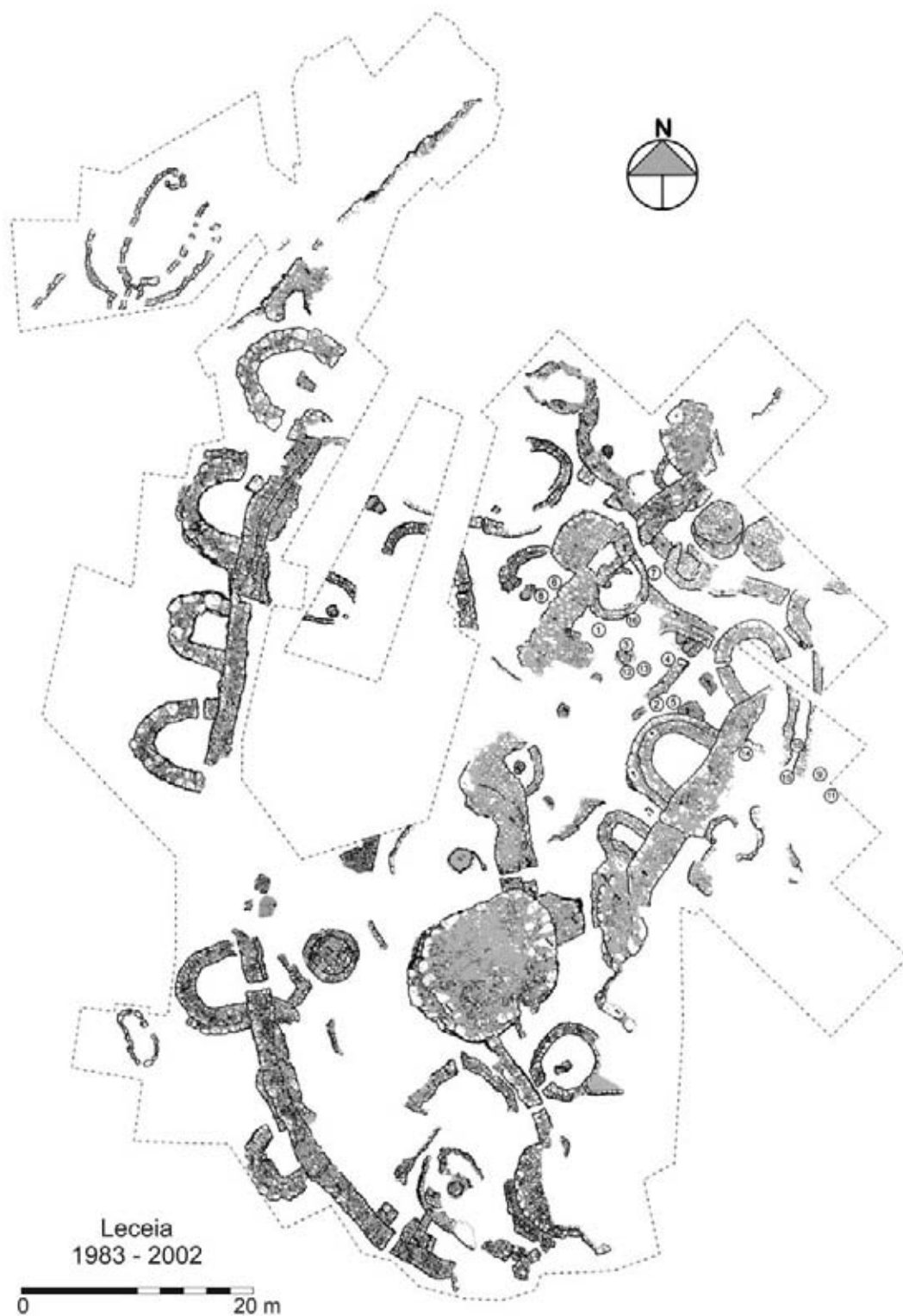


Fig. 145 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 146.

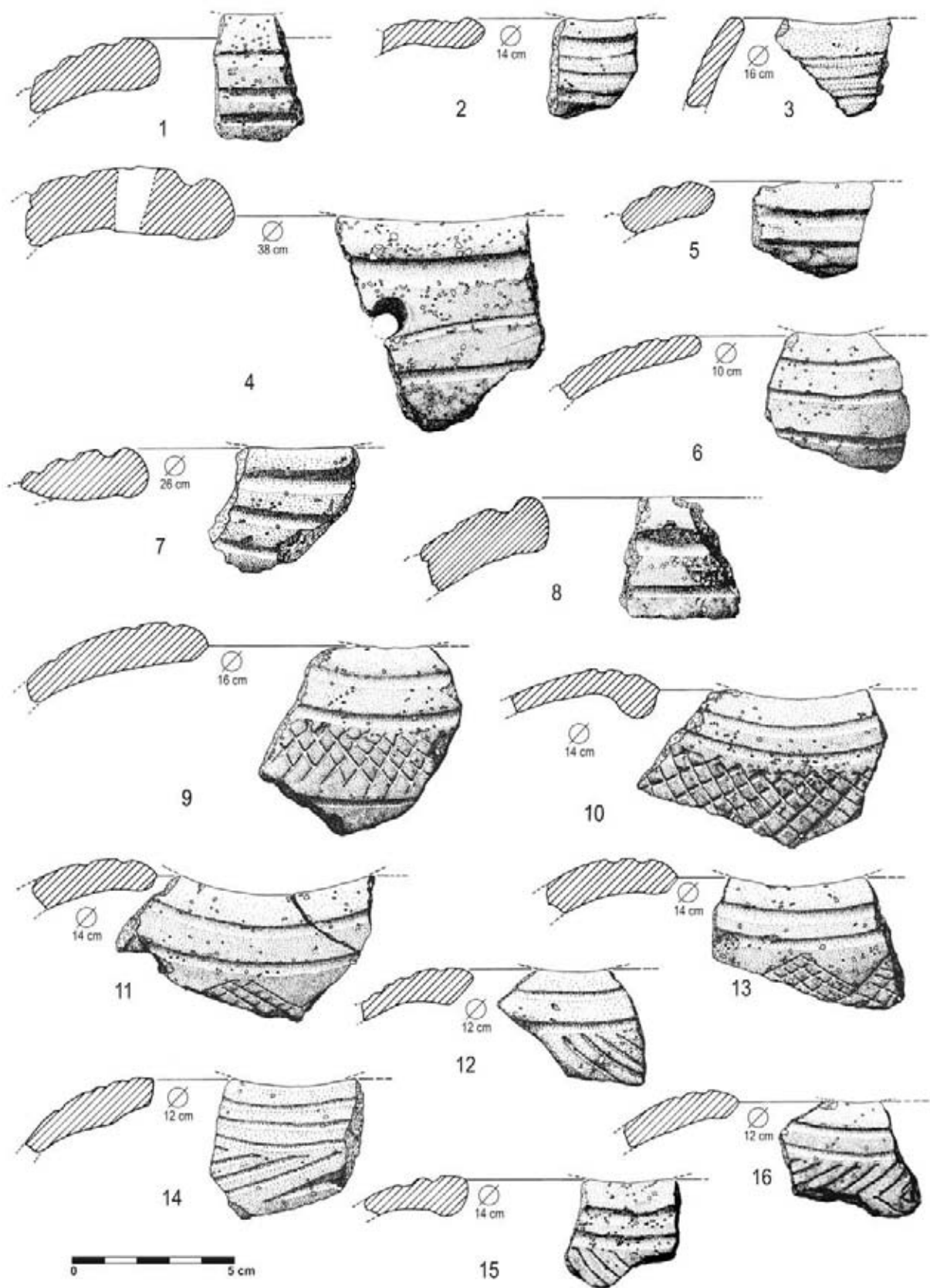


Fig. 146 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

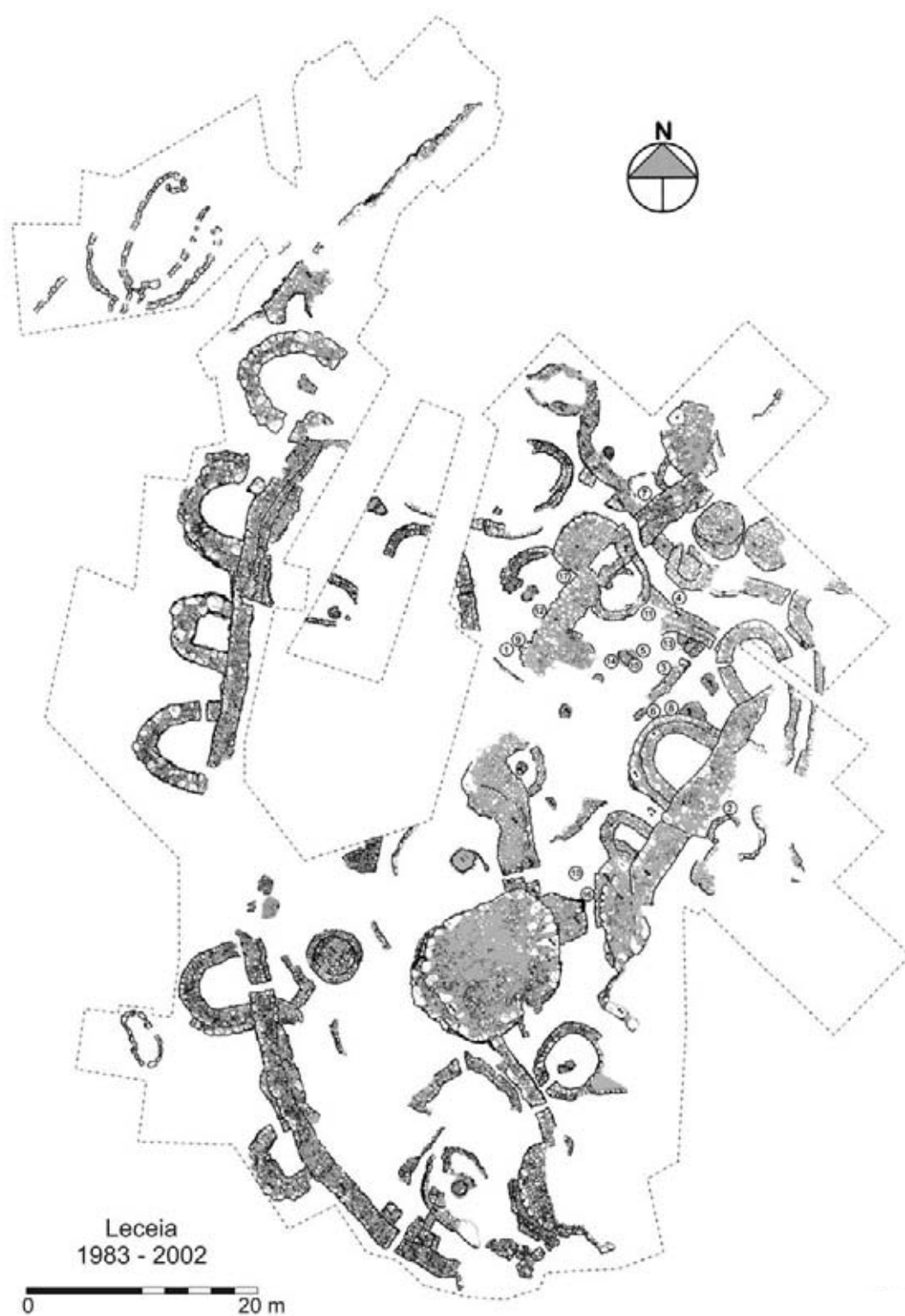


Fig. 147 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 148.

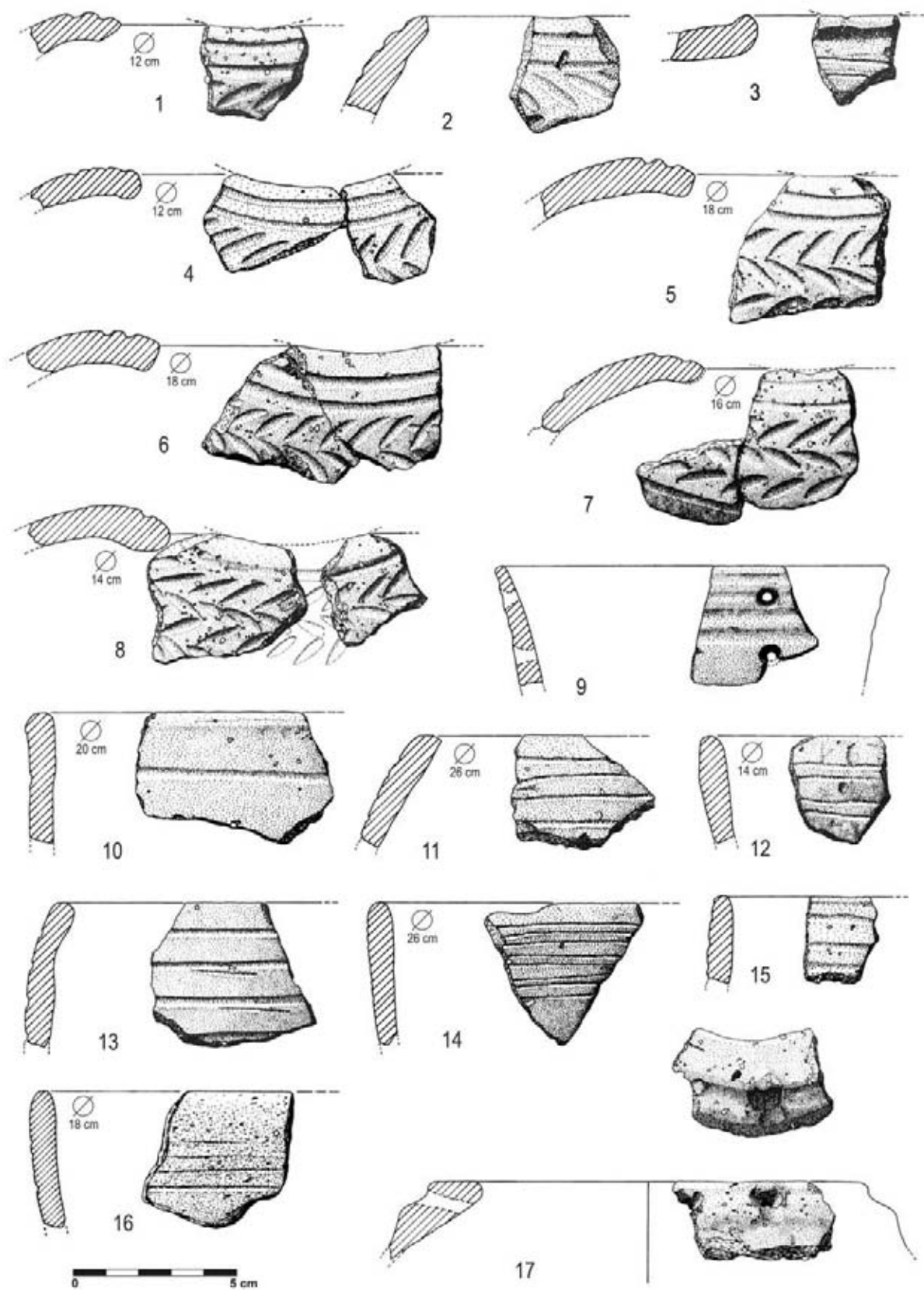


Fig. 148 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.



Fig. 149 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 150.

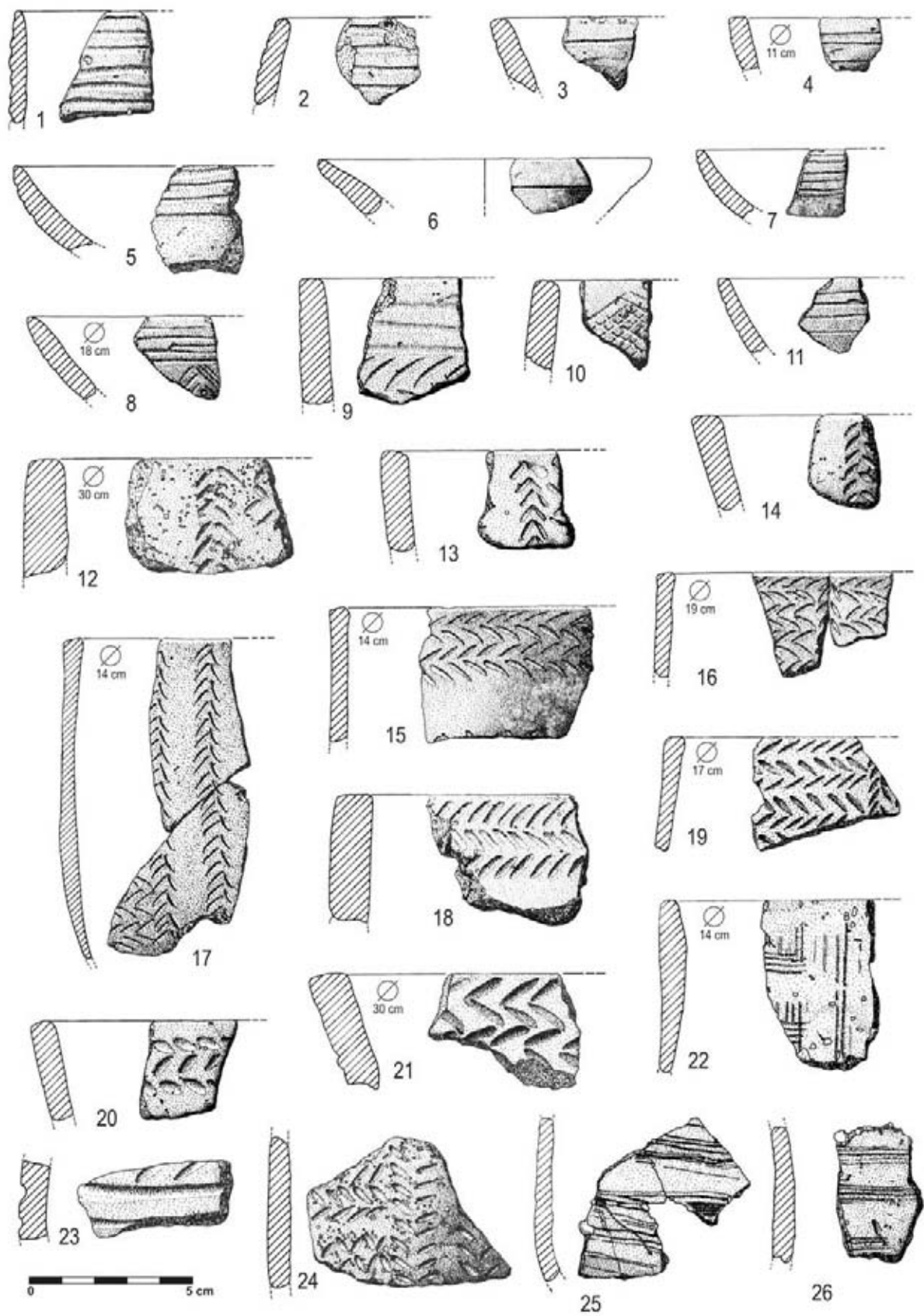


Fig. 150 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.



Fig. 151 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 152.

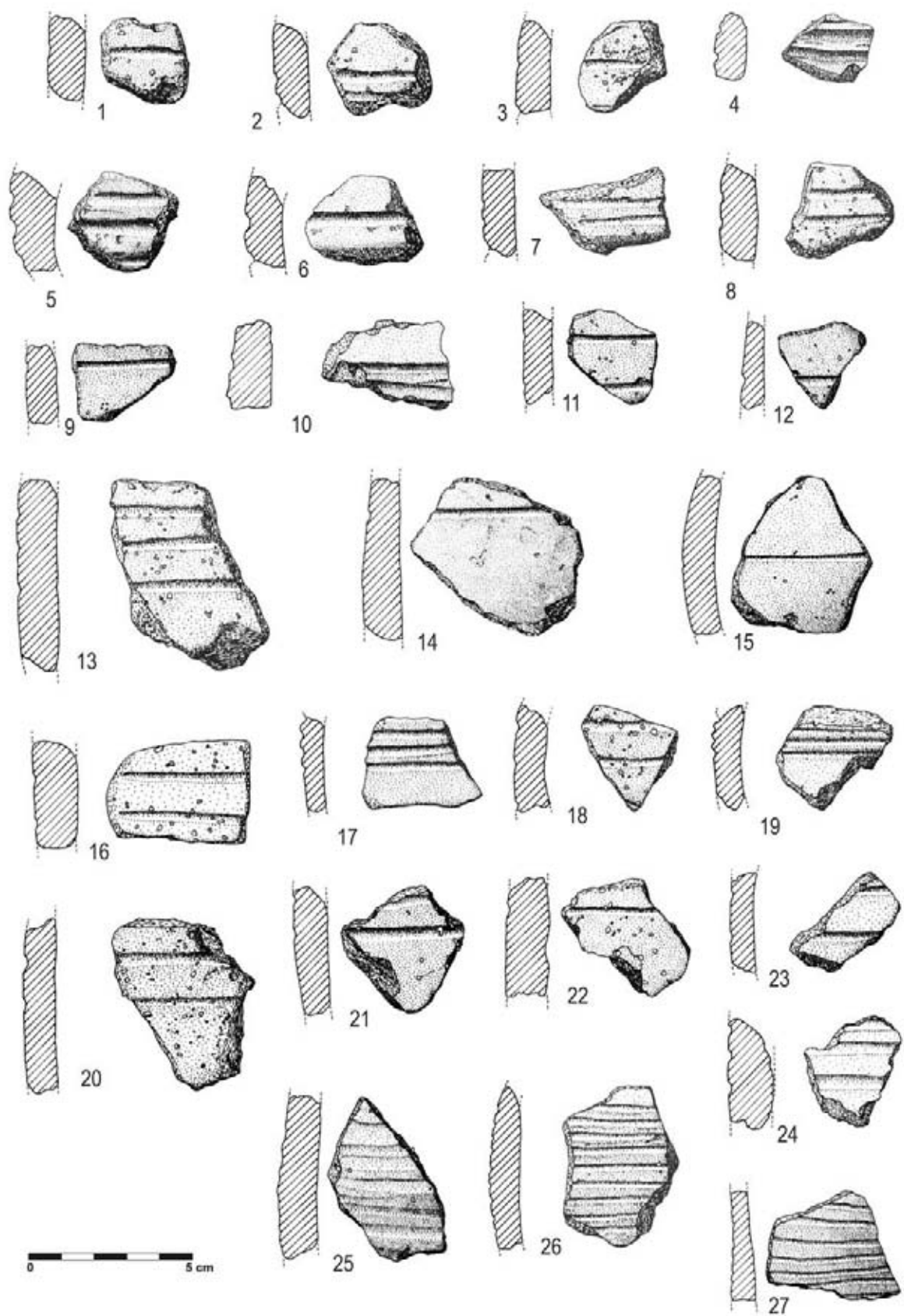


Fig. 152 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

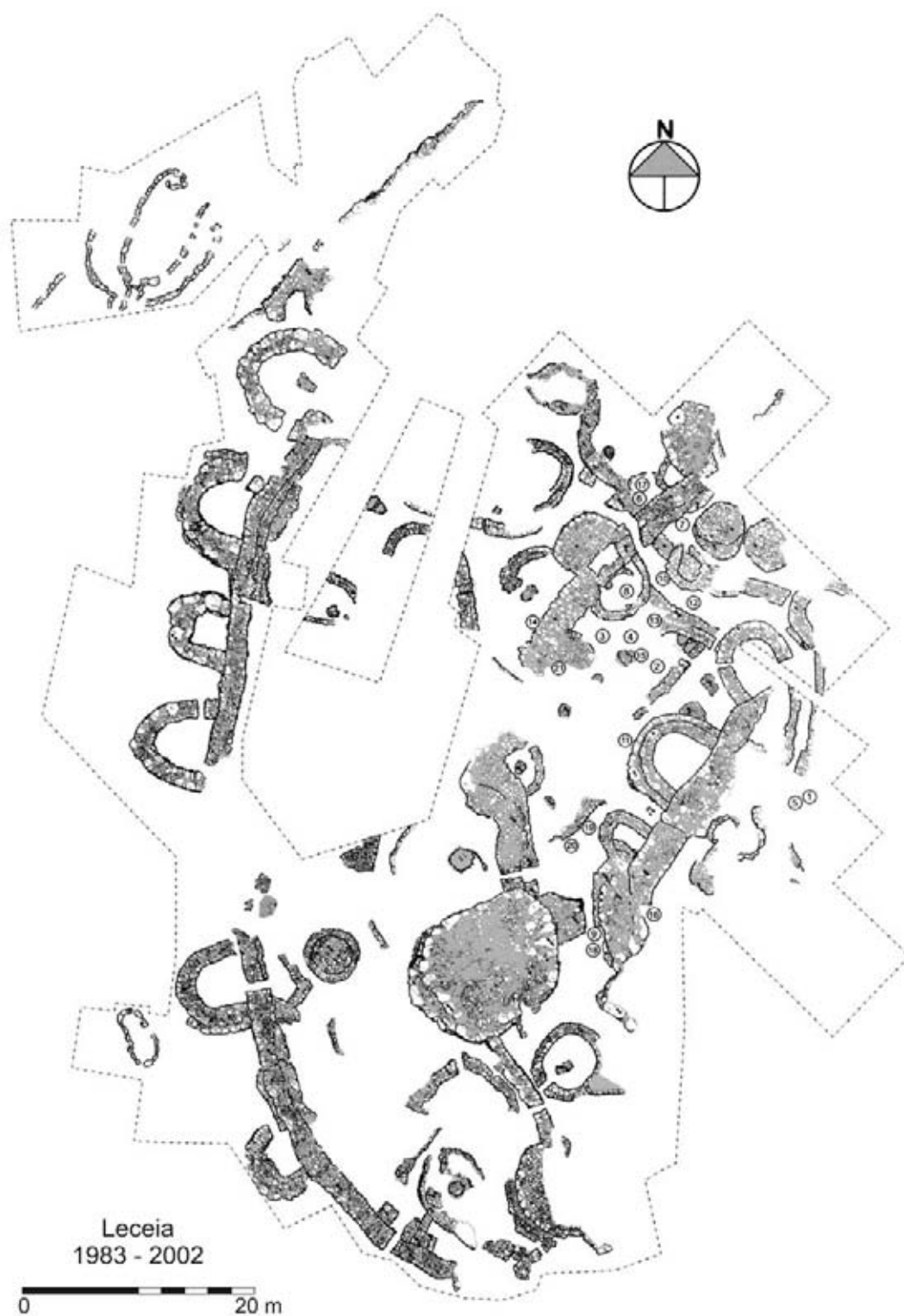


Fig. 153 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 154.

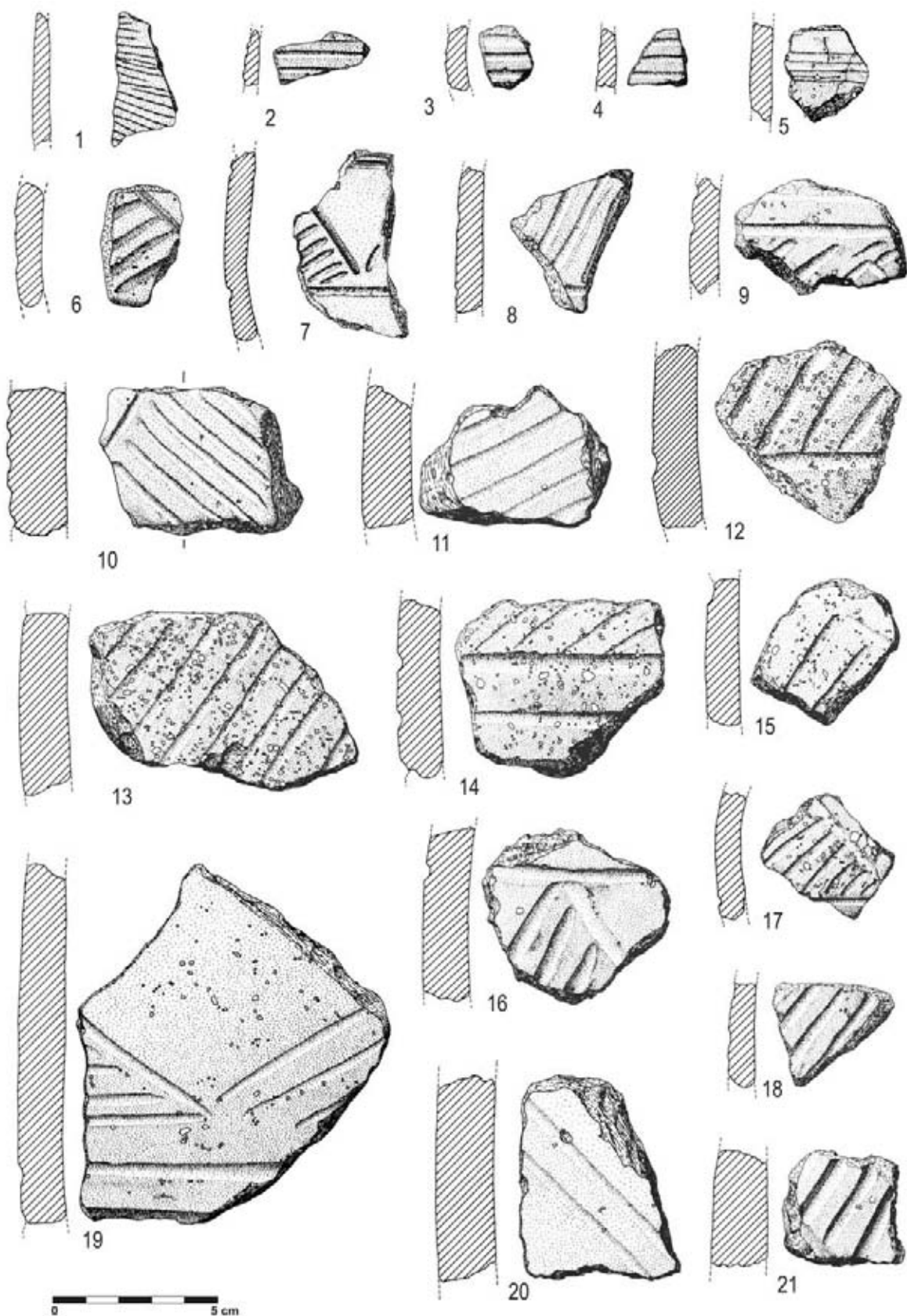


Fig. 154 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

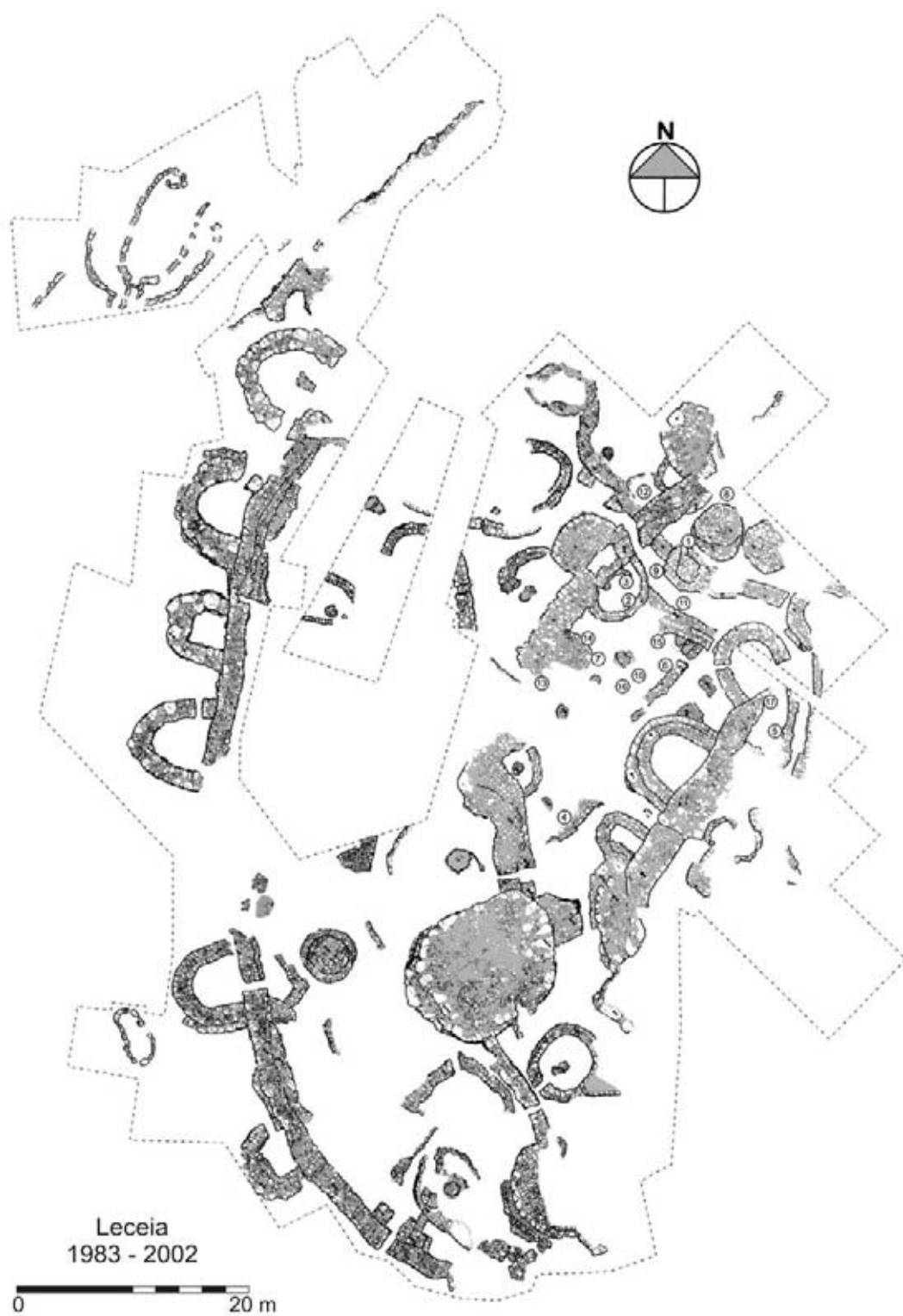


Fig. 155 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 156.

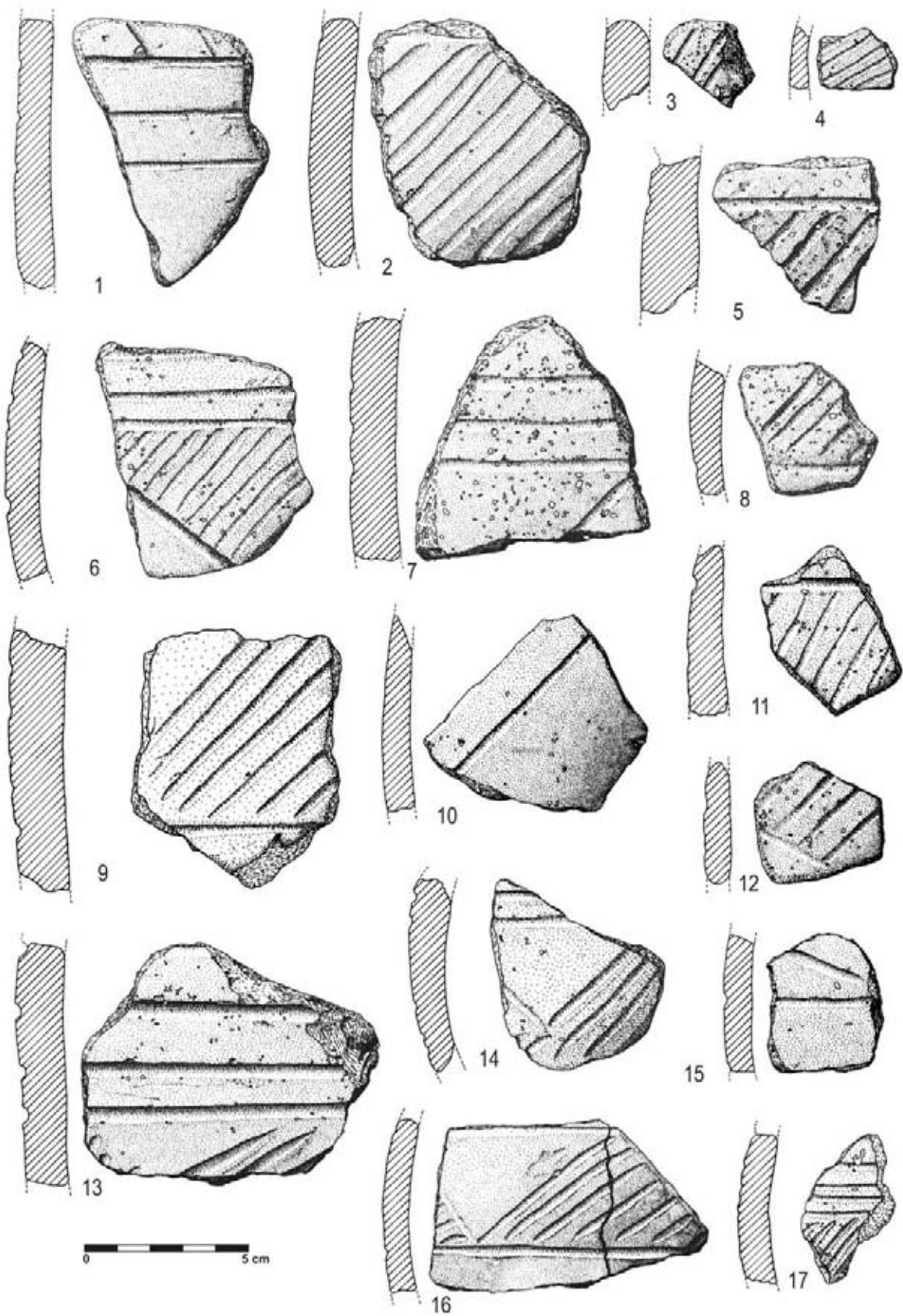


Fig. 156 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.



Fig. 157 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 158.

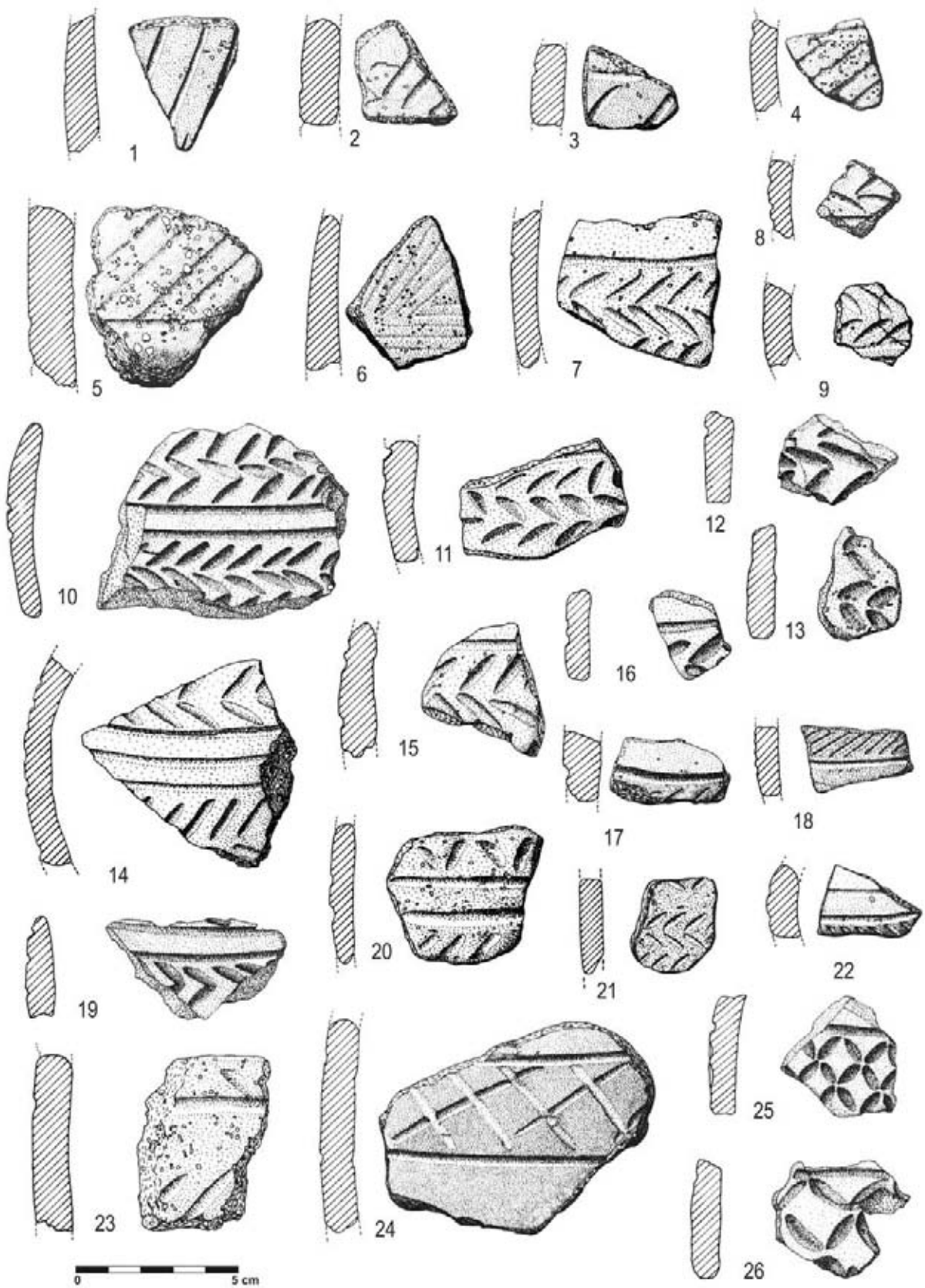


Fig. 158 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

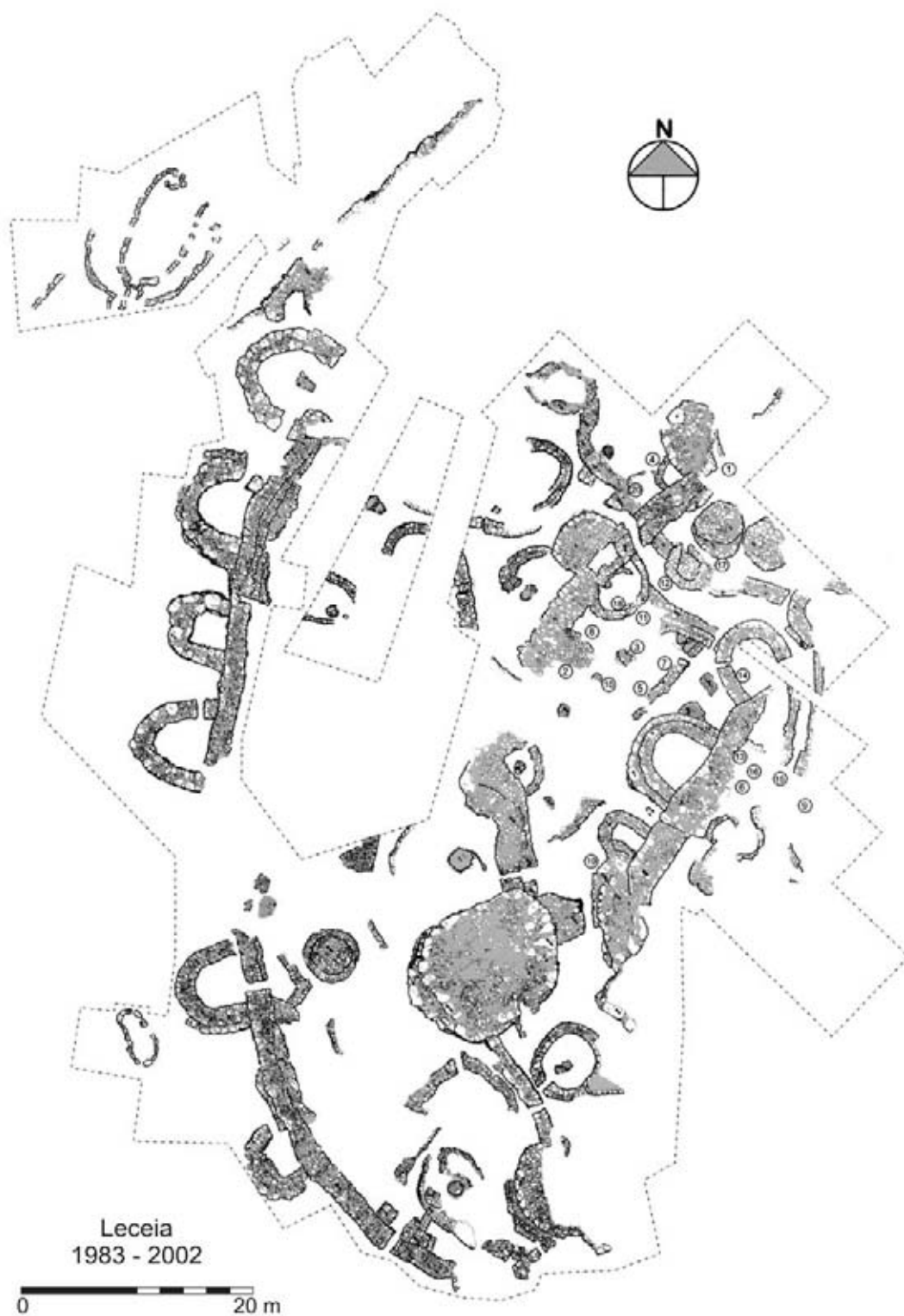


Fig. 159 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 160.

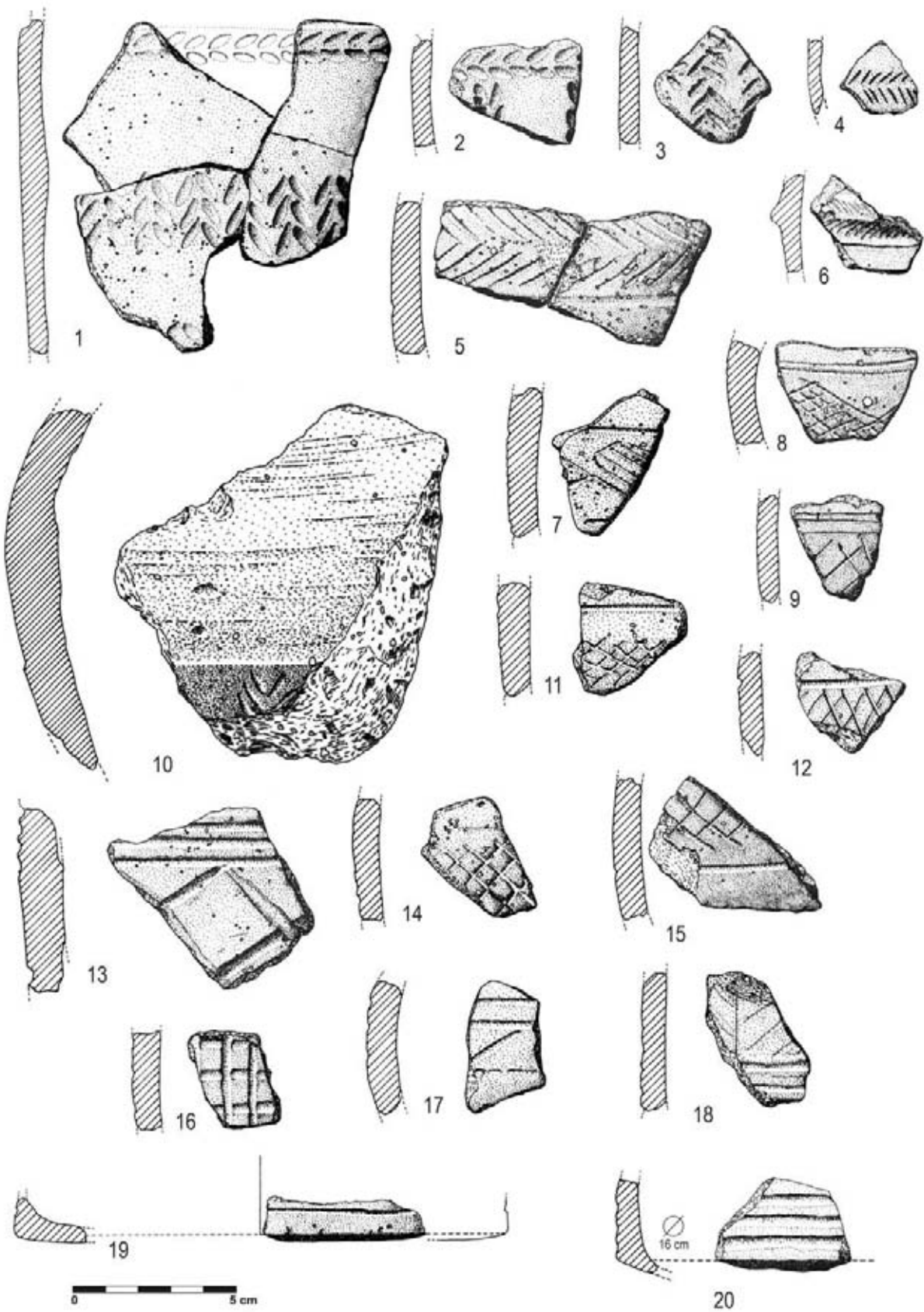


Fig. 160 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

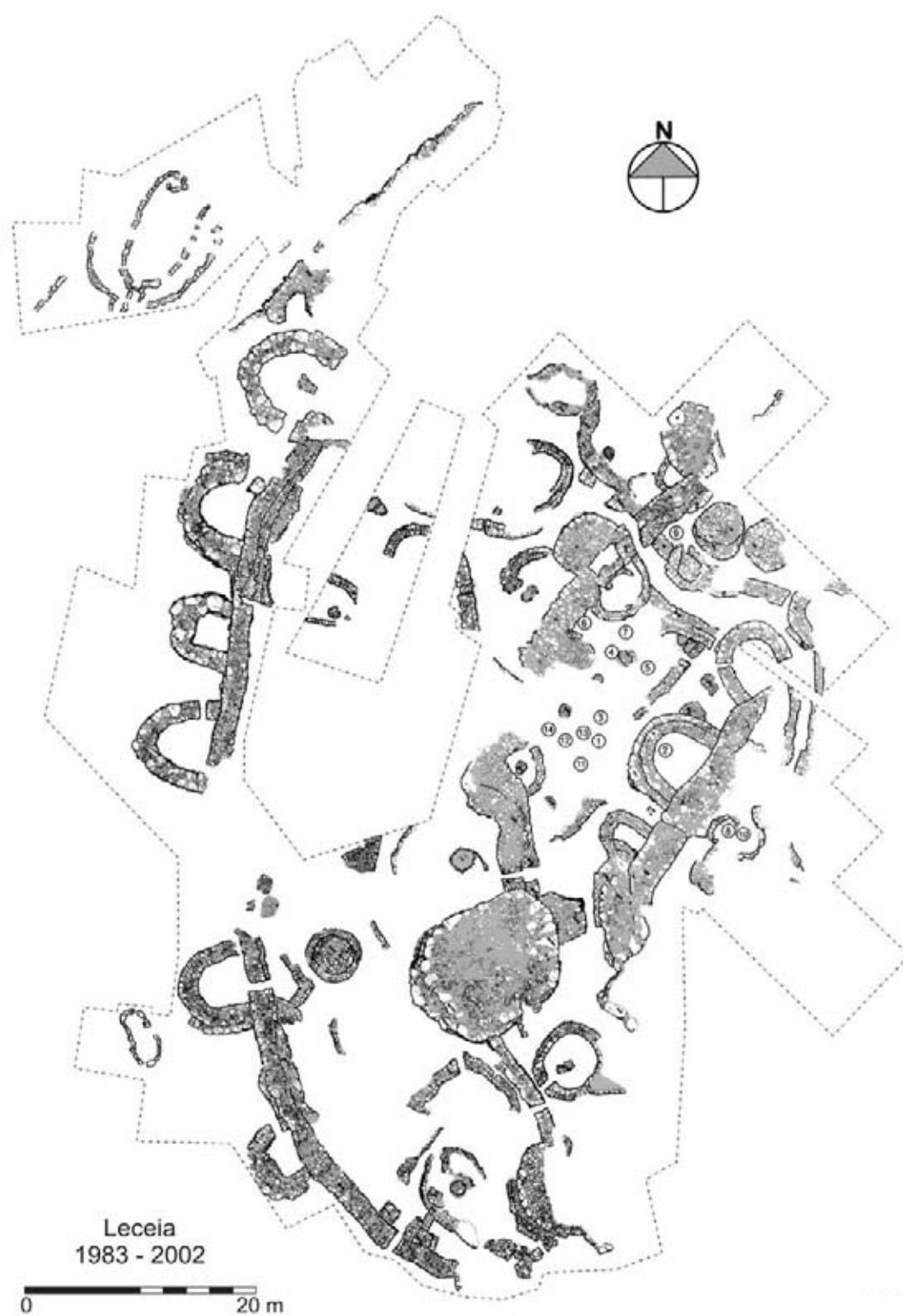


Fig. 161 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 162.

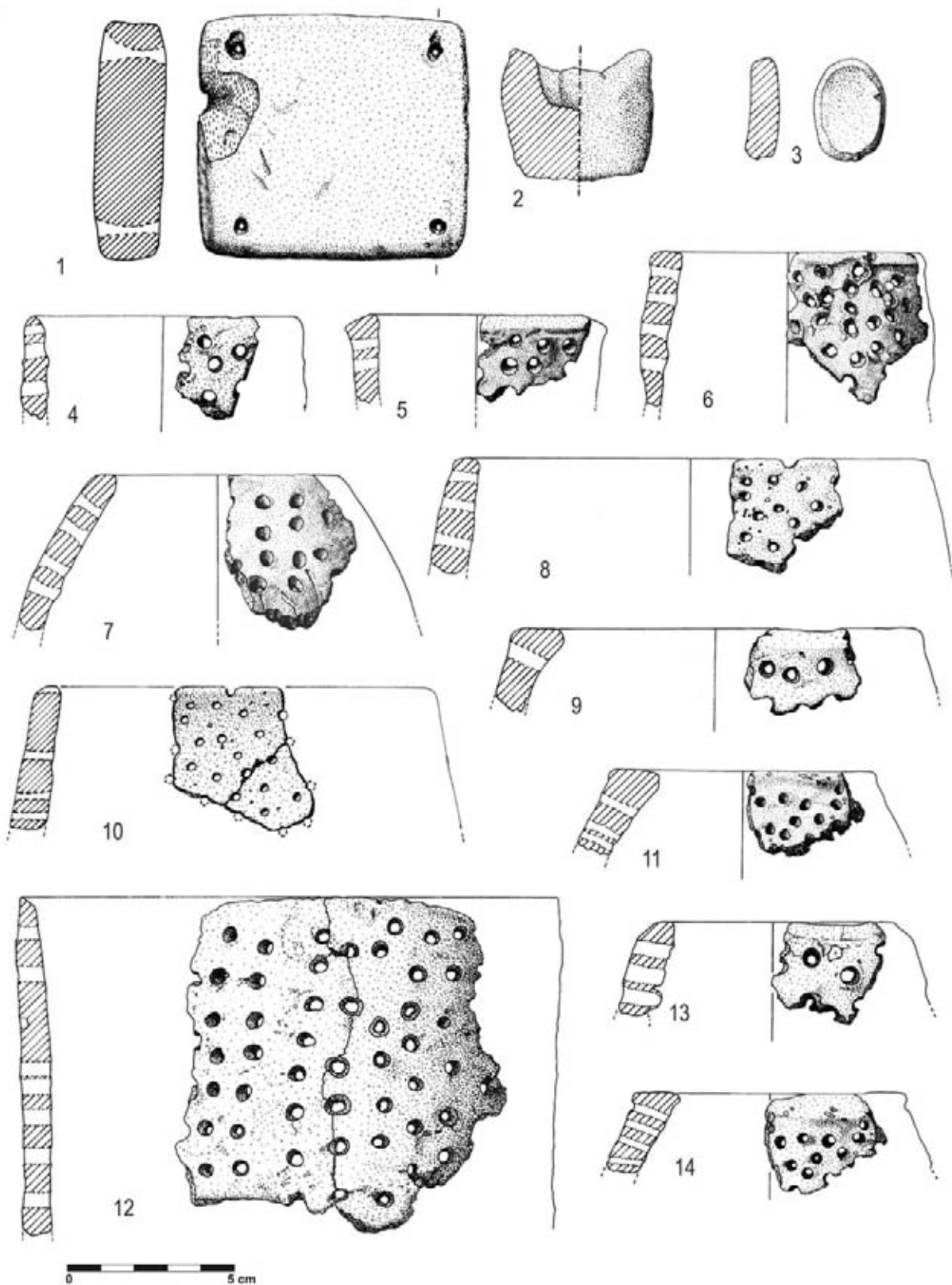


Fig. 162 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

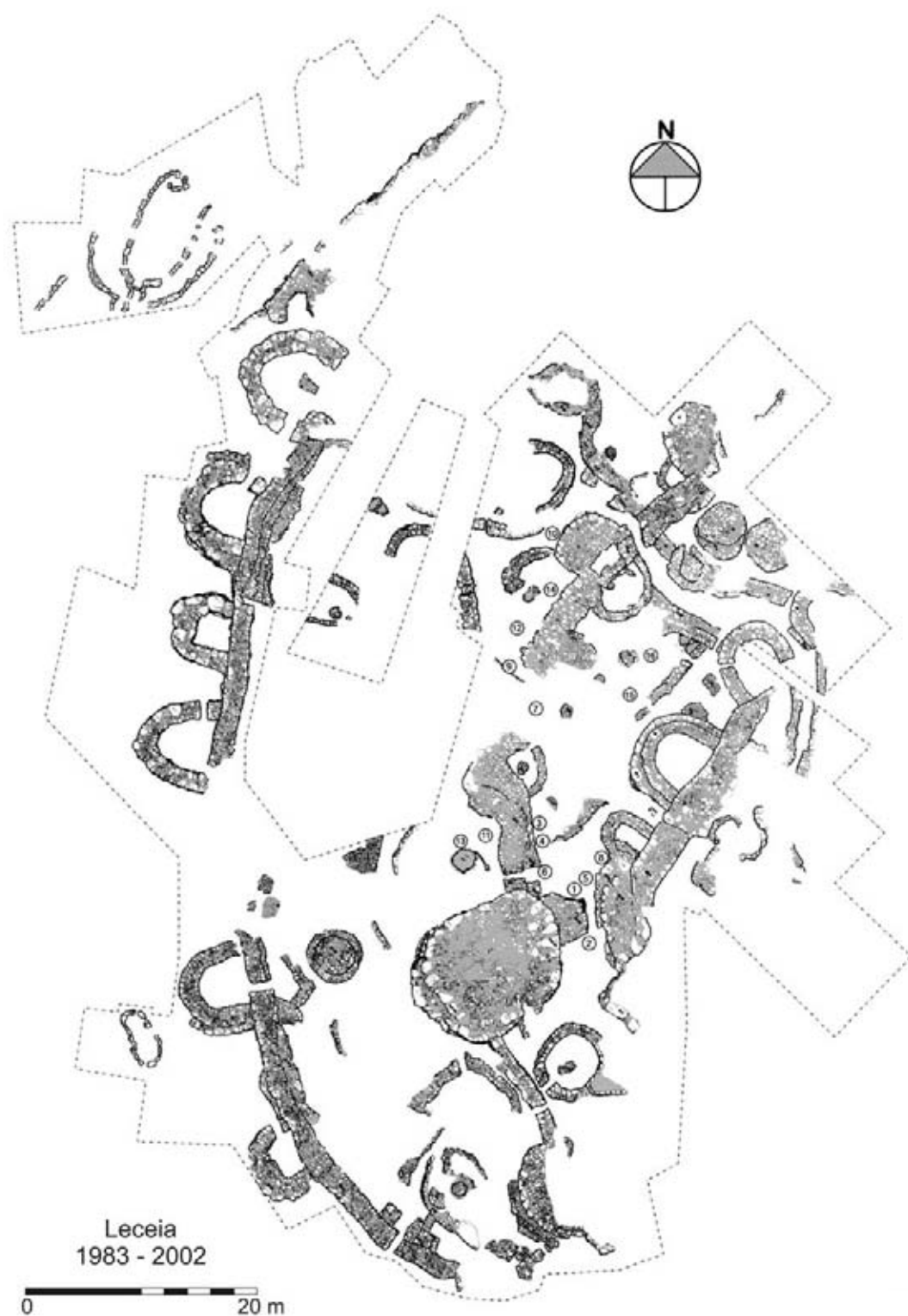


Fig. 163 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 164.

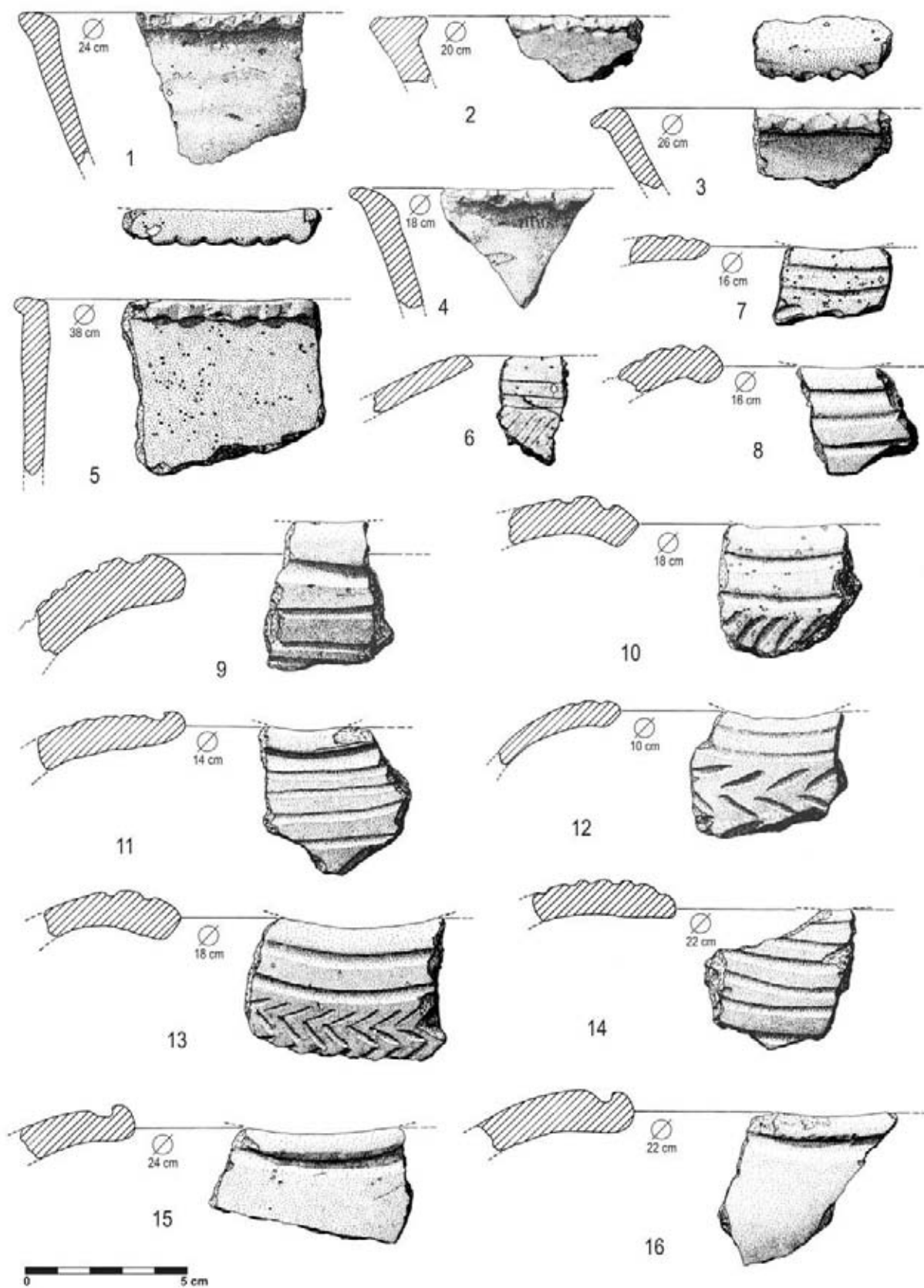


Fig. 164 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

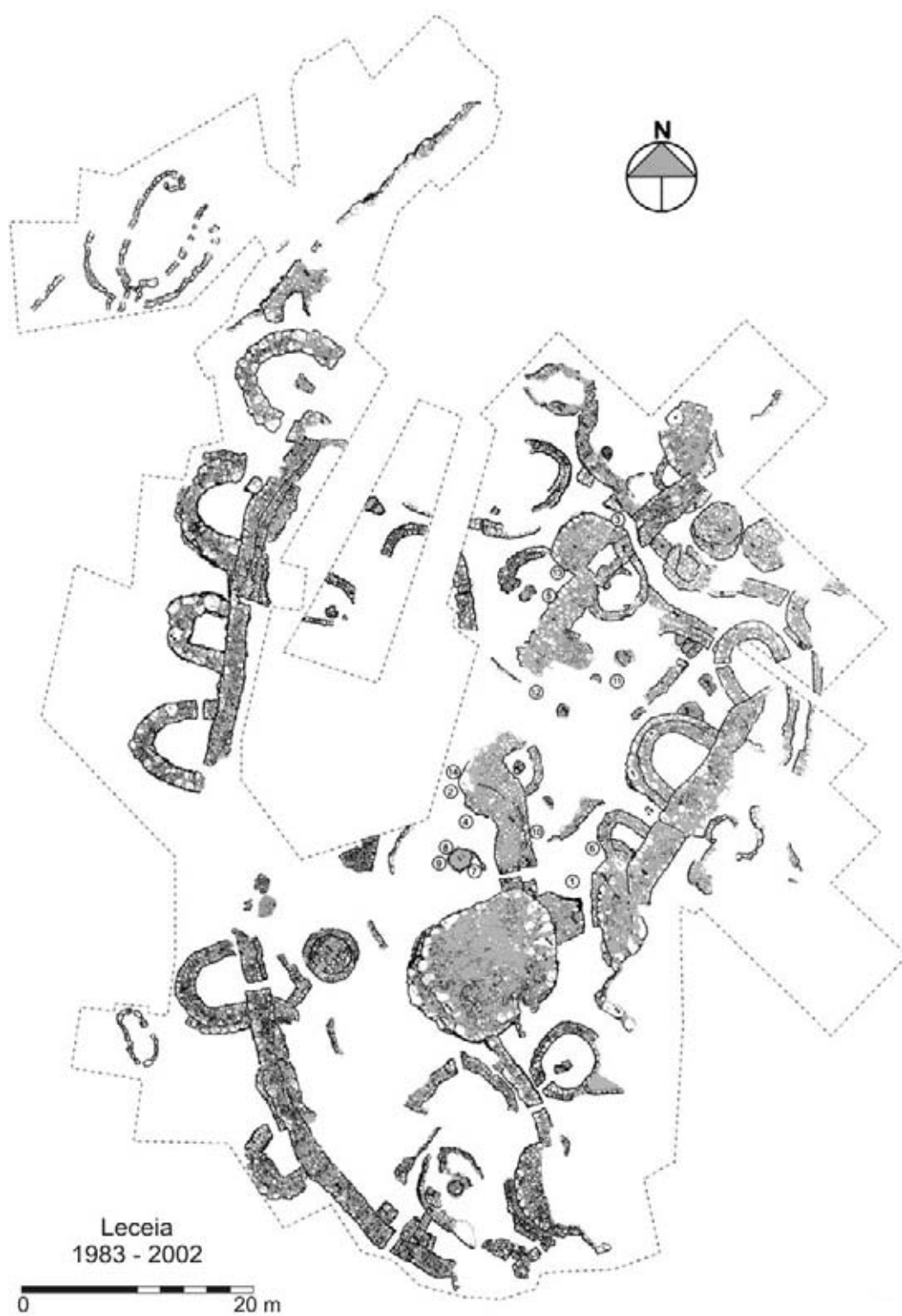


Fig. 165 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 166.

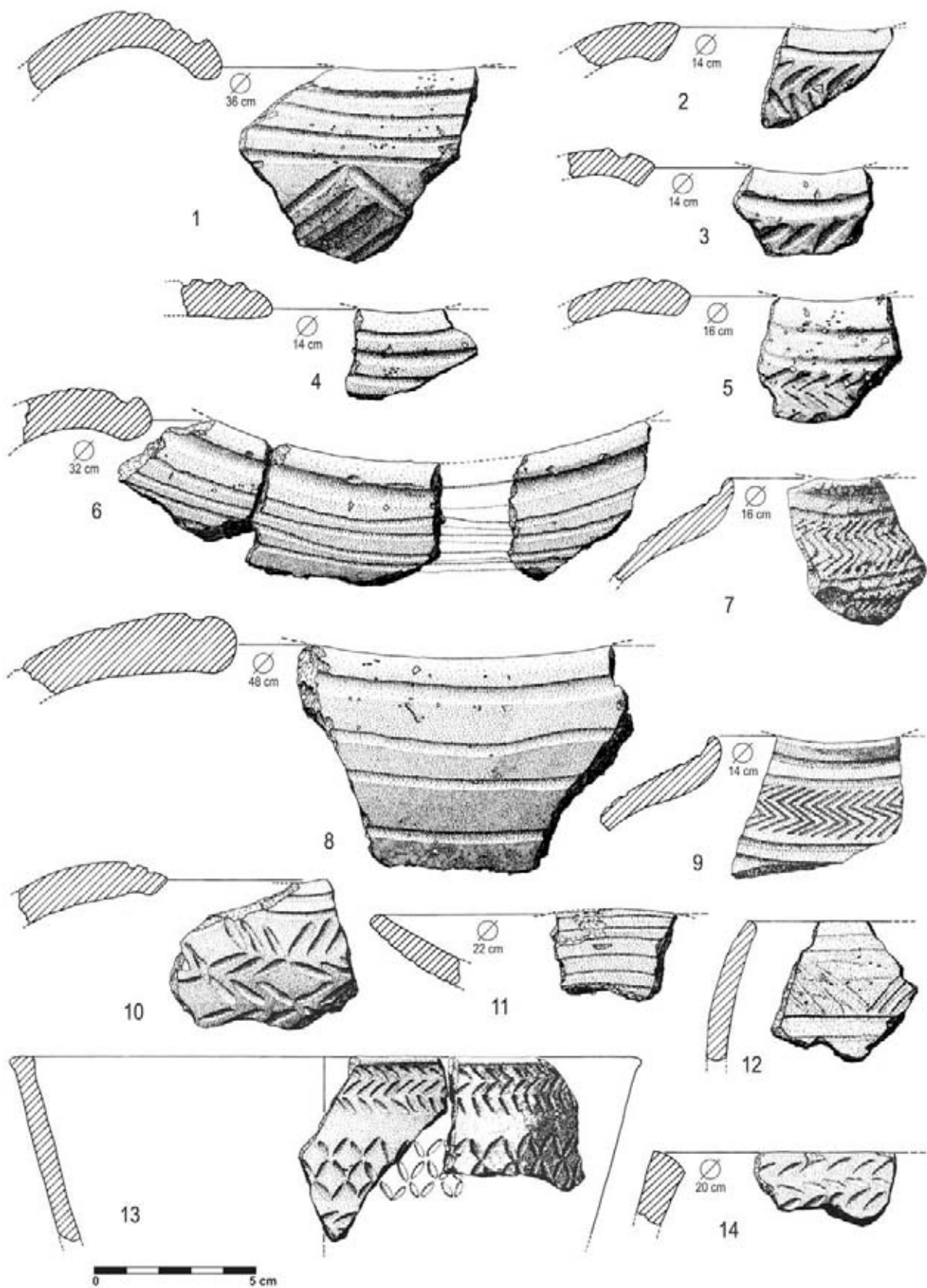


Fig. 166 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.



Fig. 167 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 168.

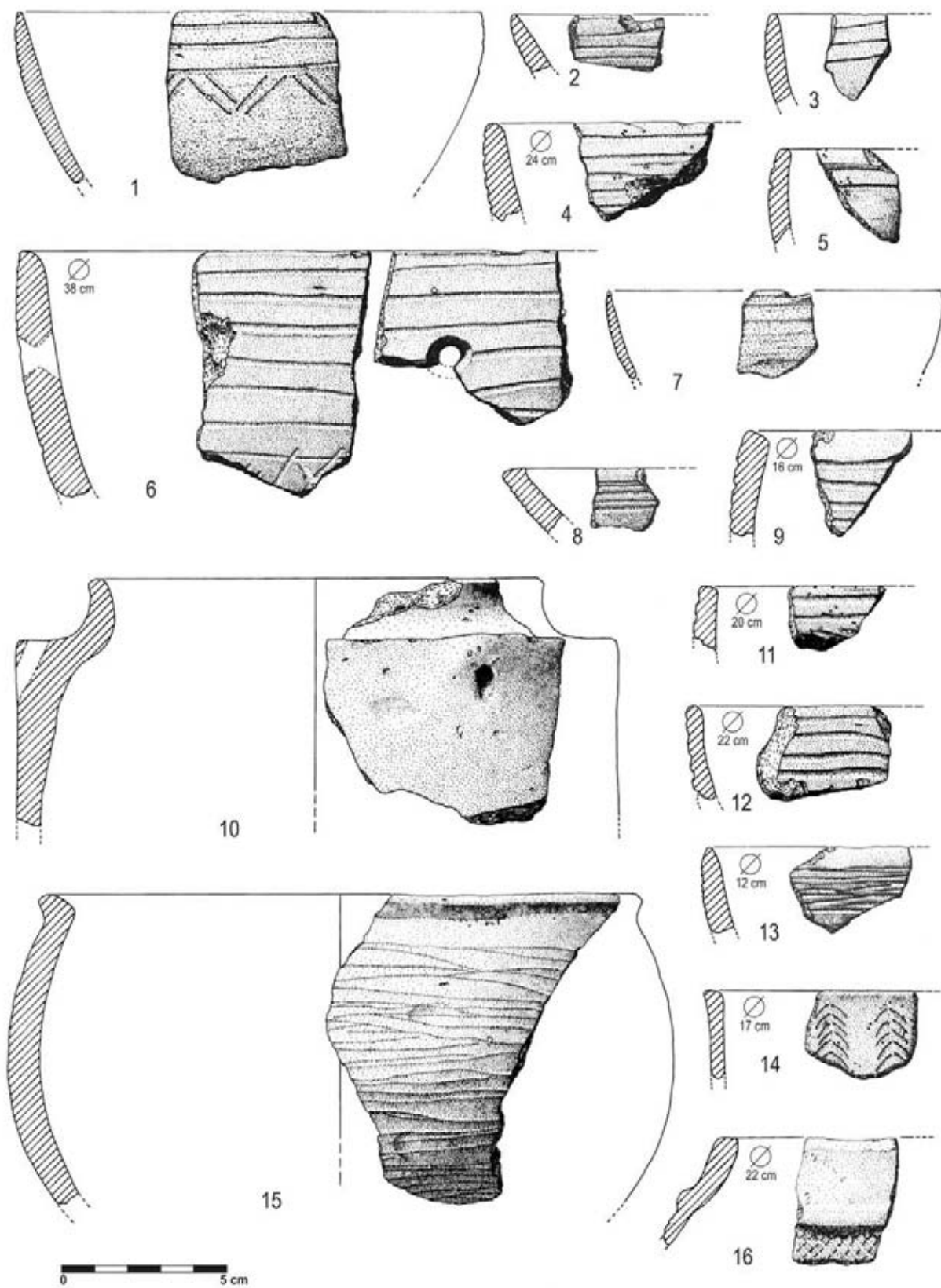


Fig. 168 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

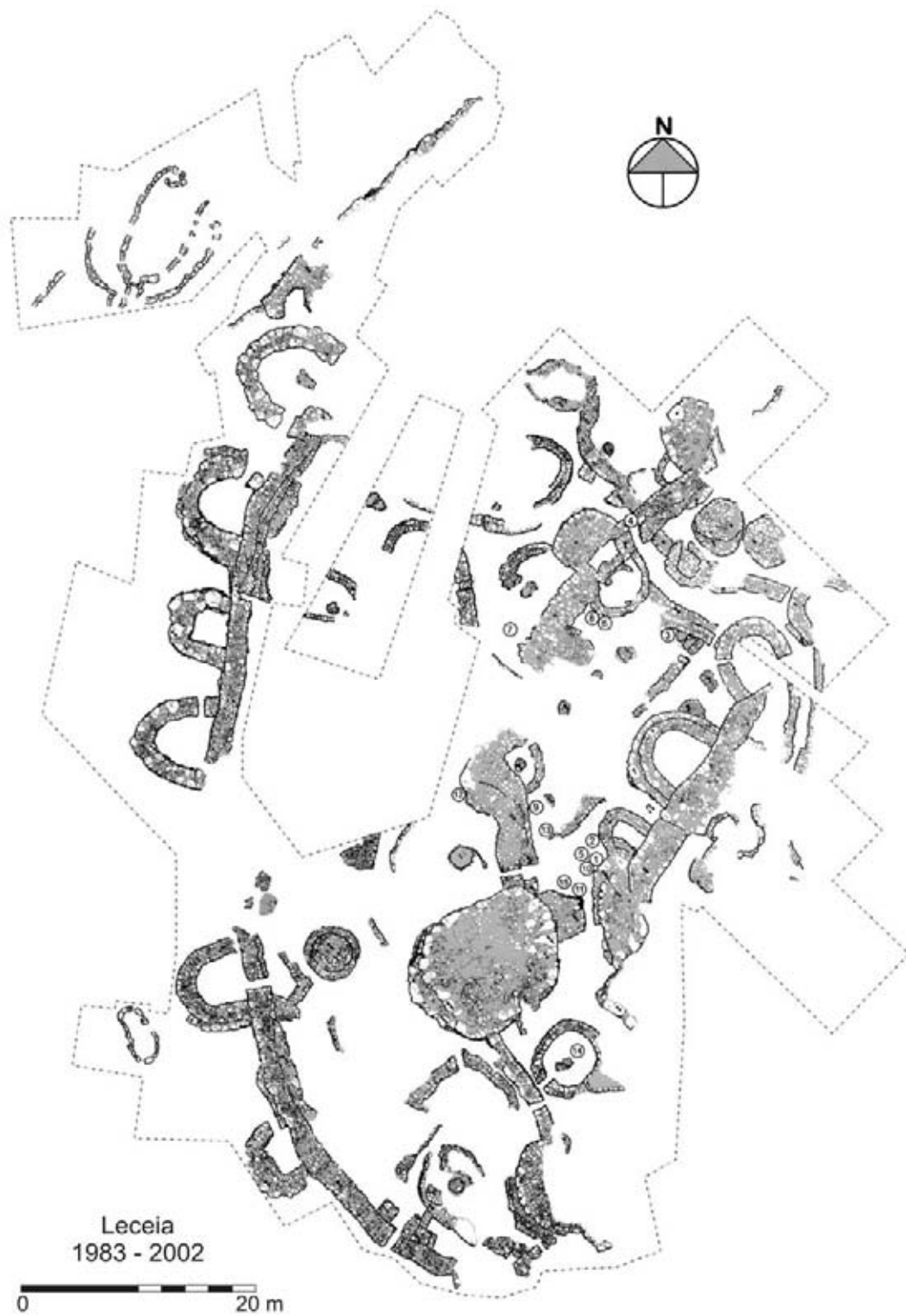


Fig. 169 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 170.

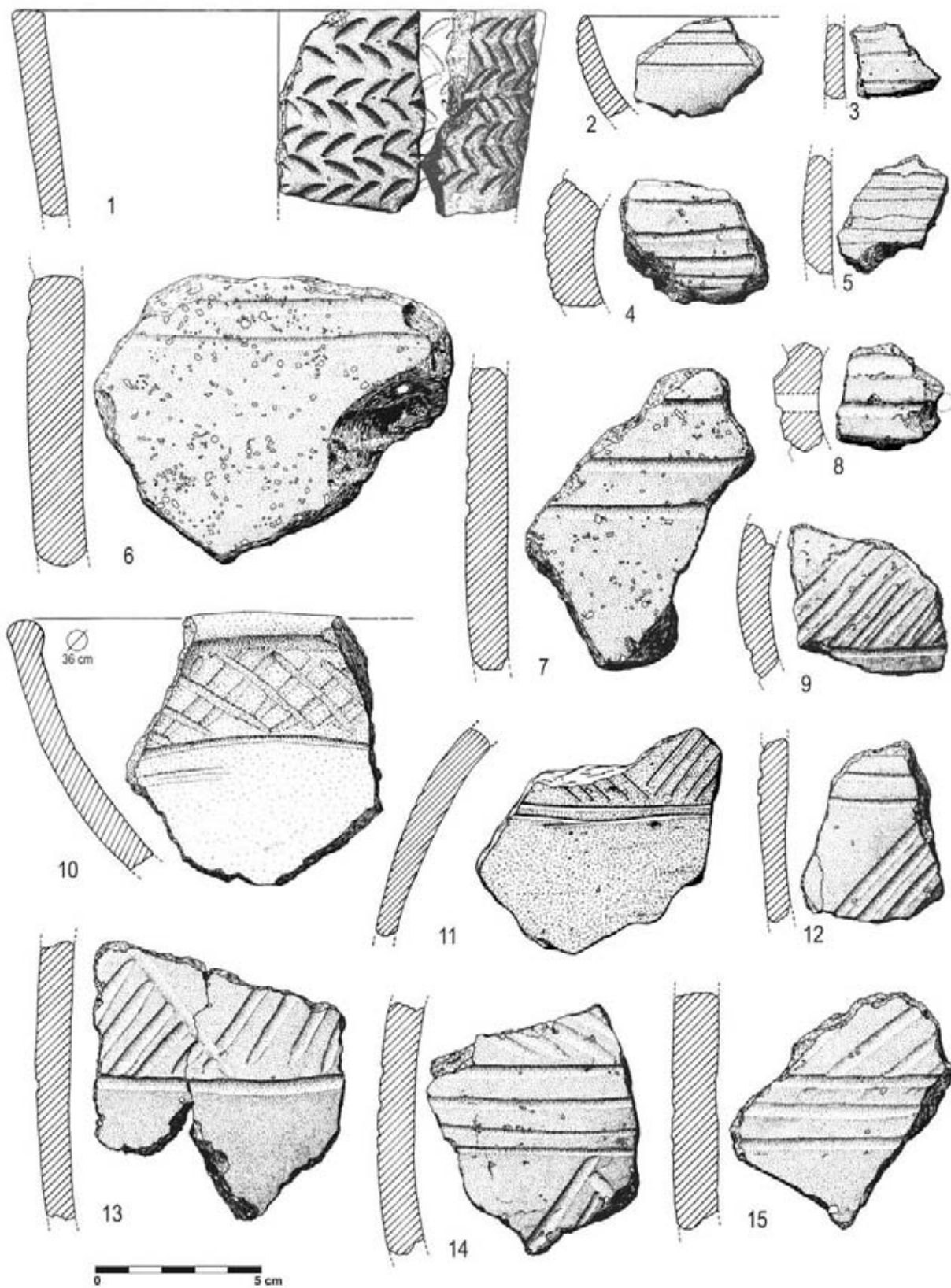


Fig. 170 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

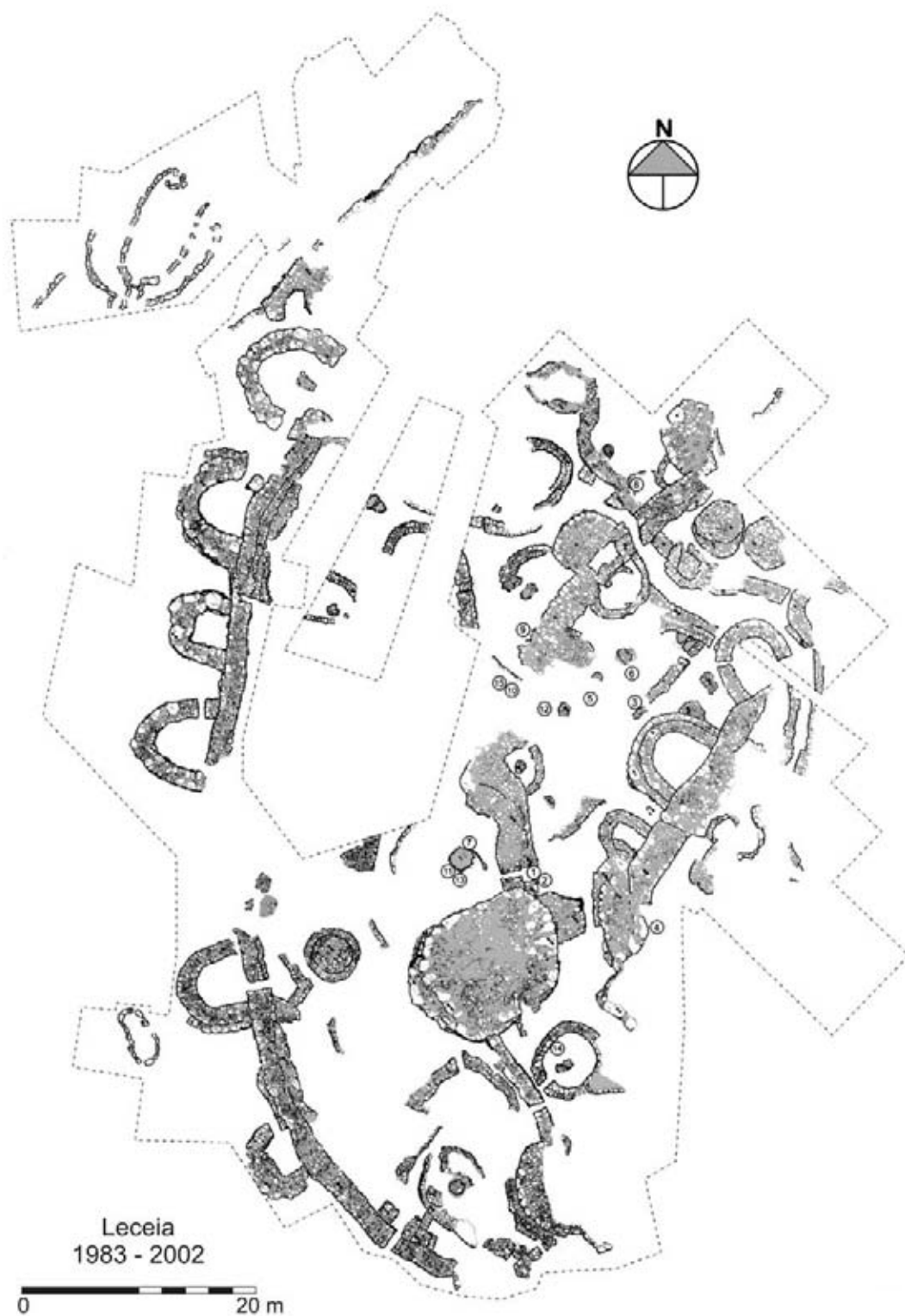


Fig. 171 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 172.

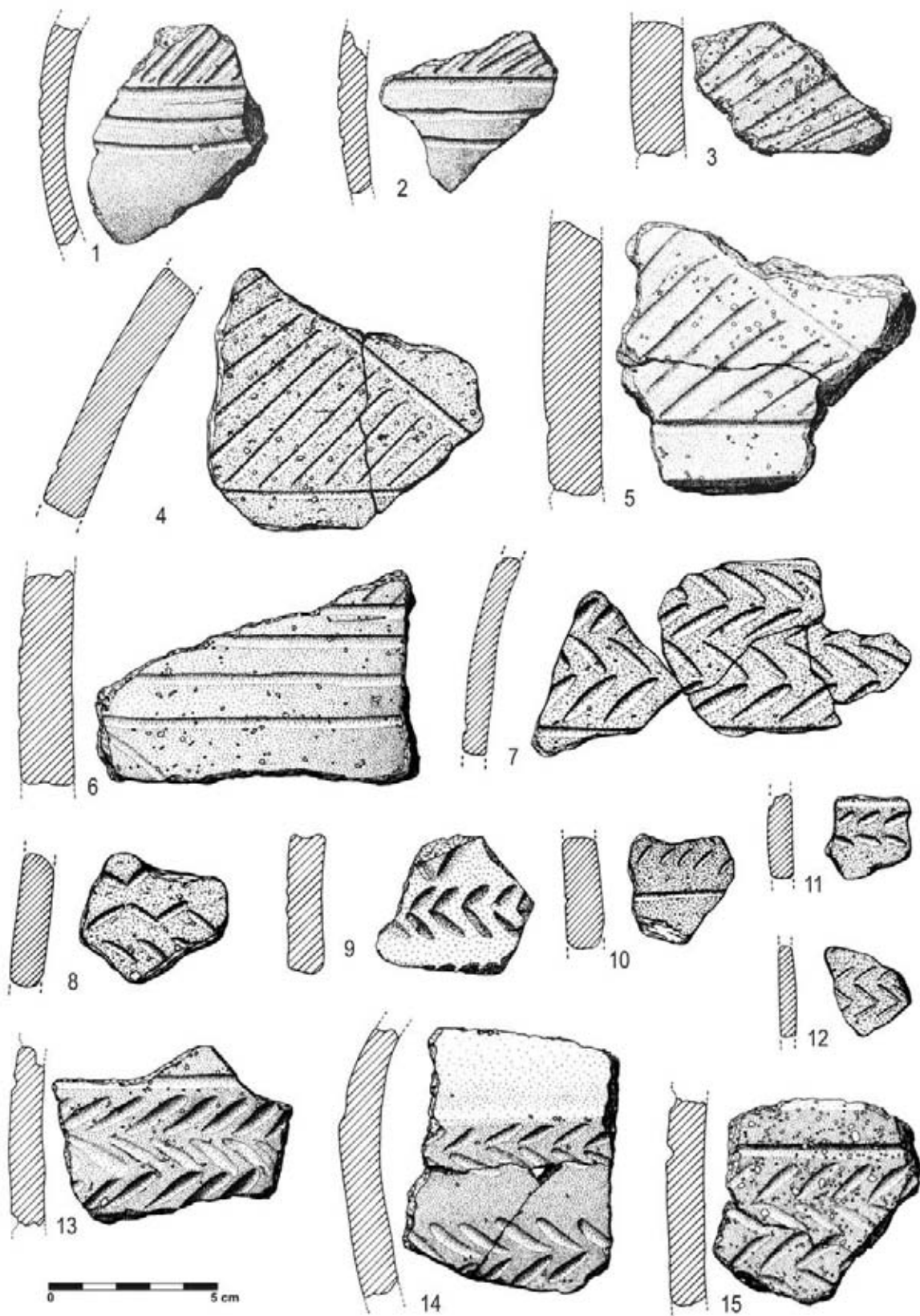


Fig. 172 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

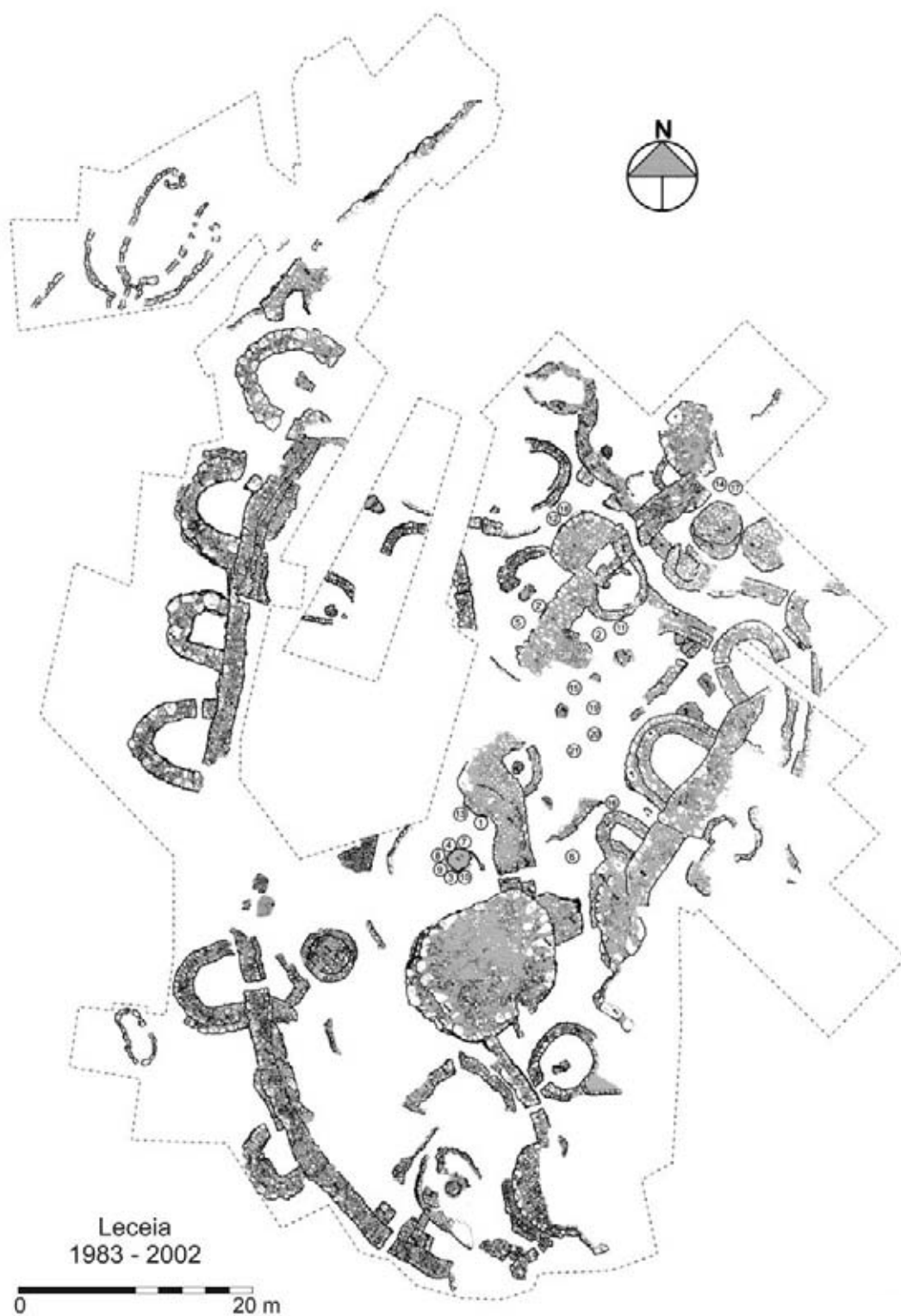


Fig. 173 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 174.

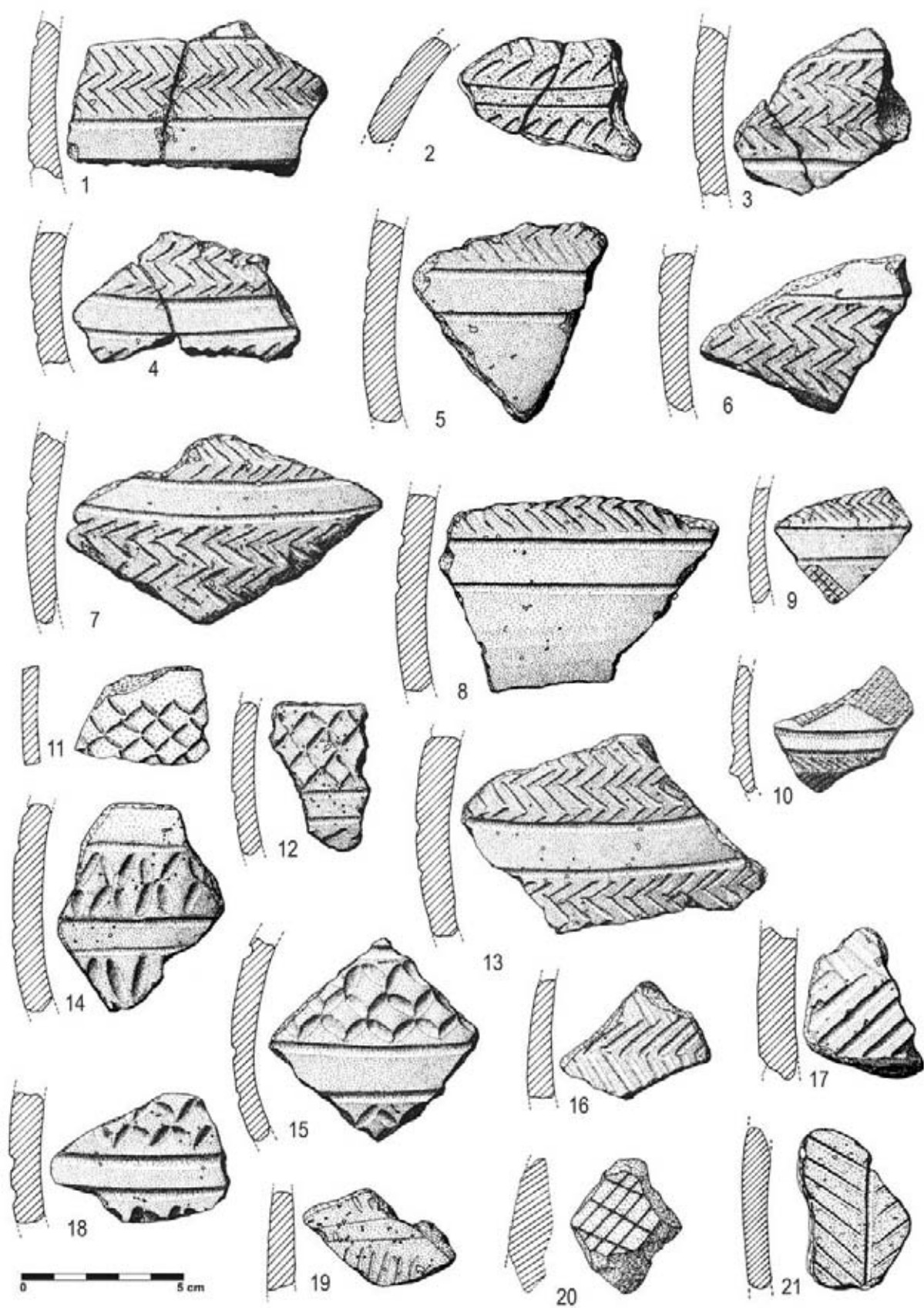


Fig. 174 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.



Fig. 175 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 176.

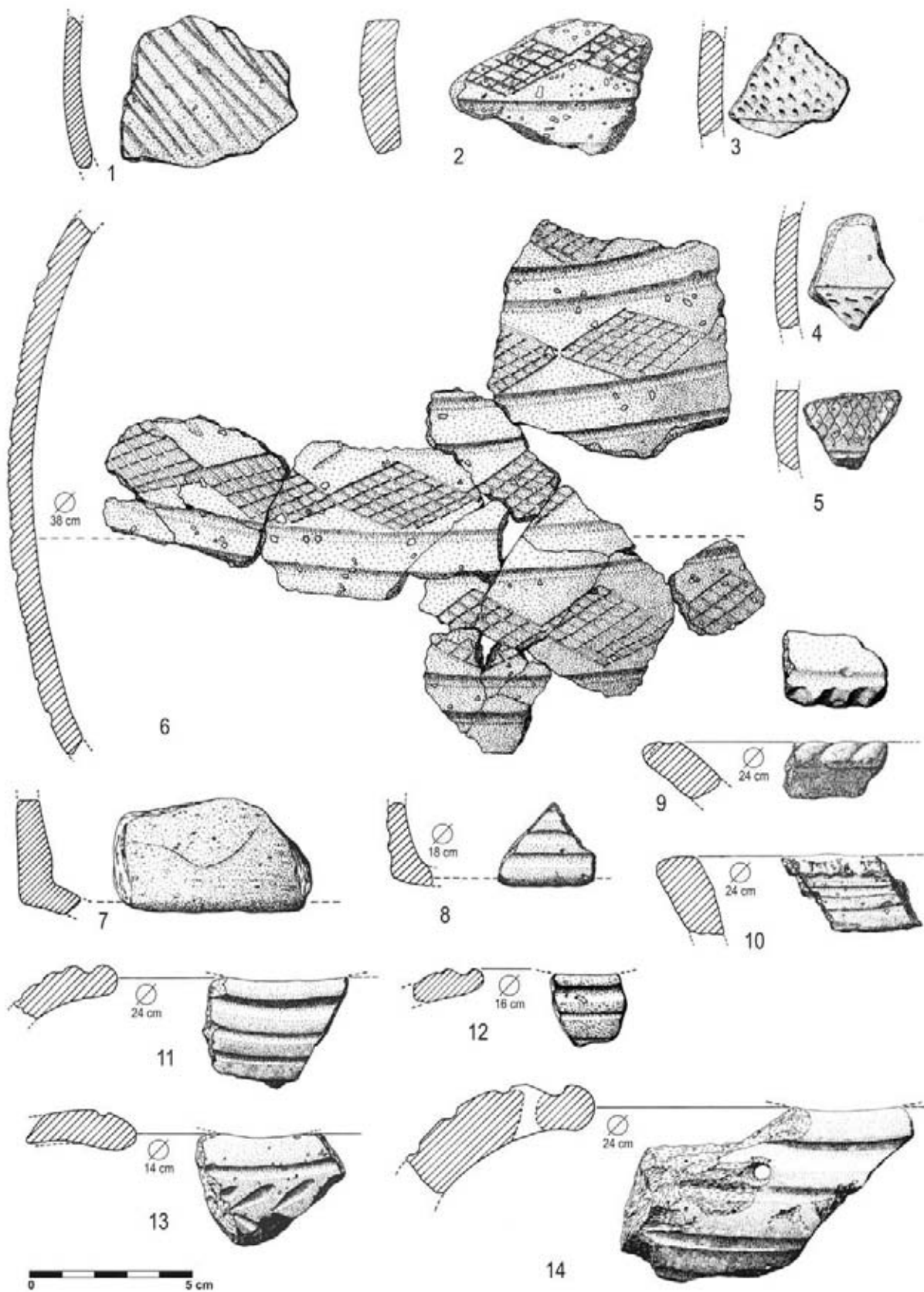


Fig. 176 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

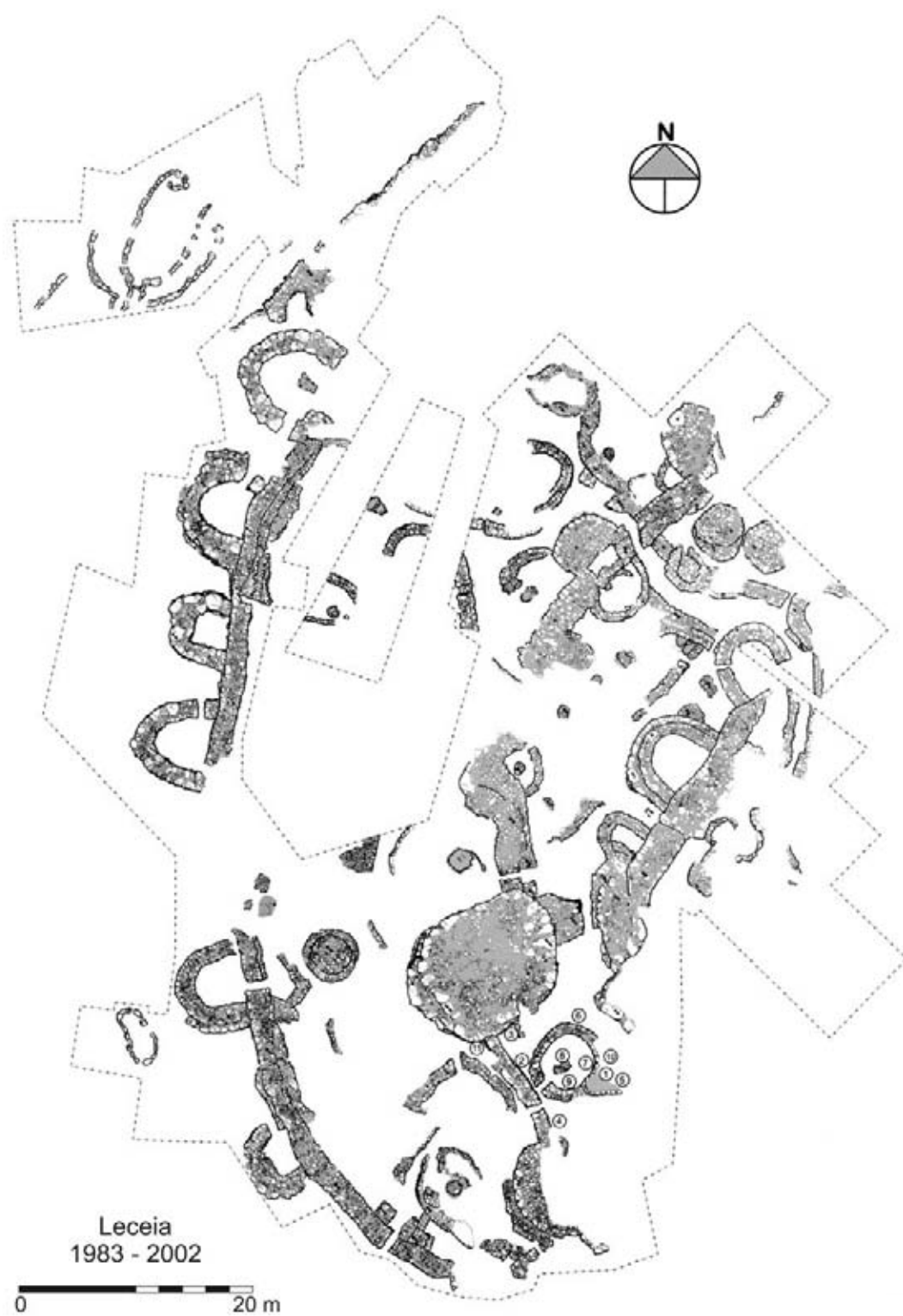


Fig. 177 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 178.

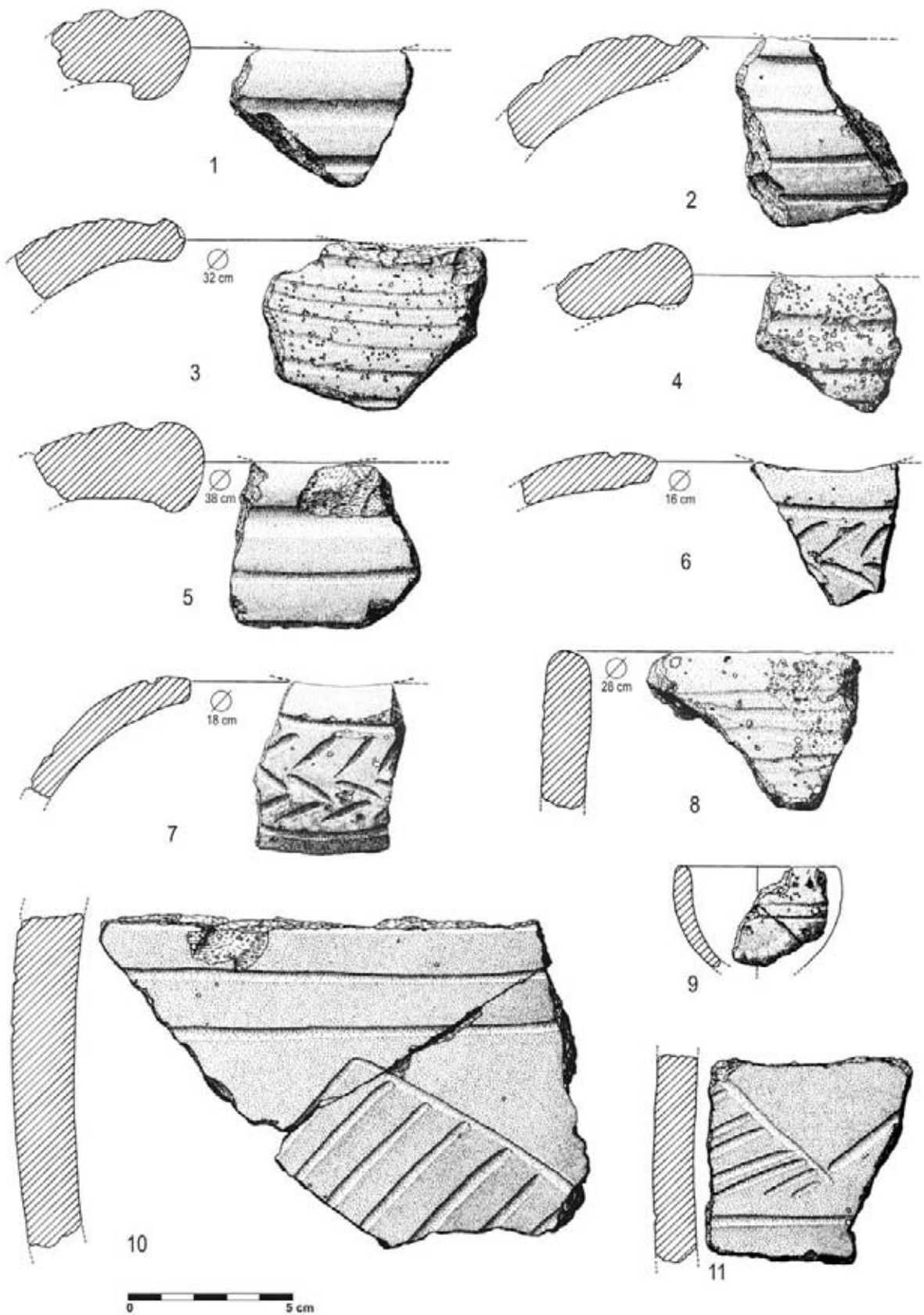


Fig. 178 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

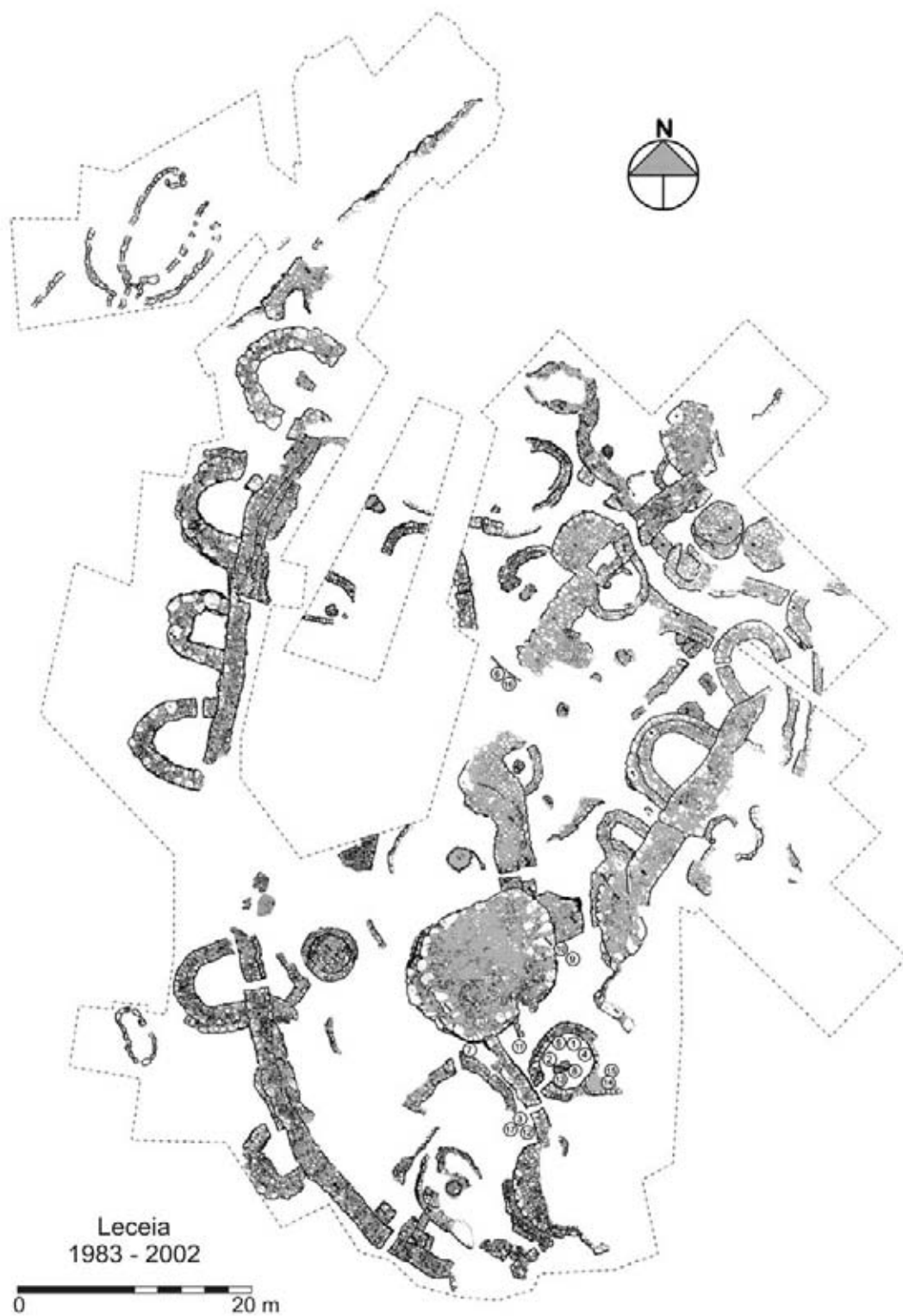


Fig. 179 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 180.

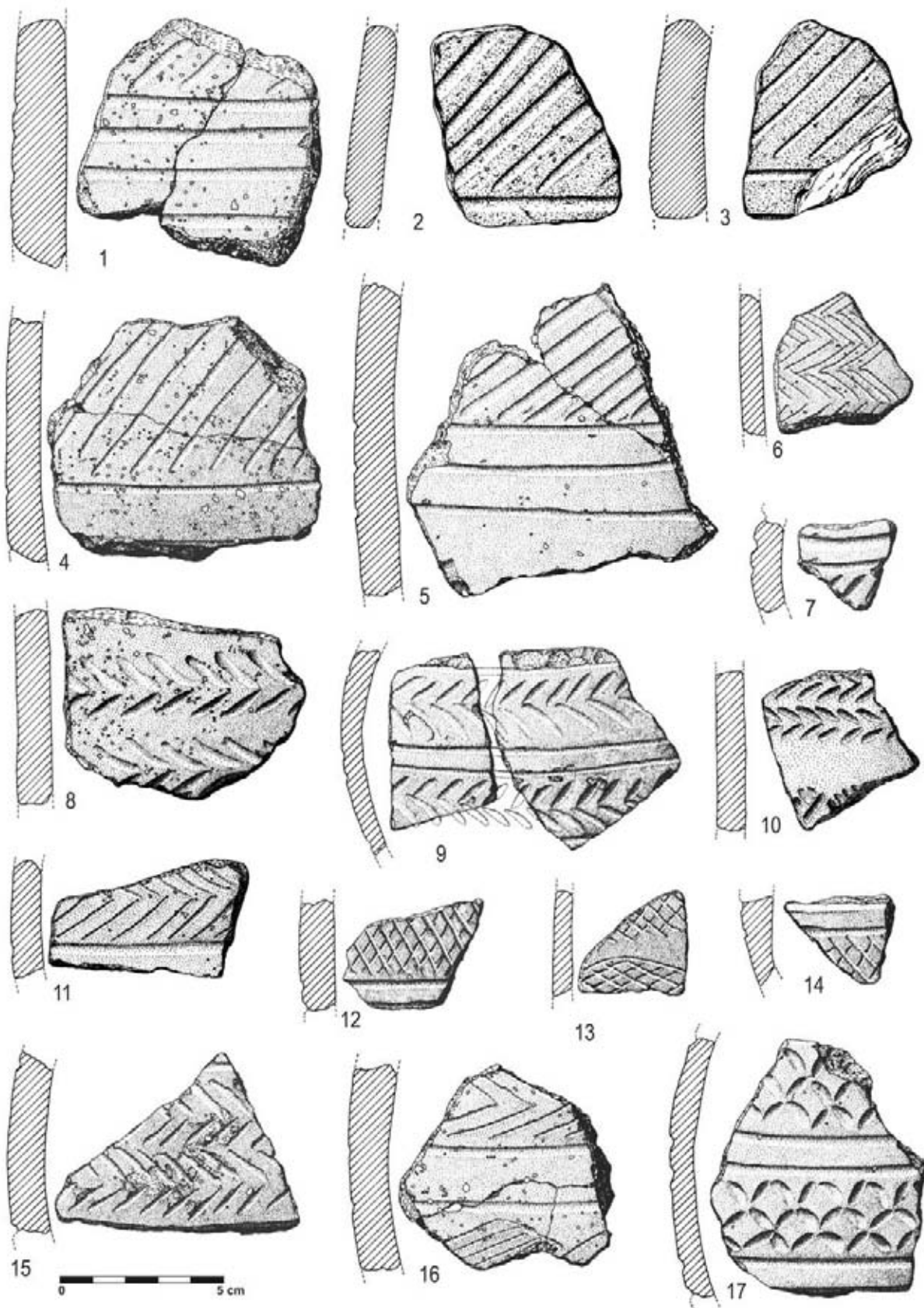


Fig. 180 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

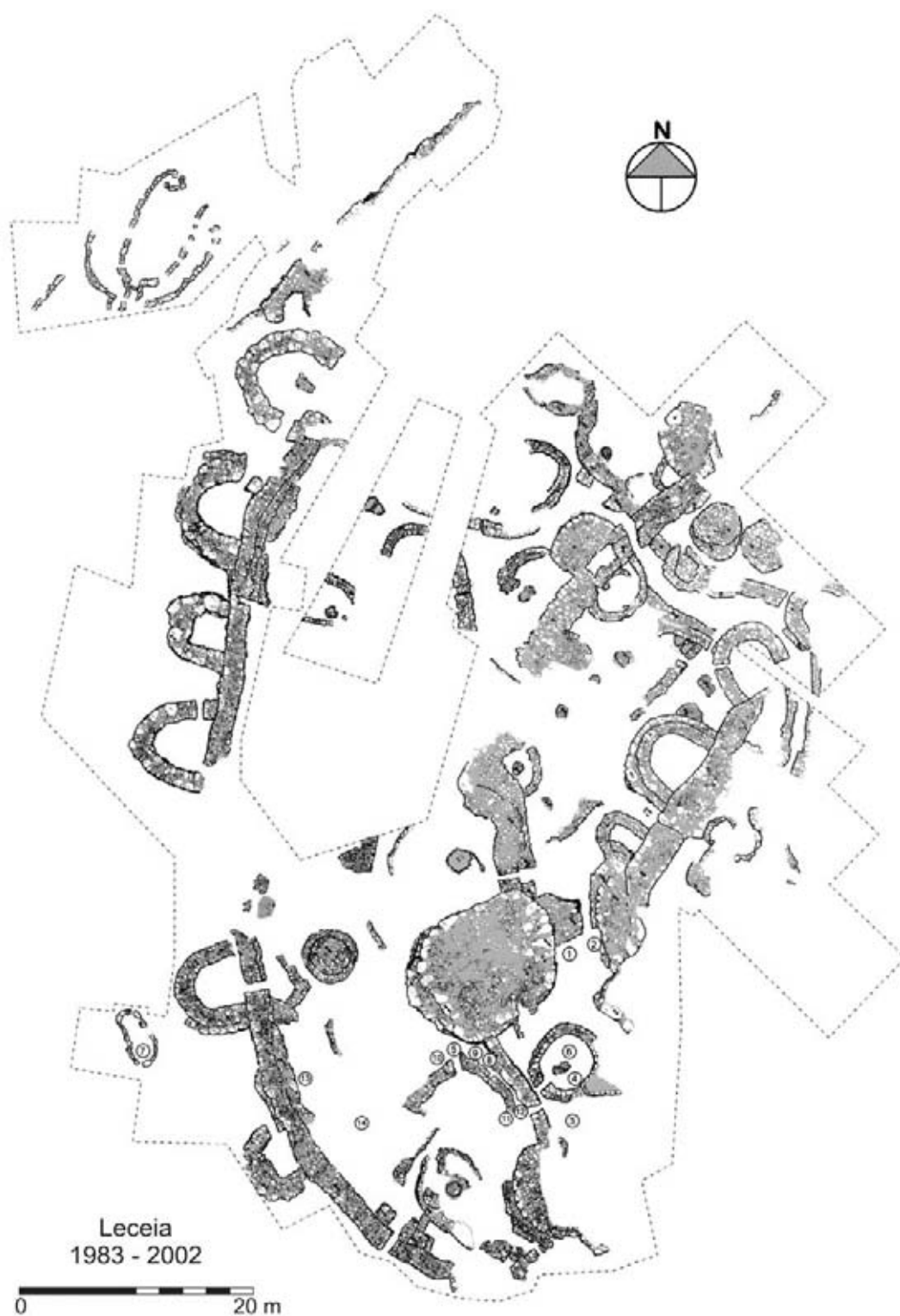


Fig. 181 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 182.

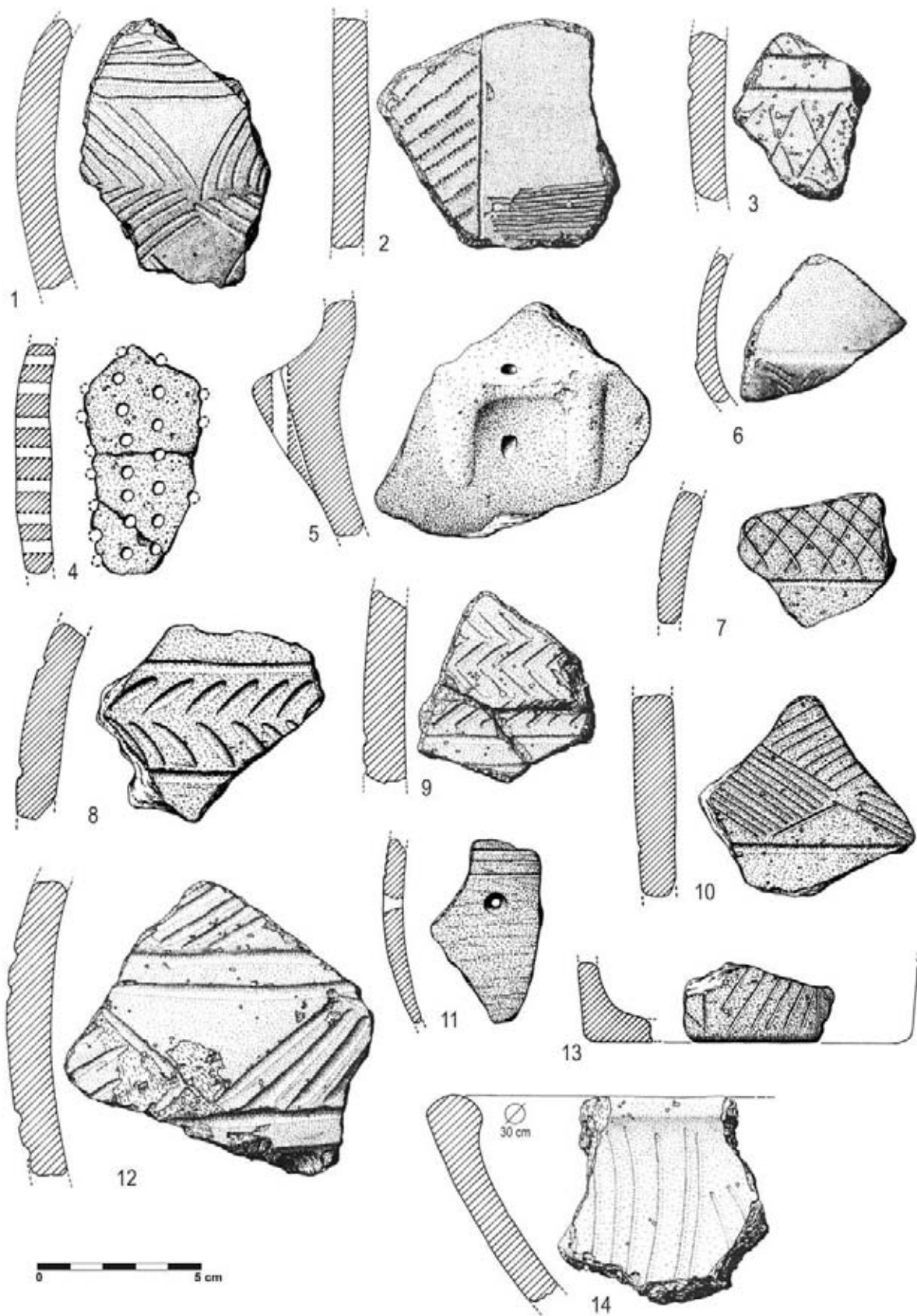


Fig. 182 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

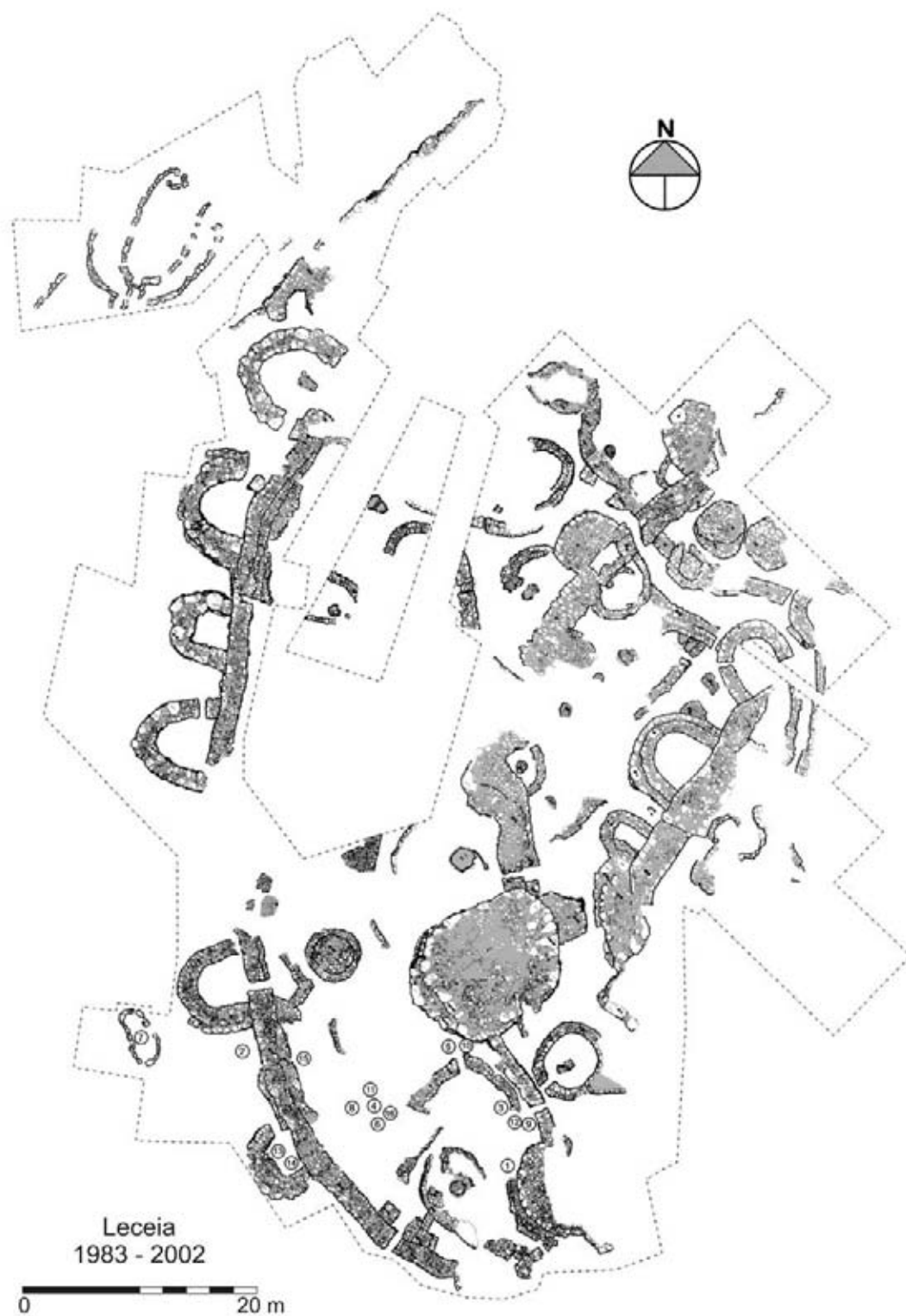


Fig. 183 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 184.

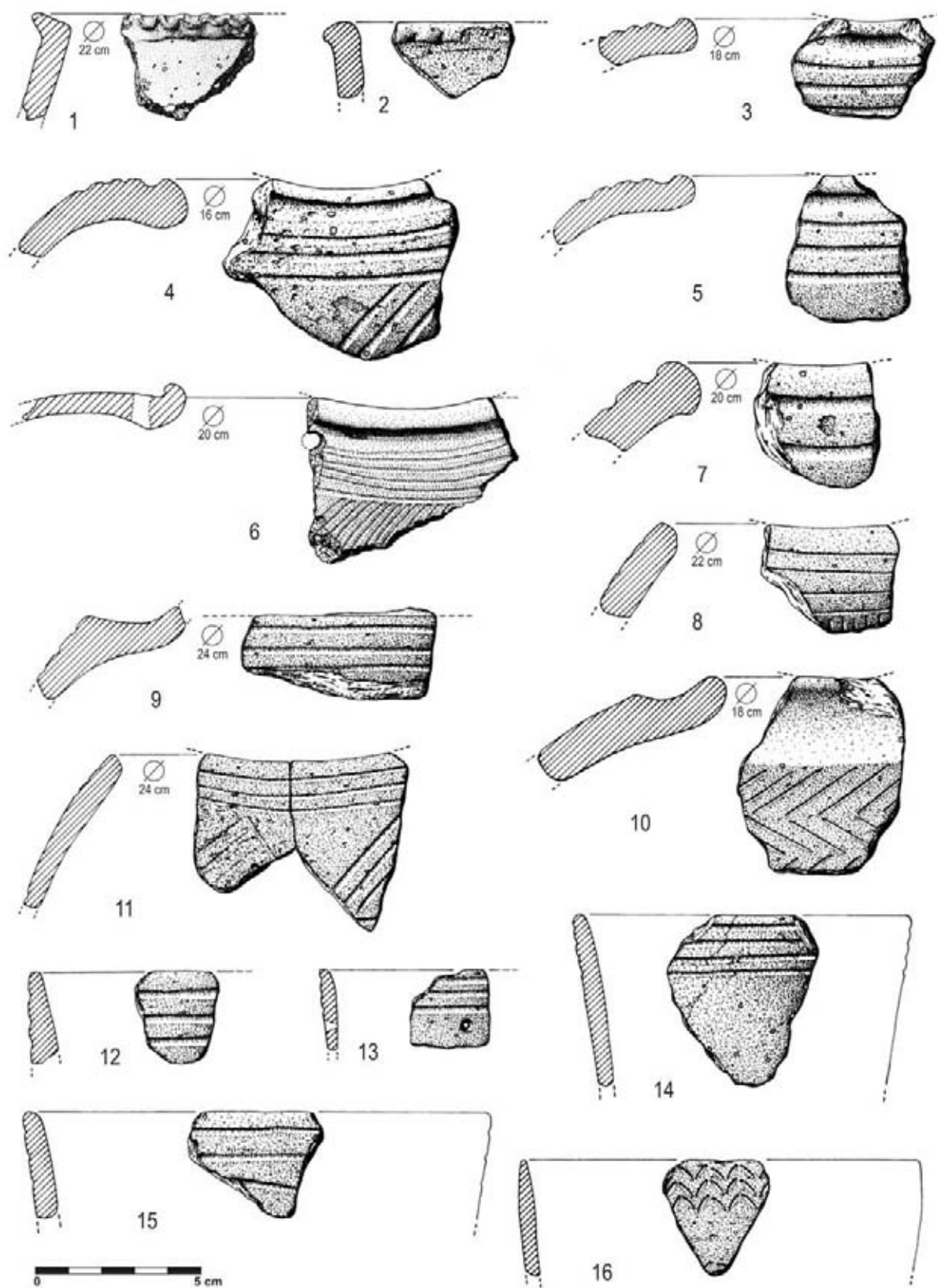


Fig. 184 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

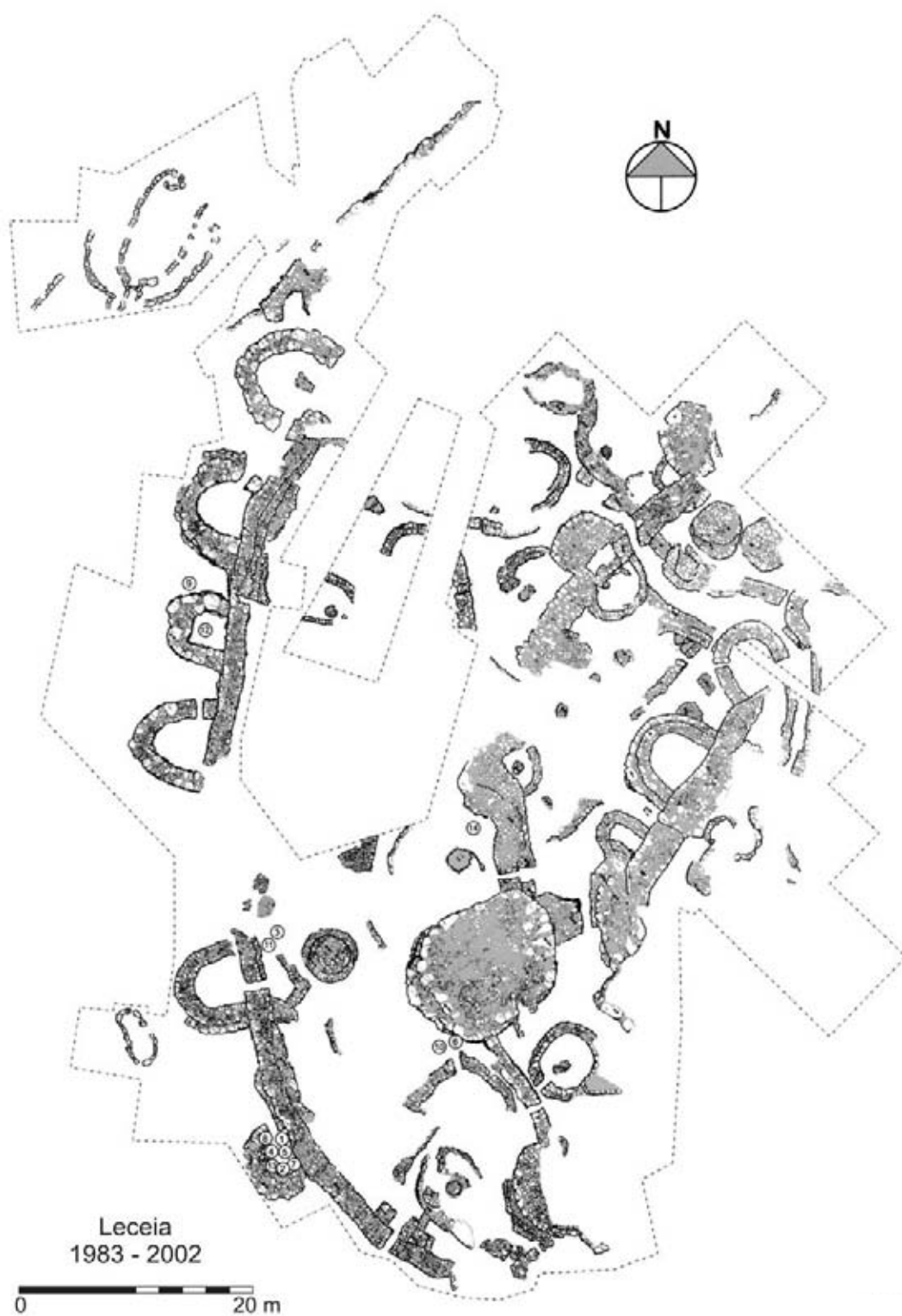


Fig. 185 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 186.

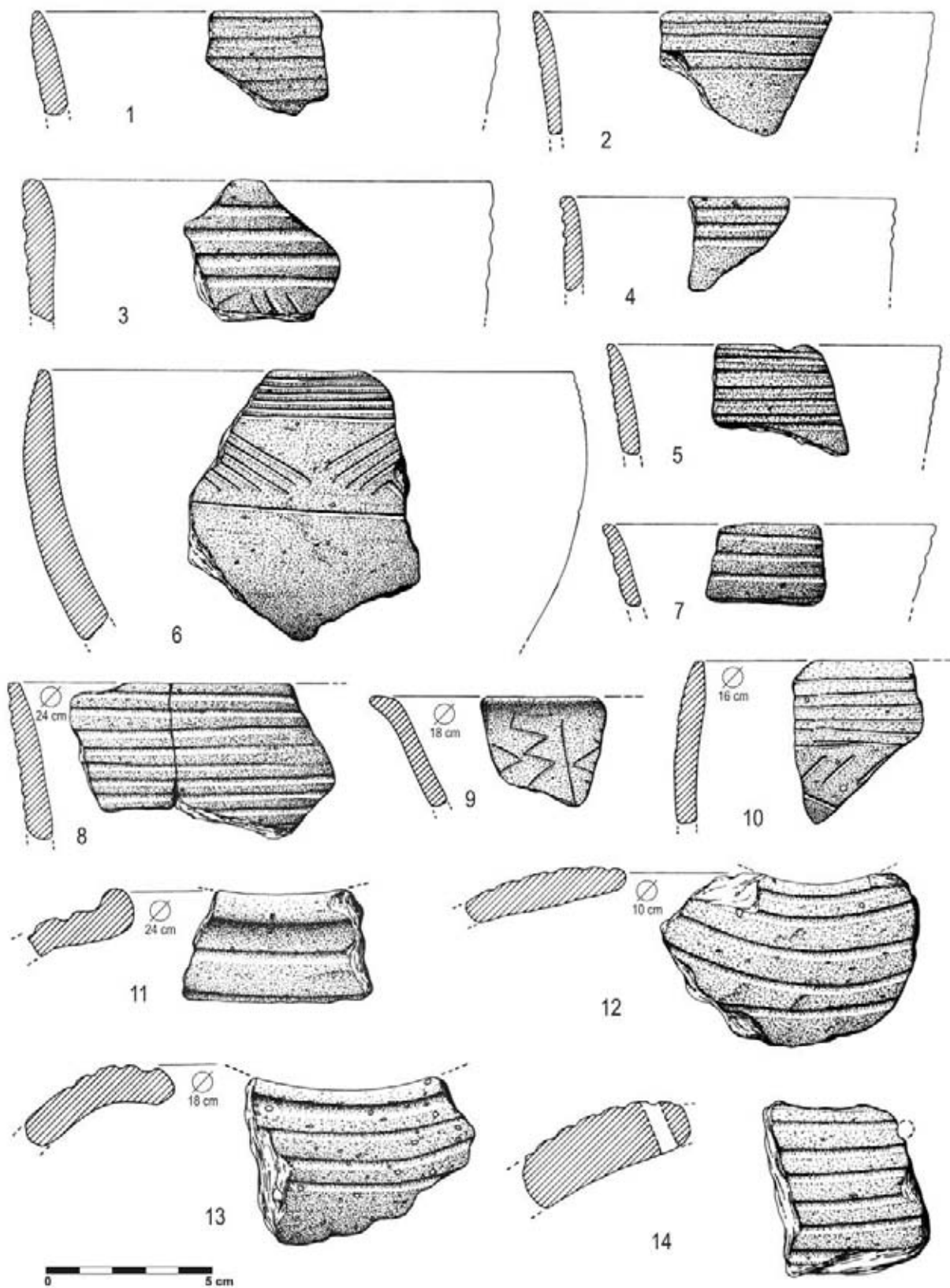


Fig. 186 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

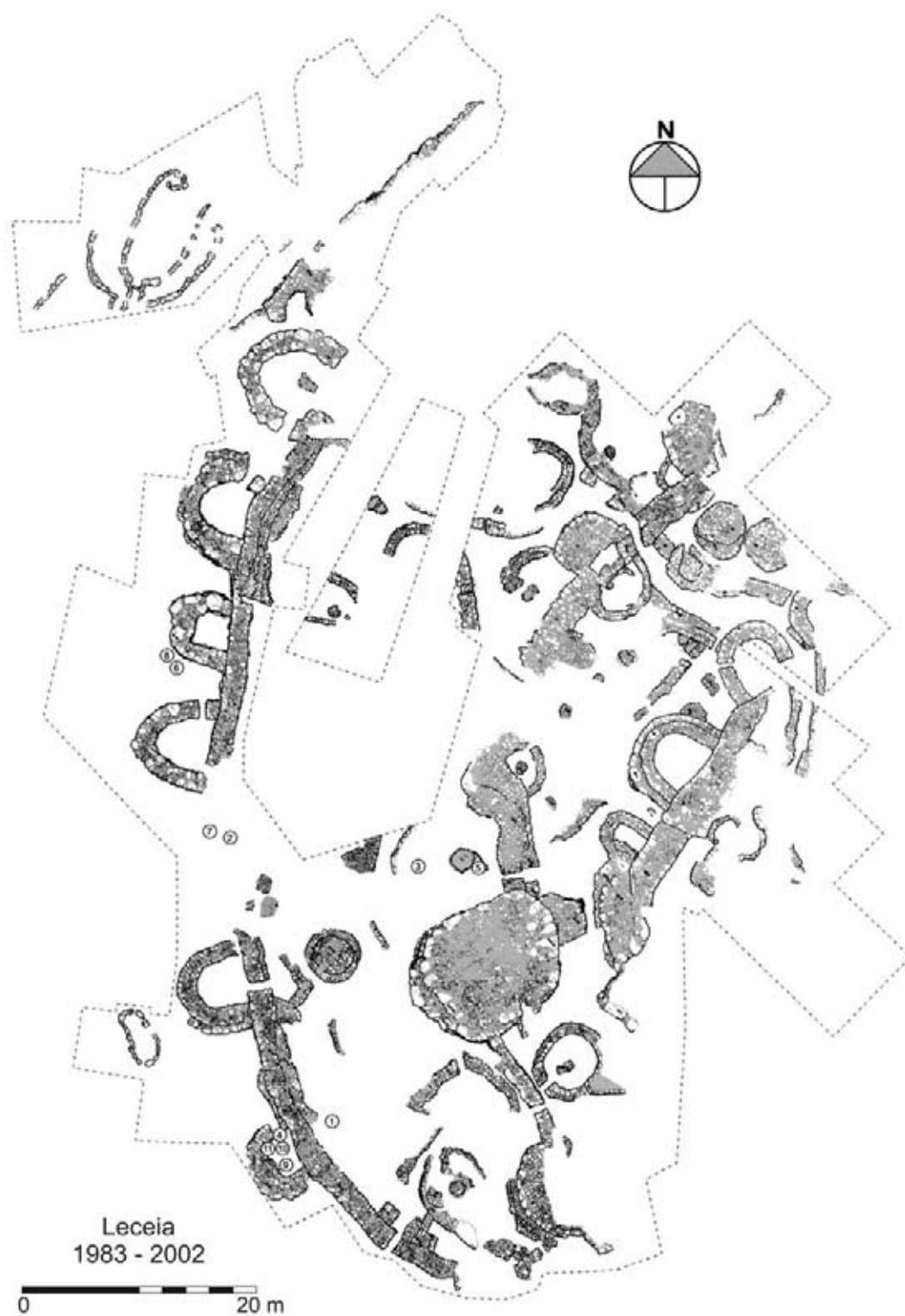


Fig. 187 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 188.

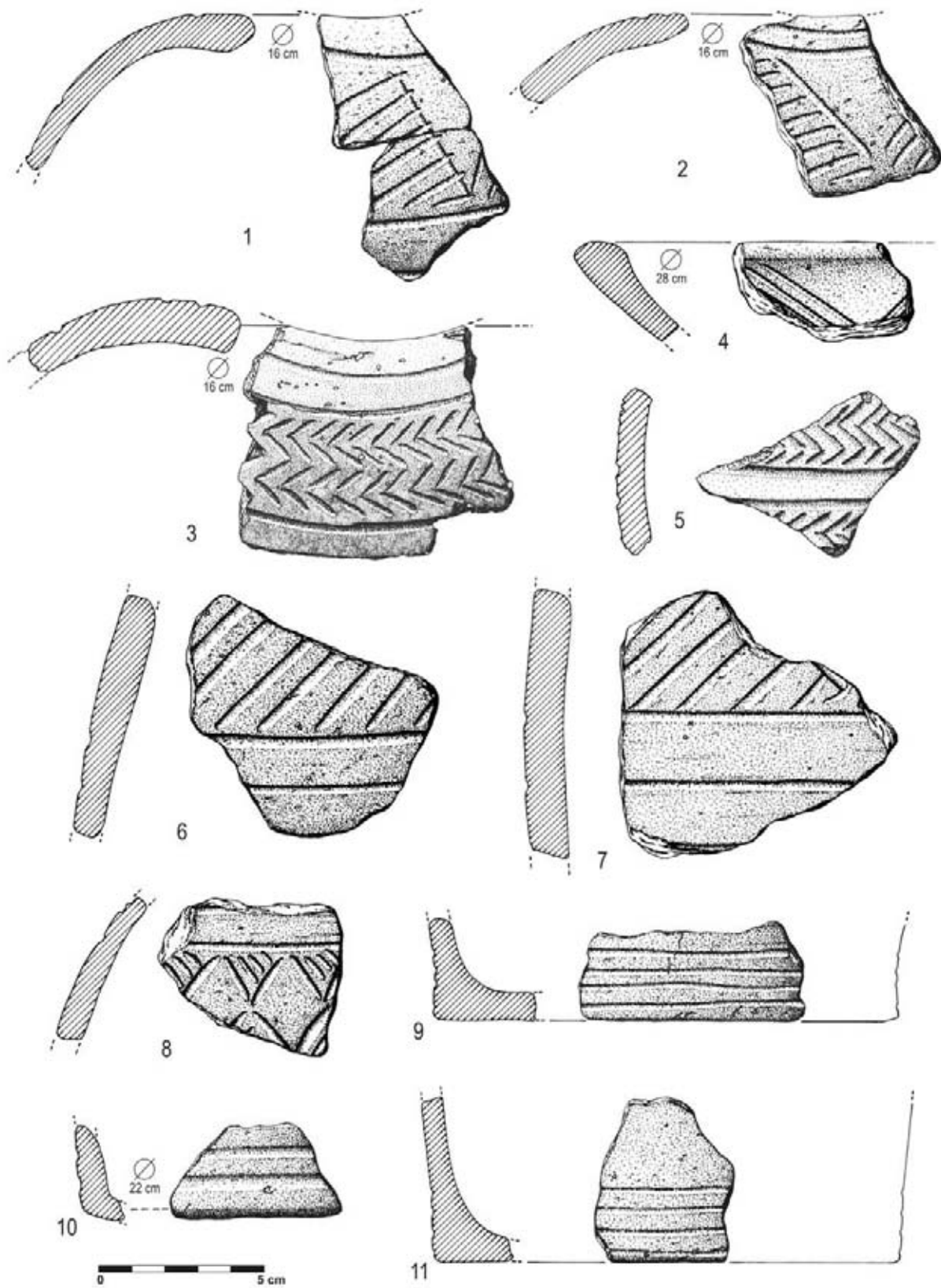


Fig. 188 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

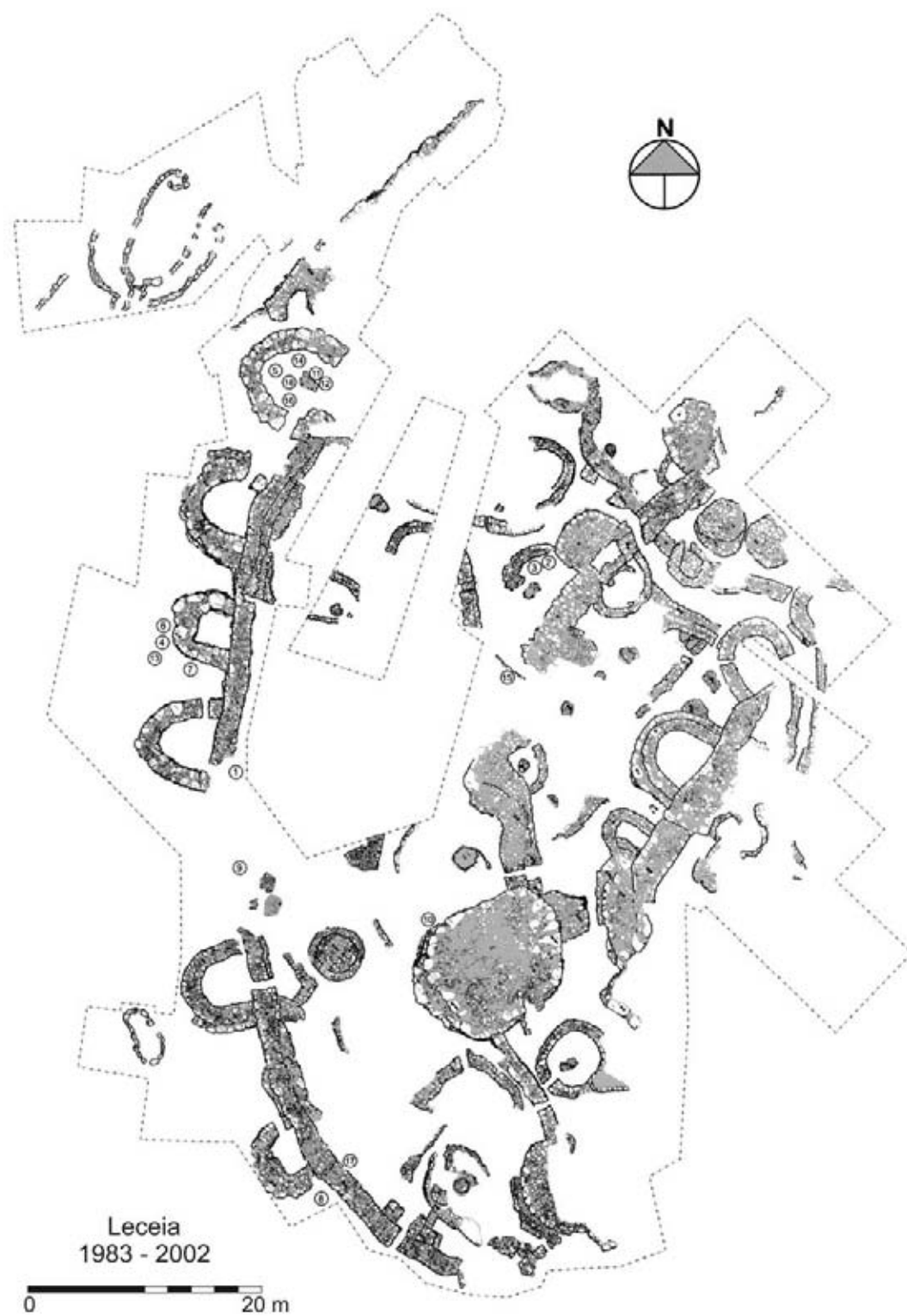


Fig. 189 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 190.

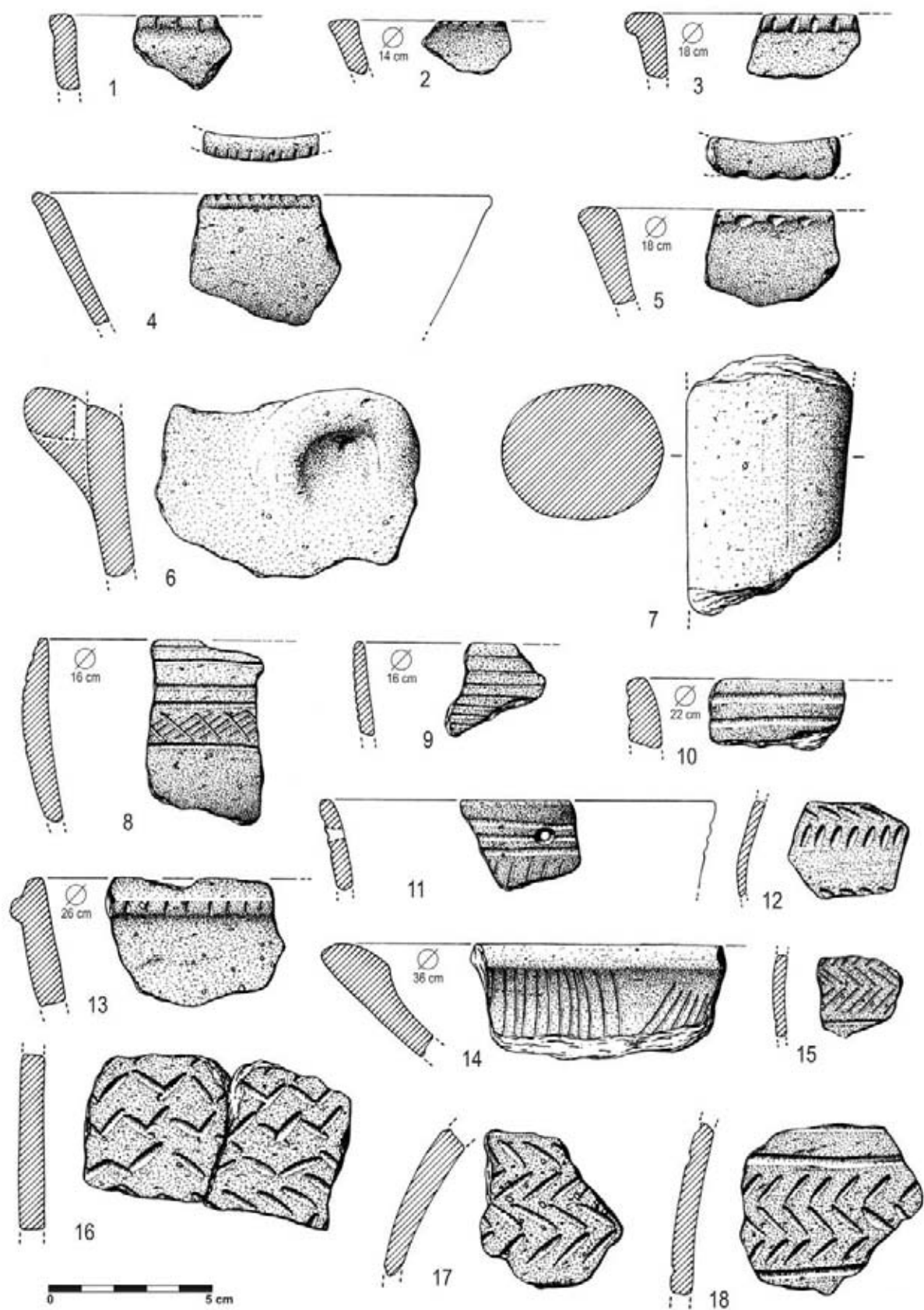


Fig. 190 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

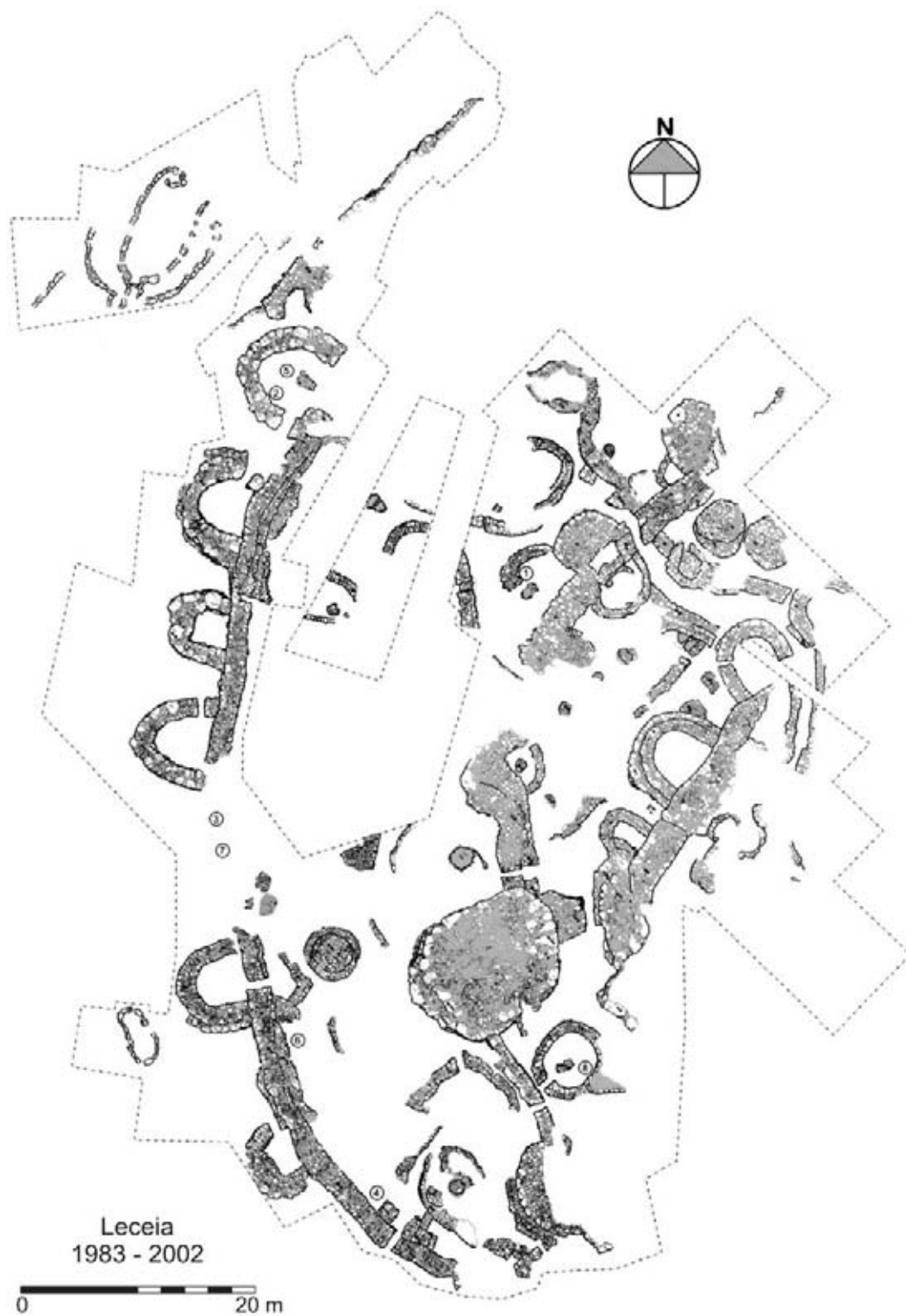


Fig. 191 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 192.

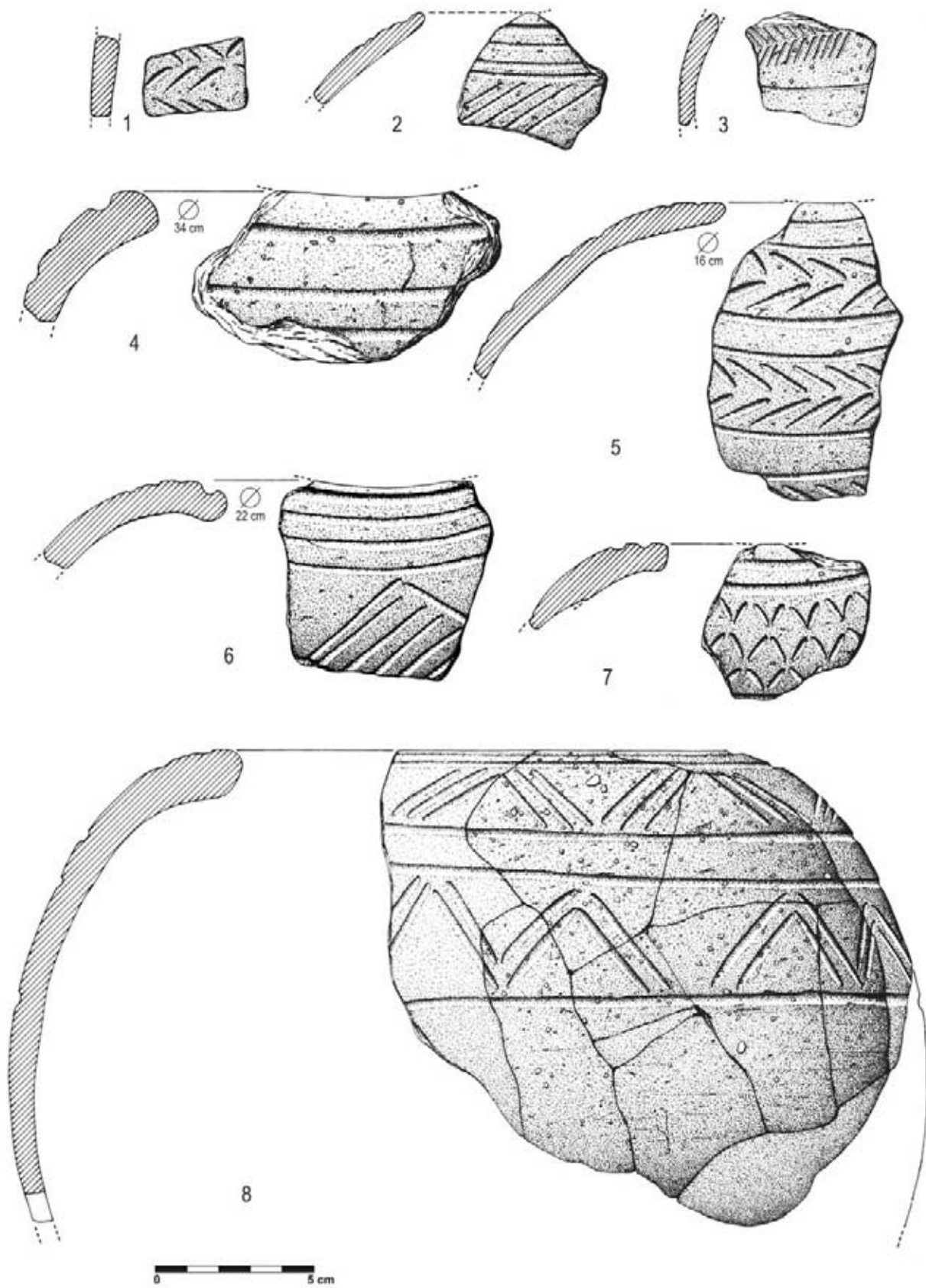


Fig. 192 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

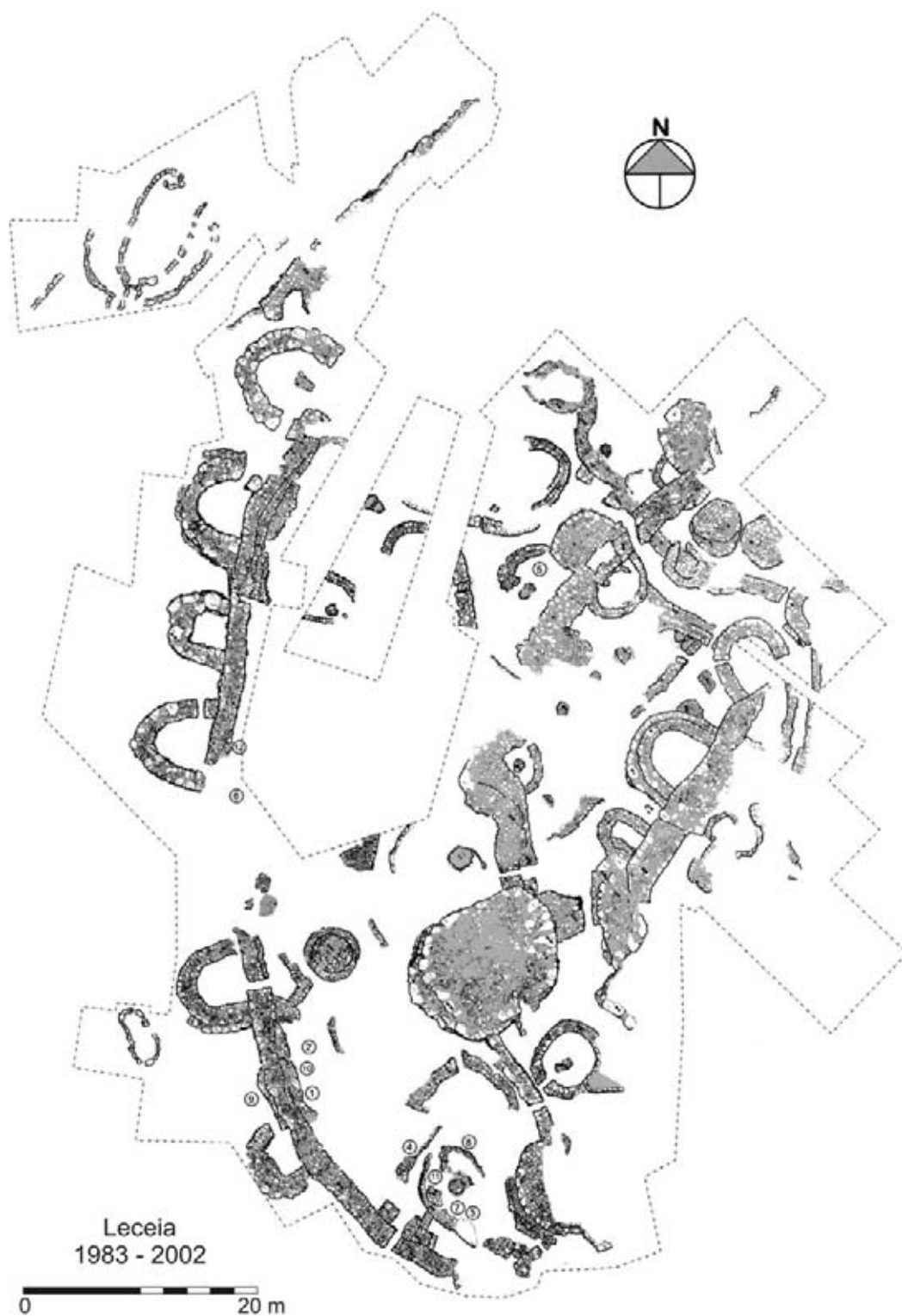


Fig. 193 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 194.

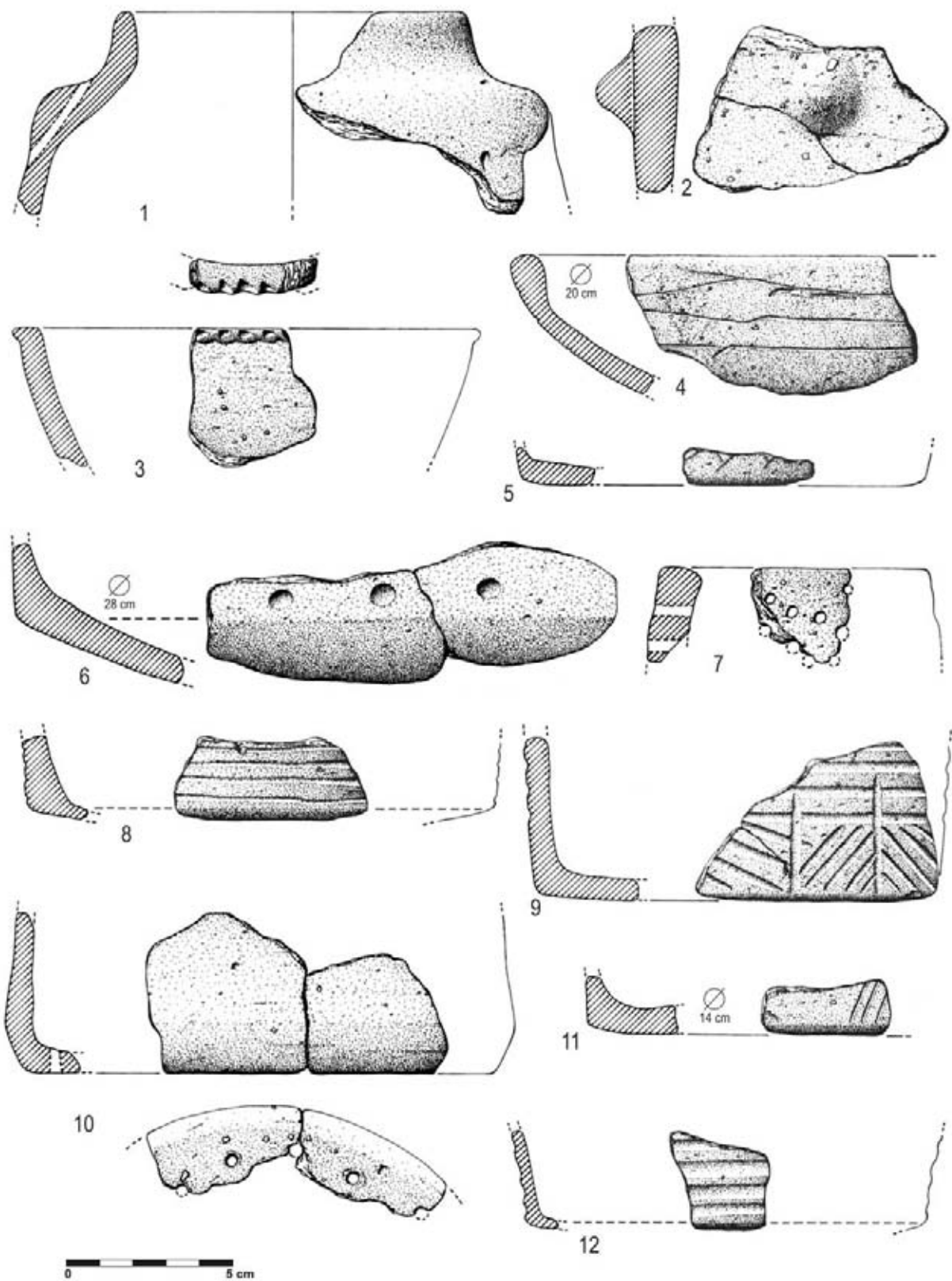


Fig. 194 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

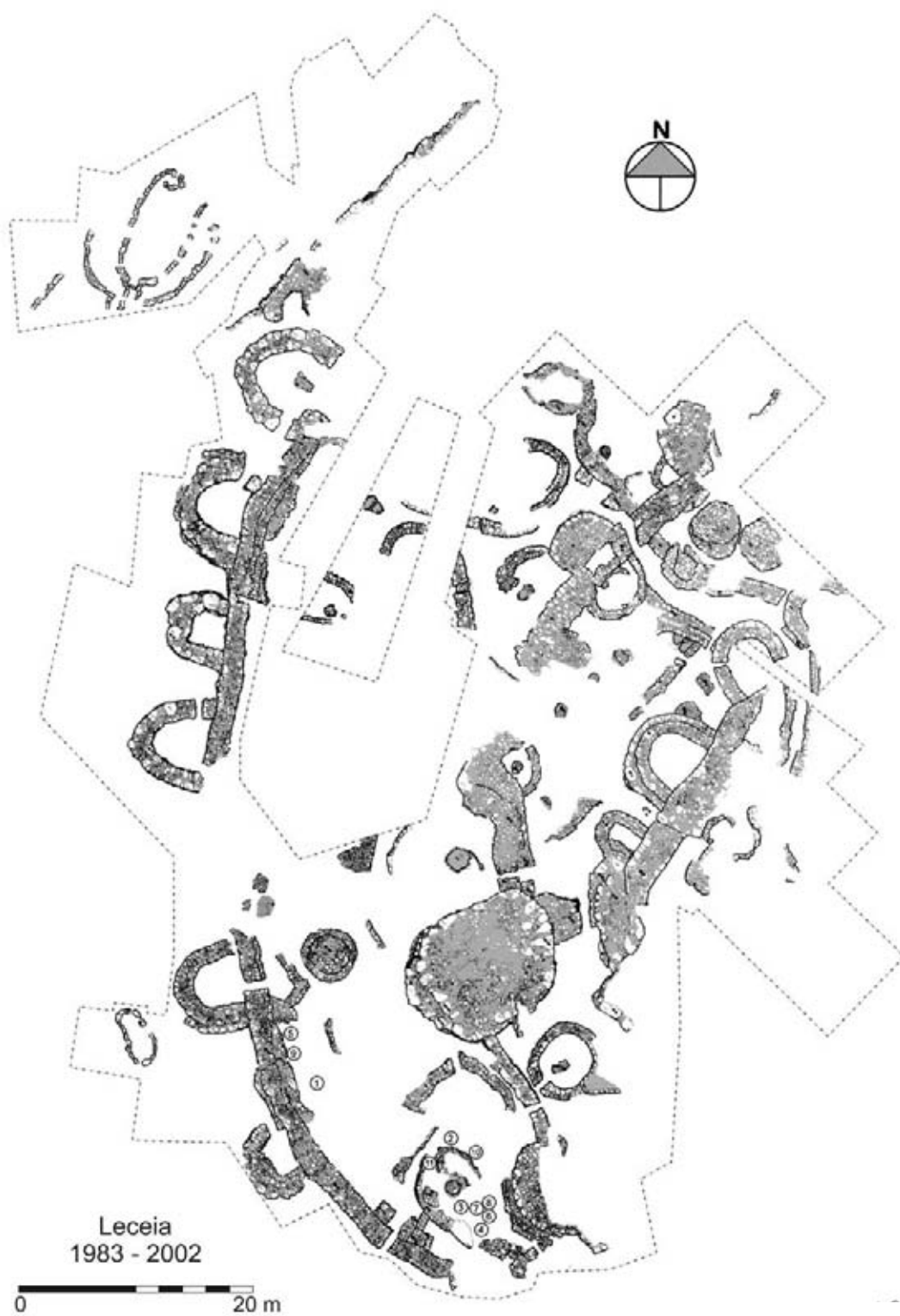


Fig. 195 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 196.

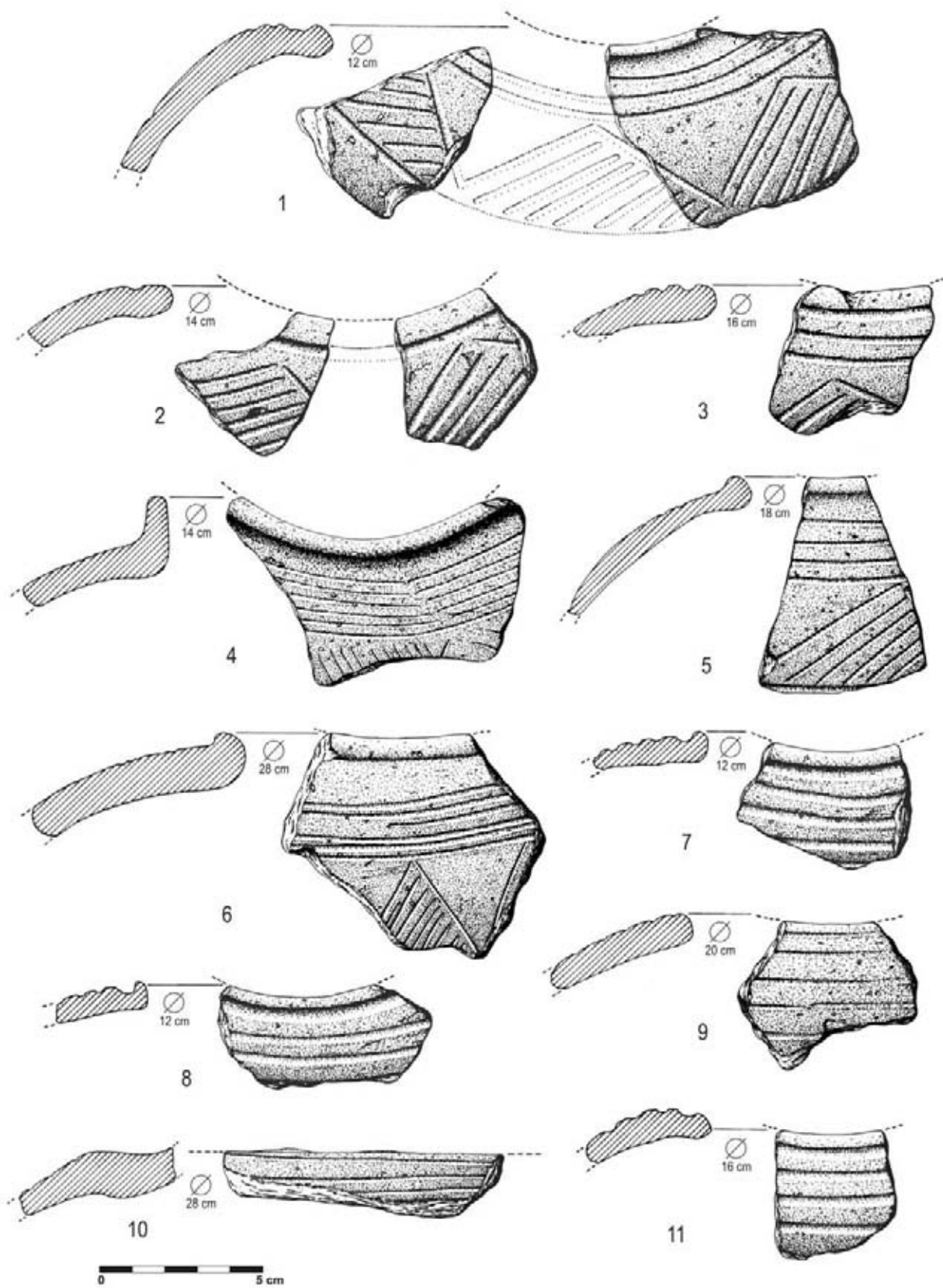


Fig. 196 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

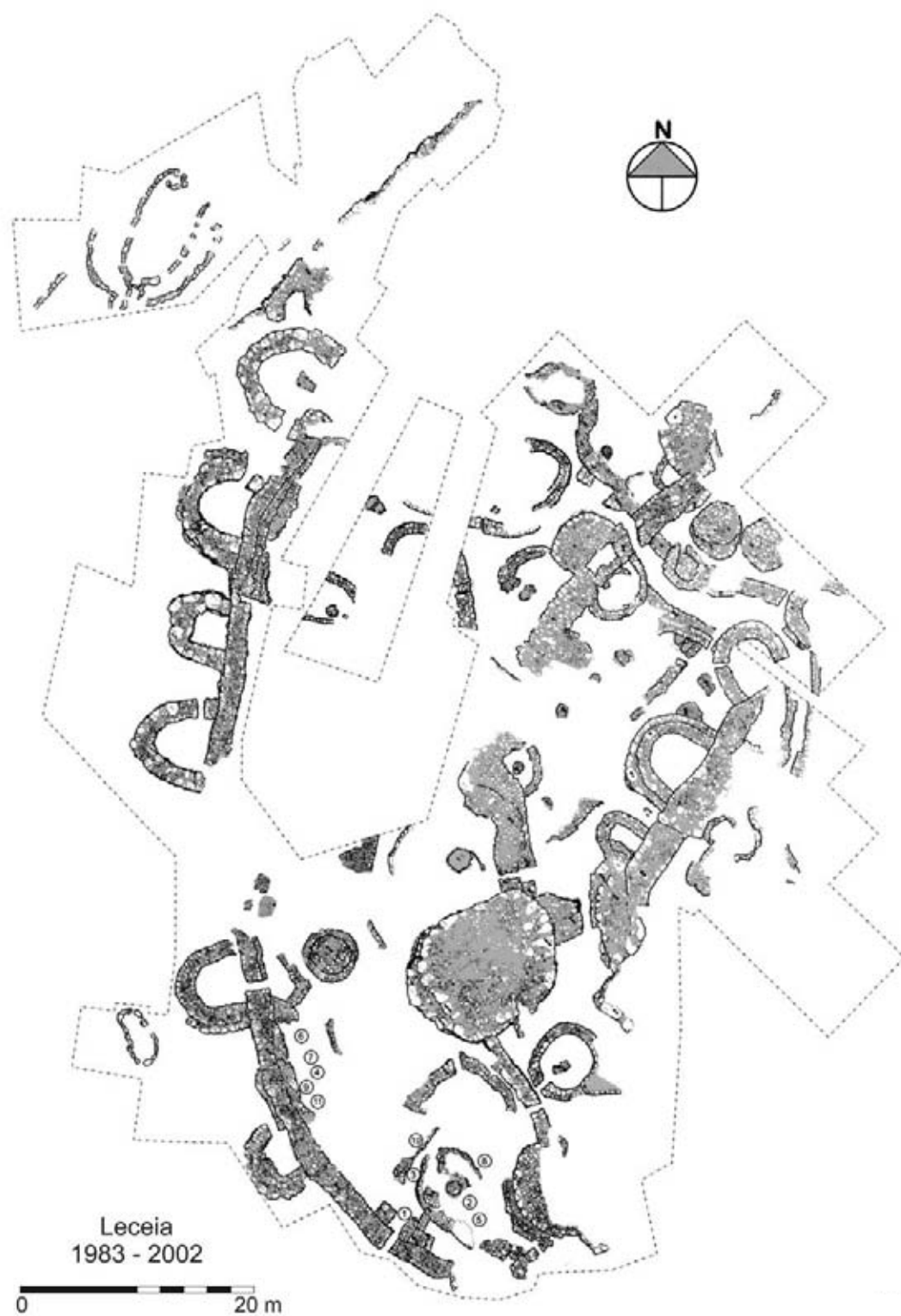


Fig. 197 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 198.

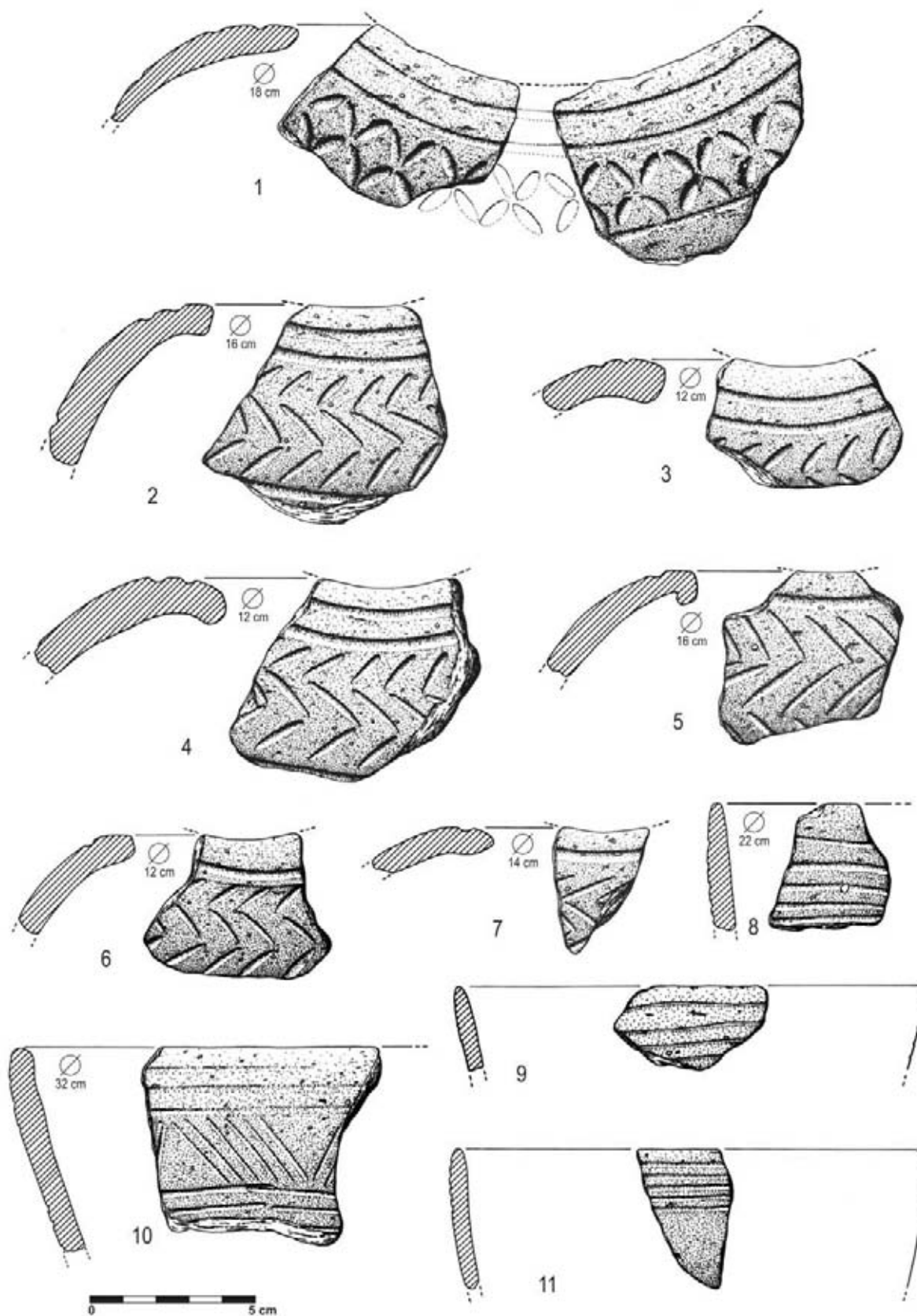


Fig. 198 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

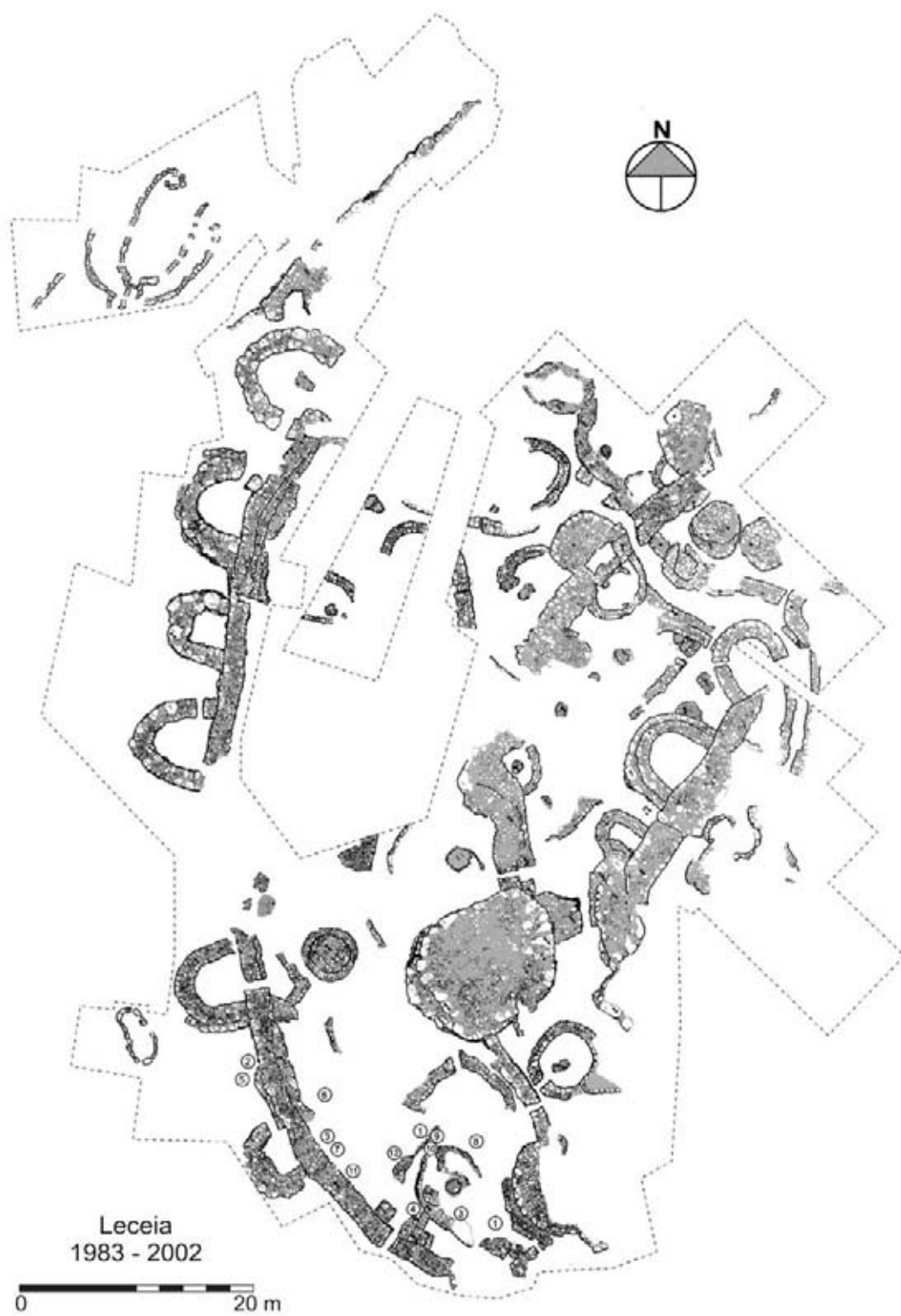


Fig. 199 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 200.

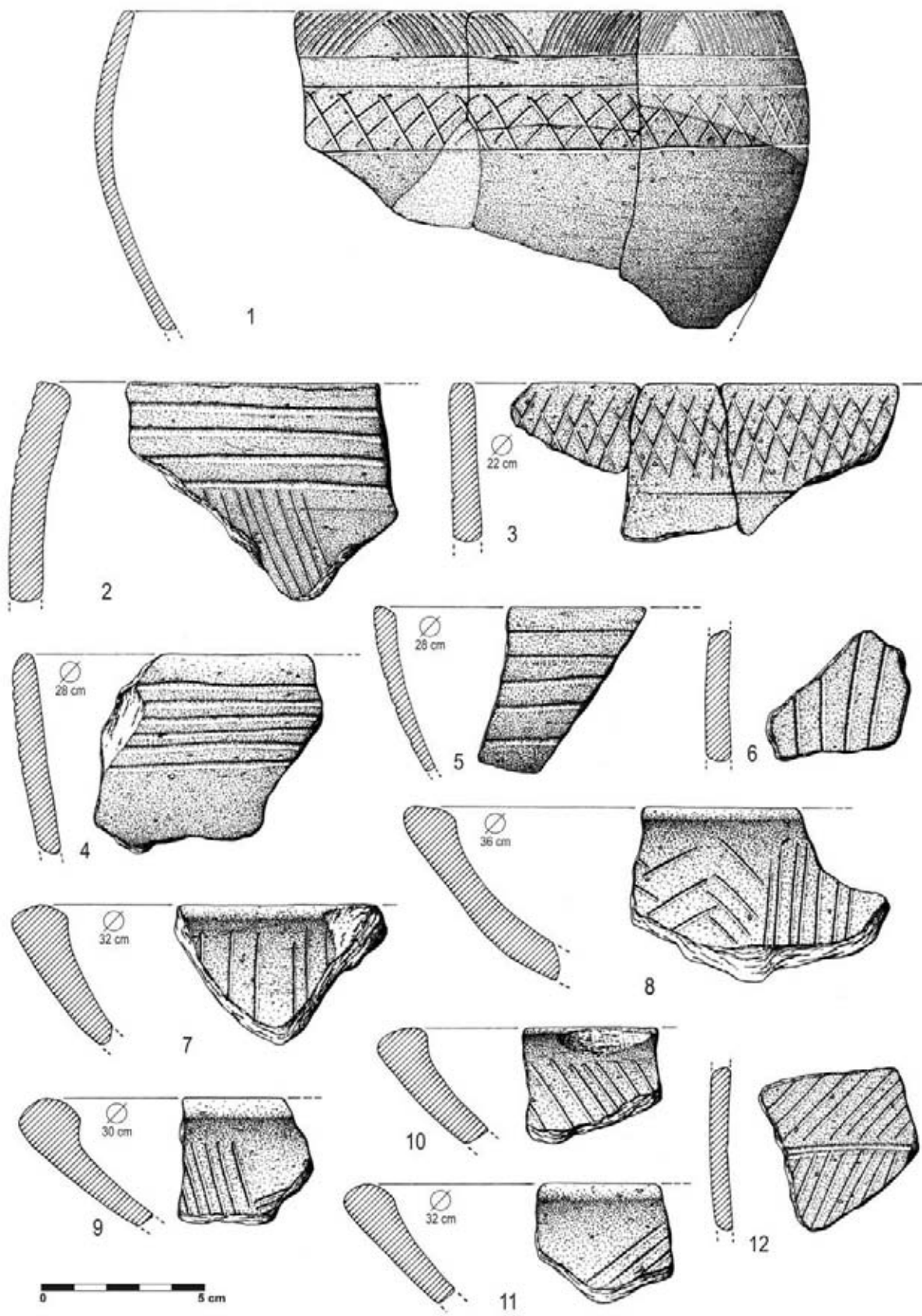


Fig. 200 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

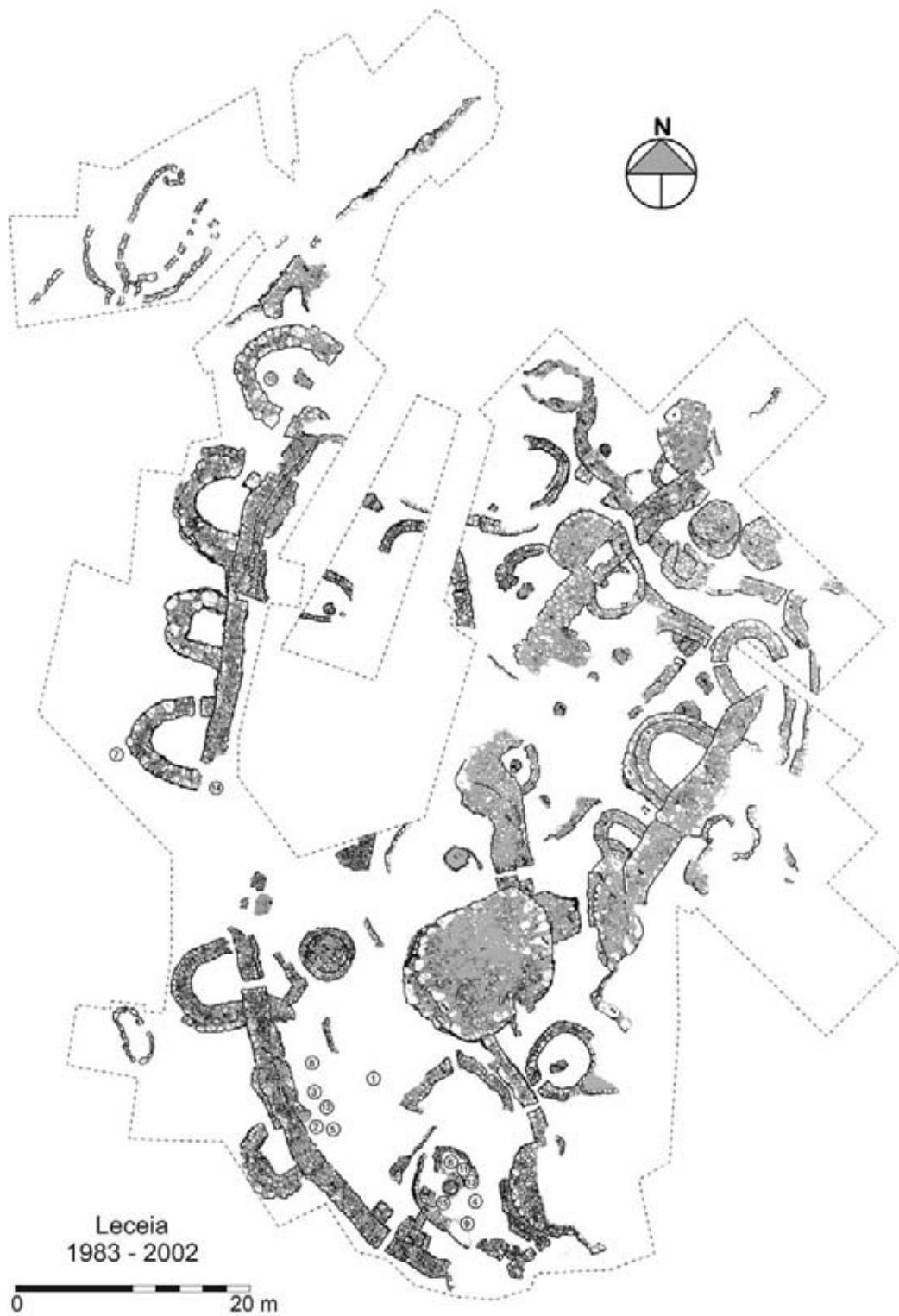


Fig. 201 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 202.

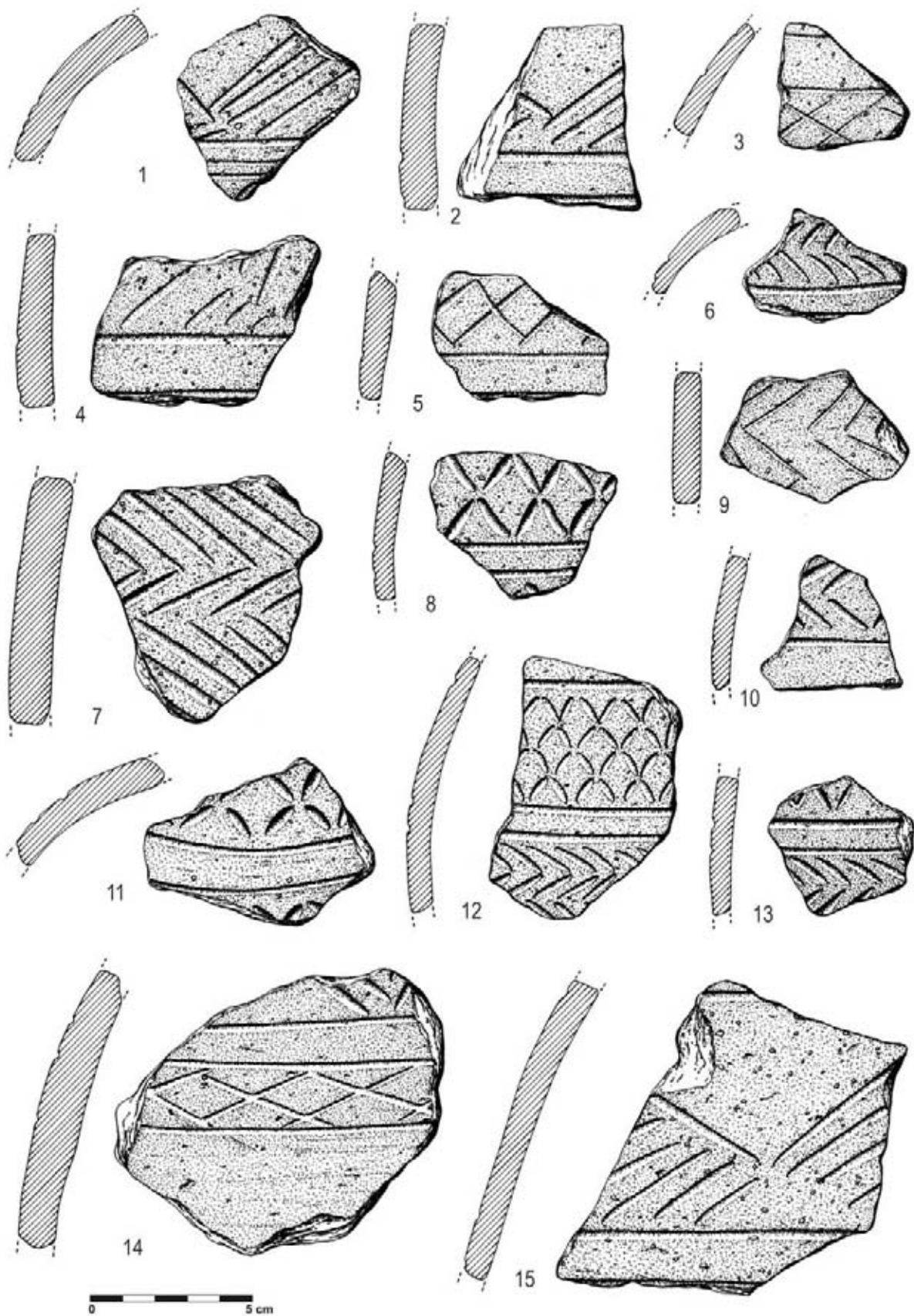


Fig. 202 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

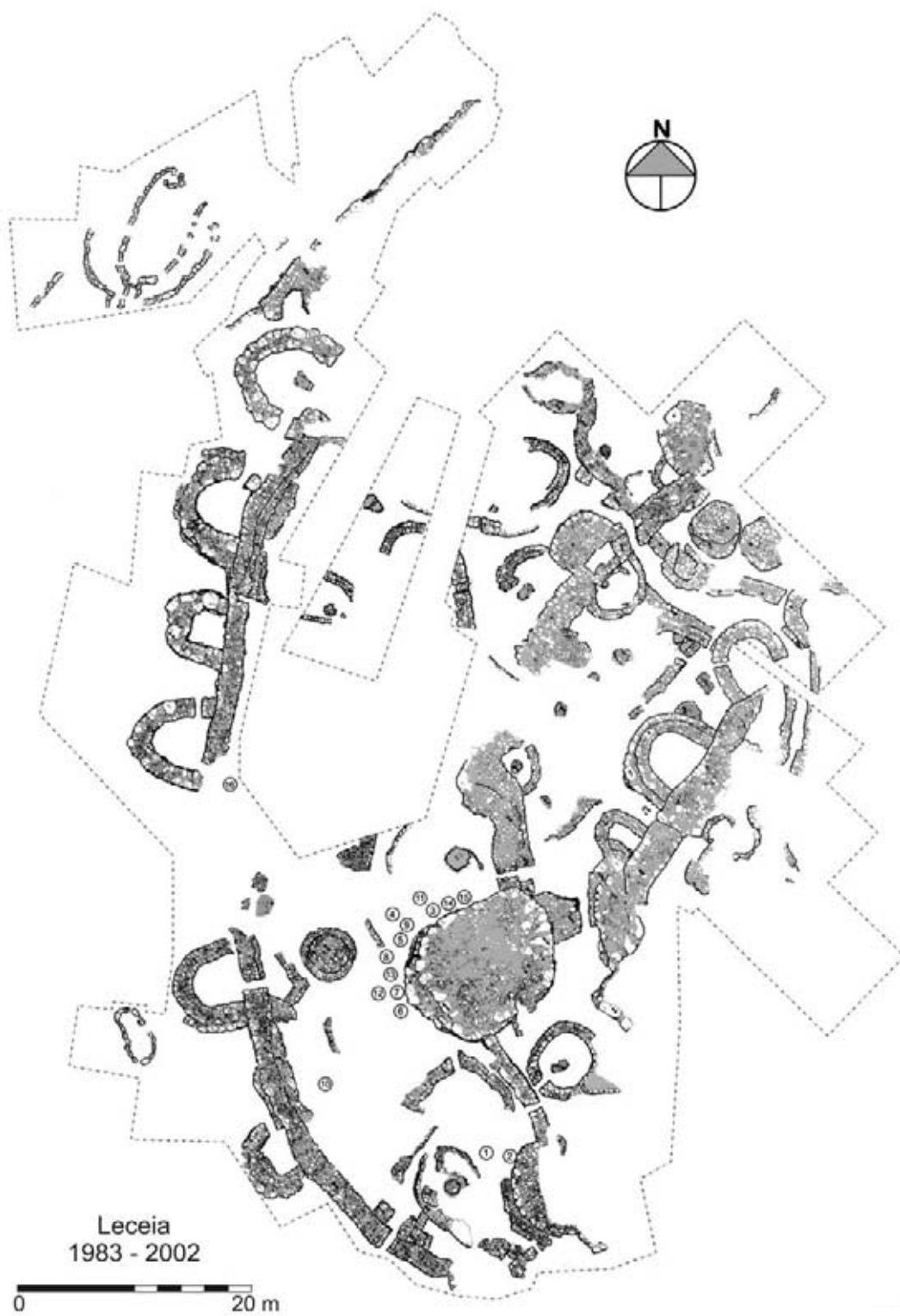


Fig. 203 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 204.

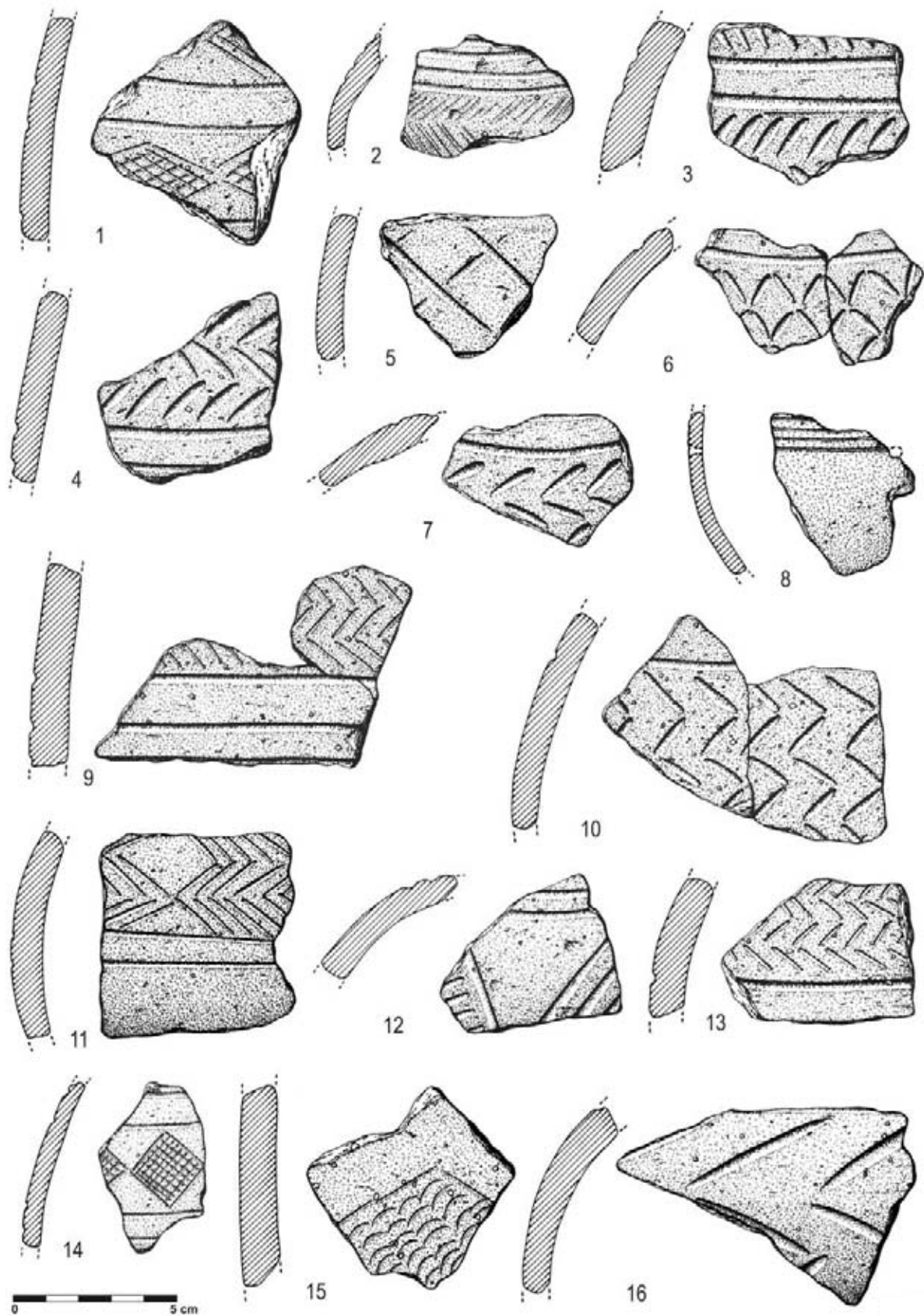


Fig. 204 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

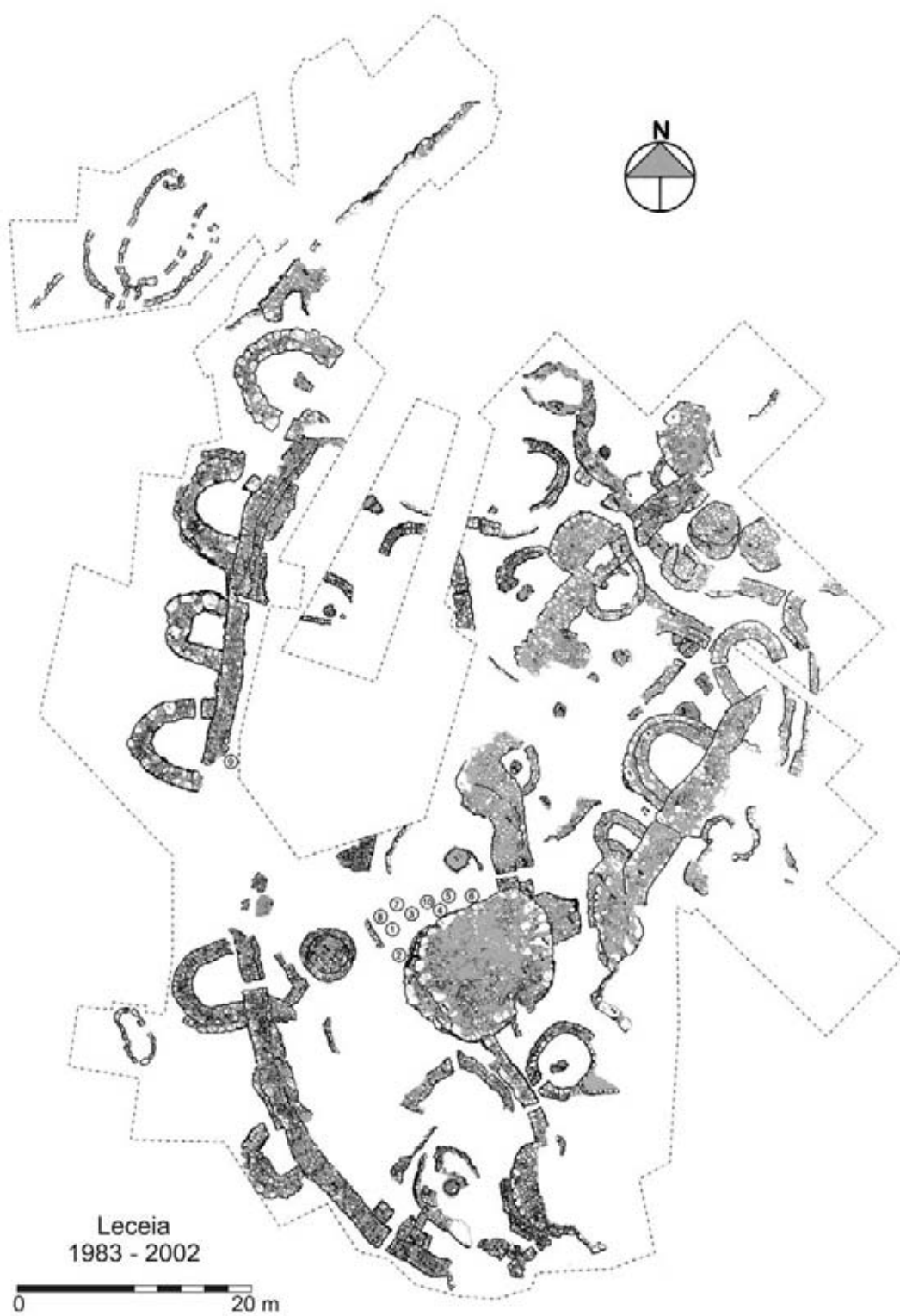


Fig. 205 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 206.

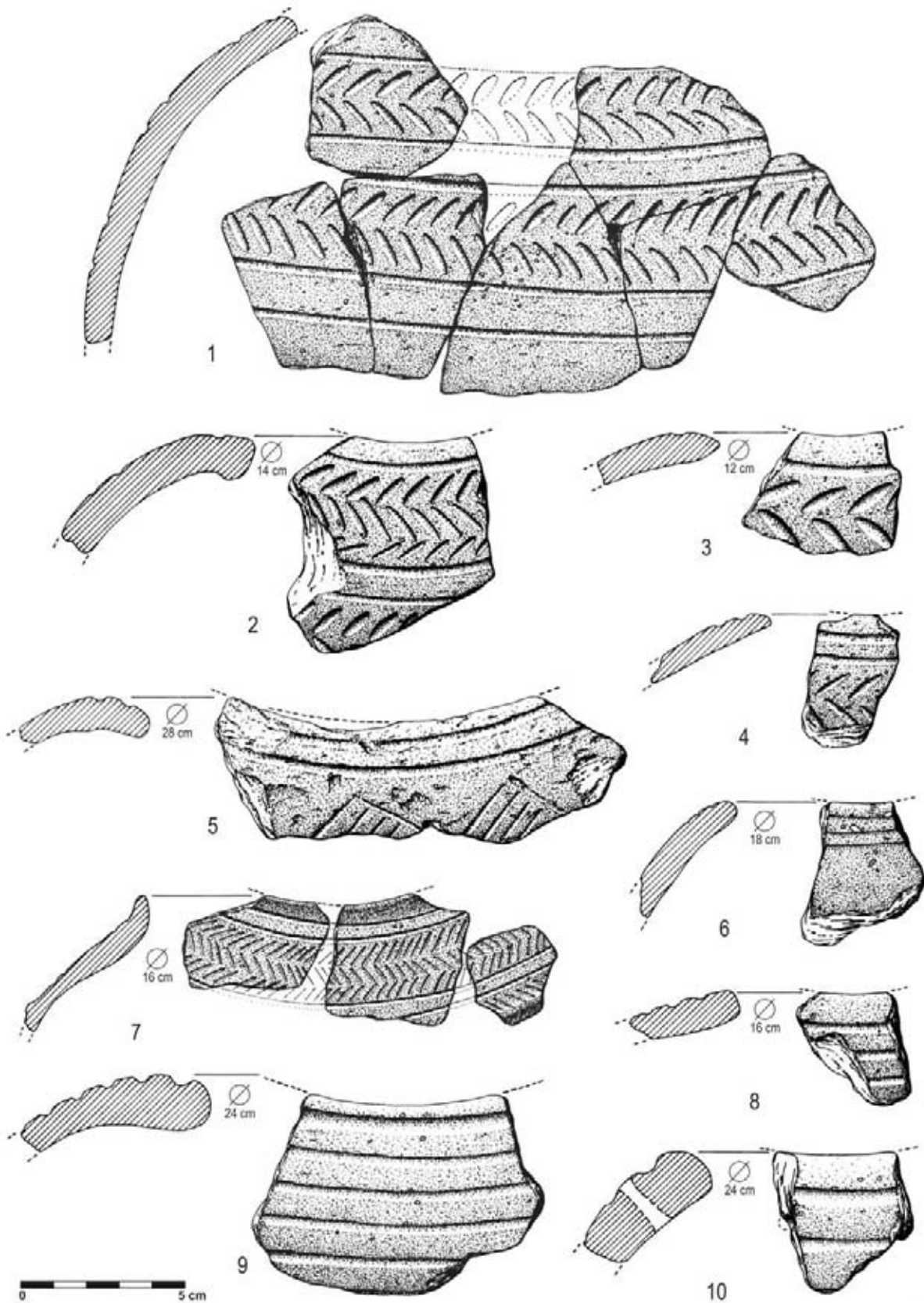


Fig. 206 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

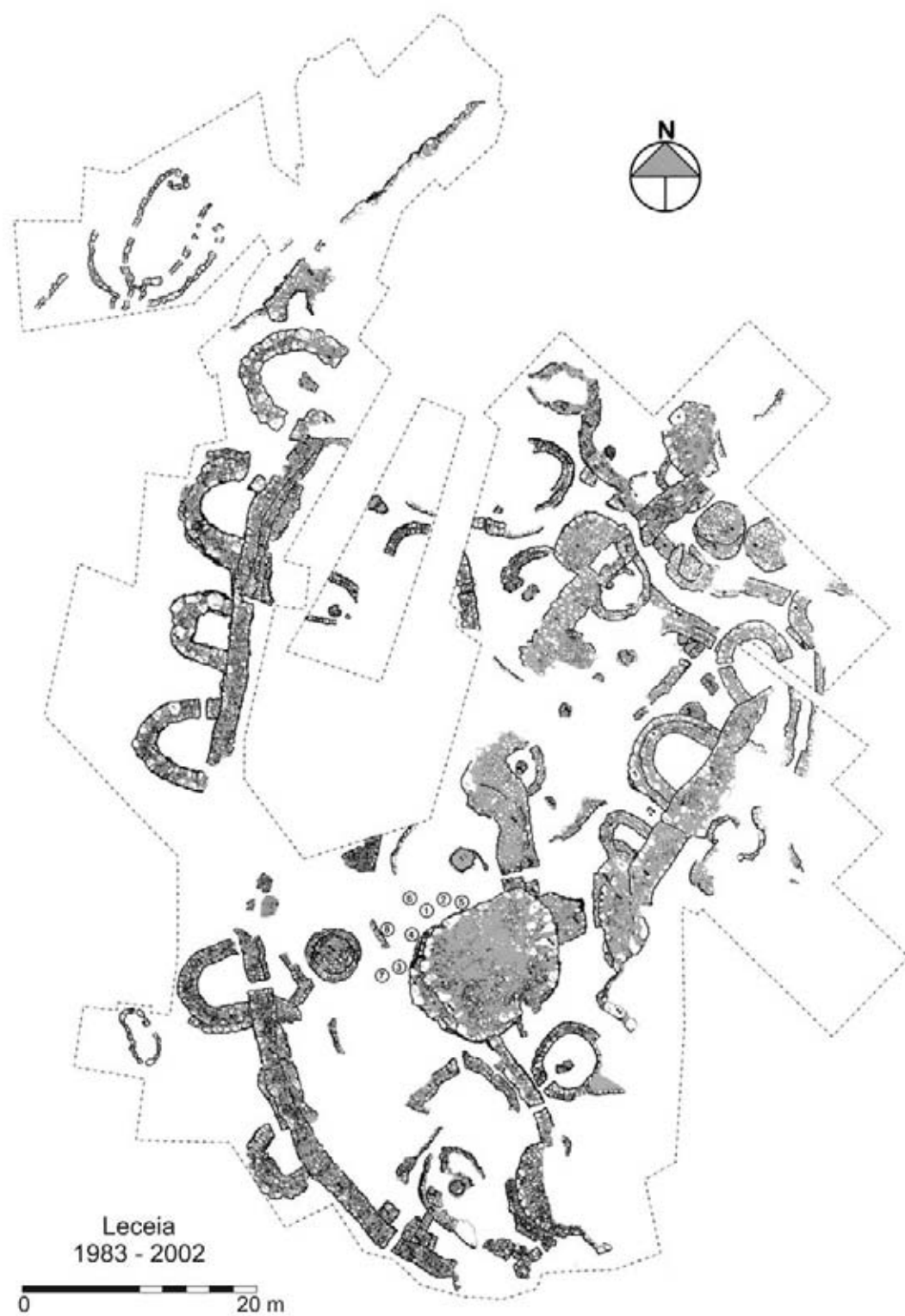


Fig. 207 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 208.

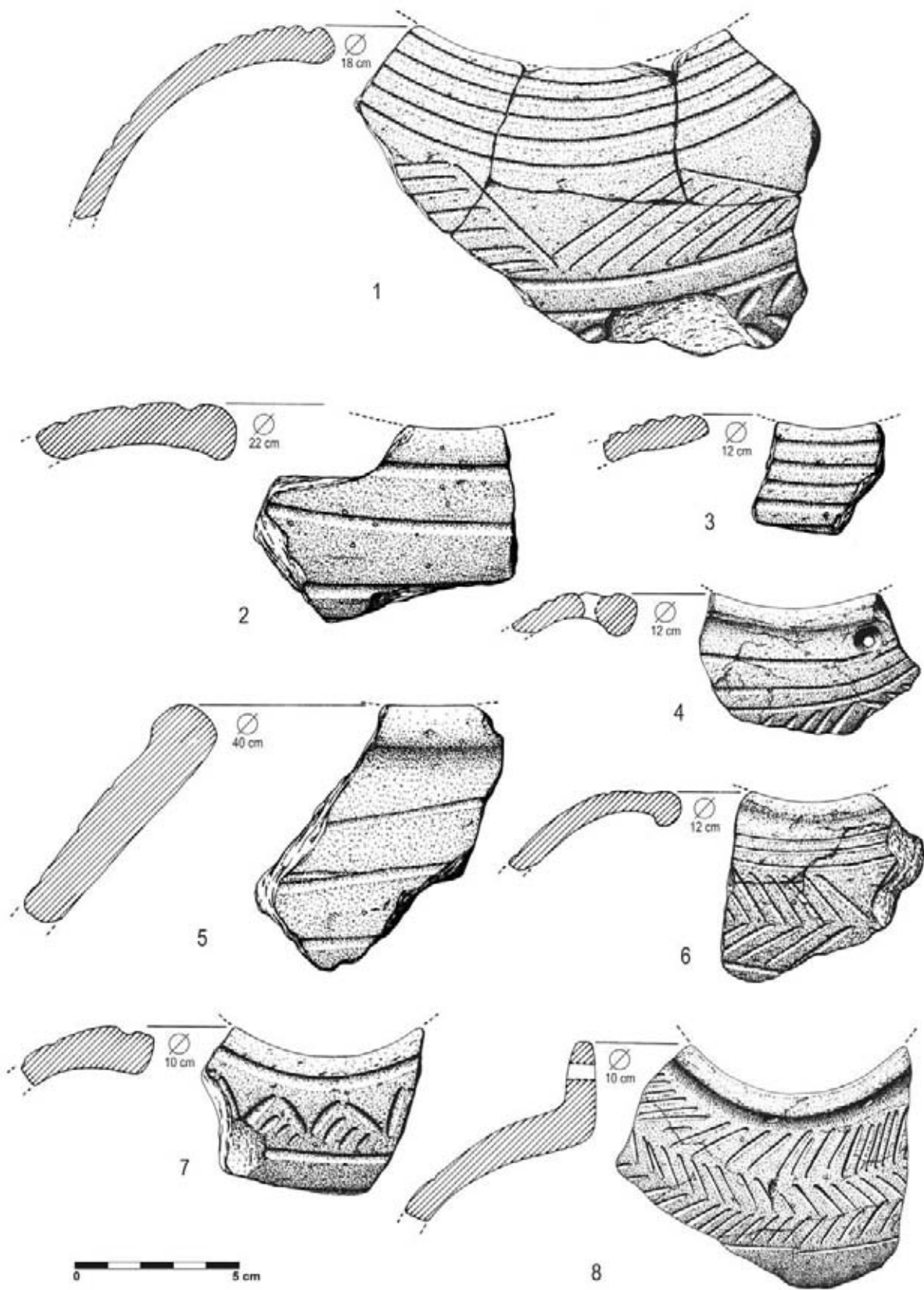


Fig. 208 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

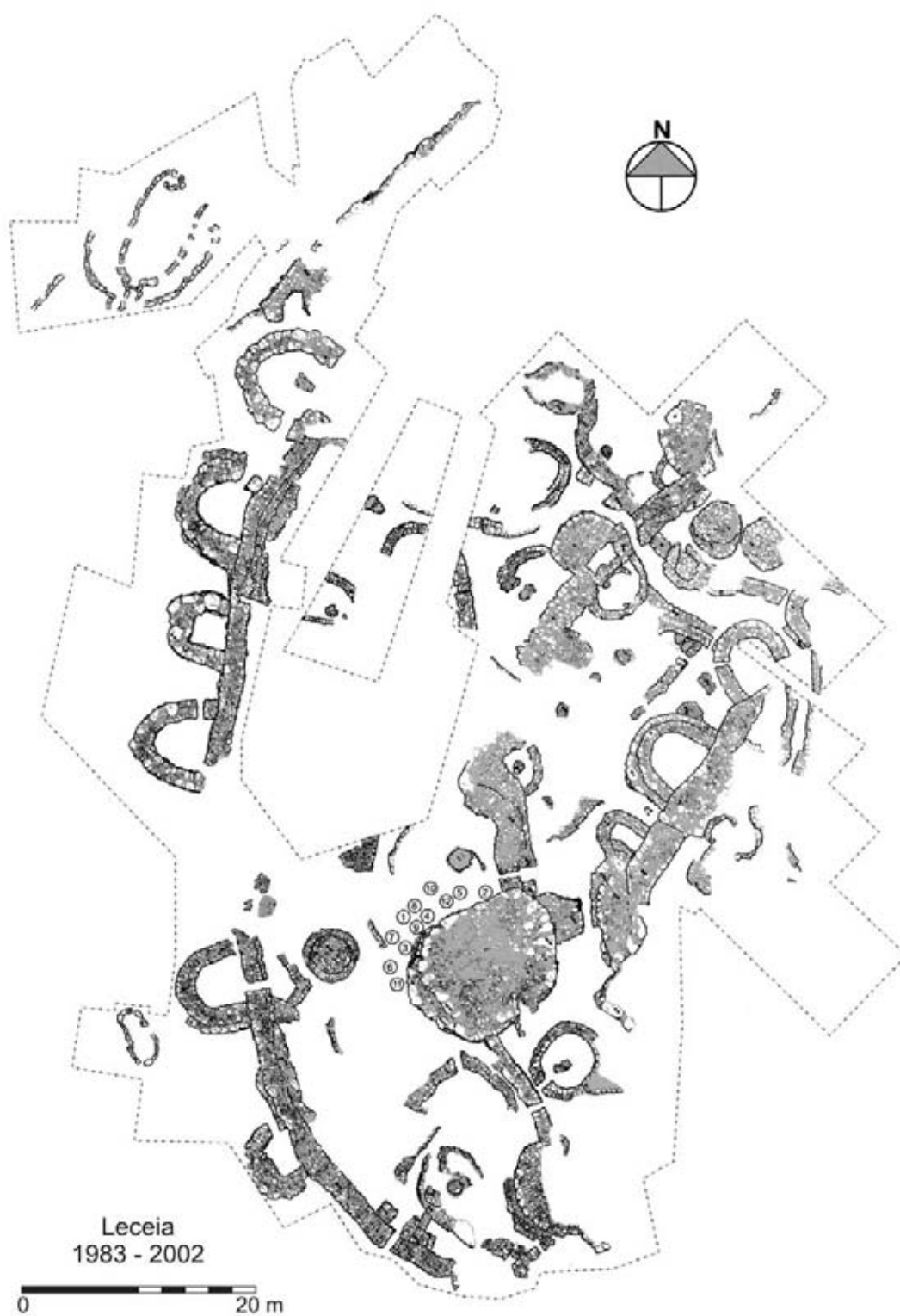


Fig. 209 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 210.

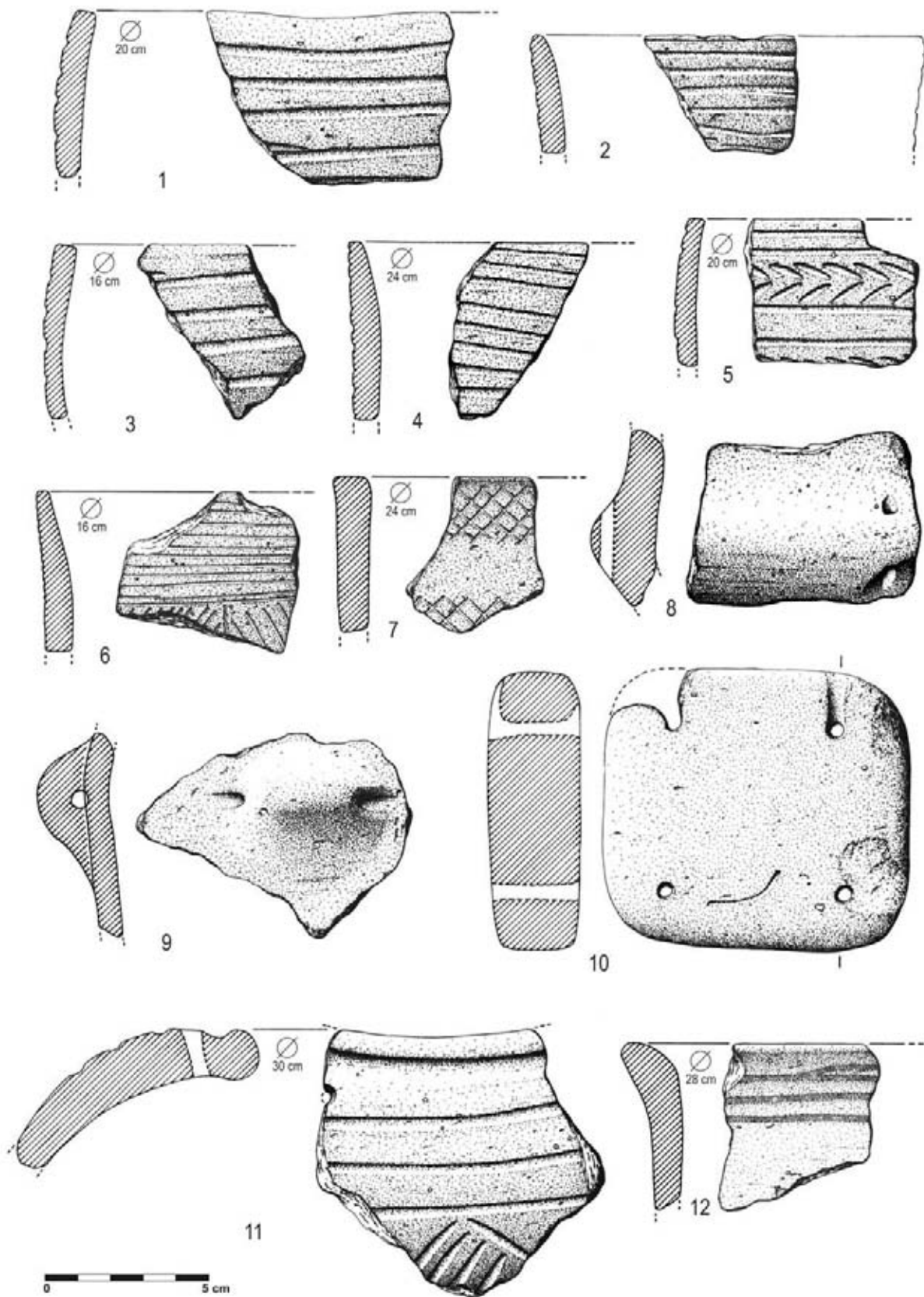


Fig. 210 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

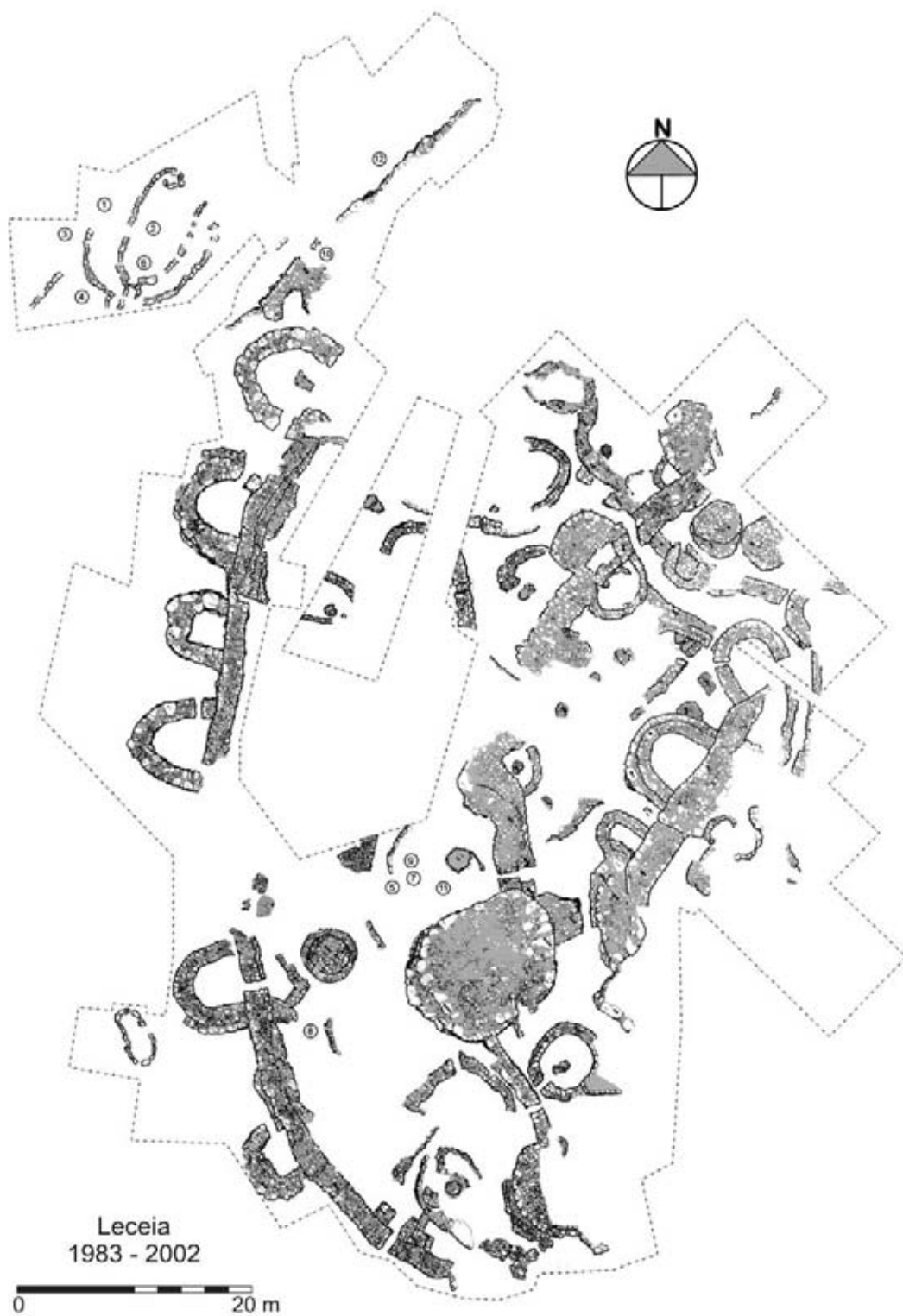


Fig. 211 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 212.

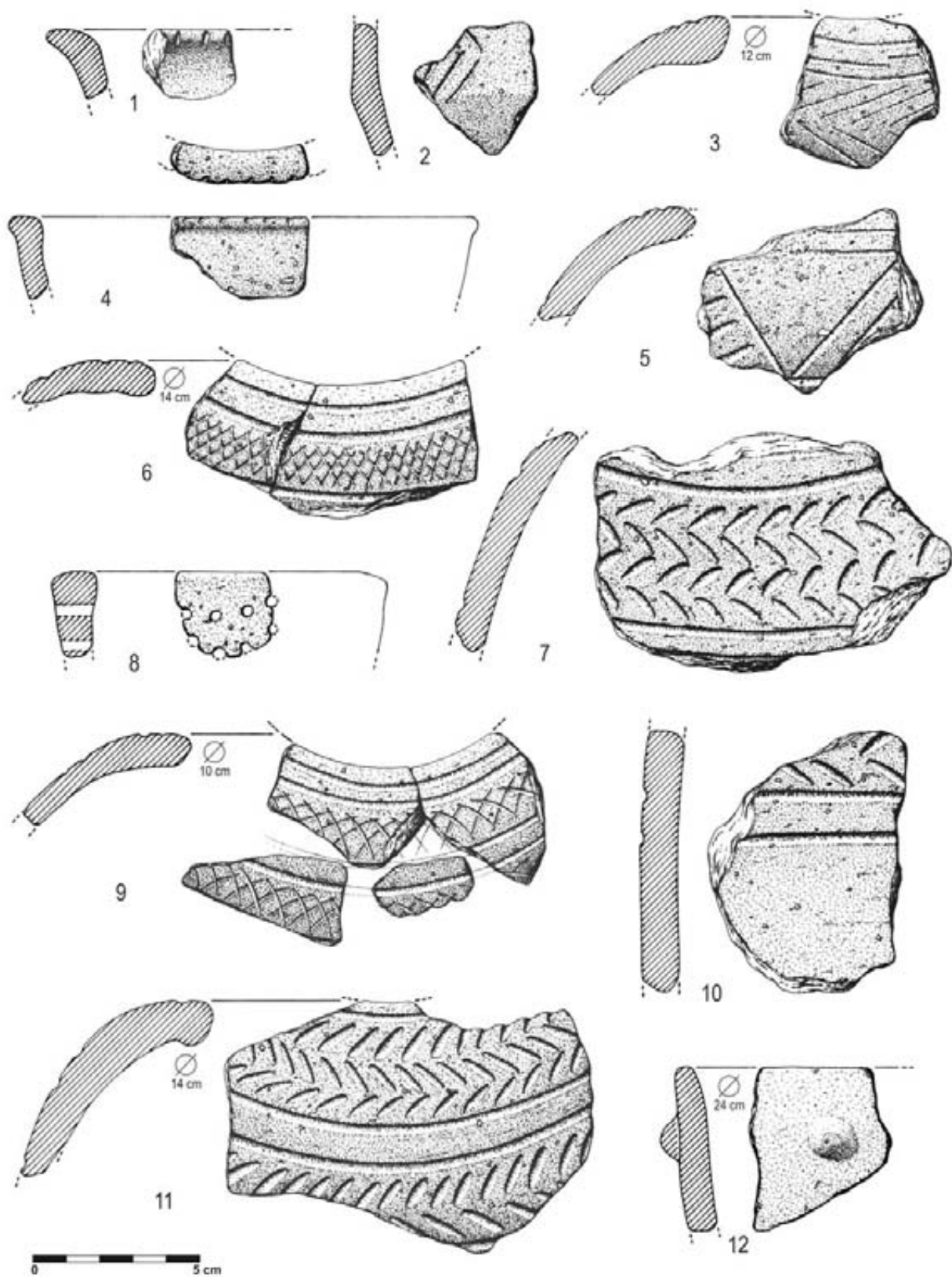


Fig. 212 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

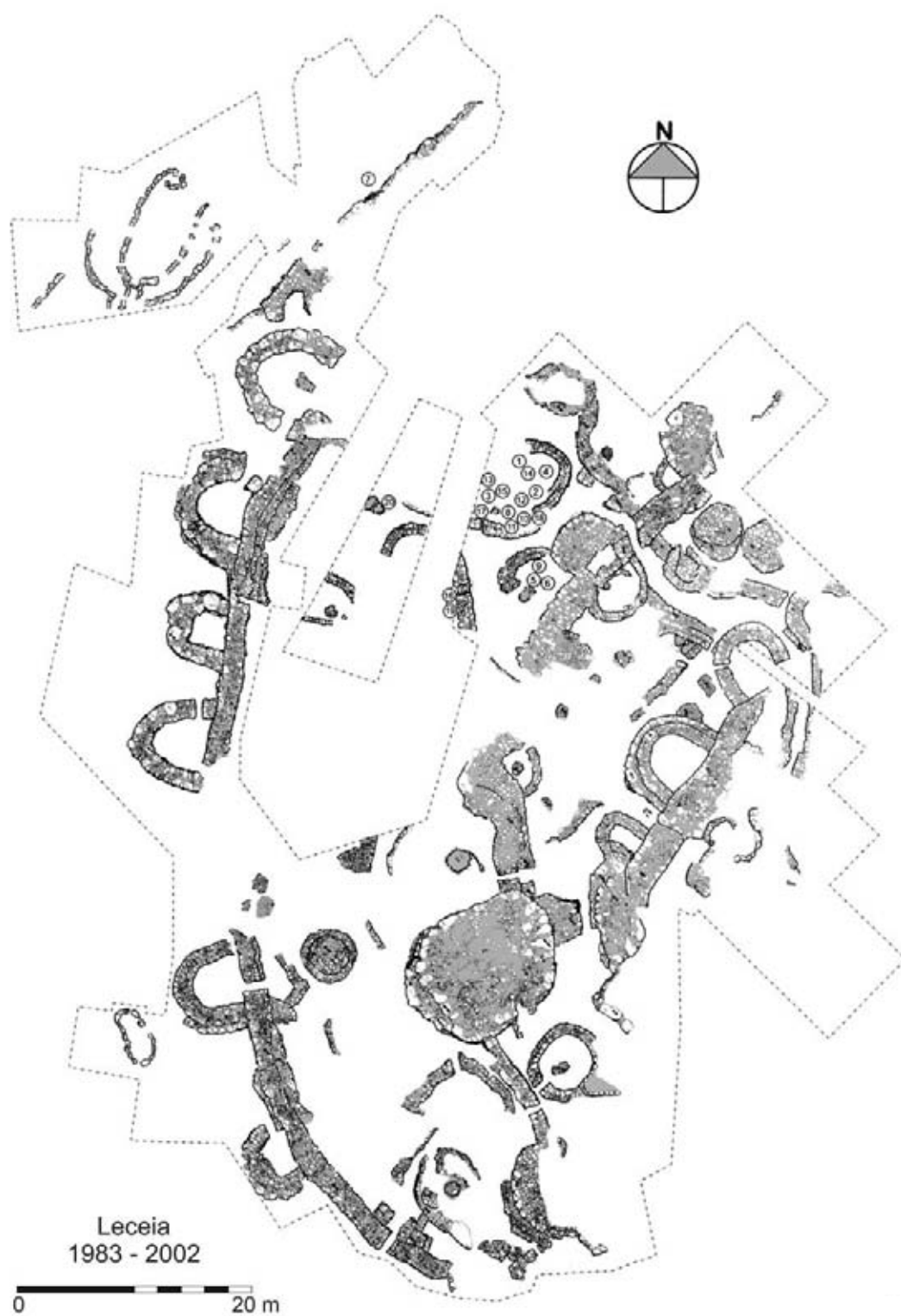


Fig. 213 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 214.

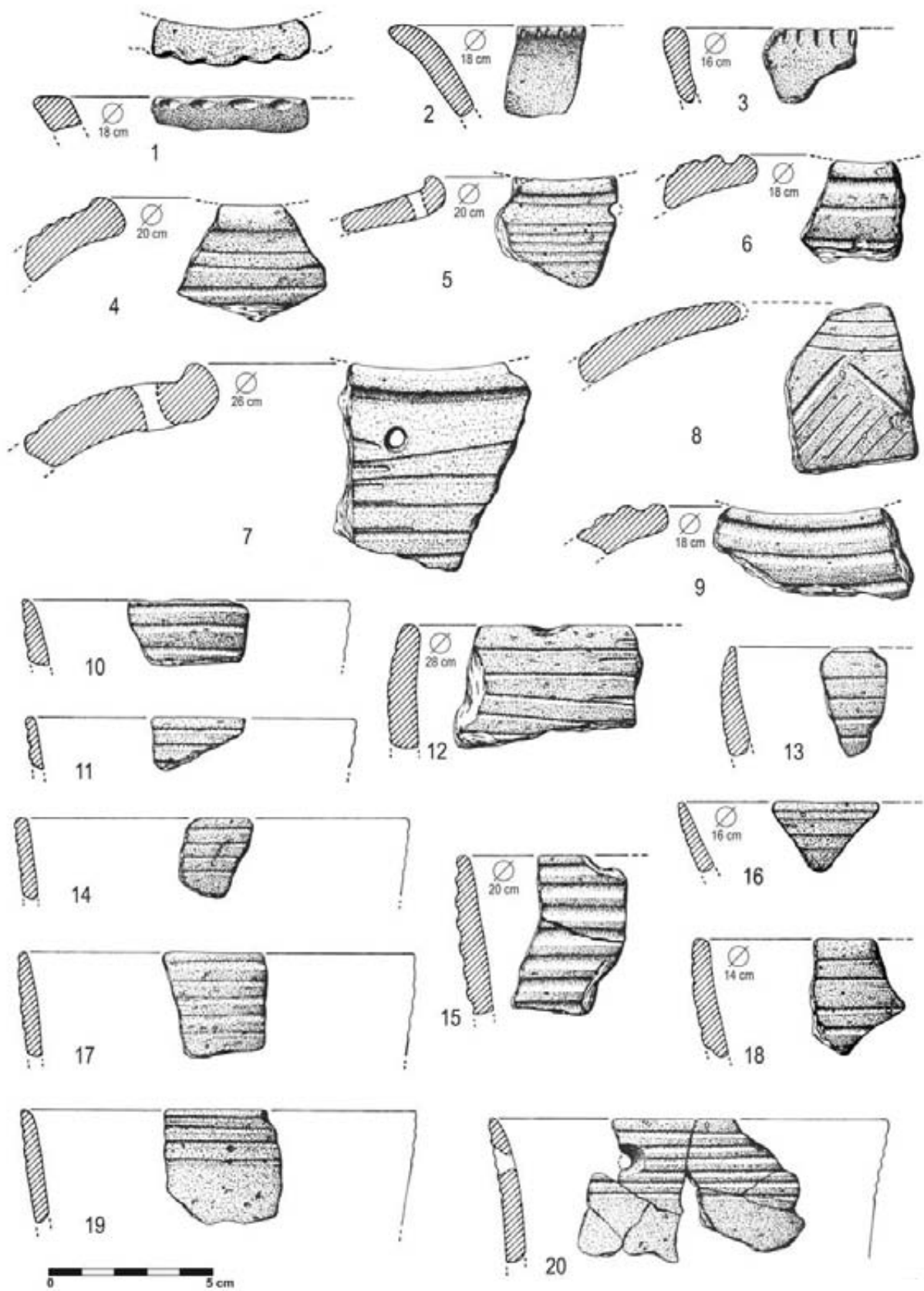


Fig. 214 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

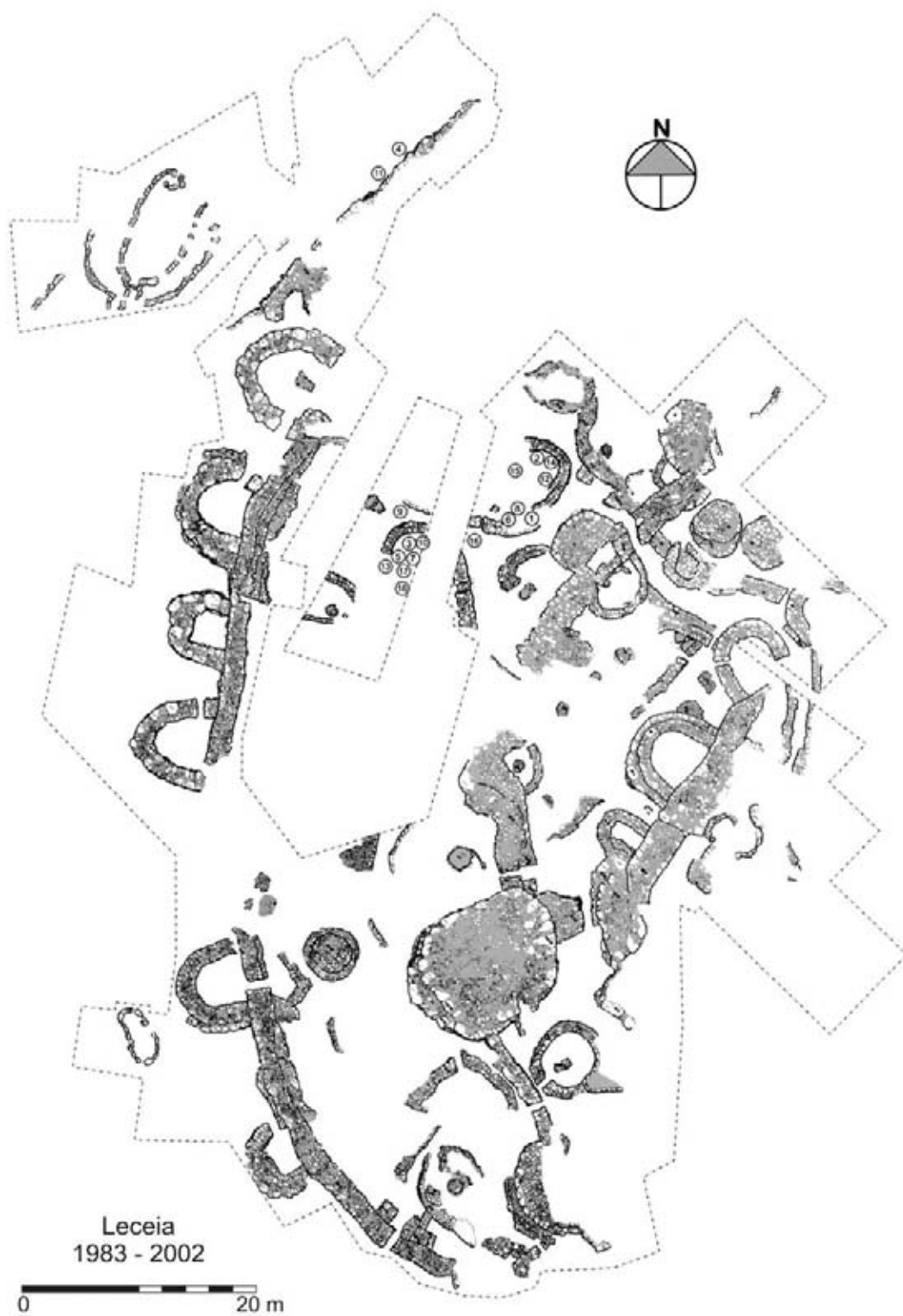


Fig. 215 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 216.

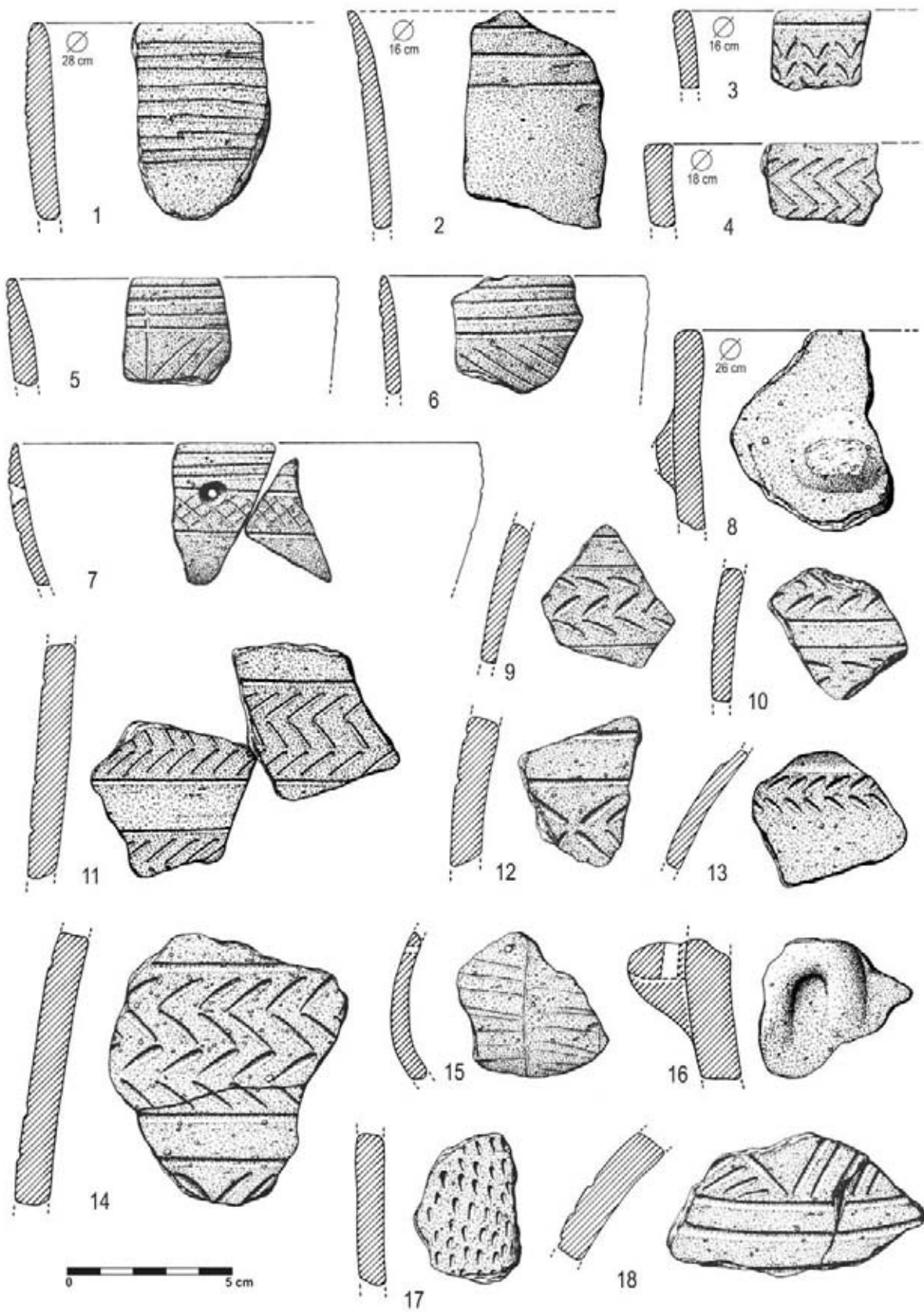


Fig. 216 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

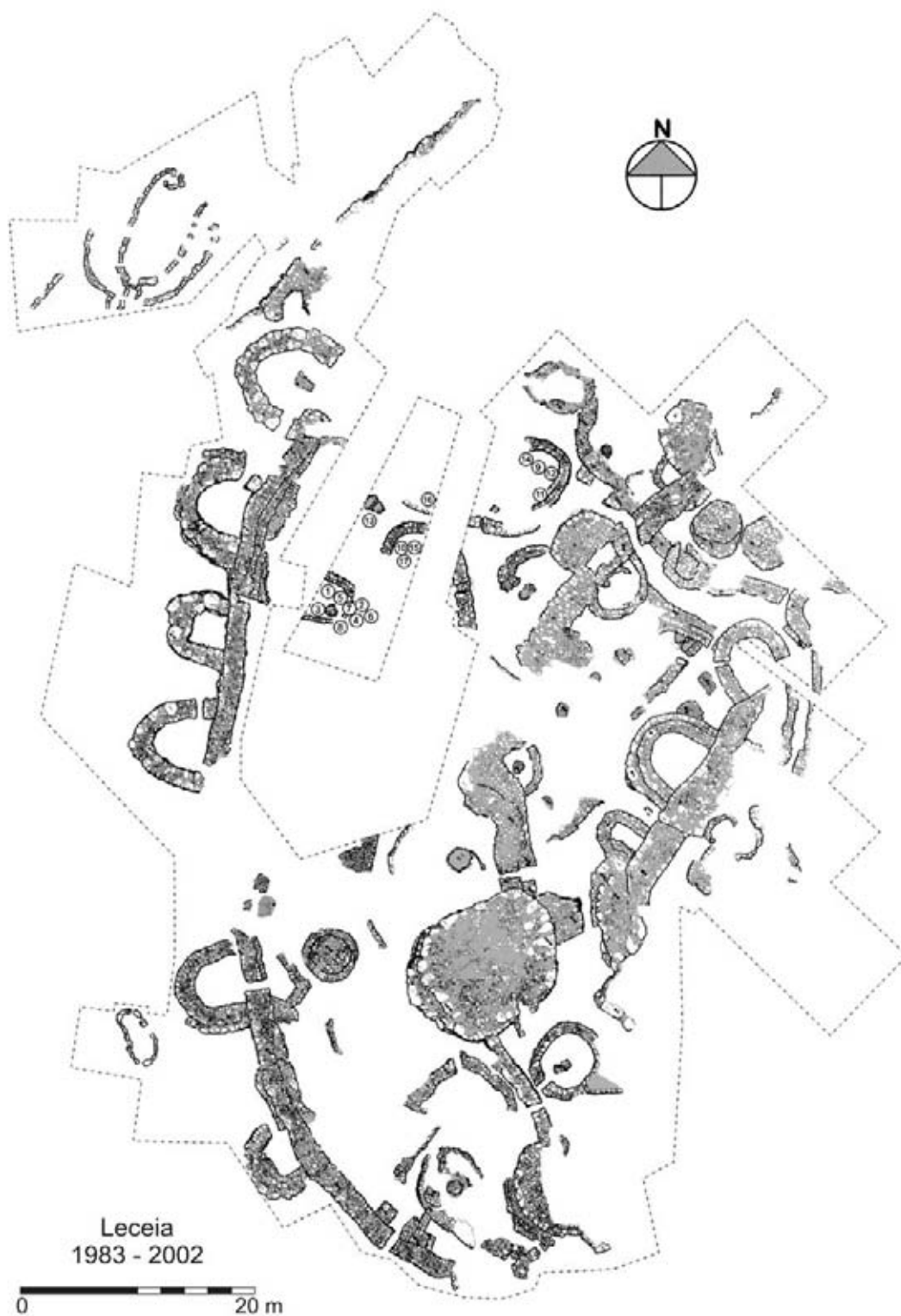


Fig. 217 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 218.

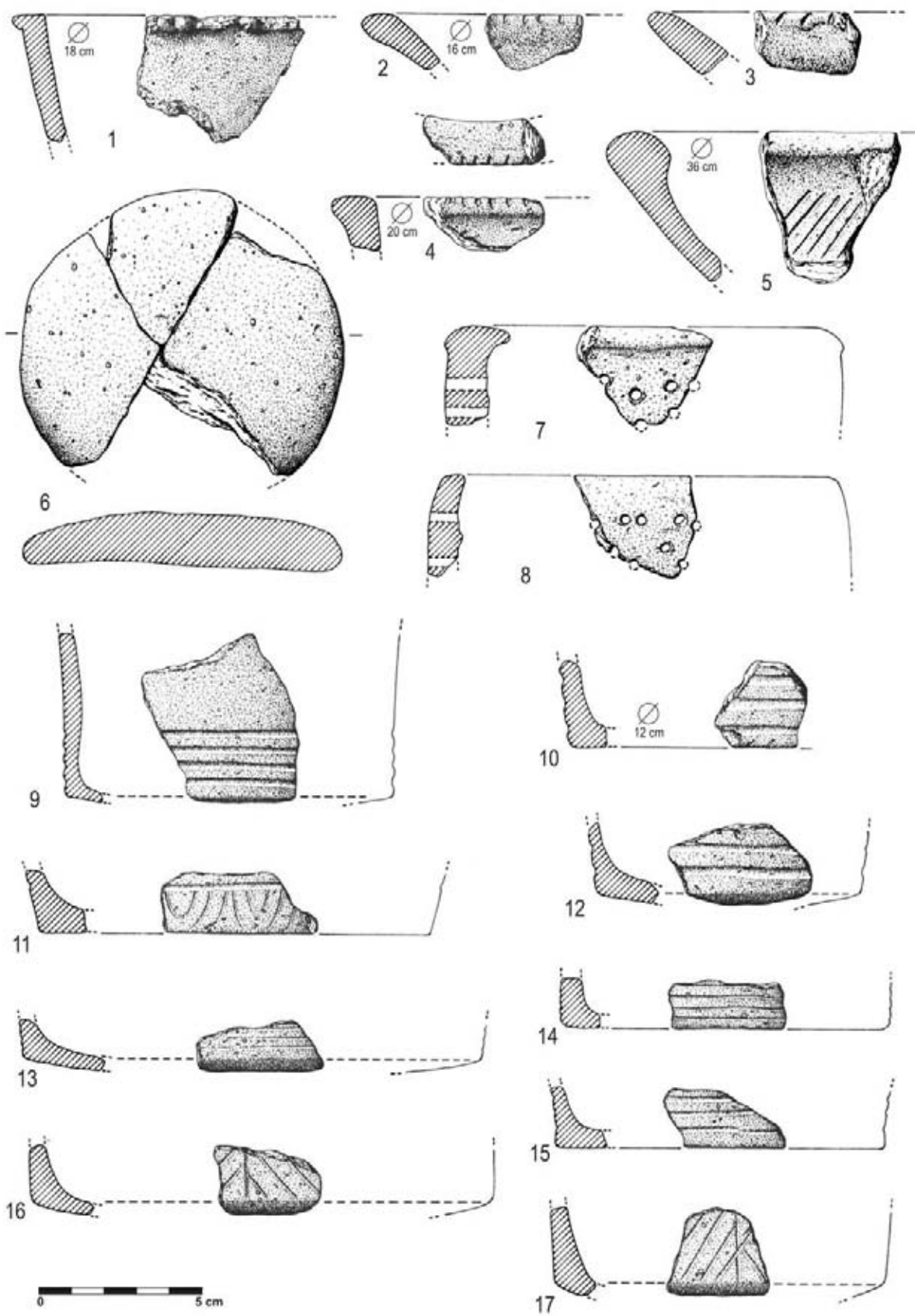


Fig. 218 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

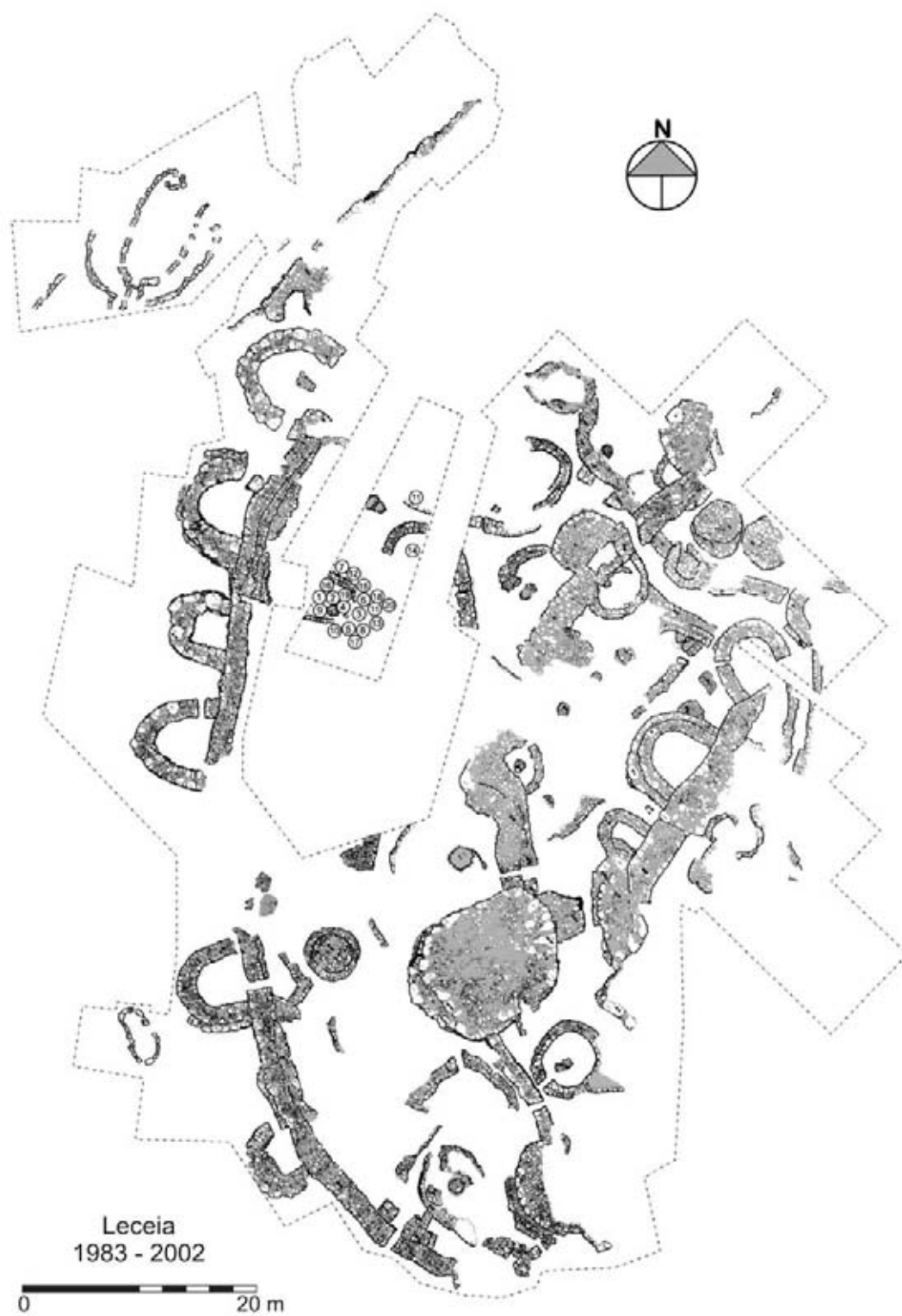


Fig. 219 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 220.

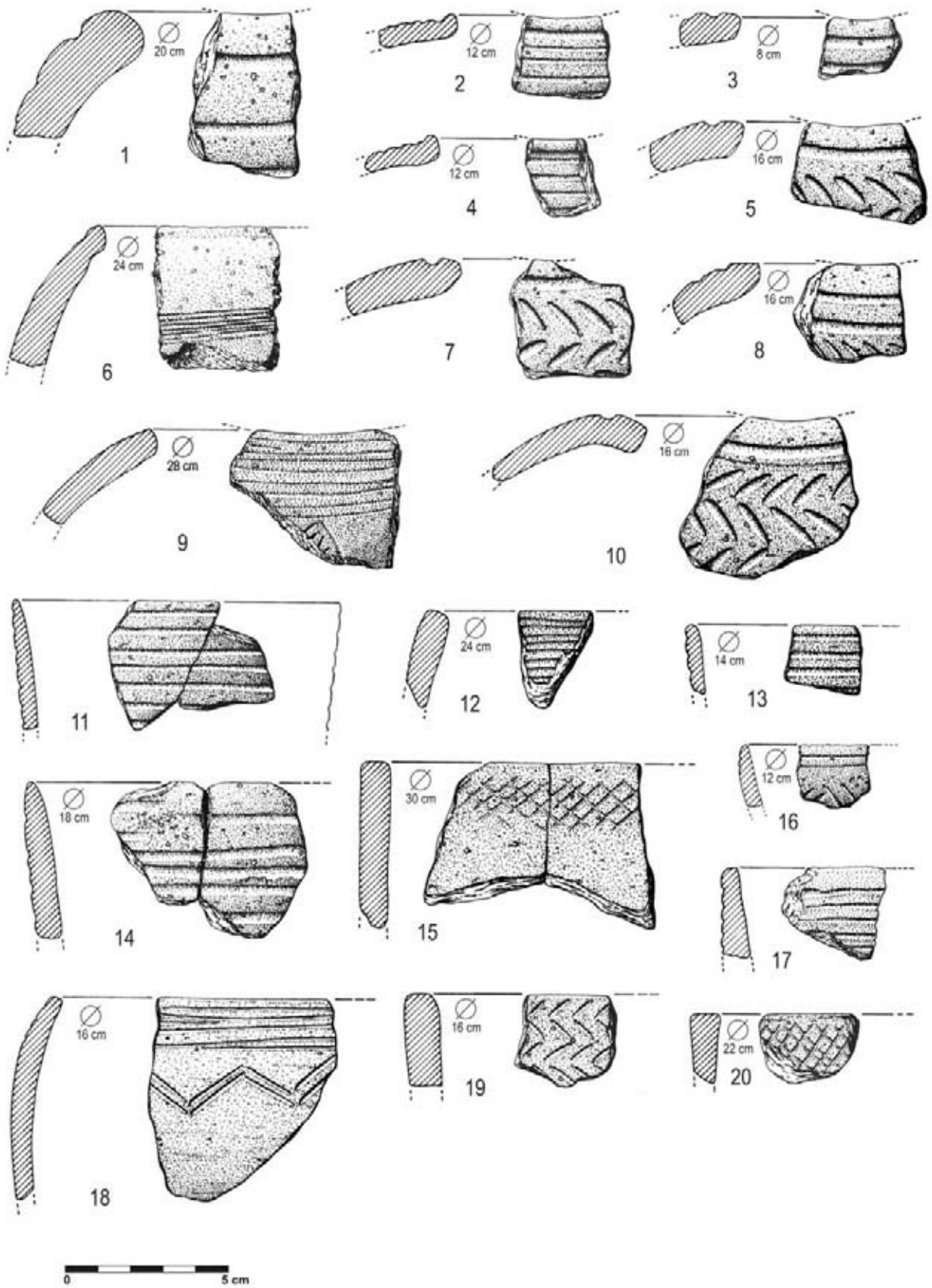


Fig. 220 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

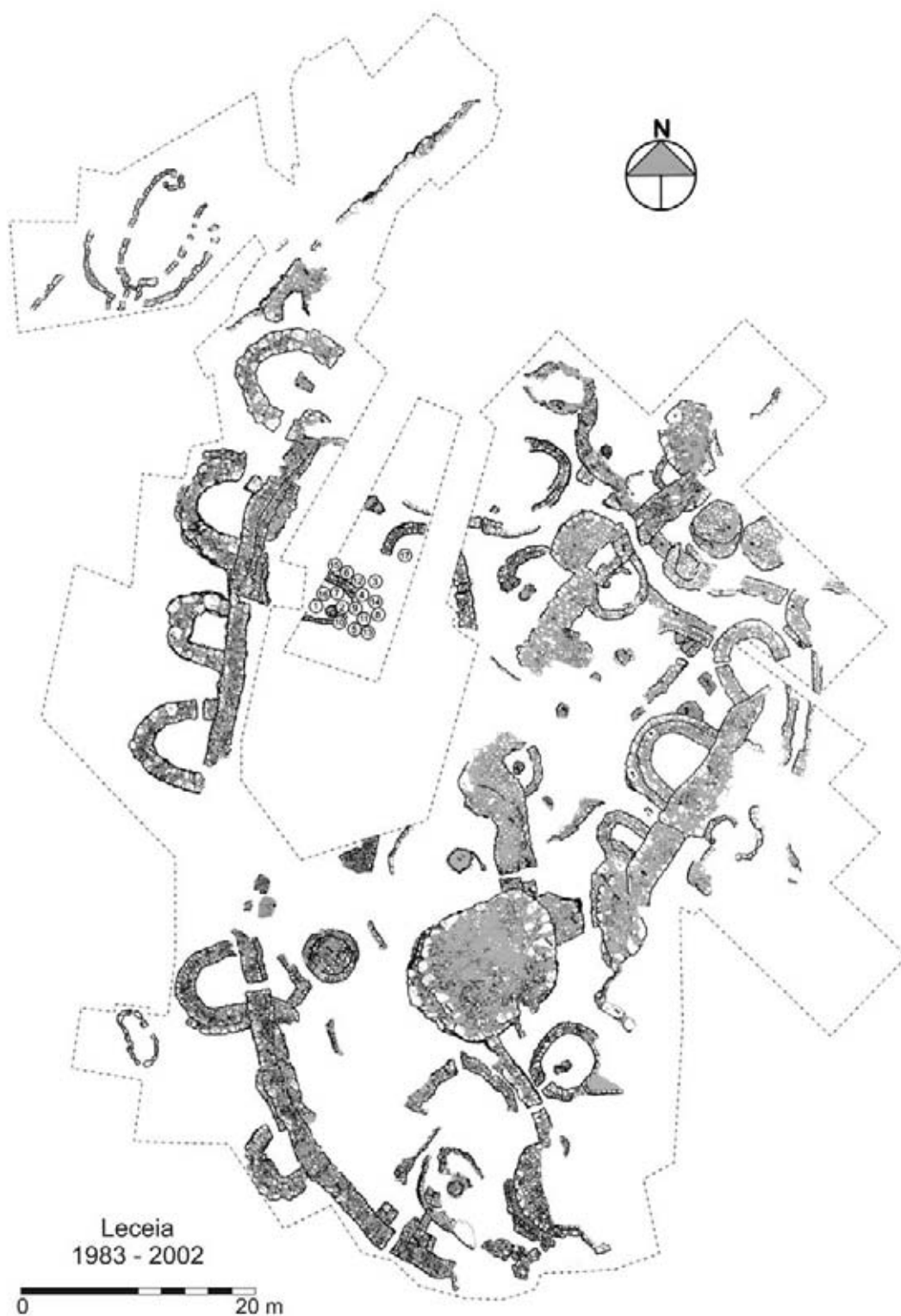


Fig. 221 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 222.

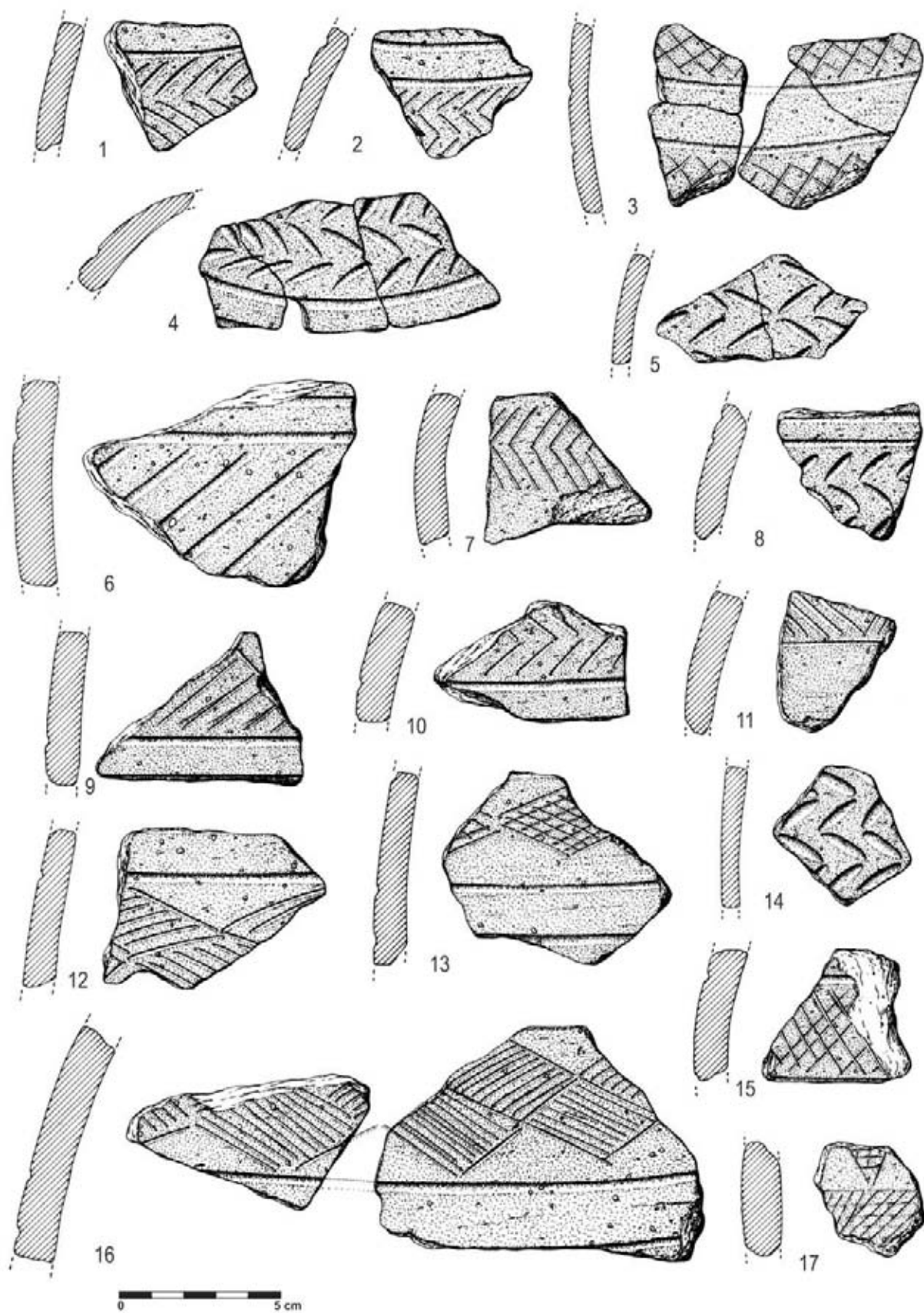


Fig. 222 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

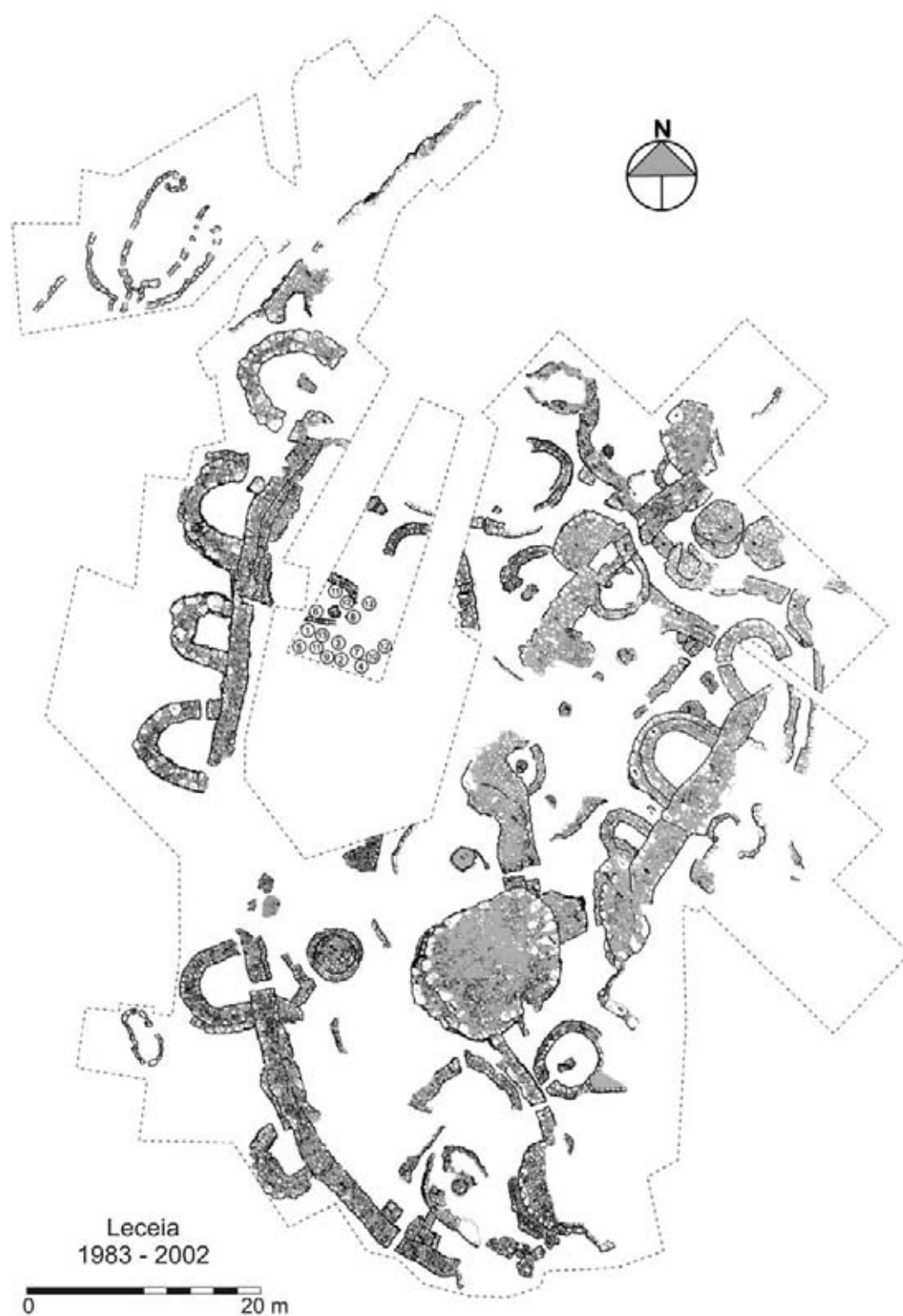


Fig. 223 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 224.

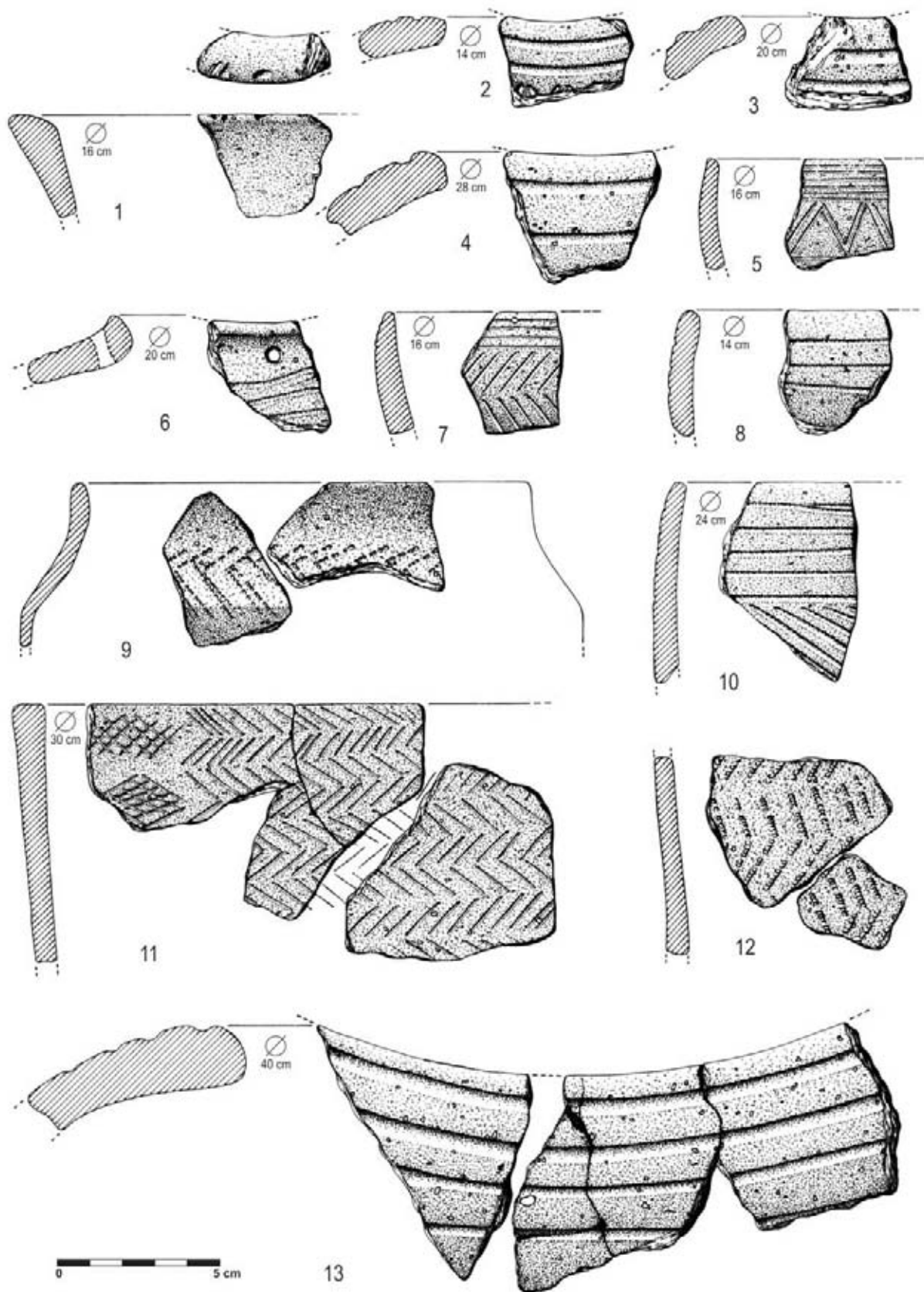


Fig. 224 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

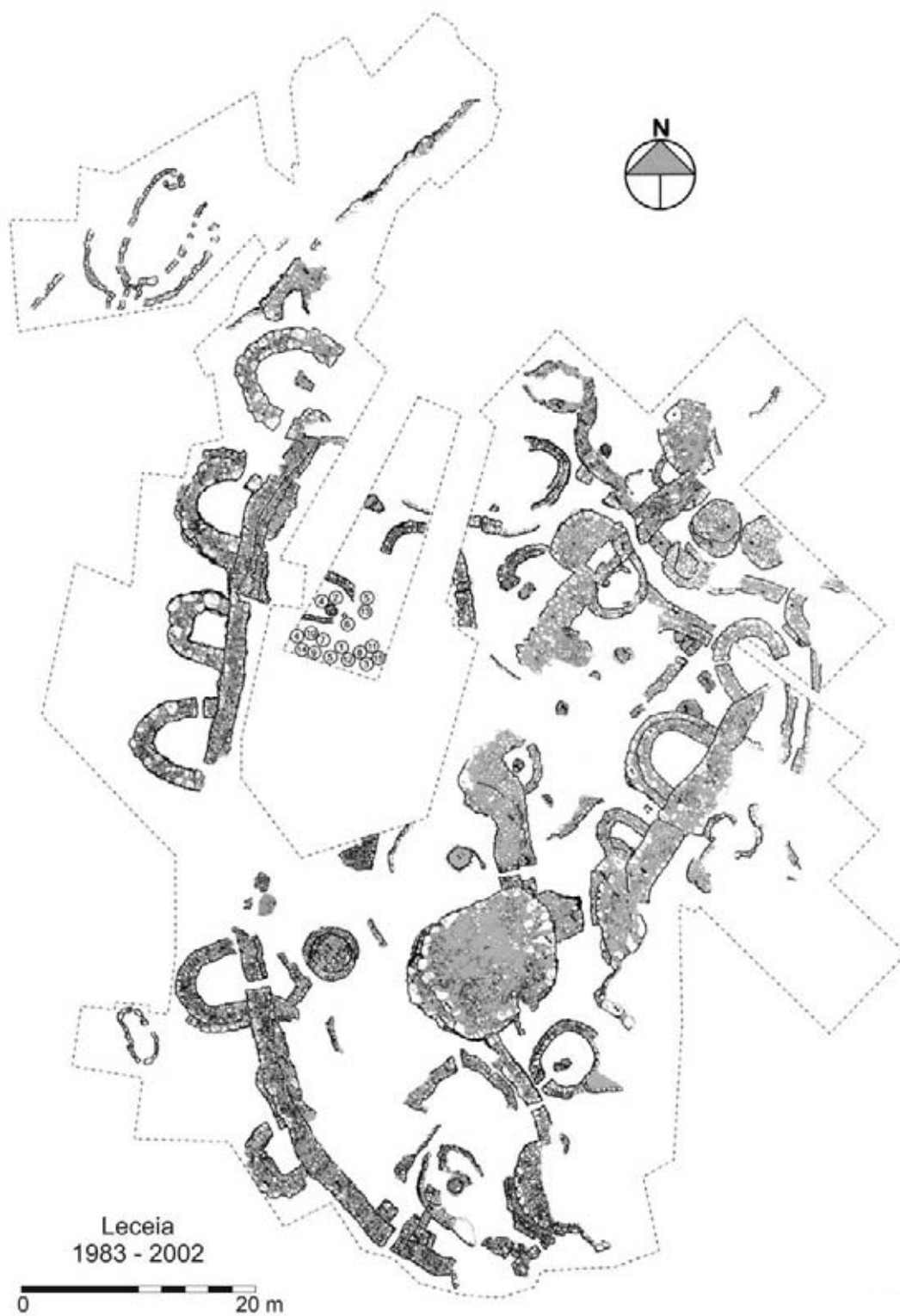


Fig. 225 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 226.

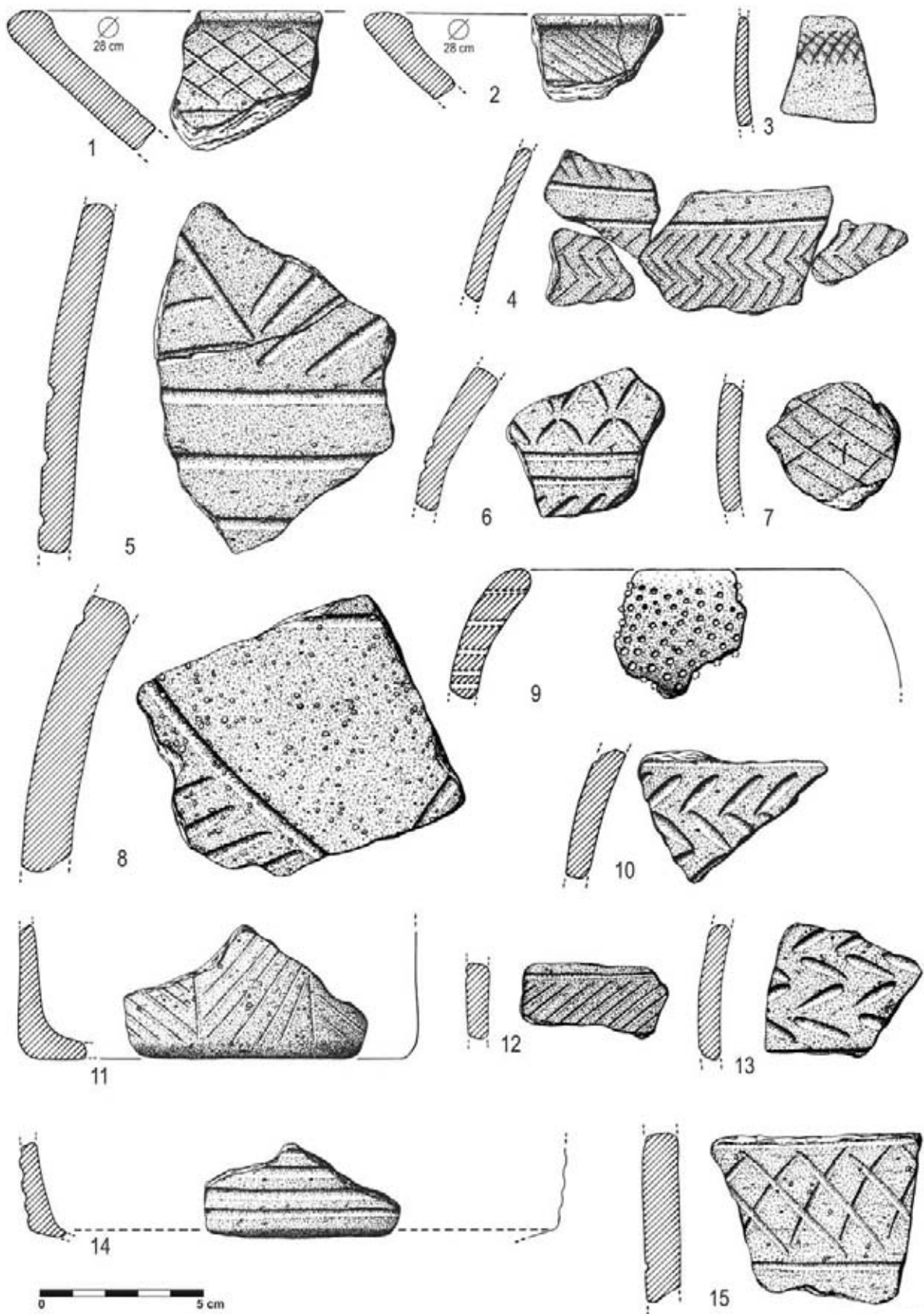


Fig. 226 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

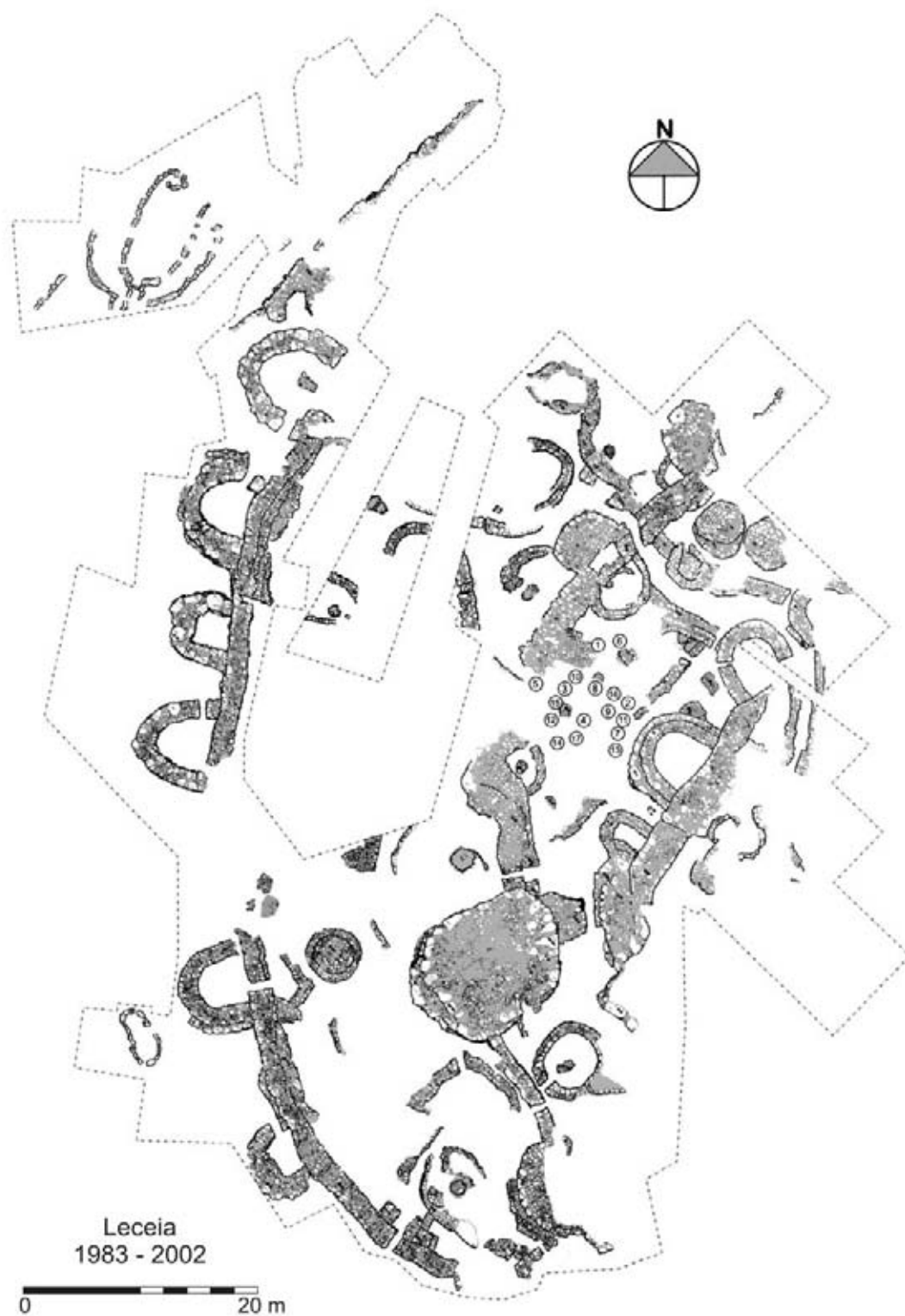


Fig. 227 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 228.

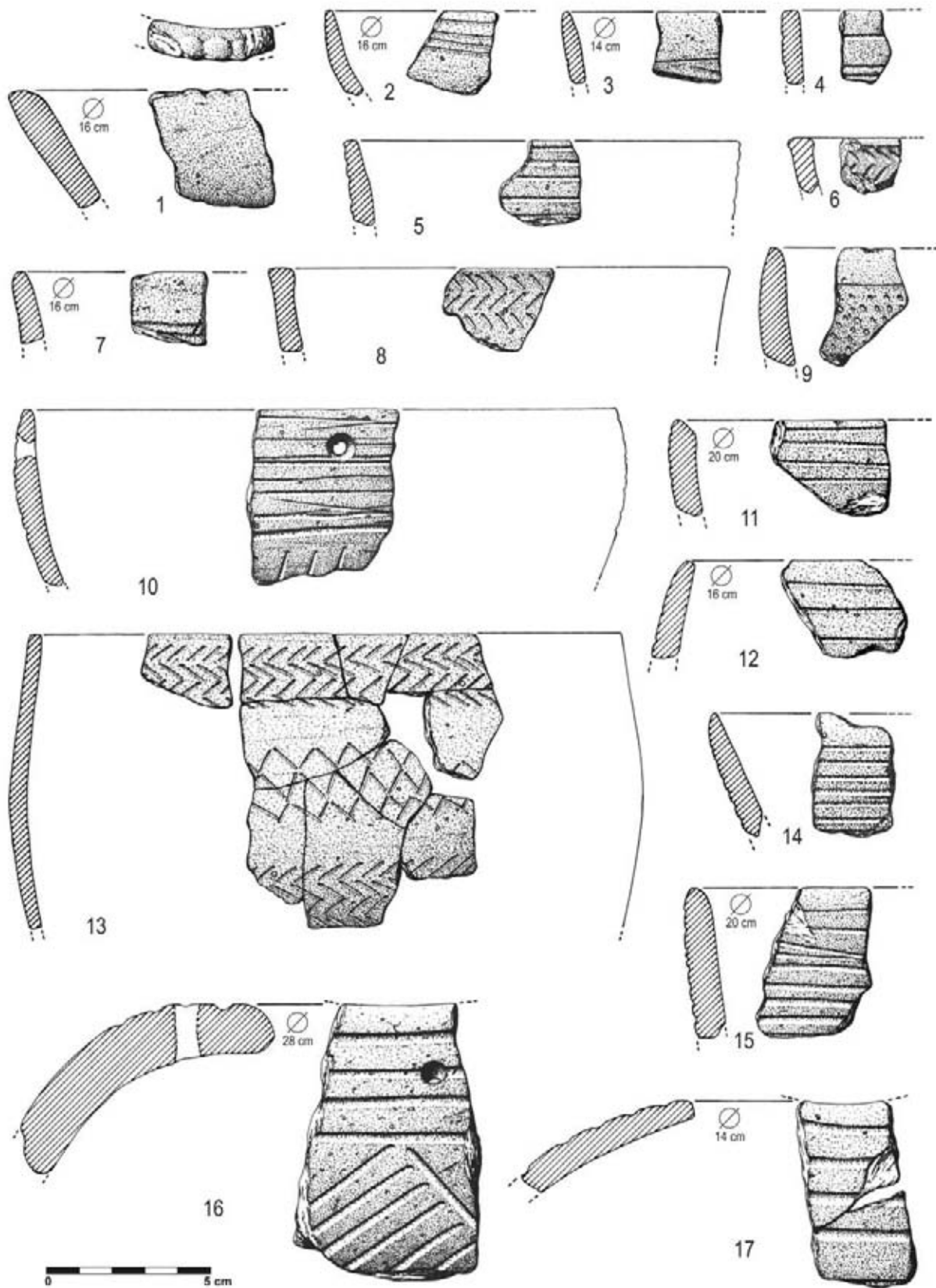


Fig. 228 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

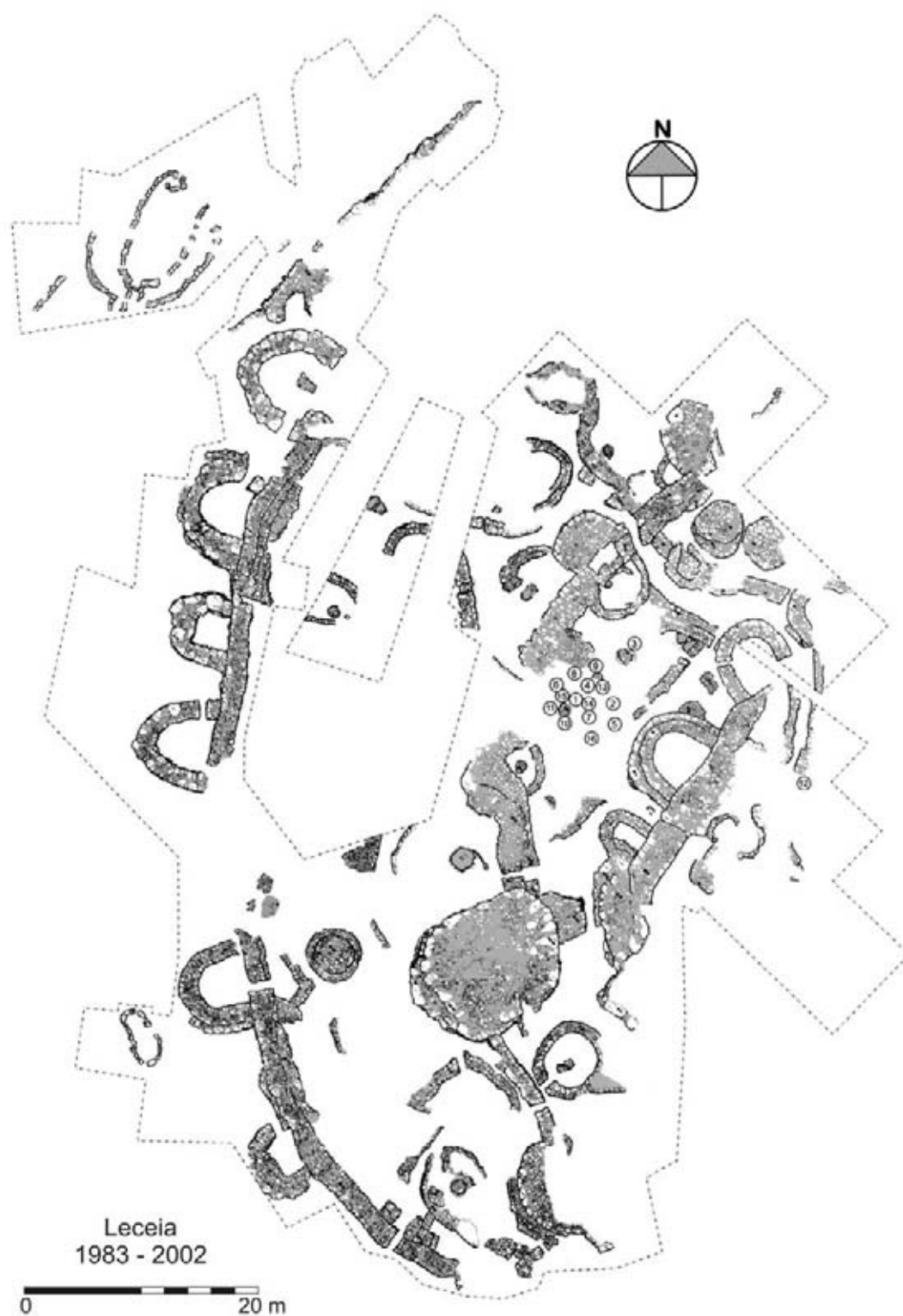


Fig. 229 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 230.

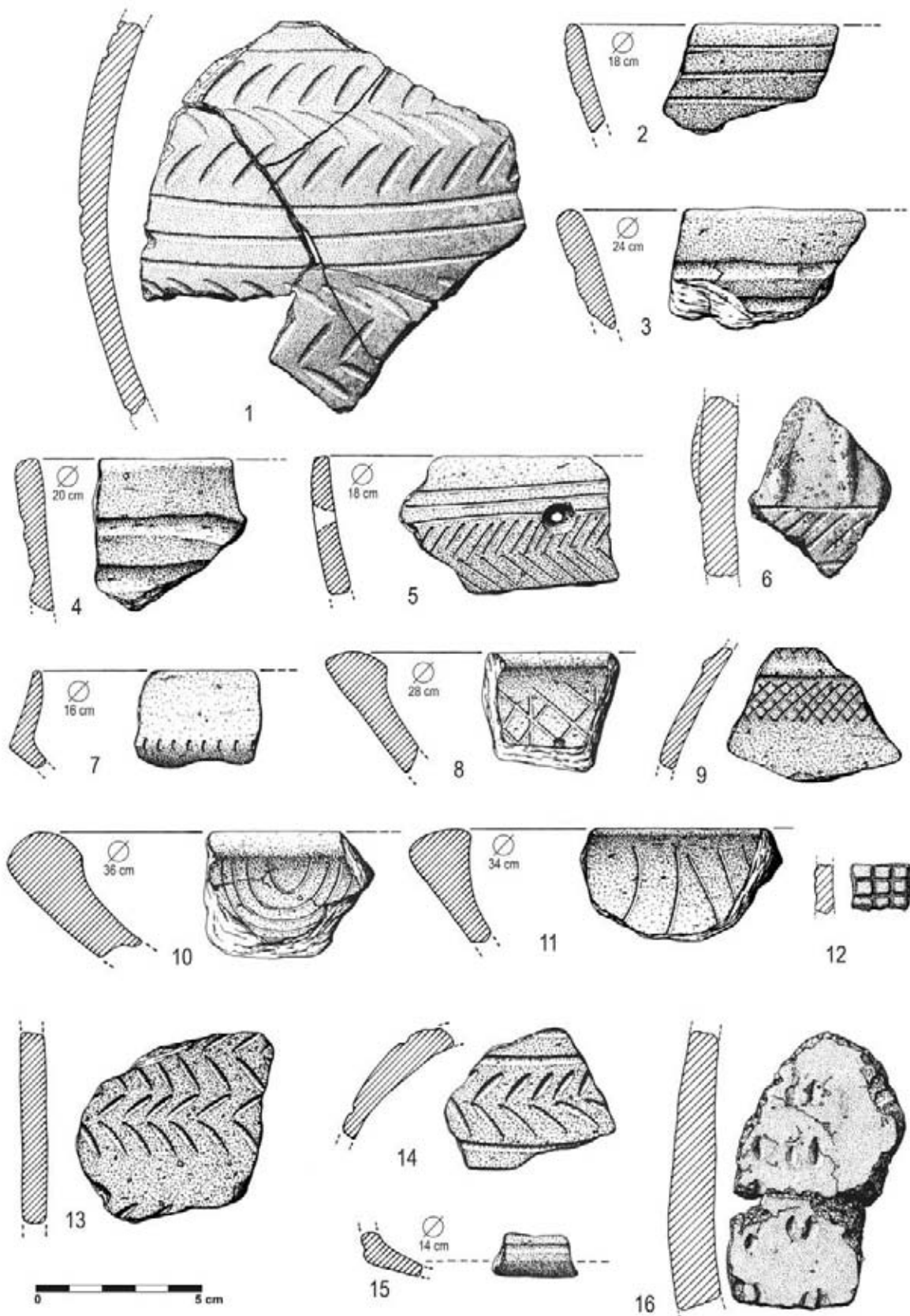


Fig. 230 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

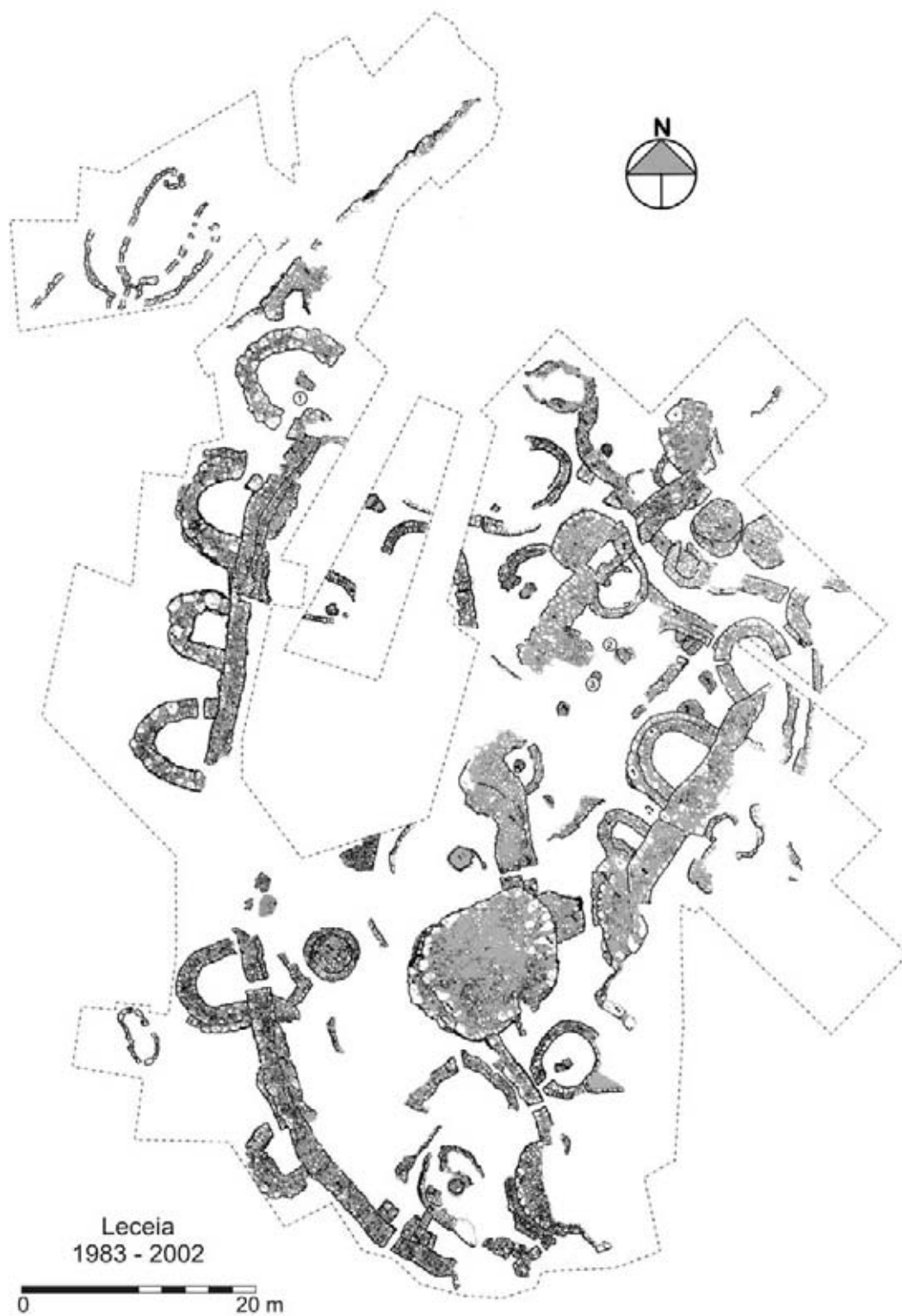


Fig. 231 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 232.

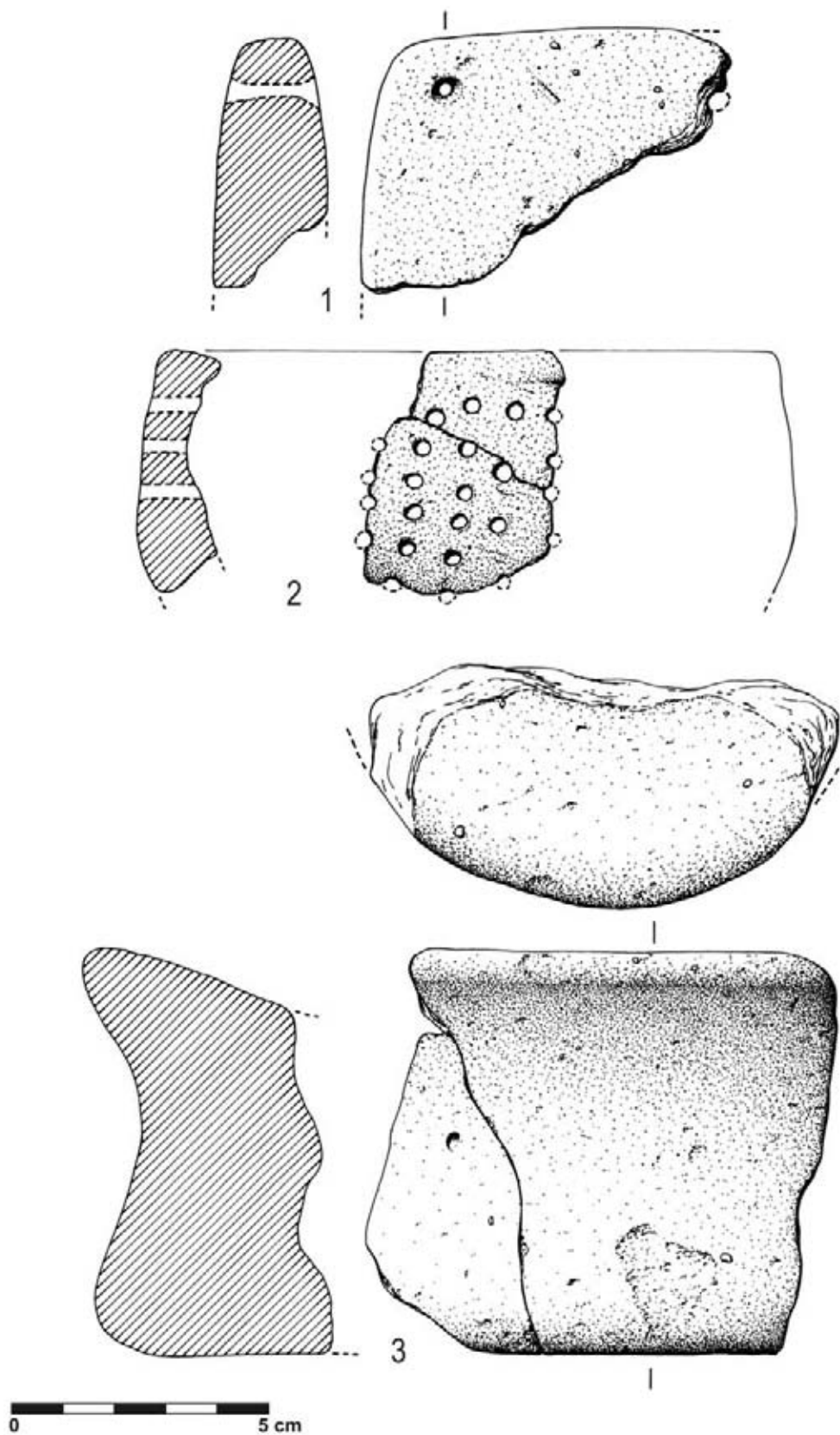


Fig. 232 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.

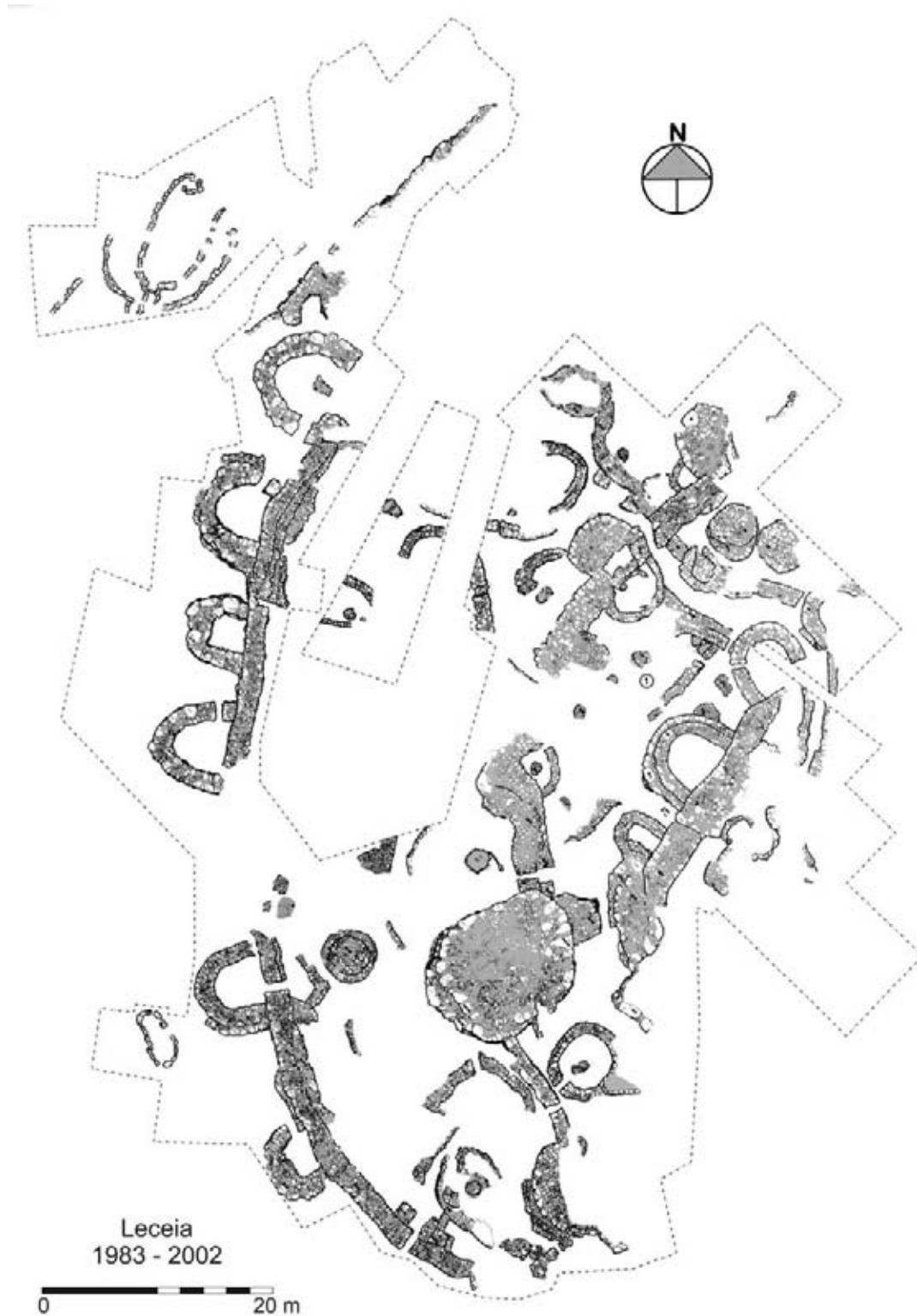


Fig. 233 - Leceia. Localização dos materiais cerâmicos decorados da Camada 2 representados na Fig. 234.

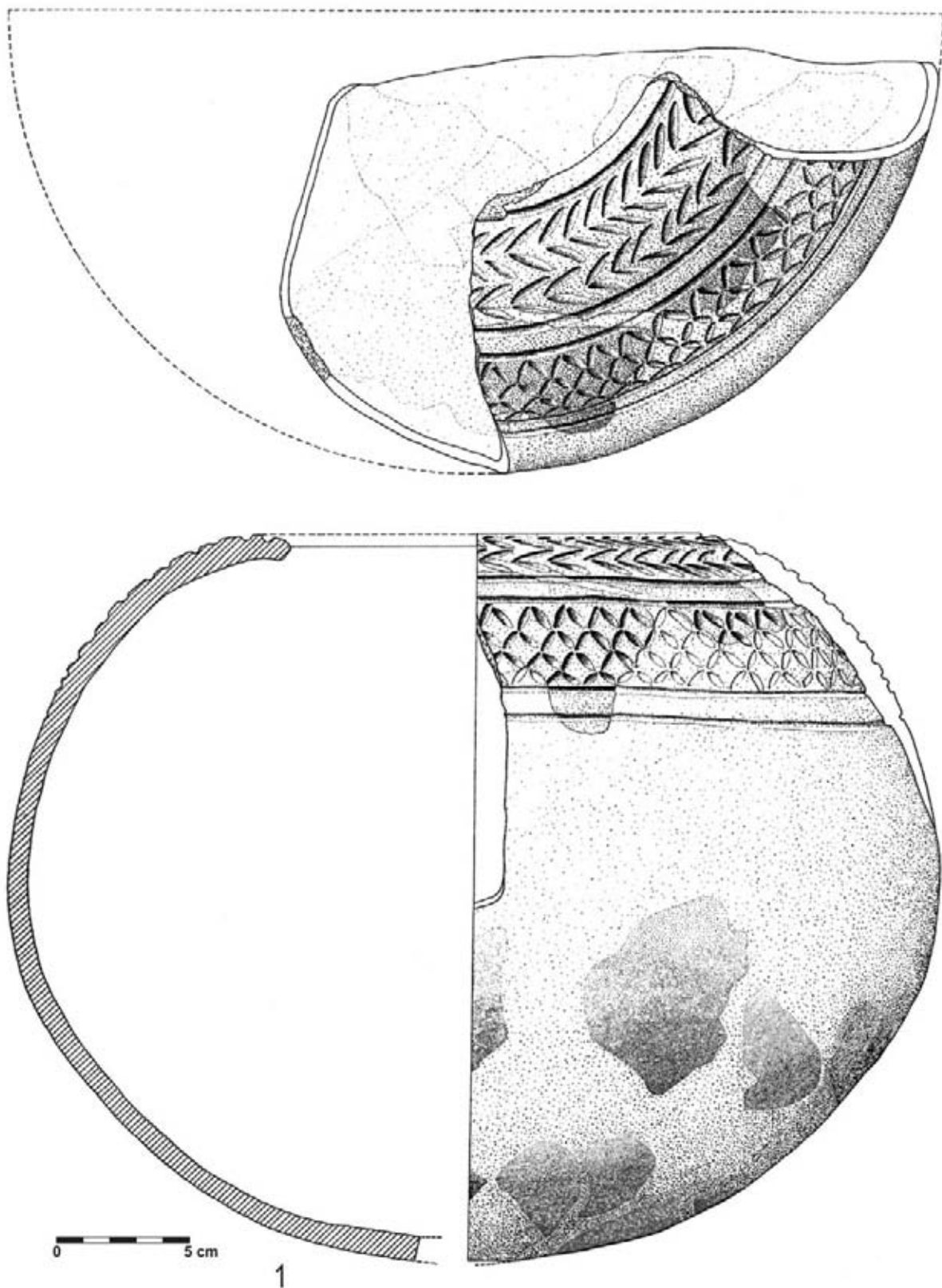


Fig. 234 - Leceia. Materiais cerâmicos decorados da Camada 2.